Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV — JANEIRO 1907 — N. 1

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

A proposito do fallecimento do visconde de Cabo-Frio, muito se fallou, durante o mez, de velhos e de velhice, de macrobios e de longevidade.

Barbacena, Sinimbú e Cabo-Frio eram tres arvores humanas prodigiosas, tres jequitibás gloriosos, vencedores da idade e das procellas da vida,—tres creaturas felizes, que lisonjeavam a nossa vaidade. Quando malsinavam o nosso clima, declarando-o pernicioso e assassino, —nós, cariócas, diziamos com orgulho: "Pois, sim! não temos nós um Barbacena, que já completou cem annos, e anda por ahi lepido e garboso como um rapaz? não temos nós um Sinimbú e um Cabo Frio, que, com mais de noventa annos, ainda vivem, pensam e trabalham? é possivel dizer mal de um clima que permitte casos taes de longevidade, de robusta e verde velhice?!"

Ai de nós! esses tres nobres anciãos,—attestados valiosos da nossa capacidade para viver muito,—desappareceram todos, com pouco tempo de intervallo. Dir-se-hia que viviam uma vida commum, harmonica, inseparavel. A morte do primeiro acarretou a morte dos outros,—e parece que Cabo Frio, o ultimo que nos restava, sentiu a saudade dos que o precederam no tumulo, e foi juntar-se a elles, nessa outra vida mysteriosa em que talvez a gente seja eternamente moça...

Mas, felizmente, ainda nos restam muitos octagenarios, muitos nonagenarios, e muitos centenarios, cuja velhice demonstra que o nosso clima não é mais destruidor do que qualquer outro. No reino animal, como no reino vegetal, não devemos, quanto á aptidão para viver muito, ter inveja das outras terras. Com este calor e esta humidade, que possuimos, e que são elementos poderosos de vida, é absurdo pretender que

esta região seja uma das preferidas da destruição rapida e da morte prematura.

Fallam-nos dos cedros de Libano, da Australia e da California, que duram seculos, e das oliveiras de Gethsemani, em Jerusalem, que, segundo a lenda, são ainda as mesmas que assistiram á paixão de Christo...

Mas que inveja nos pode isso causar?

Alli no Jardim Botanico, logo á entrada, podemos admirar um soberbo *Itó,* tambem chamado *Carrapeta* ou *Marinheiro,* que é sobrevivente da floresta virgem que outrora cobria aquella zona. Em 1500, ha mais de quatrocentos annos, já era certamente uma arvore adulta, e tão robusta como hoje. Quem é capaz de dizer quantos seculos terá aquella arvore veneranda? E os jequitibás, que ha por esse vasto Brasil, elevando ha milhares de annos a sua copa verde no céo?

Tambem os homens, no Brasil, podem viver tanto como os homens nascidos em qualquer outro ponto do planeta.

As causas da diminuação do numero dos macrobios são as mesmas em toda a parte. O aperfeiçoamento da raça humana encurta a sua existencia. Antigamente, os homens viviam longamente: hoje vivem intensamente; a sua vida perdeu naturalmente em extensão o que ganhou em actividade.

E' possivel, de certo, acreditar no que diz a Biblia e no que dizem certos autores antigos, acerca da espantosa longevidade de certos homens. Não me repugna crer que Adão tenha vivido 930 annos, e que o intemperante Noé, apesar da sua quéda para a moafa, tenha batido esse *record,* chegando á bella idade de 950 annos. Tambem não ponho duvida em aceitar como certo que o famigerado Atila tenha morrido aos 124 annos, em consequencia de uma indigestão que o victimou depois do festim das suas nupcias com a formosa Idilco...

São cousas que se podem admittir, attendendo a que a nossa refinada civilisação ainda não tinha depauperado o sangue da gente desses tempos.

Hoje o maximum da longevidade, em qualquer ponto da terra, é de 100 a 110 annos: e esse maximum tanto é attingido aqui como na Europa, na Asia ou na Africa.

Ainda ha poucos dias, vi em mãos de um dos photographos da Prefeitura um interessante album, contendo os retratos de uma duzia de macrobios, cuja existencia foi verificada pela commissão do Recenseamento, só no bairro de São Christovam.

Todos elles teem mais de cem annos, e nunca sahiram do Rio de Janeiro: aqui nasceram, aqui envelheceram, e aqui hão de provavelmente morrer, quando a Morte, que parece ter-se esquecido delles, achar que é desaforo viver tanto... Viram a chegada da familia real portugueza acossada de Europa pelo vendaval napoleonico, tomaram parte provavelmente nas assuadas e nos motins do 1º imperio, acompanharam todas as peripecias do longo reinado de D. Pedro II, viram o advento da Republica, e ainda estão ahi, de olho aberto e esperto para assistir a muita cousa...

Confesso que, como carióca, passei alguns minutos agradaveis na contemplação das photographias, — vendo e admirando aquellas faces encarquilhadas, amarrotadas, apergaminhadas pela idade, de olhinhos quasi sumidos ao fundo de novellos de rugas, e aquellas mãos nodosas em que as veias resaltam grossas e duras como cordas retorcidas...

Doze macrobios, só num bairro do Rio de Janeiro!

E lembremo-nos que não se trata de gente rica e feliz, de vida facil. Todos esses anciãos são rudes populares, de mãos callejadas pelo trabalho duro. Começaram a labutar ainda creanças, e ainda hoje não recúam diante de um carreto ou de qualquer outro meio de ganhar dinheiro. Alguns foram escravos, conheceram todas as torturas do captiveiro, andaram ao ganho, padeceram fome e sede, curtiram negros dias de calabouço e de tronco, tiveram as

costas retalhadas pelo vergalho do feitor. Nada disso obstou a que conservassem a vida, sadia, forte e valente. Nada disso, accrescentado á dureza do clima, impediu que elles chegassem a essa idade de um seculo, — em que a creatura humana deixa de ser um individuo para ser a chronica viva de tres gerações.

Nenhum delles sabe que ha uma sciencia ou arte, chamada *macrobiotica*, que é a arte ou sciencia de viver muito e bem, e de conquistar a *agerasia*, que é a velhice sem enfermidades. Nenhum delles sabe o que é a *gerocomia*, regimen salutar a que se submettem os velhos ajuizados que, apezar de velhos, ainda não se desgostaram da vida, porque consideram, com rasão, que viéram ao mundo para viver e não para morrer, porque se tivessem nascido para morrer não valeria a pena terem nascido...

Nenhum desses macrobios de São Christovam sabe o que querem dizer taes palavras extravagentes. Todos elles só empregaram um processo para viver muito: deixaram-se viver, como as arvores da floresta, sem pensar na morte, e sem complicar a vida.

Assim, é calumnia dizer que o nosso clima é lethal. Comprehende-se que a longevidade não seja incompativel com a maleficencia do clima, — quando o longevo é um homem rico e venturoso, podendo poupar-se, tratando-se, animando-se, dormindo e comendo bem, evitando desgostos, recorrendo ao leite coalhado, ás injecções de Brown Séquard, aos sôros cytotoxicos de Metchinikoff, — e, em uma palavra, pondo em pratica o preceito de Cicero: "é possivel combater a decrepitude como se combatem as molestias..." Mas, no caso destes macrobios de São Christovam, sem hygiene, sem conforto, sem as precauções que sómente são possiveis com a riqueza, — é preciso reconhecer que a sua anciandade é um franco elogio e uma clara demonstração da bondade do clima.

Deixemos fallar quem falla! Tambem o humus do nosso solo tem força e virtude para nutrir arvores tão fortes e duradouras como esses famosos baobabs do Cabo Verde e essas celebres wellingtonias da California que vivem de tres a quatro mil annos sem nada perder do seu viço; e, se não temos homens que, como Atila sejam capazes de casar aos cento e vinte e quatro annos, temos gente que aos cem annos ainda vibra, labuta e floresce.

Certa vez, em Itabira, em Minas, encontrei uma preta velha, velhissima, que me espantou pela sua vivacidade e pelo seu bom humor. Já não tinha um só dente na bocca, e a sua cabeça parecia coberta de uma espessa pasta de alvo algodão em rama. A gente mais velha da cidade sempre a conhecera velha; e o sacristão, homem de cincoenta annos, dizia com graça: "eu *ainda* não tinha dentes, no tempo em que esta creatura *já* os não tinha!"

Perguntei-lhe:

— Você que idade tem, tia?

Ella mostrou-me as gengivas no sorriso, e disse:

— *Hê! hê! sinhô, nêga véia não tem mais idade... nêga se esqueceu de idade, e idade se esqueceu de nêga...*

Valha-nos isto, amigos! no Brasil podemos viver e envelhecer como se vive e envelhece nos mais salutares climas. Vamos vivendo, vamos envelhecendo, — e vamos, emquanto pudermos, logrando a Morte, que afinal um dia sempre se ha-de cançar de ser lograda...

O. B.

esta região seja uma das preferidas da destruição rapida e da morte prematura.

Fallam-nos dos cedros de Libano, da Australia e da California, que duram seculos, e das oliveiras de Gethsemani, em Jerusalem, que, segundo a lenda, são ainda as mesmas que assistiram á paixão de Christo...

Mas que inveja nos pode isso causar?

Alli no Jardim Botanico, logo á entrada, podemos admirar um soberbo *Itó,* tambem chamado *Carrapeta* ou *Marinheiro,* que é sobrevivente da floresta virgem que outrora cobria aquella zona. Em 1500, ha mais de quatrocentos annos, já era certamente uma arvore adulta, e tão robusta como hoje. Quem é capaz de dizer quantos seculos terá aquella arvore veneranda? E os jequitibás, que ha por esse vasto Brasil, elevando ha milhares de annos a sua copa verde no céo?

Tambem os homens, no Brasil, podem viver tanto como os homens nascidos em qualquer outro ponto do planeta.

As causas da diminuação do numero dos macrobios são as mesmas em toda a parte. O aperfeiçoamento da raça humana encurta a sua existencia. Antigamente, os homens viviam longamente: hoje vivem intensamente; a sua vida perdeu naturalmente em extensão o que ganhou em actividade.

E' possivel, de certo, acreditar no que diz a Biblia e no que dizem certos autores antigos, acerca da espantosa longevidade de certos homens. Não me repugna crer que Adão tenha vivido 930 annos, e que o intemperante Noé, apesar da sua quéda para a moafa, tenha batido esse *record,* chegando á bella idade de 950 annos. Tambem não ponho duvida em aceitar como certo que o famigerado Atila tenha morrido aos 124 annos, em consequencia de uma indigestão que o victimou depois do festim das suas nupcias com a formosa Idilco...

São cousas que se podem admittir, attendendo a que a nossa refinada civilisação ainda não tinha depauperado o sangue da gente desses tempos.

Hoje o maximum da longevidade, em qualquer ponto da terra, é de 100 a 110 annos: e esse maximum tanto é attingido aqui como na Europa, na Asia ou na Africa.

Ainda ha poucos dias, vi em mãos de um dos photographos da Prefeitura um interessante album, contendo os retratos de uma duzia de macrobios, cuja existencia foi verificada pela commissão do Recenseamento, só no bairro de São Christovam.

Todos elles teem mais de cem annos, e nunca sahiram do Rio de Janeiro: aqui nasceram, aqui envelheceram, e aqui hão de provavelmente morrer, quando a Morte, que parece ter-se esquecido delles, achar que é desaforo viver tanto... Viram a chegada da familia real portugueza acossada de Europa pelo vendaval napoleonico, tomaram parte provavelmente nas assuadas e nos motins do 1º imperio, acompanharam todas as peripecias do longo reinado de D. Pedro II, viram o advento da Republica, e ainda estão ahi, de olho aberto e esperto para assistir a muita cousa...

Confesso que, como carióca, passei alguns minutos agradaveis na contemplação das photographias, — vendo e admirando aquellas faces encarquilhadas, amarrotadas, apergaminhadas pela idade, de olhinhos quasi sumidos ao fundo de novellos de rugas, e aquellas mãos nodosas em que as veias resaltam grossas e duras como cordas retorcidas...

Doze macrobios, só num bairro do Rio de Janeiro!

E lembremo-nos que não se trata de gente rica e feliz, de vida facil. Todos esses anciãos são rudes populares, de mãos callejadas pelo trabalho duro. Começaram a labutar ainda creanças, e ainda hoje não recúam diante de um carreto ou de qualquer outro meio de ganhar dinheiro. Alguns foram escravos, conheceram todas as torturas do captiveiro, andaram ao ganho, padeceram fome e sede, curtiram negros dias de calabouço e de tronco, tiveram as

costas retalhadas pelo vergalho do feitor. Nada disso obstou a que conservassem a vida, sadia, forte e valente. Nada disso, accrescentado á dureza do clima, impediu que elles chegassem a essa idade de um seculo, — em que a creatura humana deixa de ser um individuo para ser a chronica viva de tres gerações.

Nenhum delles sabe que ha uma sciencia ou arte, chamada *macrobiotica*, que é a arte ou sciencia de viver muito e bem, e de conquistar a *agerasia*, que é a velhice sem enfermidades. Nenhum delles sabe o que é a *gerocomia*, regimen salutar a que se submettem os velhos ajuizados que, apezar de velhos, ainda não se desgostaram da vida, porque consideram, com rasão, que viéram ao mundo para viver e não para morrer, porque se tivessem nascido para morrer não valeria a pena terem nascido...

Nenhum desses macrobios de São Christovam sabe o que querem dizer taes palavras extravagentes. Todos elles só empregaram um processo para viver muito: deixaram-se viver, como as arvores da floresta, sem pensar na morte, e sem complicar a vida.

Assim, é calumnia dizer que o nosso clima é lethal. Comprehende-se que a longevidade não seja incompativel com a maleficencia do clima, — quando o longevo é um homem rico e venturoso, podendo poupar-se, tratando-se, animando-se, dormindo e comendo bem, evitando desgostos, recorrendo ao leite coalhado, ás injecções de Brown Séquard, aos sôros cytotoxicos de Metchinikoff, — e, em uma palavra, pondo em pratica o preceito de Cicero: "é possivel combater a decrepitude como se combatem as molestias..." Mas, no caso destes macrobios de São Christovam, sem hygiene, sem conforto, sem as precauções que sómente são possiveis com a riqueza, — é preciso reconhecer que a sua anciandade é um franco elogio e uma clara demonstração da bondade do clima.

Deixemos fallar quem falla! Tambem o humus do nosso solo tem força e virtude para nutrir arvores tão fortes e duradouras como esses famosos baobabs do Cabo Verde e essas celebres wellingtonias da California que vivem de tres a quatro mil annos sem nada perder do seu viço; e, se não temos homens que, como Atila sejam capazes de casar aos cento e vinte e quatro annos, temos gente que aos cem annos ainda vibra, labuta e floresce.

Certa vez, em Itabira, em Minas, encontrei uma preta velha, velhissima, que me espantou pela sua vivacidade e pelo seu bom humor. Já não tinha um só dente na bocca, e a sua cabeça parecia coberta de uma espessa pasta de alvo algodão em rama. A gente mais velha da cidade sempre a conhecera velha; e o sacristão, homem de cincoenta annos, dizia com graça: "eu *ainda* não tinha dentes, no tempo em que esta creatura *já* os não tinha!"

Perguntei-lhe:

— Você que idade tem, tia?

Ella mostrou-me as gengivas no sorriso, e disse:

— *Hê! hê! sinhô, nêga véia não tem mais idade... nêga se esqueceu de idade, e idade se esqueceu de nêga...*

Valha-nos isto, amigos! no Brasil podemos viver e envelhecer como se vive e envelhece nos mais salutares climas. Vamos vivendo, vamos envelhecendo, — e vamos, emquanto pudermos, logrando a Morte, que afinal um dia sempre se ha-de cançar de ser lograda...

O. B.

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de apolices teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de seguro, apolices no valor de Rs. 595:000$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Abril p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa

L. Musso & C.

10, RUA DA URUGUAYANA, 10

RIO DE JANEIRO

Ultima novidade photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de belissimo effeito e inalteraveis

FON-FON!

REVISTA HUMORISTICA

FON-FON!

REVISTA DE ACONTECIMENTOS

FON-FON!

PUBLICAÇÃO SEMANAL

FON-FON!

EDIÇÃO DE KÓSMOS

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura . . . . . 15$000

Encadernado em marroquim . . 20$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

A VENDA NA

RUA DA ASSEMBLÉA, 62

UM REGALO

A PROMESSA

Ao Conde de Affonso Celso, auctor das paginas immortaes de "Minha filha"

Um terraço de casa de campo. A' direita vê-se um jardim; a esquerda communica para o interior da casa por duas portas Ao fundo vê se uma egrejinha de ar modesto e recolhido; no adro estão muitas pessoas do povo ouvindo missa. Ouvem-se repiques de sino. E' dia de anno bom.

SCENA I

A avó, de touca, está reclinada numa poltrona, perto da qual, numa cadeira, estão uma caixa com bonecas e diversos frascos contendo bonbons.

A AVÓ

Anno bom! Anno bom! passam lá fóra
Moças a rir; passam creanças, rindo...
Surgiu o dia vaparoso, lindo...
A Natureza, de contente, chora.

Anno bom! anno bom! Seis rosas tenho
A me alegrar os derradeiros dias...
Seis padre-nossos, seis ave-marias...
Que rosario ideal nas mãos sustenho!

SCENA II

Apparece ROSA, abrindo devagarinho a porta do fundo.

ROSA

Vovó, dona Rosinha
Ficou sosinha.

A AVÓ, *dando-lhe bonbons e uma boneca.*

Só? E as outras? E o Joaquim?

ROSA, *beijando a boneca.*

Foram á missa de Frei
Seraphim.

Diga, vóvó, que eu não sei... *(interrompendo-se).*
Abenção! Já me não ia
Esquecendo?! *(a avò abençôa)*
Mas, sim, dizia:
Vão cortar os meus cabellos?
Mamãe já não pode vel-os
Sem que vá logo dizendo:
O tempo foge, e, correndo,
Chega o dia da promessa
A Nosso Senhor dos Passos...
E, me tomando entre os braços,
E, me affagando a cabeça:
«E' no começo do anno.»
(enxugando os olhos com denguice)
Ai, vóvó, que desengano!

A AVÓ

O promettido é devido:
Tu estavas doentinha...

ROSA

Antes tivesse morrido!

A AVÓ, *fallando comsigo.*

O formoso malmequer:
Tão creança e já mulher!
(alto)
Pois a lembrança foi minha.
O doutor, te abandonando,
Disse na porta, ao sahir:
«Chame o padre para ungir»:
Foi quando, Rosinha, quando
O meu coração sustendo
Eu disse, douda, tremendo,
Abraçando os pés da cruz:
«Tornai-a robusta e forte,
Salvai-a, Senhor, da morte
E as pennas d'essa andorinha,
Os cabellos de Rosinha,
Serão teus, ó meu Jesus!»
Num momento foste salva:
Mais doce que a estrella d'Alva
A Graça Divina veio
E cahiu sobre o teu seio!

ROSA

Mas, vóvó, se a gente desse
Outra cousa... *(contando nos dedos)*
O meu vestido
De velludo da côr do ouro...
O meu espelho *(abrindo os olhos)*
Um thesouro
Onde o teu rosto querido
Eu vejo, quando amanhece!
A minha pequena saia
Toda de fina cambraia!
Os meus brinquedos; emfim,
As botinas de setim?!

A AVÓ

Que louquinha, essa cabeça!
Rosinha, quanta doudice
Teu labio formoso disse!
Só tem valor a promessa
Quando custa soffrimento
E vale por um lamento
E nos custa a liberdade,
Ou, como agóra, a vaidade!

SCENA III

Surge uma velhinha. Vem magra, desfeita, arrimada a um bordão. A avó olha-a durante muito tempo, sem a conhecer. A velha, por sua vez, fita-a longamente com um sorriso dorido. De repente, a avó ergue-se tropega e, commovida, abraça a mendiga.

A MENDIGA

Louvado seja o Senhor
No santo asylo do amor!

ROSA, *com um gesto de desprezo*

Que velha incherida e suja!
Chi! Como é feia a coruja!

A AVÓ, *impaciente*

Vae te sentar, minha tonta,
Esta mulher que tu vês
Outr'ora foi rica e feliz...
Fez beneficios sem conta.

(ROSA, *senta-se humilhada*)

A MENDIGA

Ai, quem me dera, infeliz,
Fazer o que outr'ora fiz!

A AVÓ, *que esteve pensativa um instante.*

Vê, Rosinha: ha quarenta annos
(Meu Deus! como o tempo foge!)
A pobre velhinha de hoje
Vivia sem desenganos.
Nós eramos companheiras
Inseparaveis; roseiras
Que embala, cantando, o vento,
Sem um ai, sem um lamento!

A MENDIGA

Annos de riso e de paz!
Fugiram; não voltam; mas *(suspira)*

A AVÓ

Pobre de nós, Margarida!
Agora, no fim da vida,
Somos roseira... despida!
Ha quantos dias sahiste
De tua terra? E' bem triste
Deixar a casinha amada,
O ninho, os amores seus,
E vagar-se desterrada
Por este mundo de Deus! *(batendo-lhe devagarinho com o lenço).*

Vens tão cheinha de pó!
Vens tão curvada e tão só!

A MENDIGA

Ai, tão só! Quem te disse isto?
A pobrezinha de Christo
Traz nos seios desolados
Uma porção de finados! *(dirigindo-se á Rosa que, entre curiosa e commovida, se tem levantado e approximado).*

Olha: vê tu os meus olhos:
São dous mares sem escolhos,
Aonde, de quando em quando,
Os mortos passam... boiando.

A AVÓ

Teus filhos?

A MENDIGA

Lá se finaram
De peste... longe, acabaram;
E, nessa dor que consome,
Pobre nada miserando,
Vim, nem sei como, arrastando
Tanta saudade sem nome!

ROSA, *dando-lhe bonbons.*

Espera. Vóvó, escuta:
Corro, depressa, á cosinha
Para trazer á velhinha
Uma papa .. de araruta! *(sae correndo)*

A AVÓ

Não te sentes fatigada?
Vem descançar um pouquinho! *(senta-a)*

A MENDIGA

Foi tão penosa a jornada...
Era tão longo o caminho!

Lá fora acabou-se a missa. Os sinos repicam festivamente. Passam camponezes trajando vestes domingueiras. Num impeto selvagem, os outros netos penetram o salão e cahem nos braços da avó, menos o Joaquim, o qual já tirou as botinas e monta um cavallo de pau, açoitando-o furiosamente.

SCENA IV

A AVÓ, *destribuindo bonbons.*

Passaros meigos, que enleio!
O' pintasilgos risonhos,
Pousae, pousae no meu seio,
Bem como um bando de sonhos! *(entrega a caixa de bonecas á Margarida, que começa a destribuil-os).*

Vem do céu esta velhinha:
De lá das alturas, trouxe
Nas azas de uma andorinha
Tanto presente... E ficou-se.

Vossês adorem-n'a todas.
Ha de viver entre nós,
Entre esse grupo de doudas
—As netas— se têm avós.

Emquanto se está fazendo a destribuição, o Joaquim trepa á uma mesa, de onde arranca um tinteiro. Depois de pintar uns bigodes, approxima-se do grupo.

JOAQUIM

E a mim, vóvó, não dão nada?

A AVÓ, *(beijando-o com effusão)*

Tu não prestas para nada!
Tudo levas em pagode:
Basta-te este bigode! (*o pequeno faz cara de choro; a avó entrega-lhe um polichinello*).

E' parecido comtigo;
Monta em cavallo de pau...
Que nome vaes dar-lhe?

JOAQUIM

Ao amigo?
O nome de Nicoláu.

Vae retirar-se correndo: encontra-se, porém, com Rosinha que, de avental, vem conduzindo o prato de papa. Entorna-o. Ella protesta, soluçando alto.

ROSA

Lá se foi tudo entornado:
Que menino desalmado!

SCENA V

Entra Maria, a mãe de Rosa, com uma thesoura na mão.

MARIA, *á Avó.*

Mãe, porque não aconselha
Seu bando de periquitos?
Não posso com tantos gritos...
Esta gente me põe velha!

A AVÓ

Deves á felicidade
Tão generosa bondade!
Uma casa sem creança
E' uma alma sem esperança! *(vendo a thesoura)*

Mas vaes cortar os cabellos
De D. Rosa?
Apenas consente vel-os.
A cavilosa!

Tem mil ciumes das tranças
A cavilosa!
Podem muito as falas mansas
De D. Rosa!

MARIA, *(affagando a cabeça de Rosa).*

Teus cabellos, filha amada,
Vão se tornar um primor,
Na cabeça ensanguentada
Do Senhor!

E a santa Virgem Maria
Que nos ampara e nos guia,
Fará de ti, com certeza,
Uma princeza.

ROSA, *(supplicante)*

Mamãe, por vóvó e pelos
Martyrios de Jesus Christo
Não me corte os meus cabellos...
Porque, mamãe, me faz isto?

Hei de chorar de manhã
Cedinho, quando accordar
Sem elles, para annellar...
Porque faz isto, mamã?

A AVÓ

E' por ti, ó minha neta!
Na sua linguagem recta
Dizem os velhos do povo:
Quem faz promessa e não paga,
Vê voltar de novo a chaga...
Fica doente de novo!

ROSA

Fica doente? *(batendo com o pé)* Pois sim!
E' melhor ficar assim!

SCENA VI

(Entra José, o pae de Rosinha).

JOSE'

Olá! Bons annos! Então,
Que é isso? Tudo accordado!
E de rostinho lavado!
E de bonecas na mão! *(beija-as)*

MARIA, *á José*

Chegou a tempo, vossê.
Rosinha, por mais que eu peça,
Diz que não paga a promessa...
Não ha quem geito lhe dê.

JOSE'

O' meu anjinho bemdito
Deixa de teus desmazellos!

ROSA, *(interrompendo-o)*

Mas, papae, acha bonito
Uma moça sem cabellos?

JOSE'

Vejam a tola o que quer!
Meu lindo galho de murta,
Vae mudar a saia curta
Se já queres ser mulher! (*tornando-se carrancudo*)
Mas estou perdendo a calma! *(toma a thesoura e vae cortar os cabellos de Rosa)*

ROSA, (*de joelhos*)

Papaesinho de minh'alma!

SCENA VII

(Apparece um grupo de creanças pobres, entre as quaes vem uma ceguinha).

A CEGA, *cantando*

Infeliz de quem na vida
A luz dos olhos perdeu!

Os olhos da mãe querida
Não vê, e não vê o céu!

Os olhos da mãe querida
Não vê e não vê o céu!

A AVÓ

Rosinha, tú nunca viste
Nada mais triste, mais triste...

ROSA

Vamos lhes dar uma esmola?

JOSE' (*fingindo zanga*)

E' preciso que tu mandes?

ROSA

E eu que dizia na escola:
A gente pode chorar
Sem perigo de cegar:
Sómente as pessoas grandes
—Peccados da vida inteira!—
Adoecem de cegueira...

(Entrega uma boneca a uma das meninas e dá bombons ás outras. Tira um collar do pescoço e offerece á cega).

MARIA

Vê, Josê, vê como é bôa
A pequenina leôa.

ROSA

Não tenho mais o que dar!

A AVÓ, (*depois de murmurar ao ouvido de Maria, como quem lembra uma idéa*).

Tens...

MARIA

Se deixasses cortar
Os cabellos...

ROSA, (*transição; amuada*)

Isso não!

JOSE'

... e fossem por mim vendidos...
Quantos meninos remidos
Da dor, ò meu coração!

MARIA

Cada fio d'essa trança
E' um riso de esperança,
E' um vestido, é um pão! (*Rosa fica pensativa*).

A AVÓ

E o proprio Senhor dos Passos
Do céu te abençoaria;
Teu cabello cresceria
Tanto, tanto, que os teus braços
Para poder penteal-os
Precisaria... cortal-os!

ROSA, (*a José*)

Se agora fosse vendel-os,
Quanto davam meus cabellos?

JOSE', (*affagando-os*)

Assim, tão lindo, um cabello
Vale mais que o setestrello...

A AVÓ

Um cabello assim, tão louro,
Certo valia um thesouro...

ROSA

E aos cégos a luz do dia
De novo o Senhor daria?

MARIA

E' certo...

A AVÓ

E' certo...

JOSE'

E melhor
Teu coração ficaria
Extincta a miseria vendo,
Vendo acabar tanta dor.

ROSA, (*reflecte um momento; depois, enchugando os olhos, entrega a cabelleira*).

Corte-os, papae, bem depressa,
Corte-os, senão me arrependo...

JOSE', (*toma os cabellos de Rosa, emquanto o panno desce lentamente*).

Vae ser cumprida a promessa.

———

"Theatro Infantil"

HENRIQUE CASTRICIANO

KOSMOS AOS SEUS LEITORES

BOAS FESTAS

O TALISMAN

EM escusa e sordida viella, que era um tremedal nauseante entre arruinados casebres, na baiúca mais acaçapada e tão velha que os muros fendidos abriam-se em largas brechas d'onde ao cahir da noite, sahiam, aos trissos, révoas de morcegos, em companhia d'uma escaveirada bruxa vivia um velho mouro, tido por feiticeiro por ser mui sabido em curas e profundamente versado na sciencia dos augurios.

Os seus philtros operavam como se fossem o proprio elixir da vida cuja formula os alchimistas procuravam.

Enfermo á cuja cabeceira o mouro se sentasse ainda que houvesse sido desenganado por todos os physicos da cidade logo readquiria o espirito e sarava. Horoscopo que elle tirasse consultando os astros cumpria-se com a precisão com que o sol faz o seu curso no ceu.

Era tão celebrado o poder do homem magico que os christão, sempre acirrados contra os marranos da sua laia, gente aleivosa e má, aparceirada com o demonio, indigna do ar e da luz, temiam-no e respeitavam-no e os fidalgos de maior entono, depois do toque de correr, quando as ruas escuras ficavam a discrição dos volteiros temidos, cuidadosamente embuçados, renteando os muros erriçados de hervas, onde piavam corujas lugubres, iam pela viella em passos ligeiros e, com o punho da espada, batiam rijamente á porta do mouro desapparecendo de repellão nas trevas do corredor.

Uns, dados a amores, iam buscar amavíos; outros, achacados iam a remedios; ainda os havia crentes que confiavam nos grandes livros cabalisticos nos quaes o mouro decifrava presagios sempre venturosos: annuncios de riquezas e honrarias, victorias em expedições, sorte em amores, tal fosse o consultante: namorado, ambicioso ou cavalleiro.

Um dia correu a cidade a noticia de uma grande e maravilhosa descoberta do mouro— que elle conseguira compor, com o prestigio de um signo, um talisman de ventura. Quem o possuisse teria o que desejasse. Senhor de terras veria a sua lavoura medrar com abundancia, multiplicar-se o armentio, reenxamearem-se as colmeias abandonadas, reviçarem os vageiros. Fontes ha muito estancadas borbotoariam aos golfões, arvores sem seiva brotariam de novo. Pastores descobririam minas, mesteiraes achariam thesouros, guerreiros teriam os melhores despojos, enfermos ficariam sãos e só com uma volta de canto e um tremulo nas alaúdes os namorados veriam apparecer na adufa o rosto amado, logo ouviriam ranger de quicios e um braço branco, estendendo-se na sombra, recebel-os-ia á porta guiando-os através de corredores silentes á camara tão ardentemente desejada.

Com tal noticia foi immenso o alvoroço entre os homens e todos affluiram á baiúca do mouro e as escarcellas de velludo, as bolsas de couro despejavam moedas na banca do inventor do talisman da ventura.

A viella, dantes socegada e deserta, mais silenciosa que um almocovar maldito, onde nem aves cantam, encheu-se de gente: fidalgos e villões, burguezes e camponios, todos aldrabando á porta do mouro, desapparecendo, com pressa anciósa, na sombra fria do corredor.

A todos o homem magico, em cujos labios pairava um sorriso ironico, entreganto o talisman da ventura, repetia as mesmas palavras.

—Tendes na mão a chave de toda a fortuna e tudo obtereis, dentro em um anno, se não cederdes á curiosidade. Dentro do breve que vos entrego encerrei o segredo mysterioso. Tive a sua revelação em uma noite de Agosto, á hora em que nos valles e nos desfiladeiros os espiritos bailam á luz funerea do luar. Para que se realise o prodigio é necessario que conserveis o breve tal como vol-o entrego, sem vos preoccupardes com o que nelle existe. Si tal cumprirdes vereis mudar-se a vossa sorte. Tereis as riquezas maiores, todos os amores; não haverá bravura que prevaleça contra vós e ainda que as pestes assolem a terra, dizimando os seus habitantes, passareis refractarios a todo o mal, sem que o proprio Anjo sinistro possa alcançar-vos com seu flagello. Onde os

outros virem areia e arro descobrireis ouro e gemmas. A sorte está em vossas mãos se, abrirdes, porem o breve, o talisman perderá a sua virtude, assim é preciso que observeis a condição de respeito ao mysterio. Se tal fizerdes voltai dentro do prazo de um anno á casa de vosso servo que muito se alegrará em ver-vos, ouvindo de vossa boca a confirmação do que lhe foi dito pelo genio quando lhe communicou os sete arcanos de que se compõe o talisman que levais.

Foram-se os varios homens contentes, jurando que nunca procurariam ver que havia nas suas nominas, tanto, porem, que deixaram a viella, logo em todos começou a curiosidade a pruir. «Que será? Sete arcanos..!» E apalpavam, cheiravam, viravam, reviravam entre os dedos o breve de couro. «Que haveria ali dentro?» Alguns affirmavam haver sentido estranho, deliciosissimo perfume: outros garantiam ter percebido movimentos, como de um animal. «E' uma pedra, talvez da lua» dizia este; «E' uma esquirola de osso,» asseverava aquelle. Um:—«E' frio, mais frio que a neve.» Outro:—«Abraza que nem fogo vivo.» E discutindo, com as mais desencontradas opiniões lá iam.

Sós na baiúca, o mouro e a bruxa, puzeram-se a contar as moedas. Ao fim, disse a mulher, que conhecia o segredo do talisman:

—Que pensas fazer agora? Bom será que, quanto antes, passemos a lugar seguro porque os homens, ao fim do tempo, vendo que nada conseguem, hão de vir ter comtigo, não com a brandura de pedintes, mas com a furia de defraudados, protestando contra o logro que lhes pregaste e... ai! de nós.

Mas o mouro, que era atilado, ajuntando uma a uma as moedas luzentes, retorquio com serenidade:

—E esperas que voltem? Bem mostras que não conheces a alma humana. Nem um só aqui tornará, porque a condição que lhes impuz será a minha garantia. Dei o prazo de um anno e estou em affirmar que, antes da noite, todos os breves estarão abertos mostrando os seixos que encerram. Satisfeita a curiosidade ficarão os homens arrependidos, mas será tarde e cumprir-se-á o que eu disse: o talisman perderá a sua virtude. Descança: nem um só tornará. O homem, por curiosidade, desceria ao inferno, se lhe descobrisse o caminho, ainda que todo elle fosse assoalhado de brazas. Não te dê cuidado o amanhã.

Effectivamente o prazo escoou sem que um só dos possuidores do talisman apparecesse. Teriam enriquecido!? Ai! d'elles.

COELHO NETTO.

TRADIÇÕES

ESAHIMOS, que até era peccado ficar a gente a se empreguiçar nas comodidades caseiras da sésta e da roupa folgada, quando lá fóra andava a magestade de um domingo triumphal, d'oiro e azul, a convidar para a bohemia alegre dos passeios de folga, para a contemplação deliciosa de todo aquelle oiro e de todo aquelle azul, no enquadramento incomparavel da nossa natureza meridional.

Para onde? Sim, para onde iriamos nós, naquelle começo de tarde, pelo socego desse Domingo suggestivo e glorioso?

Para a sombra? Para a ventura donsoladora da sombra em algum trecho esquecido e quieto dessa Tijuca ideal? Ou para a largueza panoramica dessas alvas praias de Copacabana, com todo o seu Mar immenso, de ondas voluptuosas, com toda a interminavel distancia dos seus horizontes?

Podiamos ir sem destino, ao acaso, para aqui, ou para alli; e para onde fossemos, teriamos sempre o consolo da contemplação, o dominio suggestivo desse Domingo sadio. E partimos os tres, eu, Cezar e Helio, este pequeno companheiro das minhas Alegrias e da minha Vida, uma trindade folgazã e disposta apenas a ver, ou melhor, a sentir toda a bondade dessa luz, toda a belleza desse azul de que se pintara aquelle Céo tão lindo.

E aos tres, de subito, veio a idéa dos automoveis, que Helio reclamava insistente e Cezar acceitava compassivo.

Não era mal lembrado. Um automovel nos levaria, rapido, á observação flagrante de quasi toda a linda cidade carioca, na sua vida especial dos domingos e dos arrabaldes. E lá fomos os tres.

—Para onde?—indagou sollicito o «*chauffeur*», que tinha na voz e na cabelleira denuncias mellifluas de poeta lyrico.

—Para o Paraiso.—trovejou Cezar atirando-se ás almofadas macias da *carroserie*.

E por uma intuição esthetica desse extraordinario «*chauffeur*» sentimental, rodámos nós, suavemente, sem exageros sportivos de velocidade, para esse encanto de jardim, que é hoje a antiga Praia de Botafogo.

Pelo percurso, veio surgindo o carrancismo indomavel das minhas recordações, no velhos resmungo de despeito e nas suas eternas interrogações exquisitas.

—Que era isto aqui?—A classica, a elegante Praia de Botafogo, com a seu cheiro nauseante de algas a apodrecer, com a sua escassa luz de gaz e os seus interminaveis idyllios, gosados á beira da muralha envelhecida, com a circumspecção institucional do seu velho casario burguez, que ainda haje resiste aos impetos da Civilisação.

Cezar, amuado, silencioso e contemplativo, embebia-se na veneração de todo aquelle azul, de toda aquella claridade triumphal.

Helio ria, mais do goso, da ventura, para elle, excelsa, de se ver na delicia de um automovel, do que mesmo da belleza do passeio.

Entrámos pela Avenida de Ligação, aquelle lindo trecho arborisado, que é como que o preparo esthetico para aquelles que demandam Botafogo.

—Santo Deus!—Que seria isto aqui? Tão bello agóra, tão largo, enfeiado apenas por esses fundos de casas antigas, propriedades ricas de senhores de máo gosto?

Cezar buscava auxiliar as minhas pobres evocações, para a reconstrução dos trechos percorridos.

Agora era a Avenida á Beira Mar, ampla, larga e longa.

—Vês aquella casa de alpendre, com a sua doce feição roceira? Era um antigo solar de gentes ricas, que á tarde quedavam-se á varanda ouvindo o Mar que, humilde e lastimoso, lhes vinha cantar á porta a lamuria sentimental das vazantes, ou roncar o pavor dos temporaes e das ressacas. Hoje, tem o aspecto de uma velha casa provinciana, quieta e simples, como se estivesse a sentir saudades.

Alli, era o *High-Life*, a decantada casa de banhos e... namôros. Por aqui por onde passamos, corria a corda salvadora dos imprudentes e dos aprendizes do exercicio salutar de natação. Lembras-te?

Depois era o Flamengo, a mais linda das nossas Praias centraes e, para mim, o trecho mais triste da cidade. Se foi alli que nasceram as minhas primeiras saudades...

O Russell, a Lapa, o caes da Lapa, ponto obrigado das observações populares para as cousas do Mar, desde a agitação das revoltas militares, até a entrada de transatlanticos novos e de personagens illustres.

Por fim era o lendario terraço do Passeio, abrindo agora para a Avenida por largas escadarias de marmores brancos.

E eu senti—porque não confessar—uma rapida saudade deliciosa daquelle modesto

terraço primtiivo, dando para o Céo e para o Mar. Não era mais a Tradição que me fallava, era a propria Saudade carioca.

No seguimento rapido do «auto» fomos passando por todas essas recordações da antiga Cidade, que a mão vigorosa do Prefeito Passos, este moço de setenta annos, transformara, na rapidez espantosa de um quatriennio de glorias e patriotismo, na mais encantadora, na mais deliciosa das Avenidas.

Chegavamos, por fim, á Avenida Central, cheia da movimentação domingueira de um povo alegre e que se sente bem.

Apinhandas as «*terrasses*», dos cafés modernos, do «Jeremias» ao «Castellões», de uma gente que gosava o dia na ventura, até então quasi impossivel para nós Cariocas, de uma rua larga, ampla, bem construida e bem calçada.

O automovel «fon-fonava» no encruzamento das ruas, ás voltas das esquinas, levando-nos á contemplação desta linda Cidade moderna, arrancada ao labyrintho tortuoso de ruas estreitas e incommodas e toda essa velharia secular e immunda que era a nossa abandonada terra carioca.

Por cima de tudo isto, a gloria de um Céo azul e de um Sol de oiro, Céo que é, talvez, o mais lindo do mundo, Sol, que é, talvez, o mais forte da Vida. Cezar, recitava, á meia voz, versos claros, de poetas nossos, inspirados quem sabe, por um dia assim, emquanto o «auto» e o Helio, «fon-fonavam» avisando incautos, de passo tardo, que cruzavam as ruas, na folga dos passeios domingueiros.

Novos aspectos, novas impressões surgiam e creio mesmo que gente nova corria a Cidade, na comodidade elegante dos fiacres e das charretes, na rapidez dos automoveis. Havia um movimento desusado e alegre, de gente despreoccupada; e os funccionarios que fomos encontrando, os proprios commerciantes abastados, já vestiam a alegria das roupas claras e dos chapéos leves, de palha branca.

—Nem uma sobrecasaca até agora— notou ajuizadamente Cezar a observar os que passavam. —E' incrivel. Já não duvido de mais nada na Vida.—

Para remate glorioso desse passeio lindo, a esthetica inesperada do nosso amavel «*chauffeur*», foi nos conduzindo para os lados oppostos da cidade, onde ficava outr'ora a velha *Cidade Nova* e para onde havia corrido tambem o sangue novo da Civilisação. A' Avenida Floriano, limpa e arejada agora, á Estrada de Ferro, com o seu novo calçamento, e por fim, á Avenida do Mangue e á das Obras do Porto.

Era uma novidade para nós aquillo, e quando entramos pela arcaria sumptuosa dessa elegante fila de palmeiras que margina o detestavel canal, foi de surpreza, foi de espanto, foi de admiração o nosso primeiro movimento. Que cousa linda!

O automovel deslizava suave pelo macadan novo da Rua, que as palmeiras, essas elegantes arvores senhoris, ensombravam de uma sombra leve e consoladora. Que cousa linda! Aos lados surgiam as velhas casas detestaveis, enfeiando o local, salientando-se, como uma enorme mancha amarella, a decrepita fabrica do gaz, a rotunda da Praça de Touros, de onde partiam gritos alegres dos «aficionados».

E era mesmo um domingo para Sol e Touros, para a graça estonteante da mulher hespanhola, de rosa rubra no temporal negro da cabelleira basta.

Viva la gracia!

Quando voltámos, pelos fins daquella tarde gloriosa, já nos primeiros tons de um crepusculo loiro, Helio tinha nos olhos a alegria daquelle dia claro e ás interrogações curiosas que lhe faziamos, respondia orgulhoso:

Fui de automovel! Fui de automovel ás Avenidas. Era a expressão exacta do justo orgulho do carioca de agora.

E na transmissão alegre das nossas impressões daquelle dia, não podiamos esquecer a extraordinaria intuição esthetica desse «*chauffeur*» — poeta lyrico, a quem entregaramos o rumo da nossa viagem.

—Salve! Honesto Peladan dos automoveis! Salve!

MARIO PEDERNEIRAS

Dezembro, 1906.

Casa Mendes Junior

Jornaes illustrados, Revistas e Figurinos

LIVROS DE LEITURA RECREATIVA, SCIENCIAS E ARTES

Assignatura de jornaes estrangeiros

PREÇOS REDUZIDOS

Caixa do Correio 692 **Caixa do Correio 692**

RUA DA QUITANDA, 101

Rio de Janeiro

Na *cabeçada*, por exemplo, a que o *capoeira* chama acanalhadamente — *levar a torre do pensamento ao apparelho mastigante do poeta*, o adversario é apanhado, com a cabeça, n'um golpe brusco, pelo baixo queixo, por sob a barba e com impulso pasmoso que é o segredo do *capoeira* e é a propriedade do *cauthchout*, é elevado ao espaço, por mais robusto e pesado que seja, na figura grotesca de um batrachio, vindo apastelar-se de ventre no sólo ou cambalhotando para traz de pernas ridiculamente ao ar.

E' uma arma terrivel!

Em falta de melhores detalhes as pequenas figuras caricaturaes intercaladas no texto, e que, juntamente com as legendas são da autoria de Calixto Cordeiro, o conhecido e talentoso caricaturista, indicam alguns dos golpes de defesa e ataque mais usuaes e dão idéa do calão tecnhico.

L. C.

METTER O ANDANTE

Ahi não conversei, grudei na parede, escorei o tronco, e meti-lhe o andante na caixa da comida. O dréco bispando que eu não era pecco, chamou na canella que si bem corre, está muito longe...

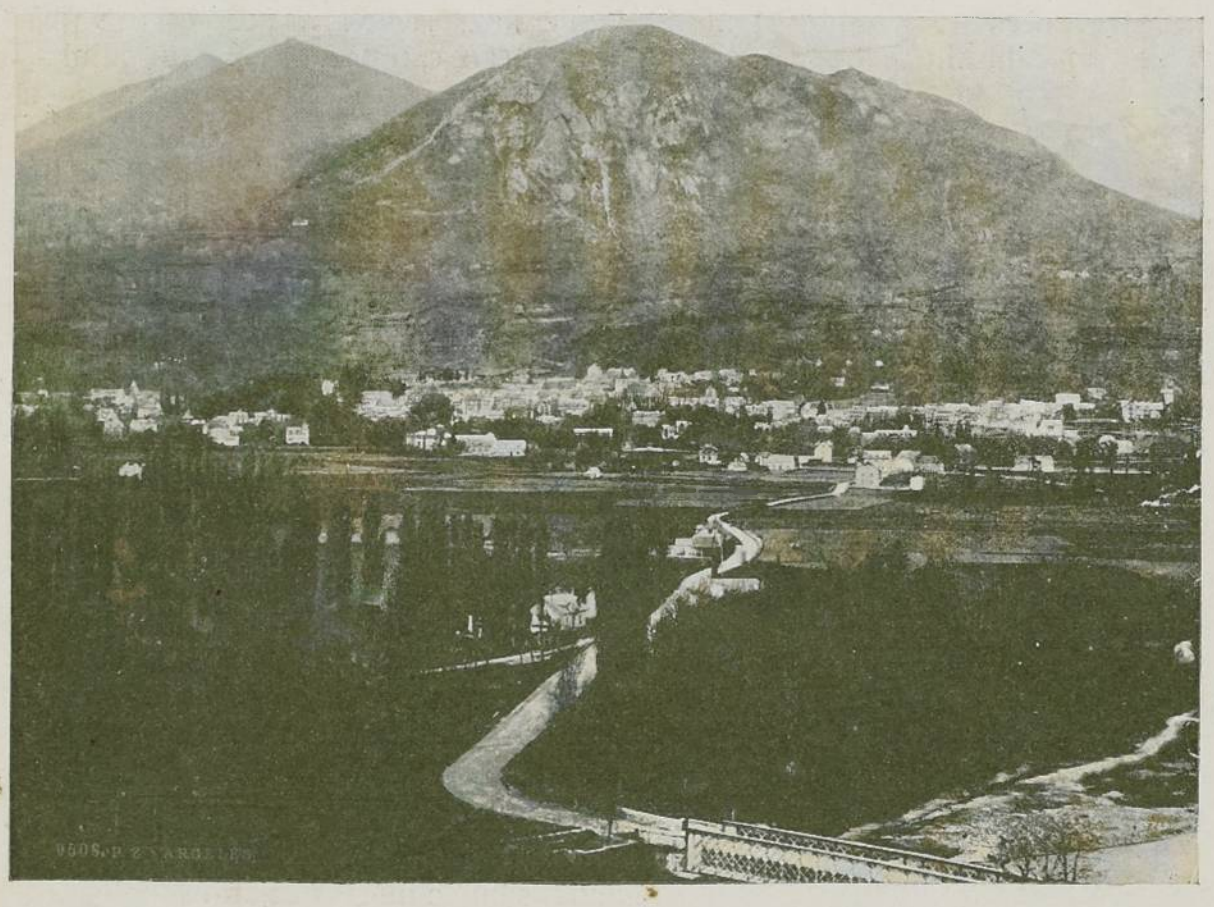
Eu voltei p'ro samba garganteando:

"*Meu Deus que noite sonorosa*"

Os Altos Pyreneus

Pierrefitte - Cauterets - O lago de Gaube

A região do Béarn, com as suas montanhas, as suas quedas d'agua, as suas planicies muito verdes, tem qualquer coisa de virgem e de fecundo ao mesmo tempo, como si, em vez de sêr uma terra pisada pelas populações de tantos seculos, fôsse um pedaço da natureza americana, eternamente jovem, eternamente formosa. Entre Lourdes e Pierrefitte, os Pyreneus se approximam como gi-



gantes de uma floresta encantada, e parece que avançam para o trem que, humilde e pequenino, foge como uma cobra assustada. As altas pedras de granito nú, ora coroadas de nuvens, ora toucadas de neve, tomam, como as nuvens de crepusculo, as mais extravagantes fórmas, e sóbem ao céo como baionetas, apparentam caras humanas, torcem-se como Nemrod no Inferno, e no remate das grimpas, duas immensas lascas, quasi soltas do corpo do rochedo, são como duas azas de aguia preparando o vôo para o infinito, muito além do que os olhos alcançam, muito aquem de onde vae o espirito. Vistas de Pau, do boulevard des Pyrénées ou do terraço do Hotel Gassion, vistas atravez da transparencia da luz que ao mesmo tempo approxima e retrae, essas montanhas são como a paizagem de um mundo inabordavel, uma d'essas miragens que se fórmam no oceano, entre dois continentes,— um sonho, um desejo, uma chimera. Entretanto o trem corria, penetrava no amago da serra como quem entra num labyrintho. As montanhas andavam, corriam, saltavam: uma que estava ao lado direito, rodava e se punha em frente á machina, detendo a marcha; mas o trem fazia uma curva, galgava uma ponte, entrava num valle; e outras montanhas vinham, como icebergs deslisando nas regiões polares, fechavam inteiramente o horizonte, faziam um circulo onde os macissos de arvores eram como os élos da corrente, e em breve começava uma ronda fantastica, saltando, dançando, girando em redor do comboio.

Passado o lindo valle de Lavedan è Argelès-Gazost, cercado de montanhas e prados verdes, o trem parou em Pierrefitte, uma deliciosa aldeia de setecentos habitantes, situada á entrada dos valles de Cauterets e de Luy.

A viagem para Cauterets é feita num bonde electrico, em menos de uma hora. Bordando precipicios, atravessando estradas seguras, contornando penhascos, essa excursão na montanha lembra ás vezes o trajecto do Rio a S. Paulo, outras vezes a subida da serra de Petropolis. Como o bonde avança devagar, descrevendo curvas languidas de *ss* repetidos, galgando as alturas com precaução e respeito, como que pedindo licença, as montanhas perdem o seu ar aggressivo de gigantes loucos, e começam a parecer bons e hospitaleiros amigos. Longas fitas d'agua deslisam das pedras humidas e escuras, como lagrimas que descem da face rugosa de uma ancian. As cachoeiras saltam, espadanam, rebramem como furores marciaes de orchestra. De repente as montanhas se afastam, abre-se um claro espaço, surge a planicie verde; gordos cavallos pastam, nedios bois ruminam; e emquanto o bonde passa, uns e outros levantam a cabeça,

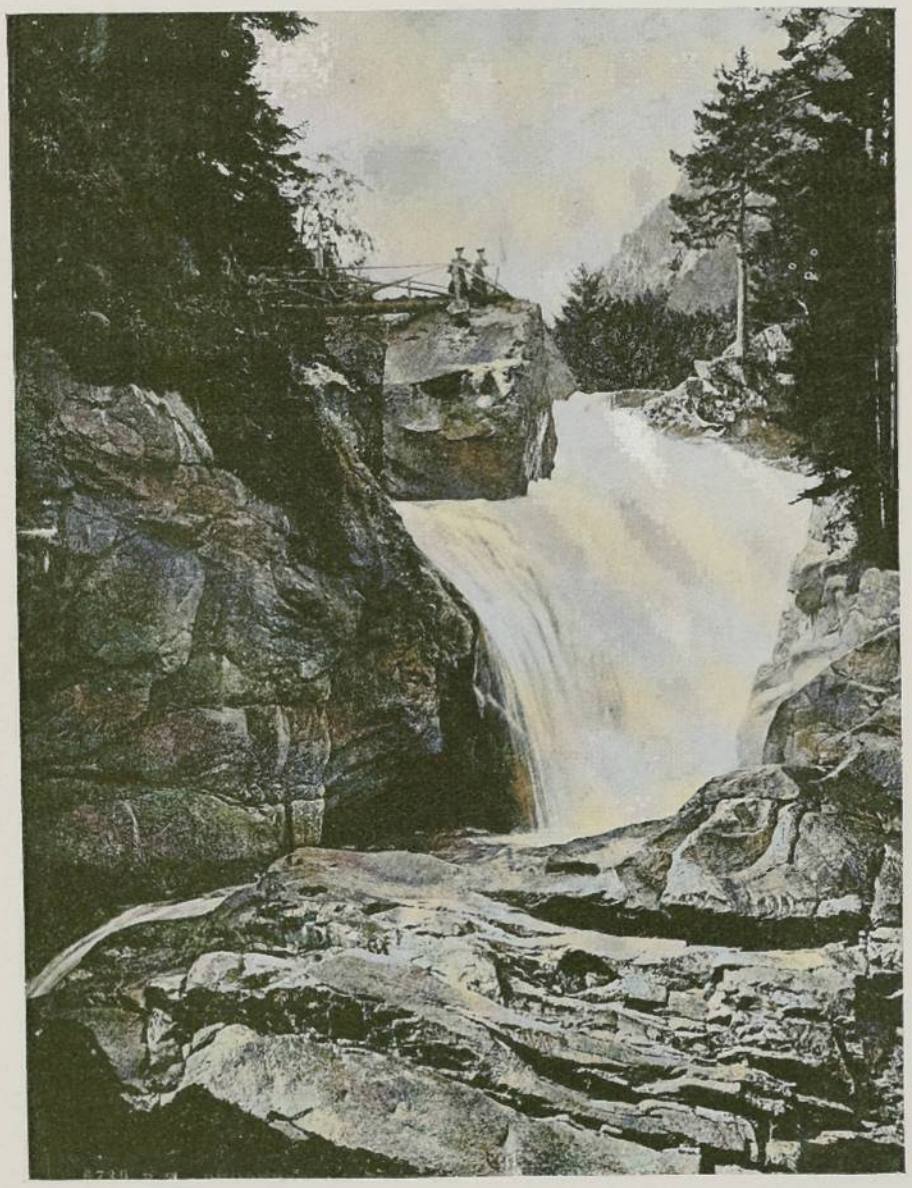
o boi tranquillamente babando, o cavallo altivo sacodindo a cauda. Por vezes, as estradas de rodogem, muito brancas entre a verdura, como batidas de luar, collêam sinuosas, estendem-se como fitas; e um automovel passa, levantando poeira, cheio de gente ridiculamente vestida. De novo as montanhas se approximam, apertam o cêrco; e as duplas filas de arvores agitando a cimeira verde, são como escravas nubias baloiçando os leques á passagem de um prestito real. De subito uma rampa forte que o bonde desce á marcha contida. Que impressão singular desperta sempre esse facto banal de ter de descer quando se sóbe e ter de subir quando se galga ou baixa uma montanha! No primeiro caso parece que as subidas servem apenas para precipitar as quedas; no segundo que nunca mais os pés escravos pisarão terreno firme, que hão de eternamente andar beirando precipicios. Felizmente outra vez o bonde recomeçou a subir um trecho mais ingreme do caminho e que era o fim da jornada.

Cauterets! Um ar fresco e sadio enchia o espaço com as suas azas brancas, e entrava deliciosamente pelos olhos, pela bocca, pelos pulmões como a embriaguez de perfumes sensuaes e sadios, de essencias exoticas que passam atravez dos sentidos como claridades lacteas de luar atravez dos dedos abertos. Era o ar subtil das montanhas, esse ar indefinivel que tem alma e que vibra, que abre o appetite sem que se tenha fome, que dá vontade de correr e de cantar, que descobre paizagens de sonhos, que insinúa o prazer de prazeres que não existem, que desperta uma actividade creadora e acalenta uma indolencia voluptuosa, que faz o espirito borboletear como o offuscante reflexo de um espelho entre folhas verdes de arvores, esse ar imcomparavel que sae da seiva dos bosques e dos prados, que invade e vivifica,—e que ao sêr respirado parece que, por um momento, torna a gente immortal.

Cauterets é uma aldeia de pastores, dôce e aprasivel burgo, encravado entre montanhas tão altas que lhe fórmam a cupola de um berço. Os seus mil e oitocentos habitantes tangem os mansos rebanhos de cabras, fazem feira aos domingos na *Esplanade des œufs*, em frente ao Casino ou no Parque, entre as sombrias aléas perfumadas de flôres, retiro tão dôce á Rainha de Navarra. Oh! a vida serena de Cauterets, respirando um ar que se sabe sadio, encontrando uma gente que se sabe sincera! Cesar, cançado de Roma, ia descançar em Cauterets; e Rabelais, o Pae do Espirito, ia tambem á sombra das suas montanhas refazer a larga provisão das gargalhadas homericas. No verão, porém, Cauterets perde a sua simplicidade nativa: doze fontes termaes estão abertas, e vinte e dois grandes hoteis recebem os estrangeiros de toda a parte do mundo; e os casinos faiscam de luz, entre o esplendor dos decotes e a severidade das casacas. Surge Setembro; as grimpas das montanhas embranquecem, e desce até o valle um ar gelado; os doentes e os *snobs* partem bem depressa para as suavidades de Pau, de Nice, do Cairo,— e Cauterets começa a sêr delicioso. Aos domingos, na branca ermidinha de S. João, os pastores vão ouvir a missa, recolhidos e silenciosos, deixando pender do braço, presa por uma correia, a sua terrivel bengala dos Pyreneus; depois, na praça do *Hotel de Viile* conversam e riem, sem preoccupações ou máos pensamentos. O pequeno burgo não tem mais que duas ruas, alinhadas e com placas; tudo mais são campos; praças desalinhadas, escarpas, encostas, estradas conduzindo á montanha. Por um desses macios caminhos um carro sóbe até a Ponte de Hespanha. Para essa jornada de duas horas ha tres adjectivos: *pittoresco, poetico, maravilhoso;* qualquer d'elles definiria, qualquer d'elles abrangeria o conjuncto; mas a Imprensa e a mania da adjectivação profanaram essas tres designações da paizagem, do rythmo, do esplendor. Como dizer que essas curvas de montanha, bordadas de enormes pinheiros, refrescadas de cascatas resoantes são *pittorescas*, si o noticiarista já disse que a casa de campo do commendador X., com a relva muito cortada desenhando uma corôa e duas iniciaes, e a sala cheia de bonecos *art noveau*, é pittoresca? Como dizer que certos recantos da floresta, ensombrados e mysteriosos, são poeticos, si o poeta das «horas vagas» já disse em quatorze versos que é *poetica* a maneira com que a sua namorada segura o leque? E como dizer que a impressão de tudo isto é maravilhosa, si os Mecenas dos medicos sem clinica declaram pelos «a pedidos» que a panacéa tal para o estomago, —é *maravilhosa?* Para satisfazer, pois, ao commendador, á namorada e ao pharmaceutico, os Pyreneus ficam sem adjectivo.

A larga estrada de rodagem que contorna a montanha, como uma serpente que se abraça a um corpo, é bordada de um lado e outro por grandes estabelecimentos thermaes. Mas o carro avança, penetrando na montanha, e vão desapparecendo as habitações, tudo se torna agreste, colossal e indomavel. As cimeiras, soltas ao vento, têm um sussurrar mais nobre de independencia altiva; e as pedras como que se movem e caminham para desabar e esmagar. De um grupo de pedras

surge, como uma lança, o pico de Peyralands, extremamente parecido com o Corcovado, visto de Botafogo. Olhando para traz, para o immenso declive da montanha, atravez de uma aberta, os olhos abrangem Cauterets, e longe como a miragem, os valles que cercam Pierrefitte. De que fórmas extranhas se revestem os Pyreneus! A's vezes verdes, seivosos, ubertosos, lembram paizagens da Serra dos Orgãos; outras vezes nús, selvagens, aggressivos, são como os rochedos brutos que cercam o Quixadá; ha equilibrios formidaveis e incriveis de pedra sobre pedra; e ha transparencias de selvas em que o olhar mergulha e se perde. Começa a chegar aos ouvidos um ruido longinquo de trovão que foge; depois uma nevoa envolve a folhagem das arvores, e um orvalho adeja no ar. E' a cascata de



Cerisey que assombra os excursionistas, mas que no Brasil seria apenas uma modesta queda d'agua. Uma ponte rustica, presa á uma pedra solta sobre a cachoeira, liga-a á estrada. E' um perigo collocar-se a gente nessa garganta que póde escorregar: as pedras não previnem quando se deslocam... E para arriscar-se a um tombo mortal, para jogar um instante a vida, tem-se que pagar quinze centimos por pessôa! No fresco valle de Marcaon, o cocheiro mostra a ilha de Sarah Bernhardt.

—De Sarah Bernhardt, porquê?

—Porque quando ella vem passar o verão em Cauterets, costuma fazer merendas ahi, com muita gente.

—Oh! a fantastica Sarah! A sua ilha só merece a definição geographica no inverno, quando o rio corre, e abre os braços cercando a pequenina nesga de terra. No verão o leito do rio só tem seixos; e é no estio que o «Aiglon» faz as suas festas insulares. Talvez Sarah defina assim uma ilha:— um pouquinho de terra, com meia duzia d'arvores, cercado de pedra por todos lados.

Depois da «Ilha», surge, descendo de uma altura immensa, a cascata de Boussy,—como uma lingua de prata derretida. O carro se detem na ponte de Hespanha que lembra vagamente a atrevida ponte Napoleão, tambem nos Pyreneos, em St. Sauveur. São dois kilometros a pé, subindo a montanha, para ir ao lago de Gaube, a mil seiscentos e oitenta e quatro metros sobre o nivel do mar. A' proporção que se vae subindo, vae por sua vez a fantasia imaginando o lago. Deve ser um immenso volume d'agua, n'uma enorme extensão, quasi a perder de vista; e em redor as montanhas fazem uma inexpugnavel muralha. Meia hora de marcha; já o lago é maior, mais amplo, mais profundo. Uma hora subindo barrancos, saltando riachos, afastando os ramos: as aguas do lago vão crescendo e se estendendo por todo o planalto dos Pyreneus. Duas horas: o céo está mais alto, os caminhos mais difficeis,—o lago de Gaube cobre toda a França. Adeante dos olhos reluz um pequeno espelho d'agua, dentro da sua moldura de rochedos. Passa um caminheiro:

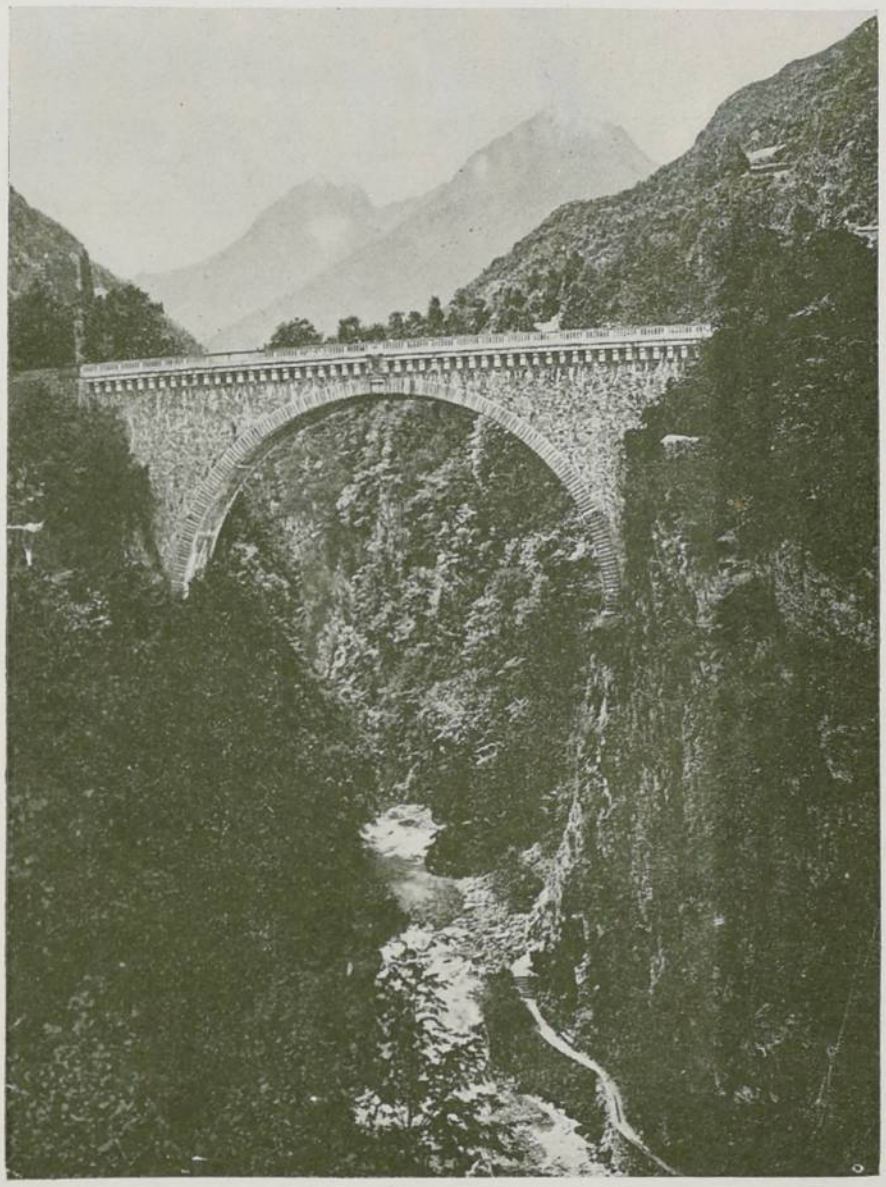
—Faz favor; o lago de Gaube ainda está muito longe?

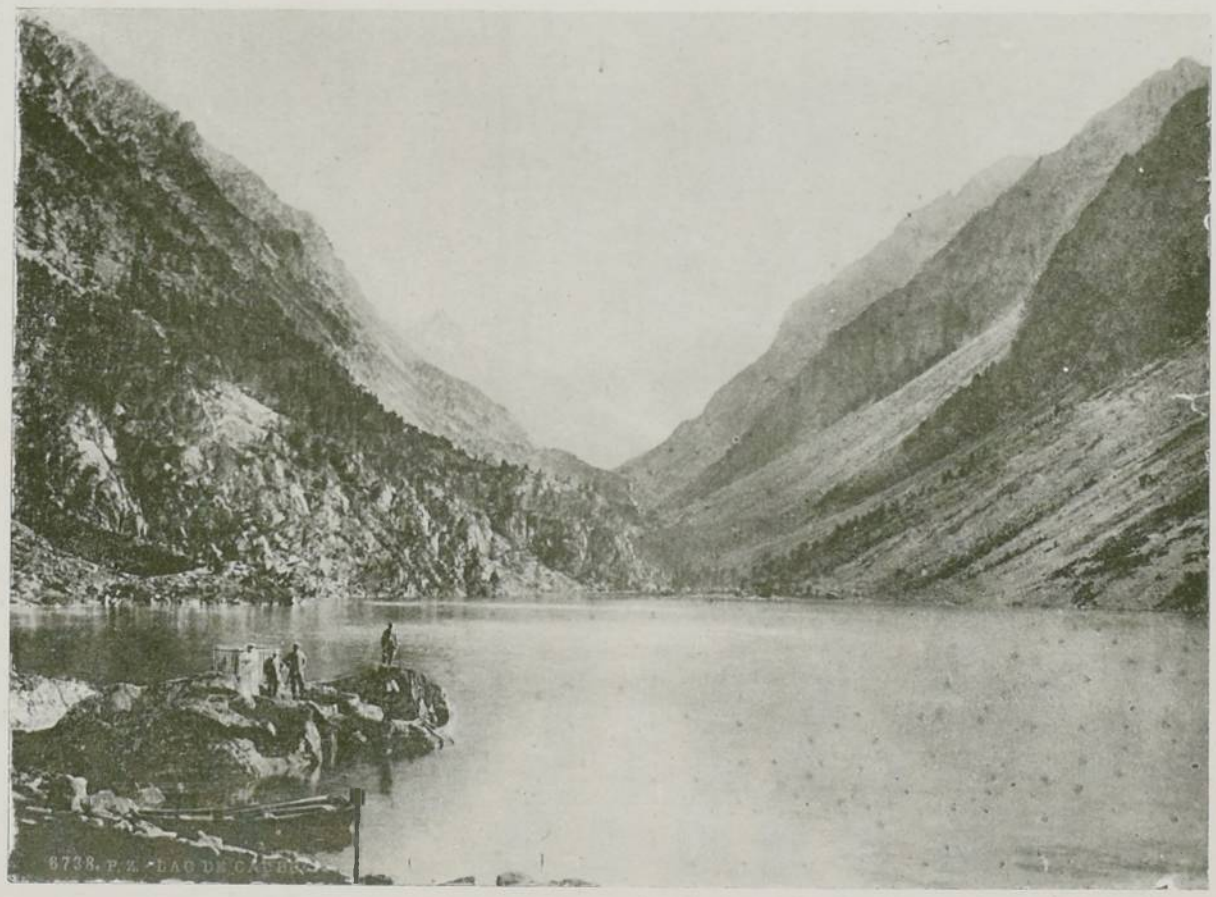
O homem olha admirado, e aponta:

—Mas é aqui, o lago de Gaube.

Era alli o lago de Gaube! Era aquelle pequenino açude, liso, tranquillo, azul, immovel! Ao fundo, n'uma decoração sumptuosa de montanhas, appareciam as geleiras eternas. E o curto espelho d'agua lembra a bacia de rosto de uma princeza da Fabula, sustentada por mãos colossaes de gigantes. Dois botes

muito feios oscillavam na agua de um azul transparente. Já era uma compensação; ao menos podia a gente dar uma volta ao lago... Mas um pequeno cabo avança, e chama a attenção por um gradil de ferro em feitio de sepultura. Os passos ainda leves galgam a pedra escorregadia; os olhos ainda ligeiros começam a lêr a inscripção: — «A' la mémoire de William Henry Pattison...» Era uma lapide funeraria indicando que no dia 20 de Setembro de 1832, dois Inglezes, casados de um mez, se afogaram no lago; elle tinha trinta e um annos, ella vinte e seis. E de repente o lago paraceu sombrio; as montanhas eram como as penedias do Inferno, cercando o Styge; e os barcos feios serviam para Charonte passar as almas. Oh! não, nunca remar em semelhante lago! Os lagos são encantados, mysteriosos. A quasi dois mil metros acima do nivel do mar, do mar perigoso mas leal, que fundos traiçoeiros haveria, que dólos perfidos de genios perversos? 1832, o anno em que morreram os jovens esposos, é tambem o anno em que Walter Scott desappareceu da terra... Não, não! Nunca viajar em semelhante lago! — E as suas aguas, quietas, tristes, transparentes, afogando a sombra das montanhas, tinham a apparencia sinistra da cobra que attrae ao passaro... — Como é grande, como é immenso o Lago de Gaube!...





Madrid, Dezembro, 1906.

THOMAZ LOPES

da Ord., *Sua Santidade Pontificia e os Principes da Familia Imperial* (art. 79)

Os Socios ou Irmãos se agremiavam em *Cazas* que adoptavam um titulo distinctivo que jamais poderiam mudar, administradas por uma Regencia composta de um *Veneravel*, quatro *Vigilantes*, um *Orador*, um *Secretario*, um *Thesoureiro*, um *Fiel*, um *Guarda da Cruz*, quatro *Defensores*, quatro *Accusadores*, quatro *Syndicantes*, quatro *Mestres*, quatro *Andadores* e dous *Guardas do Templo*.

Os gráos eram em numero de 23, cabendo o ultimo aos Grandes Chefes Protectores o Imperador e o Papa, o 22º ao Grande Chefe Propagador, o 20º aos regentes das *Cazas;* estas conferião os tres primeiros, denominados: *Discipulo, Companheiro e Mestre*.

Os Vigilantes tinham assento como nas *Lojas* maçonicas nos topos de duas columnas, mas ahi denominadas: *columna Norte do Valle do Soberbo Amazonas e columna Sul do Valle do Soberbo Prata*.

A administração superior da *Ordem* era confiada a um Supremo Conselho de 23 membros que funccionava *em Consistorio, em Conselho ou em Congresso*.

A séde da Ordem era a Provincia de Pernambuco, tendo por titulo a *casa-mater* Coração Livre e Popular; compunha-se de *homens livres e independentes cumpridores e observadores das leis do paiz;* admittia *sem distincção de classe, a todos os brazileiros natos que quizessem jurar a Santa Fraternidade e gozar os beneficios que ella offerece;* seus fins eram *defender a Religião Catholica, sustentar a monarchia brazileira, praticar a caridade desenvolver as sciencias, as letras, as artes, a industria, o commercio, a agricultura e contribuir para a extincção do elemento servil.*

Nenhum irmão podia *comprometter nem dispor da sua palavra a pessoa alguma sem primeiro fazer chegar ao conhecimento do Tabernaculo qual o fim* para que não cahisse *em faltas ou erro contra seus irmãos,* formando todos *um só pensamento, uma só vontade.*

Era a seguinte a formula da abertura e encerramento dos trabalhos, que tambem servia de cabeçalho ás communicações escriptas:

Dever Honra e Gloria ao Supremo Architecto do Universo e ao Throno Brazileiro!

Como instituição de previdencia tinha a Ordem uma *Caixa Popular* destinada a soccorrer os irmãos em desgraça e a constituir um capital para a construcção de predios sorteaveis entre todos os socios quites; alimentavão-n'a as joias, mensalidades, donativos, custo dos titulos e gráos etc. Destinava-se ainda a *arrematar para os Irmãos as emprezas publicas e particulares*.

Alem do Grande Chefe Propagador, constituiam a Administração superior da Ordem um Grande Vice-Chefe, um Grande Secretario, um Grande Thesoureiro e um Orador, sendo de notar que só este ultimo não fosse *Grande*.

Da lista dos socios constam 838 nomes em sua maioria de artistas. Havia bastantes negociantes ou empregados no commercio, empregados publicos de inferior categoria, maritimos, raros militares de linha ou policia, professores de primeiras letras, quatro advogados e dous academicos.

Na longa lista dos socios da Ordem secreta, destinada á defeza do throno e do altar, enviada a D. Pedro 2º para, naturalmente, que conhecesse os seus defensores em Pernambuco, ha alguns nomes que trazem á margem uma expressiva nota—*republicano*. São os seguintes que devem ser conhecidos, muito mais agora que o throno tombou indefeso e ao altar revestido de purpura não minguam defensores:

Dr. Manoel Francisco de Barros Rego, advogado, João Cancio Gomes da Silva, solicitador, Dr. José Austricliano Rodrigues Lima, negociante, Lucio Francisco dos Santos, artista, Augusto Cesar Carneiro de Mattos, empregado na Capitania do Porto, Albino de Jesus Bandeira, official de Justiça, James Enéas Gomes da Silva, artista, Manoel Duarte Vieira Junior, negociante, Dr. Felix de Figueirôa de Farias, advogado, Demetrio Rodrigues Leite, artista, Glycerio Coelho dos Santos, artista, Angelo da Costa Mello Roza, professor de primeiras letras, Francisco Tobias do Monte, artista, Melanio dos Reis Pereira do Lago, Tenente do 2º batalhão de Infanteria de linha, José Samuel Botelho, empregado das capatazias da Alfandega, Francisco Antonio de Sá Barreto Junior, Tenente do 9º batalhão de infanteria de linha, Christovão da Rocha Cunha Souto Maior, artista, José Alves Barboza Junior, negociante, Jesuino Ignacio dos Santos, Tenente do 9º batalhão de Infanteria de linha e Leopoldino Antonio da Fonseca, professor de latim em Garanhuns.

Um sacerdote apparece, socio do Coração Livre e Popular o Padre Herculano José de Britto.

Que vida teria tido essa sociedade, que entre tantos fins esdruxulos, um bastava para engrandecel-a a idéa abolicionista?

E' natural que vivam ainda muitos dos socios cujos nomes occorrem na lista citada. Um delles nos poderá vir dizer quaes os trabalhos realisados pela nobre Ordem do Coração Livre e Popular ou si como tantas outras naufragou logo, não passando de um cartão recommendando uns poucos ás boas graças do poder.

Janeiro—906. MARIO BEHRING.

UMA OBRA PRIMA

EM 12 de Agosto do anno transacto, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, recebeu uma carta do conde Francisco Ciura, em que este titular italiano offerecia, por venda um topazio verdadeiramente maravilhoso, cujo modêlo em gêsso chegava dias depois, para melhor avaliação da sua offerta.

Não só o volume d'essa pedra, que pésa cerca de 2 kilos mas a sua historia e, principalmente, o trabalho artistico que ella hoje representa, tornam-n'a digna de apreço e, por

isso, o seu proprietario, o conde Ciura, não a cede por qualquer cousa.

Entretanto, elle já a tem explorado fazendo-a figurar n'um kiosque especial, na exposição realisada em 1906 em Milão, onde o curioso que quizesse ter a ventura de ver a preciosa joia, pagava a importancia de 50 centesimos italianos, ou mais ou menos 300 réis em nossa moeda.

O kiosque situado á *Piazza d'Armi*, «via Diagonale», sustentava sobre o telhado e sobre a fachada, rotulos em lettras garrafaes, armadas de fócos electricos para a noite, onde se lia o titulo «Gran-Mogol». E logo á frente, para mostrar que esse titulo nada tinha que ver com o objecto exposto, ainda o seguinte pregão: «Colossal topazio do Brasil».

Graças á boa vontade que tem o conde Ciura, de transformar em libras esterlinas esta «grande meraviglia mondiale, artistica preziosa, di valore inestimabile, non posseduta da alcun Museo», como se lê no prospecto que acompanha a sua carta; e graças a permissão dada pelo Sr. Dr. Lacerda, Director do Museu Nacional, para a reproducção photographica do modêlo, poderão os leitores do *Kósmos* apreciar o valor artistico da pedra que, para nós brasileiros, só póde ser apreciada por esse lado.

Com effeito, exemplos de topazios do volume do exposto no kiosque «Gran-Mogol», não são raros no Brasil e mesmo no Museu Nacional achamos a prova d'esta asserção, nas bellas amostras expostas nas vitrines de Mineraes do Brasil, logo á direita de quem entra, da rua, no salão Andrada.

O producto da Natureza, aqui, desapparece para dar logar ao genio artistico do homem que n'elle estampou a effigie humana, n'um Christo sobrenatural na correcção da forma e verdade de expressão.

O artista dividio o crystal em duas partes; a posterior elle polio, aproveitando quanto pôde as suas faces; a anterior, elle transformou n'um alto relevo representando a cabeça e o tronco de Jesus, ao partir o pão da Eucharistia.

A cabeça é inspirada; é uma cabeça de moço, emoldurada por uma cabelleira basta, partida ao meio e cahindo em ondas sobre os hombros e pela barba fina, quasi cacheada; a face serenamente erguida, os grandes olhos ternos fixos no firmamento, imperceptivel contracção dos supercilios e a bocca entreaberta, denotam que o famoso rabino se concentra n'uma prece.

Da ampla tunica, presa ao corpo por um cinto, emerge o collo vigoroso e suave. As delicadas mãos, forçando lentamente o pão que se amolda sob os dedos e se fende á meio, sahem das mangas arrepanhadas, deixando perceber a maciesa da carne.

As dobras da tunica e do manto, em parte traçado sobre o braço esquerdo, são de um acabado perfeito.

Quanto esforço, quanta tenacidade para chegar á esse resultado!!

Se o modêlo em gesso é, como parece, a reproducção fiel do original, este é uma obra d'essas que extasiam o artista e impressionam o leigo.

O topazio é brasileiro; napolitano foi o artista que o trabalhou. A' este de pouco valeu o esforço, em que consumiu cerca de 12 annos e 100 liras em pó de diamante; não havendo dinheiro para pagar-lhe o valor de sua obra, essa foi lhe dada e elle... morreu na miseria possuindo um thesouro.

Os que conhecem a insaciavel e torpe cubiça dos usurarios das casas de penhores, poderão julgar do valor d'esse topasio, ao saber que elle foi penhorado, pelos herdeiros do artista, n'um d'esses estabelecimentos pela somma de 400.000 liras!

. . . . . .

A pedra bruta, offerecida pelo fallecido imperador D. Pedro ao papa Pio IX, foi por este doada ao rei das Duas Sicilias e de Napoles. Este encarregou Cariello, celebre esculptor do seu tempo, de transformal-o n'uma obra d'arte «por acto de 15 de Abril de 1852», diz o conde Ciura.

Succederam-se as famosas luctas que trouxeram Victor Emmanuel II ao Throno de Roma e Cariello, buscando a recompensa do seu trabalho, apresentou-se a este monarcha. Convocado um concilio de artistas, estes julgaram a obra de Cariello «*Capolavoro di Scultura e lo dichiarono impagabile pei grandi pregi.*» «*Sua Maesta volle rimunerare l'insigni artista donandogli con Regio Decreto la gemma*» «por decreto de 20 de Outubro de 1865.»

. . . . . .

O conde tirou-a do prégo.

E agora, tendo conversado «com os tenentes Murillo Furtado e Guilherme Moutier, enviados extraordinarios do Brasil á Exposição Internacional de Milão» e sob os conselhos d'esses senhores, o conde Ciura offerece o topazio de Cariello ao Museu Nacional do Rio, pela somma de 24.000 *libras esterlinas* «...ao passo que á qualquer outro Museu, elle não faria o negocio por menos de 40.000 libras.»

Merece ser notada a seguinte recommendação: «Queira ter a bondade de me informar por telegramma, pois que será bem possivel que eu venda o meu Topasio a qualquer outro Museu.»

24.000 libras esterlinas ou 360 contos de réis.

Pobre Museu Nacional, paria da administração publica brasileira que quasi necessita de estender a mão á caridade publica para viver; é a ti, cuja verba de aquisição de productos naturaes não excede de 3 contos de réis que offerecem um objecto por 360 contos...

Até parece ironia...

E' bem certo que para tirar talvez se lembrem delle; esse mesmo topazio, quem sabe? talvez tenha sahido de suas collecções. Foi d'ellas que sahiram «amostras» da natureza brasileira para Portugal, os papos de tucano para o manto régio, a collecção de igaçabas e craneos para Quatrefages, as numerosissimas péças escolhidas para as exposições internacionaes com grave damno ou total perda para o estabelecimento; as collecções para determinar lá fóra e que ou não voltam mais ou sómente voltam com os peiores exemplares; e, depois, para reunir novos exemplares que morram os obscuros preparadores, que se sacrifiquem os abnegados, que se adquira... com a verba de 3 contos...

Emfim, já não morremos nos os leitores do *Kósmos*, sem conhecermos, ao menos *de photographia*, o celebre topazio que se via na exposição internacional de Milão de 1906, no kiosque «Gran-Mogol».

21—1—07.

ADEMIR.

Um Estudioso Pernambucano

O SR. ALFREDO DE CARVALHO

ENTRE as dezenas de literatos, principalmente poetas contadores, romancistas e fantasistas, que na vida obscura, apagada e mofina da provincia brazileira luctam bravamente contra a mesquinhez e indifferença do meio, imitam ou simplesmente macaqueiam o Rio de Janeiro, que para elles continua a ser a «Côrte» das suas ambições de um mais vasto campo para o desenvolvimento e manifestação do seu genio, e cujos habitos e até defeitos, ridiculos e miserias copiam, não é felizmente raro surja de vez em quando algum espirito de melhor quilate, menos provinciano de indole, mais capaz, mais largo, que force outras attenções que as da sua terra, e ultrapasse merecidamente as raias della.

Não ha nestes conceitos e nesta verificação nenhum desapreço pela vida espiritual provinciana, desapreço que sobre ser impertinente em quem della deriva, não seria intelligente pois, no Brazil, como em toda a parte, a vida espiritual, que em todo paiz se accumula na sua capital, resulta do concurso dos provincianos que para ella concorrem. Assim em França com Paris, na Inglaterra com Londres, na propria Allemanha, com sacrificio do seu antigo particularismo, com Berlim, e alhures. No Brazil verifica-se o mesmo facto, que tem uma explicação simples, ao alcance da apreciação de todos, na comparação entre a população do Rio de Janeíro sua capital e a do resto do paiz. Nada mais natural, pois, do que serem em maioria provincianos os que fazem na capital a vida intellectual do paiz, e até os que ahi triumpham. Geralmente estes são já um producto de selecção, os que tiveram energias e aptidões para se desarraigarem do torrão natal, se desenredarem das peias locaes e se abrirem um lugar na procisão da Minerva fluminense. E si alguns, embora vencedores, ficaram sempre provincianos, no que o provincianismo tem de mais estreito, de mais acanhado, de mais canhestro e desageitado, e não perderam nunca a desconfiança de matutos e a sua parvoinha ogeriza á Capital, o maior numero se affeiçoa plenamente a ella e á civilização e cultura de que ella é a eminente representante brazileira.

Daquelles homens de letras a que me referi, que por mais capazes forçam outras attenções que as da sua terra e merecidamente lhes ultrapassam as raias, é um, e dos melhores, o Sr. Alfredo de Carvalho. Pernambuco donde é, como S. Paulo ou Bahia, não estão, do ponto de vista da vida espiritual brazileira, na mesma situação de outros estados que, por motivos obvios, uns puramente geographicos, outros historicos e outros moraes, se acham mais afastados do fóco dessa vida, que é indubitavelmente o Rio. Razões historicas, como um forte sentimento de orgulho local criado pelo denodo com que em colonia luctaram contra os hollandezes, e desenvolvído nos conflictos da sua aristocracia territorial com os tratantes forasteiros e com elementos locaes ou convizinhos, presumpçoso dos seus feitos, de valia acaso exagerada, nas luctas da independencia e revoluções republicanas, brigas de classes, de opiniões, de supremacia, que redundariam na importancia politica dessa parte do paiz e sua preponderancia no Norte, razões ás quaes cumpre juntar a posse de uma faculdade superior, ao mesmo tempo centro de attração e de dispersão de trabalho espiritual, de idéas, de actividade intellectual, explicam a parte de Pernambuco em a nossa vida espiritual, e que essa provincia tenha tão insignimente contribuido para o relativo brilho que ella tem aqui nesta capital.

Não ha muito eu dizia aqui mesmo de um escriptor pernambucano que está no primeiro plano dos nossos ensaistas, o Sr. Arthur Orlando. (1) Tenho a satisfação hoje de escrever de outro, o Sr. Alfredo de Carvalho. Nenhum delles é dos muitissimos faceis poetas ou novellistas que as aguas do Beberibe, rivalizando com as de Hippocrene, suscitam ali em medonha copia. Nem um delles cultiva a literatura amena e ligeira (dá-me vontade de chamar-lhe á matuta de leviana) que é o encanto das moças e dos noticiaristas. Ambos são dous homens de letras serias, difficeis, consideraveis.

O Sr. Arthur Orlando é, a falta de melhor termo, um philosopho, um pensador, preoccupado de problemas graves de philosophia, de sociologia ou de literatura no que esta entende com as locubrações ou assumptos daquellas. O Sr. Alfredo de Carvalho, seu patricio, companheiro e amigo, é essencialmente um erudito, occupado da historia nacional, particularmente da de sua terra. E' o que eu chamaria um brazileirista, si não tivesse medo de que o termo pegasse. E já ha tanto denominativo escusado, improprio e feio. . .

A sua terra, porem, elle a estuda e inquire della sob todos os seus aspectos, a sua his-

(1) Veja *Kósmos* de Abril de 1906.

toria, a sua geographia, as suas letras, os seus homens notaveis, a sua vida espiritual, a sua chronica, a sua paizagem. Desta tem elle nestes seus *Estudos pernambucanos* um interessante estudo.

Sendo um dos raros brazileiros que sabe o hollandez, o Sr. Alfredo de Carvalho deu-se particularmente ao estudo do periodo hollandez da historia do Brasil, e a sua contribuição para o conhecimento delle já é avultado e estimavel. Dessa parte da sua actividade devem-lhe os estudos da historia nacional as traducções annotadas do *Diario de um soldado da companhia das Indias Occidentaes* por Ambrosio Richshofer (Recife, 1897). *Olinda conquistada* pelo padre João Baers (Recife 1898). *Diario da Expedição de Mathias Beck ao* Ceará (Fortaleza, 1903), a primeira traduzida do allemão, as outras do hollandez, além de varios escriptos sobre assumptos daquelle periodo exparsamente publicados, principalmente na *Revista do Instituto Geographico e Archeologico pernambucano.*

Não obstante o seu quasi meio seculo de existencia não ingloria, antes digna e laboriosa, esta associação literaria pernambucana está longe de ter o renome que merece e apenas alguns estudiosos das cousas brazileiras a conhecem e apreciam. Não é por ventura exagerado dizer que o Sr. Alfredo de Carvalho é hoje a alma desse Instituto, cuja revista contem sempre trabalhos seus, todos meritorios. No seu ultimo tomo publicado, o XI, contendo os ns. 61 a 64, são não menos de sete os artigos por elle firmados, além da interessante bibliographia, e de traducções e annotações de escriptos estrangeiros, como as curiosissimas *Notas dominicaes* de L. F. Tallenare. Versam aquelles artigos sobre *Os brazões d'armas do Brazil hollandez, A viagem brazilica de Lorenz Simon, Racine e o Brazil, Os motins de fevereiro de 1823, Da introducção da imprensa em Pernambuco pelos hollandezes, Charles Watterton em Pernambuco, A saudação lacrimosa dos indios e Minas de Ouro e prata no Brazil Oriental.*

Desses escriptos esparsos da *Revista do Instituto Pernambucano*, e de outras publicações ainda mais ephemeras e obscuras, começou o Sr. Alfredo de Carvalho a reunir em livro os que mais particularmente se referem ao seu estado natal, sob o titulo de *Estudos pernambucanos* cujo primeiro volume, ao qual se seguirão certamente outros, acaba de vir á luz.

O Sr. Alfredo de Carvalho parece-me infelizmente preferir na historia a chronica, o pitoresco, o romanesco, a anedocta, aos grandes quadros. Não o louvo por isso. Si essa porção da historia, ou esse aspecto della, pode ter, e sem duvida tem, o seu interesse e muitas vezes nos faz comprehender melhor a grande historia e lhe illumina os vastos painéis de uma luz nova não obstante a sua modestia, as mais das vezes não passa das curiosidades cujo interesse, ainda quando não de todo somenos, é secundario. Eu preferia que o Sr. Alfredo de Carvalho aproveitasse melhor os seus dotes naturaes de estudioso da historia patria e as capacidades que para esse estudo tem, em assumptos de maior importancia do que são por via de regra os da maioria destes seus estudos. *Minas de ouro e prata* um delles, entra nesta categoria e é uma relevante contribuição para o conhecimento das «explorações hollandezas no seculo XII» mas podia-se, sem impertinencia, exigir mais desenvolvimento e mais profundeza de investigação num assumpto apenas deflorado. Si este e outros estudados pelo Sr. Alfredo de Carvalho tem um interesse geral que lhes augmenta a importancia, ou lhes dá toda a que possam ter, a maior parte daquelles de que se occupa apenas interessam a historia ou antes a chronica local. Não me parecem despresiveis essa historia ou essa chronica, mas para que nos possamos interessar por ellas e estimal-as, e portanto ler-lhe com aprazimento as locubrações, nós que não pertencemos á região nem a ella estamos ligados por laços particulares, cumpre que possamos achar nellas um interesse geral, relativo á historia do paiz, contribuindo para illustral-a e alumial-o de novas luzes. E' só com esta condição que o estudo da nossa historia regional nos parecerá util e importante. Pelo menos é só quando ella preenche esta condição que nos podemos nós brazileiros de outras regiões nos interessar por ella. E fio bastante no bom juizo do Sr. Alfredo de Carvalho para não duvidar de que elle proprio estará commigo neste parecer.

Não é que eu desadore o que chamei a pequena historia, a chronica romanesca ou anecdotica, como o curioso episodio da *Tragedia de Nyenburg*,, que lança uma certa luz sobre a sociedade das capitaes nortistas para o fim do seculo XVIII, ou as noticias do *Jornalismo literario em Pernambuco* ou da estada de Castro Alves nessa provincia. Comquanto insignificantes em si mesmos, os factos noticiados não são de todo inuteis para avaliarmos do estado espiritual do meio em que se passaram, e o artigo sobre Castro Alves corrige algumas inexactidões da biographia corrente do poeta. O Sr. Alfredo de Carvalho é hoje porventura o brazileiro que melhor conhece a historia da imprensa no Brazil, e aquelle seu estudo sobre a imprensa literaria

pernambucana é mais uma excellente contribuição para essa historia.

Como nota muito bem o Sr. Alfredo de Carvalho, a «integração de Pernambuco no corpo politico do imperio brazileiro foi um lento processo, constituindo uma das phases mais agitadas e menos estudadas do passado nacional». Um dos incidentes desse processo foram os motins de fevereiro de 1823. Um dos melhores, acaso o melhor, capitulo do livro do estudioso pernambucano é o que lhe é consagrado. Os motins politicos, e não revoluções, que mais ou menos em todas as provincias rebentaram no Brazil immediatamente antes ou logo após a independencia e que duraram até 1848, são acontecimentos que não tem outra importancia que a de signaes dos tempos. Não teve nenhum delles, nem ideal, nem propositos que de facto se possam chamar politicos, e, ao cabo seus chefes não passaram de vulgares desordeiros, a quem mais tarde a lenda, facil de nascer nos meios incultos em que agiram, e o romantismo politico deviam transformar em sympaticos revolucionarios, em republicas talhadas pelos moldes de Catão, em heróes, em martyres. A historia estudada com menos preconceitos politicos e regionaes, com menos bairrismo (que é o percalço da historia provinciana) mostrará afinal que nada disto foram: e que nos melhores ou maiores, ainda num Pedro Ivo ou em um Nunes Machado, não ha de facto elemento algum para commover-nos com motivo. E aliás commoveram já alguns poetas...

Esta opinião a confirma, quanto ao motim de fevereiro de 1823, o estudo do Sr. Alfredo de Carvalho, e tanto mais frisa o seu interessante ensaio com ella que o autor reconta os inteiramente despreoccupado de tirar delles nenhuma conclusão, e sem o menor pensamento de generalização. Mas não sem, com intelligencia e criterio, lhes indagar as causas e apreciar a sequencia e os effeitos. Mostrando como não obstante as variações apparentes, o fundo do quadro daquellas epocas agitadas permanecia o mesmo, «o espectaculo lastimoso de um povo, na aurora da sua existencia autonoma dividido pela cubiça dos facciosos, brutalizado pelo militarismo, ameaçado por vezes da explosão da luta de raças, flagellado pelos horrores da anarchia, debatendo-se, emfim, no torvellinho de convulsões diarias...» o Sr. Alfredo de Carvalho assim substancia os motivos desses acontecimentos:

«No amago dos eventos a observação descortina em permanente conflicto os impulsos centrifugos do vivacissimo espirito provincial, vagamente inclinado ao federalismo, porem ainda mais sofrego da soberania local, e a acção opposta do sentimento nacional, exigindo o congraçamento dos interesses brasileiros para conquista da independencia sem quebra da integridade politica e territorial; contrariando ambas estas tendencias, mas sem poder para acançal-as, apparecem, complicando o poblema, os esforços da metropole para manter o reino unido. Do choque desses diversos elementos, tão fundamente antagonicos, nasceram as divisões intestinas que imprimiram a éra da nossa emancipação o seu caracter tremultuario».

Bem visto e bem dito, como é bem vista e bem dita a ridiculez dos motins, que historía, dos fins de fevereiro de 1823.

Os successos posteriores á proclamação da Republica, os motins e alvorotos que, embora com menos intensidade que os que se seguiram á da Independencia, lhe acompanharam até hoje o advento, habilitam-nos a comprehender melhor os acontecimentos e os homens daquelle tempo, dos quaes alguns se perecem singularmente com os que assistimos ou conhecemos agora. A principal personagem, da parte dos amotinados do alvoroto pernambucano de fevereiro de 1823, é um typo vulgarissimo nas revoluções brazileiras, quasi se poderia dizer um prototypo, tanto se repete, com suas feições e caracteres essenciaes em todas ellas, desde as do periodo colonial. E' o capitão de artilharia Pedro da Silva Pedrosa. No Brazil os revolucionarios chefes foram sempre militares ou padres—isto é individuos profissionalmente mais obrigados pela disciplina. Militar soffrivelmente instruido para o tempo, frequentador dos clubs maçonicos e das sociedades literarias do Cabo e do Paraiso, mulato e nativista exaltado—é como nos descreve o Sr. Alfredo de Carvalho o seu heróe, Pedro da Silva Pedrosa. No mais «alto e bem apessoado, tês cor de bronze, semblante energico e voluntarioso, ao qual o longo cavaignac luzidio e bastos bigodes negros davam certo cunho marcial; altivo e vaidoso da sua reputação de bravura, habitualmente de maneiras lhanas e affaveis, era porém, Pedrosa, sujeito a accessos de uma colera explosiva quando inteiramente desvairado, se deixava impellir dos maiores desatinos». A narrativa do Sr. Alfredo de Carvalho nol-o mostra ainda um impulsivo, com accessos de energia e de desfallecimento, variavel, mudavel, sem nenhuns principios politicos ou idéas assentadas, subretudo vaidoso de ser chefe. Lisongeando as peiores paixões populares por amor de se fazer parciaes entre os seus parceiros e o gosto do mando que é tanto das naturezas que para elle nasceram, como um Cesar ou um Nopoleão, como de miseraveis vaidosos como os mil

Pedrosas, que todos nós temos conhecido. Este, coitado, apenas perdeu-se e sumiu-se na obscuridade a que o lançou o estabelecimento posterior da ordem na sua terra; outros, seus pares em capacidades, meritos e malificios, então e agora, galgaram ás cumiadas do poder e das honrarias e foram, ou são, ministros, deputados, senadores, do imperio ou da republica, governam, legiferam dirigem. E nem por isso o mundo vai peior... ou melhor.

Entre as publicações diversas do Sr. Alfredo de Carvalho relativas á nossa historia uma das mais meritorias são *As Notas dominicaes* de L. F. Tollenare, por elle traduzidas do manuscripto francez inedito e annotadas e publicadas primeiro no Tomo citado da *Revista do Instituto pernambucano* depois em volume a parte, com illustrações, e precedido de um interessante prefacio aperitivo do Sr. Oliveira Lima.

Tollenare era um negociante francez, de algumas capacidades que pelos annos de 1816, 1817 e 1818 viajou, para fins de informação e commercio, em Portugal e no Brazil, escrevendo todos os domingos notas da sua viagem e observações, cujo manuscripto existia inedito na Bibliotheca de Santa Genoveva de Paris. No Brazil, ou mais particularmente em Pernambuco, o bom francez assistiu á Revolução de 1817 e se relacionou com alguns dos seus chefes. De sorte que as suas notas são uma preciosa contribuição, um depoimento singularmente interessante de uma testemunha desinteressada por alheia á terra, desses successos.

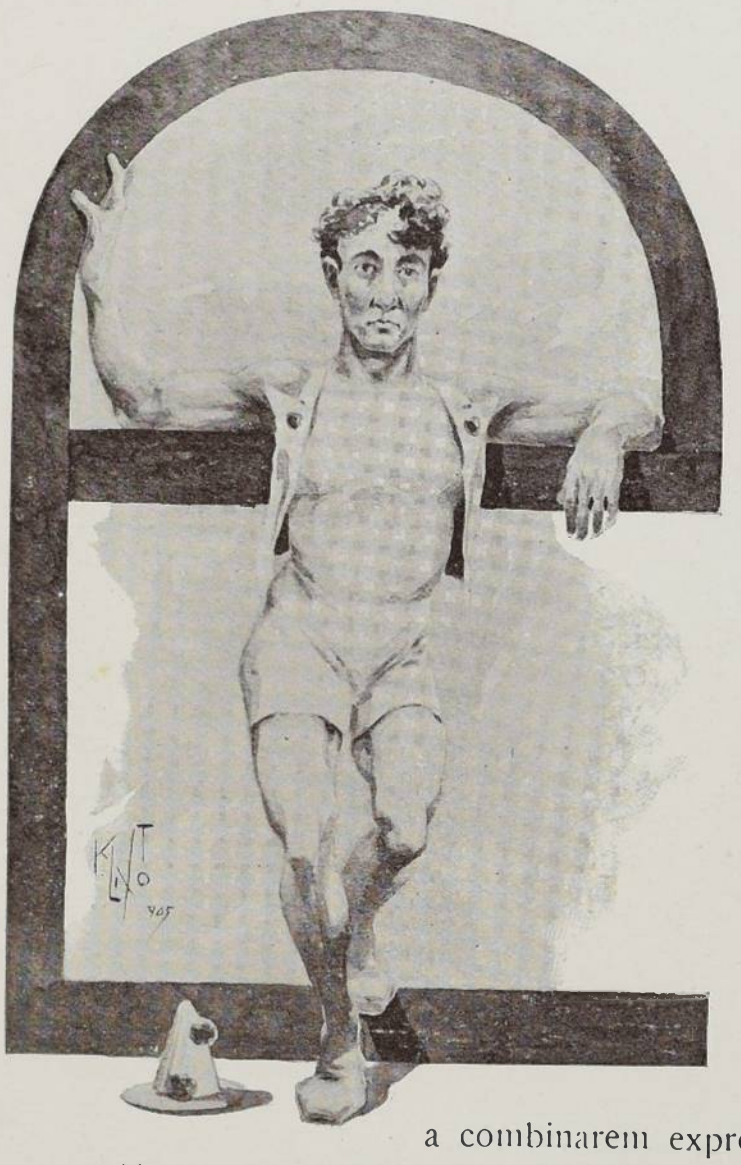
Mas não é só a historia que formalmente interessa o Sr. Alfredo de Carvalho, sinão tudo o que de perto ou de longe se relaciona com o Brasil e particularmente com Pernambuco.

Pertencem a esta ordem da sua curiosidade literaria o seu livro *Phrases e Palavras*, no qual ha a reparar que o assumpto não seja mais largamente desenvolvido para dar a esses estudos de lexicologia historica maior interesse. Parece-me que estes estudos de «problemas historico-etymologicos» como ás questões que discute chama o autor, devem ser no seu pensamento ensaios ou materiaes para uma obra maior. E só como tal se os deve comprehender e estimar, si de facto estas meras curiosidades, em que entra por muito a phantasia, podem merecer maior estimação.

Dos escriptores pernambucanos, pernambucanos de nascimento e formação literaria (e, com esta restrição exclúo o Sr. Oliveira Lima que só o é de nascimento) o Sr. Alfredo de Carvalho é um dos raros que não é gongorico, que possue mesmo uma fórma desaffectada e sobria, fórma geralmente estranha, e ao que parece antipathica aos seus compatricios literarios. E' certo que ainda de vez em quando se nos deparam nos seus escriptos coisas destas que revêem o meio: «A junta chegára ao derradeiro extremo de fraqueza e é de crer não abandonasse completamente a apparencia de autoridade, que ainda fingia manter, diante da opposição das classes pacificas e conservadoras, tementes de ver usurpal-o o desvairado caudilho, cujo absoluto dominio ominavam de inteira subversão». O Sr. Carvalho tem aliás o mau gosto deste verbo ominar, de rarissimo uso tanto que me não lembro tel-o encontrado se não nelle, que delle abusa. Mas estes defeitos são menos communs no escriptor dos *Estudos pernambucanos*, que me parece a sua obra mais trabalhada, que nos seus conterraneos. Eu não sei se elle pertence á famosa escola do Recife inventada pelo Sr. Sylvio Roméro. Não lhe encontro porem as caracteristicas dessa pseudo escola. O Sr. Alfredo de Carvalho não é pedante nem pedantesco, si nem sempre é simples e natural, qual eu o preferiria, o é sempre mais do que o são geralmente os dessa pleiade. Não abusa das citações, nem dos róes de nomes com que alguns della fingem erudição, não jura só por Tobias, nem generaliza por dá cá aquella palha e em historia estuda mais do que inventa; não é hyperbolico, nem emphatico quer nas idéas, quer no estylo. Tudo isto, a meu ver, o distancía da tal escola ou cousa que o valha. Sobretudo o Sr. Alfredo de Carvalho me parece um estudioso sincero e honesto, cousa muito mais rara do que se pensa, e muito mais meritoria e respeitavel do que a literatice ruidosa e balofa que na provincia e aqui toma attitudes e procura forçar a celebridade nos botequins, nos corrilhos e nos noticiarios.

José Verissimo.

Dezembro de 1906.



MORTE DO PALHAÇO

SGUIO, anfracto, torturado na rude anatomia muscular dos esboços miguelangelescos, laivos de zimgaro na mascara violenta e núa, William Sommers fôra o galhardo *clown* do trampolim e do trapézio, empolgando, num salto, a barra baloiçante dos apparelhos aéreos.

Fôra — grifava nos commentarios a parceria acrobatica, porque, d'um contado tempo a então, William *decahia* em contorsões estranhas, imprimindo aos trabalhos singularidades imcomprehensiveis, movimentos desordenados, em exercicios amorphos, obscuros, ininteligiveis, de musculos e nervos, estendimentos preguiçosos de giboia somnolenta, tics e tremores nervosos de panthera sacudindo a impertinencia dos moscardos, ou meneios aduncos de côrvo atalaiado e lugubre, como a combinarem expressões ensaiantes e dubias d'uma arte nova.

A' proporção que se reproduziam essas bizarras manifestações de acrobatismo, exquisitices de habitos afastavam-no da convivencia dos companheiros, esgrouviavam-no, com tedios prolongados, em posturas extaticas prejulgadas pelo esconso parvo dos gymnastas que o alvejavam, ás costas, com observações e esgares injuriantes. William contrahia, em desprezo, a fria bocca sarcastica e voltava á sua immobilidade meditativa.

Elle proprio não poderia explicar, se o quizesse, a transformação porque passava. Era uma necessidade que o movia impulsivamente, cuja origem ignorava. Começára por uma especie d'enfastiamento, um cansaço dos velhos exercicios aprendidos, que executava sem orgulho, mesmo sem a consciencia de encontrar nelles a sua subsistencia. Sobrevieralhe, depois, uma displicencia, quasi a se confundir com o *spleen*, amarga e crescente, d'essas cabriolas sediças, d'esse revolvido repertorio de jogralices tradicionaes, immutaveis, estafadas, remendadas com retalhos d'entremez e rebutalhos de burletas.

Sem saber porque, sentia a aspiração de uma arte que se não agachasse na recolta dos dixótes de bastidores, nem repetisse desconjuntos de titeres, mas fosse uma caricatura synthetica de idéas e acções, o traço carregado e hilariante, dolorosamente sardonico, do delirio humano em todas as suas expansões, desde as que o rebaixam ao similar das lesmas viscosas, 'té ás que o elevam ao icarismo dos condores arrogantes, uma fórma não usada, não feita, da satyra gesticulada, delineando no exaggero representativo o ridiculo das intenções.

Não lhe bastariam, para tanto, os esfalfados recursos acrobaticos. Sommers queria febrilmente, procurava afflicto, rebuscava delirantemente mais alguma coisa...

Que era?... Alguma coisa que devia existir; que ao certo existia, embryonaria, ou completada, esparsa pelos seres ou reunida em alguma parte desconhecida, sonho ou realidade... talvez o inedito... Fosse o que fosse!... mas que o enfermava, que o enloquecia quasi, pela grandeza do almejo nos estreitos limites do seu espirito inculto.

E, attento, esmiuçador, tentaculado inteiro por sua idéa, procurava esse segredo, combinando e desfazendo planos, criando e desenhando mentalmente figuras varias, aspectos imprevistos, detalhes impressionantes, approximando-se do vago debuxo d'uma harmonia bizarra, logo accentuada nas suas linhas componentes, logo aperfeiçoada nas suas juxtaposições, mescla de tintas em correspondencia reflexa de movimentos rhythmicos, o gesto e a côr, a eterna Fórma e o eterno Colorido completando-se reciprocamente.

Entrava, então, a avaliar, na mimica expressora d'uma determinada idéa, qual a *flexão* que lhe corresponderia, de que maneira conseguiria o accuso caricatural, qual a consonancia colorida que deveria externar, por assim dizer: *objectivar* a intenção. Delirava em torno do seu sonho, seguindo com o olhar, doentiamente crepusculado em vagares de outomno, a marcha tropega dos rafeiros churros e famintos, a ironia triste dos bohemios envelhecidos; perscrutava a pupilla, a atitude, os movimentos dos desamparados, os macilentos das enxovias que riem como os orangos e têm a inquietação farejadora dos roêdores, a concentração múrmura dos predestinados para as galés; fundia todo esse penoso estudo em torcicolos e mimicas, em esgares e tregeitos, a lhes descobrir a caracteristica, o flagrante, a nota dominante e certa, a expressão exacta sob o desmesurado da satyra, e, esgotado, alquebrado, volvia, pacientemente, a outras investigações, a outras analyses, esquecido de tudo quanto não estivesse no disco fascinante dessa obcessão, alheiado dos seus deveres, de suas gloriolas de arena, da sua propria existencia material.

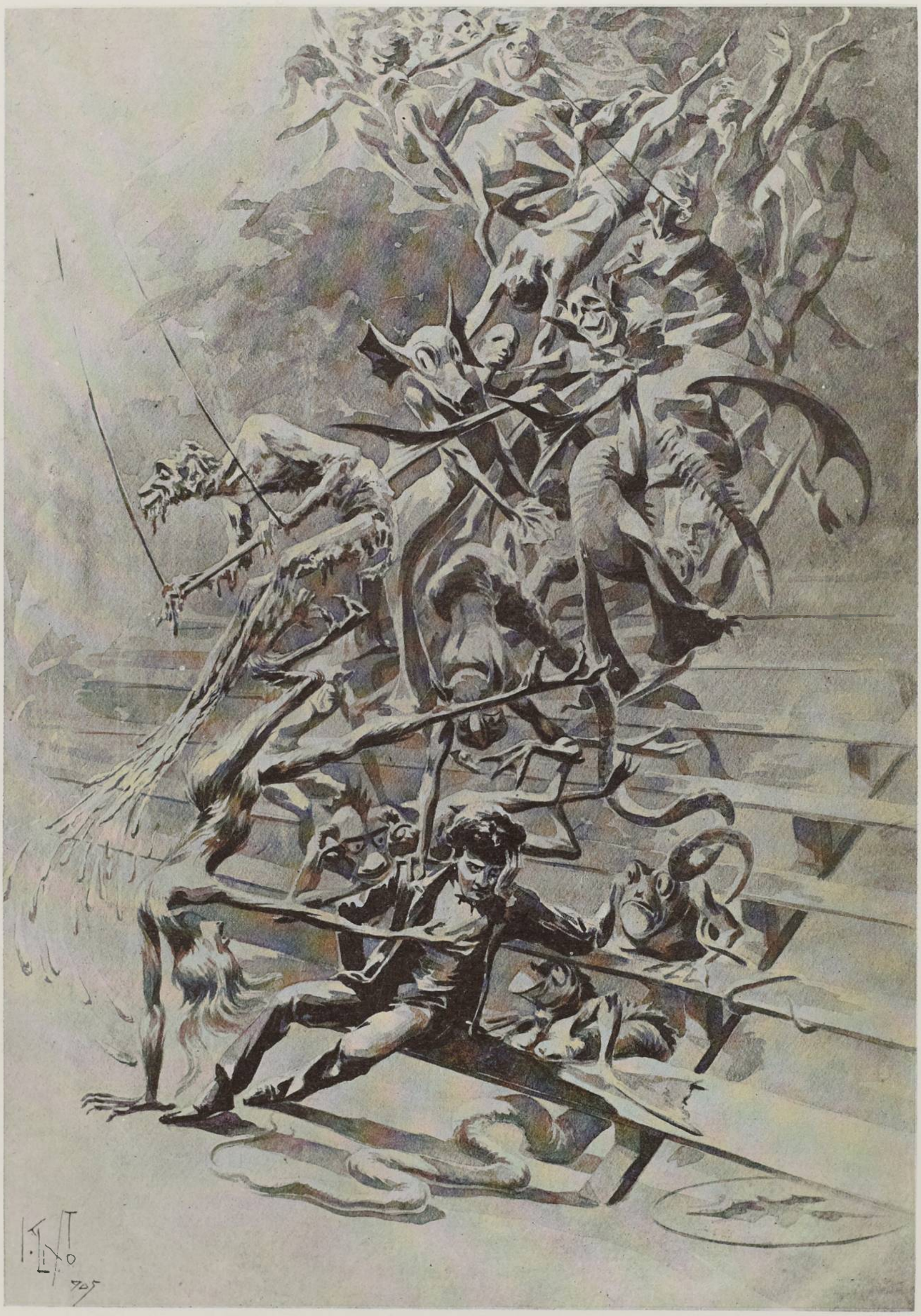
Gradativamente, emquanto mergulhava nessa ambição, emquanto sonhava e tacteava o tenebroso desse ignoto, perdia os favores dos emprezarios e a sympathia das platéas. Houve noite em que os silvos do desagrado lhe vararam o amor proprio. William vergou-se, cortado pelo desprezo da multidão que o afrontava com o riso alvar dos seus criticos, com o motejo idiota dos seus censores, e redobrou de esforços para extertorizar a expressão desejada, para precisar a mimica reveladora e emocionante com que sonhava. Mas, como conseguir essa coisa abstracta? Onde decobrir essa mysteriosa fórma inovadora, esse magico, encantado *novo*, que elle presentia e por cuja conquista se cansava?...

Debatia-se, exhausto, contra insuccessos, já perdido e desanimado no angustioso torvelhinho das chimeras, já illudido e alentado pela luminosa bruma de miragens promissoras.

Um dia acordou-se. A vida chamou-o á realidade: seus trabalhos não mais influiam nos lucros do seu bando; muitas vezes a fome adormeceu com elle esmagando-lhe a cabeça delirante nos torniquetes nevralgicos, após o supplicio das vigilias inquietas, que lhe estendiam sombras de demencia nos cansaços da idéalização. E percebeu mais nitidamente, mais pungitivamente a indifferença que o cercava. Não era só a multidão que vinha todas as noites encher a bancada do amfitheatro, pontear de caras os circulos concentricos do *picadeiro*, quem lhe offendia o orgulho; mas a gente da companhia, a gente da sua profissão, que o insultava com escarneos a essas tentativas, vexada em seus respeitos pela arte aprendida e tradicional, abalada em sua mediocridade por se comprehender incapaz de reformar os *exercicios* que suppunha immutaveis.

William encurvava os hombros humilhado e ferido, mergulhava as mãos n'algibeiras e lá se ia, arrastando passos vadios pelo granito das ruas, horas e horas, entregue ao accaso. A's vezes despertava de suas meditações na muralha d'um cáes deserto, ás vezes n'um pendor de estrada solitaria, fóra da cidade, e com o olhar fito na planura agitada das aguas ou nos barrancos das montanhas, indo para o illimitado, para o desconhecido, pelo mysterioso do horizonte oceanico; parado nos recalcos das ribanceiras ornamentadas de festões de avencas e redoiças floridas de madresylva, no emaranho das ramarias e docéis de frondes, esperava encontrar a fórma desejada e rebuscada, prevista n'um effeito de luz sobre a transparencia corcoveante d'uma onda espumosa, n'um estranho golpe de sol sobre o mosqueado da vegetação exubera.

E dia a dia, levado no deslizar dos scismares, foi penetrando, insentidamente, n'uma analyse subtil de fórmas e côres, observando os reptis, estudando-lhes os rastejos, os destendimentos coleantes, as suas precauções investigadoras, os seus arremessos alucinados. Subiu com o olhar ás alturas e attendeu aos movimentos kabalisticos dos corvos, a soturnidade de suas posturas, a espectativa presaga de seus olhares; alçou a vista ao



interior das florestas e notou o soberano languor dos felinos, a volupia de seus espreguiços e harmonico nervosismo de seus pinchos, a segurança de seus saltos... Comparou-os aos gestos humanos, calcou-os, fundiu-os e dessa fusão intuitiva, resultou um lugubre sardonico e máo, que correspondia a certas côres, a certas tintas tiradas do colorido decorativo das plantas raras, das enfermidades typicas das estufas — a prateada lepra das bigoneas, a gangrena asphixiante de algumas tuberosas, as escháras exoticas das orchidéas — e então combinou o seu *maillot* original, um tecido fulvo, a maneira de certos pannos mesclados de purpura e oiro da rica tecelagem d'Oriente; sobre elle, em successão ininterrumpta, de modo a cobril-o literalmente, minusculos bocetes em placas translucidas, de tom plumbeo, apenas presos por uma extremidade, formando escamosa superficie miúda e movediça. Assim vestido e assim fantasiado, era um maravilhoso monstro de lendas, cuja cabeça a morte substituira pela sua propria cabeça impressionante e fria.

E nessa noite, de repente, surdiu da farandula grasnenta dos palhaços, num arranco de trampolim — Up! — que o levou á altura dos trapézios.

Foi inesperado. Um sussurro de espanto espalhou-se pelos circo. Quando elle galgou a barra do apparelho, sussurrou, retremendo o ar, um som secco e longinquo de azas de agoiro, o cascalhar indiscriptivel de uma matraca de enterro que sôa por noite alta, no silencio de uma estrada, além... Pelo espaço coriscaram chammas vermelhas, num bafo de inferno. Os espectadores atordoaram-se e lá-cima, na oscilação do trapézio, viu-se o monstro acocorado, quêdo, outra vez da translucidez plumbea de aço horrivel. Os grandes olhos ardentes brilhavam em orbitas escavacadas a bistre, na lividez de uma ossamenta artificial apenas ria immovel, ria sem risos, a feia mandibula descarnada.

Agóra, tornára-se mais perturbador, porque se lhe notavam os meneios arrepiados e duros d'um fantastico, d'um funereo abutre noctivago, de cujo pescoço flacido pendia a caraça fatidica da Morte para a platéa estupefacta. A distancia confundia-o com a probabilidade d'um pesadelo. Havia pupillas que o fitavam com terror; em rostos exangues boccas descoradas retorciam gritos invocalisados. E Sommers respirou orgulhoso... Mas, se assim impressionava, porque lh'o não diziam pelo applauso?... Certo esperavam mais... Sim, talvez elle os arrebatasse n'uma outra prova... E o monstro sardonico, a caveira jogral, foi s'erguendo lentamente ao som de uma surdina ensaiada, foi s'erguendo como um pensamento máo que se levanta. Todo o seu esguio corpo acidulado acendeu-se, vagaroso, em sulferino de carvões ardentes, tremeu como uma pequenina chamma desperta. Mal se lhe via a mascara. N'essa lentidão crescente, era um crime que desponta n'um espirito em nevoas negras de tortura. Devagar o clarão se alastrava, a tentação crescia; relampagos de lavaredas bafejadas corriam sob o palpitar sonante das escamas agitadas, n'um ou n'outro movimento presto. De instante a instante, os gestos se succediam, dilatados n'um espreguiço, aberto n'um aceno acolhedor; eram a languidez de um carinho, eram a posse n'um amplexo... Subito, o incendio lavrou: o palhaço redomoinhou no espaço, como se houvesse agarrado, aniquilado alguma coisa. A quéda d'um chuveiro de chumbo estalou, surdamente, refrangiu o ar, passou... E a caveira voltou á sua immobilidade lá no alto, escura e fria, a rir sem risos.

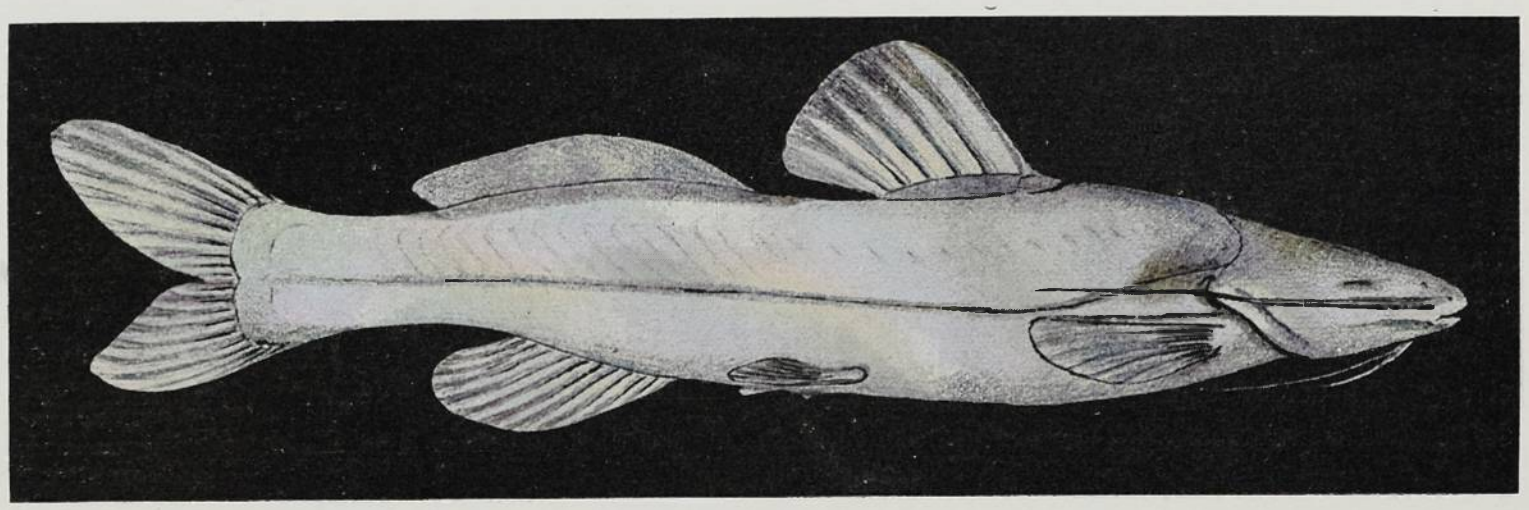
Um silencio pesava.

Então o monstro começou a mover-se, ora em arremessos, ora aos recúos. E a barra do trapézio, compassadamente, oscilou em vai-vens mais fortes, mais longos, mais largos, 'té estender-se pelo vacuo, em baloiço.

Mysteriosamente um agoiro soprou, algido e penetrante, no intimo de toda a gente: A Morte vôa!... A Morte vôa... lá pelas alturas!... E palpebras esgasearam-se, n'um presentimento; movia-se o ruido offegante do respirar de peitos que arquejam... E o corpo do *clown* voava d'extremo a extremo, voava vertical e rigido, de braços estendidos ás amarras do apparelho, semilhante a um griphus estonteado, sob o tecto do amphitheatro. Ao se avizinhar dos arcos do gaz, accesos e pendentes como candelabros, reluzia todo em frias brancuras de metal polido, em succedaneas e fulvas claridades de fornalha, fascinando e deslumbrando como ambições; mas, depressa esmorecia em deflagrações bruscas de calmaria tropical, transfigurando-se n'uma sombra negra e aterrorisante, de desespero vencido, ao se afastar da luz viva. Dir-se-ia que o mal pairava por ali, procurando o poiso d'uma alma.

De repente, porém, um rumor entontecedor, d'azas viris que se encolhem para flechar a distancia em assalto subito, o monstro varou para outra barra, adeante, e foi correndo,

UMA NOVIDADE ICHTHYOLOGICA



TYPHLOBAGRUS KRONEI

CABEÇA moderada, deprimida, contendo-se 4 vezes e 2/5 no comprimento do corpo (sem a nadadeira caudal); bocca anterior, com a maxilla superior excedendo, de pouco, a inferior, provida de labios finos que se adaptam, quasi perfeitamente, um ao outro e de largura contida 2 vezes e um terço, no proprio comprimento; barbilhões maxillares teretes, espessos na base, acuminando-se para a extremidade rapidamente e attingindo o apice das peitoraes, quando reclinadas sobre o corpo; barbilhões post-mentaes attingindo, no maximo, a axilla das ditas nadadeiras e os mentaes mal chegando á orla do preoperculo; narinas occupando os cantos de um quadrilatero regular, as anteriores na base dos barbilhões maxillares e tanto estas como as posteriores, providas de uma orla cutanea, muito baixa; fontanella imperceptivel, por causa da espessura da pelle; processo occipital muito curto e afastado da placa pré-dorsal; olhos apparentemente ausentes, ao em vez d'elles apenas uma depressão linear, mostrando a região orbitaria; espaço que medeia entre estas duas depressões, justamente egual a 1/4 da extensão que vae da ponta do focinho ao aculeo dorsal; aberturas branchiaes amplas, encontrando-se no isthmo, n'um ponto que fica no plano vertical das depressões orbitarias.

Tronco robusto, de altura contida 4 e 1/2 a 5 vezes no comprimento; peitoraes providas de um aculeo forte, porém, liso que attinge o plano do primeiro raio dorsal; ellas teem a ponta arredondada e quando reclinadas sobre o corpo, as pontas do segundo e terceiro raios, attingem o plano de implantação do terceiro raio dorsal; nadadeira d'este nome elevada, de altura maior que a base e tendo o aculeo modificado em ponta membranosa, no extremo livre; ventraes sem aculeo, não attingindo a anal e, nascendo logo após ao plano da base do ultimo raio dorsal; adiposa grande, originando-se áquem e terminando após a anal que é elevada e de contorno arrendondado; caudal furcada, com o lobo superior um pouco maior; linha lateral presente. Côr branca opalina, nos flancos; parte superior da cabeça, barbilhões maxillares, região clavicular, base e raios da dorsal, lado superior dos raios peitoraes, ventraes, anaes e caudaes, uma facha na base da adiposa, esta nadadeira e a linha lateral, de cor cinerea-azulada; isthmo amarellado; ventre branco — em 2 exemplares, no liquido preservativo. D'onde se conclue que, fóra das regiões escuras, o resto do corpo deve ser translucido, no animal vivo. D. 1+6; A. 12.

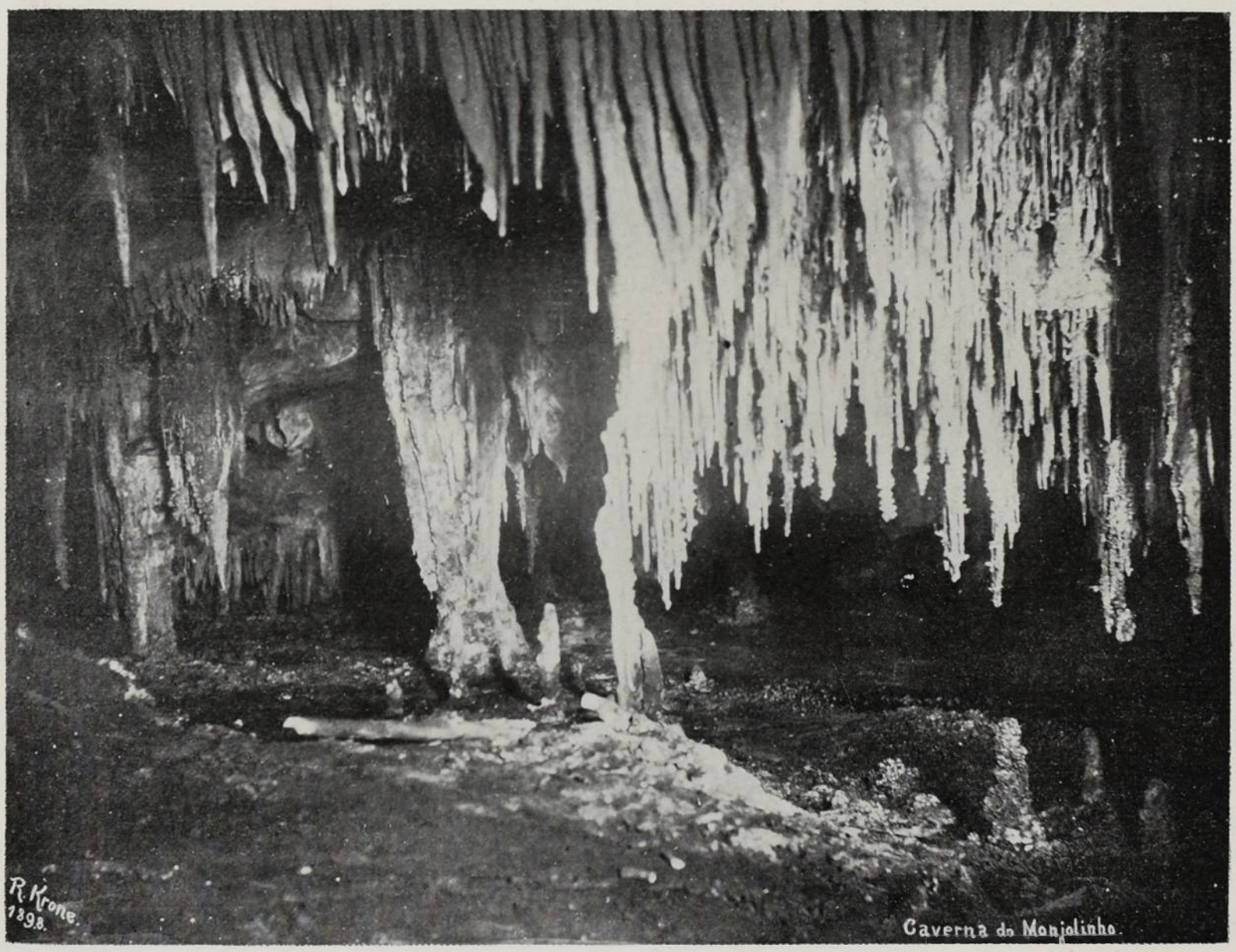
Tal é a descripção de um bagre, encontrado pelo sr. Ricardo Krone, de Iguape, em aguas das cavernas do Iporanga, tambem no estado de S. Paulo. E' este o primeiro peixe spelæícola constatado no Brasil e, como os outros da America do Norte (Amblyopsidæ) apresenta a particularidade de ser cégo. Tambem, é o primeiro bagre propriamente confinado á vida das cavernas, o que lhe trouxe em resultado essa atrophia dos orgãos visuaes.

Que genero de vida terá esse miserando recluso?

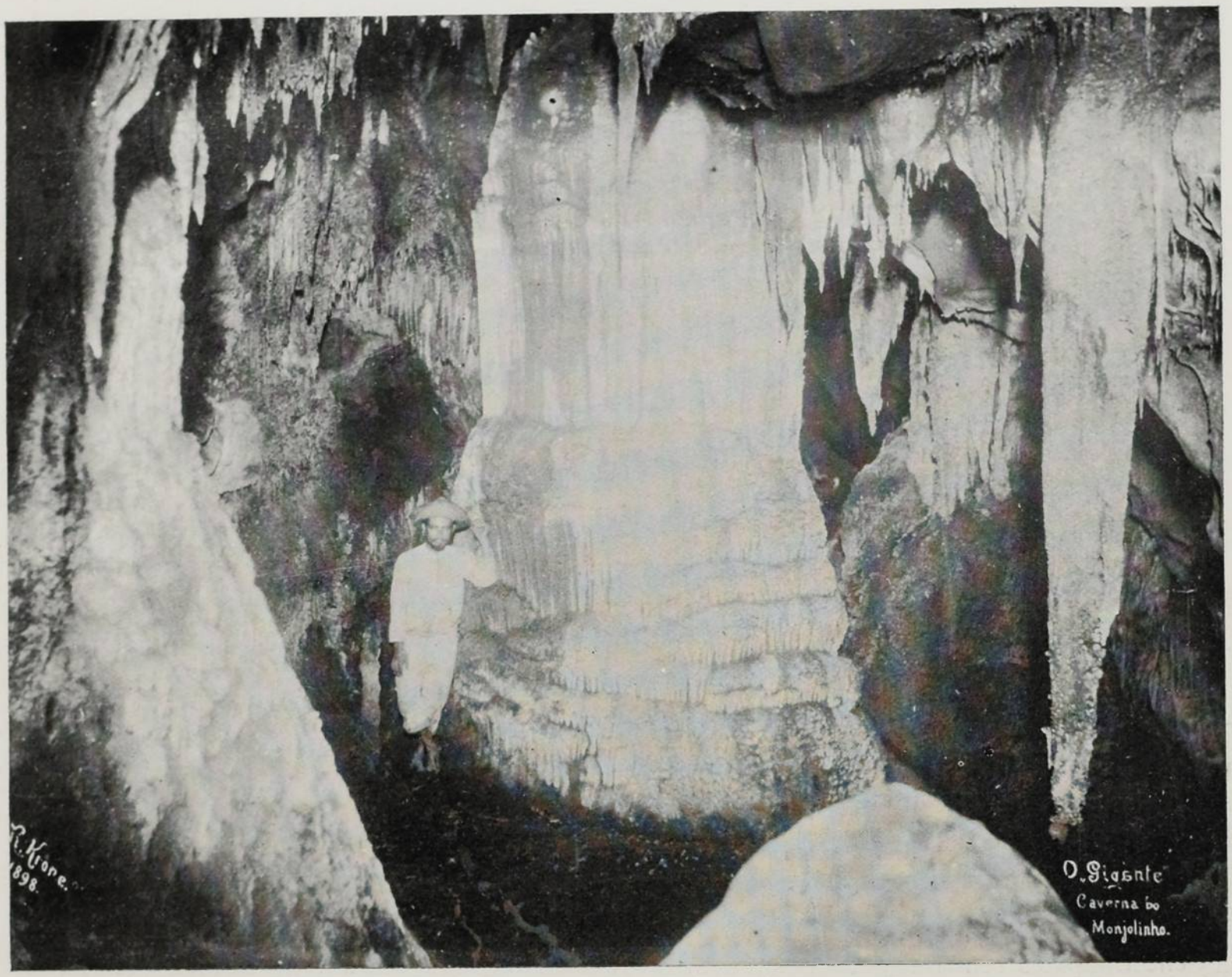
O estudo completo das aguas do Iporanga, em relação com a vida de *Typhlobagrus kronei*, seria muito interessante; e contamos que o Sr. Krone que tão bem já iniciou o estudo daquellas cavernas (*), queira se dedicar a este assumpto. Competencia não lhe falta; ao contrario, possue-a de sobra, para sahir-se magistralmente.

E quem, só por satisfação propria, procede aos estudos geologicos como os que elle executou, á sua custa, «em proveito do Museu Paulista,» no Brasil, onde quem se dedica á Historia Natural só encontra difficuldades, certamente folgará em contribuir para esclarecimento de phenomenos biologicos tão interessantes, como sejam: a evolução de um ser vivo, reduzido á

(*) Revista do Mus. Paulista, vol. III



«MONJOLINHO»—UMA DAS CAVERNAS DO «IPORANGA», S. PAULO, EM CUJAS AGUAS FOI PESCADO «TYPHLOBAGRUS KRONEI»



O «GIGANTE»—A MAIOR COLUMNA DA CAVERNA DO MONJOLINHO

meio differente do natural e a sua consequente adaptação, á esse novo meio.

Dedicando-lhe a nova especie, aqui descripta, prestamos-lhe uma justa e merecida homenagem, unica recompensa cabivel aos que, como Horacio, preferem a corôa de hera, da fronte dos doutos, aos demais premios da vida humana.

Rio, 10—XII—06.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO.

UMA SOCIEDADE SECRETA

DESDE os tempos do Brasil colonia existiram entre nós, em centros diversos de população, varias associações que envolviam no véo do mais denso mysterio os seus trabalhos e deliberações, todas mais ou menos destinadas a fins politicos.

Entre ellas esteve a Sociedade Literaria do Rio de Janeiro, que denunciada ao Vice-Rei em 1794 teve entre os seus membros presos e processados por *inconfidencia* o mavioso poeta mineiro Silva Alvarenga, que muitos pensam ter sido envolvido na mallograda conspiração de Minas Geraes.

Nos tempos do Brasil reino, do primeiro imperio e da regencia avultou o numero d'essas associações, em cujo seio se discutiam todos os assumptos que interessavam aos destinos do paiz.

A Maçonaria foi d'entre todas a que mais saliente papel representou nos acontecimentos que precederam a independencia, congregando em suas *Lojas* os proceres d'aquelle patriotico movimento, José Bonifacio, Gonçalves Ledo, José Clemente, Conego Januario da Cunha Barbosa, Fr. Francisco de Sampaio, Alves Branco a finalmente até o principe D. Pedro.

Lutas entre os liberaes com Ledo á frente e os reaccionarios guiados por José Bonifacio, causaram a dissolução da Ordem Maçonica, encerrados os seus trabalhos por ordem do já então Imperador, dias antes eleito seu Grão Mestre.

Mas tão no habito estavão essas associações, tal fascinação exerciam sobre o animo do jovem monarcha que José Bonifacio instituiu com elementos exclusivamente seus o *Apostolado;* deste fez parte Vasconcellos Drummond que jamais quizera entrar para a Maçonaria. (1)

No seio do *Apostolado* soffreu o projecto de constituição politica do paiz a sua primeira discussão; presidia-o D. Pedro com o titulo de *Archonte-Rei*

Tambem foi dissolvida essa Associação e violentamente, quando com a queda dos Andradas, apeados do poder pelos encantos da Domitilla, converteu-se em centro franco de opposição ao monarcha.

Foi no seio das sociedades secretas que se prepararam as revoluções de 17 e 24 no Nórte do Brasil; saliente papel desempenharam na revolução dos Farrapos.

(1) Annotações á biographia de Vasconcellos Drummond. *Annaes da Bibliotheca Nacional*—vol. 13

Proliferaram extraordinariamente no Rio nos tempestuosos tempos da Regencia, desde a Sociedade Militar que trabalhava pela volta de Pedro 1º, até o Club Maiorista que preparou o inconstitucional advento ao throno de D. Pedro 2º.

Na epoca, era natural essa tendencia para a formação das sociedades secretas; pela Europa inteira alastravam as *vendas* carbonarias, agremiando os espiritos liberaes, natural reacção aos esforços da Santa Alliança, preparando nos paizes de governo absoluto os movimentos liberaes.

Entre nós, e por virtude mesmo do seu desarrazoado excesso tinhão todas vida assás ephemera.

Producto ás mais das vezes de mera especulação politica, constituidas por individuos que só conspiravam para alcançar as boas graças dos governos, dissolviam logo que o chefe, o cabeça dirigente subia ao poder, acontecendo em muitas occasiões partir a ordem de dissolução do mesmo que as constituira.

De todas ellas resta ainda hoje a Maçonaria mas arrastando uma vida ingloria, desvirtuada em seus fins, convertida em uma verdadeira Irmandade beneficente, mercê dos elementos que a compoem; em suas sessões só ha torneios de inoffensiva rhetorica e trabalhando no Brasil, no seu seio a minoria é dos filhos do paiz.

Ora, ahi pelos annos de 1878 a 1882 houve quem em Pernambuco se lembrasse de crear uma Sociedade secreta á feição maçonica, destinada á defeza do throno e do altar, tendo como Protectores o Imperador e o Papa.

Existem na Bibliotheca Nacional dois *codices* que pertenceram ao fallecido monarcha, que fornecem larga noticia sobre a referida sociedade.

Têm por titulo:

Constituição da Maçonaria do Especial Rito Brazilheiro para as Cazas do Circulo do Grande Oriente de Pernambuco sob os auspicios de S:. M:. Imperial S:. D:. P:. S:. Imperador do Brazil, da Familia Imperial e S. Santidade Pontificia.

e

Caderneta Nominal dos Socios da Nob:. e Aug:. Caz:. Maç:. do Esp:. Rit:. Braz:. Cor:. Liv:. e Pop:. propagada e installada em Pernambuco.

Foi seu fundador o negociante José Firmo Xavier, que se condecorou com o imponente titulo de Grande Chefe Propagador *ad vitam,* devendo ser em caso de morte substituido por um Grande Chefe Conservador.

Eram considerados grandes Chefes Protectores com o gráo 23 *S:. M:. I:. S:. D:. P:. S:. Imp:. do Braz:. Sen:. Gr:. Mest:. Prot:.*

tamanha violencia, que teve de fugir trocando apenas alguns tiros. Garibaldi ergueu-se de repente e, dando o signal de alarme, reuniu a sua gente. Se a força imperial não houvesse logo cessado este primeiro ataque, naturalmente receiosa de um inimigo que não podia avaliar sob as trevas cerradas, a debandada e carnificina dos *farrapos* teriam sido, nessa mesma occasião, absolutas, totaes. Mas Mello Bravo não soube utilizar a opportunidade e só ao romper d'alva, volveu á acção, attravessando o rio com um troço de cavallaria e collocando-se em frente aos outros, á distancia, em attitude de accommettida.

«Outro qualquer que não fosse Teixeira, como diz Garibaldi em suas *Memorias*, teria immediatamente enviado um proprio a chamar as forças de Aranha, contentando-se em entreter leve tiroteio emquanto essas forças não chegassem». Mas o coronel republicano era um impetuoso e, receiando ainda «o inimigo lhe fugisse sem offerecer combate», atacou-o furiosamente. A cavallaria *farrapa*, vendo-o fugir sem mais resistencia a essa primeira refréga, suppôl-o vencido e correu a perseguil-o. Com isso contava o chefe imperialista, que havia astutamente disposto a sua gente em pequenos pelotões pelo caminho e conservando a maior parte d'ella para além do *passo* do rio e de um valle arborisado estendendo-se ao sopé de duas collinas separadas por estreita garganta, para a qual esperava attrahir a força inimiga e desbaratal-a por completo. Teixeira irreflectida e inconscientemente encarregou-se de dar todo o exito a esse plano do adversario, sahindo-lhe assim impetuosamente no encalço, sem cuidar na eventualidade, aliás de prever, de que os imperiaes tivessem maiores forças occultas pelas mattas e cochilhas em torno. Seguia-os assim quando de repente foi assaltado por novos pelotões inimigos que o obrigaram a estacar por instantes, dispersando-lhe alguns soldados, mas unindo-se aos outros e logo com elles fugindo. O coronel *farrapo*, reorganizando préstamente os seus esquadrões, voltou á carga e perseguição, com impeto maior ainda. Entretanto, o major Jacintho, que ia na frente e já muito distanciado, chegando a um ponto de onde dominava perfeitamente o campo para lá do *passo* do rio, avisou-o de que o inimigo atravessava apressadamente e em desordem, para a outra margem, levando todo o gado e cavalhada que trazia. Activaram então a disparada, fazendo numa hora cerca de tres leguas de caminho! Ao chegarem ás collinas que se erguiam junto ao *passo* do Marombas é que se aperceberam do *laço* em que tinham cahido, pois os imperialistas, desemboscando-se subitamente, cahiram sobre elle com os seus quinhentos homens de cavallaria, envolvendo-os num torvellinho em que o massacre foi horrivel. Os poucos que escaparam da força de Teixeira, quasi toda composta de prisioneiros do combate de Santa Victoria, deitaram a fugir em dispersão na campina. De sorte que só o bravissimo commandante republicano e o major Jacintho, com uma dezena de homens leoninos, ficaram ainda resistindo em meio á derrocada geral da sua cavallaria...

Garibaldi, que recebera ordem de avançar com a infanteria na maior rapidez possivel, escolhendo um punhado dos seus melhores homens e deixando o restante da gente com o major Peixoto, jogou-se a correr para o ponto onde se concentrara o mais renhido da peleja. Mas observando a derrota total da cavallaria *farrapa* procurou, não rehaver a victoria — o que já era impossivel — mas resistir a pé firme, em local adequado á sua arma, e reunir em torno a si dispersos e fugitivos. Relanceou então um olhar genial pelo terreno em volta e, descobrindo uma alta collina coroada por pequena matta que era como uma fortificação natural, apressou-se em occupal-a, já sob as primeiras cargas da cavallaria monarchista que elle mantinha á distancia debaixo de nutrido e mortifero fogo de fuzil. O seu maior esforço fôra galgar o viso desse monte e cobrir ou apoiar a sua rectaguarda na orla do bosque para resistir até á noite, afim de operar uma retirada segura para algum ponto da campina onde podesse escapar ao furor inimigo e tentar depois reunir-se ás forças do coronel Aranha, em Lages ou na Vaccaria...

III

Alcançado, como vimos no começo, o cimo estrategico da collina, Garibaldi resistiu ao inimigo com uma bravura invencivel. Este porém, cuidando reduzil-o a uma capitulação que parecia imminente, redobrava as suas cargas: e era um avançar e recuar nunca visto, em que perdia vidas e vidas. Por fim os assaltos rarearam, pelo empinado da encosta e a fadiga dos cavallos. Já tambem as munições republicanas escasseavam e a vaga apprehensão de uma entrega — pois o sol inda ia alto — surgia, agora, em todos. Garibaldi, no emtanto, calmo e firme como sempre, não desanimava um instante, aguardando a chegada de Annita, que ficara para traz com as munições e bagagens, e devia já andar proximo d'alli. Entretia, pois, um leve fogo, olhando

de vez em quando a planura do outro lado, onde ella, de certo, não tardaria a apparecer com o seu piquete de lanceiros e os cargueiros que trazia...

Annita, com effeito, que acompanhara de longe as manobras da infanteria, apressava a sua marcha para a collina, anciosa por juntar-se a Garibaldi, temerosa justamente de que as munições lhe viessem a faltar, em meio ao tiroteio renhido. Mas, apezar dos seus esforços, a marcha continuava morosa, porque os animaes, muito reduzidos em numero e sobrecarregados, vinham que quasi não podiam, estropiados, *varados* pelas trinta leguas de caminho desde a Laguna até áquella região de serra acima. Comtudo, ao ouvir que o tirateio amortecia e pensando que isso podia ser, talvez, a escacez das munições que começava entre a gente que se batia na collina contra a cavallaria, tentou uma suprema energia, gritando aos do seu piquete:

— A galope, camaradas! que os nossos estão lá em perigo. A galope! custe o que custar...

E rompeu na frente, em disparada no seu gineto magro, a montaria ao vento, duas pistolas á cinta, a carabina atravessada no arção, espada em punho a faiscar ao sol, cabellos soltos sobre os hombros, tendo á cabeça um chapéo de abas largas, em cuja ampla fita escarlate se lia este móte expressivo: PATRIA E LIBERDADE. Parecia uma figura antiga, uma Amazona lendaria.

Os soldados não vascillaram um momento; e, esporeando os cavallos que parecia irem cahir a cada passo como os pobres muares de carga, largaram a galopar após ella...

IV

A's 5 horas mais ou menos, guiada sempre pelos tiros, Annita subia com o seu piquete, a coberto do inimigo, a contra-encosta da collina, em direcção ao alto arborisado onde a infanteria *farrapa* fazia prodigios de valor ante a cavallaria de Mello Bravo. Quando Garibaldi e os seus a avistaram, foi um delirio de alegria. Todos irromperam, então, em grandes brados de enthusiasmo:

— Morram os imperialistas! Vivam os republicanos! Viva a Liberdade!...

Provida agora de munições e engrossada com os quinze ou vinte homens de Annita, que foi postar-se bem á linha da frente do quadrado, ao lado de Garibaldi, a incomparavel phalange democratica voltara a fazer fogo de horror sobre a grande massa da cavallaria inimiga que a atacava por todos os lados, menos daquelle onde se erguia o bosque — o principal apoio dos republicanos — que d'ahi haviam retirado uma linha de homens e com ella dilatado o quadrado numa formatura exquisita.

Entretanto os cavallarianos monarchicos dir-se-iam enloquecidos sob o chuveiro de balas, atacando os garibaldinos com impetuosidade nunca vista, não obstante a declividade brutal do terreno que fazia *rodar* os cavallos, precipitando-os, com cavalleiros e tudo, encosta abaixo até á planicie rasa. Mas, a certa altura a luta, parou-se formidavel. A infanteria *farrapa* foi envolvida e, condensada em um nucleo vomitante de fogo ao centro dos que a cercavam, entrou a descer em torvelinho pela outra banda da collina até á campina plana onde Garibaldi, vendo tudo perdido, num ardor sobrehumano e com genialidade, conseguiu metter de novo em quadrado.

Mas na confusão e amálgama indisiveis em que tinham vindo as duas massas combatentes do cimo da collina até alli, não fôra possivel ao grande cabo italiano de mar e terra abrigar no centro do quadrado a insigne Amazona querida e o pelotão das bagagens. Assim, nesse instante, emquanto a cavallaria imperialista atacava em globo o quadrado, ella, a cavallo, e seguida de cargueiros e lanceiros do seu pelotão que haviam logrado escapar, lançava-se a toda brida no campo, a salvar as munições e a sua gente. Emtanto um piquete legal de 20 homens, commandado pelo capitão João Gonçalves (*) sahiu a perseguil-a, e, bem montado como estava, poude em pouco alcançal-a, intimando-a a render-se. Annita, concitando á resistencia os soldados, respondeu a fogo á intimação e engajou vigorosa acção com o inimigo, recebendo então dois tiros de pistola — um que lhe arranca o chapéo e alguns anneis dos cabellos, o outro que fulmina o cavallo em que montava. Não obstante, e mesmo a pé, tira da espada e resiste por algum tempo. Mas a luta era ter-

---

(*) Diz a lenda que João Gonçalves era noivo de Annita, quando as forças *farrapas* invadiram e tomaram a Laguna. Não é verdade. Como documentalmente provamos em a nossa obra *Garibaldi e a Republica Rio-grandense*, Annita, a esse tempo, era casada com o embarcadiço José Manoel Duarte, que abandonou a Laguna com as forças legaes que a defendiam. Fascinada por Garibaldi, apenas o viu, Annita teve, de certo, por elle a primeira e unica paixão da sua vida, e tornou-se desde então a sua melhor e mais fiel companheira. Bateu-se ao lado delle em toda a guerra de 1835-45 e esposou-o depois (já o marido era morto), em Montevidéo, na igreja de S. Francisco de Assis, a 6 de março de 1842.

rivel e desigual, e ella, por fim, cáe prisioneira com os seus, bradando porém virilmente:

— Viva a Republica! Abaixo o Imperio!

V

Não longe d'alli, sempre a braços com a tenaz e numerosa cavallaria imperial, a pequena força de Garibaldi — 73 homens apenas!—recuava agora, tácticamente, em direitura a um capão que se erguia proximo, como uma guarida e salvação suprema.

O sol descia já no poente, cobrindo com uma luz de ouro leve a immensa campina verde. Collinas e bosques longinquos velavam-se lentamente na sombra. As aguas do Marombas, faiscavam, aqui e além como uma faixa de prata. Para oeste as devêsas de Lages faziam uma renda de bronze sobre a barra fulva do occaso. E toda essa paizagem soberba, coroada pela cúpola azul do céo esplendido, assistia indifferente á horrorosa carnagem da maior luta fratricida em que se radicaram, primeiro, os alicerces da nossa liberdade...

Quando a noite cerrou inteiramente, já a spartana columna *farrapa* se asylava pacificamente numa vasta clareira no seio do capão, que, com os seus bastos troncos e folhagem, a acolhera protectora e salvadoramente. Ahi mesmo, porém, ainda o perigo a cercava, pois a cavallaria legal, rondando em torno, intimava a altos gritos:

— Entregai-vos, *farrapos*, porque estais prisioneiros!

Echoando desoladamente lá dentro, esta vós da intimação inimiga parecia ainda uma ameaça de morte, sem salvação possivel — e um desanimo inenarravel apoderava-se de todos, quando Garibaldi, que não fraquejava jamais, concitou-os a partirem, abrindo-se uma picada pelo centro da matta até as planicies do outro lado, de onde poderiam demandar Lages e reunir-se ás forças de Aranha ou de outros quaesquer chefes *farrapos*.

Apezar de derreados pela extrema fadiga e a fome, porquanto os cargueiros de munições de guerra e de bocca tinham sido aprisionados com Annita, officiaes e soldados achavam excellente o alvitre. E, organisada uma marcha á formiga, com os feridos ás costas, suspenderam acampamento, seguindo o invensivel Garibaldi, que, á frente da columna, com uma guarda de quinze homens dos mais robustos e sãos, de espada e sabres desenbainhados, ia abrindo a passagem. Até á madrugada caminharam, caminharam. Mas, á sahida da floresta, o temor de que o inimigo os houvesse seguido para ahi os atacar, avassallou tão fundamente a todos que, ao subito rumor de pôtro chucro fugindo aos saltos entre os troncos, os soldados recuaram gritando:

— O inimigo! O inimigo!

Garibaldi então, efficazmente secundado pelo bravo major Peixoto, que mal podia caminhar com um ferimento no pé, correu a reunil-os, e, com aquella energia inelutavel que todos lhe conheciam, empurrou-os para frente, fazendo-os voltar á marcha.

Ao nascer do sol cahiram em campo raso, tomando a estrada de Lages, livres já do inimigo que ficava para traz...

VI

Prisioneira Annita foi levada ao acampamento imperial onde Mello Bravo e seus officiaes a trataram com respeito, rendendo homenagem ao seu heroismo.

Tinha descido a noite, limpida e de luar. Uma tristeza profunda e tragica envolvia o campo inundado de sangue e alastrado de mortos, onde alguns piquetes imperialistas andavam a levantar os feridos e enterrar os cadaveres. A cada instante chegavam escoltas trazendo os objectos bellicos encontrados e noticias sobre algum morto de valor. Entre estas veio, de repente, a de que Garibaldi havia perecido, pois fôra achado o seu ponche, que um official entregara ao commandante legal.

A' tão dolorosa noticia, Annita que se mantivera até alli altiva e serena, ficou esmagada e desandou a chorar. Atordoada e perdida de afflicção, quedou-se assim por instantes. Mas, numa dessas intermittencias que têm mesmo os grandes golpes, lembrou-se carinhosa e piedosamente de ir procurar o cadaver desse vulto para ella incomparavel e extremosamente amado. E foi, resoluta, á presença de Mello Bravo, pedir concedesse-lhe a graça de ir procurar o corpo do grande chefe republicano ao campo de batalha. Mello deferiu-lhe immediatamente a justa supplica. E ella logo partiu, sósinha, sob uma nova crise de dôr, vivamente a soluçar.

Percorreu horas e horas toda essa arena de luto e morte a revolver cadaver por cadaver, sem encontrar felizmente o de Garibaldi. Certificou-se assim de que elle estava salvo e, restituida assim á sua força e calma, voltou,

já pela madrugada, á barraca onde se achava prisioneira e com sentinellas á vista.

Desde esse momento premeditou fugir e ir unir-se a Garibaldi, fosse como fosse, custasse o que custasse. Sabia das difficuldades que a cercavam, mas não pensava n'outra coisa. Até que, uma noite, altas horas, em instante feliz e asado, lançando-se de rastros pelo chão como um reptil, para não ser presentida por ninguem, logrou atravessar todas as linhas das forças imperiaes, e fugir, pelos campos da Forquilha, em direcção a um casal que encontrara á orla de um bosque, quando marchava com as bagagens para a collina onde resistia Garibaldi.

Os habitantes desse casal acolheram-lhe com carinho e, apenas souberam do seu infortunio e do estado em que se achava (gravida de um mez e pouco (*), deram-lhe um cavallo e facilitaram-lhe por todos os meios a fuga...

VII

Numa noite tempestuosa, em que os fuzís e trovões desolavam tudo, d'envôlta com uma chuva diluvial e ventania tremenda, deixou corajosamente Annita a choça que a albergava, e, montada em pello num bello animal, que tinha por freio e rédeas um barbicacho de corda de embira, sahiu a toda disparada para o *passo* do rio Canôas, em demanda da de Lages.

As vedettas monarchicas ahi postadas, vendo-a apparecer de repente nessa galopada infernal, tomaram-n'a por uma Apparição, um Genio da noite ou da borrasca, e fugiram espavoridos, sem de leve pensar em detêr-lhe o passo.

Mas o rio ia já cheio a inundar as margens e o corcél da heroina americana, ao galgar a barranca opposta áquella por onde se mettera á agua, dera um tranco brutal, e ella, embora fosse uma perfeita Amazona, cahiu estendida no chão. O cavallo, esperto mas muito manso, estacara pouco adiante. A fugitiva levantou-se logo e galgou-lhe de novo o dôrso, reatando a disparada em que ia, emquanto no céo da noite morta uivava o molosso do vento, roncava a bombarda das nuvens eléctricas, desabavam cargas d'agua, numa *mise-en-scène* sinistra de fitas de fogo instantaneas correndo, fulvas, no espaço...

VIII

Oito dias depois, á frente de uma força *farrapa* que buscava a villa de Lages, a incorporar-se ao «exercito republicano dos pampas», a Amazona gloriosa cahia, alegre e feliz, nos braços carinhosos do *condottieri* immortal.

VIRGILIO VARZEA.

(*) D'ahi ha mezes (16 de setembro de 1840) em Mostardas, Rio Grande do Sul, Annita dava á luz o primeiro filho de Garibaldi, que recebeu o nome de Menotti e veio a ser depois logar-tenente do pai nas lutas pela unificação da Italia e na campanha Franco-Prussiana em 1870, fallecendo em 1905 como general honorario do exercito italiano.

A FRATERNIDADE UNIVERSAL

(Commemoração do Feriado Nacional de 1º de Janeiro)

ESTUDANDO a existencia animal no tempo e no espaço, verifica-se que ella resulta fundamentalmente do concurso de pendores que mantêm a integridade de cada ser e concorrem para o congraçamento, em gráos diversos, de todos os seres.

Essa dupla funcção attinge a maxima itensidade nos animaes superiores, especialmente no homem.

A theoria positiva do cerebro humano esboçada por Gall, completada, aperfeiçoada e systematisada por Augusto Comte, demonstra que os nossos pensamentos e os nossos actos são inspirados sempre pelos nossos sentimentos, e estes sentimentos pertencem a duas categorias: uns se referem á nossa vida pessoal, e são os nossos instinctos de conservação e de aperfeiçoamento, o nosso orgulho, a nossa vaidade, em uma palavra, o nosso interesse e a nossa ambição; outros se relacionam á vida social, e são o apego para com os nossos iguaes, a veneração para com os nossos superiores e a bondade para com os nossos inferiores; em resumo, a natureza humana é composta da *carne* e da *graça*, segundo a linguagem de S. Paulo, ou de *egoismo* e de *altruismo*, pela classificação scientifica de Augusto Comte.

São os pendores altruistas que levam o homem a associar-se, e é a sociedade que os desenvolve successiva e simultaneamente. São elles que fazem surgir os seres collectivos cuja constituição, situação e destino offerecem a mais completa analogia com os individuos de que se formam. São verdadeiros motores sociaes. Sem elles a sociedade é impossivel. A propria existencia individual se torna precaria, oscilla entre a agitação e o torpor, si os moveis do altruismo não preponderam como motivos das satisfações egoistas. Assim, si o homem consegue realisar uma existencia mais ou menos feliz é porque os sentimentos benevolentes lhe são os supremos directores da vida. Amar torna-se então o principio e o fim da existencia. Tudo se resume no Amor; elle symbolisa a realidade inteira. «No mundo nada existe de real sinão amar» — escreveu com verdade e com belleza celebre romancista, presentindo, numa sentença literaria, a formula scientifica que o Philosopho demonstrou.

Durante uma epoca immemorial, o Amor, a principio vago, indeterminado, contínua e constantemente assaltado pelas ciladas do mais grosseiro egoismo, conseguio apenas a formação de grupos rudimentares, temporarios, sem uma verdadeira constituição social. Mais tarde, porém, os instinctos sexual e materno, disciplinados pelo apego, instituiram a sociedade fundamental, o primeiro ser collectivo — a Familia.

Por muitos seculos, por millenios talvez, foi esta a unica sociedade perfeitamente definida, até que o desenvolvimento da actividade pela conquista, que exigia o concurso dos membros de familias diversas para uma empreza commum, fez surgir o novo ser collectivo, que as Theocracias esboçaram na instituição das castas e Roma creou definitivamente — a Patria.

Emquanto o laço que une os individuos na Familia é o apego, o que congrega as familias na Patria é a veneração.

Estas duas existencias compostas, geralmente admittidas e consagradas, se distinguem ainda pelo caracter dominante de cada uma dellas em relação com a nossa triplice faculdade cerebral. A Familia é um concurso de corações; nella preside o sentimento; é o tabernaculo do Amor. A Patria é um concurso de caracteres; nella domina a actividade; é o imperio da força. Em ambas se desenvolve a amizade mais geral — a Fraternidade.

Nascida na Familia, onde tira seu nome das relações entre irmãos, estende-se á Patria pelas ligações entre os filhos da mesma cidade ou do mesmo paiz; irmão e concidadão exprimem gráos diversos mas analogos da fraternidade, que é assim, primeiro domestica e depois civica.

Esta dupla creação da Familia e da Patria, a fraternidade domestica e a fraternidade civica, se completa pela sociedade planetaria, que se desenvolve em toda a Terra, como as duas primeiras na Casa e na Cidade, e que resume todas, resultando da expansão do mais nobre e menos energico dos instinctos sympathicos — a bondade.

O amor dos inferiores que a Edade-Media admiravelmente cultivou, a dedicação aos pequenos e aos fracos, o que é o objecto principal da *caridade christã*, pertençam os pequenos e os fracos a quaesquer familias ou a quaesquer patrias, determinou o surto de uma associação mais vasta, conjuncto de familias e patrias, que constituio a *Christandade* ou melhor a

Occidentalidade, conforme a interpretação positiva desse phenomeno.

Organisando realmente a Occidentalidade, mas aspirando á universalidade, o Catholicismo presentio o ultimo sêr collectivo que a sciencia, regenerada pelo genio de Augusto Comte, assignalou e demonstrou de modo completo e definitivo, revelando a Humanidade.

As relações fraternas circumscriptas ao lar e á cidade estendem-se finalmente ao planeta inteiro; abrangem o Passado, o Futuro e o Presente; congraçam todos os seres, homens, animaes, plantas e cousas; tudo que na Terra e no Espaço concorreu, concorre e ha de concorrer para aperfeiçoar a ordem universal.

Assim completa-se a série dos entes collectivos oriundos das expansões suculares do altruismo em suas varias manifestações: o amor do lar, o amor da patria e o amor de todos os seres. Commemorar o amor do lar, a fraternidade domestica, é celebrar a festa da Familia; commemorar o amor da patria, a fraternidade civica, é celebrar a festa da Patria; commemorar o amor de todos os seres, a fraternidade universal é celebrar a festa da Humanidade.

Ora, o feriado nacional de 1º de Janeiro, segundo o decreto n. 155 B de 14 de Janeiro de 1890, assignado pelo Governo Provisorio da Republica, redigido de accordo com as ideias philosophicas dos membros desse governo, Benjamim Constant e Demetrio Ribeiro, é consagrado á *commemoração da fraternidade universal*. Conseguintemente a festa de 1º de Janeiro é a festa da Humanidade. Nesta data o Brazil, rompendo com um patriotismo estreito, collocando-se acima dos preconceitos de nacionalidade e de raça, celebra annualmente a confraternisação de todos os povos, de todas as raças, e consagra ao mesmo tempo os costumes dos nossos antepassados, que sempre festejaram, atravez de todos os mythos, a aurora de um novo anno.

Mas uma festa é uma expansão de amor. Si para conhecer é preciso primeiro amar, é certo tambem que melhor se ama quando se conhece mais. E' então que a inclinação se muda em affecto; que a sympathia se transforma em amor.

Conheçamos pois a Humanidade para mais amal-a e melhor sevil-a.

Que é a Humanidade?

A' primeira vista parece que a suprema existencia deve ser definida como o conjuncto de tdos os homens. Mas não é tal a concepção positiva, scientifica do maior des seres collectivos. Entre os homens ha os que vivem como elementos parasitas, inuteis e nocivos ao grande organismo; d'ahi não poderem ser considerados sociologicamente como homens. Por outro lado, grande numero de especies animaes, biologicamente diversas do homem, collocadas em gráo inferior na serie vital, são orgãos uteis, indispensaveis á existencia e desenvolvimento da Humanidade. Taes seres fazem parte do divino organismo; são sociologicamente homens. Eis porque o supreme interprete da Humanidade a definio— *o conjuncto dos seres passados presentes e futuros que concorrem livremente em aperfeiçoar a ordem universal*, ou, usando de uma formula tão bella quanto philosophica,—*o conjuncto continuo dos seres convergentes*.

Este magestoso conjuncto forma um ente real com todos os caracteres distinctivos de um verdadeiro organismo. A suprema existencia realisa mais que qualquer outra a combinação da independencia e do concurso. Cada individuo é para a Humanidade o que a cellula é para o individuo. Assim como a independencia da vida cellular não é imcompativel com o seu concurso para a existencia de qualquer ser vivo, assim como cada ser renova quotidianamente as suas cellulas, desde o nascimento até a morte, sem perder por isso a sua individualidade, a Humanidade, o maior dos seres conhecidos, o supremo organismo mantem a sua realidade, a sua integridade, apezar da independencia dos seus orgãos e da renovação continua delles.

Além de real e immenso, é eterno; não de um modo absoluto como os deuses antigos, mas relativamente á grandeza e duração dos outros organismos.

E' immenso, porque abrange todas as familias, todas as patrias, todas as raças, o planeta inteiro.

E' eterno, porque sua origem perde-se no mais remoto passado e o seu fim desapparece no mais longinquo futuro.

E' summamente bondoso, sublimemente sabio, grandiosamente poderoso, porque a sua bondade, o seu saber e a sua força arrancaram o mundo do primitivo cahos, transformando pouco a pouco o valle de lagrimas em jardim de delicias, em paraiso terrestre, que será o mundo do Porvir, a Terra de amanhã.

A Humanidade possúe assim os attributos divinos, ficando humana; os caracteres de uma deusa que a sciencia demonstra e a arte modifica e aformosêa. E' uma deusa sem o orgulho e a vaidade das divindades que a precederam, como o deus medievo, o qual, referindo-se ao homem, diz, na linguagem da IMITAÇÃO:

«tu mei indiges, non ego tui indigeo, eu te sou necessario, e tu me és inutil». A Humanidade, embora deusa, depende dos seus adoradores; é o summo bem, a summa sciencia, o summo poder, mas não o será si os seus orgãos individuaes não concorrerem parcelladamente para a sublimidade do seu amor, a vastidão da sua sabedoria e a grandeza do seu poder.

Este ente superior, verdadeiro Ser Supremo, revelado de um modo systematico e definitivo pelo maior dos seus filhos, realizou através das éras e realisa ainda uma longa, penosa mas admiravel evolução.

Desprendido apenas da animalidade primeva, sahido da noite das cavernas, descobre o fogo, *o mestre de todas as artes*, como lhe chama Eschylo pelos labios de Prometheu. Funda a familia e institue o culto dos mortos. Volvendo os olhos ao céo, ergue altares ao sol e aos outros astros. Lança as bases do methodo subjectivo. Assimila todos os seres ao typo humano, espalhando sobre homens e cousas, animaes e plantas as primeiras graças do amor, os primeiros germens da sociabilidade. Realisa emfim a sua primeira unidade religiosa, commum a todos os seus filhos, a unidade fetichica.

Seculos decorrem. Os fetiches se transformam em deuses. Familias se congregam sob a direcção de um chefe ao mesmo tempo guerreiro e padre, que dirige os homens na guerra e lhes interpreta as vontades divinas. As populações se dividem em castas e prepondera a casta sacerdotal. Pela hereditariedade das profissões, conservam-se e melhoram-se os conhecimentos adquiridos. O prisioneiro, dantes sacrificado, se transforma em escravo. Esboçam-se noções encyclopedicas sobre a ordem universal, especialmente sobre o homem, que é então pela primeira vez assignalado como o centro convergente de todas as meditações. *Conhece-te á ti mesmo* — é a maxima fundamental desses tempos. A Humanidade realisa então a mais completa unidade religiosa, que sob a forma theologica jamais existio; é a unidade theocratica; a theocracia inicial.

Mas era precoce, era prematura essa organisação. As faculdades do Grande-Ser não estavam sufficientemente desenvolvidas para serem coordenadas; o regimen das castas breve tornou-se despotico e retrogrado. Rebenta a revolta dos opprimidos e a Humanidade evolve mais ou menos desordenadamente.

A intelligencia primeiro, depois a actividade e em seguida o sentimento, durante trinta seculos, prepararam ao divino organismo o seu regimen final.

A Grecia elabora as maravilhas da Poesia, da Sciencia e da Philosophia, resumidas nos seus genios extraordinarios, symbolizados na triade sublime: Homero, Archimedes e Aristoteles.

Roma consagra a actividade, á conquista do mundo fazendo a guerra para impôr a paz como nos recorda o verso de Virgilio,—*pacis imponere morem*—e prepara o theatro humano incorporando os povos assimilaveis em torno de uma cidade, que é a unica patria de todos. Pelo orgão de seus Senadores e depois pelos mais dignos dos seus Inperadores realisa esse concurso assombroso de actividades estendendo o mundo, que educa segundo as luzes do espirito grego, dignificado pelas virtudes civicas extraordinariamente cultivadas.

A Edade-Media afinal, reduzindo as influencias divinas pela crença num unico deus, continúa sem querer, até maldizendo os antepassados, a elaboração intellectual devida ao polytheismo grego e a incorporação social do polytheismo romano. Disciplinando o espirito e a actividade sob a preponderancia do coração; pregando o reinado do amor sob o nome de caridade christã, a abominação do peccado e a exaltação da virtude; libertando o escravo e emancipando a mulher; a civilisação medieva, o regimen catholico-feudal esboça o estado definitivo da Humanidade, que nelle revela de facto a grandeza da sua sabedoria.

Mas a admiravel construcção medieva breve se abala e decae; o seu dogma ficticio não resiste aos progressos intellectuaes; e a organização social é sacrificada pelas ficções da sua base mental.

A sociedade entra em pleno periodo revolucionario, agitando-se em meio de duas impetuosas correntes, ao mesmo tempo contrarias e convergentes: a que destroe as instituições antigas, e a que lança as bases do regimen novo; e assim evolue até explodir na crise tremenda que, num esplendor tragico, vislumbra o estado final.

A' caridade christã que fundou a Occidentalidade, succede a fraternidade humana, o amor terrestre e universal congraçando tudo.

O genio assombroso de incomparavel phiosopho decifra então os enigmas do Passado e revela os arcanos do Porvir. A Humanidade toma posse de si mesmo, eliminando os seus tutores chimericos. *Diis extinctis deoque succedit Humanitas*, como proclama uma celebre divisa; extinctos os deuses e Deus succede a Humanidade.

Infelizmente esta concepção systematica da fraternidade universal não é ainda acceita sinão

por um pequeno numero de almas que têm a fortuna de possuir o segredo do futuro, graças á obra ingente do Pensador Universal.

Comtudo, salvo aberrações retrogradas ou anarchicas, muito reduzidas, todos os espiritos mais adeantados do Occidente e da Terra, todos os que merecida ou immerecidamente gozam de real prestigio nos tempos contemporaneos, são levados a proclamar espontaneamente a confraternisação dos povos e pregar a concordia humana, embora de um modo incompleto e vago.

O movimento pacifista que se vem accentuando de dia para dia, affirmado em conferencias e comicios, em livros e revistas, sanccionado por tratados, reconhecido por congressos e tribunaes internacionaes, mostra que a fraternidade universal tende empiricamente a estabelecer-se, reatando primeiro o laço mais geral, a amizade dos povos, pela eliminação de um dos maiores flagellos da nossa especie —a guerra.

Politicamente é esta confraternisação parcial o problema do dia, a causa commum de todos, quaesquer que sejam as suas convições philosophicas e suas crenças religiosas.

Deistas ou atheus, catholicos ou positivistas, temos uma unica aspiração, um mesmo ideal que a todos religa: é a extincção da guerra, a concordia das nações, o reinado da divina Paz—*deusa superior a todas as outras, veneravel deusa que preside aos canticos e aos noivados,* como já lhe chamava, numa epoca profundamente guerreira, o principe da comedia grega.

Para essa auspiciosa ventura, para a realisação dessa divina Paz, o Brazil, só entre as nações, perennemente concorre; pois é o unico paiz onde figura, como disposição constitucional, o recurso ao arbitramento em todas as questões internacionaes.

Hoje que celebramos a fraternidade universal, accentuemos especialmente o advento da concordia das nações, primeiro passo para o congraçamento geral de todos os seres.

A realisação da paz internacional que era hontem uma chimera e actualmente é quasi uma realidade, fará com que a concordia de todos os entes, a fraternidade universal, se torne tambem uma aspiração realisavel. A Humanidade então imperará na terra, congregando os individuos e as familias, os povos e as raças. Então se ha de reconhecer que ainda uma vez os utopistas tinham razão. O sonho dos eleitos do Passado e do Presente será nesse momento a mais positiva realidade.

Descortinando tão esperançoso porvir e rememorando o tormentoso mas admiravel passado, saudemos num mesmo hymno de Amor, a concordia das nações, o congraçamento das familias, a união de todos os seres, a fraternidade universal!

Rio, 1º de Janeiro de 1907.

REIS CARVALHO.

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de apolices teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de seguro, apolices no valor de Rs. 595:000$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Abril p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura . . . . . 15$000

Encadernado em marroquim . . 20$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

A VENDA NA

RUA DA ASSEMBLÉA, 62

Porque sois infeliz?

O homem póde ser feliz, se o quizer. Mas, quem perderá o seu tempo em ensinar aos outros o que só deseja para si?

Reparae e julgae

Quantas pessoas não vos parecem protegidas por sobrenatural poder, e isso porque realizam todos os seus desejos, porque são ricos, porque gozam uma saude de ferro?

ESCOLHE

Ou serdes rico, gozar saúde, possuir grande numero de amizades, inspirar amor, poder curar a si e aos outros, poder educar os filhos corrigindo-lhes os vicios e defeitos, OU, rastejar na miseria, estar sempre doente, viver abandonado dos estranhos e dos seus. Lembrae-vos que outros já estão na posse do segredo que conduz á felicidade. Vêde a prosperidade de alguns conhecidos vossos: ignoraes que elles souberam a adquirir a força magnetica?

HOJE, OU NUNCA MAIS

se vos offereça uma occasião como agóra: pedi ao representante do Dr. MARX DORIS, rua do Rosario n. 53, Rio de Janeiro, que vos envie o livro «Poder Magnetico». Nada vos custa experimentar, pois o livro é enviado gratuitamente a todos que o pedirem.

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10, Rua da Uruguayana, 10

RIO DE JANEIRO

ULTIMA NOVIDADE PHOTOGRAPHICA—

RETRATOS EM CORES (MONOCROMOS)

DE BELLISSIMO EFFEITO E INALTERAVEIS.—o—o—o—o—o—o—o—o—o—o—o—o—

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL—200:000$000

Rua 1.º de Março, 29—RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA { *Emilio do Amaral Ribeiro*
Affonso Burlamaqui
Jacintho de Magalhães

FON-FON!

REVISTA HUMORISTICA

FON-FON!

REVISTA DE ACONTECIMENTOS

FON-FON!

PUBLICAÇÃO SEMANAL

FON-FON!

EDIÇÃO DE KÓSMOS

volteando de trapézio em trapézio, por um circulo de vôos e rodomoinhos, quasi sem fórma que o recordasse, já negro e inteiriçado, já rubro e serpentino, ou em tremente glôbo d'aço, ou em polyformidade flammurante, lembrando rapina qne se debate com o valor da presa, agonia que a vitalidade repelle, demonio que o exorcismo afasta, e que persistem, e que volvem, relutam, sangram, escabujam, atropelam, perseguem e recuam, galgam e são galgados, ferem e são feridos, e mais se empenham em agarrar, estrangular, arrebatar... até que, n'um salto duplo, ganhou o seu mirante aéreo, n'um longo hausto de triumpho!

Rasgaram o sussurro das respirações sofregas guinchos de guélas resequidas; uma voz, rouquenha d'enfado e regougante de horror, estalou affronta inconsciente, pedindo-lhe que terminasse. William estremeceu, saculejado no seu orgulho, mas logo deu de hombros com desdem. Que lhe importaria o entendimento da turba?... Sua alma estava toda na desejada perfeição deste trabalho. Fôra elle que o criara, era elle o primeiro que o executava. Amava-o, pois, como um esforço seu. Agora queria completal-o para sua propria satisfação, porque a inedita belleza, resultante de cada gesto de seus membros, de cada flexão de seus musculos, só reflectia no seu proprio espirito, convergindo para a sua propria admiração. E que delicia em se sentir estranho, atormentador, horroroso!...

Eil-o pelos ares, de pé, braços em cruz, voando na cadencia baloiçante do apparelho. E' uma rapina que se apruma nos espaços, um ente fabuloso e hybrido, cuja cauda se biparte em pernas e se eleva invertendo a posição da cabeça; um chimera que se contorse, se destende com as seduções das sereias e se concentra com a tensão muscular d'um polvo. N'um momento todo esse corpo chammeja, e essa cabeça horrorosa, semilhante a base d'um Y que tem as forquilhas presas ao trapézio, bamboleia ameaçadora, olhando da treva das orbitas com desvairadas pupillas humidas.... Depois a enorme letra viva, o grande Y aéreo, toda se enverga, molle e desconjuntada; della se desprendem braços que procuram apoio e se converte n'um hieroglifo e se metamorfoseia n'uma imagem indizivel, que começa por lembrar um sapo e termina por tomar a fórma mixta d'um homem, cujo corpo exhumado tivesse perdido a mascara tendo o torso e os membros transformados em partes de monstro... E mais sinistras luziam suas pupillas. Ouviu-se o *maillot*, agitado, chocalhar n'um suspiro longo. E a Morte correu pelos ares relampejando claridade de tocheiros em procissão nocturna, ondulações flammineas de colgaduras funebres, que se desdobram nas camaras ardentes...

A Morte passou!... a Morte passou!... Zuniu por todos um frio de covardia e apprehensão: A Morte passou!...

Nada mais se viu. Então, irrompeu do povo um hurrah de ovação, sob o barulho das palmas. Mas, um baque secco repercutiu no extremo da galeria. Sommers perdeu no vôo a barra de um trapézio, atravessou o vacuo, foi arrebentar o craneo n'uma architrave do tecto.

Houve uma paralysia momentanea em todo o circo, gritos que se estrangularam em gargantas febris, olhares esgazeados n'uma allucinação extactica. E os trapézios oscilavam, vazios, vagarosamente, em vaivens sinistros.

Depressa o assombro se desfez, a multidão arrancou-se da perplexidade, n'uma angustia: moveu-se confusa, atropelada, em tumulto, para o logar onde o palhaço caíra.

E lá estava elle, estatelado, inerte, sobre uma das bancadas. A caraça de caveira tornára-se-lhe horripilante. Um dos olhos esbugalhára-se-lhe da orbita escurecida a bistre e abria, desmesuradamente, a pupilla sem luz para o Nada, n'um desespero inutil de vêr, immovel e medonha; na sua bocca artificial, de dentuça descarnada, dilatava-se outra bocca escura e resequida, com um tregeito afflicto, de dentes que, por contraste, pareciam alargar uma gargalhada paralytica, horrorosamente rindo.

E assim ficou-se o estranho *clown* caricaturando a Morte, tornando-a pavorosa pela ironia de ser a propria Morte que gargalhava por esta bocca resfriada o desdem do seu triumpho, incontado e insentido, mas que nunca se apagaria da impressionabilidade dos que o fitaram porque em seus pensamentos ou em seus sonhos a caveira continuaria a rir, a rir immovel, sem risos, n'um desesperado, affrontoso rictus de inexprimivil sarcasmo.

GONZAGA DUQUE

Desenhos de Calixto Cordeiro

A AMAZONA

I

HAVIA mais de tres horas que a infanteria *farrapa*, alcançada a collina para onde a levara Giuseppe Garibaldi, repellia a fogo vivo de fuzil as cargas continuas da cavallaria imperial, que avançava e recuava com os seus quinhentos lanceiros, tentando em vão romper o pequeno quadrado d'essa infanteria invicta. Um massiço de arvores cobria á rectaguarda esse punhado de republicanos, protegendo-o com os seus troncos e ramos, impedindo por ahi o ataque inimigo que, reduzido só á frente e aos flancos, tornava-se quasi inefficaz. E era essa a salvação da minuscula columna garibaldina, nesse final de batalha, em que a bravura dos seus, levada ao extremo contra um adversario sete vezes superior, não podera, ainda assim, evitar o desbarato experimentado já pelas demais phalanges democraticas que, com ella, se haviam empenhado nesse renhido combate...

II

A acção geral começara porém nove milhas atraz, á pequena distancia da margem esquerda do rio Marombas, nos campos da Forquilha, cercanias do povoado de Curytibanos. Na vespera, á noite (11 de janeiro de 1840), a divisão republicana ao mando do coronel Joaquim Teixeira Nunes ahi acampara, extenuada como estava da longa e incessante marcha em que vinha desde Santa Victoria, onde aniquilara dias antes as forças do brigadeiro Xavier da Cunha, que perecera no seu posto. Esta divisão, pertencente ao corpo do exercito revolucionario de David Canabarro, agora de regresso ao Rio Grande do Sul pela perda e abandono da Laguna, onde operava desde 22 de julho do anno anterior, e que fóra enviada por esse general a bater a columna imperialista do coronel Antonio de Mello e Albuquerque (mais conhecido entre os *guascas* pella expressiva alcunha de Mello Bravo) então detido entre Lages e Corytibanos pela derrota de Xavier da Cunha, ao qual não podera juntar-se como pretendia e que constituia a vanguarda das forças de Sabatut, ao momento já em marcha na região interior-norte do territorio de Santa Catharina no intuito de descer a atacar Bento Gonçalves no assédio de Porto-Alegre; esta divisão, dizemos, « para não deixar escapar» Mello Bravo, fôra fraccionada em duas partes, logo á sahida de Santa Victoria, ficando uma destas, com a cavallaria de veteranos, sob a direcção do coronel Aranha, a outra ás ordens de Teixeira, mas composta, em mais de metade, de cavallaríanos prisioneiros daquelle combate e tendo sómente como força firme e experimentada os marinheiros de Garibaldi, transformados pelas circumstancias, desde a retirada da Laguna, em excellente e aguerridissima infanteria que fizera prodigios de valor, e decidira mesmo, do triumpho do combate de Santa Victoria. Fraccionada assim a divisão republicana, Aranha sahiu ao encontro do inimigo pela Vaccaria e Teixeira por Curytibanos, marcando-se a villa de Lages — a principal da região serrana catharinense — como ponto de juncção de ambos. Na previsão de um encontro com o general Labatut — que era de suppôr passasse por Lages — Teixeira deixou ao collega maior numero de combatentes e ficou com 150 homens mais ou menos. Levaram-no, decerto, a proceder assim tão desavisada e imponderadamente a sua audacia e bravura jamais excedidas em toda essa luta civil de 1835—45, o enthusiasmo da ultima victoria alcançada, a indecisão do inimigo que não ousara avançar para o sul e sobretudo (o que muito honra o seu talento de guerrilheiro) a confiança que lhe inspiraram Garibaldi e os marinheiros que commandava, cujo desmedido heroismo certamente o enchera de pasmo e admiração no terrivel combate naval de 15 de novembro de 1839, mas em cujo valor como soldados só acreditara quando os viu levarem por diante, esmagados, os imperialistas do brigadeiro Cunha.

Acampado junto ao Marombas — por onde devia passar Mello Bravo, segundo as noticias sabidas — Teixeira pôz-se a esperal-o. Vedettas e sentinellas foram postadas á margem do rio e nos sitios onde eram mais necessarias. E como todos vinham derreados por tres dias de marchas forçadas, em que se parava apenas para comer, deitaram-se a dormir a somno solto. Sómente Garibaldi, que conhecia como ninguem o inopinado e as surprezas das guerrilhas e que intimamente achava um erro a medida do fraccionamento das forças, tomada pelo chefe sem ouvir o conselho de officiaes, quando se marchava ao encontro de inimigo em descanso, valente e cujo numero não se sabia ao certo, Garibaldi que, além disso, previa a possibilidade de um ataque altas horas, pois o adversario andava perto, limitou-se a madornar ligeiramente. A' meia noite, com effeito, o posto avançado do rio foi accommettido, e tão de subito e com

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV — FEVEREIRO 1907 — N. 2

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

NÃO póde haver outro assumpto para esta chronica da *Kósmos*. Só um assumpto, a um tempo doloroso e poetico, tragico e suave, me preoccupa: a agonia das palmeiras da Avenida do Mangue.

Não me seduz o Carnaval que passou, bulhento e desvairado como todos os Carnavaes; não quero saber do «caso Urbino», nem da quaresma que vae correndo, nem das conferencias do padre Julio Maria, nem das festas com que vae ser recebido o general Roca; nada me interessa o que se passa no terreno politico; e pouco se me dá que um monsenhor, um dignitario da Igreja tenha, com uma nobre independencia, atirado a batina ás ortigas... Que valem todos esses assumptos, diante do assumpto que me preoccupa? Só penso na agonía das palmeiras do Mangue, — e vivo agonisando com ellas, tão grande é o amor que lhes tenho...

Conheço-as ha trinta annos... Ha trinta annos! toda uma vida... Nunca passei por alli que as não mirasse longamente, apaixonadamente: e vejo-as agora moribundas, envelhecidas de repente, minadas por um mal que ninguem conhece!

Ha quem diga que, de todas as arvores que possuimos, são as palmeiras reaes as mais inuteis. Não dão sombra, elevam a dezenas de metros acima do solo as suas copas triumphaes, — com um orgulho de rainhas insensiveis, que nasceram apenas para reinar...

Tolices! Isso é opinião da gente pratica, — dessa gente abominavel que só é capaz de admirar o que é util, e prefere uma horta de couves a um roseiral.

Eu amo as palmeiras justamente pelo seu orgulho e pela sua nobreza, pela ancia com que ellas procuram fugir da terra e ganhar o céo, pelo desprezo que teem das cousas feias e rasteiras, pela magestade com que affirmam de lá de cima a sua superioridade quasi divina. Parece-me que no caule de cada palmeira móra uma alma anciosa e captiva, que desesperadamente se agita para fugir do solo; a seiva de cada uma dessas arvores orgulhosas tem aspirações e soffrimentos como o espirito de um artista.

Não foi sem razão que Alberto de Oliveira, o nosso Grande Poeta, escreveu um dia que desejava, depois de morto, ter a sua alma guardada na seiva de uma dessas plantas altivas:

Ser palmeira! existir num pincaro azulado
Vendo as nuvens mais perto, e as estrellas em bando;
Dar ao sopro do mar o seio perfumado,
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando!

Ser palmeira, depois de homem ter sido! est'alma,
Que vibra em mim, sentir que novamente vibra,
E eu a espalho, a tremer, nas folhas, palma a palma,
E a distendo, a subir, no caule, fibra a fibra!

E, esfolhando-me ao vento, indomita e salvagem,
Quando aos arrancos vem, bufando, o temporal,
— Poeta, bramir então á nocturna bafagem
Meu canto triumphal!...

Imagino e calculo, pela minha propria magoa, a magoa com que esse apaixonado Poeta, de alma tão exaltadamente pantheista e tão dada ao amor da Natureza, estará assistindo á agonia das palmeiras da Avenida do Mangue!

Porque já não ha quem não conheça a dolorosa noticia: estão agonisando, estão morrendo aquellas palmeiras, que são a gloria da cidade, e o seu orgulho maior!

E é em vão que se pergunta aos botanistas, aos horticultores, aos naturalistas, a todos os sabios, — o que é preciso fazer para salvar as magestosas *Oreodoxas — oleraceas,* que se estendem em filas admiraveis ao longo do canal. Os sabios deitam abaixo as suas livrarias, consultam livros antigos e modernos, dizem cousas abstrusas em linguagem incomprehensivel, — mas não as salvam...

Ah! são sempre os mesmos os medicos, —tanto os que se encarregam de tratar os homens como os que se encarregam de tratar as plantas. Todos elles reproduzem diariamente a petulancia com que Sganarello, no *Médecin malgré lui,* explica ao velho Geronte a causa da mudez de Lucinda: *«Ossabandus nequeis nequer potarium quipse milus... voila justement ce qui fait que votre fille est muette!»* Não de outro modo teem os naturalistas do Rio explicado á imprensa e á commissão das obras do Canal do Mangue a causa da morte das palmeiras; ninguem lhes entende o diagnostico, e nenhum delles indica o remedio salvador.

E, emquanto isso, as palmeiras vão morrendo, na sua lenta e dolorosa agonia; amarellece hoje uma palma, outra amanhã, outra depois de amanhã, — e já algumas das magestosas rainhas vegetaes não passam de spectros do que eram, — cadaveres, de pé, sacudindo ao sol o seu amplo penacho de folhas seccas...

Nos passageiros de bonds, que viajam a um e outro lado do Canal, ha, de manhã á noite, a mesma expressão de infinita magua e de desolada tristeza. Todos os olhos, abandonando a leitura dos jornaes, se levantam para o alto, e contemplam com melancolia a devastação progressiva que nos leques, outrora tão verdes e bellos, vae fazendo a implacavel molestia...

Explica-se bem a tristeza de toda a cidade. Não ha no mundo inteiro uma alameda de palmeiras como aquella. A do Jardim Botanico, que é objecto de universal admiração, tem setecentos e quarenta metros de comprimento. Mas a do Mangue tem mil e dusentos! é a mais extensa que se conhece, — e qualquer cidade da America ou da Europa não hesitaria em

gastar milhões para possuir uma tal maravilha. E vamos talvez perder aquelle thesouro! — haverá desgraça maior?...

A historia dessas arvores é curta e gloriosa. Todas as palmeiras do Mangue, como todas as palmeiras reaes do Rio de Janeiro, descendem da *Oreodoxa-oleracea,* que o chefe de divisão Luiz Abreu trouxe em 1810 da Ilha de França. Era tão linda a *Areca,* ainda joven, que D. João VI, o fundador do *Jardim Botanico,* quiz plantal-a por suas proprias mãos. D'ahi veio á palmeira o nome de Real. A formosa

A PALMEIRA REAL

Areca foi crescendo, sempre cercada de carinhosos cuidados, e chegou emfim á idade da florescencia: abriu a spatha, e deixou cahir o cacho pejado de sementes... O director do jardim, Serpa Brandão, ciumento e avaro, não quiz que aquella maravilha se reproduzisse, — e mandava todos os annos queimar as sementes preciosas. Mas os escravos, que trabalhavam no Real Horto Botanico, começaram a furtal-as e a vendel-as; e, em breve, principiaram a apparecer as primeiras filhas da palmeira de D. João VI, — que ainda hoje, no Jardim Botanico, é admirada pelos visitantes, na sua velhice sagrada, com quasi cem annos de idade, ostentando em plena pujança o seu espique de 35 metros de altura.

Dessa veneranda ancian descendem as palmeiras do Mangue, a cuja lenta agonia assiste agóra a cidade com desespero...

Mas será realmente impossivel salval-as? Não haverá uma providencia capaz de libertal-as do secreto mal que as está minando? não haverá meio de evitar essa desgraça?

Não sei... O que sei é que o depauperamento é visivel: cada dia que passa leva comsigo uma folha e um pouco da vida de cada uma das rainhas condemnadas.

Hontem, passando por aquella immensa Avenida que ja me parece um cemiterio, vi-as, ao crepusculo, á hora indecisa e mysteriosa em que uma alma nova parece palpitar no céo e na terra... Na meia luz da tarde, os leques estremeciam e farfalhavam lá em cima, já quasi mergulhados na treva, sob o pallio do céo em que se accendiam coruscando as primeiras estrellas. E pareceu-me ver naquelle ancioso movimento das palmas seccas o bracejar doloroso, a supplica desvairada, a imprecação desesperada de quem quer viver e sente que está morrendo, de quem pede soccorro e perde a esperança de ser soccorrido.

Ah! pudesse eu, ainda que a troco de alguns annos da minha propria vida, assegurar a vossa eternidade, — ó palmeiras reaes que conheço e amo ha trinta annos! ó palmeiras reaes que ides morrer antes de mim!...

O. B.

NO LAGO DE GENESARETH

Homem de pouca fé, porque duvidaste?
Matheus. C. XIV. V. 31.

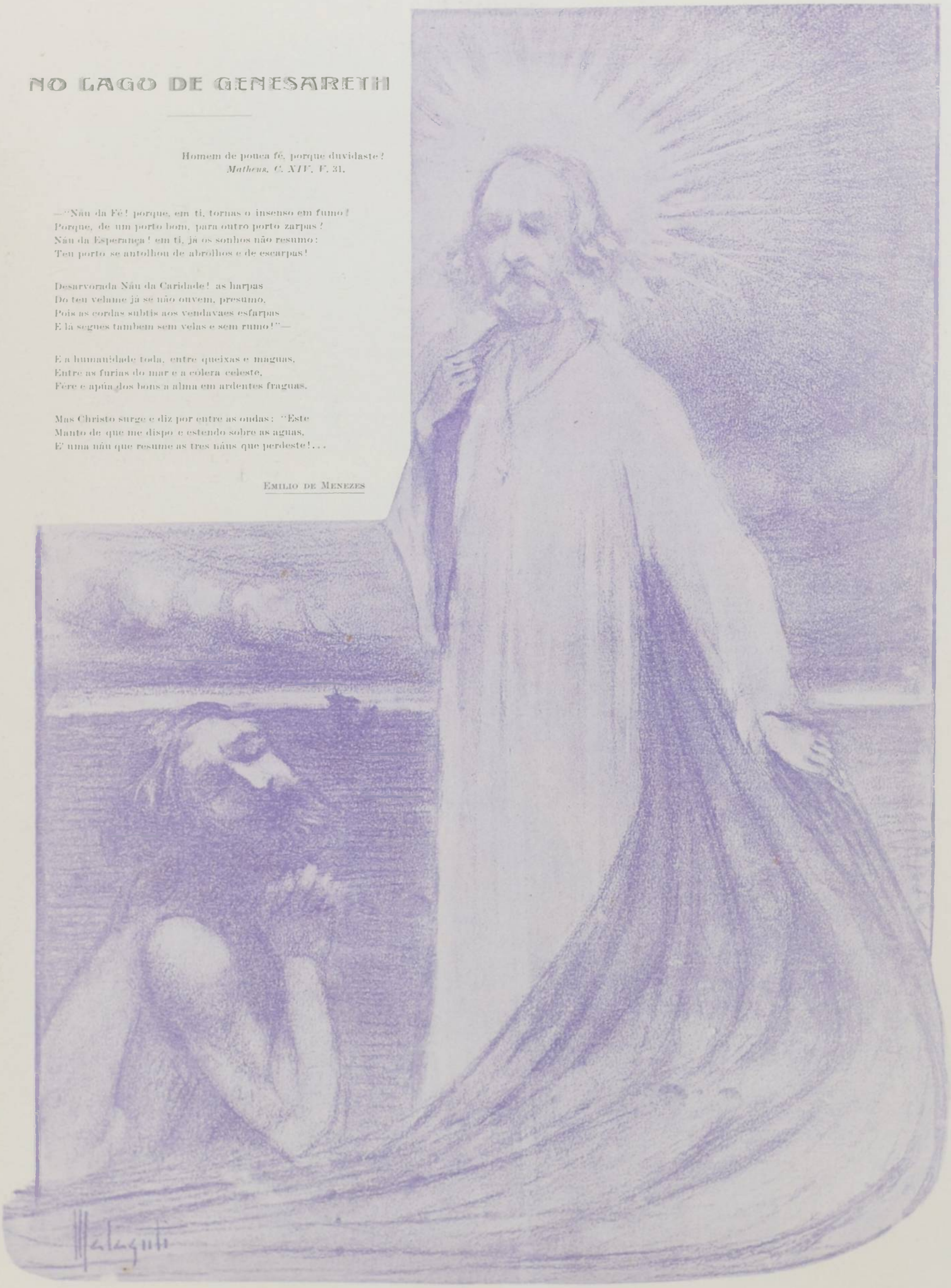
—"Náu da Fé! porque, em ti, tornas o insenso em fumo!
Porque, de um porto bom, para outro porto zarpas?
Náu da Esperança! em ti, já os sonhos não resumo:
Teu porto se antolhou de abrólhos e de escarpas!

Desarvorada Náu da Caridade! as harpas
Do teu velame já se não ouvem, presumo,
Pois as cordas subtis aos vendavaes esfarpas
E lá segues tambem sem velas e sem rumo!"—

E a humanidade toda, entre queixas e maguas,
Entre as furias do mar e a cólera celeste,
Fére e apúa dos bons a alma em ardentes fraguas.

Mas Christo surge e diz por entre as ondas: "Este
Manto de que me dispo e estendo sobre as aguas,
E' uma náu que resume as tres náus que perdeste!...

EMILIO DE MENEZES



CABULA

HAVIA um certo mal estar naquella communicação, lá isso havia. Elle não era homem que se illudisse a si mesmo. Fazia a sua propria psychologia. E percebia, via bem claro naquillo: era uma questão de consciencia que o levava a estar alli, agora, á espera do Almeida; era um arrependimento. Si não, porque razão estaria incommodado, constrangido? E porque, mal decidira a cousa, lembrára-se logo de dizer ao Almeida?

—Porque era um amigo velho? de ha muitos annos?

—Não, senhor. Não era isso.

—Era um remorso?!

—Um remorso, sim senhor. Aquella participação era uma penitencia, uma alforria. Está claro que ha muito tempo... Mas, em todo o caso, si continuasse solteiro...

Pobre do Almeida! Elle não tinha querido aquillo; não, isso não. Nunca pensára, nunca lhe passára...

—Infelicidades! Cousas da vida!

Quando o Almeida se enamorou, elle era o confidente. A principio, não: o Almeida tinha um certo acanhamento com elle, uma certa cerimonia. Por isso mesmo que era o companheiro de todos os dias, elle conhecia as theorias celibatarias do Almeida, a troça que elle fazia dos que cahiam na *esparrella*, como elle dizia. E por isso não se atrevia, no começo.

Depois, uma noite, não teve mão: desabafou. E contou, contou tudo, longa, minuciosamente, numa expansão necessaria ao demorado silencio.

Como tinha reparado nella primeiro no Lyrico, numa varanda. Como se lembrára depois de já ter visto *aquella moça* duas vezes, na casa dos Araujos; mas, de passagem, rapidamente: elle ia sempre p'ro *poker*.

—Bonita? Não; não a tinha achado essas cousas. Mas que circumspecção! que maneiras! E um ar de bondade! uma irradiação de sympathia!...

A primeira vez que esteve nos Araujos, nos annos do Velho, lembrou-se; procurou vel-a:

—Que ar! Que distincção!

E fugiu. Fugia pr'o *poker*. Mas não poude. Aguentou-se. Não se levantou. Mas jogava ás tontas: pensava nella.

Na ceia buscou aproximar-se. Chegou-se á roda do Visconde onde ella estava. Falavam de Wagner: parece que o Arthur tinha tocado a *Cavalgada*... E ouvio-lhe a voz:

—Uma voz musical! Um timbre!

Voltou aos Araujos, mais a miudo, sem grande consciencia.

De uma vez, em um dia de festa, foi até á porta e voltou: teve medo. Cahira em si. Percebêra o perigo: vira que toda sua intenção de vida celibataria se ia pela agua abaixo.

Mas passou mal, preoccupado.

—Lembras-te?—Aquella noite, no Cassino?...

Elle se recordára.

E depois acabou-se. Cahira. Cahira como os outros. Abandonou-se. Ia pedil-a.

O Julio revivia aquella confidencia, aquelle enthusiasmo, aquelle calor e, indignado, excusava-se:

—Tambem... fôra elle. O Almeida fôra o culpado. O unico culpado. Não se fala de uma mulher assim o um homem!

—E fôra aquella vez só?

—Que esperança! Era todo o dia. Todo o dia, e toda a noite.

O Julio não quiz ir lá; não foi senão nas vesperas. Mas foi peor. O Almeida contava tudo, desenrolava tudo: até o caceteava a principio. Depois, não: interessou-se.

—Está claro! Como é que elle podia deixar de interessar-se?

Foi lá. Foi arrastado, contrariado. Um pouco desejoso, amolado, de conhecer a que assim lhe roubava o companheiro de troça, de pandega. Um pouco enthusiasmado tambem, suggestionado, num contagio.

—Bonita, não! Tambem não achára.

Mas pouco reparára no physico. Era a impressão de sympathia, a sympathia irresistivel, irradiante—como dizia o Almeida.

Quiz-lhe bem; quiz-lhe um bem enorme, como a uma irmã.

Quando o Almeida casou, elle ficou emocionado, em uma tristeza e numa inveja: a inveja de um lar.

—Unico... Elle é o unico culpado.

Sim porque—nos primeiros mezes não—mas, depois, o Almeida o agarrava, levava-o p'ra jantar, queria-o lá. Elle ia. A's vezes, não: resistia. Mas depois, ia: ia e acostumou-se.

Ficou triste. Percebeu que o Almeida não a comprehendia; não a queria tanto assim como ella merecia, coitada!

Teve uma pena, um desconsolo.

Lembrou-se que uma vez, ao sahir de lá, soccou um conductor.

Quando o Almeida recomeçou a ir ao Club, como em solteiro, elle foi ás nuvens. Imagi-

nava-a em casa; via-a só, triste. Supportou uns dias. Depois falou. Não se conteve. Censurou. Censurou-o, acremente.

—Não tinha geito! Não tinha logar nenhum!

O Almeida nem se chocou com elle. E desculpou-se. Dizia:

—Casa. Casa e depois verás.

—Ah! Elle ia casar agora. Tinha aquelle exemplo. Felizmente tinha aquelle exemplo. Sim. Graças a Deus! Para alguma cousa...

E continuava a puxal-o pr'a casa?! A querer que elle fosse lá? que elle jantasse lá?

—Tu estás solteiro, estás só. Eu não sou egoista: dou-te um pouco de meu lar.

Elle não tinha remedio. Ia. Depois amolava-se, zangava-se. O Almeida servia-se delle para motivar a ida ao Club.

—Olha: eu saio um pouco. Fazer companhia ao Julio. Elle nos fez até agora.

O Julio não se enganava, via-lhe a tristeza. Só o Almeida não percebia. E com raiva:

—E' isso! Era o marido! Ha lá marido que perceba a mulher?!

Lembrou-se de si mesmo, dentro em pouco:

—Não, commigo o caso é outro. Contento-me com a experiencia alheia.

Uma vez teve que procurar o Almeida: um caso urgente.

Encontrou-a só. Elle não fôra jantar. Ella tinha os olhos cheios dagua.

Elle ficou quieto, sem geito, sem uma palavra.

Ella, com os olhos baixos, a endireitar a franja dum panno, começou a dizer devagarinho que era assim, não era a primeira vez, muitas vezes, muitas... E principiou, baixinho, a chorar.

Elle ficou immovel, num aperto, numa emoção. Depois sahio; sahio sem uma palavra, nada, a garganta apertada, numa descrença da vida, de Deus, de tudo.

Chegado á casa, indignou-se: não lhe déra uma palavra de conforto, de animação. E escrevêra: escrevêra-lhe uma longa carta de consolo, chamando-a sua *irmã espiritual.* Prometteu-lhe corrigir o marido. Tentou. Tentou e, quanto mais tentava, mais queria mal ao Almeida e mais lhe queria bem, á mulher.

Ella respondeu. Respondeu, coitadinha!

Que desastre!

Odiou-o. Odiou-o: amou-a.

Era piedade a principio: amor, no fim. Não! Não era nada disso. Amára-a sempre, sempre, antes de conhecel-a, antes de a vêr, na bocca do Almeida...

—Unico, insistia comsigo. Unico causador...

Não se podia esquecer, porém, daquella camaradagem tão velha, da infancia, de calças curtas. E tinha remorsos, tinha...

—Ah! Mas, tambem acabára-se. Déra o fóra ha muito... *Déra o fóra!...* Como tudo acabava chatamente!

E parecia-lhe que o Almeida ia ter uma grande alegria quando soubesse que elle ia casar, como si o outro pudesse ter desconfiado de alguma cousa.

—Cumpria um dever. Um dever. O Almeida conversára com elle antes de pedir a mulher; antes que com qualquer outro. Elle fazia a mesmissima cousa: retribuia. Era um dever.

O Almeida não se espantou. Percebêra ha muito o seu estado dalma. Sabia lhe a frequencia á casa do Moura.

—Sabes de uma cousa? Eu, quando você me disse que queria almoçar commigo, e recommendou-me que não trouxesse nenhum dos amigos que era um almoço a dous, pr'a conversar, vi logo! vi logo do que se tratava! E trouxe-te uma lembrança, sabes? Não te lembras? Pois, olha, fazem só quatro annos! Tu não te lembras de uma prenda de familia?

O Julio lembrou-se, sem entender logo.

—Quando tu me déste essa medalha, nas vesperas, disseste que ella havia de me fazer feliz. E fez, meu bom Julio, fez: Eu sube escolher. E é verdade, a Alzira está descontente comtigo. Tu não appareces. Ha um bandão de tempo.

E, num sorriso:

—Comprehende-se. Comprehendo. Eu tambem... Tu te lembras?

Tirou da algibeira a medalha, pol-a na mão do Julio:

—Hade te dar felicidade. Tu mereces. Eu não mereço tanto.

Num desconsolo:

—O *poker*... Agora é o *bridge!...*

Desceram. Uma hora. O Brito repleto, gente em pé.

Despediram-se, ambos pensativos.

O Almeida ia ao Banco: questão duns titulos.

O Julio entrou na Gonçalves Dias. Tomou o bond. Saltou em frente ao *bar:* fechado. Chegou-se ao parapeito. Olhou para um lado, para o outro. Deserto: um carro longe. Metteu a mão no bolso e com cuidado, com vagar, deixou a medalha cahir nagua.

Estava com medo de ser feliz.

1906—Nov.

M. Gitahy de Alencastro.

O "QUERO JÁ"

O PERIODO regencial é incontestavelmente um dos mais curiosos e apezar disso dos menos conhecidos e estudados de nossa historia.

Epoca tempestuosa e agitada em que de um para outro momento surgiam na arena da luta politica novos combatentes, desconhecidos na vespera e logo aureolados como estadistas, dominam-n'o superiormente os quatro vultos de Feijó, Evaristo, Antonio Carlos e Bernardo de Vasconcellos, aquelles na primeira phase, quando todos os esforços convergiam para a manutenção da ordem profundamente abalada desde os ultimos tempos do primeiro imperio, estes no periodo de transição para o segundo reinado—quando espiritos cansados de estereis e mesquinhas lutas partidarias promoveram o advento precipitado, prematuro do joven monarcha ao throno.

Essa idéa tomou vulto quando pela fadiga de Feijó, assumiu o poder Araujo Lima e com elle o partido conservador—de que era figura principal Bernardo de Vasconcellos e eminente estadista mineiro.

Em casa de José Martiniano de Alencar, reuniram-se varios membros do partido liberal deliberando a fundação da *Sociedade Promotora da Maioridade* (*) sendo socios iniciadores além do Padre Alencar os senadores Costa Ferreira, Hollanda Cavalcanti, Paula Cavalcanti, deputados Antonio Carlos, Martim Francisco, Peixoto de Alencar e José Mariano.

Entraram logo depois para o Club o Conego Marinho, Theophilo Ottoni, J. Feliciano Pinto Coelho, Montezuma e Limpo de Abreu.

Varias sessões realisou esse club, mais conhecido na epoca por *Maiorista*, resolvendo fosse apresentado ao senado a proposta de suprimento de idade do joven monarcha.

Mas para que tivesse a empreza o necessario exito, era necessario obter a annuencia do princípe D. Pedro, á tarefa que ia encetar o partido, e que por uma propaganda muito bem feita ia adquirindo proselytos não só nas duas casas do parlamento como entre a massa popular que guarnecendo as tribunas das Camaras muitas vezes intervinha resolutamente nos debates.

(*) A reunião foi em 15 de Abril de 1840 na casa n. 55 da rua Visconde do Rio Branco.

Para esse fim foi incumbido Antonio Carlos de sondar por pessoa do Paço o animo de D. Pedro de Alcantara, e na 4ª sessão do Club, realizada em 4 de Maio de 1840, disse «que em virtude do que se havia resolvido no primeiro dia da reunião do Club, de cada membro delle procurar saber da vontade do Imperador acerca da maioridade, elle e seu irmão o Sr. Martim Francisco, haviam-se entendido para este fim com uma pessoa do paço, e que esta depois de dias veio annunciar-lhes, que tendo tocado nessa idéa ao Imperador, este respondera que queria e que desejava que fosse logo, e muito estimara que partisse isso dos Srs. Andradas e seu partido, accrescentando essa pessoa serem estas as palavras de S. M.» (*)

Na 5ª sessão do Club, a 7 do mesmo mez, o deputado J. Feliciano Pinto Coelho «deo parte que tendo falado ao Exmo. tutor, este asseverava que S. M. I. desejava que se adiantasse a medida da maioridade.»

Como se vê o trabalho não era feito á surdina, apezar de secreta a Sociedade maiorista, tanto que alarmados os amigos do Regente começaram a contraminar a propaganda de que resultou ser regeitada no Senado (1) a proposta apresentada por Hollanda Cavalcanti e firmada por todos os senadores membros da Sociedade e mais outros dous Ferreira de Mello e Manuel Ignacio de Mello e Souza que falleceu Barão de Pontal.

Votaram pelo projecto:

Paranaguá, Marquez de S. João da Palma, Conde de Lages, Vergueiro, Paula Albuquerque, Hollanda Cavalcanti, Almeida Cavalcanti, Costa Ferreira, José Martiniano de Alencar, Ferreira de Mello, Mello e Souza, Rodrigues Jardim, José Saturnino, Manuel de Carvalho, Francisco de Lima (16).

Votaram contra:

Lopes Gama, Araujo Vianna, Marquez de Maricá, Visconde de Pedra Branca, Visconde de Congonhas, Alves Branco, Martins Velasques, Cunha Vasconcellos, Luiz de Oliveira, Souza Paraizo, Patricio de Almeida, Rodrigues de Andrade, Marcos Antonio, Francisco de Andrade, Faria Lobato, Nabuco de Araujo, Mello Mattos, Antonio Augusto (18).

De parte dos amigos da Regencia e por habilidosa manobra politica, Carneiro Leão no dia 18 de Maio offereceu á discussão da Camara dos Deputados um projecto alterando o art. 121 da Constituição de Imperio, afim

(*) Actas das sessões da Associação Promotora da Maioridade (Rev. do Inst. Hist. vol. 44).

(1) Sessão de 20 de Maio de 1840.

de promover o breve advento do monarcha ao throno, projecto em 18 de Julho retirado por seu autor.

Seguia a propaganda. Na imprensa o *Despertador* e o *Maiorista* inflammavam os animos pregando a maioridade immediata e nas ruas o povo cantava a seguinte quadra:

Queremos Pedro Segundo
Embora não tenha idade;
A nação dispensa a lei,
E viva a Maioridade.

A turba-multa acesa em enthusiasmo, invadia as galerias da Camara acclamando os partidarios da maioridade, fazendo extraordinaria pressão sobre as deliberações daquella assembléa politica, em que o governo tinha maioria insignificante.

Foi quando Araujo Lima sentindo-se fraco, chamou para o ministerio Bernardo de Vasconcellos para entregar-lhe a Regencia.

Era esse o unico membro do partido, que graças ás suas excepcionaes qualidades de energia e talento poderia dar combate ás idéas já quasi victoriosas dos adversarios.

A 21 de Julho apresentára Antonio Carlos á Camara um projecto declarando maior o Imperador.

No dia 22, ao abrir-se a sessão da Camara foi lido o decreto de nomeação do novo ministro e logo após outro adiando as Camaras para 20 de Novembro.

Tumulto indescriptivel succedeu á estupefacção dos primeires momentos, e logo sentindo que perderiam a batalha si não tomassem immediata providencia, em meio de delirantes acclamações do povo apinhado nas galerias, os deputados liberaes partiram para o Senado e ahi reunidos se declararam em sessão permanente, deliberando enviar ao Imperador uma commissão mixta, pedindo-lhe assumisse o poder desde logo.

Essa representação foi recebida na Quinta da Boa Vista pelo Imperador, lendo-lhe uma representação em termos violentos, protestando contra o adiamento.

Ao mesmo tempo chegava á Quinta o Regente affirmando terem sido as Camaras adiadas para se preparar a acclamação no dia 2 de Dezembro data anniversaria do mesmo principe: mas que tendo em vista a extraordinaria agitação que pela cidade lavrava, e a reunião dos senadores e deputados, vinha saber de S. M. «si queria ser acclamado naquelle dia ou já».

«S. M. respondeu que *queria já* (*) e que em tal caso convocaria a assembléa domingo para ser acclamado; ahi intervieram os membros da deputação com febril apressuramento insistindo para que se fizesse logo no dia seguinte, e taes foram as instancias que o imperador ordenou ao Regente fosse a convocação feita para aquelle dia – 23 de julho de 1840.

Assim succedeu o revolucionario advento de D. Pedro 2º ao throno brasileiro.

Varios escriptores se tem referido á phrase historica – *Quero já* – bem como aos antecedentes historicos da revolução de 22 de Julho de 1840, todos elles concordes em affirmar a coparticipação do joven principe no movimento.

Quando pelo Dr. Alencar Araripe foi lida perante o Instituto Historico a sua Noticia sobre a Maioridade, D. Pedro 2º que se achava presente, procurou contestar alguns pontos daquelle excellente trabalho o que consta de uma nota que com elle apparece publicada (*).

(*) Alencar Araripe. Noticia sobre a Maioridade.

(*) Nota. Passagem sobre que versa a nota.

«Com effeito pessoa familiar do Imperador, revelou-lhe a existencia do plano, e provocou uma declaração de sua parte. A pessoa assim commissionada não se demorou em annunciar que o Imperador não exitára em manifestar que queria a maioridade e desejava que ella fosse logo realisada, estimando muito que a idéa partisse dos Andradas e seus amigos.»

Quando lia esse periodo da presente memoria, no instituto istorico e geografico, S. M. observou não ser exata a circunstancia aqui referida: e finda a leitura dice-me que se não recordava de ter sido jamais provocado por pessoa alguma do paço para ennunciar-se acerca da pojectada declaração da maioridade.

Reflexionei que a minha asserção fundava-se nas actas do *Club Maiorista*, seguindo eu na exposição dos successos os documentos contemporaneos.

S. M. replicou que sem contestar o accordo da exposição com os documentos, a verdade era que nenhuma recordação tinha de que a alguem fizesse declarações sobre a maioridade, manifestando desejos de ver essa providencia realisada: pois sendo então de annos juvenis, preoccupava-se com os seus estudos e não cuidava da politica militante do paiz; lembrando-se sim de ouvir conversar no paço sobre o assumpto da maioridade, a respeito da qual apenas pronunciou-se quando no dia 22 de julho a commissão do Senado e o Regente foram ao paço na Quinta da Boa Vista.

Accrescentou S. M. que nessa occasião, depois de ouvir á commissão e ao Regente, consultando particularmente com o seu tutor o marquez de Itanhaen e com o seu aio, e aceitando os conselhos de ambos, declarára que aceitava o governo; e porque ao dizer o Regente que queria convocar a Assembléa Geral para Novembro, a mesma commissão insistisse sobre a necessidade de pronta convocação S. M. dice então ao Regente, que fizesse a convocação para o dia seguinte».

Alencar Araripe. Noticia sobre a Maioridade.

Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro.—Tom. 44.

Em artigo publicado nesta Revista sob o titulo *Documentos preciosos*, (*) sobre um livro annotado por D. Pedro 2º, ha um topico referente ao *Quero já*. E' uma nota do imperial punho contestando-o, nos seguintes termos:

«*Não me exprimi assim, e se disse que preferia immediatamente, é porque os que me aconselhavam, — apenas tinha 14 annos e sempre retirado da sociedade politica — disseram-me que assim era preciso pora evitar a desordem.*

Na collecção D. Thereza Christina, da Bibliotheca Nacional, existe um exemplar da obra do conselheiro Pereira da Silva «Historia do Brasil de 1831 a 1840», em varios pontos annotada por D. Pedro 2º. Tão preciosas são essas notas sobre a proclamação da maioridade que as transcrevemos na integra, acompanhando os trechos da citada obra:

Pag. 313

«Não ousando levantar a nova bandeira sem o assentimento do joven imperador, foram Antonio Carlos e Martim Francisco encarregados de sondar o animo do principe. Por intermedio de um gentil homem do Paço (*) foi ao imperador entregue um bilhete assim concebido:

«Os Andradas e seus amigos desejam fazer decretar pelo corpo legislativo a maioridade de V. M. I. Mas nada iniciarão sem o consentimento de V. M. I.»

A resposta do joven monarcha não se fizera demorar mais de 2 dias: estava redigida nos seguintes termos:

Não me lembro de ter dito isto nem cousa semelhante.

«Quero e estimo muito que esse negocio seja realisado pelos senhores Andradas e seus amigos.»

Pag. 318

«Na opinião de alguns delles (*) não era regular uma lei ordinaria, mas as circumstancias urgentes não permittiam as delongas do processo constitucional. Animava-os a idéa de que com elles estava o joven monarcha e para que mais se estreitassem as intelligencias jé trocadas entre os sustentadores da maioridade e a Quinta de São Christovão, assentaram dirigír-lhe um memorial, expondo-lhe o voto universal do paiz para que entrasse o principe no exercicio immediato do supremo cargo do Estado. Nelle declaravam nada promoverem, comtudo, que não fosse do seu agrado, e pediam por escripto uma resposta.»

Eu não tinha opinião a tal respeito, e fugia de conversar sobre esse assumpto.

Pag. 319

«Affirma um dos mais conspicuos membros da Camara dos Deputados daquella epoca (*) que o memorial lhes fora devolvido com a palavra —sim— escripta pelo proprio punho do imperador.»

Nunca escrevi, nem disse tal — sim.

Pag. 327

«Partiu logo depois o Regente para a Quinta de São Christovão; conseguindo uma audiencia do Imperador, participou-lhe as providencias assentadas, e affirmou-lhe não ser outra á intenção do governo, senão preparar devidamente as cousas para que, ainda no anno corrente, fosse proclamada sua maioridade, não como uma medida arrancada pelo desencadeamento das paixões, e decretada revolucionariamente por um partido em minoria desde 1836, mas com a solemnidade, prudencia e sisudez que deviam acompanhar um acto nacional tão grandioso. Depois de acolhel-o com toda a benevolencia, manifestou-lhe o joven imperador seu assentimento, com o que penhorado voltou

Disse-lhe que fizesse o que julgasse melhor. Muito me contrariavam semelhantes conversas, mesmo

(*) Vid. «Kosmos» — Março de 1906.

(*) o Veador Bento Bahia.

(*) Theophilo Ottoni — Circular de 1840.

(*) Manifesto de Bernardo de Vasconcellos publicado dias depois. Palavras que repete como textuaes.

o Regente a communicar aos ministros e seus amigos politicos o que se passava (*).

Adiada as cortes por decreto da Regencia reuniram-se deputados e senadores sob a presidencia do Marquez de Paranaguá, delegando a uma commissão composta de Antonio Carlos, Vergueiro, Marquez de Lages, Alencar, H. Cavalcanti, Martim Francisco e Montezuma ir a S. Christovão conferenciar com o Imperador.

Seriam 2 horas da tarde quando chegados no Paço Imperial foram introduzidos pelo mordomo á presença do joven monarcha, a quem Antonio Carlos expoz em um discurso que levava escripto que os senadores e deputados considerando insulto feito ao Imperador o acto do adiamento das Camaras, além de constituir uma traição commettida por um Regente que o não era mais de direito desde que a Princeza Imperial completara a 11 de Março 18 annos de idade, rogavam a S. M. salvasse o throno e a nação, entrando desde logo no exercicio de suas attribuições.

Pedio-lhes o Imperador que esperassem alguns minutos na sala immediata, emquanto elle ponderava sobre o que lhe convinha responder. Neste intervallo recebeu communicação de que o Regente e o Ministro da Marinha desejavam fallar-lhe. Acolhidos benevolamente pelo Imperador declarou-lhe o Reente que adiara o Corpo Legislativo como já lh'o havia manifestado na vespera, para o fim de com calma e tranquilidade se proclamar sua maioridade no dia 2 de Dezembro: que cumprido o decreto, soubera que no Senado as minorias das duas Camaras se tinham reunido, e enviado a S. Christovão uma deputação, incumbida de supplicar a S. M. tomasse conta incontinente da sua elevada autoridade; resolvera pois comparecer egualmente na presença do Imperador, e declarar-lhe que estava resolvido a obedecer-lhe logo que S. M. dissesse se queria esperar para 2 de Dezembro, ou desejava entrar desde logo no exercicio das funcções da corôa.

Respondeu-lhe o Imperador diante da deputação que *queria já*, e convocasse as Camaras para o domingo proximo afim de lhe tomar o juramento. Modificou logo depois a sua deliberação, a instancias de Antonio Carlos, accrescentando que em vez de domingo fosse o dia designado o de 23 de Julho.

por meu caracter acanhado.

Depois de ter ouvido sobre tudo a Candido José de Araujo Vianna que me aconselhou a resposta que dei.

Creio que esse testemunho do monarcha, singela e despretenciosamente lançado á margem de um livro não destinado a extranhas vistas, reveste-se de excepcional importancia.

A phrase considerada já historica, e como tal encontrada em todos ou quasi todos os escriptores da historia patria, é contestada por quem se affirma tel-a proferido, que se revela agora inteiramente alheio aos acontecimentos que deram causa ao seu irregular advento ao throno, lavando-se assim da pecha de ambicioso que já lhe foi varias vezes assacada, principalmente em virtude dessa phrase, para muitos reveladora de insoffrida ambição de mando.

E quero acreditar que para o futuro, rebusquem os historiadores os preciosos archivos da nossa tão desconhecida Bibliotheca e nella colham os documentos que aclaram tantos pontos controversos da historia patria.

Rio – Fevereiro – 907.

MARIO BEHRING.

(*) Theophilo Ottoni.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

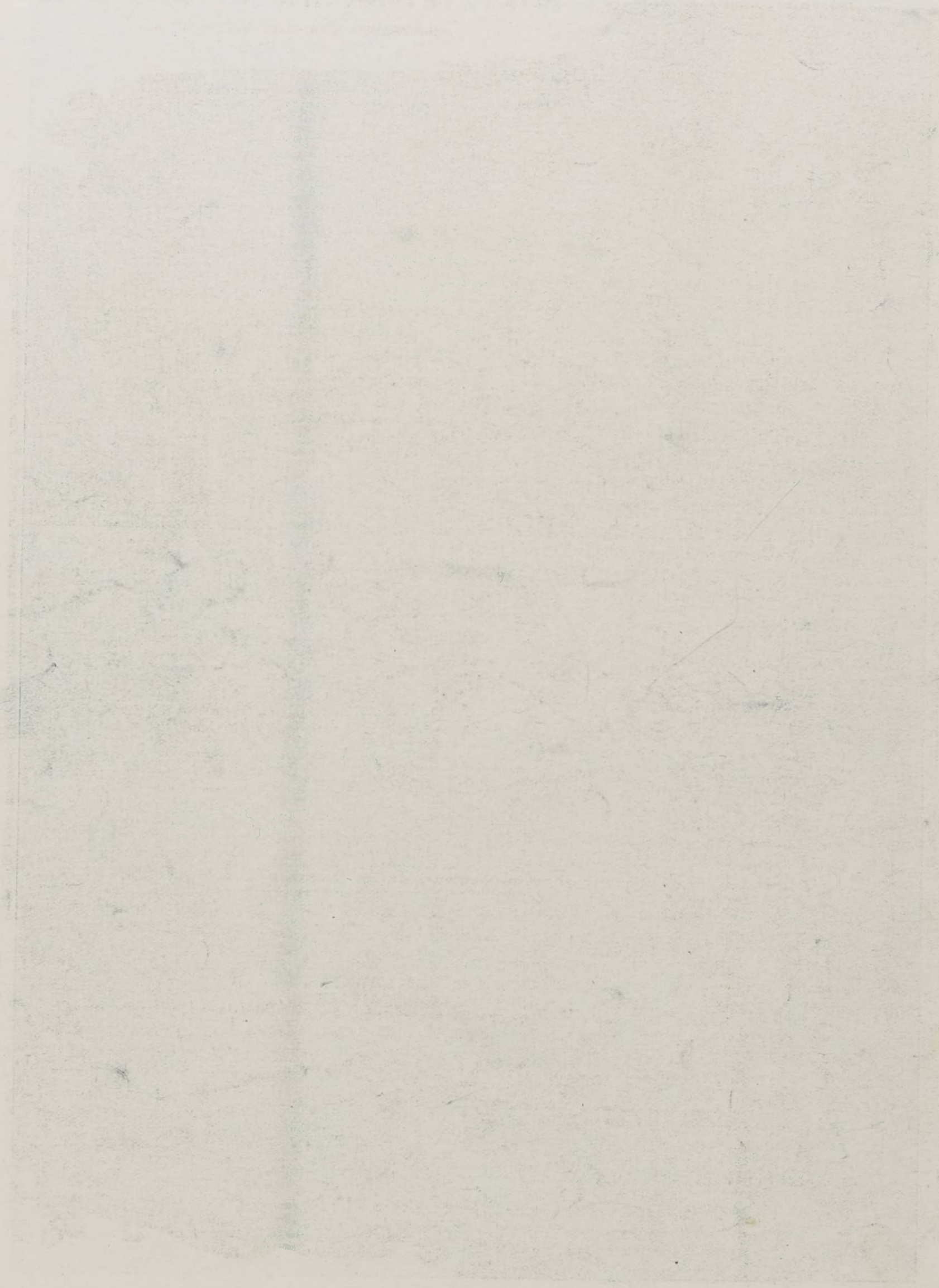
Guarda ainda no olhar toda a magua infinita,
Dessa doce visão, dessa extranha saudade...
Quanta recordação a Alma simples lhe agita
E lhe enleva e seduz a pobre Mocidade.

Pensa agora e relembra essa bulha, essa grita
Em que ardia, a clamar, toda a vasta Cidade,
Que em velha saturnal espansiva e maldita
Tinha o extranho rumor de extranha Tempestade.

Hoje, tristonha e só na vivenda modesta,
Confunde na impressão desse mesmo rumor,
O seu Amor ideal e esses dias de Festa.

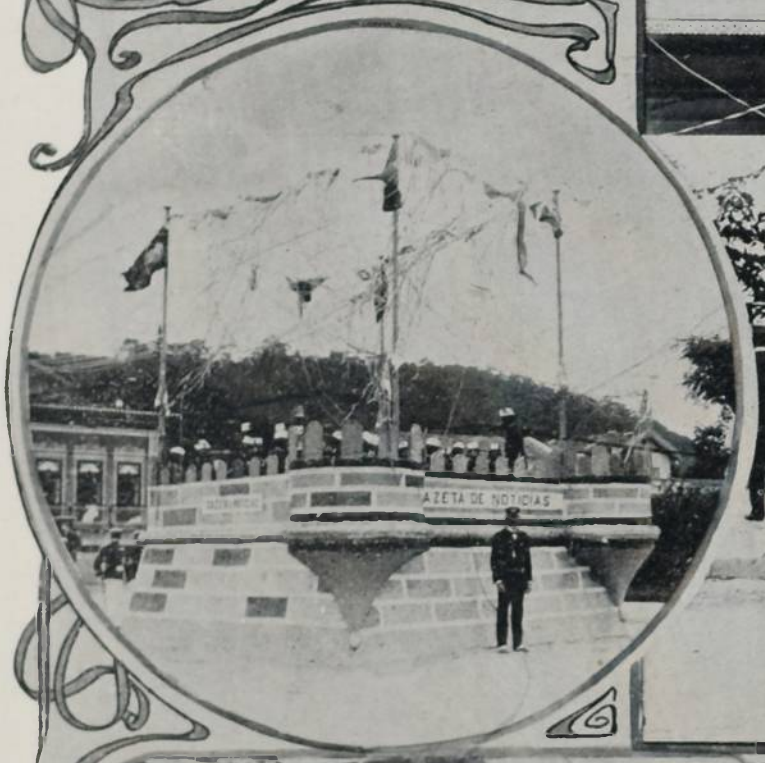
E no rumo do sonho a sua Alma se interna
E mistura e baralha essa Festa e esse Amor
No mesmo Carnaval da sua Magua Eterna.

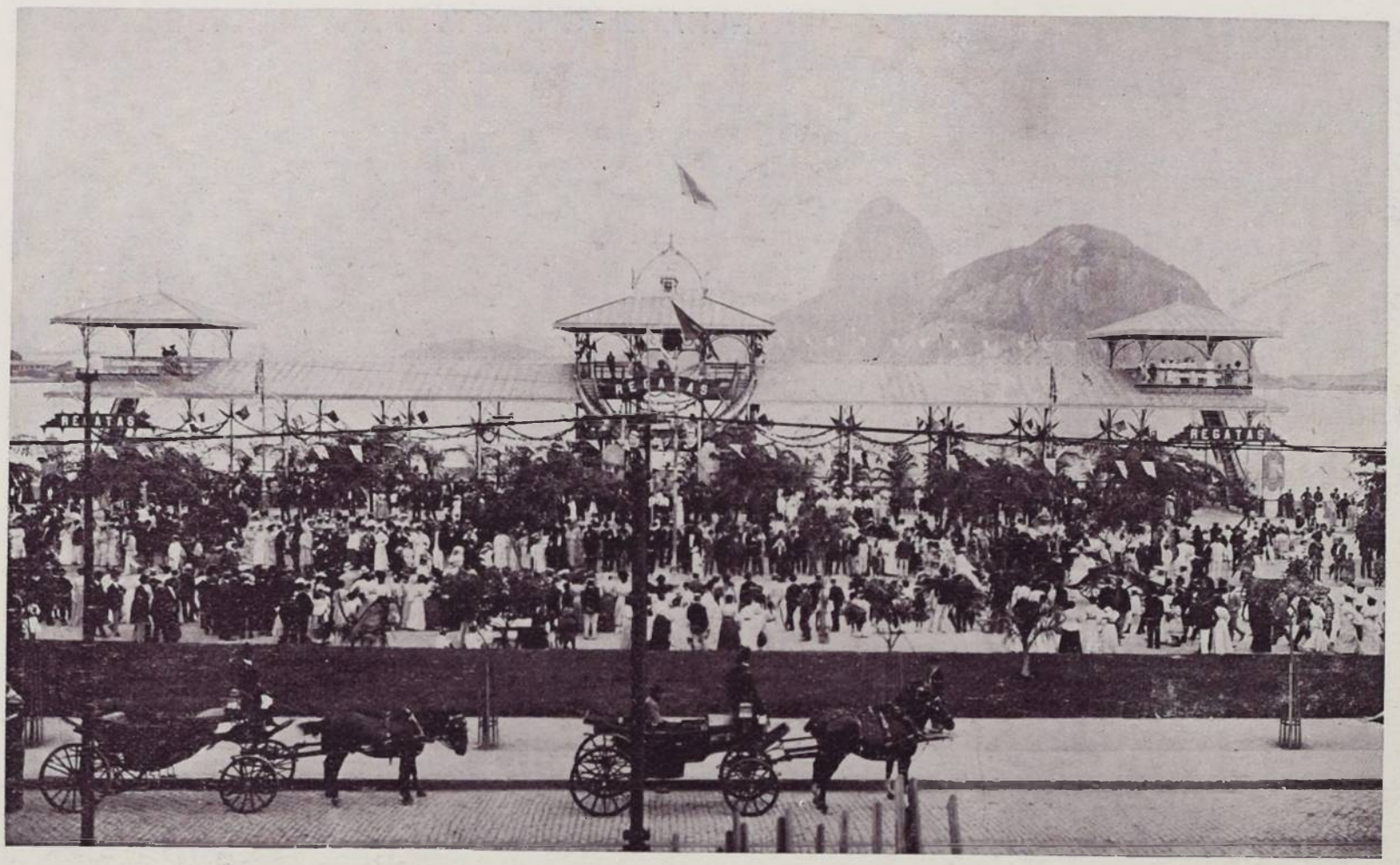
M.



BATALHA DE CONFETTI NA AVENIDA BEIRA-MAR

ORGANISADA PELA «GAZETA DE NOTICIAS»





O PAVILHÃO

BATALHA DE CONFETTI NA AVENIDA BEIRA-MAR

BATALHA DE CONFETTI NA AVENIDA BEIRA-MAR

BATALHA DE CONFETTI

MAR GROSSO

Oh ondas que daes vida e mataes!
(RUYTER.— *Ann. da Mar. Holl.*)

Desde manhã que a Isidora e mais duas camaradas estavam nas pedras a tirar mariscos.

Corria um verão muito limpido.

Uma continua brisa de nordeste embalava docemente as verduras do pequeno promontorio do Rapa. Do alto cahia o sol de ouro quente. Em baixo, em volta, achatando-se a perder de v.sta, cheia de magnificencia e de sonho, a planura verde do Mar, faiscando pelos seus grossos vagalhões sonoros que se estendiam em gigantescos novellos rolantes ao longo das praias, cobrindo-as de largas rendas de espuma. Proximo, os cômoros, com um tom de alvuras oxydadas sob a luz radiante, expunham um retalho desolador de ondulosas areias saharianas. Velas andavam além com saudosas brancuras.

De lenços de chita á cabeça, as mulheres, com as costas escaldando, as faces abertas pelo calor em côr de rosa esplendido, enchiam os samburás, empoitadas sobre as pedras. A's vezes as ondas, escachoando em véos brancos contra a penedia, lambiam-lhes com furor os braços e as mãos rebuscadoras e déstras que apanhavam os mariscos ás pencas. Ellas então desatavam a rir, cheias de consolação, deliciadas á frescura daquellas luvas de humidade e espuma que logo se evaporaram ao contacto do ar e á luz comburente.

Nessa doçura e na alegria da farta pesca que a baixa-mar favorecia, iam de pedra em pedra, numa palração que aquecia, em notas muito cantadas, borbulhando como um veio crystalino dos labios humidos e frescos, de bella pôlpa escarlate. Sentiam-se felizes e falavam expansivamente do lar, dos filhos, das hortas e das roças, da sua criação e do seu gado, abençoando o destino. Com os samburás já cheios esqueciam-se, agora, num repouso bem ganho, sobre uma lage rasa, das mais de fóra, sem reparar na maré que subia. Levaram assim longo tempo, a dar á trela...

Mas um «vagalhão solteiro», um desses tremendos vagalhões isolados tão conhecidos nas costas de mar grosso, e que, em plena bonança e sem se saber bem a causa, surgem, de vez em quando, mais altos e mais agitados que os outros, a sossobrar canôas e a assaltar furiosamente as rochas como numa tempestade, — ergueu-se de subito e as envolveu cruelmente no bôjo bramante. Foi um medonho turbilhão de espuma. A lage toda afundou-se, sumiu-se em grossos rolos fumegantes como um casco a pique, e quando a agua escoou gritos dilacerantes partiram da corôa branca das ondas.

A Isidora, valente e robusta como uma moira de trabalho que era, com os seus braços possantes e rijos de bater algodão, acarretar agua e lenha, e malhar o feijão no terreiro ao sol, procurava, a rudes e esforçados arrancos, galgar a pedra, infelizmente escorregadia da pellucia verde-negra do musgo que a revestia, e que nem ao menos offerecia uma só cavidade apoiadora ás suas pobres mãos naufragas, tentando anciosamente, em vão, agarrar-se a essa massa granitica, nos constantes empuxões das vagas. Debatia-se com denodo e furor, num frenesi de salvação, num desespero de leôa.

As outras, aos gritos de soccorro, a boiarem nas saias enfunadas, num bracejamento indomito de luctadoras, iam levadas para fóra, para o largo, no recúo das aguas hiantes...

Pescadores, que andavam além deitando as redes num afastado recanto da costa, acudiam correndo.

Nesse instante o marido da Isidora, o Manoel Porto, apareceu no alto das pedras, com dois filhinhos pela mão, a chorar. Ouvira longe, do lado de lá, na Lagoinha, gritos continuos que voavam daquellas bandas, e atirara-se para alli a toda, com as crianças, porque tivera de repente um presentimento, uma «pancada» no coração, ao lembrar-se da mulher que lhe avisara, muito cedo, que ia ás pedras tirar mariscos, mais a mulher do Zé Felix e a do Rufino.

Do alto dos penedos o pobre homem desvendou logo, com o olhar rebuscante e ancioso, o sinistro quadro — e sentiu como uma machadada formidavel rebentar-lhe o vasto peito possante. Uma ennervação subita inteiriçou-o. Quasi não podia respirar. Mas quando a reacção se fez, despertando-lhe a máscula e poderosa energia de velho leão do mar, desprendeu-se dos filhos, disse-lhes que esperassem que já voltava, e desappareceu pelas anfractuosidades das fragas, branco, tremulo, numa angustia allucinadora e suprema. Correu, desceu, avançou até ás ultimas pedras do cabo, as mais de fóra, as mais afastadas nas ondas.

As duas mulheres, que a principio boiavam nas saias enfunadas, já se haviam afundado ao largo.

E só a Isidora luctava ainda, na espumarada do maroiço, batendo de encontro as rochas. Resistia prodigiosamente, num ultimo combate para a Vida, com o bello peito athletico de aldeã lacerado, ferido, escorrendo sangue, os cabellos ensopados, empastados pela cara, os olhos immensamente abertos, parados, raiados de rubro, vidrados já, e frios. Um ar crispado e tremulo, de exgotamento e agonia, envolvia-lhe o semblante.

Dessa infeliz creatura, dessa mãe e esposa amantissima e boa, a debater-se em perigo extremo sobre o pélago revolto e n'elle quasi a desapparecer para sempre, desprendiam-se apenas, agora, ais e gemidos roucos, desoladores, plangentes.

No entanto de um cabeço proximo, totalmente impedido de avançar mais, o marido acenava-lhe com os braços e as mãos no ar, chamando-a pelo nome e gritando:

—Coragem, Isidora, coragem! Um esforço mais, pela Virgem, e eu te salvarei!...

E tirava nervosa e precipitadamente a camisa para se jogar ao mar.

Mas a Isidora, coitada, já não o ouviu mais. Um vagalhão mais alto envolveu-a, afundou-a de todo nas espumas brancas...

O Manuel Porto, porém, decisiva ê audazmente se atirara ás vagas e, como um Neptuno, com o busto herculeo intumescido de musculos, o rosto espiritualisado pela Afflicção e a Dôr, os olhos enormemente abertos, a rebuscar as aguas em torno, onde a mulher se submergira naquelle instante, — bracejava desesperadamente no torvelinho espumoso. Mergulhava aqui para surgir alli, mergulhava de novo para resurgir acolá, continuamente, de instante a instante...

Em vão!

A Isidora jazia já morta no seio da voragem oceanica, tendo assim o desventurado e tragico fim das suas duas companheiras, esposas e mães como ella, e que, como ella, nunca mais, nunca mais voltariam á terra senão cadaveres...

As pedras, agora, estavam todas povoadas, estranhamente crivadas de gente. Crianças, mulheres e homens faziam um alarido choroso, selvagem.

Mas nem uma só embarcação nas proximidades e ninguem capaz de arriscar-se naquellas penedias, além do Manoel Porto, que tinha alli em naufragio o seu bem, a sua fortuna, o seu amor, a sua alma!

Os maridos das duas primeiras mortas eram embarcadiços de longo-curso que andavam, ao tempo, ausentes a bordo dos seus navios, em largas e afastadas viagens. Os filhos destes eram ainda pequenitos e mal sabiam o que fazer, attonitos e em lagrimas entre aquella multidão estarrecida, a gritar loucamente ante o sinistro brutal...

Entretanto, após minuciosa e demorada pesquiza em torno aos cabeços do Rapa, em meio á violenta e perigosa arrebentação marinha, o Manoel Porto, já sem mais animo e esperança, extenuado e quasi morto, voltou para terra, a chorar perdidamente, numa angustia inconsolavel. E, de pé sobre a mesma rocha de onde a esposa fôra arrancada pelas vagas, entre os dois pobres filhinhos orphãos, que soluçavam tambem na treva da sua ancia e do seu infortunio, sem mais a doçura de um beijo, o conforto de um carinho, a luz incomparavel e divina de um coração de Mãe —quedou-se espasmado e inerte, emparvecido e chumbado ao sólo pela suprema ankilose do Soffrimento e da Desgraça. Depois, ainda em pranto e transido, ergueu os braços ao céo, como a implorar profundamente de DEUS—a essa hora bem occulto e distante! — uma salvação e um milagre para a pobre esposa adorada, agora para sempre perdida no seio immenso do Mar...

VIRGILIO VARZEA.

Malta
Um Trecho do Rio, Tomado de S. Theresa

POR DARWIN

CAPITULO I

INTRODUCÇÃO

Encetamos, n'este numero de *Kósmos*, a traducção, para a nossa lingua, do valiosissimo livro de Fritz Müller, intitulado—"Factos e argumentos á favor de Darwin" ou, mais succintamente,—"Por Darwin".

E tradusimol-o da edição ingleza de W. S. Dallas, Assistente Secretario da Sociedade Geologica de Londres—1869, porque esta foi acompanhada de annotações ulterioros, de Fritz Müller, á edição allemã de 1863; annotações que vieram corrigir erros de impressão e trazer melhores luzes sobre certos pontos, ahi menos explicitos.

Fritz Müller foi naturalista do Museu Nacional; e o seu nomo tornou-se celebre depois de "Für Darwin" que, foi escripto em Desterro—Santa Catharina—, onde residia aquelle Philosopho.

O seu objecto "éra simplesmente indicar alguns factos favoraveis á theoria genealogica, *colligidos no mesmo sólo Sul Americano, sobre o qual, pela primeira vez, occorrera á Darwin a idéa de volver a sua attenção para a* "origem das especies, esto—mysterio dos mysterios"—como nos diz o proprio Darwin".

"Fur Darwin" é, portanto, um livro escripto no Brasil e para o Brasil... e estamos quasi affirmando que elle não é conhecido dos Brasileiros...

Estaremos errados! Não o crêmos; em todo o caso é esta a sua primeira edição brasileira, com que "Kósmos" brinda aos seus leitores, acreditando prestar um bom serviço, á santa causa da instrucção publica.

Rio-26-2-07

CRYPTUS.

Quando eu li o livro de Carlos Darwin «Sobre a Origem das Especies», me pareceu que havia um meio, e talvel o mais seguro, de verificar a justeza das vistas n'elle desenvolvidas, o qual era applical-as, tão especialmente quanto possivel, á algum grupo particular de animaes. Uma tal tentativa de estabelecer uma arvore genealogica, tanto para as familias de uma classe, para os generos de uma vasta familia, como para as especies de um extenso genero e, de figurar, tão completa e claramente quanto possivel, os antepassados communs dos varios ciclos menores e maiores, poderia conduzir á tres resultados diversos:

I. Em primeiro logar, as supposições de Darwin, assim applicadas, poderiam conduzir á conclusões irreconciliaveis e contradictorias, das quaes, poder-se-hia inferir as falsidades das supposições.

Se as opiniões de Darwin fossem falsas, era de esperar que as contradicções seguissem á sua applicação detalhada, á cada passo; e que estas, por sua força cumulativa, destruissem por completo as supposições de que procediam, mesmo quando as deducções derivadas de cada caso particular, pudessem possuir alguma coisa da natureza incondicional da prova mathematica.

II. Em segundo , a tentativa podia ser de successo em maior ou menor extensão. Se fosse possivel, sobre as bases e com o auxilio da theoria Darwinista, mostrar de que modo os varios ciclos menores, e maiores se separaram da forma fundamental commum e uns dos outros, de que modo elles haviam adquirido as peculiaridades que os caracterisam actualmente e que transformações elles soffreram, no lapso dos tempos;—se fosse possivel o estabelecimento de tal arvore geneologica, de uma historia primitiva do grupo considerado, livre de contradicções internas—então, esta concepção, por mais completamente que encarnasse todas as especies em si propria e por mais profundamente que nos habilitasse a descer aos detalhes de estructura d'estas, deveria, na mesma proporção, trazer em si propria o attestado da sua verdade e a prova, a mais convincente, de que a base, sobre que fora edificada, não éra a areia movediça e, portanto, mais alguma cousa do que um méro «sonho intellectual».

III. Em terceiro logar, comtudo, seria possivel (o que não deixaria de parecer, *prima-facie*, o caso mais provavel) que a tentativa fosse frustrada pelas difficuldades encontradas em seu curso, sem resolver a questão em toda a linha, de um modo perfeitamente satisfactorio. Porém, ainda que só fosse possivel, assim, chegar á um julgamento independente, moderadamente certo, para si proprio, sobre materia affectando, tão profundamente, ás mais altas questões, mesmo isto só não poderia deixar de ser considerado uma grande acquisição.

Tendo me resolvido pela empreza, eu devia primeiramente me decidir por alguma classe particular. A escolha limitava-se, por certo, áquellas cujas formas principaes pudessem ser facilmente obtidas vivas, em alguma abundancia. Os carangueijos e os Crustaceos *Macruros*, os *Stomatopodes*, os *Diastylideos*, os *Amphipodes* e *Isopodes*, os *Ostracodes* e *Daphnideos*, os *Copepodes* e *Parasitas*, os *Cirripedes* e *Rhisocephalos* das nossas costas, representando a classe dos Crustaceos, com a unica defficiencia dos *Phyllopodes* e *Xyphosuros*, forneciam uma serie extensa e variada, ao mesmo tempo que intimamente ligada, tal como eu não poderia obter em nehuma outra classe. Porém, mesmo independentemente d'esta circumstancia, a selecção dos *Crustaceos*, difficilmente poderia ter sido duvidosa. Em nenhuma outra parte, como já foi indicado por varios auctores, ha mais forte tentação de dar ás expressões «parentesco, producção proveniente de uma forma fundamental commum», e mesmo, mais do que uma significação figurativa, do que no caso dos Crustaceos inferiores.

Entre os Crustaceos parasitas, especialmente, todo o mundo está, de ha muito,

TRADIÇÕES

—VEM dahi, meu velho carioca impenitente, vamos dar á perna por esta linda Avenida, na sucia barulhenta desta desafogada multidão que se diverte; vem dahi.

Ampara-te á suave elegancia do meu braço feminino; junta-te á minha alegre companhia de mulher galante, e vamos apreciar o Carnaval nas Avenidas novas e nas novas Ruas largas. Talvez, temas compromettedoras apreciações á tua consideração de homem serio e ponderado, talvez... Mas, com todos os diabos, não estamos no Carnaval? Na epoca da loucura classica, do disfarce, do riso e da bella pandega? Vem dahi... Demais, atravez do lindo disfarce deste pequeno «loup» de sêda branca e desta provocadora phantasia guisalhante de «clowness», ninguem reconhecerá a incorrigivel companheira das tuas antigas troças, nos teus aureos tempos de moço e folgazão. Vem dahi, que te vou mostrar cousas novas e civilisadas, nunca vistas por ti, nunca imaginadas por aquelles que, como tu, emperraram na ferrugem das Tradições e das Saudades incomprehensiveis.

Daqui deste ponto extremo, junto do Mar, ao lado da tradição encantadora do teu lindo Passeio Publico, sob a exquisita exclamação invertida deste obelisco, rola o teu olhar, eternamente saudoso, tristonhamente contemplativo, por toda a larga extensão de toda a linda Avenida e repara, repara bem, na delicia desta perspectiva.

Que cousa mais linda já viste, que este povo em festa, feliz e despreoccupado, percorrendo esta encantadora rua larga e illuminada?

O ar não suffoca; circula livre e fartamente de Mar a Mar, de extremo a extremo, e a multidão não se comprime, não se esmaga, não se fere, como nos detestaveis apêrtos da tua celebrada rua do Ouvidor, quente da luz asphyxiante daquelles celeberrimos arcos de gaz, embaceada da poeira immunda da rua e dos confetti.

Era assim, no teu tempo, o Carnaval? Não, não era. Tinha sempre a nota desagradavel dos apertos, a tristeza lugubre das illuminações incompletas e o incommodo detestavel das ruas estreitas.

Dos confins do Districto, dos extremos pittorescos da Gavea, dos limites ruraes de Inhauma, todo uma festiva massa de povo, abalava para os suadores inevitaveis das nossas velhas ruas.

Lembras-te, meu velho carioca, da tristeza tormentosa desse espectaculo? Era um povo inteiro que se martyrisava, que se machucava, que se feria, que brigava para se divertir, apertado e suffocado entre as altas paredes rijas do nosso detestavel casario.

E do meio da voz estridula dos cornetins carnavalescos, do falsête dos mascarados, quantas e quantas vezes, partiam gritos de dor, guinchos nervosos de faniquitos femininos, trovões de vozerio paterno em ralho á troça garôta dos mal educados...

E hoje? Repara; é toda uma enorme Multidão festiva que se estende desafogadamente pelo vasto caminho da Avenida, que se espraia pelas ruas largas, sem apertos, sem incommodos, sem suor.

Tudo mudou, tudo. Na rajada destruidora da nossa Civilisação rapida, lá se foram os velhos habitos do teu immundo Rio aldeão e primitivo. Ha roupas claras, cassas leves e transparentes, escondendo carnações alarmantes. Os «Panamás» triumpham e os leves chapéos de palha ganharam, victoriosamente, todo o terreno.

As mamãs não vestem mais a sêda custosa dos grandes dias e os papás, no commando supremo das legiões familiares, não têm mais a temer a insolencia das vaias, o ataque aggressivo ás «jacas» e á integridade moral da sua veneravel figura de funccionario.

Nem uma sobrecasaca, repara, nem uma cartola. Ficaram ambas no descanço feliz das moradias, promptas apenas para a solemnidade das missas funebres e dos enterros dos considerados e dos medalhões; e em breve, tu mesmo, has de ver, sem espanto, sem magua, que estes dois elementos supremos da esthetica burgueza dos vestuarios, passaram para o rol das cousas phantasticas, e talvez, quem sabe, tu mesmo, á noite, no descanço caseiro, a acalentar teus filhos, has de accrescentar ás lendas encantadoras da familia, as historias espantosas de homens que andavam, em pleno Sol, sob o mais lindo Céo azul, «envoltos na tristeza veneravel de uma sobrecasaca preta, cobertos pelo cylindro lustroso de uma cartola espelhante». E os teus pequenos hão de arregalar os olhos, tremulos de medo e de espanto, diante daquelle horror e daquelle..... tormento.

E como tudo muda, meu velho carioca, tambem mudou o Carnaval e a propria alegria de hoje, nestes tres dias loucos, é mais franca, mais sonóra, mais sadia.

Bem sei. Não temos hoje o luzimento phantastico daquelles prestitos custosos das nossas Sociedades carnavalescas. Não temos, bem sei; mas temos mais alegria no Povo e o bom humor de toda uma População desafogada e feliz. Sentes a falta daquelle luxo oriental, daquelle disperdicio fabuloso de lantejoulas e fogos de bengala, daquella luxuriosa exposição de Carne, da luxuria tentadora dos «maillots», das largas pincelladas de bistre daquellas olheiras profundas e da profusa orgia dos carmins. Tens razão, tens razão. O Carnaval mudou, mas tu ganhaste, na commodidade, no bom calçamento e na boa illuminação. Aqui estamos, a palestrar, vae para uma hora, commodamente, sem encontrões e sem apertos, sem suor e sem rôlos. Pois, não é tão bom? No intimo, na intimidade do teu velho sentimento, das tuas recordações archaicas, eu percebo, meu velho, a tua grande e immorredoura saudade das apotheoses freneticas de applausos, com que tu, e os teus camaradas d'antanho, saudavam os «Democraticos», os «Fenianos», os «Tenentes», a «Peruana», a «Phrynéa», afogados no delirio de um enthusiasmo vermelho, bufando de calor e pó, grupados, apertadamente, ás portas estreitas do «Castellões» e do «Londres», ou ás esquinas tortuosas de Gonçalves Dias e Uruguayana.

Deves tambem sentir a falta incomprehensivel do teu saudoso Zé Pereira, atordoando os ares com aquelle incançavel zabumbar alegre e forte. O Zé Pereira era a symphonia do Carnaval. Punha formigueiros ás pernas trefêgas dos cariocas, remechia-lhes o corpo em desengonço e bamboleios e acendia-lhes no olhar a chamma rubra do prazer.

Mezes antes, tu já o ouvias, a maior parte das vezes, pelos môrros em passeiatas de ensaio, e o rufo miudo daquellas caixas, o bater compassado e sêcco daquelles bombos, era o signal da alegria que vinha, da loucura que se aproximava, da florescencia vermelha das festas classscas de Momo.

Hoje, tens a te consolar a infindavel serie dos nossos melancholicos «cordões», de todas as cores, de todos os nomes.

Sim. Deves achal-os tristes, com a eterna melopéa das suas toadas, a primitividade das suas danças, a Musa desengonçada dos seus Versos e a incomprehensivel phantasia dos seus vestuarios.

Pois, meu caro, são os dominadores do Carnaval e o tormento dos Poetas.

Contenta te com a alegria do Povo, que é mais franca, mais sadia do que nos teus chorados tempos que lá vão.

Vês? Ha mascaras pelas ruas, tetricos e aborrecidos, como se estivessem a cumprir a mais solemne das obrigações. Mas isto sempre foi assim; o mascara avulso foi sempre, em todos os tempos, a expressão mais exacta da insipidez e do desalento.

Bem sei, que a figura rubra dos travessos «diabinhos» antigos, tinha mais graça, mais vida, do que a palhaçada grotesca destes «clowns» de agora, repisando pilherias de circo de lona.

E os teus «velhos», os mestres inegualaveis da agilidade das *letras*, com os seus «carões» enormes, phantasticamente enrugados e feios, o luxo das suas vestes de velludo e lantejoulas e o seu longo bastão de papel doirado?

E o «pae João», immundamente ridiculo, pintado a pixe, fallando no arrevêzo da linguagem africana, agarrado á vassoura tradicional.

São typos que passaram para o dominio da Tradição, para o esbatimento saudoso das boas recordações.

Em compensação, tu hoje tens..., tu tens... tens o... tens... a Avenida, o fon-fon dos automoveis, a luz electrica, o bom calçamento, as ruas largas, emfim, todo este sumptuoso Carnaval que estamos apreciando.

Vem dahi. Faz-se tarde e ambos devemos estar cançados. Vem dahi, que por hoje já nos divertimos regaladamente e eu, com franqueza, sinto-me cheia de Somno e de Insipidez.

E aflautando a voz, a linda companheira de troças e loucuras do meu tempo de moço e folgazão, perguntou, num falsête desembidamente carnavalesco e cançado: «Você me conhece? Eu sou a Folia».

A Cidade começava a repousar, exhausta, das loucuras do dia.

De longe, por aquella hora calada de noite alta, vinha o rumor somnolento e sentimental do réco-réco de um «cordão» em retardo.

— Que cousa lugubre! — E abalei para casa.

2—907.

MARIO PEDERNEIRAS

O CARNAVAL NA AVENIDA

AOS CAMPISTAS

POR OCCASIÃO DAS INNUNDAÇÕES DE 1906

Chove ha mezes. Nuvens pardas,
Prenhes d'agoa, passando
Vão no céo baço, em bando,
Como corvos, movendo as azas tardas.

E ha por ahi cazaes
Lavoiras, villas desapparecendo
Numa tristeza tragica. O tremendo
Crescer dos rios vem crescendo mais.

Assoberbados corregos, no estio
Mesquinhos, levam na carreira pontes
E mugem como bois, no ermo sombrio,
Catadupando, as agoas pelos montes.

Quantas familias hoje, sem abrigo,
Como a tribu de Cham, vagando vão.
E o camponez, que a sorte fez mendigo,
Sente que lhe fallece o coração.

Gente que eu conheci, gente que eu quero
Como se a minha propria gente fosse,
Que na fartura vi, contente e doce,
Anda a morrer de magoa e desespero.

E pela noite quêda e indifferente
A natureza atravessando, escuto,
Multiplicado, unisono, pungente,
O longo chôro humano ininterrupto.

O chôro humano, tumido de magoas,
Avolumado em ondas, vem crescendo,
Como o outro chôro infermino das agoas
Pelos escombros, no bramido horrendo.

Ophelias brancas pela unida treva
Das frias noites, vão dizendo adeus.
Quem sabe a vaga que o seu filho leva?
Quem vêr consegue nesta sombra Deus?

E a lua, a parca que ali está suspensa,
Com o frio disco, pallida, recorta
Para o cadaver da cidade morta
N'agua do rio uma mortalha immensa.

O' Parahyba! toalha remançosa
No bom tempo; no inverno, mar sombrio.
O' via sacra! via dolorosa!
Os mortos boiam no seu dorso frio!

Leito de velho, berço de menino,
E o ninho d'ave, morto no gorgeio,
Boiando, como lyrio matutino,
Da noiva amada o abotoado seio...

Rio da morte! Lethes inclemente!
Que as esperanças mortas vaes levando,
O humano chôro, escuto, soluçando,
Pelo surdo rumor da tua enchente.

ALCIBIADES FURTADO

«ENTRUDO» — ESTAMPA DE DEBRET (1818-22)

sentia prazer em se molhar e entregar-se delirantemente ás suas violencias, das quaes, uma vez por outra, resultavam conflictos mais ou menos graves; outra parte, porem, propendia para a alegria do Carnaval mascarado e fantasiada e essa queixava-se da difficuldade em sahir á rua, formar bandos, organisar passeiatas por causa dos vexames, contrariedades e prejuizos a que ficaria exposta com o desbragamento do entrudo.

Fizeram, então, uma persistente campanha contra o entrudo. A policia empregou energia, perseguindo os enthusiastas desse divertimento. Os primeiros resultados dessa perseguição appareceram em 1854, cujo carnaval correu animadissimo, vendo-se pelas ruasinhas cariocas carruagens com familias fantasiadas, muitos mascaras avulsos e alguns montando cavallos azaejados. Dois annos depois, em 1856, o chefe de Policia Dr. Alexandre Joaquim de Sequeira conseguia reprimir o entrudo. Datam desse tempo as victorias do Carnaval no Rio. O *Congresso das Summidades Carnavalescas* obtinha grande successo com as suas passeiatas, que ficaram memoraveis. Em 58, a *União Veneziana*, estimulada pela victoria das *Summidades*, organisou um sumptuoso prestito, em que figuravam Felippe I de Castella, o duque de Builie, um Montmoroncy, o conde de Charnay, capitão das guardas de Maria Antonietta, o marquez de Salures, o conde d'Arcos, o cavalheiro Ruy Lopes de Villa Lobos... em summa, numeroso conjuncto de reis, principes, duques, marquezes, condes, barões, cavalheiros e pagens. Apezar da mistura das edades historicas e dos personagens, a marcha da *União Veneziana* assumiu a importancia de um acontecimento social. A população prestou-lhe ovações, atirando-lhe flores e confeitos, saudando-a com palmas e bravos. Durante muitos annos essa passeiata foi narrada e commentada, e os nossos bisavós arregalando os olhos, suspendendo a pitada, murmuravam ainda cheios de assombro: Que luxo! que dinheirão!

Appareceram por esse tempo os *Zuavos*, com o titulo: banda marcial da Sociedade Euterpe, e, segundo cremos, o celeberrimo

Zé Pereira, o tremendo rompe rasga do charivari pagodeiro.

O infatigavel chronista do nosso passado, o sr. Vieira Fazenda, em um dos seus interessantes folhetins da *Noticia*, o de 15 de Fevereiro de 1904, conta-nos o apparecimento desse barulhento e alegre esturdio carnavalesco, mas esqueceu-se de nos dizer o anno em que isso foi. E' de crêr que fosse por essa occasião ou mais um anno depois ou menos um anno antes, que o incansavel *Ze Pereira* zabumbou pelas ruasitas lobregas da populosa Sebastianopolis. A data precisa escapou á penna, senão á memoria, do narrador dos nossos costumes e modos d'antanho; em compensação tivemos o nome do seu primeiro zabumbador, que o chronista lega á posteridade.

Chamava-se José Nobrega de Azevedo Paredes, tinha a profissão de sapateiro e era de origem portugueza.

Foi o José Nobrega quem, por uma tarde de nostalgias, n'uma segunda-feira de carnaval introduziu na *Côrte* do Imperio do Brasil, sob o reinado do sr. D. Pedro II, o formidavel *Zé P'reira* das folias minhôtas. E teve exito completo, foi um successo!

O PRINCEZ

Toda a suja cidadesinha, esconsa e fedorenta, estremeceu ao ruido rythmado da estrondosa pandorga; e se o Nobrega tinha pulso capaz de vencer um toiro, melhor teve-o para zabumbar galhardamente no couro cortido dum boi. O sapateiro da rua São José, sem calcular o resultado da sua pandega nem prever a celebridade que o esperava, fez mais rapida escóla com a alegre barulhada dos bombos do que com a pericia da sua sovéla.

De então em diante os *Zé-Pereiras* surgiram ás duzias, aos centos. As sociedades agarravam-se-lhe com fervor e toda a doudice do Carnaval reanimou-se com esse retumbante bater de tambores e bombos. No sabbado de Momo, após o badalar das dez horas no *aragão* de S. Francisco de Paula, a barulhada começava. Parecia que um sôpro de loucura passára sobre a cidade. Em diversas ruas o *Zé Pereira* estrugia. Ajuntavam-lhe bosinas, cornetins, campainhas. Era o seu dominio. Mas esse foi util ao Carnaval porque distrahiu o povo das brutalidades do entrudo. Começou, então, o Carnaval das ruas. Os *princezes* passeiavam a sua capa de belbotina e os seus calções de setim; ao arremedo de falsificados pagens medievaes traziam cabelleiras de caixos frisados, e pregavam obreias pequeninas e multicores no rosto.

O CHICARD

Fazia-se espirito. Dominós impiedosos troçavam e intrigavam. Alguns tornaram-se notaveis, e se os designava pela côr, porque guardavam rigoroso incognito.

Dessa alegria, dessa animação surdiu a *Bohemia*, que, dizia França Junior n'um folhetim da *Gazeta de Noticias*, de 7 de Março de 1878, «marcou uma era memoravel no carnaval. Foi o imperio do *Chicard* do espirito».

Essa sociedade era composta dos mais elegantes leões do tempo e foi ella que introduziu aqui o vestuario *chicard*, de Gavarni, dando á Madame Niobey, costureira parisiense domiciliada no Rio, uma larga e longa cele-

bridade por ter sido a confeccionadora da maior parte dessas fantasias.

Com a *Bohemia* vieram os *Estudantes de Heidelberg*, a *Internacional*, o *Club X*, e outras mas já sem o caracter familiar dos primeiros, excepção do *Club X* que, afinal, teve de desistir de suas pretenções e ceder ao carnaval licencioso que Paris creava.

Appareceram tambem os *diabinhos* vermelhos, os *velhos*, cabeçudos, de enormes casacas com pães da rala por botões e baculos; os *az-de-copas*, em camisas de mulher e trazendo por capacete um vaso, que não é de sala... E, pouco a pouco os estalos fizeram a sua entrada; ao principio alegremente atirados, dando uma nota ruidosa mas inoffensiva aos folguêdos; depois ultrapassando os limites d'alegria para entrar nos impulsos da perversidade, queimando roupas, chamuscando braços e collos. E, surrateiramente, sob maneiras de elegancia e galanteios, surgiu a *bisnaga*, discreta, esguichando finamente, á guisa de um pulverisador, productos das retortas de Lubin e Pinaud, conceituados perfumistas da época.

Não obstante os males provocados pelos estalos e a vulgarisação das bisnagas, as sociedades folgavam e divertiam o povo. O Carnaval do Rio de Janeiro ganhára foros de grande festa. Arredadas, como foram, as familias, os prestitos carnavalescos ostentavam um luxo que o *maillot* fazia deslumbrante.

Os bailes nos theatros iam perdendo a sua animação de outr'ora, porque as sociedades deixaram de os frequentar para se precaverem contra os continuos conflictos que nelles se davam, conflictos em que um pobre francez, de nome Cosenave perdeu a vida.

Todos os annos surgiam novos clubs. Eram os *Fenianos*, os *Academicos do Kœnigcber*, os *Inimitaveis*, a *Paulicéa Vagabunda*, os *Estudantes de Salamanca*, que cantavam á guitarra peteneras e malaguenas, e grupos mais ou menos numerosos e ephemeros, como os das *Sabichonas*, *Fragata Fraca*, *Corveta Terrivel*, *Parazitas de Casacas*, aos quaes se reuniam clubs musicaes, na sua maioria francezes...

Desappareciam uns, surgiam outros.

O *Congresso das Summidades* desorganisou-se, em 63 já não existia; dez annos depois pretenderam reorganisal-o com o titulo de *Novas Summidades*, mas a sua existencia não logrou duração. Os *Zuavos* (isto é, a Euterpe) passaram a ser *Tenentes do Diabo*, os *Democraticos* formaram-se com dessidentes de outras sociedades.

A proporção que se formavam novas sociedades, que seus prestitos attingiam a um luxo extraordinario, para cujas allegorias eram disputadas a ouro as mais bonitas *alcasarinas*, as mais moças e vistosas mundanas e os espirituosos mascaras da rua cediam logar aos capoeiras vestidos de *diabo*, trazendo as caudas de cabo de velame, aos *princizes* armados para o que desse e viesse de porta-voz colossal, e *mortes* e *macacos* que escondiam nos cintos as navalhas assassinas. E com isso o entrudo resurgia. As delicadas *bisnagas*, de fino jacto de pulverisadores, passaram a *bisnagões* que jorravam esguichos de repuxos; os limões não só de cêra, tambem de borracha reentravam em scena. As mulheres, que faziam parte dos prestitos das sociedades, viam-se obrigadas a se munirem de chicotinhos de montaria para castigar os que as molhavam brutalmente.

De mais, parece que o *entrudo*, apesar da sua bruteza, das molestias que provocava e dos conflictos que dispertava, afinava-se perfeitamente com a nossa educação, porque muita gente boa tinha-lhe quéda. O Sr. Vieira Fazenda conta-nos que o Sr. D. Pedro II, quando em Petropolis, não passava incolume sob a saraivada dos limões e esguichos das bisnagas. Sua magestade achava-lhes graça e ao retornar a palacio, molhadinho como qualquer mortal, ria-se a bom rir dos desrespeitos das lindas veranistas petropolitinas. Um jornalista houve, e dos mais celebres em nosso tempo, que comprava limões de cheiro aos milheiros. E a pequenina redacção do seu jornal, na rua do Ouvidor, transformava-se n'um verdadeiro arsenal, n'um deposito bellico de entrudo. Dizem que, d'uma feita, andando a policia a reprimir o entrudo, o alegre e gordo jornalista pediu ao delegado Macedo de Aguiar que subisse á sala da redacção para intimar o numeroso grupo de damas e senhoritas a abandonar o divertimento. Era um ardil. O delegado subiu e mal punha o pé na sala uma legião de moças acomettia-o de tal modo que, para sahir, teve necessidade de mandar o seu ordenança buscar outras roupas em sua casa.

Comtudo o Carnaval resistia, brilhava com a riqueza dos seus prestitos, attrahia á cidade a grande massa da população.

O Club X exibia uma caravana oriental montada em camellos, que mandára vir da Asia, propositalmente para esse fim; os *Tenentes*, *Fenianos*, *Inimitaveis* e *Democraticos* rivalisavam em riqueza de vestuarios e espirito nas criticas, porque as sociedades tendiam ao aproveitamento jocoso dos factos mais salientes do anno. Appareceram os *Carbonarios*, *Pingas*, *Filantes*, *Cynicos*, *Femmes Parisiennes*, *Badanas*, *Regresso do Rocambole*,

Tagarellas do Diabo ou Velhas Esponjas e, antes de todos os clubs de curta duração, os *Cucumbys*, que faziam suas danças selvagens na rua.

A pouco e pouco as sociedades mais dinheirosas desfalleciam, liquidavam seus ultimos recursos. Em 1878 só estavam em campo os *Fenianos*, *Tenentes* e *Democraticos;* os demais, mesmo o *Novo Club X*, succumbiam. E aquellas tres entravam n'um grave periodo de rivalidades que teve por desfecho uma tremenda lucta, porfiada a cacete e pedradas, em uma terça-feira, no momento em que *Fenianos* e *Tenentes* se cruzaram na rua do Hospicio, esquina da dos Ourives ou Quitanda.

D'ahi por diante, ou melhor dizendo, durante dois a tres annos, foi o entrudo quem fez o carnaval.

A seringa volveu a participar activamente dos folguedos, não já a seringa de irrigação, mas a de borracha, destinada a outros usos; os limões attingiram a proporções disformes, deixaram de ser limões, transformaram-se em bananas, laranjas, abacaxis, jacas, melancias, pelo tamanho e pela fórma: quem os levasse pela cara apanhava um banho completo e uma tapona de ver estrellas... entre chuva; as bisnagas pesavam litros e pareciam *mangueiras* de bombeiros, o polvilho e o pó de sapato entraram em actividade.

Não satisfeitos com isso os entrudistas voltaram ás bombas de jardim e aos baldes d'agua, e a perversidade, que é quem tira partido dos desregramentos, entrou a encher bísnagas com agua suja e liquidos corrosivos e a fabricar limões que rivalisavam com calháos na dureza e poder offensivo. Para coroamento dessa obra de feios costumes e relaxamento policial não faltou a bordoada. Quem descesse á cidade para assistir o carnaval, deveria dar graças a Deus quando voltasse sem chapéo e com as roupas em frangalhos, porque muitos voltavam com os olhos queimados, a cabeça em pontos falsos e o braço n'uma tipoia!...

Emquanto assim corria o Carnaval, os *Cucumbys*, como o *Zé-Pereira* n'outro tempo, mudavam o aspecto dos folguedos, communicando a sua selvageria aos instinctos rudes do povo. Dir-se-ia uma affinidade. Delles nasciam os *cordões*, esses horriveis, fetidos, barbaros cordões, que dão ao nosso Carnaval de hoje algo de boçal e salvagem com a sua immutavel melopéa de adufes e pandeiros e a babugem desboccada de suas cantilenas. Quanto o *Zé-Pereira*, apesar da sua pobreza de rythmo, tem de ruidosamente alegre, esses tan-tans e bufe-bufe dos cordões possuem de bruto, atroador, irritante e estupido.

Já não ha alegria nem espirito, ha berreiro de taba de mistura com uivos de africanos em samba. E para completar a insipidez d'um carnaval de cabindas e botocudos o *lança perfume* vai abrindo caminho ao entrudo como outr'ora a bisnaga, pequenina, discreta e perfumada.

AMERICO FLUMINENSE.

acostumado a fallar, de um modo que apenas admitte feição figurativa, de sua parada de desenvolvimento por parasitismo, como se a transformação das especies fosse uma cousa decidida.

Não pareceria, certamente, á ninguem, um passatempo digno da Divindade, divertir-se com a invenção desses maravilhosos aleijões e, portanto, elles foram julgados como tendo cahido, por sua propria culpa, como Adão, do seu primitivo estado de Perfeição.

O facto de que, uma grande parte dos maiores e dos menores grupos em que se acha dividida esta classe, podia ser considerada como satisfactoriamente estabelecida, era ainda uma vantagem á não ser desprezada; ao passo que em duas outras classes, com as quaes eu estava familiarisado—a dos Annelidos e a dos Acalephos, todas as tentativas de ordenação, só podiam ser consideradas como revisões préliminares.

Aquelles grupos immoveis, assim como as formas frisantemente notaveis da rija armação dermica, multi articulada, eram, não sómente importantes como seguros pontos de partida e sustentaculos, mas, tambem, do mais alto valor, como barreiras intransponiveis de um problema em que, da sua natureza real, a phantasia podia livremente desdobrar as azas.

Assim, quando eu comecei á estudar os nossos Crustaceos, mais estrictamente sob este novo preceito da theoria Darwinista,—quando eu tentei trazer os seus grupamentos á forma de uma arvore genealogica e conceber uma idéa da estructura provavel de seus antepassados,—vi immediatamente (como eu já esperava, na verdade) que seriam necessarios annos de trabalho préliminar, antes que o problema essencial fosse seriamente attacado. As obras principaes de systematica, geralmente attribuem mais valor, aos caractéres separando os generos, as familias e as ordens, do que os que unem os membros de cada grupo e, consequentemente, fornecem, quasi sempre, muito pouco material applicavel.

Porém, acima de tudo, um conhecimento de conjuncto da evolução, éra indispensavel e todo o mundo sabe, quão imperfeito é o nosso conhecimento actual d'este assumpto.

As defficiencias existentes éram as mais difficeis de supprir porque, como notou Van Beneden a respeito dos Decapodes, da quasi sempre incrivel differença no desenvolvimento das formas, as mais estreitamente alliadas, decorre que ellas devam ser estudadas separadamente — em geral familia por familia e, frequentemente, genero por genero, senão, ás vezes, como no caso de *Peneus*, mesmo especie por especie; e porque estas investigações, já de si incommodas e tediosas, dependem, na regra, de um ensejo casual para o seu successo.

Mas, comquanto a execução satisfactoria da «Arvore genealogica dos Crustaceos» pareça ser um emprehendimento para o qual difficilmente bastaria o vigor e a vida de uma pessoa, mesmo sob mais favoraveis circumstancias do que poderia apresentar uma ilha longiqua, por demais afastada do grande centro da vida scientifica, longe das bibliothecas e dos museus,—nem por isso a sua praticabilidade se torna cada vez menos duvidosa aos meus olhos; e, novas observações, dia a dia me tornam mais favoravelmente inclinado á theoria Darwinista.

Procurando estabelecer os argumentos que eu tirei da consideração dos nossos Crustaceos, á favor das vistas de Darwin e que (juntamente á considerações mais geraes e observações em outros grupos), essencialmente auxiliaram a fazer com que a correcção de taes vistas, se mostre cada vez mais palpavel para mim, que, me deixei influenciar por uma expressão de Darwin: «Aquelle que»,(Origem das Especies, p. 482) «é levado á crêr que as especies são variaveis, prestará um bom serviço, exprimindo conscienciosamente a sua convicção.»

Ao desejo expresso n'essas palavras, eu respondo, por minha propria parte, com o maior prazer, pois que, isso me fornece opportunidade de, publicamente, exprimir em palavras, a gratidão que eu senti profundissimamente por Darwin, pelas instrucções e suggestões, de que sou tão devedor ao seu livro.

Portanto, eu trago este grão de areia com segurança á concha da balança contra «o fardo do preconceito com que este assumpto é opprimido», sem me perturbar em que os sacerdotes da sciencia orthodoxa, queirão me incluir entre os sonhadores e neophytos, no conhecimento das leis da Natureza.

FRITZ MULLER.

CARNAVAL DE 1907

CARNAVAL DE 1907

O Carnaval no Rio

(NOTAS LIGEIRAS PARA UMA CHRONICA)

O CARNAVAL dos nossos antepassados era o entrudo.

Já nos tempos coloniaes *jogavam-no* desembaraçadamente. As mascaras eram tidas como prejudiciaes á ordem publica, serviam para ciladas, para os levantes e crimes. Em 1720, quando em Minas Geraes, o bando do mestre de campo Paschoal Guimarães desceu, alta noite, do Morro Velho sobre a moradia do prepotente ouvidor Martinho Vieira, os que o guiavam vinham mascarados. Dizem tambem que foi um *mascarado* quem assassinou o prisioneiro almirante Du Clerc, em 1710, na casa que o governador desta cidade lhe déra por *prisão* na rua Direita... Outros crimes mysteriosos são attribuidos a embuçados com mascaras. E certo é que a mascara foi tida como traiçoeira e criminosa, por quanto, em diversas épocas, os governadores desta cidade mandavam fazer publicos varios alvarás prohibindo o seu uso.

Por essas prohibições o entrudo constituiu-se o mais apreciavel folguêdo carnavalesco.

Havia grande prazer nesse jogo brutal. Em algumas ruas grupos entrudescos agarravam os transeuntes á pulso, violentando-os, mettiam-os dentro de uma tina e, por sobre carga, toda a familia do folgasão despejava sobre a victima jarros e barris d'agua. Visitar alguem nesses tres dias era uma temeridade. Só se animavam a fazel-o os que achavam graça no banho á força... ou não tinham escravos para abastecer a sua casa do precioso ciquido. Assim o banho chegava a ser prolvidencial.

O processo *mais delicado* dessa terrivel pagodeira consistia no arremesso de limões de cêra cheios d'agua simples ou perfumada com essencia de benjoim e canella, e jactos de seringas de irrigação. O fabrico desses limões tornou-se uma pequena industria, que occupava por longos mezes as familias cariocas. Durante dezembro e janeiro muitas casas do Rio de Janeiro viviam em verdadeira azafama, a fabricar esses projectis, mas nem sempre com a cautela necessaria á integridade physica do proximo, porque alguns limões excediam na espessura de seus involucros o quanto deviam ter de bem aferido para não esborrachar narizes nem amachucar o rosto das victimas. As seringas menos mal faziam; contrapunham, porém, maior banho. Collaborando com a seringa appareciam frequentemente o moringue, o jarro, o alguidar e o barril.

A agua não bastava, porque se era limpa poderia, quando muito, provocar bronchites, pleurizes, pneumonias, o que era preciso, o que era necessario, era ridicularizar a victima, fazel-a irrisoria, escorrachal-a com a vaia, e obrigal-a a arrastar o seu ridiculo por onde passasse.

Assim, com o *banho* cobriam-na de farinha de trigo ou polvilho, algumas vezes de pós de sapatos ou vermelhão. Este habito esteve muito em voga entre a gente do povo, mórmente os negros. A estampa de Debret, que reproduzimos adiante, é um quadro de costumes, Ahi está a pagodeira em todas as suas minucias. Ahi estão a seringa em acção, a tina preparada, os limões para a batalha e o polvilho posto ao serviço da folia. Nada lhe falta, nem mesmo a assuáda dos que assistem o ataque á *creôla* de anagua curta e cabeção rendado.

A introducção dos bailes carnavalescos populares, sem corrigir logo esse estupido folguêdo, veiu indirectamente modifical-o. Foi em 1847 que elles estraram em maior voga. Um hotel que aqui existiu, com o titulo de *Hotel de Italia,* dava-os com alguma animação e a *Sociedade Constante Polka* augmentava-lhes o brilho com a assistencia dos seus associados. Ao mesmo tempo o *Tivoli,* que era um estabelecimento de recreio, na chacara n. 9 do Campo d'Acclamação (Campo de Sant'Anna, em nossos dias Praça da Republica) engalanava-se para a alegria das quatro noites de Carnaval. Em 1849 o *Tivoli* transformou-se, sob o titulo de *Paraizo,* n'um aprazivel botequim campestre, com salas de jogos e pavilhão para danças, então os seus bailes tornaram-se famosos; tal o preparo, o brilhantismo, a concurrencia que tiveram. O theatro S. Francisco e o Salão da Floresta tambem deram bailes, devendo-se notar que, por causa perdida pela negligencia das chronicas da época, o emprezario do Salão da Floresta arrepiou carreira publicando, na quarta feira de cinzas d'aquelle anno, solemne protesto de não mais dar bailes carnavalescos.....

Ao partir desse tempo os bailes publicos carnavalescos entraram nos nossos costumes e com elles veiu o attractivo das *fantasias* e o prazer da mascara em tal desenvolvimento que, em 1851, foram organisadas duas sociedades carnavalescas: O *Congresso das Summidades* e a *União Veneziana*.

O apparecimento das sociedades carnavalescas não foi o bastante para pôr cobro ao entrudo brutal, grande parte da população

REMODELAÇÃO DO MOBILIARIO

PÓDE-SE dizer que a revolução de 1789 destruiu o estylo francez do mobiliario. A escola de Louis David com a sua preoccupação do *antigo*, e depois a influencia de Jean Degoure na industria artistica, quebraram a corrrente das tradições da fórma e do ornato nos moveis que a *rocaille* fizera tão femininamente graciosos, leves e, sobretudo, apropriados á elegancia embonecada dos corposinhos pompadourescos das marquisetes e demoiselles da brilhante côrte de Versailles!

A dominancia burgueza na estrondosa revolução, mascarada com o barrête phrygio e o *sans culotte* da democracia, reagiu contra a feição delicadamente aristocratica do mobiliario como formou o reaccionarismo dos costumes, ephemeramente severos, para logo se densarem na ostentação mirambolante das *parvenues;* nem é de comprehender que a gracilidade de linhas tão finamente combinadas, de uma harmonia requintada que faz pensar em junquilhos nascidos na estreiteza caprichosa de *flûtes* crystalinas cinzeladas em velha prata, pudesse supportar tregeitos plebeus e adiposidades superfluas de Mmes. Angots ou servisse a compôr interiores onde o calculo das pilhagens andasse embaralhado com a grosseiria dos habitos e costumes.

Immobilisada a mó revolucionaria, a espiritualidade da grande Pariz reviveu nos salões bizarros do Directorio, surdindo do sôro estranho da sociedade as galantes damas do tom, taes foram Mmes. Recamier, Tallien, Hamelin, Stael... Mas os caprichos curvelineos do *rococó*, as suas guirlandas e festões, os seus amores e volutas, desappareceram sob a reconstrucção do etrusco e do romano, a que foram pedir modelos e a que ajuntaram attributos de guerra.

A par dessa tendencia para o mavortico, o composito greco-romano persistiu e, por vezes, um pretenso puro grego, desempoeirado e anachronico, dominou o gosto do Directorio, desse mesmo Directorio em que a flôr pluripetala do espirito desabrochava em ridiculas bolotas de *calembour*.

Ah! o *calembour* foi uma raiva de dentes! uma enxaquêca! uma epedemia! E' de suppôr que cincoenta por cento da loucura desse tempo resultasse dessa tolice com fóros de facecia... E em frente do pelintra e irritante *calembour* perfilava-se com ares de Jupiter... em fraldas de camisa, a anticomania. Encontramol-a em tudo e por toda a parte, nos moveis, nos vestuarios, nos penteados, nos gestos, nas festas publicas...

Do *atelier* famoso do famoso pintor Louis David sahiram para rua os *muscadins*, seus discipulos, vestidos a grega, reproduzindo Platão, Praxitelles, Alcibiades. As damas da moda, a seductora banda borboleteante do amor e da graça, despindo saias, repellindo camisas, vestiam-se caracteristicamente a Diana, a Flora, a Ceres, a Minerva.

Houve tambem vestuarios de nomes alambicados como os que se chamavam *vestidos ao levantar da aurora*. Os pés nús ou mettidos em finissimos tecidos de meias côr de carne, em que os dedos estavam figurados, calçavam sandalias ou cothurnos. A este respeito contam os Goncourts, na *Historia da Sociedade Franceza durante o Directorio:* «As vestes afastam-se pouco a pouco das gorjas; e os braços, encobertos até os cotovellos, receiosos de parecerem feios e accusados de se occultarem em vestidos *a hypocrisia*, se desnudam até as espaduas. Depois as pernas e os pés seguem o exemplo dos braços; e os atilhos resplandencentes de pedrarias se enrolam nos tornozellos e anneis de ouro brilham nos dedos dos pés... Não se estimam senão as musselinas, os *linons*... Tudo o que contorna os membros e a elles se amolda tem preferencia... Na audacia da nudez ha audacias: num dia decimo *(decadi)* do anno V, duas mulheres passeam os Campos Elyseos núas, apenas envolvidas nos mantos de gaze; outra mulher ali se apresenta com os seios inteiramente descobertos. A' esse exaggero de impudicia plastica correspondem— *uês!*... admirativos da multidão e as gregas nos costumes de estatuas são obrigadas a retomar suas carruagens. Então as mulheres da moda resignam-se a se deixarem unicamente advinhar...»

O *antigo* restaurado como um principio de severidade, sem duvida para recordar o stoicismo dos spartanos ou o nobre culto da belleza dos athenienses, desmantela-se numa petulante licença, escorréga, escorre para a indecencia. Todavia não se arrefeceram os enthusiasmos pelos serenos tempos da gloriosa Grecia pagã.

A senhora de Recamier faz-se pintar por David sobre um ripanço, numa delicada tunica pelo molde em voga, decotada, de braços desnudados, com os pés sem meias. Era uma delicia de frescura e proporções, essa rica senhora de Recamier! Seguem-lhe o exemplo outras damas tão preciosas pela formusura quanto notaveis pelo nome. Os retratos são semi-núS. O côalho roseo e offegante dos seios, a maciez contornada dos pescoços, que lembra as Venus de marmore do hellenismo, o tórulo carnúdo dos hombros, fascinam os olhares. Mas, isso, é o esplendor da Fórma que fazia o orgulho dos grandes cultores da

Belleza. E grego é o penteado, como gregos são os moldes das tunicas, os adornos, os enfeites. O mobiliario tambem é grego.

Na rua Chantereine, informa-nos S. Blondel em paginas da *Arte durante a revolução*, o palacete do celebre Talma tinha salas e moveis gregos, rigorosamente copiados dos melhores modelos.

Foi esta arte que o imperio adoptou, mas, convenientemente, adoptando os moldes á sua maneira. A composição greco-romana, desmerecida pelo arremedo muitas vezes irreflectido, adquiriu resistencias e rectilinidades a que se vem reunir uma superabundante ornamentação mavortica de corôas de triumpho, palmas de victorias, pontas de lanças e punhos de gladios, e sempre, como a força suprema sobre todas as cousas, a aguia imperial, erecta, sombria, atrevida de senho e desafiadora por impassivel!

Era difficil, senão impossivel, refundir esta arte. O imperio appareceu insentido porque, de facto, o que vinha governando era o imperialismo disfarçado em directorio; já no consulado sentia-se o imperio e Malmaison oppunha-se ás Tuilleries. De mais, a aristocracia de Bonaparte, obscuro official do exercito de Luiz XVI, repontou mesclada e confusa. Os fidalgos queriam recuperar os seus logares, os burguezes pretendiam nobrezas, e entre as nobres maneiras do *faubourg Saint Germain* e as esquerdices dos *intrusos* a habilidade da ex-viscondessa de Beauharnais, então Josephina Bonaparte, tecia a trama polychroma da sociedade do imperio. (1) Volviam os *emigrados*, pouco á pouco; o aristocracismo, que havia dado as costas ao general ambicioso, voltava zumbaioso, com seus ademanes de alta linhagem. Napoleão sorria e commentava: *Je leur ai ouvert mon anti-chambre, et ils s'y sont précipités* (Memorias Secretas do Conde d'Allonville). Mas, de permeio com esses nobres senhores, havia generaes, com tratamento de principes, que escondiam pulsos de arrieiros nos canhões das mangas e, segundo o valéte Constant, uma numerosa banda faiscante e perfumada de *mesdames* disputava nos corredores do palacio o deshonesto papel de favorita, que o imperador, com a sua rudeza de soldado e mais ainda pelo seu desmedido orgulho, reduzia á degradante funcção de *objecto opportuno*.

Ora, semelhante arte, por mais sumptuosidade que os ceremoniaes affectassem, por maior que fosse a influencia exercida na côrte pelo bom gosto da illustre e velha marqueza de Montesson, viuva do duque d'Orleans, de quem fôra esposa morganatica, não podia encontrar uma fórma esthética definitiva. A diversidade das educações, o desvario da pompa a todo o preço, e até a intranquillidade das campanhas, talvez mesmo a mania reinante das dansas, não consentiam o rebuscamento necessario a uma caracterisação completa, refundida com saber ou creada com inventiva.

E' preciso, porém, não confundir o elemento ornamental com a fórma intrinseca. Aquelle encontramol-o de relance, na mirada primeira; está nos seus loureiros, nas suas maças de guerra, nos capacetes e nas espadas; essa, lhe escapou porque continúa a copiar o etrusco, o classico grego e o romano.

Assim foi que atravessou o consulado, permaneceu no imperio, em quasi nada se modificou com Carlos X e veiu encontrar Luiz Felippe no throno de França.

E, não obstante a ausencia do luxo na côrte do «rei de guarda-chuva ao braço», o mobiliario soffreu ahi uma transformação apreciavel. E' dessa época o pesado sofá dos salões, massiço, largo, enorme, tal se fôra construido para comportar uma familia inteira, incluindo netos e sogras; e deram a esse respeitavel traste *braceiras* iguaes aos amteparo das camas, que ornavam d'esculpturas grossas, pampanos e caixos d'uvas, ás vezes rudes acanthos ou crustes rosaceas de ornamento. Tambem vieram da mesma época as cadeiras de largos assentos, d'espaldares sem estofo, e a familiar commoda de gavetões, que ficou na utilidade domestica com a persistencia de um principio inhabalavel, tão necessario á economia, aos deveres caseiros, á moral e á vida do lar como o mais indispensavel dos utensilios.

Esses moveis constituem a imagem, senão o documento psychologico do seu tempo. Representam a bonacheiria, o commodismo, a pachorra burgueza dos interiores frugaes, bem administrados e graves. Os grandes sofás, com os seus espaldares contra a parede, dão ás salas um aspecto patriarchal, attrahem os nédios corpanzis das matronas e a rotundidade abbacial dos avós. Fizeram-os respeitavelmente sérios, mas pesadões.

Symbolisaram nelles o chefe de familia do reinado felippino, ao feitio toroso do rei. A sua gravidade atarracada presidia ao saráo pacato, em que se jogavam prendas, e os demais moveis, poltronas, cadeiras, aparadores, rigorosamente collocados pelos muros, symetricamente distribuidos pela sala, tinham ares de obediencia e progenie.

O segundo imperio renovou esse mobiliario, mas modificou-o numa feliz combinação

(1) *...Josephine was to remodel society and the saloon; her mission was to unite the aristocracy of ancient France with the parvenues of the new; she was to be to the latter a teacher of refinement, and of the genuine manners and habits of so — called good society.*

THE EMPRESS JOSEPHINE — (*L. Mühbbach*) *trad. by W. Binet.*

com o *rococó*, a que uniu o apparato da sua côrte.

Appareceram, então, os altos espaldares em arco, ornados ao cimo com folhagens e *cartuchos*, as braceiras largas e encurvadas, os *centros* de pés de garras firmemente posados; voltaram aos salões os pacientes e fulgurantes incrustados de cobre á maneira de Boule, e as aguias, as corôas ornamentaes do violento imperio das campanhas.

O aspecto fragil e fascinador que a Fada loira da porcellana lhe dera para distrahir o tédio de Luiz XV, e fôra mantido, em parte, pela superelegante Pastora régia guilhotinada em 1793, não mais renasceu; mas o capricho esthético, o donaire hespanhol, o precioso dom de ser agradavel, que compunham a indole de Mlle. Montigo, depois mulher de Napoleão III, puzeram em brio a inventiva dos ebanistas e toreuticos de Pariz. De resto, Pariz mesma, acordada pela operêta de Offenbach, engalanava-se sob a administração municipal de Haussmann.

E' forçoso convir em que esse mobiliario teve a grandeza, algum tanto comica, da ruidosa e scintillante côrte da imperatriz Eugenia, e serviu condignamente á decoração da nova e atordidora cidade dos prazeres.

Emquanto a monarchia napoleonica, enguirlandada e risonha, marchava marcialmente para a hecatombe de Sedan, a pratica, poderosa Inglaterra trabalhava paciente, e com geito de simples curiosidade, n'applicação do japonezismo á industria artistica do movel, de que resultou a reforma hoje preconisada. Foi uma obra, ao principio, de amador; tinha um caracter puramente accidental.

Lento e lento o modelo accentuou-se, fez-se caracteristico. Na exposição universal de Pariz, em 1878, foram apresentados á industsia mundial os primeiros *étagéres* para albuns, *bibelots*, recordações de viagens... Eram moveis de um feitio novo, esguios, leves, verdadeiramente decorativos. Divididos em secções acaixotadas e asymetricas, ornados de pequenos espelhos, de gavetinhas, de embutidos de osso, constituiam por sua graça, por sua leveza de bambús, um adorno, um objecto barato, imminentemente sympathico e adoravelmente utilisavel no estreito espaço de uma salêta de habitação moderna. Da mesma maneira os canapés, as cadeiras, as mesinhas para os chás, tinham passado por transformações.

E quasi imperceptivel, vagarosa e modestamente gestado, surgiu o *moderne style*, a *art nouveau*, como se conveiu chamar na Inglaterra e na França a esta reforma.

Nos primeiros tempos e por má comprehensão do seu elemento ornamental, talvez por insistencia de um dado ornato num mesmo typo, designaram-na por *coup de fouet* pela semelhança do commum de certas linhas com tracejo sinuoso da trança dos chicotes vibrados. A designação improcedia, era infundada e barateada.

A obra não se limitava a um simples ornamento, nem esse ornamento restringia-se áquella arrebicada linha. O que elle trazia de novo estava na sua adaptação ao interior, deixava de ser um simples traste para ser um componente da serventia das salas, as quaes completava, por assim dizer, utilisava, decorando-as, aproveitando a nudez dos seus muros, enchendo desvões, disfarçando recantos. E sobre isso substituia almanjarras, resumia moveis, reduzia despezas, tendo á maior a novidade do seu formato composito, intelligente e pensadamente combinado, de um conjuncto imprevisto, em desenhos ineditos.

O seu ornato, admiravelmente applicado, surge das linhas as mais simples, muitas vezes as mais primitivas, até o complicado symbolico de uma arte quintessenciada. Em alguns trabalhos dir-se-á que a mão inexperiente de um meticuloso precursor da toreutica tentou obectivar o seu pensamento na fórma e modo dum movel; noutros, ha rebuscamentos preciosos, composições reflectidas, engenho e arte que inventam e produzem coisas extraordinarias. E é na Natureza, nas maravilhas da sua fecundidade, na extravagancia, no exquisito, dos mais inattendidos seres e inertes, que esta arte procura e colhe a sua caracteristica, pondo no *home*, no *ménage*, na casa, impressões chocantes de detalhes inesperados. Ella afeiçôa a seu talante as linhas mais inteiriças, dá-lhes flexibilidades, fal-as rigidas sem o degracioso da rigidez, encurva-as sem amesquinhal-as, québra-as sem prejudical-as.

Mas, em summa, que é esta arte? qual a sua origem, a sua causa?

E' a renovação de moldes pela insaciedade humana e resulta d'analyse, da pesquiza, da microscopia do nosso tempo. Nella está a nossa febre, o nosso incontado espiritual, a nossa curiosidade meticulosa e modos de vida e transmudação de typo. E' uma outra feição de uma outra época; e do attendimento de tudo que cerca o homem, da derrocada para reconstruir, do paciente, exhaustivo estudo do que é invisivel e do que está no mysterio, do seio ciciante das florestas devassado pelo arrojo dos exploradores, do amago dos pelagos que escaphandros visitam e revolvem, surde o ornamento da arte do mobiliario contemporaneo, fixando fórmas ineditas e deixando para a historia mais um periodo d'assombrosa actividade humana na eterna rotunda movediça dos tempos.

GONZAGA DUQUE.

EM PORTUGAL

DE ALCOBAÇA A BATALHA

UM sentimento de piedade impellia-nos, de ha muito, a visitar os sitios, afastados hoje de quasi todo o bulicio humano, onde se desdobraram os dous acontecimentos culminantes da nossa raça e da nossa civilização, perpetuados em dous monumentos admiraveis — os mosteiros de Alcobaça e da Batalha: berço da nacionalidade portugueza, o primeiro; carta da sua independencia insculpida para todo o sempre na pedra, o segundo.

Em vez de irmos do Vallado á Alcobaça, ou de Leiria á Batalha, como fazem todos os, aliás pouco numerosos, visitantes dos dous grandes monumentos, resolvemos vencer lentamente os 57 kilometros de estrada de rodagem entre Caldas da Rainha e Leiria, passando por Alcobaça, Aljubarrota e Batalha, que, felizmente para a quietude e a poesia destes tres ultimos sitios, não são pontos servidos por estrada de ferro.

Em Caldas, um automedonte, orgulhoso dos seus cavallos castanhos, assegurou-nos que por 8$000, moeda forte, faria o percurso sem mudar de parelha, carregando viajantes e malas. Acceita a proposta, ás 6 horas da manhã seguinte partimos da porta do «Hotel Lisbonense», atravessamos o Passeio da Copa, a praça calçada de mosaico onde os camponios fazem a essa hora o seu mercado e, alegrando a vista com o quadro biblico das aguadeiras, a encherem seus cantaros na fonte, entramos na larga estrada branca que leva á Alcobaça, 25 kilometros além, no valle dos rios Alcôa e Baça, da reunião de cujos nomes veiu o do povoado.

Manhan clara de fim de verão, ao declinar de Setembro, quando a vindima povôa os campos e anima as estradas, matizando o verde uniforme das lavouras com as côres fortes dos trajes das cachopas e enchendo o espaço com a melodia de suas canções.

De um e outro lado succedem-se intervalladamente as lavouras, com as vinhas acachoadas á espera da colheita, os carros dos lavradores, de rodas enterradas na terra fôfa da cultura, vão se enchendo de cachos. Homens e mulheres, espalhados entre as linhas das videiras, debruçam-se sobre a parra cantarolando. Ao longe, entre folhagens de platanos e choupos, divisa-se a quinta senhorial, e, guardando as bordas da estrada, escalonados a perder de vista, os casaes humildes, com os seus montes de feno ao lado e, á porta, o bando de crianças que perseguem o carro de viandante á caça do vintemzinho.

No planalto calcareo e basaltico da Extremadura, a agua é escassa. De sorte que não temos a profusão de corregos e riachos, cantando e tremulando sob a copa do arvoredo, como no sul do Brasil. A pedra é o material de construcção quasi unico: de pedra são os muros e as casas mais humildes. Os lindos carvalhos que se vêm, as nogueiras e os pinheiros, não fazem concurrencia á pedra, como as nossas madeiras nas construcções brasileiras, onde aquella é artigo de luxo.

As collinas arredondadas vestem-se aqui de sobreiros, com os troncos meio descascados pela extracção da cortiça; acolá, de oliveiras e de pinhaes, golpeados na base para apanhar-se a resina.

Mas, além da animação da vindima nas lavouras, depara-se-nos por vezes na estrada uma procissão das mais bizarras, de gente a pé, ou amontoada em carros de bois, em carretas tiradas por cavallos somnolentos, ou escarranchada em grisalhos jumentos de aspecto reflectido e philosophico. São jornaleiros do norte que vêm vindimar ao sul, onde é mais cedo a vindima. Então, desfilam trajes pictorescos de terras varias: saias vermelhas enfeitadas de grêgas, chapéos negros redondos de abas torcidas, debruadas de velludo, lenços vistosos de pontas cruzadas nos seios; faixas encarnadas ou verdes na cintura dos homens, apparecendo sob as jaquetas curtas, carapuças pontudas ou sombreiros largos.

E estas procissões param junto ás tascas da beira da estradas, formam verdadeira mó de gente que gyra e papagueia para depois desenrolar-se lentamente e marchar de novo, rumo sul.

Nenhum cavalleiro chibante, a pimpar no ginete arisco, de relho em punho e esporas retinindo nos calcanhares núis, como nos esconsos caminhos da provincia brasileira.

Eis-nos felizmente no ponto mais alto da serra, de onde se descortina a riba-mar e os seus estensos pinhaes. Lá está São Martinho do Porto, á beira da sua enseada tranquilla, que ao longe parece um lago de jardim. Daqui em deante a estrada — um trecho da velha estrada de Lisbôa a Coimbra, declina para o valle do Alcôa e os castanhos podem trotar desafogados.

Adensa-se a verdura na approximação do valle. Além das filas de choupos, platanos e ulmeiros, plantados á borda da estrada *para recreio do viandante*, como dizia uma antiga provisão regia, as encostas vestem-se de arvoredo sombroso, onde chalram passaros de

NARIZES

(PHYSIOGNOMONIA DE BAIXO PREÇO)

NARIZES são narizes, mas o philosopho Pascal foi de opinião que se a formosa Cleopatra tivesse a menor um millimetro no seu apendice nazal a face de mundo seria outra.

Certo que eu lhe não contestarei nem aceitarei essa opinião; de philosophias, ainda mesmo que não sejam nazaes, nada sei.

Com tudo vou um poucochinho na crença de que os narizes têm contribuido para a notoriedade de seus donos. Um nariz póde, ás vezes, substituir o talento. Isso depende do ponto de vista em que nos collocarmos, olhando um béque ou avaliando o gráo intellectual de um homem.

Ha, porem, não poucos casos em que o talento parece estabelecer commum accordo com *ce que nous avons au milieu du visage.*

Assim, o rosto do divino Dante não seria tão popular se a natureza lhe não désse a formidavel bicanca com que o representam. Nelle, o que o caracterisa, é o nariz, como em Camões é o olho vasado...

Foi pelo nariz (oh! perdoem-me a blasphemia!...) que Edmond Rostand arrancou Cyrano de Bergerac da poeira densa do passado. Segundo o poeta da *Samaritaine*, o bravo, generoso, alegre e intelligente poeta da Gascogne não tinha bom exito nos amores por ser bicancúdo.

Rostand põe na bocca de Cyrano estes versos, com que explica a Le Bret o motivo pelo qual não ousa declarar sua paixão á rima Roxane:

Regardez-moi, mon chér, et dis quelle esperance
Pourrait bien me laisser cette protuberance!
Oh! je ne me fais d'illusion! — Parbleu,
Oui, quelquefois, je m'attendris, dans le soir bleu;
J'entre en quelque jardin oú l'heure se perfume;
Avec mon pauvre grand diable de nez je hume
L'avril,—je suis des yeux, sous un rayon d'argent,
Au bras d'un cavalier, quelque femme, en songeant
Que pour marcher, á petits pas, dans de la lune,
Aussi moi j'aimerais au bras en avoir une,
Je m'exalte, j'oublie... et j'aperçois saudain
L'ombre de mon profil sur le mur du jardin!

CYRANO

Mas, nem sempre os narizes de grandes dimensões e feios prejudicam a *phisionomia* dos seus possuidores.

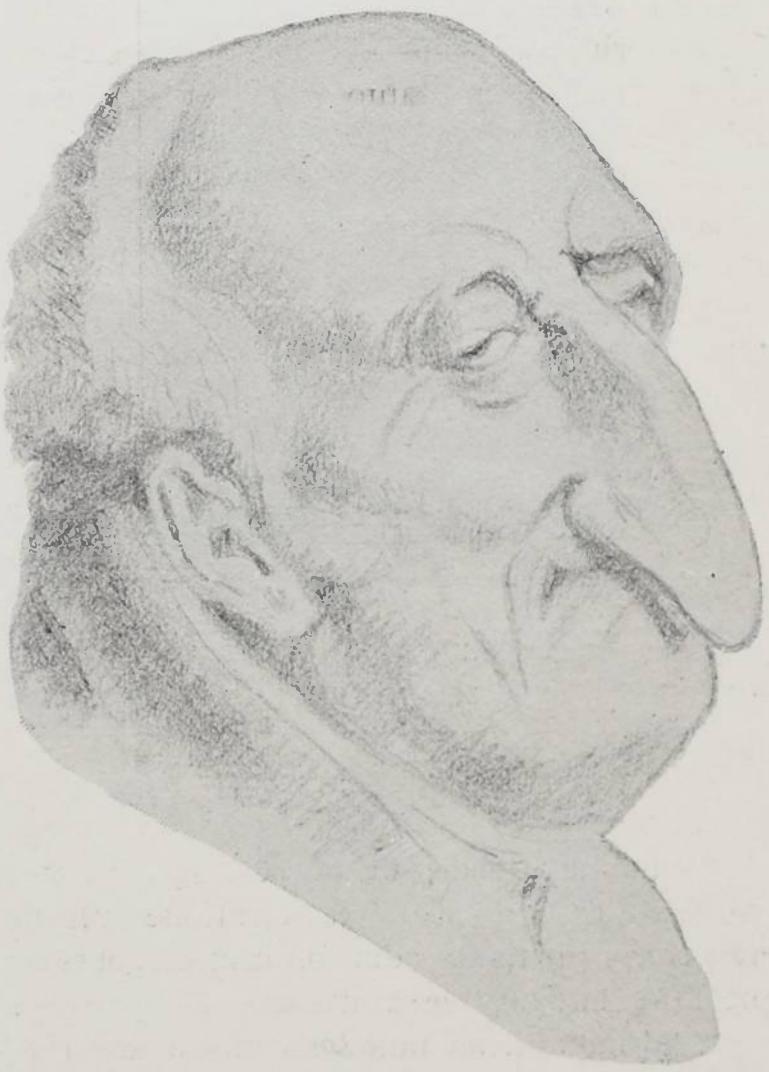
Ha casos em que elles lhes emprestam apparencias de bonhomia ou concorrem para impedir vulgaridades de traço.

E' o caso do nariz de Henrique IV, um respeitavel narigão adunco, cahido sobre o beiço e fartamente carnudo na extremidade. Esse formidavel apendice longe de afeiar o rosto do bem amado de Pau dava-lhe um bonacheirismo de vôvô burguez. Temos tambem o nariz de Lepelletier de Saint Fargeau, o celebre magistrado da Convenção, saliente em demasia, rudemente recurvo, que lhe salvava o caricata rochunchudez das faces; se não fosse o nariz o rosto de Lepelletier lembraria o fim das costas de um anginho de Raphael. Temos ainda o do celebre actor francez Hyacinthe, comprido, grosso, de largas ventas fradescas. com o qual o seu possuidor tirava grande partido comico; e o do caricaturista Traviés, verdadeiro bico de tucano, de que se dizia:

De Traviés le nez saillant
Comme le nez est le talent

e que lhe compunha o descarnado do rosto sem duvida vulgarissimo se lhe faltasse o immenso béque...

Mas, o que era a bicanca de Cyrano, que os bellos versos de Rostand resuscitaram, deante da immensa tromba de um sujeito citado pelo cirurgião Alphonse Guérin, que só de comprimento tinha trinta e dois centimetros?!...



Esse colosso chegava a tapar a bocca do seu infeliz proprietario que, para se alimentar era obrigado a levantar a massa nazal e só assim podia receber o alimento ou levar o cópo aos labios!

Quem sabe se não foi a noticia dessa descommunal bicanca que inspirou a Bocage a celebre decima:

Nariz, nariz e nariz,
Nariz, que nunca se acaba,
Nariz, que se elle desaba
Faria o mundo infeliz;
Nariz, que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal
Que, se o calculo não erra,
Posto entre o sol e a terra
Faria eclypse total!

Entretanto não são os grandes narizes os que mais afeiam os individuos.

O nariz batata e o nariz que teve vontade de o ser mas não o foi, são os que desfiguram o resto humano.

Verdade é que a raça mongolica não se julga feia pela falta de nariz. Ha povos em que um narizito apenas esboçado, desses que a gente mal os vê em lhe percebendo unicamente os dois orificios respiratorios, é signal de perfeição. Os japonezes, por exemplo, gostam de narizes pequenos, muito pequenos e um tanto aquilinos.

Entre alguns negros da Africa, particularmente do Congo francez, não ha beijo de amisade, como é habito na Europa; mas existe a *requintada* cortezia de se esfregarem os narizes entre dois amigos ou duas pessoas que se querem bem ou se respeitam.

Assim, quando dois altos personagens se encontram um em face do outro, em vez do aperto de mão, mais ou menos sacudido, em vez do abraço mais ou menos apertado e com palmadinhas nas espaduas, em vez do beijo repinicado e suspirado ou simplesmente o beijo, que é a mais alta demonstração do carinho, da estima e tambem do respeito (excepção feita de Judas Ischariotes) esses dois importantes personagens se approximam o mais possivel e, unindo os rostos, firmam os respectivos narizes um contra o outro, sacodem o corpo, dão guinchos de prazer e... zás! toca esfregação.

Isso pódem fazer os negros do Congo francez, porque não possuem béques e teem amplidão bastante e bem chata para taes esfregadelas. O mesmo não se daria com os que foram dotados pela prodiga Natureza com as copiosas batatas, que não raro parecem mamão macho. Se dois batatudos se déssem a essa delicia cerimoniosa, estariam arriscados a passar por incontinentes adoradores de Baccho. Em bom estado teriam os narizes, já não seriam batatas, mas tomates, enormes tomates do mais gorda especie!

Mas... pelo geito em que vou perderemos o fio do discurso. Não foi para esta divagação que tomei o assumpto. Ao que vim foi para falar de narizes physiognomonicamente, porque mestre Lavater lhes ligou im-

portancia, a ponto de os considerar, segundo sua propria expressão: *la retombée du cerveau*.

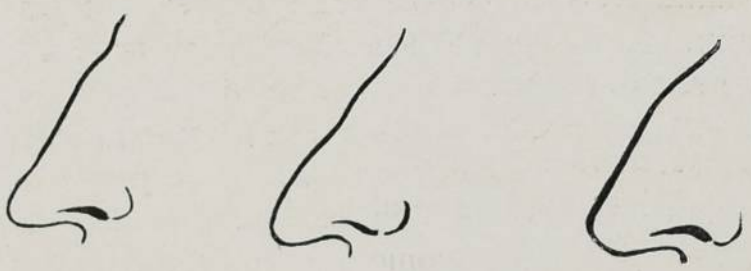
Os physiognomonistas modernos contam seis typos de narizes: o nariz direito, o aquilino, o adunco, o rombo, (ou esborrachado) o abananado (*en banane*), e o abatatado (*en pomme de terre*). São estes os principaes typos, sendo que os dois ultimos não passam de variedades de uma só e mesma especie, como diz a senhora Genia Gioubow, insigne cultivadora de taes assumptos.

E mais diz a illustre physiognomonista: Para que um nariz seja bem proporcionado, é preciso que o seu tamanho seja igual a altura da fronte, tomando-se esta pela metade.

São os narizes aquilinos e os direitos os que reunem maiores qualidades esthéticas, e tambem os que indicam melhores qualidades psychicas.

NARIZ DIREITO

O nariz direito faz presumir um espirito claro, nitido, lucido; um julgamento são, coragem firme e tranquilla, quasi stoica; ardor comedido, lealdade a toda a prova, generosidade extrema, *positivismo idealista* e tendencias liberaes ou cavalheirescas.



NARIZ AQUILINO

O nariz aquilino (quer este, quer o direito acima descripto, são considerados no seu typo perfeito) possue igualmente a maior parte das qualidades do anterior.

E', no entanto, mais imperioso, mais auctoritario e mais impulsivo. Revela quasi sempre uma combatividade fogosa porém menos clareza de idéas. Denota tendencias para o lyrismo ou para o *romantismo*, e tambem genio commercial ou financeiro. E' indicativo de egoismo. Se fôr pronunciadamente curvo isto é affectando a fórma do adunco, e um tanto grosso, revela tendencias para a mania das grandezas.

Da primeira fórma, não no typo de pureza linear, mas algum tanto *cheio*, conhecemos um que pertence a illustre politico em evidencia, assim como do segundo typo ha dois notaveis politicos da actual situação que os possuem, e se as observações não erram nem ás suas acções faltam sinceridade, as indicativas physiognomonicas estão certas, certissimas.

NARIZ ADUNCO

O nariz adunco revela prudencia, circumspecção, conselheirismo, taciturnidade, rigor economico, senão avareza, ou habilidade nos negocios, algumas vezes usura.

Nos intellectuaes raramente deixa de ser máo indicio esta fórma nazal. Quando não revela orgulho exagerado, presumpção, e mesmo hypocrisia, denota inveja, maledicencia intriga.

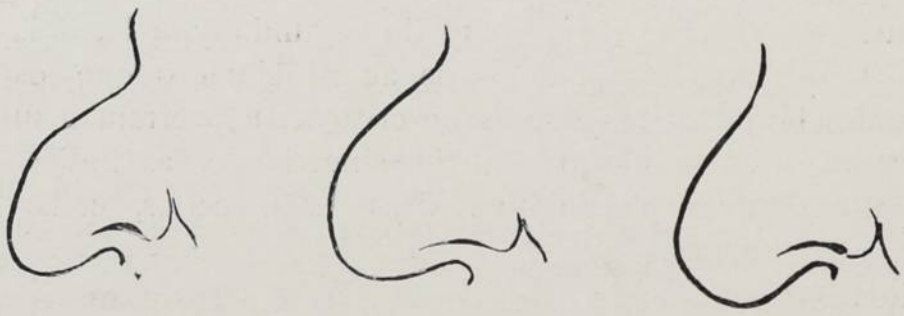
Nos homens de negocio é quasi sempre indicio de grande habilidade calculista, de clarividencia, mas tambem de esperteza e astucia.

Essa fórma de nariz é muito commum e os que conhecemos dão vantagens á indicações physiognomonicas.

NARIZ ROMBO OU ESBORRACHADO

O nariz rombo ou *esborrachado*, como é vulgarmente conhecido, possue em maior gráo os defeitos do anterior.

Elle indica imitação, habilidade manual e, no maior numero dos casos, grosseiria sensual, bruteza, vulgaridade de gosto, mentira. Algumas vezes, porém, revela paciencia, aptidão para as artes mecanicas, tendencias lyricas, sobre tudo romanticas.



NARIZ ABANANADO

O nariz *abananado* faz presagiar natural talento financeiro, o genio do agio, o gosto pelo jogo e pelas especulações: os que têm essa forma de nariz não raramente se manifestam bondosos por emoções sympathicas fugaces, e tendem muito á cabotinagem.

NARIZ ABATATADO

O nariz *abatatado* revela qualidades analogas á do seu congenere; mas, especialmente indica dotes industriaes e commerciaes, e é mais avaro do que o *abananado*. Os seus possuidores quasi nunca demonstram aptidões litterarias ou artisticas.

Assevera Genia Gioubow que «esta fórma de nariz acompanha sempre os individuos que ignoram inteiramente o sentimento do pudor e da lealdade, assim como os que a possuem são arrogantes para com os fracos e humildes, cobardes para com os fortes». Póde ser que na maioria dos casos assim seja. Eu conheci um velho vigario da roça, que era dono de um respeitavel nariz desse feitio, e esse vigario era um excellente homem, coração de manteiga, prompto sempre a derreter-se com as desgraças alheias e sempre disposto a fazer o bem. Mas, não ha regra sem excepção. Talvez que esse bom vigario fosse uma das raras excepções da regra — nariz esborrachado coração ferrado.

E o meu narizito? perguntará a leitora (supponhamos que eu a tenha) intrigado por não lêr a menor referencia á graciosa fórma arrebitadinha do seu narizito. Curiosa, curiosa é o que é V. Ex. Para que ouvir coisas desagradaveis? Em todo o caso, como quereis saber, lá vae. O nariz arrebitado está na classe dos rombos (chi! eu lhe não dizia...)

Mas tem sobre elles a vantagem de indicar uma intelligencia vivaz, magnifica disposição para as artes e... muito *geniosinho*, muito vontade de ser obedecida e de tyrannisar.

E para acabar com a conversa sobre narizes de que tamanho terá o leitor o seu neste momento, se é que os narizes crescem com as decepções? Eu é que vou sahindo... sem nariz, não que m'o tirassem á murros, mas por que o que trouxe era de cêra, derreteu-se.

Fevereiro de 1907.

CARLOS HENZE.

successos e revezes, as cidades consideradas pontos estrategicos importantes. Estava entre estes Santarém, tida como a chave do Tejo, portanto a porta para Lisboa e para o mar.

Santarém, que tão importante papel desempenhou sempre na historia de Portugal, deve o nome á Santa Iria ou Santa Irene, martyr que ahi se venera, num templo, sob a sua invocação.

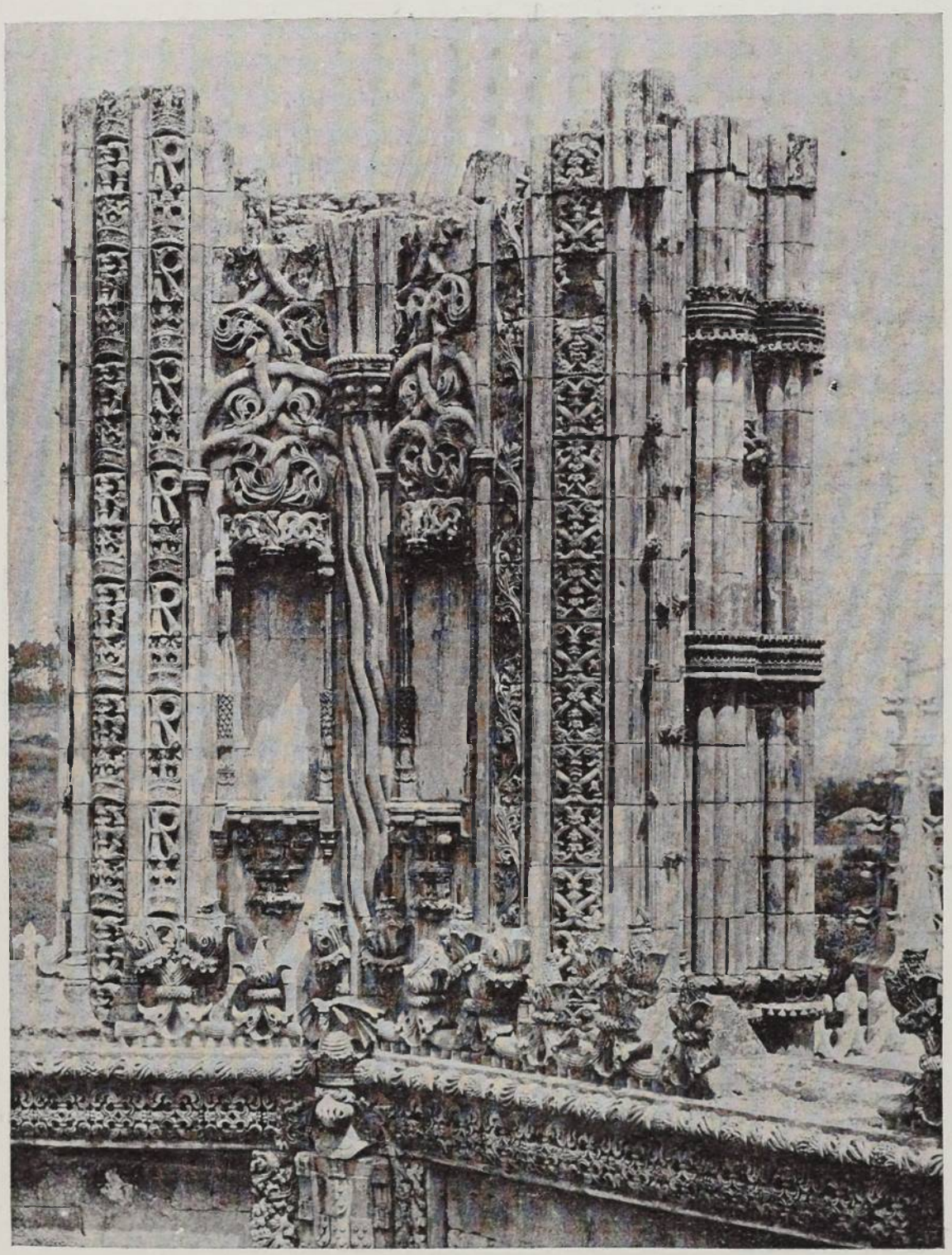
Em beneficio de Henrique de Borgonha, principe francez, seu alliado na lucta contra os mouros e marido de sua filha natural D. Tareja ou Thereza, erigira el-rei de Castella em feudo hereditario o condado de Portugal, no anno de 1095. Morrendo-lhe o pae, Affonso, filho de Henrique, planejou a independencia do seu condado e para leval-a a effeito rebellou-se contra seu suzerano, el-rei de Castella, e contra sua propria mãe, que, como hespanhola, se conservava fiel á Castella.

As brilhantes victorias sobre o mouro, entre as quaes a lendaria jornada do Campo de Ourique, haviam dado ao infante de Borgonha a fama e a força necessaria para aspirar a corôa real. As côrtes portuguezas proclamaram e reconheceram tal o novo rei já acclamado pelo povo no enthusiasmo do triumpho sobre o infiel.

Os partidarios da união iberica, agrupados sob a bandeira da viuva de Henrique de Borgonha, foram vencidos e D. Thereza encarcerada ou exilada pelo proprio infante seu filho.

A Sé Velha de Coimbra é monumento desses duros tempos e guarda ainda a lenda do Bispo Negro. Ao lado de D. Affonso, brilhavam então seus fieis amigos Lourenço Viegas, o Espadeiro, Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, e Gonçalo de Souza, o Bom.

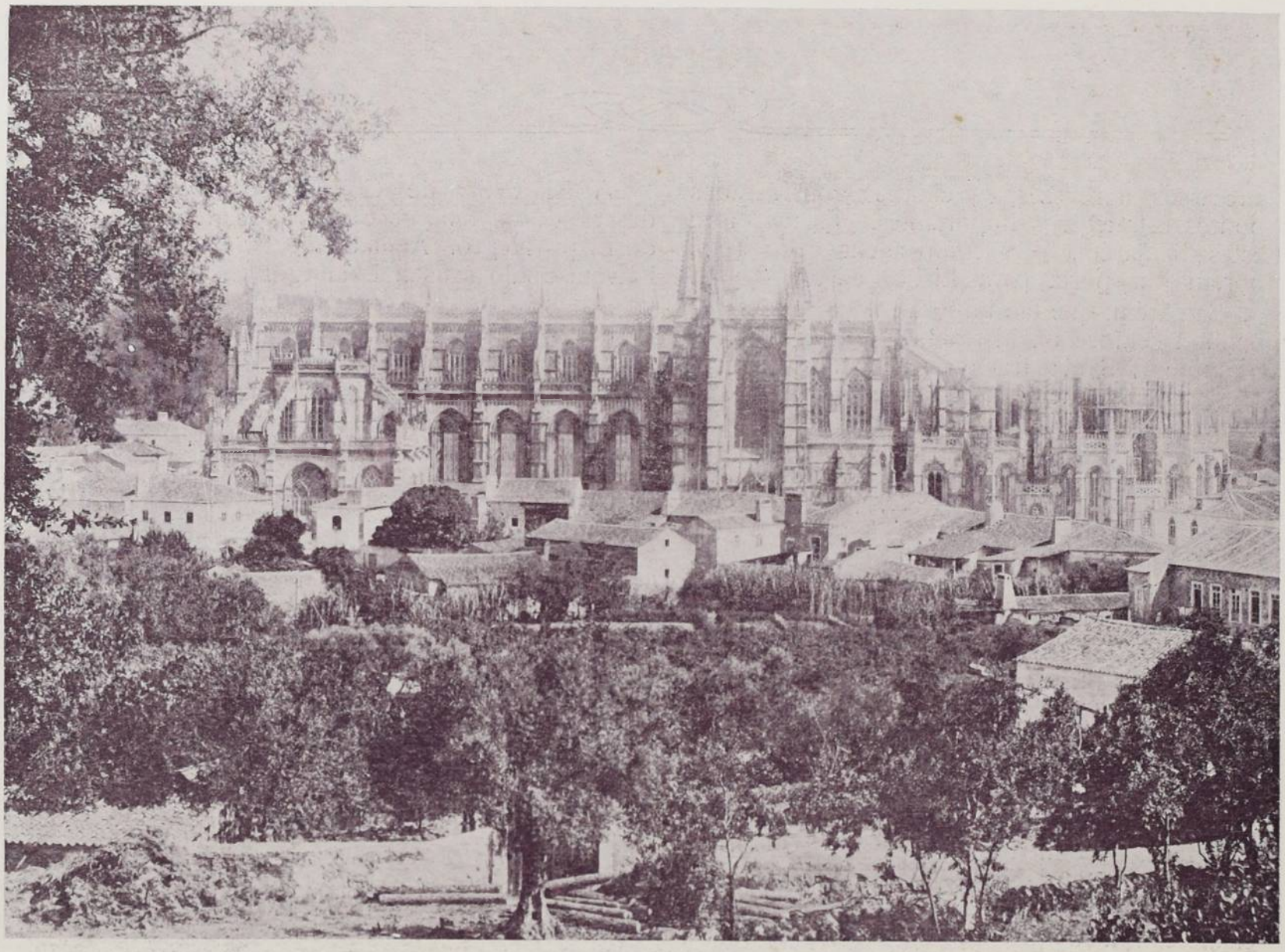
No empenho de expulsar o mouro do reino que para si creára, Affonso Henriques não podia deixar de dirigir seu esforço para a chave do Tejo, que era, como dissemos, a



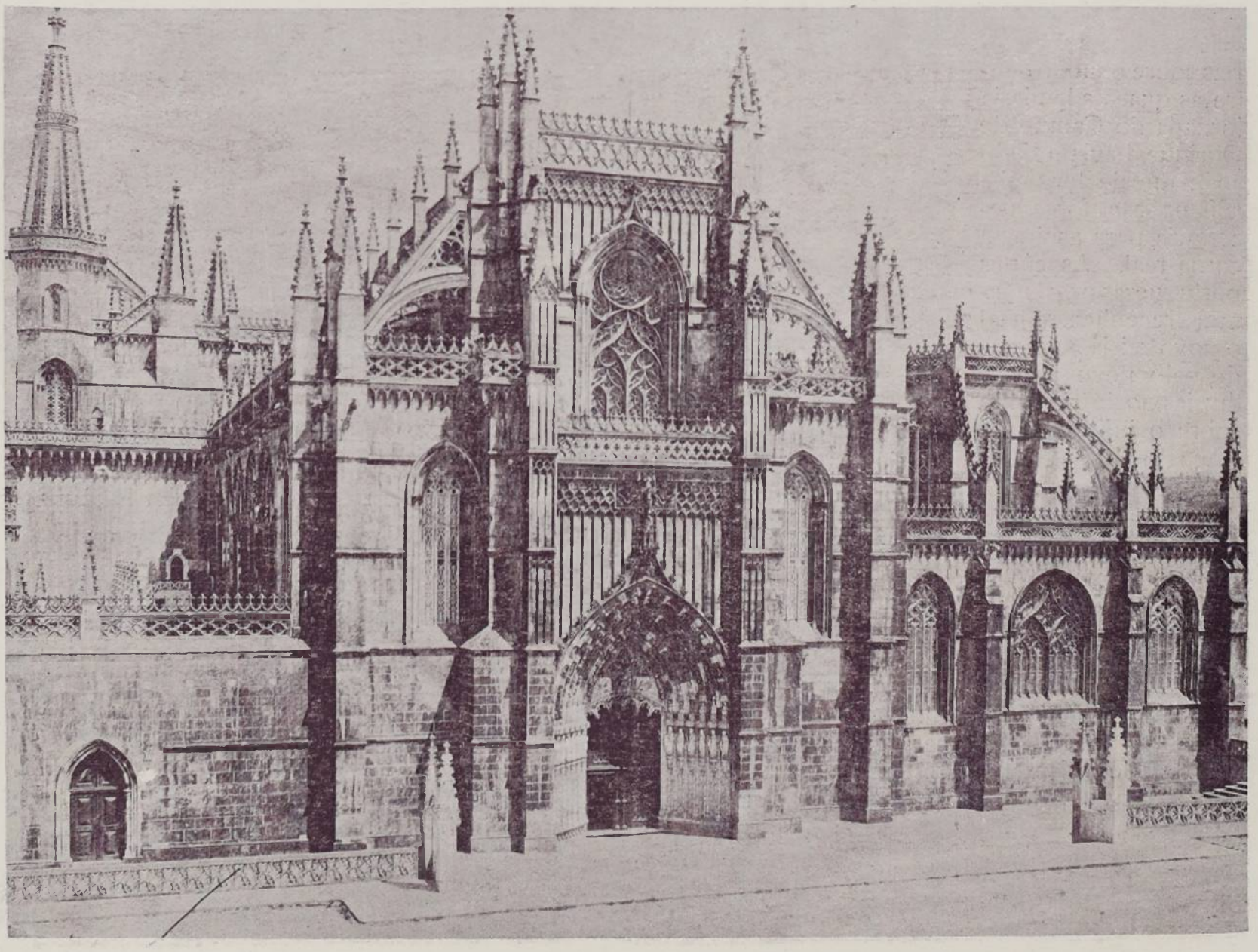
UMA COLUMNA DAS CAPELLAS IMPERFEITAS — BATALHA

A rude côrte portucaliense era então em Coimbra, em cujo alcacer se concertaram as temerosas e arriscadas investidas contra o infiel, que recuava palmo a palmo para a Extremadura.

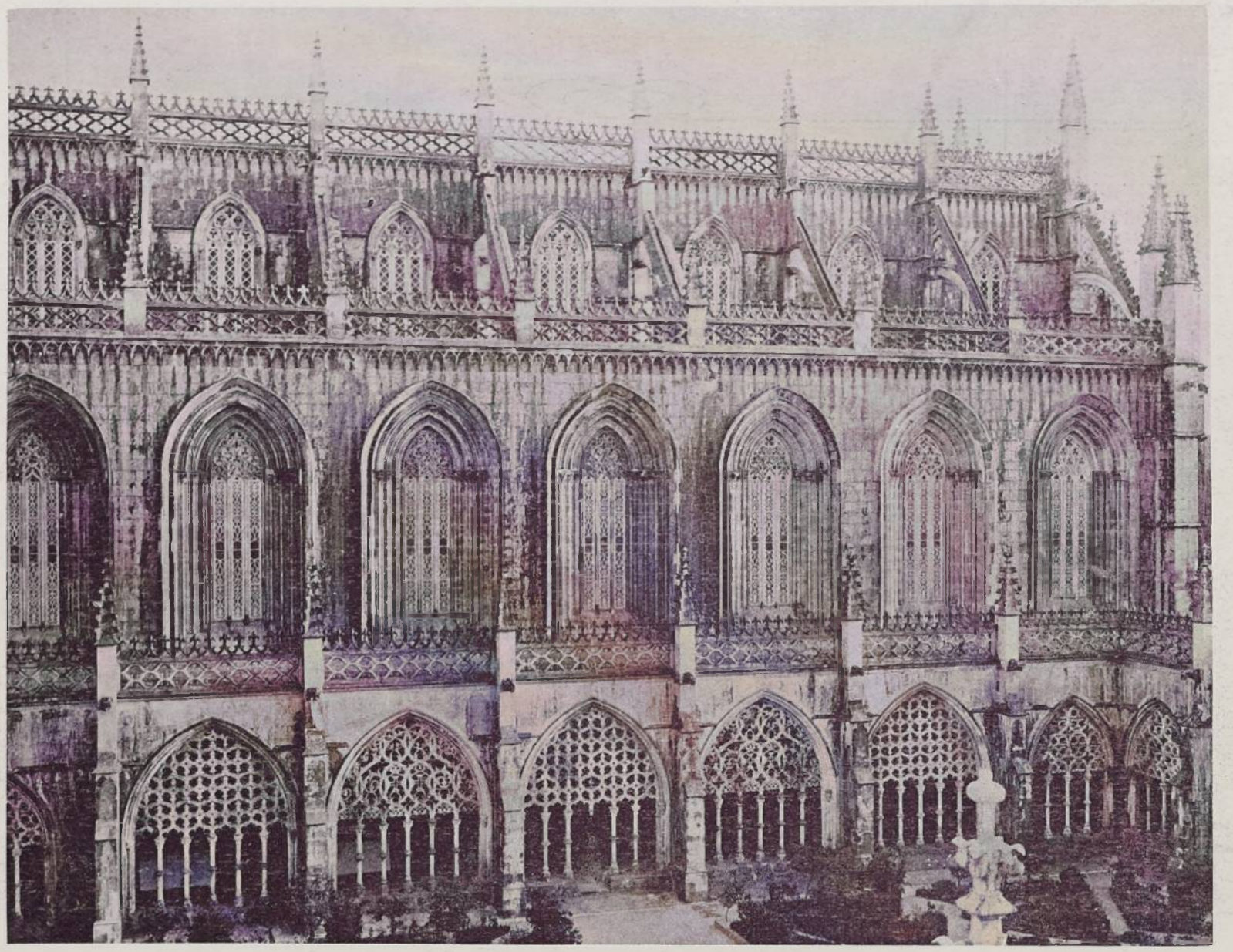
porta de Lisbôa. Tomada Santarém, Lisbôa cahiria logo, e a posse de Lisbôa com o seu grande porto, significava para o principe christão a possibilidade de auxilio pelo mar, vindo de outros principes christãos. Os factos vie-



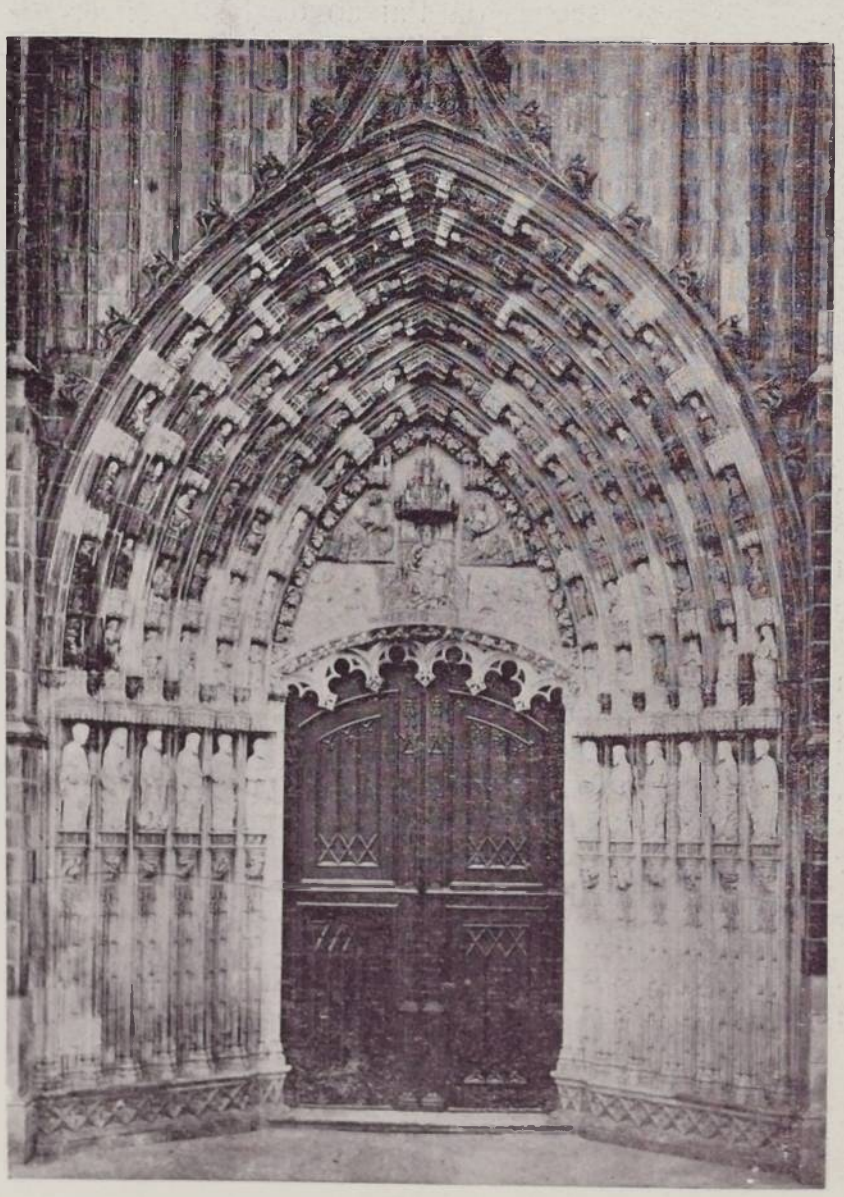
VISTA GERAL DO MOSTEIRO — BATALHA



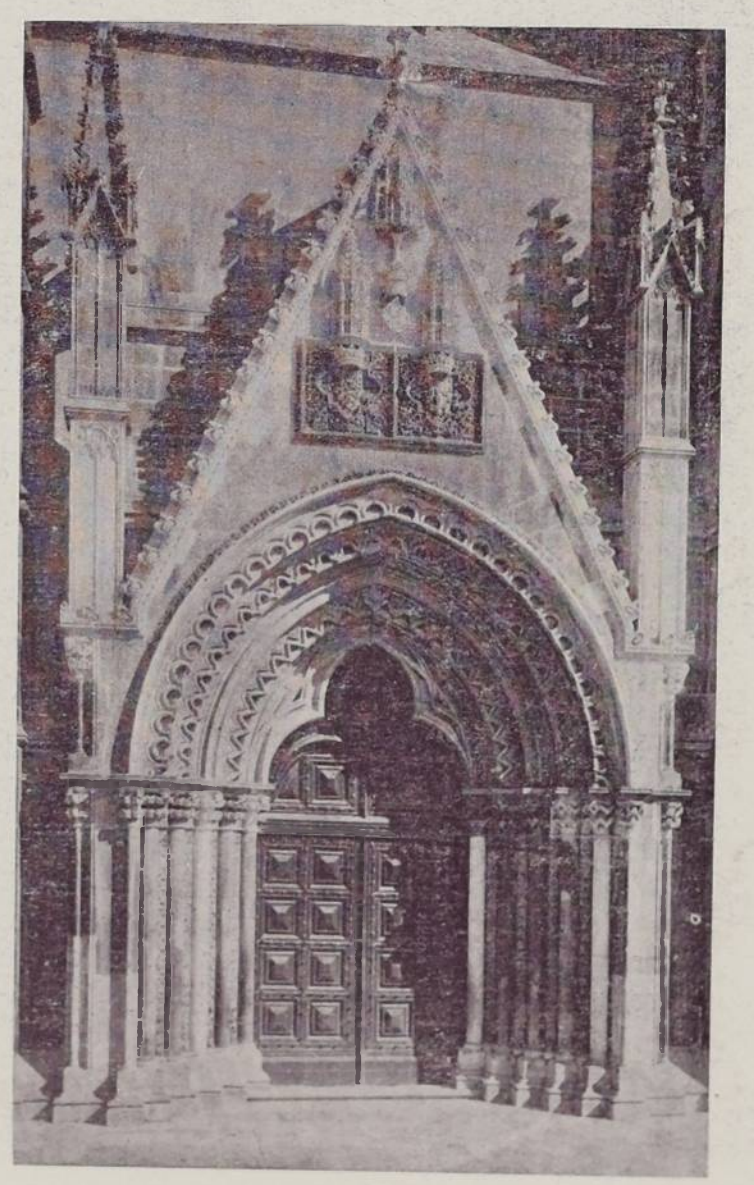
FACHADA PRINCIPAL DO MOSTEIRO — BATALHA



LADO EXTERIOR DA EGREJA — BATALHA



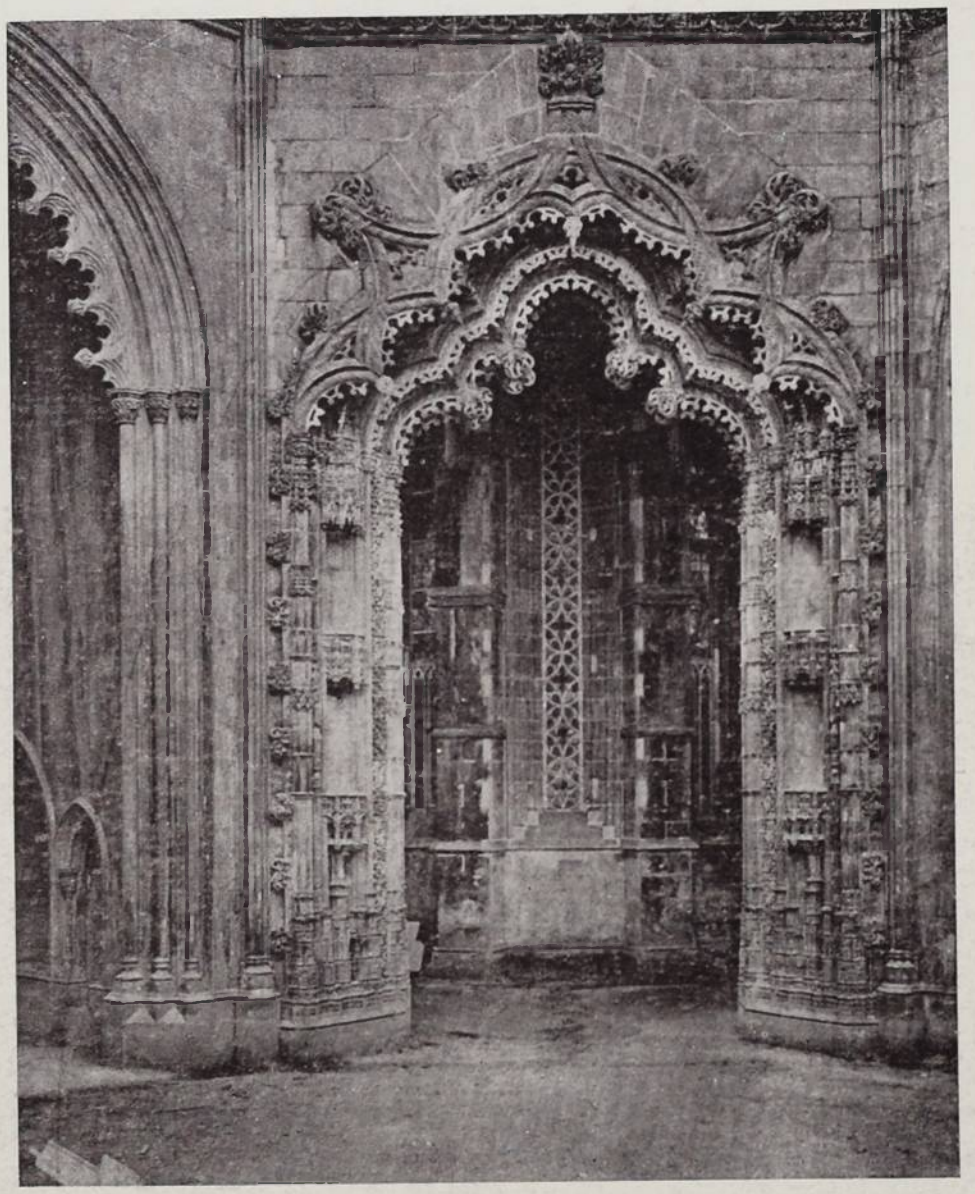
PORTA PRINCIPAL DA EGREJA — BATALHA



PORTA LATERAL DA EGREJA — BATALHA

ram confirmal-o, porque, tomada Santarém, Lisbôa foi logo conquistada aos mouros por D. Affonso Henriques, auxiliado por um exercito de cruzados do Norte, ao mando de Arnaldo Aerschol, em marcha para a Palestina.

Alcobaça commemora a tomada de Santarem.



PORTA DAS CAPELLAS IMPERFEITAS — BATALHA

Affonso Henriques, cheio de fé, fizera á Virgem o voto de erguer-lhe um templo se, com as suas centenas de soldados apenas, podesse render a então cidade mourisca, que já seu avô, el-rei de Castella, tomara cincoenta annos antes, para perder depois.

Santarém cahiu, como por milagre, em poder do arrojado principe. E o animo tão forte em prometter e emprehender, não foi menos forte em levar a cabo a promessa. A 15 de março de 1147 — calendario juliano — rezam as chronicas, a cidade cahiu em poder de Affonso Henriques.

No anno seguinte, el-rei iniciava a construcção da abbadia com os monjes de S. Bernardo, encarregados por elle de erigila-a e regel-a.

A construcção, diz-se, durou de 1148 a 1222, mas nem por ter-se rematado aquella, cessaram as obras, pois, como vimos, os futuros abbades fizeram varias alterações e accrescentamentos, sobrelevando-se os executados no reinado de D. Manuel.

Ahi estão, na Sala dos Reis, alinhados e mudos, os bustos dos reis de Portugal, desde Affonso Henriques até José I. Num angulo da mesma sala, ostenta-se o celebrado e colossal caldeirão, tomado pelos portuguezes aos castelhanos em Aljubarrota.

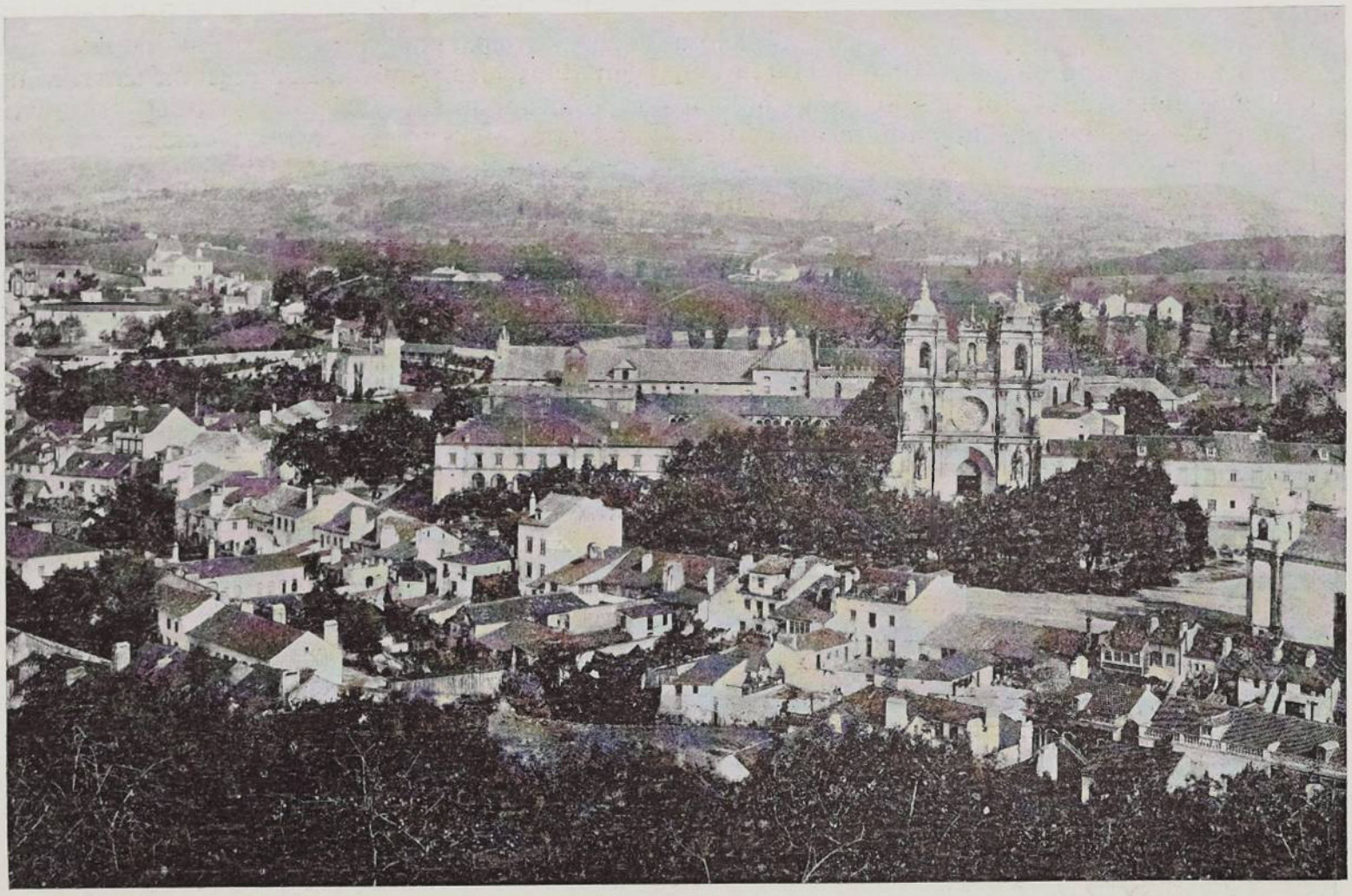
Atravessamos de novo a nave principal para penetrarmos na Capella dos Tumulos, do lado opposto, toda ella feita em gres verdoengo, de estylo gothico, despido de ornatos.

Em dous admiraveis sarcophagos, erguidos sobre esphinges e leões, jazem ahi os despojos mortaes de Pedro o Crú e Ignez de Castro, com as estatuas dos dous amantes deitadas, pés contra pés, sobre a lapide funeraria. Neste ambito estreito, entre estas pedras rendilhadas, onde a fantasia do artista medieval estampou em relevo, em pequeninos quadros cheios de ingenuidade e de mysticismo, as scenas da Paixão de Jesus, encerra-se o epilogo fatal de um dos mais bellos episodios da poesia humana. A triste capella do seculo XIV doura-se de repente com todo o fulgor dos *Lusiadas*. E a nossa mente empolgada esquece um instante as pessoas reaes, cujas estatuas têm as cabeças sob baldaquins, insignias do poder, para nellas ver somente os dous amantes da tragedia camoneana e desfolhar sobre os seus tumulos goivos e boninas.

Ambos os sarcophagos foram arrombados pelos soldados francezes durante a invasão. A parte destruida pelo arrombamento não foi mais restaurada, ficando assim expostos os vestigios do sacrilegio selvagem.

Mas, os dous amantes, libertados dos anceios da vida passageira e das impaciencias do tempo, continuam a esperar, na immota fidelidade do sepulchro e na constancia intangivel da morte, que a ressurreição os erga simultaneamente do tumulo, e, defronte um do outro, se lhes reaccenda o lume dos olhos num mesmo e longo olhar de amor.

Na tampa de cada sarcophago, debruçados sobre cada uma das estatuas, anjos guardam e pranteiam o morto.



VISTA GERAL — ALCOBAÇA

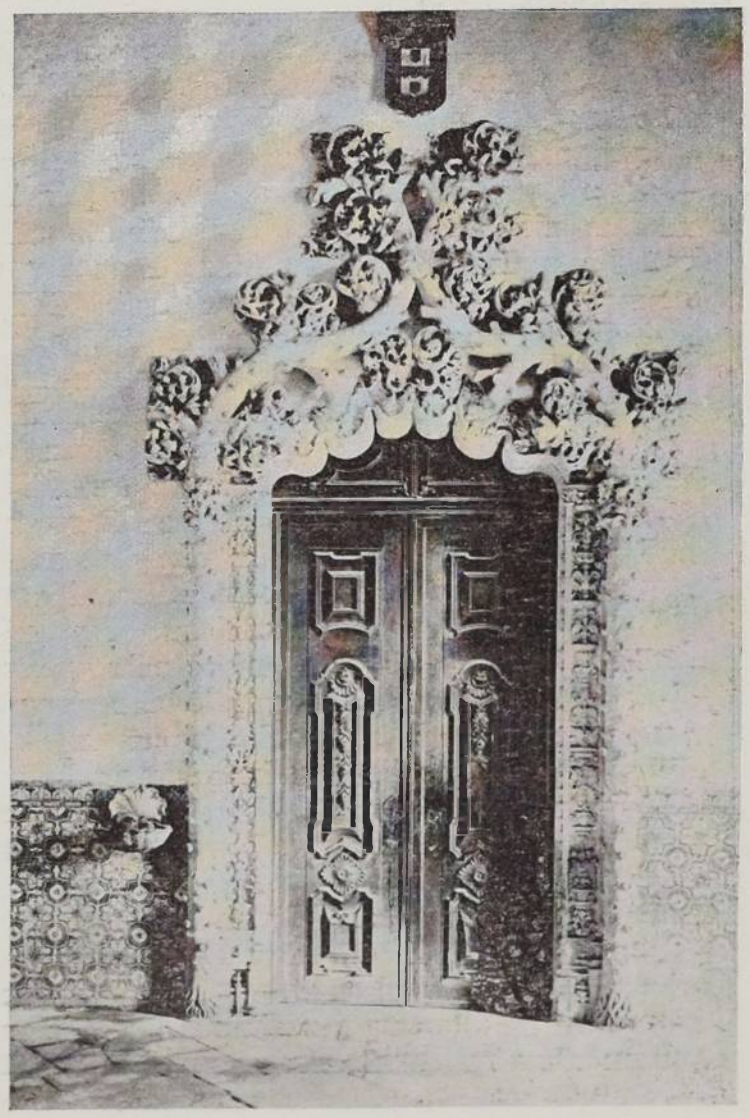
papo cheio ao voltarem da excursão ao milharal vizinho.

Eis que de repente penetramos em Alcobaça, sem esperar por isso, pois o povoado se esconde nas curvas dos seus valles, alongando-se abeberado pelos barrancos dos seus rios. A riqueza quasi tropical da vegetação, fazendo fundo ao povoado, realça a brancura do casario e das ruas varridas de fresco.

Tres horas e pouco de marcha, tendo vingado a passo a montanha e parado para dar folego á parelha. Não nos queixamos de não ter á disposição um automovel, nem da falta do caminho de ferro, tão agradavel foi esse trecho da jornada. A paizagem, sempre animada e viva, deu-nos magnificas surprêsas de pictoresco. E, se acaso um sentimento menos feliz nos atravessava a mente, era unicamente o pesar de não termos em todo o Brasil um trecho de estrada de rodagem comparavel a esta.

O aspecto de Alcobaça é francamente limpo e risonho. Ignoro se ha junta de hygiene na cidadezinha historica, mas vimos varredores nas ruas e a fachada das casas não permitte intimações municipaes «para pintar de novo».

O *Hotel Alcobacense*, á cuja porta paramos, não afugentaria um hospede exigente. Offerece o agasalho proporcional á pouquidade dos meios e do remoto da paragem. A mesa, porém, excede, senão pela finura, ao menos pela

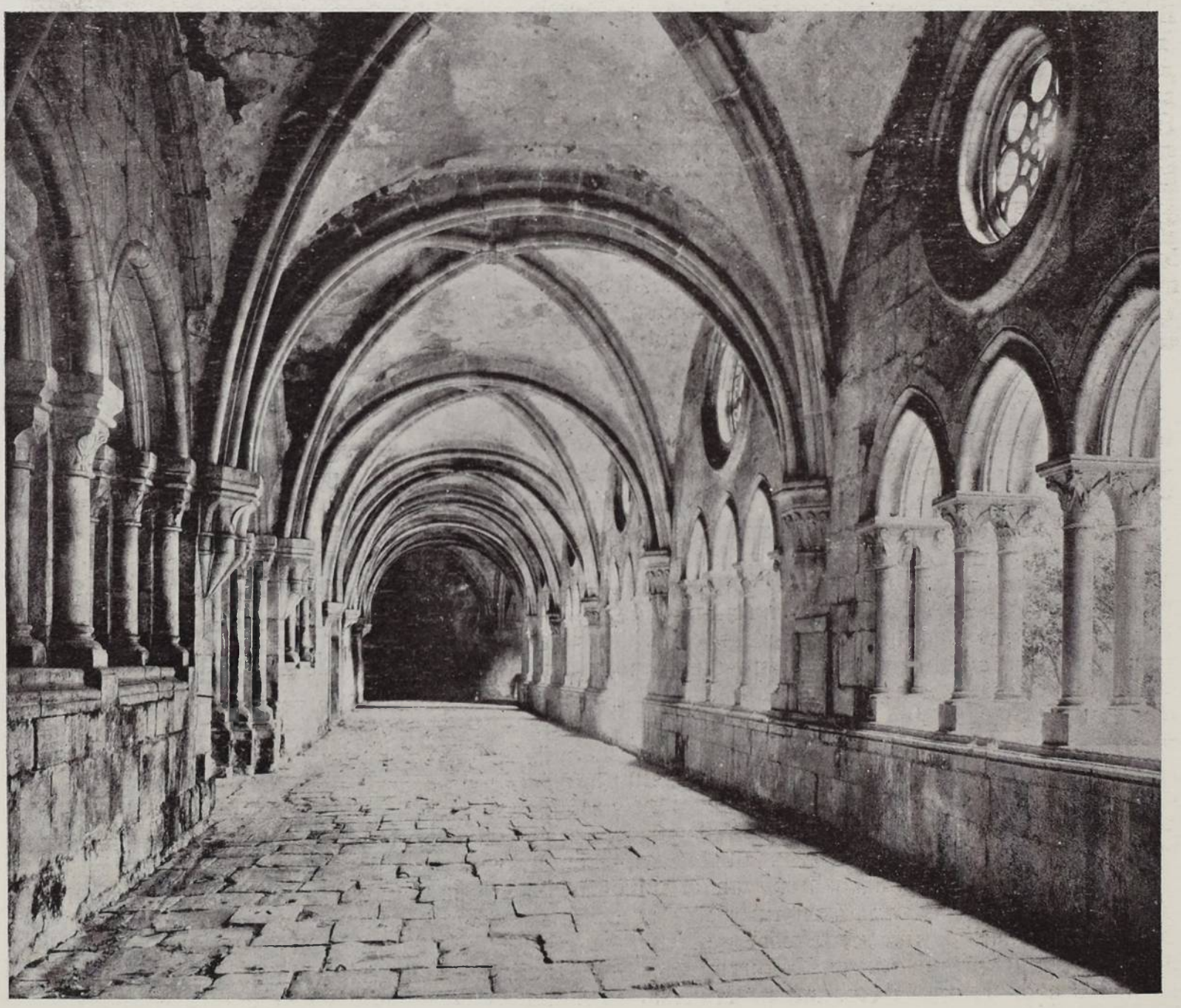


PORTA DA SACHRISTIA

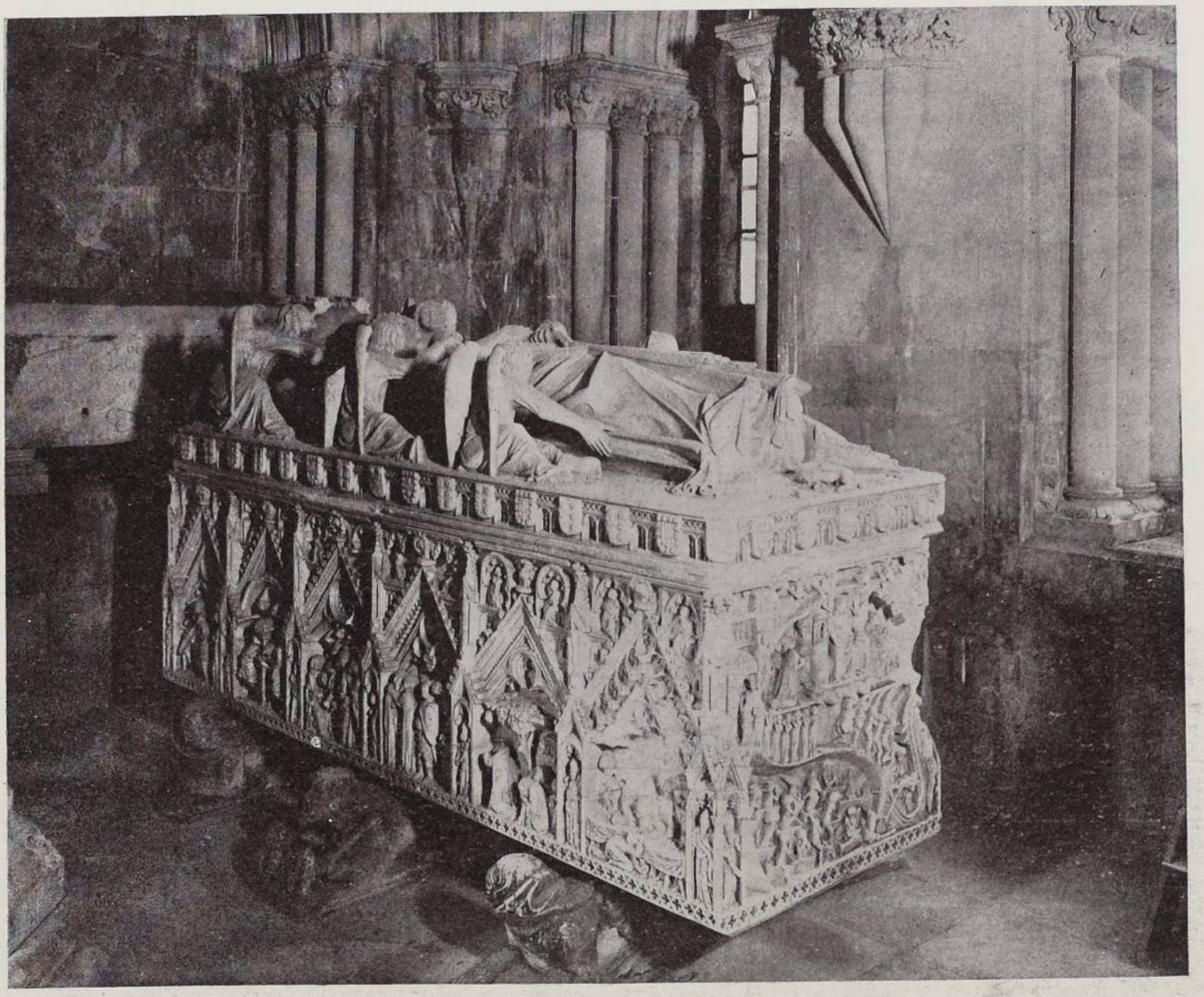
abundancia dos pratos e a variedade deliciosa das fructas á modestia das alfaias. Um grego contemporaneo de Alcibiades, acharia opulento festim o almoço que nos offerecemos mais tarde, tal a cópia de fructos delicados, desde as especies finas de uvas de mesa, até as pêras dulçorosas e os figos brancos e rôxos. E para tel-os ao alcance dos hospedes, o estalajadeiro não tem outro trabalho senão mandar colhel-os alli ao pé, tantos e tão ricos os pomares vizinhos.

A impaciencia de ver o velho mosteiro, que carrega o peso de quasi oito seculos, não nos deixou esperar o almoço do albergueiro de Alcobaça. Deixamol-o encommendado para duas horas depois, e seguimos a pé pela mesma rua que desembocca logo adeante na larga praça arborisada, onde a outr'ora rica e poderosa abbadia dos monges de São Bernardo estende a sua fachada de 221 metros de frente. A egreja ao centro, erguida sobre o seu largo patamar de pedra, divide o edificio em duas alas. Antes de vingarmos os degraus que levam ao soberbo portal gothico primitivo, quedamo-nos na contemplação da vasta molle, evocando-lhe o agitado e longiquo passado.

Alli, naquelle casarão deserto, imperou uma Ordem, pontificou um prelado que pesou nos destinos da christandade; alli recebeu o baptismo das mãos do infante de Borgonha, sagrado rei como Clovis, depois de erguido e acclamado sobre os escudos victoriosos dos guerreiros resfolegantes da refrega, a nacionalidade portugueza nascente da temerosa confusão iberica. No vasto pateo, onde o sapato de ferro dos cavalleiros faiscava nas lages, reina agora o ermo e o silencio. Uma figura humana, humilde e espantada, se approxima— é o sachristão que vem introduzir-nos na nave. Não nos diz palavra. Encaminha-se vagarosamente para o portal, deixando-nos absorto no patamar, a receber em cheio a emoção da



CLAUSTRO DO SILENCIO NO MOSTEIRO DE SANTA MARIA – ALCOBAÇA



TUMULO DE IGNEZ DE CASTRO—ALCOBAÇA

lembrança viva de oitocentos annos de luctas que se desprende do merencoreo e magestoso aspecto da grande abbadía.

Nesse instante de sonho, baralha-se a chronologia, confundem-se as éras: entrechocam-se no ar os golpes de montantes, cimitarras e maças de ferro nos muros de Santarém, ao longe; rechinem nos gorjaes inimigos as ascumas da peanagem e ruge a grita infernal da soldadesca invasora de Napoleão, que, no occaso da grandeza da Ordem, quando já extincto o seu poder de outr'ora, acampou impiamente nos seus claustros, para profanar-lhe as reliquias e exventrar os sarcophagos reaes, em busca de despojos preciosos, acaso misturados ás cinzas dos reis medievicos.

A vasta praça, ora vasia e triste, que forma o terreiro do monacal palacio, povôa-se das tropas de vassallos do Dom Abbade João d'Ornellas, que venceram com o Mestre d'Aviz e Nun'Alvares os 30000 castelhanos em Aljubarrota. Sob a abobada dos claustros, nas frias naves da egreja e na corôa de capellas do deambulatorio, advinham-se as sombras dos monjes que debulham rosarios, arrastando nas lages as sandalias de couro.

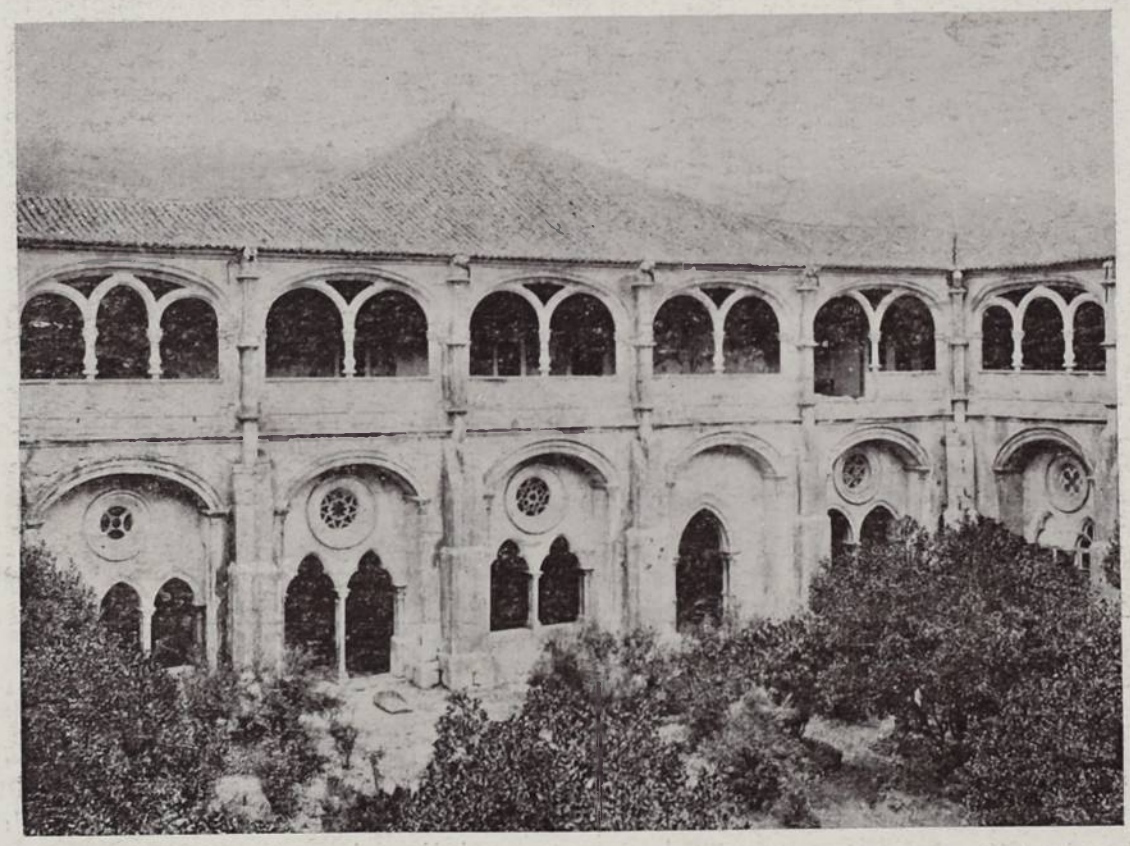
Novecentos freires — affirma a tradição — diziam missa dia e noute ininterruptamente, nesta colossal abbadia cisterciense, conhecida como uma das maiores do mundo.

A vasta hospedaria, uma das repartições do edificio, está aberta aos viajôres e aos peregrinos; a bibliotheca, que tinha 25000 volumes, offerece os segredos dos seus traslados em pergaminho aos curiosos do saber humano. Os cinco claustros e os sete dormitorios — tantos conta o mosteiro — regorgitam nas horas de meditação ou de repouso.

A cozinha gigantesca, em cujo interior passa um canal de Alcôa, especialmente derivado do rio para tal serviço, ostenta a sua enorme chaminé conica, sustentada por oito columnas de ferro e semelhante á torre fortificada de um castello.

Ahi, nessa mansão grandiosa, mora um principe de sangue, que é tambem principe da egreja, chama-se elle o cardeal-principe D. Affonso, abbade inamovivel de Santa Maria de Alcobaça, filho de el-rei D. Manuel o Venturoso, ou o cardeal-principe, mais tarde rei, D. Henrique, successor de el-rei D. Sebastião, no throno de Portugal, e ultimo dos abbades inamoviveis.

Tudo na casa é vasto, abundante e bem regrado como num paço realengo. E a physionomia do mosteiro, ampla, severa e núa, como devera ser no meio da «malicia dos tempos», dá antes a ideia de um governo rigidamente paternal e agricola de poderoso senhor occupado mais no amanho da terra, na defesa das lindes e no interesse humano dos vassallos, do que na contemplação mystica, no extase beatifico, na meditação sobre os mysterios subtis da theologia e na salvação das almas.



CLAUSTRO DE S. DINIZ — ALCOBAÇA

Sobre o rijo portal gothico primitivo, o 26º e ultimo abbade inamovivel, cardeal D. Henrique, ergueu as duas torres e a fachada barrôca, tendo ao meio o grande vitral circular.

Um ultimo olhar sobre o conjuncto da praça e do edificio; depois, penetramos na nave central, triste e silente, com os seus vinte e seis pilares nús alinhados sob a aboboda. Sentimos uma como sensação de frio de quem entra no amago das eras mortas. Ao fundo, sob a alta e estreita arcada da capella-mor e cobrindo parte das columnas superpostas que a sustentam, brilha um enorme resplendor — de onde emerge a estatua da Virgem, cercada de anjos, na apotheose do triumpho eterno. Em baixo, o altar-mor ladeado de estatuas, que enchem os vãos das columnas e ornam os pilares da arcada superior. Da entrada ao fundo mede a egreja 106 metros de comprimento, tem 21 de largura e 16 de altura até ao fecho das abbadas em ogiva — assegura-nos o guia; pois, apezar dessas dimensões consideraveis, ella não constitúe talvez a decima parte do velho mosteiro!

Percorramos rapidamente a corôa de capellas do deambulatorio, que rodeia o altar-mór, deixando para mais tarde a sachristia, cuja porta, ricamente ornada pela phantasia oriental de João de Castilho, vemos de passagem.

Dada a volta pelo deambulatorio, achamo-nos no cruzeiro da egreja, ou transepto, a cujo lado repousam, em dous sarcophagos de pedra, datando respectivamente, se me não engano, de 1223 e 1279, os restos dos reis D. Affonso II e D. Affonso III.

As rainhas D. Urraca e D. Brites ou Beatriz, esposas dos dous monarchas, jazem na «Capella dos Tumulos», que vamos vêr.

Chegando ao cruzeiro, o que avulta logo é o grande grupo de barro — a morte de S. Bernardo — e, acima, Nossa Senhora ouvindo uma orchestra de anjos.

Descemos pela nave lateral, á esquerda da entrada, até a porta da grandiosa sala dos Reis, cujas abobadas gothicas são sustentadas por quatro reforçados pilares. Ao fundo da sala, uma grande lapide, onde está insculpida *in extenso* o termo da fundação da abbadia. Acima da lapide, destaca-se o numeroso grupo de barro, que representa a coroação de Affonso Henriques e a sua sagração como rei de Portugal. Em toda a extensão das quatro paredes corre uma barra de azulejos, onde está pintada a historia da fundação do mosteiro: aqui o assalto e tomada de Santarém por D. Affonso Henriques com o seu punhado de bravos companheiros de armas; acolá, D. Affonso approvando o risco do monumento que lhe apresenta um frade de joelhos.

E' esta, com effeito, a tradição, confirmada, creio, pela historia. Na terrivel campanha para rehaverem do mouro invasor o territorio conquistado da pennisula iberica, osr eis de Castella tomaram e perderam, com alternativas de

A estatua de Pedro o Crú tem aos pés um cão, que não sabemos se ahi esteja como symbolo da fidelidade, mas é certo que em tumulos medievaes de puro estylo gothico, qual seja este, a imagem do cão é frequente aos pés do senhor. Na crypta da egreja de Eu, onde estão os tumulos dos antigos condes, vê-se aos pés das estatuas dos senhores, a figura do altivo lebréo, ou a do reforçado alão.

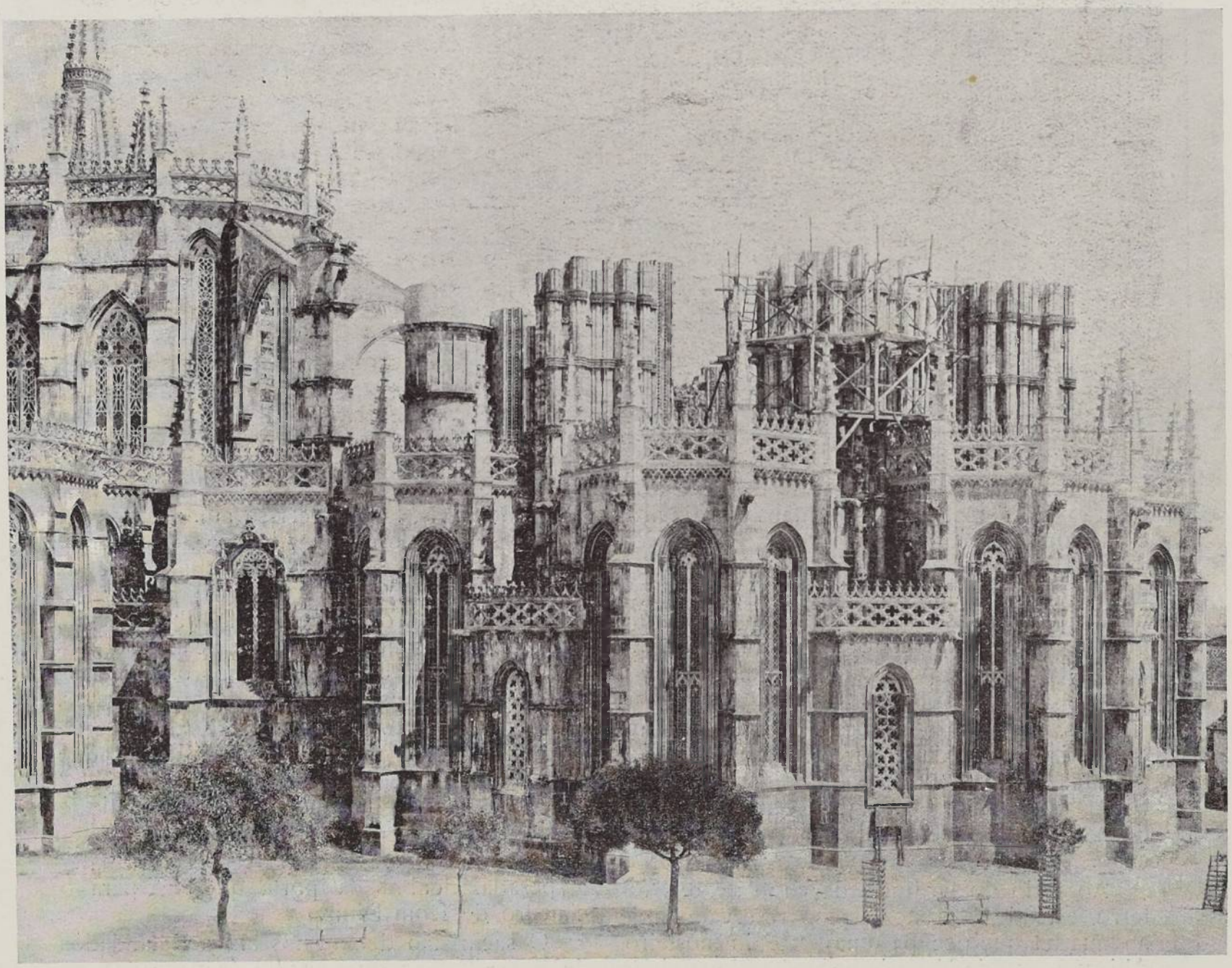
Da Capella dos Tumulos, que é uma parte distincta da egreja, subimos de novo á nave principal — são tres as naves — em busca da sachristia, obra do tempo de D. Manoel, com pinturas não restauradas. A porta, como já ficou dito, é de João de Castilho, que tem na architectura a bizarra fantasia de Theophile Gautier no verso, embora a tres seculos de distancia um do outro.

Como tenhamos de ver as CAPELLAS IMPERFEITAS da Batalha, onde ha maravilhas daquelle creador de sonhos em pedra, não precisamos deter-nos na porta da sachristia.

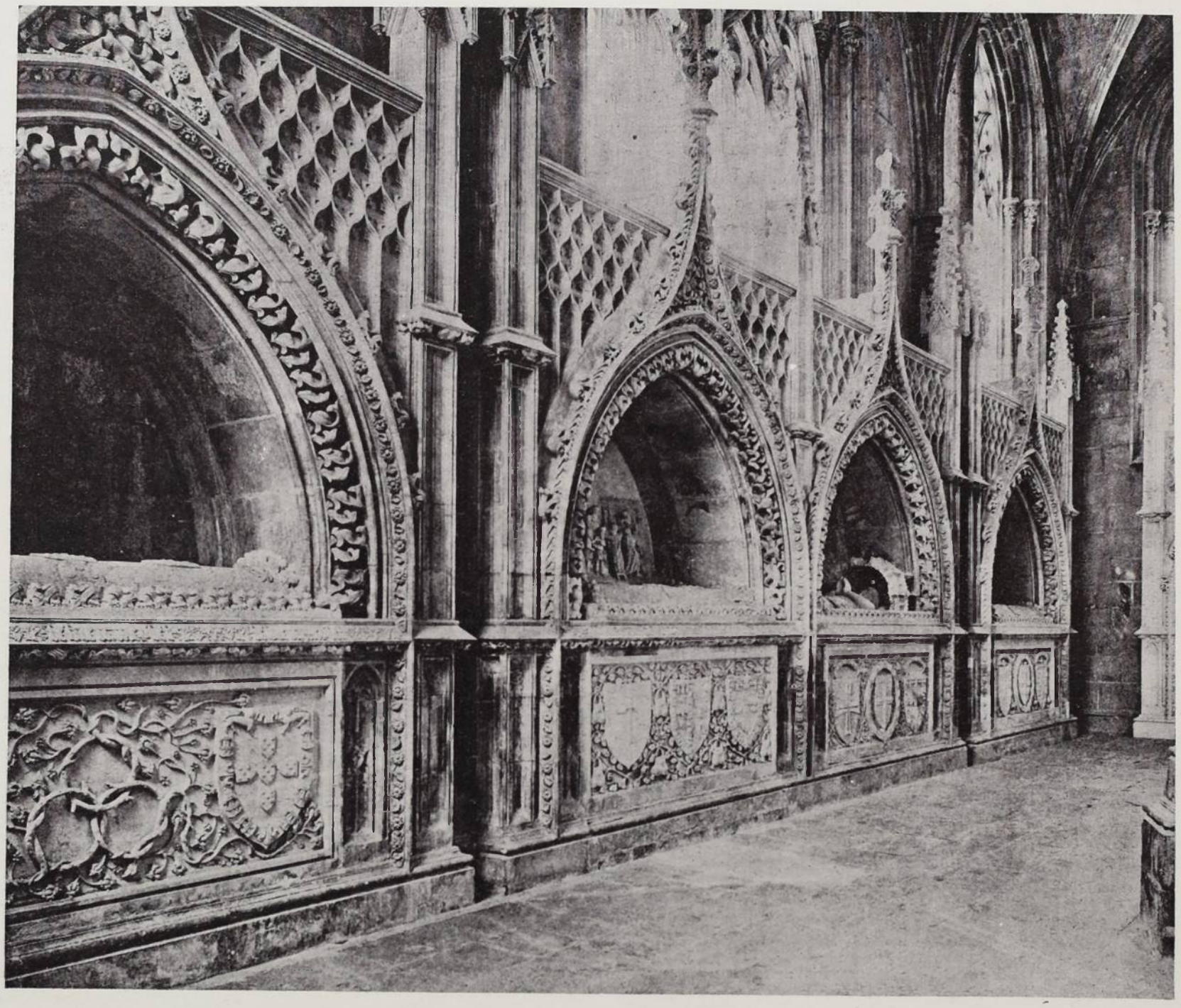
Acha-se ao fundo desta a capella do relicario, onde estão alinhadas, em prateleiras superpostas, centenares de imagens, bustos quasi todas, cada qual com a sua reliquia, numa cavidade coberta por uma tampa de vidro. Todas, quasi que sem excepção, foram quebradas pelos soldados fracezes nos dias da invasão.

Sahindo da sachristia, tomamos a porta que leva ao antigo jardim do mosteiro, onde se acha, isolada do edificio, a capella de Nossa Senhora do Desterro, obra do seculo XVIII, com o seu rico retabulo e as suas majolicas. O jardim é ainda, ou foi até bem pouco tempo, cemiterio do povoado.

Neste delicioso refugio a céo aberto, junto das aguas abundantes do Alcôa, que ahi mergulha num tunnel de pedra, por baixo do



CAPELLAS IMPERFEITAS — BATALHA



CAPELLA DO FUNDADOR—TUMULOS DOS INFANTES—BATALHA

casarão do mosteiro, os irmãos jardineiros cuidavam das rosas, dos cravos, dos lyrios, das camelias, dos jasmins e das violetas, formando assim um retiro em que os monges meditativos podessem scismar, embalados pelo gorgeio dos rouxinoes e das toutinegras, no ambiente varrido pela viração dos montes e embalsamado pelo perfume das flores.

Mas, o jardim d'outros tempos é agora um cemiterio pobre de lugarejo, cortado de sepulturas rasas, sobre as quaes se levantam, como que tremulas, frageis cruzes pintadas de negro, mal enterradas e já pensas para o chão.

Ao lado do jardim e da cupola do Desterro, estende-se vasto terreno reservado hoje ao quartel que occupa uma parte do mosteiro. Ahi, um grande chafariz de pedra chora ainda o desamparo da velha abbadia.

Pode a vista espairecer-se ainda na verde paizagem dos morros de Alcobaça, estender-se por seus vergeis e campos de cultura, sujeitos outr'ora á charrúa dos monges; mas, tudo ahi é triste como o cemiteriosinho abandonado, onde, de tanta saudade humilde, de tantas dores anonymas, a lembrança unica são os lettreiros que vão se apagando nos braços das cruzes.

E, neste ponto principalmente, a inspecção do conjuncto dá uma pungente ideia de que o velho mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, berço da nação portugueza, está esquecido e desamparado.

De novo atravessamos a egreja para bater a pesada aldabra da porta que dá para o claustro de Dom Diniz.

O sachristão deixou-nos ahi aos cuidados de uma mulher que acudiu ás pancadas na aldrába de ferro.

Abre-se o claustro, de estylo gothico primitivo, severo, massudo, nú, lembrando as mãos robustas que lavraram os pilares, bruniram os fustes e assentaram os cantos nos dias em que não tinham de empunhar as clavas, nem apertar os correões das armaduras.

No andar superior, levantado sobre as abobadas do claustro, apparece um motivo architectonico novo, que quadra ahi como uma illuminura n'uma velha Biblia. Vê-se logo a differença das eras: no alto, é a renascença, com João de Castilho; em baixo, a edade media com os mestres contemporaneos de Dom Diniz e do seu alcaças de Leiria. De um lado, os desvãos dos pilares estão tapados por muralhas recentes, separando o claustro de D. Diniz da parte do mosteiro occupada agora pelo quartel; outra serve de escola publica e outra, emfim, bastante vasta, foi vendida a um particular! Já o fôra, tambem, em parte, o esplendido Convento de Christo de Thomar, reliquia do Grão Mestre dos Templarios Gualdim Paes, das victorias dos seus bravos cavalleiros sobre os almohades no seculo XII e mais tarde solar soberbo da Ordem de Christo, cujo poder e cujos thesouros permittiram ao Grão Mestre infante Dom Henrique as descobertas de onde surgiram a epopea das Indias, os *Lusiadas* e o Brasil.

As lages do claustro, calcadas pelo tacão de nossas botinas de visitantes apressados, estão cobertas aqui e acolá de inscripções meio apagadas em caracteres gothicos antigos, em latim culto umas, outras no bronco portuguez recem-nado do latim barbaro e contemporaneo dos primeiros foraes: são tumulos de vassallos e de monges. Pelas paredes, outras inscripções revelam carneiras, onde estão pulverisados restos de fidalgos e de escudeiros — figuras outr'ora illustres, sumidas na noute dos tempos.

Num dos angulos do quadrado que fecha o pateo do claustro, ergue-se um brinco de alvenaria: a capellinha que abriga a fonte dos monjes, onde treme ainda a agua fresca do rio. Dá a ideia de um templo pagão a evocar naiades em pleno claustro; tem um quê de sensual e de feminino no meio dos pilares nús e das severas abobadas de Dom Diniz; faz pensar na castellã enamorada, que preludia chacaras para esquecer as maguas na soedade dos muros sombrios.

Da capella manoelina, passamos ao refeitorio e a cozinha, que, quanto aos dous elementos, agua e fogo, é servida por um verdadeiro riacho e por uma chaminé que mais parece um forno alto de forja, onde se fabricassem as primeiras granadas e pelouros destinados ao exicio dos agarenos. E eram precisas taes proporções de Gargantua para o fogão onde se preparava o alimento para os novecentos freires officiantes, afóra os que não officiavam e mais os perigrinos e os visitantes.

E foi tudo quanto vimos da abbadia, numa visita rapida de duas horas, em que, por não cortar o prazer de ver, nem a emoção de contemplar, não nos demos ao trabalho de tomar notas, certo de ficarem para sempre registados na memoria os aspectos mais impressionantes.

Voemos agora ao almoço do albergueiro, que lá nos espera com a tradicional gallinha com arroz, as fructas melhores da sazão e da paragem e as bojudas canecas de vinho verde.

AFFONSO ARINOS

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *

FON-FON!

REVISTA HUMORISTICA

FON-FON!

REVISTA DE ACONTECIMENTOS

FON-FON!

PUBLICAÇÃO SEMANAL

FON-FON!

EDIÇÃO DE KÓSMOS

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura . . . . . 15$000

Encadernado em marroquim . . 20$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA "KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

A VENDA NA

RUA DA ASSEMBLÉA, 62

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV — MARÇO 1907 — N. 3

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

AS festas roquinas (aceitemos o neologismo) deveriam fornecer exclusivamente o assumpto a esta chronica. Mas já tanta cousa se escreveu sobre isso, ó deuses immortaes! Os noticiaristas já exgottaram todos os adjectivos, todas as hyberboles, todos os *ahs!* e todos os *ohs!* - encontro os celleiros vasios, e não sei o que possa dizer de cousa já tão dita, tão narrada, tão gabada.

Nós, os chronistas, somos como aquella meiga e desventurada Ruth, de que falla a Biblia, e que todas as tardes seguia os segadores, apanhando as espigas que elles deixavam cahir no chão. Somos como ella: quando chegamos ao campo, já os segadores, que são os noticiaristas da imprensa diaria, o devastaram e despojaram de tal modo, que somos obrigados a contentar-nos, quando muito, com as espigas murchas que elles desprezam...

Não! não tratemos das festas com que o Rio de Janeiro e S. Paulo receberam o general Roca. Apagaram-se as luminarias recolheu-se ao seu ancoradouro habitual o galeão historico de D. João VI, desarvoraram-se as bandeiras, callaram-se as acclamações; o que lá vae, lá vae .. Tratemos de cousas que ficam, que continuam sendo nossas, e que reclamam attenção immediata.

Março não teve apenas um acontecimento politico,—essa tão celebrada visita do estadista argentino. Teve tambem um acontecimento artistico: a representação, em um dos theatros da cidade, de duas peças originaes. Dizer que isso foi um «acontecimento»— não basta. Para bem mostrar qual foi a repercussão do facto, é mister recorrer a um estrangeirismo, e dizer que elle foi «um successo». Noticia-

ristas, chronistas, criticos, reporters, autores e actores,—todos, *una voce*, declaram que viam no applauso, com que o publico victoriou as duas peças, um signal seguro e infallivel do renascimento do theatro. E todos, tambem *una voce*, affirmaram que se o poder publico quizesse proteger o nosso theatro, já ha muito tempo elle seria o que deve ser...

E não faltou quem visse na presença do Sr. Presidente da Republica, que assistiu á primeira representação d'*O Dote* de Arthur Azevedo, e da *Ultima Noite*, de Paulo Barreto, uma como promessa tacita feita por S. Ex., um como compromisso assumido no sentido de proteger a arte dramatica...

E' verdade que o Sr. Presidente da Republica esteve no theatro, na noite da primeira representação d'essas peças. Esteve; e por signal que os emprezarios enfeitaram o camarote presidencial com umas cortinas tão velhas, de tão réles e desbotada chita, que aquillo realmente não parecia o camarote de um chefe de Estado, mas o coreto de um Imperador do Divino...

S. Ex. foi ao theatro, e gostou das peças e applaudiu os auctores,—e não fez com isso favor ás peças nem aos auctores, por que as peças são excellentes, e os auctores teem muito talento. Não creio que, se as peças fossem más, o publico as tivesse applaudido, unicamente para ter o gosto de concordar com S. Ex. E não creio tambem que, sendo ellas boas, como effectivamente são,—o publico as tivesse achado abominaveis, no caso de lhes ter negado o seu applauso o Chefe do Estado... Assim, não vejo bem em que, nem como, nem porque o comparecimento do Sr. Presidente da Republica pode ter significado uma victoria, ou uma promessa de victoria, para a tenaz e louvabilissima propaganda em que se empenha Arthur Azevedo, com todo o seu brilhante talento e toda a sua reconhecidissima competencia, em favor do Theatro Nacional.

Imaginemos que o Sr. Presidente da Republica dê agora para ir todas as noites ao theatro: haverá alguem tão ingenuo que acredite ser isso o bastante para que o Theatro Nacional se regenere e progrida? Seria o cumulo da ingenuidade!

De certo, ha alguma razão poderosa e séria, capaz de explicar o abandono em que o publico tem deixado os theatros do Rio de Janeiro. E essa razão não é, não pode ser a falta de protecção dos poderes publicos.

Já não estamos na idade-media, nem no começo da idade moderna! A Arte, neste seculo, faz-se, desenvolve-se, affirma-se, sem precisar do apoio dos Grandes e dos Senhores, — até porque já não ha Senhores nem Grandes.

Um governo póde e deve dar hoje, a uma cidade ou a um paiz, agua, luz, esgottos, calçamentos, assistencia publica: mas não lhe póde dar Arte, porque o distinctivo mais claro da Arte moderna é justamente a sua completa autonomia, a sua absoluta e gloriosa independencia!

Qual será, então, a razão da decadencia do nosso theatro?

Será a falta de peças e de autores? Não póde ser! *O Dote* de Arthur Azevedo, e a *Ultima Noite* de Paulo Barreto, com o seu radiante «successo,» ahi estão para eliminar essa hypothese.

Será a falta de actores? Tambem não! *O Dote* e a *Ultima Noite* foram optimamente representados: todos os espectadores acharam a sua representação bem razoavel. E, ainda não ha muitos dias, Arthur Azevedo, que conhece as cousas do theatro como conhece a palma da sua propria mão, e sabe, muito mais do que eu, o que é um bom actor, escrevia n'*O Paiz* que «para melhorar as condições do nosso theatro, não é pessoal que nos falta...»

Uma ultima hypothese se apresenta: será a falta de gosto do publico? Mas, ha quinze ou vinte annos, o publico enchia os theatros! E é impossivel que esse pu-

blico tenha perdido o gosto artistico, a ponto de desprezar hoje completamente aquillo que com tanto enthusiasmo apreciava ha quinze ou vinte annos...

Tenho uma ideia, que já me valeu muitos doestos anonymos, mas que cada vez me parece mais justa. Creio que o que nos falta, para que tenhamos Theatro, é... theatro. Theatro-casa, theatro-edificio, entenda-se bem. Porque, positivamente, não se póde dar o nome de *theatro* a qualquer desses pardieiros a que somos obrigados a ir, quando queremos ouvir uma peça. O *Lyrico* e o *S. Pedro* estão sempre fechados; o *Palace* e o *Moulin*, que são limpos e teem commodidade, nunca representam cousa séria. E os theatros (?) em que se representam peças que nos interessam, como *O Dote* e a *Ultima Noite*, — são modelos de incommodidade, de falta de limpeza e de feialdade.

Estive no theatro em que se representaram as peças de Arthur Azevedo e Paulo Barreto; estive lá, justamente na mesma noite em que lá esteve o Sr. Presidente da Republica; — e lá estive (ai de mim!) em companhia de tres estrangeiros, homens de imprensa, homens de fina educação, que haviam chegado na vespera ao Rio de Janeiro. Como eram homens de fina educação, nada me disseram do espanto que experimentavam, vendo-se naquelle galpão hediondo, velho, feio, sujo, incommodo, a que nós chamamos pomposamente — um theatro! Nada me disseram, mas o seu espanto claramente se lia nos olhos assombrados com que elles miravam tudo aquillo.

Já não me quero referir de novo á estupefactiva e inacreditavel decoração daquelle camarote presidencial, que parecia enfeitado com colchas velhas de hospedarias baratas... Mas aquellas cadeiras pequeninas trepadas umas sobre as outras, obrigando cada espectador a sentar-se no collo do espectador da esquerda e a carregar no seu proprio collo o espectador da direita! mas aquelle réles aspecto de theatrinho da róça, construido e pintado por architectos e pintores de meia tigéla! mas aquelles corredores medonhos! mas aquelle botequim ignobil! mas aquelle jardim indecente!...

Ah! decididamente, é preciso ter coragem heroica para ir perder uma noite em tal lugar! E ninguem me tira da cabeça esta ideia: o publico deixa de ir ao theatro, unicamente porque não está disposto a sahir de lá com os rins moidos por aquelles assentos incommodos, e com as pernas devoradas por pulgas ferozes!

Hão-de descobrir talvez uma contradicção no que escrevo. Dirão talvez: «mas ha quinze annos, tal theatro era tão máu e tão sujo como é hoje, — e você diz que ha quinze annos o publico o frequentava...»

Não ha contradicção. Disse e repito que, em materia de educação e cultura artistica, o povo carióca não póde ter retrogradado: ao contrario, progrediu. Mas não progrediu sómente nisso. Progrediu tambem no modo de entender o aceio, a hygiene, o conforto. E é por isso que elle já não tolera hoje a falta de aceio, de hygiene e de conforto que tolerava outr'ora. O publico sabe hoje o que é limpeza, porque vê a cidade mais limpa do que antigamente: e é justo que não supporte os theatros (?) abominaveis que antigamente supportava...

O. B.

NO DIA 13 DE ABRIL,

IMPRESSO NAS OFFICINAS DE *KOSMOS*, SURGIRA Á LUZ

FON-FON!

SEMANARIO ALEGRE, POLITICO, CRITICO E ESFUZIANTE

Destinado a causar o mais legitimo, ruidoso e hilariante successo

SÃO REPRESENTANTES DESSA REVISTA, AUTORISADOS A RECEBER TODAS AS ENCOMMENDAS, ASSIGNATURAS, ANNUNCIOS, ETC.

RIO GRANDE DO SUL — L. P. Barcellos & C.
SÃO PAULO — Gonçalves & Guimarães.
EXTREMO NORTE — J. Martins — BELEM.
ALAGOAS — M. G. da Fonseca.
PERNAMBUCO — José F. Amorim Silva.
BAHIA — Almeida & Irmão.
PARANÁ — Annibal Rocha & C.

A Columna Monumental

(PRETENÇÃO Á CHRONICA)

LES HOMMES BONS NE DISENT JAMAIS LA VÉRITÈ; *être bon d'une telle façon est une maladie pour l'esprit.*

ZARATHOUSTRA—*Frèd. Nietzsch.*

Quid faciam?... sed sum petulanti splene cachinno.

A. PERSIUS FLACCUS—*Satyras.*

ESTA minha bem amada cidade, terra de bravos tamoyos nas priscas éras da sua primitividade e depois metropole das capitanias no inicio da civilisação, tão formosa, como sempre foi, e sempre desgrenhada, descuidosa e canhêstra, deu agora p'ra elegancias e pretenções artisticas.

Não lhe censuro a tendencia, serodia embora! acho que lhe convêm galas, enfeites e atavios de boa escolha e proposito, e que lhe fica bem essa faceirice que mais realça o seu feitio creolo de moreninha e fornida, o negrume dos seus olhos divinamente luminosos, a lubricidade da sua longa cabelleira cheirosa a baunilha ou bogarys... Enfeita-se, a rapariga; e bem faz, que o enfeite na mulher, quando ella é bonita, não lhe tira nem lhe põe encantos; é louçania, apenas.

Mas, ás vezes, a risonha e moça Carioca escolhe gemmas por demais improprias á sua natural formosura.

Assim foi que, não contente com as rendas cáras das suas avenidas, com os tecidos raros dos seus jardins, quiz mais e logo pensou em grandes lampadas electricas, a dessorar claridade de perolas, todo um deslumbramento de escrinio no multicor dos pequeninos astros de Edison, que a ornassem e augmentassem o brilho da sua eterna mocidade, já de si tão fulgurante!

E como sabem que lhe satisfazer caprichos é cahir nas suas graças, não faltou quem lhe offerecesse ou désse a irradiação das luzes. Houve até quem se lhe propuzesse augmentar o numero das estrellas no céo. Esse, porem, era um poeta... Ora, um poeta! e correram-no á bexiga de boi e silvos de garotagem.

Ella, entre cubiçosa e timida, sorrindo com esse sorriso que só ella tem na terra e os anjos no empyreo, aceitou offertas, destacando entre os novos adornos aquella columna de granito e bronze da pequenina, enviezada praça da Lapa, outr'ora lagôa do Desterro.

Eu ficaria a lamental-a só commigo mesmo, muito calladinho para os outros, cá no meu canto de João Ninguem, se não percebesse naquella *joia* um perfido abuso da ingenuidade desta minha querida Carioca.

Porque, senhores, aquillo é simplesmente uma perversidade. Poder-se-á dizer que souberam dourar a pipula. O que alli vedes, o que alli está collocado, não é um alampadario ou seja, para concordancia com o tom figurado do que eu já disse, uma *joia*, joia de enfeite, tetéa de adorno, brinco de faceirice; é uma ironia, uma desrespeitosa ironia a esta cidade, a nós brasileiros e aos primeiros, laboriosos colonisadores desta terra, que mais não foram que seus honestos paes.

Olhae, senhores: em primeiro logar, zombaram do bom gosto, do pretenso culto entendimento da nossa Carioca, dando-lhe um pechisbéque por ouro fino; á tudo aquillo falta eurythmia, concatenação, logica componidora; não veio da mão cuidadosa e leve e dextra de um desenhista, habituado ao tracejo de filigranas; parece ter sahido da garra ossea e má de um rude esboçador de cousas rudes, a qual o demonio houvesse intencionalmente guiado. Olhae: em segundo logar, cada porção, cada parte do que alli vedes, é nada mais nada menos que uma desprendida, audaciosa, calculada e injusta allusão.

O monumentalista (chamemol-o assim) cogitou do alcance do seu intento, combinou, ajustou, completou suas idéas e, se lhe não fôra a intencionalidade sarcastica, a obra teria sahido apreciavel nas suas qualidades artisticas. Despresando bons exemplos de mestres, as suas vistas procuraram fórmas pouco usuaes, não pelo que ellas trariam em novidade, em originalidade ou rebeldia, mas pelo que ellas tivessem de satisfactorio ao seu calculo. E assim o que lhe deu a forma do embasamento foi um castiçal. Um castiçal!... E porque? Pelo simples motivo do castiçal representar insignificancia de luz, donde a intenção de representar a nossa pequena capacidade mental, que, segundo a expressão alli intentada, pouco ultrapassa a de uma lamparina, quando muito se assemelha á claridade de uma vela, não obstante a *Luz Sterica* cantar em prosa e verso a excellencia da vela brasileira!

Ao demais o inventor d'aquillo teve segunda intenção, obedeceu á fórma de um castiçal porque os castiçaes sobrepostos a uma placa, seja concava ou chata, em relevo ou simples, são vulgarmente conhecidos por *palmatorias* e palmatoria recorda os castigos e violencias aos escravos negros, ainda não ha muitos annos libertos. Geralmente, por associações recordativas, reúne-se a fórma de um castiçal á pratica de cerimonias funebres e, na mesma decorrencia de imagens e idéas, a de um defunto, e quem diz defunto diz máo cheiro; pelo que se conclue, com boa logica, que o pensamento do artista foi o de nos chamar povo *morto* e mal cheiroso, salvo se ha nisso uma indirecta ás nossas eleições em que os *defuntos votam*, segundo rezam as chronicas.

Depois, seguindo a linha da composição, vê-se um tóro ou tôco cintado por facha de bronze. O pensamento do *artista* está claro. Decompõe-se do seguinte modo: Tôco é pedaço, pedaço é sobejo, sobejo exprime imprestabilidade. A cinta de bronze, desde que se tenha a exégese do tôco, desvenda a allusão: imprestaveis vivendo n um circulo de ferro... (o ferro não entrou alli ou porque o *monumentalista* temia o partidarismo mata-esfola do marechal Floriano ou porque é metal que se enferruja) mas, evidentemente, representa a escravidão, o servilismo da nossa vida... Escravidão a que?...

Agora é que veremos. Logo sobre esta parte, vem um ornamento que se parece com um barrilóte e, após, um conjuncto de cebollas e tamancos, geitosamente disfarçado em quinas e velame de náos.

Só não perceberá a allusão quem trouxer oculos de baêta. Os nossos antepassados, os nossos laboriosos trinca-fórtes, honestos pés de boi do trabalho, vinham em navios a véla e traziam tamancos, sendo um dos principaes generos do seu commercio a cebolla.

Assim posto, a leitura é simples, façamol-a: *povo sem luzes, castigador d'escravos, mal cheiroso* (porco) *imprestavel, tacanho, vivendo humilhado aos seus conquistadores primitivos que se recommendam pelos tamancos, do seu uso, e pelas cebollas, do seu commercio...*

E neste caso de cebollas não é preciso ser *alho* para se lhe apanhar a significação. Iame esquecendo do barrilóte. .... Que pretenderá elle symbolisar?... O' senhores, nada mais claro!... O barril representa, como o caixo d'uvas e a parra, o culto de Baccho; sendo de marca pequena, isto é, quartola, a idéa do *pifão* fica de pé, e se lhe associa a de figura de Judas ou «typo de meia tijela».

Adiante. Acima do conjuncto de cebollas e tamancos, vê-se o quer que seja, uma geringonça qualquer, onde se enroscam damnadas serpentes, que se estendem para o espaço, curvando S S bizarros e petulantes. A cobra, como sabeis, é a perversidade, viscosa, repellente, esgueirante. Representa o mal e tambem a selvajaria. Immediatamente a esse covil de cobras encontra-se um pedaço de columna torcida ou retorcida, que tanto póde significar o largo do Pelourinho, em Lisboa, pela semelhança com o seu monumento, como póde referir-se ao cordel entrançado de um

chicote. E tudo aquillo é encimado por um globo, mais precisa e significativamente por uma bola.

Tal é a conclusão do monumentalista: ora bolas!

Sim, bem na merecemos nós, esta cidade, e os seus esforçados colonisadores...

Pelo que venho expondo, julgar-me-ão um descabellado fantasista ou, peior que isso, um satanico maldizente. Se assim fôr será clamorosa injustiça. Eu não tenho a menor prevenção contra o laureado auctor daquelle respeitavel (por varios titulos) monumento ou, ainda por concordancia com o tom figurado do preambulo, d'aquella preciosa joia. Antes, pelo contrario, curvava-me embasbacado em frente da sua grandeza, mórmente quando todas as lampadas resplandeciam; e, muitas vezes cheguei a me abraçar com o incommensurabilissimo archeologista A. V., da galante *Noticia*, que eu alli encontrava, por deshoras, babado e enternecido diante da resistencia invejavel das serpentes de bronze e com o qual, em honra da arte brasileira, em homenagem ao genio nacional ou semi-nacional, e mui especialmente em continencia ao vigor das sobreditas serpentes, irmãs caçulas dos jacarés do Passeio Publico, sahi pela praça em fóra, na calada da noite, a entoar o caracteristico:

Vem cá, mulata!

Irribus! p'ra que a gente é brasileira?...

Mas, uma vez, nem sei como foi isso, lendo n'um livro, ao qual me agarrei para dormir, que toda a obra de arte envolve um pensamento, puz-me a matutar na phrase e, tanto puxei pelo bestunto, que conclui ajuizadamente, muito bem sensatamente, pelo dever de procurar no alampadario da Lapa a sua grandiosa razão de ser.

E fui, e lá estive por horas longas, concentrado, a reflectir, a analysal-o. Cancei, confesso que cancei. Mas, quem não cança nesta vida? Que canceira, que suarenta canceira, não sentiu o immortal artista, o genial artista, quando acabou de botar para fóra do seu fecundo cerebro aquella immensa coisa?!.. Que trabalheira, Virgem Senhora do Bom-Successo!

Cancei, é verdade, mas consegui o quanto desejava. Infelizmente, a obra que eu admirei com todas as véras da minh'alma, perdeu a sua grandeza. Ai!... nunca devemos insistir no que admiramos...

Toda aquella fertilidade imaginativa, aquelle garbo de linhas nunca accessiveis aos gregos e aos italianos do Renascimento, se transmudaram na minha apreciação.

E nabo por nabo, cebolla por cebolla, perdão, quero dizer, ponto por ponto, detalhe por detalhe, fui estudando o monumento, decompondo-o, comprehendendo a sua intenção, desvendando o symbolysmo dos seus ornamentos. E dizem os sabios que a luz espanca as trevas! Historias...

Não ha em todos estes vastos *brazis* nada mais illuminado do que a columna da Lapa; entretanto, ninguem lhe surprehendeu a intenção! Nem mesmo o super-perspicaz *A V*, da *Noticia*, que é um damnado para descobrir preciosidades archeologicas nas maravilhas dos nossos archi-engenhosos mestres de obras, do passado, nem esse, apesar de tremendamente archeologista, conseguiu a exégese daquelle monumento!

Aqui tens, minha formosa Carioca, o enfeite que te deram e que tu, ingenua e boa, acolheste agradecida. Puzeste-o no teu collo, sorriste contente, envaidecida; queres que todo o mundo t'o admire; mas, esse enfeite, é uma obra calculada, toda eriçada de ironias a ti propria e aos teus.

Olha bem em que dão os exaggeros. Toma tento.

Fevereiro de 1907.

J. Marcos.

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 2 D'ESTE ANNO)

HISTORIA DOS CRUSTACEOS

CAPITULO II

AS ESPECIES DE MELITA

Uma supposição falsa, quando as consequencias que d'ella decorrem, se desdobram cada vez mais, conduz, cedo ou tarde, ao absurdo e á contradicções palpaveis.

Durante o periodo cruciante da duvida — e este não foi curto -- em que o fiel da balança oscillava ante mim em perfeita incerteza entre os *pro* e os *contra*; e quando todo e qualquer facto conduzindo á uma prompta decisão teria sido bem vindo, não tive o menor trabalho em avaliar quaesquer contradicções entre as consequencias fornecidas á classe dos crustaceos, pela theoria Darwinista. Pois eu não as encontrei, nem então nem depois. Aquellas que eu pensava ter achado, foram dissipadas em mais intima consideração ou, converteram-se actualmente em sustentaculos para a theoria de Darwin.

Nem, tanto quanto eu saiba, qualquer das consequencias *necessarias* das hypotheses de Darwin, foi provada, por quem quer que fosse, em clara e irreconciliavel contradição. E entretanto, visto como existem os mais profundos investigadores do reino animal entre os antagonistas de Darwin, parece que devia lhes ser facil esmagal-o, de ha muito, sob a massa das illações absurdas e contradictorias, se taes decorressem da sua theoria.

A' esta falta de contradicções demonstradas, eu penso que podemos attribuir, justamente, a mesma importancia á favor de Darwin que os seus antagonistas attribuiram á ausencia de formas intermediarias, entre as especies dos diversos sedimentos geologicos.

Independentemente de que as razões que Darwin deu da conservação de taes formas intermediarias, sejam apenas excepcionaes, a circumstancia por ultimo mencionada não será de grande significação, para todo aquelle que traçou o desenvolvimento de um animal, desde as larvas pescadas no oceano, e teve de procurar em vão, durante mezes e mesmo annos, por essas formas transicionaes que, apesar disso, veio a saber, formigavam em torno da sua pessoa, aos milhares.

Poucos exemplos mostrarão de que modo as contradicções podem surtir, em resultados necessarios das hypotheses Darwinistas.

Parece uma necessidade á todos os carangueijos que permanecem por longo tempo fóra d'agua (entretanto é sem consequencia para nós, aqui) a penetração do ar detrás para dentro da cavidade branchial. Agora, esses carangueijos que se tornaram mais ou menos alheiados á agua, pertencem ás mais diversas familias — ás Raninideas (*Ranina*), ás Eriphineas (*Eriphia gonagra*), aos Grapsoideos (*Aratus, Sesarma* etc.) aos Ocypodideos (*Gelamus, Ocypoda*) etc.; e a separação d'estas familias deve ser, sem duvida alguma, referida á um periodo muito mais primitivo do que o habito de desprezar a agua, n'alguns de seus membros. As modificações relativas á respiração aerea, por isso, não poderiam ser herdados de um antepassado commum e, quando muito, estar de accordo na sua construcção.

Se houvesse tal accordo, não referivel á semelhança accidental entre elles, esse teria de ser conduzido á balança, como peso contrario á correcção das vistas de Darwin.

Eu mostrarei, mais adiante, como o resultado neste caso, longe de apresentar taes contradicções, ficou na mais completa harmonia com o que poderia ser predito pela theoria de Darwin.

Um segundo exemplo.—Já estamos informados de quatro especies de *Melita* (*Melita valida, M. setipes, M. anisochir* e *M. fresnelii*) e eu posso addicionar uma quinta (fig. 1), nas quaes, o segundo par de patas supporta, em um lado, uma pequena mão de estructura commum e no outro, uma enorme pinça. Esta falta de symetria é algo de tão raro entre os Amphipodes e, a estructura da pinça differe tanto do que se vê no resto déstaordem e se assemelha, tão estreitamente, nas cinco especies que, se deve encaral-as, decididamente, como tendo partido de antepassados communs, pertencendo sómente a ellas, entre as especies conhecidas. Mas, á uma dessas especies, *Melita fresnelii*, descoberta por Savigny no Egypto, dizem faltar o flagello secundario das antennas anteriores. que occorre nos outros. Da fidelidade de todas as obras de Savigny, pouco se póde duvidar na correcção d'esse facto. Agora, se a presença ou ausencia do flagello secundario, significa o caracter generico que lhe é geralmente attribuido; ou se houve outras differenças importantes, entre *Melita fresnelii* e as outras especies acima mencionadas, capazes de fazer natural, a separação de *M. fresnelii* em um genero distincto e, deixar os outros unidos ao resto das especies de *Melita* — isto é, no sentido da theoria Darwinista:

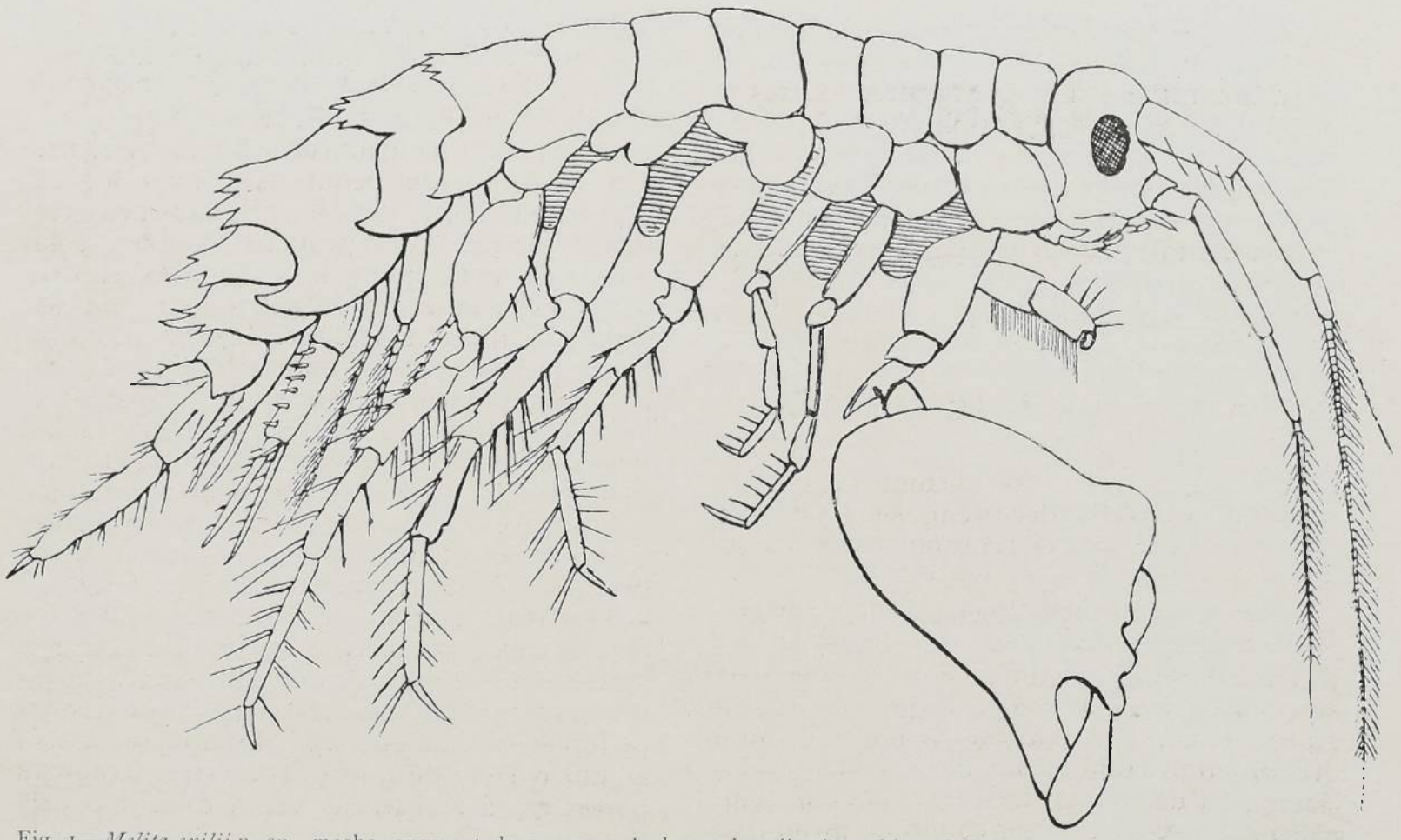
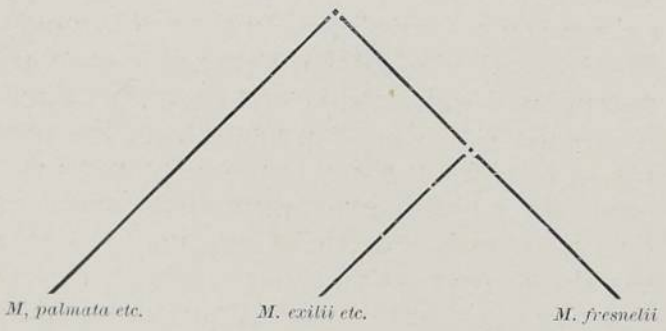


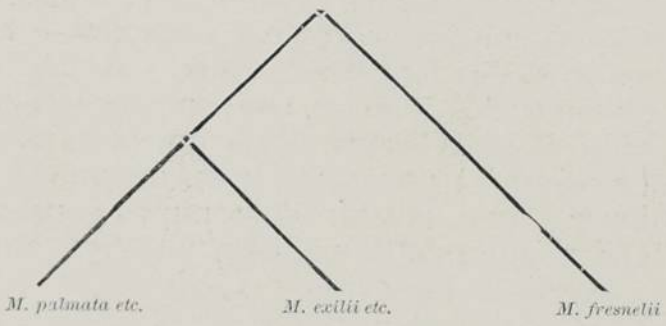
Fig. 1—*Melita exilii* n. sp., macho, augmentado 13 vezes. As largas lamellas branchiaes deixam-se ver por entre as bases das patas.

Se nós admittimos que todas as outras Melitas possuem antepassados communs que não são, ao mesmo tempo, os antepassados de *M. fresnelii*, — tal facto contraria a conclusão derivada da estructura das pinças, de que *M. fresnelii* e as quatro outras especies acima mencionadas, possuiram antepassados communs que não eram, tambem, os das especies restantes de *Melita*. Seguir-se-hia:

Segundo a estructura dos chelipedes



Segundo a presença ou ausencia do flagello secundario



Como, no primeiro caso, entre os carangueijos, uma relação de modificações produzidas independentemente uma das outras, seria uma circumstancia muito suspeita á theoria de Darwin, assim tambem seria, no segundo, qualquer differença mais profunda, do que a de especies muito proximamente alliadas.

Então me parece que o flagello secundario, de forma alguma póde fornecer um motivo, para fazer duvidar da estreita relação entre *M. fresnelii* e *M. exilii*, etc., a qual é indicada pela estructura peculiar do chelipede impar. Antes de tudo, devemos considerar a possibilidade do flagello secundario, que nem sempre é facil de isolar, ter sido desprezado por Savigny, como realmente Spence Bate suppõe ter succedido. Se com effeito falta, deve-se notar — que eu o encontrei em especies dos generos *Leucothoe*, *Cyrtophium* e *Amphiiochus*, generos em que elle foi omittido por Savigny, Dana e Spence Bate; — que uma especie provada pela forma dos epimeros (*coxæ* Sp. B.) dos pés caudaes (*uropoda* Westw.), etc., ser uma verdadeira *Amphithoe*, (1) possue-o — que em muitas especies de *Cerapus* elle é reduzido a um rudimento apenas perceptivel; — ainda mais, que elle ás vezes está presente no joven e desapparece (talvez, não sem deixar algum traço) no adulto, como

(1) Acceito este e todos os outros generos dos Amphipodes aqui mencionados, com os limites que lhe foram assignados por Spence Bate (Catal. Amphipod Crust.)

Spence Bate descobriu ser o caso de *Acanthonotus owenii* e *Atylus carinatus* e eu posso affirmar, com respeito a um *Atylus* destes mares, notavel pelas suas branchias plumosas;—e que, de tudo isto, agora, quando o numero crescente de Amphipodes conhecidos e a sua divisão em generos numerosos dahi decurrentes, nos compelle a descer á insignificantes caracteres distinctivos, devemos comtudo, hesitar antes de empregar o flagelo secundario como caracter generico.

O caso de *Melita fresnelii*, por isso, não póde excitar duvida alguma pelo que diz respeito a theoria Darwinista.

CAPITULO III

MORPHOLOGIA DOS CRUSTACEOS AS LARVAS NAUPLIUS

Se a ausencia de contradicções entre as consequencias deduzidas das vistas de Darwin, para uma secção estricta e, por tanto, facilmente inspeccionada, devia nos predispor á seu favor, seria um facto acolhido como um triumpho positivo da sua theoria, se conclusões chegadas de longe, fundadas sobre esta, pudessem *subsequetemente* ser confirmadas por factos, de cujo realdade a sciencia, no seu estado primitivo, de modo algum nos permittia suspeitar.

Dos muitos resultados deste genero a que eu possa me referir, escolho como exemplos dous que, foram de particular importancia para mim; e reporto ás descobertas,—cuja alta significação na morphologia e classificação dos Crustaceos, não será negada mesmo pelos adversarios de Darwin.

Considerações sobre a historia evolutiva dos Crustaceos, conduziram-me á conclusão de que, se os mais elevados e mais infimos d'estes seres fossem, todos derivados de progenitores communs, os primeiros tambem deveriam, em outros tempos, ter passado pelas condições Naupliiformes. Logo depois, eu descobri as larvas Naupliiformes dos camarões («Archif fur Naturg.» I, pag. 8, 1860); e devo convir que esta descoberta, me trouxe a primeira inclinação á favor de Darwin.

Como Claus, eu não considero os olhos dos crustaceos como membros e, por isso, não admitto segmento ocular; por outro lado, eu conto a peça caudal mediana, á qual, o caracter de um segmento é frequentemente negado. Contrária á sua interpretação como um segmento do corpo, só póde ser citada a falta de membros; á seu favor, temos a relação do intestino que, commummente, se abre nesta peça; e ás vezes, mesmo, a atravessa em toda a extensão, como em *Microdeutopus* e alguns outros Amphipodes. Em *Microdeutopus*, como Spence Bate já mostrou, é-se mesmo conduzido á encarar os pequenos processos desta peça tubular caudal, como rudimentos de membros. Bell tambem («Brit. Stalk-Eyed Crust.» pagina XX) consigna ter observado membros bros do ultimo segmento em *Paloemon serratus*, sob a forma de pequenos pontos moveis. Tem-se tentado, frequentemente, dividir os Crustaceos elevados em pequenas secções, compostas de egual numero de segmentos, consistindo essas secções de 3, 5 ou 7 segmentos. Nenhuma destas tentativas encontrou, sempre, a acceitação geral; as minhas proprias investigações, me conduzem á concepção que, quasi se aproxima da de Van Beneden. Eu admitto quatro secções, de cinco segmentos cada uma,—o corpo primitivo, o anterior, o posterior e o mediano. O primitivo inclue os segmentos que a larva Naupliiforme traz para fóra do ovo; elle é ulteriormente dividido pelas secções mais novas que, se desenvolvem em em seu meio em cabeça e cauda. A' este corpo pertencem os dous pares de antennas, as mandibulas e os pés caudaes («par posterior de pleiopodes», Sp. Bate.). Mesmo no animal adulto o facto de que estas secções terminaes pertencem á ambas, ás vezes, é trahido pela semelhança de seus appendices, especialmente os do ramo externo dos pés caudaes, com o ramo externo (a chamada escama) do segundo par de antennas. Como as antennas, os pés caudaes podem tambem se tornar os portadores de apparelhos altamente sensitivos, como é mostrado pelo ouvido de *Mysis*.

A sequencia das secções do corpo em ordem chronologica, parece ter sido originalmente que, primeiro foi formado o corpo anterior, depois o posterior e finalmente o mediano.

O corpo anterior parece, no animal adulto ser inteira ou parcialmente amalgamado á cabeça; os seus appendices (*siagonopoda*, Westwood) são total ou parcialmente uteis á recepção do alimento e, na regra, frisantemente distinctos dos do grupo seguinte. Os segmentos do corpo mediano, parecem sempre desenvolver os membros, immediatamente depois da sua propria apparição, emquanto os segmentos do corpo posterior permanecem, quasi sempre, destituidos de patas, no percurso de grandes periodos da vida larvar ou mesmo durante a vida (como em muitas femeas de Diastylideos); uma razão, entre muitas outras, para não se considerar, como é commum, o corpo mediano dos Crustaceos, como equivalente ao abdomen dos Insectos, constantemente desprovido de pés. Os appendices do corpo mediano (*pereiopoda*) nunca mostram, mesmo na mais joven forma, possuir dous ramos eguaes, peculiaridade que commummente caracterisa os appendices do corpo posterior. Esta é uma

circumstancia que, torna muito duvidosa a equivalencia do corpo mediano dos Malacostraceos, com a secção do corpo nos Copepodes que traz as patas nadadoras e, nos Cirripedes os cirros.

A comprehensão das patas do corpo posterior e cauda, em um unico corpo (como «falsas patas abdominaes» ou «pleopoda») parece injustificavel.

Quando ha uma metamorphose, ellas são, provavelmente sempre, produzidas em periodos diversos e são, quasi sempre, inteiramente diversas em estructura e em funcção. Mesmo nos Amphipodes, em que as patas caudaes commumente se assemelham em apparencia aos dous ultimos pares de patas abdominaes, ellas se distinguem, em geral, por alguma sorte de particularidade e, emquanto as patas abdominaes são reproduzidas em fatigante uniformidade, em toda a ordem, as patas caudaes estão, como é bem sabido, entre as mais variaveis patas dos Amphipodes.

—

O numero similar de segmentos que occorrem nos Carangueijos e Macruros, Amphipodes e Isopodes, em que, os sete ultimos segmentos são sempre diversos dos precedentes, nos appendices com os quaes elles são providos, poderiam apenas ser encarados como uma herança dos mesmos antepassados. E se no presente, a maioria dos Carangueijos e Macruros e realmente, os Crustaceos podophthalmos em geral, passam pelos estados evolutivos Zoeiformes e, o mesmo modo de transformação deva ser attribuido aos seus antepassados, a mesma cousa deve se dar, se não com os immediatos dos Amphipodes e Isopodes, ao menos com os progenitores communs destes e dos crustaceos podophthalmos.

Uma tal supposição éra, no emtanto, muito ousada, tanto mais quanto nem um unico facto, propriamente relativo aos Edriophthalmos, podia ser adduzido á seu favor; e a estructura deste mui coherente grupo, parecia ser quasi irreconciliavel com muitas peculiaridades das *Zoeas*. Assim, aos meus olhos, este ponto constituiu, por muito tempo, uma das principaes difficuldades, na applicação das vistas de Darwin aos Crustaceos; e eu mal ousava esperar que eu pudesse, comtudo, encontrar traços d'essa passagem pela forma de Zoea, nos Amphipodes ou Isopoles e, assim, obter uma prova positiva da verdade d'esta conclusão.

Neste ponto, a affirmativa de Van Beneden, de que um Isopode provido de chelipedes *(Tanais dulongii)*, pertencente, segundo Milne Edwards, á mesma familia que o commum *Asellus aquaticus*, possuia uma carapaça como os Decapodes, attraiu a minha attenção para estes animaes; e um exame cuidadoso, provou que estes Isopodes haviam conservado, mais realmente que quaesquer outros crustaceos adultos, muitas das essenciaes peculiaridades das *Zoeas*, especialmente o seu modo de respiração.

Emquanto, em todos os outros Oniscoides, as patas abdominaes servem para a respiração, os do nosso Isopode chelifero (fig. 2) são unicamente orgãos motores, nos quaes não entra mesmo um unico globulo sanguineo; e a principal séde da respiração está, como nas *Zoeas*, nas partes lateraes da carapaça que, são abundantemente banhadas por correntes sanguineas e sob as quaes passa uma corrente constante de agua, mantida, como nas *Zoeas* e nos *Decapodes* adultos, por um appendice do segundo par de maxillas que, falta em todos os outros Edriophthalmos.

Deve ser notado, de passagem que, em ambas estas descobertas, a sciencia deve menos á um acaso feliz, do que immediatamente á theoria de Darwin.

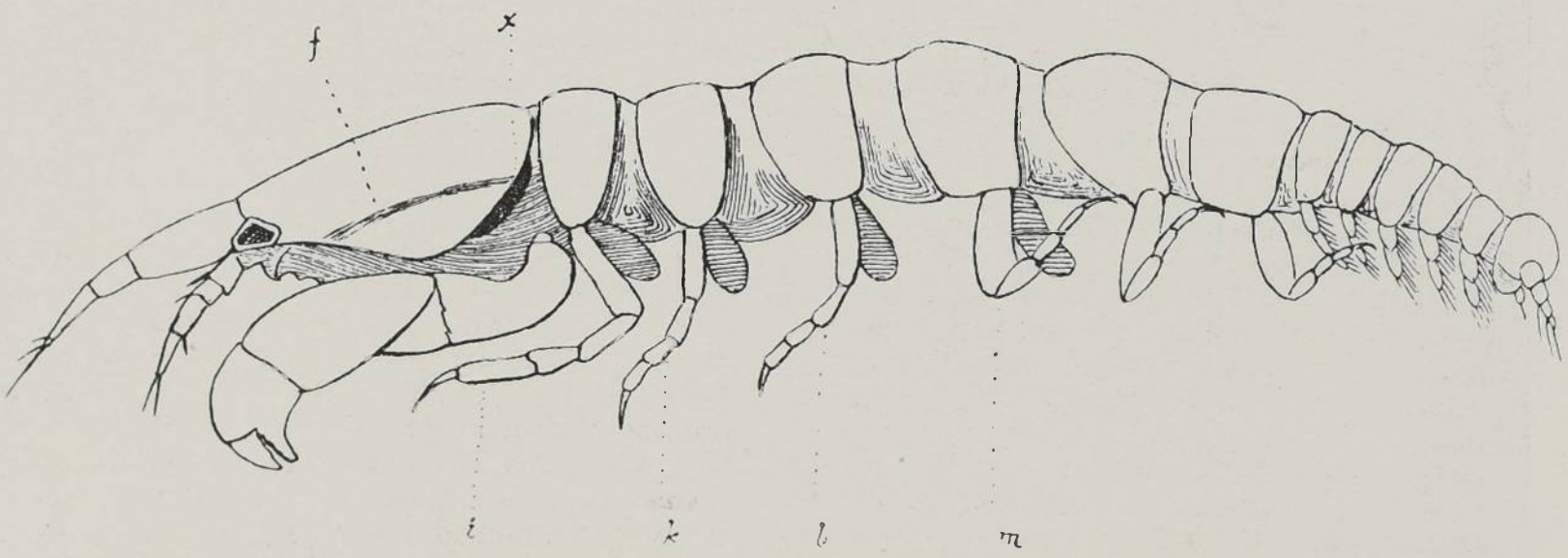


Fig. 2—*Tanais dubius* (?) Kr. ; femea augmentada cerca de 70 vezes, mostrando o orificio da entrada (×) para a cavidade respiratoria recoberta pela carapaça e na qual funcciona um appendice do 2º par de maxillas (*f*). Sobre as 4 patas (i, k, l, m.) estão os rudimentos das laminas que subsequentemente formam a cavidade proligera.

Especies de *Peneus* tanto vivem nos mares da Europa como nos d'qui; e as suas ninhadas de *Nauplius*, sem duvida, passaram repetidamente incognitas pelas mãos dos numerosos naturalistas que investigaram aquelles mares, assim como entre as minhas proprias (1), porque, nada ha que possa attrahir attenção particular, entre as diffentes e muitas vezes maravilhosas formas de *Nauplius*.

Quando eu, illudido pela similaridade de seus movimentos, julgando que era um joven *Peneus Zoea*, pela primeira vez capturei tal larva e, trazendo-a ao microscopio, esbarrei com um *Nauplius* differindo *toto cælo* dessa *Zoea*, poderia tel-a posto de lado, como sendo completamente extranha á serie evolutiva que eu estava seguindo, se a idéa de estados Naupliiformes dos mais elevados Crustaceos que eu, na verdade, não acreditava existir até ahi, não tivesse logo, vivamente, occupado a minha attenção.

E se eu não estivesse, de ha muito, procurando, entre os Edriophthalmos, pelos traços do supposto estado de Zoea e segurando com avidez, tudo quanto promettesse tornar essa Ordem refractaria util á mim, a breve asserção de Van Beneden, difficilmente terme-hia despertado como um choque electrico e, impellido á repetição do estudo das *Tanaides*, especialmente porque eu outr'ora me atormentára com ellas, no Baltico, sem adiantar um passo aos meus predecessores e, não tinha muito prazer em pisar outra vez a mesma arena.

FRITZ MULLER.

(1) Mecznikow encontrou recentemente larvas Naupliiformes do camarão, no mar, perto do Napoles.

O GENERAL JULIO ROCCA E FAMILIA A BORDO DO «ARAGUAYA» NO PORTO DO RIO DE JANEIRO

A Vingança da Terra

O douleur! j'ai voulu, moi dont l'âme est troublée,
Savoir si l'urne encor conservait la liqueur,
Et voir ce qu'avait fait cette heureuse vallée
De tout ce que j'avais laissé là de mon cœur!

VICTOR HUGO.

I

Foi com uma inexprimivel commoção que eu vi, já á tardinha, tempo de tristeza sobre as aguas mansas do grande rio atravessando florestas densas e escuras, surdir de repente, no virar de uma ponta de terra e matta, o amontoado de casas de paredes brancas de minha terra natal. Corri á amurada da prôa do vapor que me levava e nella debruçado, o olhar fixo naquella casaria ainda indistincta, puz-me embevecido a contemplal-a.

Lá me apparecia ella, ainda a algumas milhas, na frente, um pouco á direita, na sua velha praia amiga onde eu divisava embarcações, nas ribanceiras vermelhas das suas elevações, nas suas casas de pouca apparencia, a maior parte caiadas de branco, rodeada da sua frondosa matta circumdante. Alguma cousa indefinivel apertava-me o coração. Toda a minha infancia, a minha juventude e ainda um começo da minha adolescencia e mocidade ali passadas, acudiam-me á mente alvorotada de commoção, uma commoção simultaneamente angustiosa e doce. Por um momento a visão deleitosa e amarga se me empannou nos olhos recobertos por uma lagrima, mas logo a vi mais perto e mais nitida.

Vinte annos! Havia mais de vinte annos que eu dali partira, alma precoce e commovida já, cheia de illusões, de esperanças e de sonhos, de um menino que lera prematuramente livros de gloria e a quem seus pais amantissimos falaram com indiscreto amor nas cousas estonteadoras do futuro. Após vinte annos de um peregrinar quasi sempre acerbo, em que deixara pelos caminhos, as mais das vezes difficeis, illusões, esperanças e desejos, com a alma batida de desenganos, o espirito afinal accommodado ás inconveniencias da vida, mas desabusado, ahi voltava eu, filho prodigo sem pais que o acolhessem, movido apenas da curiosidade intensa, atiçada por uma nostalgia, que em todo esse tempo não diminuio, de rever esse canto obscuro da terra, que as minhas recordações de infancia e a minha saudade embelleciam.

Por mal meu, eu nasci com o terrivel dom de lembrar-me e de sentir. Passaram se tão felizes e alegres, foram tão vividos os meus annos juvenis, no quadro delicioso que a natureza me fizera e que o amor incomparavel de meus pais affeiçoara desveladamente para m'o fazer mais prasenteiro, que jamais pude esquecer nem essa ditosa estação de minha vida, nem o sitio onde ella deslizou mais que passou.

Entretanto, por um fim de tarde de infinita serenidade, uma alta e calma athmosphera de paz, cortando com um marulho doce e melancolico, a vasta face parada das aguas faceis do rio, o vapor approximava-se do porto da cidadesinha, donde nos vinha chegando, dos sinos da sua igreja no alto, plangente, fino, sonorizado por aquelle ar absolutamente transparente e calmo, misturado ao tenue sopro da matta proxima, o toque de *Ave Maria*.

Sentia-me alheiado de tudo, meus olhos não podiam desfitar a povoação, si não para correrem tristes por aquellas aguas em que me banhara tantas vezes ou pousarem afflictos naquelle arvoredo que tantas vezes percorrera em brincos e exercicio de menino. Os sons doridos daquelle sino encheram-me o peito de uma tristeza maior. A tarde, de uma serenidade solemne, fazia-se rapidamente noite, a escuridão subia do rio, descia do céo, crescia da floresta, transformada repentinamente num alto muro negro, compacto. Eu sentia, como um facto material, o apertão hostil de um corpo em torno de mim, esta impressão dolorosa: uma sensação constringente da garganta, um prenuncio de lagrimas. No ar havia como vozes lastimosas que me falavam meigamente de um passado saudoso, perfumes que despertavam lembranças.

De repente, um barulho de correntes que se desenrolam, a quéda de um pesado corpo n'agua, o ronco do vapor nos tubos, me fizeram como que despertar. O navio acabava de fundear, bem cerca da praia. Vi então que tinham accendido as luzes de bordo, tambem as da villa estavam accesas, fazendo mais sensivel a sua mesquinhez, e pequenas embarcações com gente approximavam-se.

Voltei á ré, onde o alvoroto proprio á chegada a um porto era augmentado pelo das pessoas da terra que acudiam ao navio. Na curta viagem de menos de tres dias nenhuma relação travára a bordo. Repugnava-me a facilidade dellas. A dor que eu trazia comigo era me sobeja companheira. Havia uma gostosa voluptuosidade nos nossos incessantes colloquios. A minha nostalgia deliciava-se em repastar-se sosinha, com um ciume de apaixonado, em todos esses aspectos de cousas por tantos annos amada de longe e embellezadas pela ausencia saudosa. Mas no meio dessa multidão estranha, na qual facilmente distinguia os chegados da terra—de minha terra—senti então um raro tormento: o de

não ver um rosto conhecido onde pousar os olhos, recebendo e retribuindo uma expressão affavel. Não ter uma mão amiga que apertar, na mesma terra onde nascemos! Debalde busquei, sedento de agasalho e de affeição, uma e outra, e só se me deparou a indifferença ou a curiosidade.

E' esquisito, mas a sensação que experimentei parecia-se muito com a de uma affronta. Minha sensibilidade afinada pela dor figurava-me essa ausencia de amigos, ou de simples conhecidos, como um menospreço que, dentro de mim bradava, eu não merecia. O affecto de que me transbordava o coração pelo meu torrão natal, e que desde muito longe me trouxera só para revel-o ainda em antes de morrer, era digno de outro acolhimento. Soffri fundamente naquelle momento do que me parecia uma dura injustiça de minha terra, essa terra que eu amei e cantei.

Acudiu-me então de tropel, viva como uma lembrança, a reminiscencia do que, ha mais de vinte annos, fôra a minha primeira visita a essa mesma terra, numas férias, após dous lustros de ausencia. A recepção festiva a bordo, meu velho pai em lagrimas apertando-me contra o seu grande coração amoroso, amigos pressurosos em ver-me, em abraçar-me, em reconhecer-me, em dizerem-me cousas agradaveis do meu physico, do meu desenvolvimento, do meu aspecto; o desembarque, numa embarcação especial; outros amigos na margem, á nossa espera; eu delirante de prazer nos braços de minha velha mãi em prantos de alegria, embaraçado que mãos apertasse, a que braços me atirasse, ou rindo, ebrio de satisfação, ás perguntas affectuosas, ás recordações puerilmente carinhosas das velhas amigas ou sentindo em mim languidos, sympathicos os olhos morenos das moças que eu deixara meninas e que me admiravam nas minhas roupas e gestos de rapaz da «Corte». Em casa os famulos, bons amigos da familia, velhos servidores dedicados, crias de minha mãi, todos amorosos de mim, que nunca os esquecera com uma lembrança nas minhas cartas, e sempre lhes fôra bom, todos de riso na face e uma lagrima reprimida nos olhos saudando-me, com um real contentamento de me verem; e as visitas, que não descontinuavam, os presentes que chegavam, com recados affectuosos, o almoço da familia, que se fez uma festa, e todas as pessoas do lugar, gradas e humildes, gente de todas as condições e de todos os partidos, gente que não visitava ninguem, que raro saia de casa, o Trigoso, um misanthropo, a lendaria D. Joanna do Sacramento, uma septuagenaria, tradição viva da terra, a qual apenas ia á missa, de rêde, carregada por escravos. Todos me vieram receber, ver, visitar, acariciar, felicitar meus pais radiantes, felizes, captivos de tanta bondade e de tanta estima.

Tudo isto me repassava dolorosamente na memoria perante este horroroso contraste. Ninguem! Meu pai morto, minha mãi morta, os meus dispersos. E os amigos? E os simples conhecidos? Seria possivel que em minha terra eu não achasse alguem, um rosto amigo que ver, um peito amigo a que encostar-me, mãos amigas para apertar.

E a questão dolorosa achava dentro de mim mesmo uma resposta vaga e negativa, mas na qual eu sentia uma reprovação intima de mim proprio, a accusação indefinida de ter desmerecido, com o meu apartamento da terra natal, aquellas affeições, cuja ausencia me pungia como uma affronta propositada.

Desci á terra com a minha ligeira bagagem. Não foi sem custo que resisti ao alvitre, que primeiro me veiu, de não desembarcar sequer na minha terra, que tão descaroavelmente me recebia, e de seguir viagem. Porém mais forte que a minha vontade, a força inconsciente e irresistivel das cousas que amamos profundamente puxou-me para a terra querida, que eu não pisei sem commoção. Aonde ir? Canhecia eu ali alguem? Vagos nomes me occorreram, apagadas imagens desenharam-se-me indecisamente na memoria. Não era este ou aquelle que eu vinha buscar ali, mas «a terra», como eu a conheci e amei na infancia e na juventude, um conjuncto de cousas que o meu triste dom de sentir, me fazia comprehender ausentes, acabadas, de uma vez idas. E então ali, naquella praia que eu percorrera infante em correrias doidas, junto aquellas aguas mansas, que me vinham em breve onda apenas sussurrantes quasi até aos pés, sob aquelle céo de um azul profundo, estrellado, ao qual tantas vezes me fizera minha mãi levantar os olhos em prece, tive um arrependimento intimo, acerbo de ter a ella voltado. Senti que a terra vinga-se dos que a não amam bastante para não ficarem nella e com ella, esquecendo-os; que ella não é somente um ponto geographico numa certa coordenada astronomica, um accidente administrativo, mas que nós mesmos, com todos os nossos, no passado e no presente, com o territorio e a gente, cada um com os seus aspectos, a sua indole, a sua formação, somos a nossa terra. Lucidamente entendi ali, á luz daquella grande emoção dolorosa, que a terra, mesmo aquella em que nascemos e que, parece-nos, amamos, não é apenas o lugar accidental do nosso nascimento, mas aquelle, onde quer que seja, a que nos prendem os interesses supremos do nosso espirito e do nosso coração, e com cuja

gente estamos em communhão de sentimento de vontade, de intelligencia.

Mas eu não podia ficar ali, na praia, com a minha escassa bagagem ao pé. Dirigi-me ao canoeiro que me trouxera de bordo, perguntando-lhe por um hotel, se algum existia ali. No meu tempo nenhum havia; o forasteiro ainda sem recommendação, achava facil e hospitaleiro agasalho na casa d'algum procer da terra ou d'algum negociante de mais grosso trato. Tomando ás costas as minhas malas, subio o homem a praia e seguiu por uma ladeira—que eu tantas vezes descera de corrida!—em direcção da hospedaria que me indicára. Não obstante ser noite, allumiada por espaçados lampeões de kerosene e ainda mais por miriadas de estrellas rebrilhando num céo diaphano de profundo azul, eu ia reconhecendo os lugares e as cousas. No alto da ladeira uma casa baixa, como quasi todas ali, uma loja, jorrava luz pelas suas quatro portas escancaradas. Já no outro tempo era aquella mesma loja. Seria, porém, a mesma? seria o mesmo dono, o Vianna, um portuguez de boa presença, falador, generoso, hospitaleiro, dando-se ares de grão senhor? Em frente a uma das portas, do lado de fóra, ao ar livre, o jorro de luz que vinha dos candieiros de kerosene, havia, como d'antes, um grupo de sujeitos, sentados em cadeiras e mochos, em alta e animada prosa. Quando seguindo o meu carregador, entrei na zona luminoso, ouvi dizerem: — E' um passageiro do vapor. A minha perturbação me não deixou fazer aquelles desconhecidos, para os quaes mal olhei, a banal saudação que no nosso interior é de praxe mesmo entre estranhos. Passei, e aquellas outras casas que margeava, essas as reconheci sem difficuldade: eram, com a sua chata physionomia incaracteristica, as mesmas que pela ultima vez vira, havia vinte e cinco annos. Tambem as criaturas que encontrava, com as suas figuras indecisas áquella meia luz não me pareciam differentes e dous bois de carro, que resfolegavam por ali, remordendo o capim da rua, despertavam em mim uma impressão antiga. Eu me sentia cada vez mais isolado, e a apparencia immutavel daquellas coisas que não distinguia bem augmentava esta sensação penosa de isolamento, como que de abandono. O carregador parou a uma porta mais larga que o commum das outras, de uma casa terrea, de algumas janellas de frente: —«E' aqui». Estaquei lançando um olhar á casa toda, e tive um sobresalto. Pareceu-me reconhecer nessa baixa frontaria pintada de fresco, e onde alguma cousa fôra mudada, a minha casa paterna. Ia eu, pois, por uma impiedosa ironia da sorte, estrangeiro na minha terra natal, hospede na minha propria casa, receber um agasalho mercenario, onde eu fôra, pela abundancia do amor que me cercava, o mimoso senhor. Entramos. Veiu ao nosso encontro o dono daquella miseravel estalagem. Era um sujeito do Sul, naufrago da vida que por ali encostara e que explorava uns mesquinhos quartos de dormida e uma mesa mal servida com o nome de hotel

Sentindo como intencional a indifferança da recepção de minha terra, resolvi, por uma especie de coquetismo de sensibilidade, si não de pudor de repudiado, fazer-me estranho nella eu tambem, como ella se me mostrava estranha a mim. Disse ao hoteleiro que eu era um viajante, de todo alheio ao lugar, e que queria um quarto por alguns dias. Com as zumbaias profissionaes, levou me elle a um quarto, como o melhor que tinha; era o de minha mãe. Pedi-lhe me deixasse só.

Naquella casa, onde para mim «gemia uma saudade a cada canto», aquelle quarto em que nasci, e onde minha mãi viveu e morreu, era o sanctuario sacratissimo. Si orar não consiste só em endereçar triviaes palavras sabidas de cór, quasi sempre mais balbuciadas dos labios do que do coração a um ente sobrenatural, mas em evocar commovido as mais puras recordações da nossa vida e com effusão do que ha de melhor em nós, invocar os entes que amámos, eu orei, e orei fervorosamente naquelle momento. Tudo ali me falava de um passado morto, mas não esquecido, e que as circumstancias faziam redivivo na minha imaginação dolorosa. Eu povoava aquellas núas paredes caiadas dos quadros de devoção de minha mãi e dos seus moveis e alfaias. Revia o arranjo do seu quarto, de um aceio caprichoso, de uma ordem absoluta. Punha nos outros commodos cada cousa no seu lugar, animava com seus moradores mortos, com as suas visitas desapparecidas, com os seus hospedes de uma vez idos, aquella casa que eu conhecera cheia, alegre, feliz, procurada e querida. Uma saudade intensa, dessas que parece quererem resuscitar os mortos, chorando dentro de mim, envolvia todas estas imagens evocadas em um nimbo de luz diaphana que mal as separava da realidade.

Fatigado por estas commoções repousei afinal, se repouso se póde chamar a uma modorra intrecortada de sonhos angustiosos. Despertei, como outr'ora, ao canto alegre dos passarinhos pelo arvoredo em roda. O' manhans incomparaveis da minha terra, ó unico e indizivel despertar do dia das paragens em que nasci e me criei! Não vos vi jamais nas terras que andei e que tambem amei! Em nenhuma dellas, e as conheci de rara formo-

sura, mais bellas mesmo que o meu torrão natal, não acordei nunca no meio da luz e da frescura, de sol e de briza, de farfalhares frescos d'arvores, de cantares sonorosos de passaros, de aromas sãos de mattas em que vós por tantos annos envolvestes o meu despertar. Foi um deslumbramento o abrir da janella dando para o velho quintal cheio de arvoredo. Uma luz dourada, temperada na sua crueza equatorial pela farta briza matutina, cantando, como os passaros, nas ramagens sonoras das arvores e nas franças ciciantes dos coqueiros, banhava a natureza inteira. Aquellas arvores, as plantaram quasi todas meus pais, rara havia que me não fosse um conhecimento antigo, trepara a umas, correra entre outras, seus fructos satisfizeram a minha gulodice, suas sombras amigas resguardaram-me carinhosamente dos ardores estivaes. Parecia-me que ellas me olhavam com curiosidade benevola, e que tudo ali, a mesma casa muda e insensivel, acabava por reconhecer-me. Sentia penetrar-me a alma das cousas.

Sai, a cidade não mudara, fixada de uma vez na sua estructura, sem augmento nem variedade. Pude por um nome em cada casa, uma designação em cada rua, mas si os typos humanos eram, nos seus trajes e feições locaes, os mesmos, as physionomias me eram todas estranhas, como eu lhes seria tambem. A gente da rua, das janellas, das portas, me viam passar com a curiosidade hostil do roceiro para o forasteiro cidadão. Riam, cochichavam, apontavam-me com os dedos. A minha sensibilidade maguada sentia uma execração nesses gestos impertinentes. Acabrunhava-me o sentir-me desconhecido na minha terra, mais estrangeiro do que me achara em tantas outras por onde peregrinei. Segui, entretanto, um pouco a tôa, levantando naquellas ruas calmas, silenciosas e quasi desertas, uma poeira de curiosidade importuna. De rotula a rotula, de empannada a empannada, eu entrevia, eu advinhava as vizinhas cochichando de mim. Sentia os dedos apontados ás minhas costas, pondo-me no dorso uma sensação penosa, como deve ser a da imminencia do bisturi na epiderme do operado.

Fui direito ao cemiterio. Devia ser a minha primeira visita. Primeira visita? Tinha eu por ventura uma segunda a fazer? Um caminho, ainda meio selvagem, levava a essa aldeiasinha de mortos. Uma grade de madeira, sobre um baixo muro de alvenaria branca o separava da matta quasi virgem, na qual apenas abriram o espaço necessario para enterrarem os defuntos da villa. Foi delicioso á minha alma dorida esse primeiro contacto com a selva agreste e com o ermo completo. A solidão ali era absoluta. Naquella clareira cercada das grandes arvores da floresta primitiva, e ainda rude, recoberta por um céo explendidamente azul, a manhan era ainda mais bella, mas de outra belleza, austera como a de um templo. A sua luz invadia o recesso do bosque, que meus olhos avidos penetravam até o intimo. As narinas se me dilatavam inconscientemente a sorver o perfume acre da matta. O dia tinha certamente uma alegria magnifica e triumphante, mas daquelle sitio de mortos, ou de minha propria alma doente, vinha-me, não a tristeza acerba da vespera, mas uma conformada si bem que intensa melancolia. A grande paz daquelle ermo poz no meu coração a sua tranquilidade augusta. Sobre as modestas sepulturas de meus pais, as minhas lagrimas cairam mansas, contrictas, sem amargura nem desespero. Como na camara de minha mãi, a minha saudosa lembrança delles ali foi uma oração, fervente e reconhecida. Elles sabiam que eu os amara como nunca filho algum amou mais, e eu sabia que o seu amor era tanto que nenhuma recriminação me fariam. Eu sentia que, do fundo de suas covas, o seu acolhimento era como o de outr'ora, que elles me haveriam tudo perdoado por esta visita piedosa, desde tão longe feita á obscura estancia do seu perpetuo repouso. Não desconheceriam a sinceridade dos sentimentos que me guiaram até ella. Ergui-me, pois, dali mais repousado, e li alguns nomes que me não tinham de todo desapparecido da memoria, em outros tumulos ou em toscas cruzes de madeira. Naquella cidade, que era a minha, sómente nesse suburbio de mortos se me deparava algum amigo ou conhecido.

Recolhi ao hotel. Disse ao hoteleiro um nome trocado, e não pude colher delle grandes noticias da terra. Era novo ali. A' sua curiosidade indiscreta dei-me como um engenheiro que visitava a região com fins industriaes. Agora, porem, vinha-me uma soffrega curiosidade de conhecer minha terra, de saber se de facto ninguem me reconheceria ou eu não reconheceria ninguem. Parentos, sabia que não os tinha, sendo meus pais adventicios, barlaventistas, como lá com bairrismo hostil chamavam aos filhos das provincias do Sul. Sai de novo. Era a hora do meio-dia; um calor intenso, um calor de forno, uma athmosphera que requeimava, como si o sólo e o céo fossem de brazas, incendiava a cidade deserta e muda. Nas ruas se não via viva alma. Era a hora da sésta, ainda ali em uso. Sob o meu guarda sol de panno branco, que mais acendia a escandalizada curiosidade de algum raro transeunte ou olheiro de janella, eu pude mais desembaraçadamente e sem vexame contemplal-a. Voltou-me a im-

pressão de que era a mesma que eu deixara havia um quarto de seculo. Egoisticamente estimei no meu intimo que nenhum progresso houvesse por ella passado, que ainda fosse a mesma da minha plena e feliz juventude. Sentia um prazer de criança contente pondo um nome a cada canto, relembrando um facto, identificando os edificios e as cousas; mas a minha alegria acabava numa tristeza acabrunhadora: eu reconhecia tudo, e nada, e ninguem me reconhecia a mim. A inefavel illusão que eu tivera de manhan, no pomar da velha casa paterna, a desvaneceram estas paredes multicores, sem linha nem physiognomia, estes telhados baixos, estas feias fachadas alvares de casas tristes como cegos, com as portas e janellas cerradas pelo somno da sésta. Vendo-me sosinho, numa comprida rua deserta, tudo fechado, nenhum ruido, nenhuma vóz, apenas um céo implacavel na sua limpidez monotana, e uma luz cruel, imaginava-me numa cidade morta. Doia-me esta sensação de isolamento e repudio. Voltei ao meu albergue. Ali ao menos era a «nossa casa»; ajudada pela sugestão do local, a minha imaginação acabaria por povoal-a de imagens queridas. Ali eu tinha a certeza de encontrar meus pais, a cada passo que desse.

Nesta volta passei pela botica do lugar. Lembrou-me que a que eu conhecera não era ali, mas em outro sitio, aonde eu iria de olhos fechados. Estava aberta a pharmacia, como á moderna se chamava, segundo o mal feito letreiro sobreposto ás suas duas portas. Vi lá dentro uma cara desconhecida, entrei, comprimentei e pedi uma droga qualquer, simples pretexto de entrar em conversa e tomar informações. Os boticarios são os almanaques das villas. Aquelle acolheu-me favoravelmente, chamou-me de doutor, offereceu-me um assento, rogando-me com voz amiga descançasse um pouco, estava muito quente, não convinha expor-me ao sol, eu que era de fóra. Elle era portuguez, com um ou outro fio branco na cabeça e na barba, que usava toda. Grande bem me fez este acolhimento amavel, o primeiro que recebi na minha terra, e foi-me uma doce consolação ás minhas tristezas das ultimas vinte e quatro horas.

Conversamos: dei-lhe de mim a falsa informação que já dera ao meu hospedeiro. Elle falou-me bem da terra, querendo visivelmente conquistar-lhe a minha estima. Hesitando um pouco, disse-lhe que ella me não era de toda estranha, já ali tinha estado annos atraz, e, animando-me. indaguei delle das cousas passadas. Disse-me que estava ali de pouco, uns seis annos, vindo de uma cidade vizinha, onde os negocios iam mal.

— Aqui ha medico? perguntei-lhe. Presentemente não havia, mas o lugar tivera um por muitos annos, excellente homem, coração largo, clinico experimentado e desinteresseiro, respeitado e querido de todos, o Dr... e disse o nome de meu pai. Não sei dizer o que passou em mim. Foi uma doce, uma inefavel sensação intima de contentamento e bem estar, quasi physica, como deve ser a do viajor que após a travessia de um safaro deserto, encalmado e sedento depara com o agasalho do oasis cheio de sombras e d'aguas. Fingindo indifferença perguntei por pessoas conhecidas, e a ladainha das informações desenrolou-se lugubre e penosa: Fulano? Morreu. — Beltrano? — Morreu. — Sicrano? — Morreu. — Este? — Mudou-se para a capital. — Aquelle? — Tambem. — Era a grande lista dos que de um modo ou de outro, mortos ou emigrados, haviam partido, desapparecido da terra, deixando-a vasia dos seus velhos moradores, daquelles justamente que para mim lhe completavam a feição que m'a fazia querida. Habitantes, magistrados, funccionarios, o vigario tudo era novo ali, todos estranhos. As informações do loquaz e affavel boticario completavam o circulo do meu isolamento. Por ellas se fazia cada vez maior o vazio em torno de mim, enchendo-me a alma, que começava a accommodar-se áquella solidão moral, de maior tristeza.

Muito instado pelo amavel pharmacopola, voltei aquella mesma tarde á botica, que servia de prazo dado aos sujeitos principaes da terra, como deprehendi das apresentações que me fez: o juiz de direito, o promotor, o delegado, o collector, o major tal, o capitão qual, o rabula, o mestre escola. Certos nomes acordaram em mim a reminiscencia indecisa de outros nomes outr'ora familiares e até queridos em nosso lar, seriam filhos ou parentes proximos desses; alguma daquellas physionomias avivava-me na memoria a apagada imagem de feições infantis de longos annos antes. Seriam acaso meus antigos condiscipulos da escola do Luiz Valente.

Eu, porem, não podia voltar atraz dos informes que de mim déra. Achava-me preso, amarrado pela minha propria mentira, sentindo aliás uma especie de amarga voluptuosidade em me ver desconhecido na terra do meu nascimento, só com a minha dor e a minha saudade, que ella em vez de estancar avivára. Affectando sempre indifferença, colhi ainda novas e mais miudas informações. Traziam todas uma sensação dolorosa de ausencia ou de morte, alargando em torno de mim o horisonte de desolação em que me via.

(Continúa)

JOÃO BARROSO.

Um trecho da 'Guanabara' tomado de S. Theresa
Rio - Brazil

A BANDEIRA NACIONAL

O decreto n.º 4 de 19 de Novembro de 1889, quatro dias depois da proclamação da Republica no Brazil, conservou a tradição das antigas côres nacionaes -- verde e amarello -- e a propria original disposição do losango amarello sobre campo verde, mandados observar por decreto de 18 de Setembro de 1822, onze dias depois da proclamação da independencia do Brazil. A nossa actual bandeira é, pois, ainda a mesma, com a simples adaptação ao novo regimen, substituida a corôa imperial por uma esphera azul ao centro do losango.

Fez bem o Governo Provisorio em não mudar a bandeira, mantendo a tradição. O que se fez não foi uma mudança de bandeira, como não foi mudança o que fez o Imperio com o decreto de Dezembro de 1822 alterando a fórma da corôa, como não seria mudança qualquer modificação no emblema da esphera azul adoptada pela Republica. O que distingue a nossa bandeira, além das côres, é a original disposição do losango amarello em meio de um campo verde. Nenhuma outra nação tem na sua bandeira as mesmas côres com a mesma disposição. Alguns povos escolheram côres iguaes para symbolisarem as respectivas nacionalidades, estando a differença apenas na combinação dessas côres em tiras dispostas sobre o comprimento ou sobre a altura. Assim, a bandeira franceza é formada por tiras verticaes azul, branca e vermelha, ao passo que a hollandeza tem as mesmas tiras, vermelha, branca e azul, horizontaes, sendo tambem horizontaes as tiras da bandeira da Servia, mudada apenas a ordem de collocação, isto é, sendo a do alto vermelha, a de baixo branca e a do meio azul. Por sua vez, a Russia adoptou as mesmas côres, ainda com as tiras horisontaes, mas invertendo a ordem de collocação — branca, azul e vermelha. Muitos outros pavilhões se distinguem apenas pelas côres, em tiras: preta, branca e vermelha, da Allemanha; preta, amarella e vermelha, da Belgica. Com as côres branca e azul, que tão bonita combinação produzem, se fazem ás bandeiras: da Argentina (uma tira branca no meio de duas azues, horizontaes); da Guatemala (duas azues e uma branca no centro, verticaes); de Honduras (duas azues e uma branca no centro, horizontaes); da Grecia (cinco azues, quatro brancas e uma cruz branca em campo azul ao centro); etc.

Portanto, sempre que seja preciso fazer tremular o pavilhão brazileiro em lugar onde não seja facil confeccional-o de accordo com o decreto de 1889, um losango amarello sobre campo verde indicará perfeitamente a nossa nacionalidade. Está claro que não é coisa licita nem patriotica a simplificação usual da bandeira do paiz. O argumento, para casos excepcionaes, serve apenas como demonstração de que aquellas côres e a sua disposição de losango sobre parallelogrammo bastam para caracterisar o pavilhão bsazileiro. Nenhum outro tem campo verde e nos poucos que têm as côres verde e amarella, entra outra côr essencial, alem da do emblema, que no nosso é azul. Não ha confusão possivel.

O emblema é ponto secundario. O governo da monarchia assim o entendeu, alterando-o uma vez. Devemos alterar o emblema republicano da esphera azul com estrellas e com a divisa de «ordem e progresso»? Uns pensam que sim e outros que não. Por mais que se attribua o lemma da bandeira á influencia positivista quando foi proclamada a Republica entre nós, não ha motivo para supprimil-o. Bandeira não é camisa que se muda todos os dias. Os chefes politicos mudam de *bandeira*, mas não é razão para obrigarem a Nação a alterar a sua, feia ou bonita. Só o sentimento religioso dos catholicos tem determinado as diversas tentativas feitas em pura perda. Ainda ultimamente, em 1905, um illustre deputado, muito considerado e querído, mas muito apegado á crença catholica, apresentou um projecto de modificação da bandeira, sem esconder que o fazia por «symbolisar aquella divisa uma religião de parte diminuta do povo brazileiro». Que importa? A *ordem* e o *progresso* já constituiam aspirações dos povos livres muito antes de nascer o fundador da Igreja Positivista. Si não temos tido muita *ordem* na Republica, apezar do lemma da bandeira, tambem é certo que a sua suppressão não impedirá novas desordens, para as quaes, muitas vezes, concorrem os proprios positivistas.

A questão do emblema, com a esphera cintada de branco e o lemma de «ordem e progresso», é secundaria. Si o facto de ser secundaria esta questão, tem constituido argumento em favor da modificação da bandeira, tambem póde constituir argumento favoravel á opinião de que não se deve tocar na bandeira. E' deixal-a como está, pedindo ao Deus dos catholicos ou á Deusa dos positivistas que torne uma verdade o lemma nella inscripto.

A bandeira brazileira é ainda a mesma que tremulou festivamente por occasião da nossa independencia. A corôa imperial supprimida tinha o mesmo valor que tem a esphera azul, pois que não caracterisava a Nação Brazileira,

apenas symbolizando a sua fórma de governo em dado momento historico. Logo depois de proclamada a Republica, a bandeira usada mais geralmente foi mesmo a do imperio, supprimida a corôa: era, apezar dessa modificação arbitraria, a — bandeira nacional. Deixou de ser a do Imperio do Brazil, mas continuou a ser a do Brazil!

A bandeira adoptada pelo governo provisorio soffreu forte opposição, por causa do lemma. Eduardo Prado, n'um excellente folheto que me forneceu informações sobre as bandeiras do Brazil antes de 1822, attacou o decreto n.º 4 de 1889 e documentou a sua argumentação no sentido de provar estar a bandeira da Republica, historica politica e scientificamente errada, por não haver conservado a tradiccional esphera armillar, por serem umas maiores do que as outras as estrellas que representam os estados da Federação e por não obedecer á verdade astronomica a disposição das estrellas do Cruzeiro e de mais constellações incluidas no globo azul. N'esse folheto, Eduardo Prado combatteu os argumentos de Teixeira Mendes, publicados no *Diario Official* de 24 de Novembro de 1889, como apreciação philosophica da bandeira nacional.

Não é meu intuito, porém, entrar na apreciação desses argumentos e nunca tive mesmo gosto algum pela astronomia. Assignalo o facto como elemento indispensavel ao resumo historico da nossa bandeira. Já ficou dito que as côres nacionaes, depois da independencia, foram sempre a verde e a amarella; mas, convem notar que o Brazil colonial teve bandeira propria. A que Pedro Alvares Cabral arvorou nas terras da Santa Cruz em 1500 era a de Portugal nos dominios ultramarinos: branca com a cruz de Christo. Como colonia o Brazil a teve arvorada nos mastros até 1649. *(Vide estampa n. 1)*.

Elevado a Principado, o Brazil teve então bandeira propria, differente da de Portugal e das usadas nas outras colonias portuguezas. Servio de 1864 até a chegada da Familia Real no Rio de Janeiro. Era ainda branca, mas substituida a cruz de Christo por uma esphera armillar de ouro no centro. Diz Eduardo Prado que não é conhecida a data do alvará que deu por armas, ao Brazil Principado, a esphera de D. Manoel, mas que ella é vista nas moedas e até nos sellos do periodo entre 1649 e 1808. *(Vide estampa n. 2)*.

Desde que o Brazil Colonia teve uma bandeira particular, só sua, com a esphera armillar de ouro e desde que essa esphera foi conservada na bandeira do Imperio, creada em 1822, entendeu Eduardo Prado que a tradicção não foi respeitada pelo governo provisorio quando a substituio pela esphera azul sem armillas ou circulos. Penso, porem, que o intuito do governo provisorio foi manter a tradicção do Brazil independente; porquanto, si tivesse de ir mais para traz de 1822, teria de manter a côr branca e não as côres verde e amarella adoptadas pelo decreto de 18 de Setembro de 1822, isto é, de onze dias depois da proclamação da independencia.

O decreto é este:

«Havendo o Reino do Brazil, de quem sou Regente e Perpetuo Defensor, declarado a sua Emancipação Politica, entrando a occupar na grande familia das Nações o logar que justamente lhe compete, como Nação Grande, Livre e Independente; sendo por isso indispensavel que elle tenha um escudo real de armas, que não só se distingam das de Portugal e Algarves até agóra reunidas, mas que sejam caracteristicas deste rico e vasto continente: E Desejando Eu que se conservem as Armas que a este Reino foram dadas pelo Senhor Rei D. João VI, Meu Augusto Pae, na Carta de Lei de 13 de Maio de 1816, e ao mesmo tempo rememorar o primeiro nome que lhe fôra imposto no seu feliz descobrimento e honrar as 19 provincias comprehendidas entre os grandes rios que são os seus limites naturaes *(Amazonas e Paraná ainda pertenciam ao Pará e S. Paulo, respectivamente)*, e que formam a sua integridade, que Eu Jurei sustentar: Hei, por bem, e com o parecer do Meu Conselho de Estado, Determinar o seguinte:— Será d'ora em diante o Escudo de Armas deste Reino do Brazil, em campo verde uma Esphera Armilar de ouro atravessada por uma Cruz da Ordem de Christo, sendo circulada a mesma Esphera de 19 Estrellas de prata em uma orla azul; e firmada a Corôa Real diamantina sobre o Escudo, cujos lados serão abraçados por dous ramos das plantas de café e tabaco, como emblemas de sua riqueza commercial, representados na sua propria côr e ligados na parte inferior pelo laço da Nação. A Bandeira Nacianal será composta de um parallelogrammo verde e n'elle inscripto um quadilatero rhomboidal côr de ouro, ficando no centro deste o Escudo das Armas do Brazil. José Bonifacio de Andrada e Silva do Meu Conselho de Estado e do Conselho de Sua Magestade Fidellissima o Senhor Rei D. João VI e Meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino e Estrangeiros, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço em 18 de Setembro de 1822. Com a rubrica de S. A. R. o Principe Regente. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Outro decreto do mesmo dia estabelecia: «Convindo dar ao Brazil um novo Tope Na-

cional, como já Lhe dei um Escudo de Armas; Hei por bem Ordenar o seguinte: o Laço ou Tope Nacional Braziliense será composto das côres emblematicas—verde de primavera e amarello de ouro—na fórma do modelo. A flôr verde no braço esquerdo, dentro de um angulo de ouro, ficará sendo a Divisa voluntaria dos Patriotas do Brazil que jurarem o desempenho da Legenda «*Independencia ou Morte*» lavrado no dito angulo.»

Adoptadas assim as cores nacionaes e creada a bandeira da Patria, foi ella solemnemente entregue ás forças da guarnição da Côrte em 10 de Novembro de 1822, com a seguinte «Falla» de Pedro I:

«Soldados de todo o exercito do Imperio. —E' hoje um dos grandes dias que o Brazil tem tido: é hoje o dia em que o vosso Imperador, vosso Defensor Perpetuo, e Generalissimo deste Imperio, vos vem mimosear entregando-vos em vossas mãos aquellas Bandeiras, que em breve vão tremular entre nós, caracterisando a nossa Independencia Monarchico-Constitucional, que, apezar de todos os revezes, será sempre triumphante. Logo que os Exercitos perdem os estimulos de honra e a obediencia, que devem ter ao Poder Executivo, a ordem e a paz de repente é substituida pela anarchia; mas quando elles são, como este, que Tenho a gloria de Commandar em chefe, cuja divisa é valor, respeito e obediencia aos seus Superiores, os Cidadãos pacificos contam com a sua segurança individual e de propriedade, e os perversos retiram-se da Sociedade, succumbem ou convertem-se. Quando a Patria precisa ser defendida e o Exercito tem por divisa—*Independencia ou Morte*—a Patria descansa tranquilla e os inimigos assustam-se, são vencidos, e a gloria da Nação redobra de brilho.

Soldados, não vos recommendo valor, porque vós o tendes, mas sim vos Asseguro que podeis contar sempre com o vosso Generalissimo, nas occasiões mais arriscadas, em que Elle sem amar á vida, é só á Patria vos conduzirá ao campo da honra, onde, ou todos morremos, ou a causa ha de ser vingada: Soldados, qual será o nosso prazer, e o das nossas familias quando ao seio dellas voltarmos cobertos de louros, nos vermos rodeados da cara esposa e dos nossos filhos e lhes dissermos: —*Aqui me tendes, quem defende o Brazil não morre, os nossos direitos são sagrados, e por isso o Deus dos Exercitos sempre nos ha de facilitar as victorias.* — Com estas bandeiras em frente do campo da honra destruiremos os nossos inimigos e no maior dos combattes gritaremos constantemente— *Viva a independencia constitucional do Brazil! Viva! Viva!—Imperador.*»

A bandeira que tão solemnemente foi entregue ao exercito, em 10 de Novembro, já a 1º de Dezembro do mesmo anno de 1822, vinte dias depois da solemnidade e menos de tres mezes depois de creada por lei, era por outro decreto modificada, substituindo-se a corôa real pela imperial. E' um argumento historico em favor da theoria de que a alteração do emblema não importa na mudança da bandeira. O primeiro emblema representava o Reino, como o segundo caracterisava o Imperio. A substituição do globo com a phrase: «*Ordem e progresso*» da Republica por outro emblema—o das armas nacionaes, por exemplo—não importaria tambem em mudança de bandeira. Esta continuaria a ser a mesma de 1822, respeitada pelo Governo Provisorio em 1889.

O decreto modificando o escudo das armas que figurava na bandeira da Monarchia, é este:

«Havendo sido proclamada com a maior espontaneidade dos Povos a Independencia Politica do Brazil e a elevação á categoria de Imperio pela minha solemne Acclamação, Sagração e Coroação, como seu Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo: Hei por bem Ordenar que a Corôa Real que se acha sobreposta no Escudo das Armas, estabelecido pelo Meu Imperial Decreto de 18 de Setembro do corrente anno, seja substituida pela Corôa Imperial, que lhe compete, afim de corresponder ao gráo sublime e glorioso em que se acha constituido este rico e vasto continente. José Bonifacio de Andrada e Silva, do Meu Conselho de Estado e Meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio e Estrangeiros, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço em 1º de Dezembro de 1822, 1º da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade Imperial, *José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

(Vide estampa n. 3)

Creando a bandeira nacional, em 18 de Setembro de 1822, Pedro I baixára outro decreto instituindo o «tope nacional braziliense» ou o «laço braziliense», composto das côres emblematicas, etc. Mas a 5 de Outubro de 1831, a Regencia, em um novo decreto, fixou o padrão do tope e esclareceu o de 1822, afim de «acabar com distincções e discordias entre subditos de um só e mesmo Imperio» estabelecendo: 1º que o tope nacional seria composto «de uma superficie circular verde, com uma estrella de cinco pontas, amarella, no centro, e collocado no meio da cópa do chapéo para cima, sendo redondo; e nos outros, no lugar do costume; 2º que o cidadão que contra-

viesse a disposição do artigo antecedente ficaria sugeito ás penas do art. 301 do titulo 7º do Codigo Penal impostas aos que usassem de um distinctivo que não lhes competisse.» No mesmo dia e anno, o ministro da fazenda Bernardo Pereira de Vasconcellos, baixou a seguinte decisão:

«Em circumstancias difficeis e arriscadas cumpre ao bom cidadão investigar e pôr em execução quanto em si cabe para arredar o perigo da Patria, e restabelecer e firmar sua tranquillidade, esta obrigação é mais imperiosa para o funccionario publico em que a Constituição suppõe talentos e virtudes, das quaes a principal é o amor ás instituições do paiz. Entretanto tem-se observado com geral indignação que alguns funccionarios publicos, longe de preencher tão sagrado dever, o infringem com tal excesso, que reputam deshonroso o uso do tope e côres que a Nação adoptou, manifestando-lhe assim uma desaffeição e odio, animando os anarchistas e levando o desanimo aos bons cidadãos, persuadidos de que o partido frenetico é mais numeroso do que realmente é. A Regencia, em nome do Imperador a quem conducta tão offensiva da boa ordem e liberdade não póde ser indifferente, Resolveu manifestar a sua desaprovação demittindo do serviço publico, que não é provavel desempenhar satisfactoriamente os que dão essa não equivoca prova de desaffeição á causa da Nação... Do que o Conselheiro Thesoureiro Mór do Thesouro Nacional ficará na intelligencia, demittindo os que estiverem na sua alçada e representando quanto aos demais para se deliberar ulteriormente.»

As côres nacionaes, que o «partido frenetico» não queria usar e nem respeitar, foram, entretanto, respeitadas pelo governo provisorio no decreto n.º 4 de 19 de Novembro de 1889, quatro dias depois da proclamação da Republica:

«Considerando que as côres da nossa antiga bandeira recordam as luctas e as victorias gloriosas do exercito e da armada em defeza da patria; considerando, pois, que essas côres, independentemente de fórma de governo, symbolisam a perpetuidade e a integridade da Patria entre as outras nações, decreta:

Art. 1º — A bandeira adoptada pela Republica mantem a tradição das antigas côres nacionaes — verde e amarella — do seguinte modo: um losango amarello em campo verde, tendo no meio a esphera celeste azul atravessada por uma zona branca, em sentido obliquo e descendente da esquerda para a direita, com a legenda «Ordem e Progresso» e ponteadas por 21 estrellas, entre as quaes a da constellação do Cruzeiro, disposta na sua situação astronomica, quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os vinte estados da Republica e o Municipio Neutro; tudo segundo o modelo n.º 1.

Art. 2.º — As armas nacionaes serão as que figuram na estampa annexa n.º 2.

Art. 3.º — Para os sellos e sinetes da Republica servirá de symbolo a esphera celeste qual se debuxa no centro da bandeira tendo em volta as palavras — *Republica dos Estados Unidos do Brazil.*

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrario.» (*Estampa n. 4*).

Como se vê, o proprio governo provisorio da Republica manteve a opinião de que o caracteristico essencial da nossa bandeira era o losango amarello sobre o campo verde, isto é, a combinação originalissima das duas côres e não emblema, que caracterisava a fórma de governo monarchica e não a nacionalidade brazileira. Antes de entrar em plena execução o decreto n.º 4 da Republica, a baddeira usada era a mesma da Monarchia... sem a corôa imperial. Toda gente achou que a suppressão da corôa, mantidas as côres, bastava no momento. (*Estampa n. 5*) E' sabido tambem que no dia 15 de Novembro de 1889 foi hasteada na camara municipal desta cidade uma outra bandeira, que não foi adoptada, embora chegasse a ser conhecida no estrangeiro e fosse assim descripta na *Grande Encyclopédie: vert et jaune; treize bandes horizontales alternativement vertes et jaunes; l'angle supérieur, près de la hampe est bleu semé de vingt étoiles blanches,*» (*Vide estampa n. 5 A*).

Escolhido o modelo do decreto n.º 4, a existencia do lemma *Ordem e Progresso* — levantou logo protestos na imprensa. Nunca, porém, a campanha pela suppressão do lemma e pela modificação no emblema da bandeira mereceu o apoio da maioria. Em 1892 surgio na camara o primeiro projecto n'aquelle sentido, apresentado pelo deputado Oliveira Valladão e subscripto pelos deputados Garcia Pires, Bellarmino Carneiro, Rodrigues Fernandes, Badaró, Felisbello Freire, Nogueira Paranaguá, Pires Ferreira, Retumba, Indio do Brazil, Barão de S. Marcos, Carlos Campos, Leite e Oiticica, Novaes Mello, Augusto Montenegro e Paula Guimarães, o actual Presidente da Camara. O projecto, que nunca teve parecer, era este:

«O Congresso Nacional resolve:

Art. 1.º A bandeira adoptada pelo decreto n. 4, de 19 de novembro de 1889, terá no centro do losango amarello, em logar da esphera celeste, de que trata o art. 1º do citado decreto, as armas nacionaes estabelecidas pelo art. 2º, as quaes servirão tambem para os sellos e sinetes da Republica.

Art. 2.º Na bandeira não haverá inscripção alguma, subtituindo-se por azul marinho a cor

azul celeste que se vê na estampa n. 2, appensa ao mencionado decreto.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.»

Um quadro, emmoldurado, representando as modificações propostas, a côres, esteve exposto no salão da camara, mas um illustre official do exercito, então deputado, quebrou-o a soccos. (*Vide estampa n. 6*).

Outro projecto, apresentado com o n. 43 de 1906, no Senado, pelo senador Coelho Rodrigues e tendo tambem as assignaturas dos senadores Barão do Ladario, Francisco Machado, Leandro Maciel e Almeida Barreto, propunha a seguinte modificação na bandeira:

«O Congresso Nacional decreta:

Artigo unico. Até o dia 12 de outubro proximo vindouro o Poder Executivo fará eliminar da Bandeira Nacional, do *Diario* e dos Actos ou edificios puclicos, onde esteja inscripta, a divisa *Ordem e Progresso*, adoptada por occasião da Alliança do Governo Provisorio com a religião de Augusto Comte.

Nas moedas a mesma divisa será substituida pela seguinte—*Lei e Liberdade.*»

Nunca teve parecer este projecto, como tambem não teve a terceira e ultima tentativa, constante do projecto do ex-deputado por Pernambuco Dr. Celso de Souza, nº 50 de 1905, assim concebido:

«O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º—A bandeira adoptada pelo decreto n. 4, de 19 de novembro de 1889, terá no centro do losango amarello as armas nacionaes que figuram na estampa n. 2, annexa ao citado decreto, eliminada a faixa com a inscripção nella contida e elevada a 21, correspondendo aos 20 Estados da Republica e ao Districto Federal, as estrellas que circulam a esphera debuxada da mesma estampa; tudo segundo o modelo n. 1.

Art. 2º—A bandeira nacional, tal como se acha descripta no artigo antecedente, será do exclusivo uso official dos poderes publicos federaes, estaduaes e municipaes.

Art. 3º—Para o uso commum, fica adoptada a mesma bandeira, tendo, porém, no centro do losango amarello, simplesmente a esphera inscripta nas armas nacionaes, conforme o modelo annexo n. 2.

Art. 4º—Para o sello e sinete da Republica servirão de symbolo as armas nacionaes, estabelecidas pelo decreto n. 4, de 19 de novembro de 1889, completado o numero de estrellas como se acha determinado no art. 1º dessa lei.

Art. 5º—Fica sujeito ás penas do art. 100 do Codigo Penal, reduzidas á metade, todo aquelle que usar da bandeira nacional fóra dos termos da presente lei, assim como o que fizer emprego indevido do sello e sinete da Republica, destinados exclusivamente a authenticar ou certificar actos officiaees.

Art. 6º—O hymno nacional, mandado conservar pelo decreto n. 171, de 20 de janeiro de 1890, sómente poderá ser tocado pelas bandas de musica:

1º, em continencia ao Presidente da Republica, Codgresso e á bandeira nacional;

2º, nas festas e solemnidades publicas commemorativas de datas ou feitos nacionaes.

Aos contraventores desta disposições serão applicadas as penas do art. 5º da presente lei.

Art. 7º—Revogam-se as disposição em contrario.

Sala das sessões, 8 de julho de 1905.—*Celso de Souza.—Garcia Pires.—Carneiro de Rezende.—Carlos Ottoni.—Valois de Castro.—Leite Ribeiro.*»

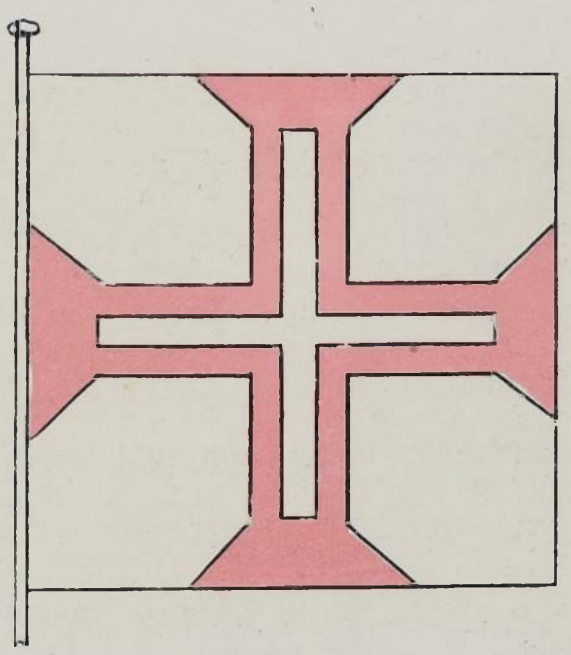
(Estampa n.º 6.)

Como se vê, este projecto do deputado Celso de Souza crêa no Brazil uma bandeira especial para o commercio, diversa da bandeira de uso official e apenas com o circulo azul do centro das armas nacionaes creadas pelo decreto n.º 4 de 1884. (*Vide estampa n. 7.*)

O pavilhão do Presidente da Republica é o da estampa n. 8.

Fica assim resumidamente e talvez incompletamente feita a historia da bandeira que todos os brazileiros amam e respeitam com intensidade que só deve ser igualada ou excedida quando se trate da bandeira que é o symbolo da Humanidade—a da Cruz Vermelha, creada pela convenção de Genebra para symbolisar os sentimentos humanitarios como as outras symbolisam os sentimentos patrioticos. Estes, apezar de elevados e nobres, sempre são um pouco mais estreitos do que aquelles.

AGENOR DE ROURE.



ESTAMPA N. 1

Deixamos de publicar as estampas ns. 2 e 4 por absoluta falta de espaço, o que não prejudica o artigo, pela clareza das descripções respectivas.

A bandeira do Imperio. (Estampa n. 3)

Bandeira official pelo projecto Celso de Souza e bandeira official do commercio, pelo projecto Valladão. (Estampa n. 6)

Bandeira da Republica. (Estampa n. 5)

Bandeira para o commercio. Projecto Celso de Souza. (Estampa n. 7)

Bandeira arvorada na Camara Municipal, no dia da proclamação da Republica. (Estampa n. 5-A)

Pavilhão do Presidente da Republica. (Estampa n. 8)

De Barcelona a Lyon

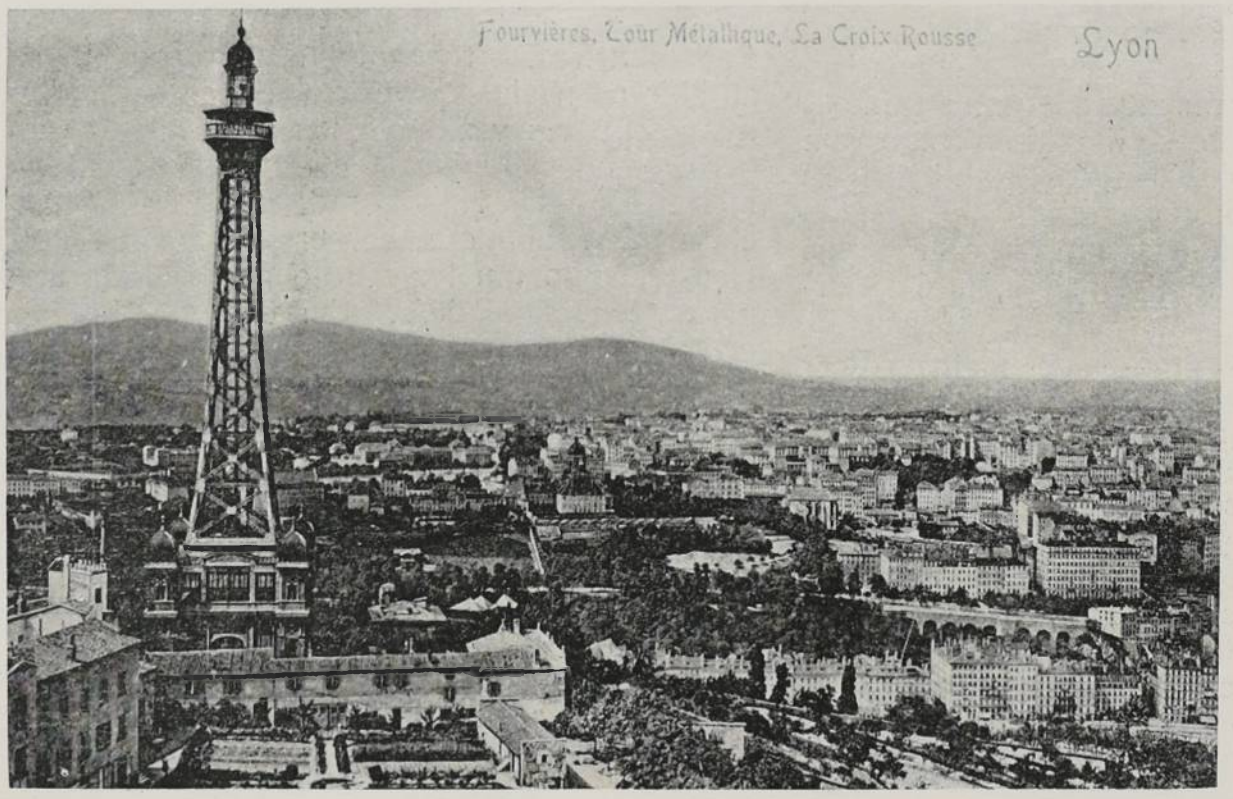
GARE PYRRACHE – LYON

ATE' depois de Cette, até perto de Montpellier, o trem vae costeando o Mediterraneo, ou mais particularmente o golpho de Lyon. sempre azul, quasi sempre immovel, povoado de velas brancas, mysterioso como um sonho, cercado de costas que embranquecem na transparencia fina da luz. Na curva que faz a costa franceza entre o limite de Hespanha e Toulon, os olhos adivinham uma fuga rapida das aguas para terra, abrindo enseadas, furando portos, – porque o mar, que é um louco, tem medo de si mesmo, da sua voz procellosa, do fragor das ondas e das rondas traidoras dos ventos, e é por isto que nas bahias geralmente elle entra calmo e tranquillo, silencioso e limpido, como um guerreiro antigo das Cruzadas, subtil sob as armaduras de aço, regressando ao castello agazalhador e hospitaleiro, ou como uma aguia nova recolhendo ao ninho. Para alem é a Corsega, triste como um berço abandonado, como um tumulo vasio... Em pleno Atlantico, entre os horizontes de dois continentes, sob um céo azul que ás vezes se torna negro e ameaçador, sobre vagas que marulham e se partem em choques repetidos, a imaginação não fantasia perigos chimericos, paragens lendarias, antros poeticos, porque o oceano é revolto, porque os abysmos estão de cada lado, porque o alto mar é rude como um guerreiro; o Mediterraneo, porém, é tranquillo e é na calma que reside o mysterio. Um louco furioso dentro de sua camisa de força é uma fera cujas acções perigosas todo mundo concebe, de que todo mundo se póde defender porque o doido é leal; mas vão lá saber as duvidas, as incoherencias, as ameaças apenas definidas, os planos crueis, os abysmos, os mysterios que podem germinar no cerebro de um homem lucido! Todo trabalho de psychologia é falso e absurdo, porque deduzindo e determinando uma regra inquebrantavel de conducta, o mais das vezes se encontra com procederes excepcionaes e imprevistos Assim, no Mediterraneo, quando o horizonte cáe n'uma curva de aboboda, o espirito desperta, abre as azas, parte, revôa, foge, e entre as aguas põe os seus fantasmas. Quando a imaginação quer, até os olhos de um cego vêm. Lá está o estreito da Sicilia, e como o crepusculo desce sobre o mar lustroso, parece, na confusão enternecedora do ocaso que Scylla, a formosa apaixonada de Glauco, e que Charybdes, a filha de Neptuno e da Terra, a que justava os bois de Hercules, caminham ligeiras sobre as vagas, perseguidas, pelo ciume de Circe e pela colera do guerreiro, e que vão ambas, metamorphoseadas em monstros, – rochedos e abysmos, uma, attrahir os navios que passam, outra, engulir tres vezes, tres vezes vomitar as ondas, – no heroico, no maravilhoso dizer do velho Homero. Lá está Napoles, depois é a Grecia cheia das ruinas que conservam a alma dos Deuses, como um lenço rôto que guarda um perfume de saudade... Em terra os braços do mar fórmam ás vezes pequenos portos, refugios seguros; e o comboio ora para em Perpignan, com as suas ruas de sobrados sujos, ora em Narbonne, maior, mais rica, mais burgueza, ora em Bézier, em Cette, em Lunel, ou em outra qualquer cidadesinha já envolta em trevas. De repente, entre duas lanternas, uma taboleta surge: Tarascon.– «Tarascon, trinta minutos, baldeação para Marselha,» diz o guarda.

Era de noite já; fóra do limite da *gare*, por traz de um parapeito de pedra, brilhavam

as luzes da cidade, uma praça, umas ruas centraes; umas casas de campo, silenciosas e com jardim, repousavam na sombra, um bond de burros passou vagarosamente; e apertadas entre muros baixos, ruas estreitas e macadamisadas, occultavam-se na sombra. Dois vultos caminhavam: eram «elles», os *malfeitores* que o bom Tartarin tanto desejava encontrar... E uma pungente saudade começou a apertar o coração, uma d'estas saudades mudas que veem de repente, sem causa, sem motivo, uma saudade indolente que dóe n'alma e amollece o corpo, esta saudade que se póde chamar a volupia da tristeza, a saudade do que foi, a saudade do que não é, a saudade nascida da certeza de que nunca os olhos anciosos encontrariam alli a figura amada de Daudet, da convicção de que o heróe do romance não viveu individualisado, porque todos nós temos um pouco da alma de Tartarin. da recordação do livro lido na primeira mocidade, relido á cada hora de sensibilisação nervosa em que toda pagina adquire o valor de uma auto-biographia. E quando o trem arrancou, quando n'uma curva desappareceram as luzes da cidade, o soffrimento augmentou, como si Tarascon fosse um pedaço amado da Terra natal... Como é commodo não saber lêr! A' uma hora da madrugada o trem parou dentro de uma longa estação: era Lyon. Descendo a escadaria da *gare* Perrache, seguindo os carregadores, os viajantes somnolentos caminhavam para um carro ou para um hotel. A grande cidade dormia, e os passos dos caminhantes resoavam no calçamento como os de uma patrulha retardada que recolhe ao quartel.

Lyon, a segunda cidade da França até 1901, hoje inferior á Marselha em população, é grandiosa, silenciosa e triste. As longas ruas de altas casas, as pontes, os rios, os parques, os outeiros lembram Paris. A população commercial afflue todas as manhans para o centro urbano, para a bolsa, para os negocios, emquanto a outra, a velha nobreza fica nos seus palacetes opulentos e tristes ou enche as egrejas, porque o lyonez é mystico. A' noite o unico ruido que se ouve depois dos theatros é o marulho das aguas do Rhodano e do Saona que dividem a cidade em tres partes a Cidade nobre, patria de Santos e de imperadores Romanos, Lyon insurgiu-se contra a Revolução, esteve para ser destruida, e deve o seu definitivo progresso a Napoleão I que a salvou da ruina, — o que foi um facto excepcional no seu genio destruidor. A sua vida commercial consiste na fabulosa industria das sedas. Casas, fabricas, egrejas, parques, jardins, palacios, avenidas, rios, mar constituem a physionomia de uma cidade, como a cara e os gestos constituem a physionomia de um individuo. Ha homens rudes, rusticos, angulosos; ha os finos, agradaveis, insinuantes; assim tambem algumas cidades são duras para o extrangeiro, atrevidas, insolentes, aggressivas; outras são carinhosas, affaveis, agazalhadoras. Em Bordeaux tem-se a impressão de insegurança, de navio em alto mar, (talvez porque á margem dos cáes os altos mastros fazem visinhança com os telhados) e a sensação de movimentos desencontrados, de desequilibrio, de pipas rolando ladeira abaixo, decerto por causa dos barris de vinho que em filas de kilometros esperam embarque. Em Lisboa se está como n'uma liteira, docemente embalada por musculos possantes, conduzida entre a sombra de arvores verdes, defronte de um rio que reflecte o céo. S. Paulo é como um trem de luxo rodando vertiginosamente, bem acolchoado, bem aquecido. A Fortaleza é uma jangada arfando no mar verde. O Recife é uma sésta calma em um engenho tranquillo. O Rio tem sua-



vidades de automovel sobre asphalto, desegualdades de tilbury em rua esburacada. Em Madrid tem-se a sensação de terra firme, de torre erguida sobre campos nús. Paris é o conjuncto das impressões bizarras. Lyon é uma alcova com divans macios recobertos de sedas.

A praça Bellecour, larga, ampla, grandiosa em cujo centro se ergue uma estatua equestre Luiz XIV, soberbamente vestido de Imperador Romano, é o centro elegante de Lyon, porque nos arredores vive a antiga nobreza, a fidalguía «vieille roche» que em Paris habita o faubourg S. Germain; na rua e praça da Republica o movimento commercial é maior do que nos outros pontos; no meio da praça está o monumento de Sadi-Carnot, em marmore, justamente no logar em que o grande Presidente cahiu ferido sob o punhal de Caserio Santo; na praça dos Jacobinos, em frente á Bolsa, nas immediações da Municipalidade grupos estacionam: mas a vida pittoresca da cidade é á beira dos cáes, á margem dos rios onde a todo o instante deslisam os *bateaux-mouches* em corridas apressadas. Não ha nada mais pittoresco do que o scenario de um rio que atravessa uma cidade; é delicioso ficar em um tombadilho, de chapéo e bengala, subindo ou descendo a correnteza, vendo as duas margens que se desenrolam como fitas, quasi que ouvindo o que na rua dizem os transeuntes. Aos poucos as casas compactas, as ruassem fim vão ficando para traz, surgem os primeiros campos abertos ao ar livre, e o rio tambem adquire mais liberdade como um pasaro que foge da gaiola. Então ninguem se sente estrangeiro, porque si as cidades pertencem aos respectivos cidadãos, os campos são de todo mundo.

Além do museu, uma das maravilhas de Lyon é a Cathedral de S. João, ao pé de Fouvière, em estylo romano, encravada em uma rua da cidade velha. As egrejas, porém, escuras, sisudas, solemnes dão melancolia, pesam sobre o coração; e como Lyon é triste, o cocheiro do carro adivinha a angustia do

HOTEL DIEU — LYON

viajante e se dirige para o parque, o nobre parque cheio de sombras amigas e arvores antigas, bordado de lagos immoveis, povoado por uma multidão alacre de creanças festivas que sempre que vão a transpor os pesados portões de ferro, detêm-se a mirar com respeito o monumento commemorativo em honra das legiões do Rhodano que em 1870 partiram para o norte, para os limites da Prussia.

LYON. — 14. Porte monumentale du Parc et Monument des Enfants du Rhône.

E' uma hora da tarde; o trem para Paris parte ás tres: o carro retrocede, dá mais algumas voltas na cidade, e os olhos de quem parte pousam um momento n'um sujeito que passa apressado. Quem é? Ninguem que interesse, um desconhecido, um estranho, um estrangeiro, um homem bom ou um homem máo, em todo o caso um individuo que nunca mais a gente encontrará, mas cuja côr dos olhos, cujo modo de andar, cuja roupa, cujos sapatos eternamente ficarão gravados na memoria. A curiosidade desperta:

—Cocheiro, quem é aquelle homem?

O cocheiro volta-se na boléa, estira o pescoço, avança a vista, mas o sujeito já desappareceu, dobrou uma esquina, foi embora sem dizer quem era, sem notar a curiosidade que despertára. Quem seria aquelle homem cuja amizade nos traria a desgraça, a felicidade, ou mais provavelmente nem uma coisa nem outra? Como as relações humanas ainda são difficeis! E o mais aborrecido é que em cada cidade extrangeira a gente encontra dois ou tres desconhecidos que interessam...

—En voiture, s'il vous plait!

Santo Deus! O homem embarcou no mesmo wagon, o desconhecido! M. N. eram as iniciaes da sua chapelleira: depois na mala de mão appareceram estes nomes: Michel Nodier. Que importava esse Miguel! Estava decifrado o mysterio, o trem rodou para Paris. Que pena não ter esse viajante ficado em Lyon!

Madrid – Janeiro – 1907.

THOMAZ LOPES.

Ao Rio Grande do Sul

FILHO do Norte, nascido á sombra da floresta, cujo perfume capitoso, feito do halito das flores, da exhalação das resinas que os troncos lacrimejam, das negras, luzidias favas dos baunilhaes maduros, deu o ambiente aromal em que cresci, sempre amei a selva na sua grandeza, a arvore na sua formosura.

O meu berço é arenoso, mas das dunas alvadias e refulgentes vai-se, em caminhar suave, ao bosque, ao monte, ao rio.

As areias alongam-se rutilas em deserto que não chega a ser esteril, porque sobre a seccura que branquêa reverdece e resiste uma vegetação heroica e sobria que parece alimentar-se do ar contentando-se, para a sua sêde, com o orvalho que a roreja á noite.

Filho do Norte, quando ouvia descrever as paisagens do Sul, o meu espirito curioso desejava-as, não tanto pela belleza, porque eu tinha os olhos ainda deslumbrados, mas pelo contraste, pela originalidade e, mais ainda, pela tradição que é tão vivaz naquella zona trabalhada por tantas luctas que não ha coxilha onde se não tenham encontrado bandos, canhadas onde se não hajam atropellado guerrilhas, capões que não tenham flammejado fogos de acampamento, estancias que não tenham ficado em tapéras, arrasadas pelos peleadores.

Parti.

A minha primeira impressão foi de medo, ao affrontar-me com a barra onde, sobre um mar sinistro, lugente, cor de lodo e denso, tange ás oscillações da boia, um sino funereo, como plangendo os mortos sepultados nas vagas, tumulos d'aquelle humido cemiterio lugubre de onde, á flor das aguas, emergem os mastros seccos dos navios sossobrados.

Entrando o paquete, cauto, vagaroso, sorrateiro, a fugir aos perigos d'aquelle mar de Traição, appareceu o porto.

Terra, emfim! O Rio Grande!

Fiado nos dizeres que correm o forasteiro que se vai chegando ao littoral logo estende, com ancia, a vista devassadora procurando o «gaucho», o centauro invencivel qua habita o cavallo e nelle anda de sol a sol, ora em viagens alegres atropellando o bagual, levantando o gado alçado ou, desabrido, correndo á redea solta, ponche ao vento, lança em riste para ajuntar-se á algára que vai, de rincão em rincão, devastando como os hunos de Attila, com ligeiras paradas para carnear uma rez, assar o churrasco, fumar um cigarro e proseguir na arremettida feroz.

Debalde meus olhos buscaram esse ente tragico—viram ao longe, hirtas, com immensas flammulas de fumo, não lanças de guerra, mas chaminés de industrias.

A cidade trabalhava; mourejava; os seus formidaveis pulmões de ferro respiravam fumo espesso.

As carretas cruzavam-se atupidas de fardos; locomotivas manobravam silvando e no porto apinhavam-se mastros de navios formando uma flora excidua; barcas ligeiras sulcavam o mar escuro, rebocadores passavam soberbos ajoujados a catraias; guinchavam guindastes e o commercio azafamava-se em faina incessante—eram aqui saveiros descarregando, alli falúas recebendo—barcaças cheias de couros, acoguladas de chifres, empilhadas de surrões.

Homens contando, algazarra de estivadores; por toda a parte o movimento febril, a alegria, a actividade.

Fui-me ao comboio que esperava.

Areaes, a principio; logo pequenos ranchos, depois aldeias e emfim, o campo, o verde, macio, avelludado campo—ora liso, planicie rasa, interminavel, que vai ter ao horizonte, ora ondulando em coxilhas que parecem os vagalhões petrificados de um oceano que, sorprehendido, em procella, pelo poder de um deus, se houvesse solidificado conservando os relevos da sua furia tormentosa.

E, por lombos altos e canhadas concavas, nos baixos ou nos espinhaços, á beira das sangas, nos molles banhados, longe e perto, o gado profugo, pastando, ruminando, ou junto em armentio, volteando no rodeio.

Aqui, os bois possantes, immoveis, olhando tranquillamente; os novilhos correndo; as vaquilhonas ariscas fugindo aos galões por entre as chilcas. Mais longe, em bando compacto fervilhando como vermina, as ovelhas pastando a herva mais tenra e, por entre o gado, as avestruzes galopando assustadas, o *João grande*, as garças de neve, os colheireiros roseos formando a orla viva dos açudes luzentes nos quaes, como em espelhos, o sol rebrilha e afogueia.

Esperto, como o genio domestico de terra. a vigilia permanente, sentinella alada da campanha o *quero-quero* espreita.

Activo ao sol, insomne á noite, ao mais leve ruido logo levanta a voz e vôa avisando os companheiros e o alarma das aves accorda o silencio.

E' o animal symbolico, que podia figurar no escudo da terra como o gallo apparecia nas vexillas de Vannes e de Karnac, á frente das hostes guedelhudas de Vercingetorix.

A campanha do Rio Grande nos seus multiplos aspectos, não é para ser descripta em linhas tão ligeiras.

Na serra é a fructa de polpa saborosa, são as searas pingues e, por toda a parte, em cachos como os que acharam em Chanaan os emissarios de Israel, a uva amadurece em estendaes extensissimos.

Livre-se o Rio Grande da golilha que o estrangula — a barra — e a sua riqueza transbordará em abundancia maravilhosa.

No día em que os navios poderem, sem risco, aproar á terra, nós proprios, já não digo o estrangeiro, pasmaremos da magnificencia e será um espanto quando os campos mandarem as suas crias: o gado, a ovelha, o cavallo; selva e monte derem a sua fauna; despacharem pomares os gigos de preciosa fructa; mandarem as hortas os seus legumes tenros; subirem das fartas colonias as filas de wagons carregando os cereaes, o vinho, o mel, os lacticinios e as fabricas, que são numerosas e de varia industria, expedirem, com facilidade, o panno, o chapéo, o calçado, a ferragem, o correame, o movel, a tapeçaria, a conserva, o rebuçado, o biscoito, a gravata, o espartilho, e mil outros artefactos em que se ensaiam industriaes activos cuja energia se vê constrangida pela insidia da barra.

Parece que o Rio Grande activa o seu progresso em mysterio como o constructor que levanta um palacio por traz da parede esborcinada de um pardieiro, A barra esconde a grandeza, deixa que a obra se complete para abrir-se em plena razão de progresso, quando tudo estiver a termo e o Estado poderoso possa apparecer com a cornucopia abarrotada, demonstrando a sua fertilidade e o labor dos seus filhos.

E não vem longe esse dia.

Foi-se o tempo infecundo e sanguinoso das luctas — os acampamentos de outr'ora são agora cidades, o proprio gaúcho desappareceu, é apenas uma tradição.

O cavalleiro de combate que boleava, lanceava, alarmava os povos da campina e da serra, faz hoje a vida tranquilla de agricultor ou pasror e, se sólta o cavallo no campo, é para tocar o touro, juntar o rodeio, separar o sinuelo.

Nem mais se encontram, senão em rincões remotos, o gado alçado e o bagual — potreiros e invernadas tem-nos em seguro abrigo e sempre sob as vistas do homem.

E' verdade que, á beira dos fogões, junto aos espetos em que rechina o churrasco, ao calor da chamma que faz borbulhar a chaleira, ainda se ajuntam gaúchos.

Tassalha-se o costilhar ou a matambre, o matte amargo circula, geme melancolica a viola. A chimarrita desperta saudades... Então recorda-se o antigo tempo; um velho reconta as façanhas d'antanho: as gauchadas, as represalias, feitos de guerra, casos de amor, raramente, que o povo não tem superstição, uma lenda, mas o céu aloura-se, cantam as aves, o gado muge e a gente lá vai ao serviço pacifico, sereno, sorrindo, emquanto o sol sobe alumiando e fecundando os campos de verde alfombra.

Terra forte! Terra heroica! Terra de cavalheirismo e de bondade, bem hajas! Que os teus poetas, que são inspirados, celebrem a tua gloria, eternisem, nos seus poemas, o teu passado valoroso; que os artistas conservem as tuas tradições, guarde a Mulher o typo da sua belleza, na qual a graça peninsular é realçada pelo quebranto languido da faceirice creoula e que os teus novos gaúchos laboriosos aproveitem as riquezas que teu seio encerra e que os outonos fazem vir a flux.

Tudo possues, terra amerceada — o teu solo é feraz, o teu ar é sadio, o teu céo é azul, as tuas aguas são limpidas e a tua gente, que direi della?

E' bem a familia do patriarchado biblico — acolhedora e altiva, abrindo o lar ao hospede, dividindo com elle o pão e o vinho do ágape, recebendo de coração aberto, mas travando da lança ao primeiro grito e sahindo denodadamente para a peleja se vê a casa ameaçada ou a Patria offendida.

Estas são as palavras de minha gratidão á terra de eu trouxe mais vida e ao povo que me captivou pelo affecto e do qual a saudade nunca permittirá que olvide.

COELHO NETTO.

TRADIÇÕES

FOI sob a pezada impressão dos desastres inesperados e rapidos, que a Cidade inteira ouviu a má noticia desoladora, de que definhava e morria, na rapidez surprehendente de um grande mal incuravel, a magestade epica das Palmeiras do Mangue.

E a Alma simples do Carioca alarmou-se, no espanto tardio do seu orgulho ferido. Deixassem-no sem o luxo necessario do cáes, sem a elegancia alegre das avenidas e sem a limpeza precisa do Canal: mas não lhe tirassem o orgulho daquellas arvores, sem sombra, mas cuja belleza e altivez, eram como que o symbolo exacto desta linda Terra Carioca.

Pois que? Seria mesmo possivel que o desazo das indifferenças officiaes, o descanço molle das negligencias burocraticas, chegassem á incuria desairosa desta prova terrivel?

Aquille que alli está, aquella belleza d'Arvores fidalgas, aquella egregia apotheose de frondes, representam o orgulho da Cidade e a expressão exhuberante da fertilidade da Terra.

E agora que haviam dado áquelle extenso palmeiral soberbo, a linha nova de avenida larga, a base limpa d'asphalto: agora que elle guardava, lado a lado, no aprumo imperial de uma extranha ronda de archiduquezas, o caminho claro de uma ampla rua elegante; agora que se começava a perceber a magestade daquelle aspecto, a belleza senhorial daquelle ornamento; agora é que se vem declarar, na vulgaridade insidiosa de uma noticia indifferente, que ha um mal terrivel que começa a abater a soberbia daquellas frondes e ameaça quebrar o curso vigoroso daquelles troncos?

Mas, foi só agora que se percebeu a gravidade do Mal? Só agora, depois de tão serias manifestações terriveis, é que se nos vem dizer que, talvez, seja tarde para o carinho de um tratamento rigoroso e para a esperança de uma cura desejavel?

Dóe fundo n'Alma dos que amam esta linda Terra, dóe, a indifferença desta terrivel noticia agourenta.

Quem por alli passasse, quer na alegria folgada dos passeios, quer no cumprimento honesto das obrigações, havia, por força de sentir que a Alma inteira se curvava na uncção respeitosa de quem penetra num Templo. E hoje, com a febre dos renovamentos, com a rapidez transformadora por que se vae melhorando a nossa velha Cidade aldeiã. aquella fila extensa de sentinellas augustas, tinha encantos indiscriptiveis, bellezas de um inedito de assombrar. A mim, muitas vezes, me aconteceu deixar-me ficar parado, alli á entrada daquella magnifica alameda, a olhal-a em toda a sua extensão, orgulhoso e encantado, a Alma aberta á Phantasia o o Olhar extasiado na belleza da Contemplação.

Bem sabemos nós, cariocas de hoje e de antanho, quanto é fertil este sólo na admiravel procreação das Arvores e que outras ha, filas enormes de palmeiras, como no Jardim Botanico, que bem podem demostrar ao olho espantado dos contemplativos, a belleza da especie e o orgulho da raça.

Mas... As do Jardim Botanico, por exemplo, têm o carinho amoroso das especialidades: são a representação scientifica da pujança da nossa Flora e como que vivem no preparo das estufas para a impressão das cousas raras. São a alegria dos pic-nics elegantes, no sabor encantado de um parque primoroso e vivem a vida calma dos arrabaldes distantes, defendidas pela prevenção policial dos gradis de ferro e guardadas com a avareza das preciosidades.

E' a alamêda dos ricos, dos namoros educados da gente fina e poderosa.

Tem a consagração official das visitas de etiquetas e, mal desembarcados os hospedes illustres, é para lá, para a admiração espantada daquellas Arvores, que os leva o bom gosto dos que governam.

E as Palmeiras do Mangue? Essas nasceram, pode-se dizer, com a Cidade, são as filhas humildes da Rua, vivem na communhão honesta do povo que trabalha.

Não têm a preoccupação lisongeira de serem vistas e admiradas; mostram-se na li-

berdade ampla da Rua, ao olhar acostumado dos que por alli passam

Não lhes deram defezas, nem de refugios, nem de gradis e, assim mesmo, ellas cresceram alli, na terra dura da Rua, livres e gloriosas, com toda a pompa daquella raça fidalga, com toda a linha daquella estirpe nobre.

E' por isto que o povo as adora; é por que elle as vê, dia a dia, junto da sua vida, no meio da sua Rua, dignificando-lhe a Cidade, orgulhando-lhe a Alma.

São as boas amigas da gente humilde, da alegria franca dos garotos e do sentimento simples dos namorados felizes.

E se não lhes cerca o carinho educado das Convenções, nem a procura chic dos passeios galantes e das visitas presidenciaes, anda-lhes em roda, ama-as, numa veneração de idolatria, a Alma simples do Povo, de cujas alegrias ellas participam e cuja Dor tambem choram.

Dizem que estão morrendo as Palmeiras do Mangue.

Mas, com certeza, nas altas regiões dos que mandam, um'Alma deve haver que se interesse por ellas e que se apure na busca de um remedio restaurador, que lhes restabeleça a magestade do Porte a solemnidade do Aspecto.

Não: não se deixa morrer assim o orgulho da Cidade e nem se abandona aos estragos de um Mal, o padrão mais glorioso da exhuberancia livre desta linda Terra.

Fevereiro—907.

MARIO PEDERNEIRAS

ASPECTO DA CENTRAL POR OCCASIÃO DA CHEGADA DO DR. CAMPOS SALLES

BANDEIRANTES

(EPISODIOS)

I

PAS faldas de ridente collina, á direita do Anhanhonhacanha, uma legoa distante do Rio das Velhas ahi pelos annos de 1675 a 1677, estacionara a grande bandeira que sob o commando de Fernão Dias Paes Leme partira de S. Paulo em 1674, á descoberta das esmeraldas nos mysteriosos, sertões do *Sabarábuçú*.

Estendiam-se em grupos os ranchos dos expedicionarios brancos e indios; alem mais, no terreno aceirado de fresco, as plantações vastissimas de cereaes para o sustento da bandeira subiam no terreno onduloso té confundir-se o seu tom verde claro nas grandes massas escuras do mattagal bravio.

Meia legoa do arraial, no tope de um serrote, mais vasta e bem cuidada, cercada de grandes roças, estava a casa em que residia com seu filho Garcia Rodrigues e seu genro Manoel Borba Gatto, o velho chefe dos paulistas, no meio dos ranchos de seus fieis goyanazes.

Ali haviam acampado após um percurso trabalhoso e funesto pelos combates sustentados com as tribus de gentio bravo, molestias e fadigas, reduzida a bandeira ainda pelas deserções dos que, menos animosos, preferiram atravez de mil perigos demandar o ponto de partida a seguir avante por entre a floresta espessa em busca das afamadas minas de duvidoso encontro.

Assim tinham feito Mathias Cardoso, adjunto do commando, Antonio do Prado, Antonio Gonçalves e outros... outros mais.

De sorte que reduzido quasi aos seus proprios recursos, baldo de munições de guerra, minguada a gente para seguir avante, Fernão Dias assim como fundara já os arraiaes de Ibituruna e Santa Anna do Paraopéba, installou-se no local que os indigenas denominavam *Anhanhonha canhuva*, fundando o arraial de S. João do Sumidouro, fazendo nas ferteis varzeas do sitio enormes plantações para o que pudesse acontecer, pingues recursos lhe offerecendo ainda o rio e a matta.

D'ahi e máu grado as solicitações dos seus que preferiam voltar o velho paulista tenaz e obstinado, despachou para São Paulo dous fieis emissarios com cartas para o governador Furtado de Mendonça, para a Côrte e para sua mulher D. Maria Garcia Betim, matrona de grandes dotes de energia, pedindo urgentes soccorros.

Tres annos demorou a resposta e foi nesse tempo em que tudo para os exilados dos seus lares era incerteza, que proseguindo impavido nas pesquizas que emprehendera, descobriu Borba Gatto as ricas jazidas auriferas do Sabará.

No ponto em que se erguia a Quinta, como era chamada a casa do fidalgo Paulista, concentravam-se os seus companheiros de mais confiança; no arraial a mór parte da bandeira sob a direcção de José Dias Paes, mameluco e filho natural de Fernão Dias, creado por sua esposa com carinhos verdadeiramente maternaes.

Na casa grande estava tudo quanto restava de munições e armas de fogo á desbaratada bandeira; no arraial quasi que só saggittarios.

Temerosos de que não viessem os pedidos soccorros, certos de que a firme e obstinada recusa de Fernão Dias á idéa da volta se repetiria a cada nova solicitação, lavrava surdo o descontentamento entre aquella gente que a cobiça lançara aventurosamente ao sertão desconhecido e que a inercia desesperava.

Murmurava-se contra a teimosia orgulhosa de Fernão Dias que não quizera voltar a São Paulo envergonhado do fracasso da expedição, e punhos ameaçadores se erguiam em direção á Quinta.

Dessas murmurações aos actos de rebeldia pouco tempo medeou.

E já que o unico obstaculo á volta era Fernão Dias deliberaram os descontentes supprimil-o violentamente, pela morte do velho paulista. E taes os passos que deram, tão alastrada a conspiração que conseguiram para o conluio attrahir o proprio José Paes, que a confiança paterna investira do principal cargo no Sumidouro.

Tramou-se a principio occultamente; depois, fortes pelo numero, perderam a prudencia e combinaram emfim um ataque á Quinta em que morto Fernão Dias e de posse das armas e restantes munições, reconstituissem a columna para a retirada.

Uma noite, aquella em que deviam determinar o momento do assalto, reuniram-se os principaes conjurados na casa do mameluco.

Foi longa a reunião e animada a discussão acalorando-se as vozes que se erguiam quebrando o silencio do arraial em repouso.

Attrahiu isso a attenção de uma india goyanaz que, se aproximando curiosa da casa

de José Paes escutou toda a discussão travada.

Horrorisada com o que ouvira, correu á choupana e tudo narrando ao marido partiram pela noite escura a dar aviso a Fernão Dias, adorado pelos indios daquella tribu do que se tramava contra a sua pessoa.

Inteirado de tudo, ordenou o chefe dos bandeirantes a seu filho Garcia Rodrigues que reunisse toda a gente fiel e ao romper do dia desse sobre o arraial, prendendo todos os chefes compromettidos no conluio, e acompanhado pelos dous fieis indios partiu para certificar-se por si mesmo da veracidade da denuncia.

Quando occulto ainda pelas sombras da noute chegou ao arraial ainda corria animado o conciliabulo e poude ouvir com que dôr d'alma! o seu proprio filho, o sangue do seu sangue animar os scelerados intentos dos rebeldes.

Ao romper d'alva, cercado o arraial pelas tropas de Garcia Rodrigues, não houve resistencia por parte dos surprehendidos conspiradores.

Tinha o commandante da bandeira real direito de vida e morte sobre os que a compunham.

E pois Fernão Dias inquerindo os culpados, chegou á triste conclusão de que era o cabeça principal José Dias Paes.

E cerrando ouvidos ás supplicas, calando a propria voz da consciencia, só a este condemnou á pena ultima para exemplo e escarmento dos mais companheiros. Aos outros perdoou. José Dias Paes foi enforcado com toda a solemnidade no centro do arraial e novo Bruto, impassivel assistiu-lhe ao suplicio o rigido paulista.

Depois, fez vir á sua presença os demais presos.

Mostrou-lhes o cadaver do filho supliciado e disse-lhes não terem tido elles a mesma sorte unicamente porque fôra a convite seu que elles haviam se internado naquellas brenhas incultas e selvaticas. Mas que perdoando-lhes o crime, não poderia mais consentil-os em sua companhia. Fossem... seguissem... para esse sertão que elles desejavam evitar tirando-lhe a vida. E que não mais se encontrassem na terra.

Mudos, cabisbaixos partiram os criminosos por entre os olhares dos companheiros de tantas lutas, de tantos perigos, agora para sempre separados.

Além, mais longe, do alto da collina, lançaram um ultimo olhar ao arraial que muitos não mais deveriam rever.

E penetraram na selva mysteriosa cujos thesouros immensos ali os haviam trazido para o eterno desterro... para a morte, quem sabe!

Rio, Março – 907.

MARIO BEHRING.

O outeiro da Gloria

O Rio de Janeiro não é, ainda hoje, das capitaes sul-americanas que contam mais sumptuosos monumentos em quaesquer generos de architectura; entretanto, em seus edificios, em suas construcções, já pelo accidentado do terreno, já pela fórma caprichosa das culminancias, já pela escôlha dos locaes em que se fôram successivamente installando os primeiros povôadores, o pensamento absorto na magnificencia de uma natureza excepcional, não sabe o que mais admirar – si a incuria dos homens, que não teem sabido aproveitar-se de tantos recursos naturaes, si tantas e tantas bellezas accumuladas em uma só localidade.

Destacaremos d'entre essas, o outeiro em que se acha collocada a Igreja de Nossa Senhora da Gloria.

Entre as praias de Santa Luzia e do Flamengo eleva-se uma pequena collina, de cuja chapada se avista todo o panorama da parte concentrica da cidade.

Ha duzentos e trinta e seis annos, o mysterioso eremita Antonio Caminha, em cumprimento de um voto á Santissima Virgem, mandou edificar, ou, segundo outros, cons-

A GLORIA EM 1835

truiu elle mesmo, sem auxilio de ninguem, e com suas proprias mãos, uma modesta ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Gloria, ao alto da pittoresca collina que domina a então chamada *Praia dos Pescadores*.

Em 20 de Junho de 1699, o Dr. Claudino Gurgel do Amaral, dono e possuidor do outeiro em que o humilde eremita levantára a Capellinha, doou todo aquelle terreno á Virgem da Gloria, sob condição de se reformar o modesto templo, dar accommodações para os romeiros que, no dia da Invocação, 15 de agosto, lá fossem erguer préces pelos seus milagres e levar-lhe as respectivas *permessas* (SIC). Cinco annos depois, o doador, tomando ordens sacras, se assignava Frei Claudio do Amaral, tal seu apêgo á religião, tal seu interesse pelas cousas da Igreja.

Subsistio ainda por quinze annos a primitiva Devoção de Frei Antonio, até que, em 1714, a Capellinha foi reconstruida; e, com as esmolas recolhidas, fizeram-se as obras do primitivo adro, a casa para os romeiros e a cisterna de *roldana e balde* (SIC).

Por muitos annos, esta Capellinha, se melhorando aos poucos, alargando a sacristia, e augmentando suas dependencias, conservou-se a cargo de Irmandades até que passou ao dominio dos Capuchinhos italianos, alli asylados por se lhes haver tomado o antigo hospicio de sua residencia para installação dos Carmelitas.

Retirando-se, porém, os Capuchinhos, passou a Capella a ser administrada, como nos primeiros tempos, por grupos de dedicados Irmãos.

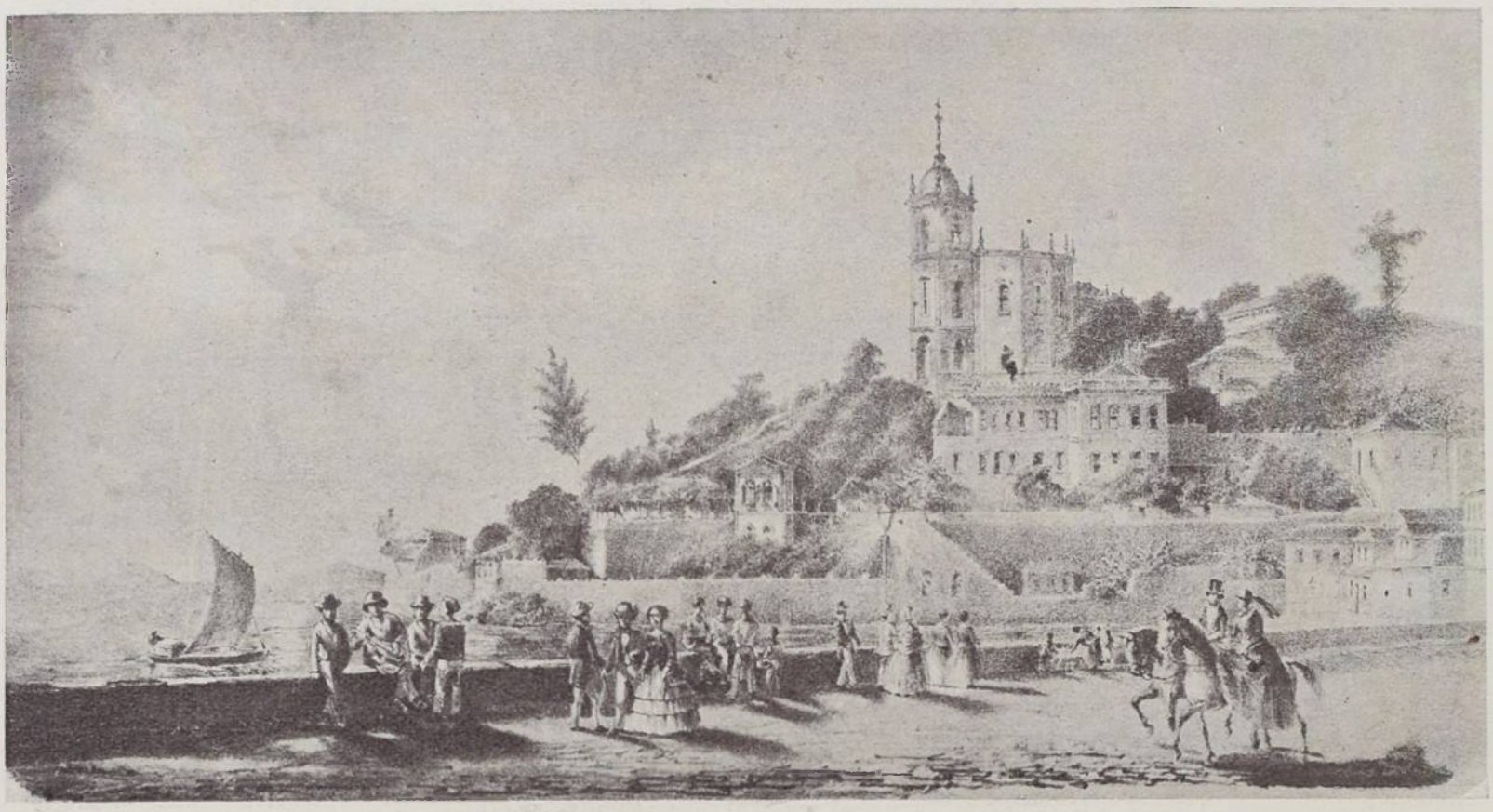
A Capella de Nossa Senhora da Gloria é filial á matriz da freguezia do mesmo nome, em tempo desmembrada da de S. José.

Até poucos annos passados, era a romaria da Gloria a festa mais sumptuosa e popular desta capital.

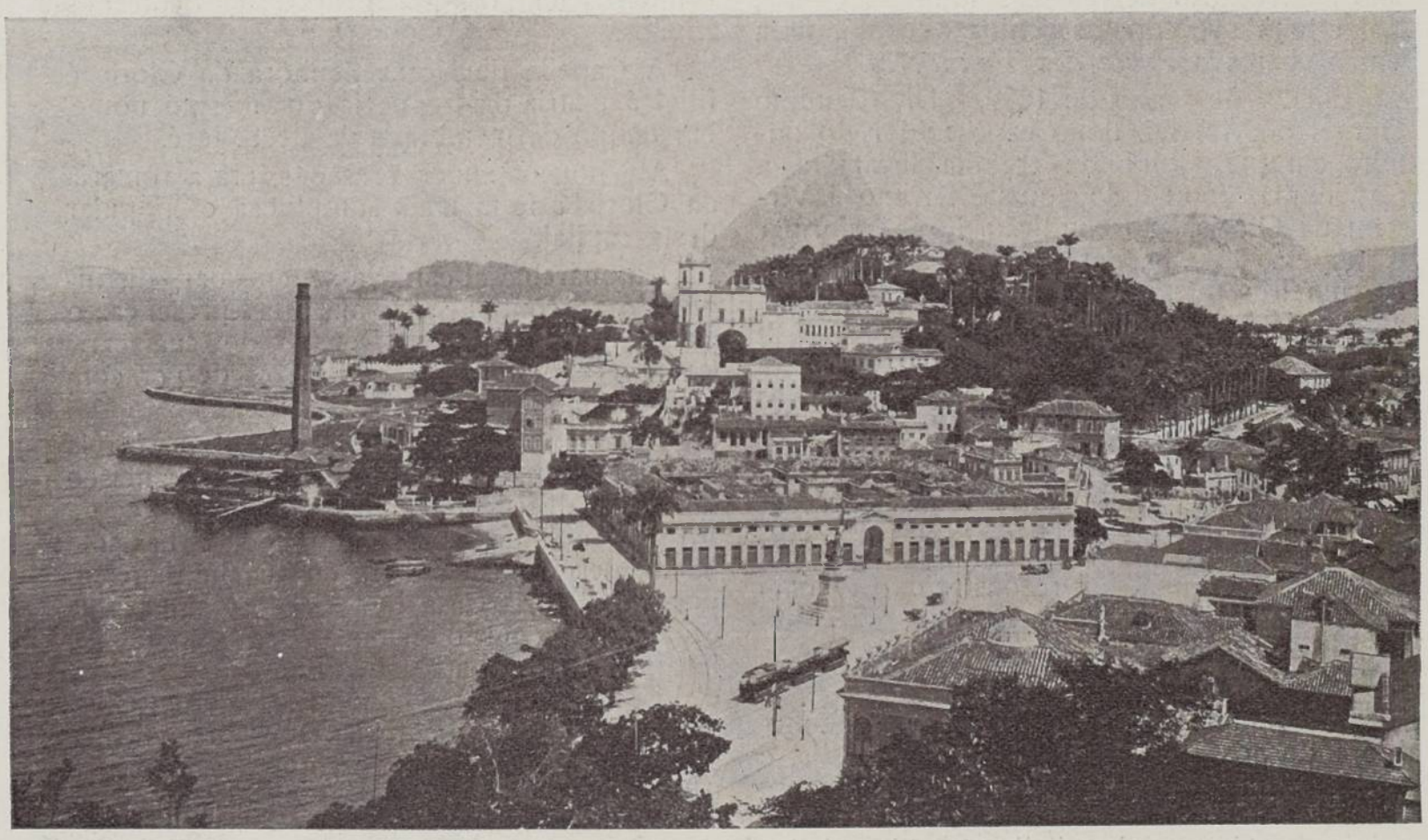
O monarcha adeantava-se em dar, distinguindo-a com a sua augusta presença, o exemplo de sua fé em Deus e de sua caridade verdadeiramente christã; e, de par com elle, sua familia, sua côrte.

Um facto, d'entre muitos, assignalou a Igreja da Gloria: era, todos os annos, Frei Francisco de Mont'Alverne quem fazia o panegyrico da Virgem; e conta-se que, já cégo, e bastante velho, descendo a ladeira em coche ladeado por famulos da Casa Imperial, os animaes se espantaram com o estouro das gyrandolas, levando-o de esbarro a uma das paredes: d'ahi a molestia, que victimou o Lacordaire fluminense; d'ahi tambem a circumstancia de ter sido esta a pen'ultima vez, que elle subiu á tribuna evangelica.

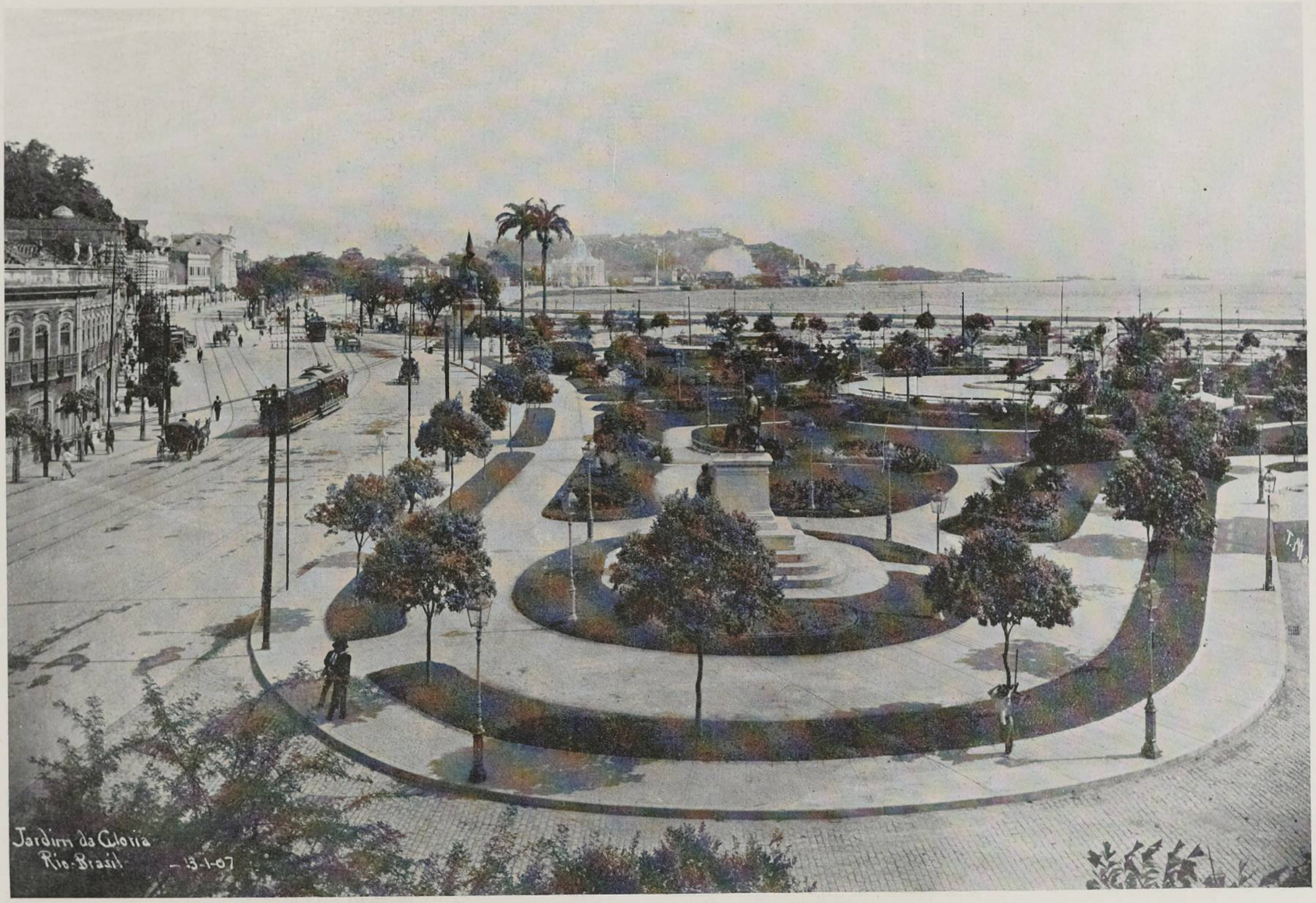
DR. PIRES DE ALMEIDA.



A GLORIA EM 1854



A GLORIA EM 1903



Phot. Malta

O NOVO JARDIM DA GLORIA (1906)

Aquella Mulher...

UM sussurro tremia quando Ella passava, delgada, de um delgado flexivel e balouçante de cegonha solitaria, branca como os marmores lavados, e ruiva, mas d'esse ruivo flammante e rubro que lembra o cobre a resfriar, empós o calor da forja.

Sobre a alta golilha de velludo, a mais das vezes rubi, destacava-se-lhe a cabeça num aspero oval d'escultura primitiva, mento aguçado e liso, a cisura da bocca em golpe de lamina, o aquilino frio do nariz terminando em ventas dilatadas de animal de caça, olhos cinzentos entre pestanas de prata em orbitas de crime e sobrancelhas a traço de pincel. Da testa percebia-se-lhe dois dedos apenas, e o mais era a trumfa fulminea, o incendio satanico da sua cabelleira em que se ostentavam escandalosos chapéos de preço, das mais extravagantes fôrmas da moda e da mais nitida confecção do luxo.

A's tres horas, pelas ruas d'exhibições, Ella surgia impressionantemente fantasmagorica, no seu passo firme e lançado de pernalta, tecidos ricos amortalhando seu esqueleto bizarro, trescalante de aromas mornos de que se enchia o ar no movimento da sua marcha.

Os dandynados vadios, que se preparam para os hospicios e para os carceres, lapidavam-na com pilherias ultrajantes, que Ella não ouvia ou fingia não ouvir; os senis e os parvos, enfronhados no respeito conselheiral de suas sobrecasacas ou com estudados desdens de academicos, chasqueavam-lhe ao bater dos tacões; e as velutinadas bonecas da elegancia crispavam-lhe os labios com despresos offensivos, invejando-lhe, porém, os pannos do vestuario, o requinte dos utensilios mundanos: desde o desenho original dos longos grampos de ouro, das finas carteiras de mão filigranadas em Yêdo sobre marfim africano, da singular riqueza dos alfinetes das gargantilhas e dos argolões dos pulsos, 'té os lindos pára-sóes de castões artisticos, as *balayeuse*s rendadas das saias e a belleza das luvas.

Corria, pela bisbilhotice das calçadas, que Ella, essa perambulante caricatura da Morte em alto chic de *season* e polvilhos perfumados, era a mumia bem querida á excentricidade de um lord milionario, que vagamundeava seu spleem por paizes de sol e terras virgens.

Ao certo, porém, ninguem lhe conhecia a origem nem lhe sabia o viver.

Entretanto, a estranha creatura, que excitava hostilidades e fecundava invejas, atrahindo o olhar da multidão sem se inquietar com elle, indifferente ás normas e rompendo com a firmeza duma Evidencia a teia visgosa dos commentarios da Hypocrisia, era um ser delicado, espiritualmente meigo e bem diverso em tudo d'essa apparencia de ironia lugubre de Rops com requintes de actriz famosa.

Surprehendida na sua intimidade, nos aposentos duma *English Pension* alcandorada nos barrocaes d'um monte, paredes brancas entre vergadas mangueiras velhas e pouco distante de fragas musgosas, enfestoadas de avencas, por onde cantava uma estreita faixa d'agua nascente, ahi surprehendida nessa locanda de villegiatura a que seu entendimento de arte e o seu educado gosto de peregrina das civilizações deram o encanto d'um pequeno Carot pendente sobre o divan, e um rutilante ocaso marinho de Tuner, enchendo tres palmos do muro junto ao qual mandára collocar o piano para desfastio de suas leituras, é que se a admirava em todo o seu valor de mulher, como os inapreciaveis exotismos d'uma flora fantastica sob os vidros das estufas.

Ahi, sim; ahi tinha-se o ameaço, a *aura* da vertigem, de uma temulencia prazerosa, ouvindo-se-lhe a voz clara e acre, tal devera ser a das Nixes, acaso falassem ellas, porque havia nessa bocca o frescor salobro de uma vaga que espadana ao sol do meio-dia canicular.

Chegava-se a duvidar da realidade, por parecer enganadora a sensação auditiva! E essa voz, que se desprendia sonora e fresca, ia-se pouco a pouco semitonando em graves de uma belleza vagarosamente dominadora que nos deixava n'alma a resonancia de uma nave abobadada; era como uma torrente desencantada de sons, desperta nesses caprichosos instrumentos barbaros do Oriente, talhados

em bambús e pendentes de um eixo horisontal, que os ventos agitam e fazem gemer numa melopeia intraduzivel, e ás vezes semelhantes ao espumoso marulho das ondas desmanteladas, que se retraem do ponteado dos arrecifes.

Ouvia-se-lhe e ficava-se enleado na musica desconhecida de suas frases, num meio aturdimento — que era volupia e que era estranheza. Borbulhavam, rolavam, passavam na orchestração desses sons os mais extraordinarios assumptos, os mais delicados themas de conversa — magico microcosmo em que se desenhavam espectros levantados num crepusculo de vetustas criptas, rondas somnambulas de imagens alvas, sombras cineraes de saudades e resurreições em debuxo de planos esmorecidos de pintura religiosa... um mundo subjectivo, impalpavel, de extase, por horas mortas, em claustro de monjas.

Então sobre a visagem marmorea d'essa enigmatica mulher transluzia uma alma, suas pupilas rebrilhavam num fulgor. E, ellas, que ao principio eram incommodas pela fixidez e tom de invernia cerrada, se transformavam, satanicamente bellas, fazendo-se admirar na sua complexidade, no seu ideal conjuncto, mixto de *emathites* e pó de ouro, densos de noite descida nos desertos e areia faiscante de plagas sonhadas, palhetas d'esmeraldas e topasios laminadas por clarões fugitivos ao esfuziar da calmaria equatorial, e prenuncios de auroras nos horisontes vastos dos paizes das Trovas e da Fabula.

E já toda Ella outra se mostrava.

Vinham-lhe á bocca os versos de Wildde como um revolver de perolas que sahissem d'um coração sangrando; sonetos de Mallarmé, serenos e mysteriosos como deuses de pedra na sombra roxa d'um bosque; quadras de Samain que parecem escriptas sobre velludo negro com estylete de ouro candente... Uma emoção, esmerilhenta de fino pó de rubis triturados, rubrisava, em *lavis* d'aguarella, a brancura arctica de sua pelle... Flammavam-lhe os cabellos num calor de fornalhas, havia não sei que de delirante e illuminado no seu olhar. Ella ardia! Assim vibrada lembrava uma creação infernal, nervosa Venus dos hysterismos esculpida em marmore e vivificada pelo *fiat* de um genio maldito.

E, para anniquillar, apagar a impressão causada, num bello gesto de artista, deixava as mãos cahirem sobre o teclado para o acordar num nocturno de Schubert ou numa sonata de Beethoven.

Lentamente a sua algidez esculptural sobrevinha, mas menos intensa, o bastante para que ella ficasse no meio tom das visões.

E suas mãos, que a rua sempre vira enluvadas, tinham a alvura das gardenias, e os dedos fuselados das virgens de Murillo, em cujas falangêtas roseas scintilavam unhas cortadas em nacar, pequeninas garras acariciadoras para rasgarem Sonhos.

O piano cantava. A musica parecia envolvel-a, transformal-a aos poucos numa suave e pallida visão de amor infeliz. Seu alto busto, em leve tecido esmaiadamente verde, ou com laivos quasi apagados de aguada roxa, no smorzo da tarde que se derramava, esboçava-se apenas, diluia-se numa poeira colorida de imagem evocada a que a massa de seus cabellos ruivos dava o aspecto duma recem-vinda d'além azul, trazendo por coifa a luz dos astros em formação...

E como se a harmonia dos sons viesse directamente da sua alma, fosse arrancada dos seus recessos, desuniam-se-lhes os labios, entreabriam-se-lhe os dentes, e da sua garganta rompia uma surdina de acompanhamento, por vezes tão voluptuosa e embaladora que se não poderia affirmar se era Ella quem cantava ou se algum anjo exul, invisivel e nostalgico.

Mas, quando a grande lampada, pousada num brandão de metal pollido e lavrado, resplandecia a sua chamma sob a *abat jour* de rendas carmizins, parecia que um encantamento mudára, com a rapidez de uma idéa, a suave imagem de ha pouco em palpitante tentação de cenobita.

E logo, num gesto de afouteza, sacundindo a cabeça, fazia os cabellos desennastraram-se, num jorro de erupção vulcanica...

Enchia o ambiente um aroma de Serralho...

Dir-se-ia que a brancura nivea do seu rosto era feita da fragil porcellana imperial da China... tal reverberação lhe dava o flammar da sua cabelleira solta! Na desenvoltura do

movimento escapavam-se-lhe alguns botões do roupão e, favorecido pela trama das guipuras, ia-se o nosso olhar bisbilhoteando nudezas, lambendo a carne excitante da sua gorja, 'té a suavissima curva dos miudos seios de esteril, mais claros e mais macios que a nata fresca de uma queijeira do Tyrol.

Ella apercebia-se admirada e desejada, mas sabia ter a nimiedade da excitação: não consentia aos olhos mais do que o necessario para prejulgarem, nem ao desejo senão o bastante para advinhar. Esquecia os botões escapados, a meia discrição das rendas, a mesquinha nudez do collo; e indolente, despresando cobiças, menospresando tentativas, passava, corria os seus lindos dedos pelo teclado que estremecia, em arrepios sensuaes, ao aphrodisiaco, terrivel contacto dessas pequeninas garras de amor...

E eram suspiros desabrochados entre esperanças e desenganos, cicios segredantes de rógos e promessas, surdos chóques de beijos cheios de amor e gratidão, ou gritos violentos, arrebatamentos indomitos, uivos de crises passionaes, que volteiavam pela sala, a enchiam, a animavam com a palpitação intensa de uma forte vida humana, e compellia á expansão o instincto soffreado, instigando-o, inflammando-o...

Mas, quando o gesto nos completava o pensamento, ainda que fosse no embaraço supplice de uma caricia, no arquear timido de um pretendido e meigo abraço, Ella paralysava a acção e annullava o arrojo com o simples enrestar de um olhar nos olhos de quem a cobiçasse, e o deixava tartamudeante mas deslumbrado ao vêl-a erguer-se, altiva e sorridente, lembrando o quer que fosse dum cysne em gruta de opera, toda ella garbosa e fina, egual na harmonia a uma arcada magistral que sóbe em tremulo pela fiapagem sonora de um violino, egual no elance á silhuêta fluida de uma santa que se ala da Terra num raio de luar das Lendas.

. . . . . .

Bem lhe coube, áquella mulher estranha, a singular alcunha com que o risonho espiritualismo dos Delicados a acclamou: Ella foi a esfingica, lavorada *Estrofe Decadente*. De facto, isso foi, por sua perturbante originalidade e por seu incomparavel espirito...

Ah! estupido olhar da Convenção, tu não sabias quanto era formosa essa mulher que julgavas feia! Não comprehendeste sua belleza, por que a Sancção fez da tua visualidade um apparelho estreito e mediocremente sensivel, onde só se refletem as imagens posadas segundo os dictames de velhas regras e de usadas theorias. O que é estranho, novo, nobre e grandioso, fóge á tua apprehensão—tu fitas sem entender, tu percebes sem sentir, tal o olhar do ignorante com os mundos sideraes que elle confunde numa só fórma e num mesmo brilho.

GONZAGA DUQUE.

NAPOLEÃO

SOCEGUEM os leitores, trata-se apenas da sua mascara em gêsso; não é, portanto, um estudo á mais sobre esse vulto arrojado que passou, qual um meteoro, por sobre a humanidade, levando o nome retumbante como fragor do canhão á cada canto da Terra; o echo ainda repercute e todos ainda o ouvem.

Muitos commentaram o phenomeno; e favoraveis uns, contrarios outros, nenhum deixou de consideral-o respeitosamente... por *fas* ou por *nefas*.

Já não é difficil um juizo, seja qual for o auxiliar da justiça humana, nesse julgamento.

Depois de Marengo, depois que a sua espada assegurou a integridade da França, esta, sente com orgulho que á elle pertence o maior brilho do sol da sua Historia Politica.

A Italia, a Patria dos Césares, repete que elle se chamava BUONAPARTE.

—

Eu lêra a historia de Napoleão, pela primeira vez, aos 12 annos ainda; e nem por isso, essa leitura deixou de ser a responsavel por umas tantas cabeças quebradas que, tinham a imprudencia de se oppor á *impetuosidade* das minhas tropas... infantis...

Já lá se foi esse tempo, em que tantos sustos eu preguei ao meu bom, saudoso e amado Pae; o pobre homem vio-se tonto em attender á reclamações que choviam de todas as partes; não poucas vezes, após um *combate memoravel*, eu tinha que *debandar as minhas forças* ante a sua figura sisuda e rispida, quando eu menos esperava, mesmo no calor dos elogios de actos de bravura, em *ordens do dia* verbaes...

Ainda o seu influxo me fez propender para a carreira das armas; estava escrito, porém, que não havia de ser soldado, por diversas causas e entre ellas a revolta de 93.

—

O Palacio de S. Christovão, tal como se deu com as Tulherias, após o advento da Republica passára de solar de reis á Congresso e depois á Museu; ouvi dizer que por influencia do fallecido Director deste, Ladislau Netto; por influencia de Quintino Bocayuva, affirma o actual Director—Dr. Lacerda.

Ninguem melhor que o general Bocayuva, poderá resolver este assumpto.

As installações do Museu não estavam ainda completas; havia-as provisorias á par das definitivas, estabelecidas paulatinamente. Em dous salões hoje occupados pela bibliotheca, estavam as «quinquilherias» restantes do Imperio, accumuladas na mais feerica desordem.

Em pesadas estantes de vinhatico que forravam as paredes da primeira sala, estava uma collecção de mineraes que pertencera á D. Pedro de Saxe; diziam os entendidos que ella não tinha valor pela falta de procedencia das amostras; n'uma grande mesa de pinho tosca e solida, desde modêlos de apparelhos de physica, até pelles de sucurys. Caixas vasias de commendas, grans-cruzes e joias; estampas, manuscriptos, em um verdadeiro cahos de cousas aproveitaveis e inuteis.

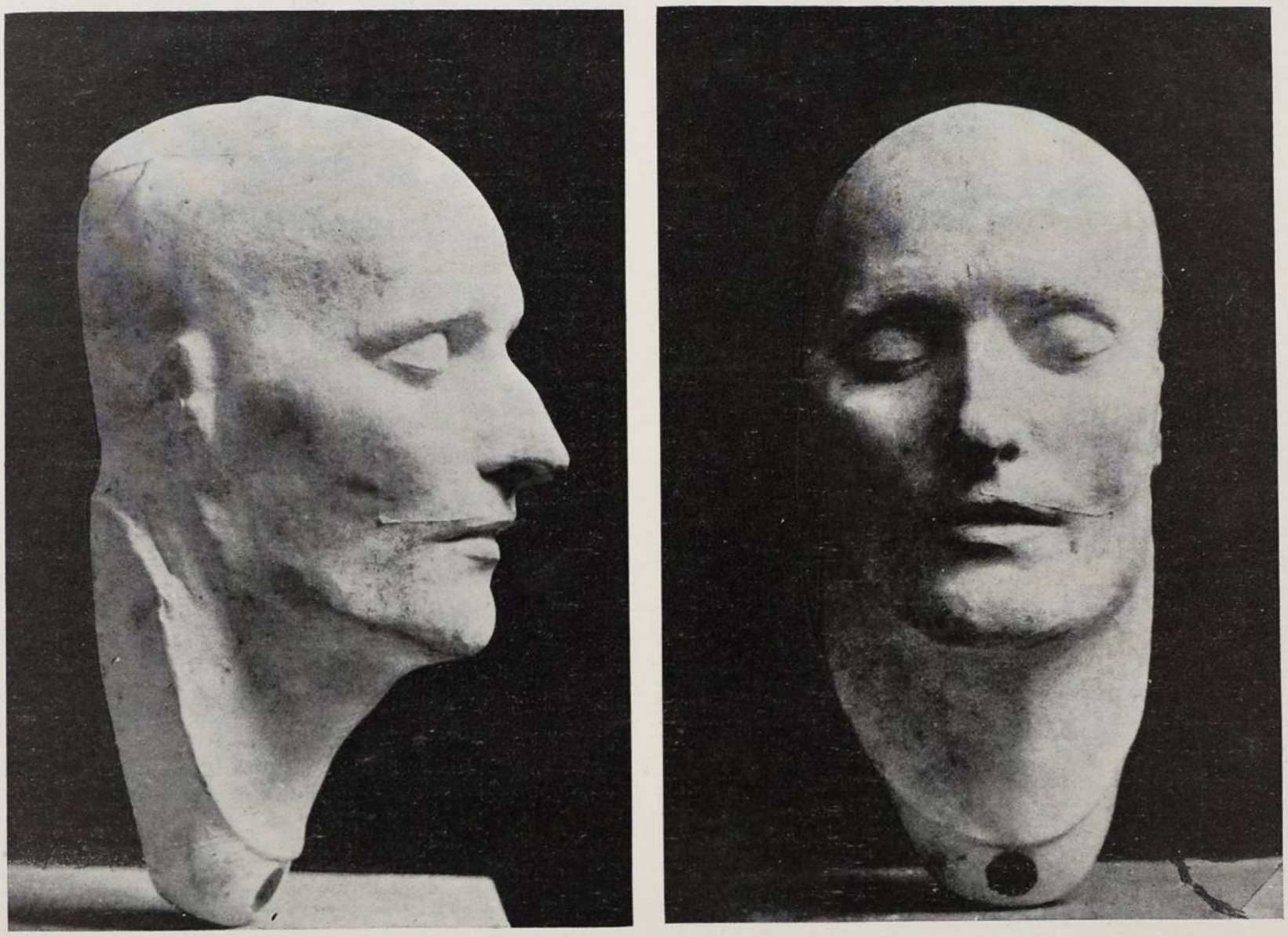
Um dia, sob um monte de pequenas peanhas de cedro, das que o principe empregava para supporte dos seus mineraes, notei certo vulto; retirei as peanhas e no objecto denegrido pelo pó e milagrosamente conservado naquelle logar, deparei com a mascara em gêsso de Napoleão I!

Napoleão! Era elle que ali estava sob os meus olhos! Eu que jamais sonhára vêr a reproducção fiel, traço por traço, da face da Aguia Franceza, acabava de retiral-a de sob um montão de lenha!

Era bem a cabeça de um Cesar! Sem a molleza das gravuras e sem o brilho do olhar, aquella physiognomia consubstanciava uma vontade de ferro adormecida; os traços da morte não appareciam; a fronte ampla estava serena e calma, d'ella se havia ausentado a ruga das batalhas.

Talvez que ao troar das derradeiras continencias ella voltasse, n'uma reminiscencia ultima das ultimas famaradas; mas ali, sob a mão do artista que arrancava á morte a effigie Napoleonica, ella fugia, como que contradizendo á todos aquelles que a gravaram. Qual do leão que após a sanha do combate repousa e adormece, conscio e soberbo de si mesmo, não sentindo os ferimentos e despresando o vil antagonista, tal essa effigie se mostrava, inteiramente acima da estupecção do Mundo.

Por muito tempo, emocionado em extremo, eu contemplei, no gêsso, a face do dominador dos reinos, do autor do Imperio do Brasil.



MASCARA EM GÊSSO DE NAPOLEÃO I

Trabalhava nesse tempo, na secção de Archeologia do Museu, um moço de origem hespanhola.

Jubiloso do meu achado corri a elle, entreguei-lhe a mascara sagrada, pedi-lhe que á puzesse em exposição. Estava entregue em boas mãos.

Passaram-se dias, mezes, nada! Volto ao homem pergunto pela mascara. Uma evasiva. Afinal, havia desapparecido...

Ah, mas não podia ser! Pois eu lh'a havia entregue! Uma nova caçada foi emprehendida com o resultado de reencontrar a mascara, d'esta vez debaixo d'uma escada!

Ao vel-a o homem estava pallido, os bigodes arrepiados e a testa franzida!

—DEIXE ESTE...

Interrompi-lhe a explosão com um discurso de legua e meia. Era a eterna guerra —uns *pró* e outros *contra*. Eu me esqueci que éras hespanhol; mas eu sou brasileiro e quero a mascara de Napoleão limpinha da silva e no armario.

D'ahi por diante o amigo mudou. Esmerou-se com habilidade rara em retirar a camada de pó que se havia incrustado na mascara sem prejuizo do gêsso, o que conseguio após não pequeno esforço.

E hoje, Napoleão I figura no Museu de S. Christovão.

Essa mascara é de especial valor, tendo-se em vista que ella foi encontrada entre objectos da Familia Imperial, de que faz parte o Conde D'Eu.

Por esse motivo, eu dei credito ao que me contaram de ser ella uma das tres primeiras authenticas, tiradas em Santa Helena e que pertencia á Familia d'Orleans.

Seja como for, é bem a effigie de Napoleão o Grande que hoje apresentamos aos leitores de *Kósmos*, graças á bondosa permissão do Dr. Lacerda, Director do Museu e

do Dr. Sergio de Carvalho, professor da secção de Anthropologia daquelle estabelecimento.

—

O Museu já possuio outro Napoleão, mas este éra em retrato... um tapete dos Gobelinos. Digo já possuio porque hoje este tapete *pertence* ao Dr. Rego Barros.

Essa mutação é meia complicada, porem a sua historia veridica é a seguinte:

De ha muito eu ouvia fallar n'um Gobelino celebre, representando Napoleão corôado de louros; n'uma pequena saleta onde, no Museu, toda a fina flor do seu pessoal se reunia, do meio-dia á meia hora, para saborear uma chicara de café, muitas vezes se fallou na ausencia desse tapete. Segundo os Srs. Manoel da Motta Teixeira e Eduardo Teixeira de Siqueira, o ultimo logar que elle occupou foi sobre uma porta que dava para o aposento particular do Director do Museu, no periodo da exposição anthropologica. Acabada esta cada objecto foi para seu logar, o quadro porém lá ficou e d'ahi foi passado para os aposentos d'aquelle funccionario que, infelizmente para este assumpto, teve de se ausentar para uma exposição de Chicago e, ao voltar de lá, foi aposentado e veio fallecer tempos depois, em consequencia de uma apoplexia. N'esse entremeio o Museu mudou-se para a Quinta da Boa Vista e os affazeres da nova installação occuparam o seu pessoal até que, sob o ministerio do Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, já sob a direcção do Dr. Lacerda, o referido tapete foi exposto na principal rua do Rio de Janeiro.

A reclamação foi prompta, ficou porém sem resultado, pelo motivo que adiante se verá.

Muito mais tarde, já no ministerio do Dr. Epitacio Pessoa, appareceu em annuncios do leiloeiro A. de Pinho o dito tapete. O Director do Museu, n'esse dia, havia se ausentado do estabelecimento, á serviço; e o Secretario, tomando o bond correu ao Ministerio do Interior. O Sr. Ministro lá não estava.

N'essa epocha o Dr. Epitacio accumulava ás funcções de Secretario da Justiça e Interiores á de Secretario da Viação e Obras Publicas. O Secretario do Museu, ali foi procurar o Ministro; S. Ex. devido aos affazeres não recebia ninguem, disse-me o continuo— Mas depois de instancias foi o funccionario do Museu admittido á sua presença. O Ministro recebeu o de fronte enrugada e elle, sem preambulos apontou-lhe o annuncio do Gobelino e lhe disse—pertence ao Museu. A resposta foi prompta: Vá ao Chefe de Policia *em meu nome* e diga-lhe que tome as providencias necessarias.

Lá foi se foi o homem ás carreiras bater á porta desta autoridade que éra, no momento o Dr. Enéas Galvão. A porta estava perra... mas a phrase magica—*em nome do Ministro* virou-lhe os gonzos como por encanto.

Sua excellencia, com um sorriso gentil, ouvi-o attentamente: Vou mandar aprehender o tapete, o processo, porém, não é regular assim; o Sr. traga-me amanhã um officio do Director, pedindo a providencia. E ali mesmo, pelo telephone, expedio ordens para a apprehensão do Gobelino. Quando o Dr. Lacerda, Director do Museu chegou á repartição no dia seguinte, á hora do costume, foram-lhe communicadas as providencias tomadas a respeito e por elle foi expedido o officio necessario que foi levado ao Chefe pelo proprio Secretario do Museu.

Não se tem bem certeza, disse o Chefe, que Gobelino pertença ao Museu; ha uma carta do Dr. Amaro Cavalcanti dizendo que não ha provas decisivas...

Mas emfim, o caso vae ser resolvido do melhor modo—Dr. Machado Guimarões, tome conta disto.

Os jornaes fallaram n'esta historia e entre elles, *O Dia*, redigido pelo Sr. Dunshee de Abranches, negou que o Gobelino pertencesse ao Museu para depois concordar no contrario, conforme se lê de suas columnas de 10 de Janeiro de 1901:

Um tapete no tapete da discussão

Do Sr. A. de Miranda Ribeiro tivemos o prazer de receber hontem a carta que abaixo transcrevemos:

«Em 19 de janeiro de 1901.—Sr. redactor chefe do jornal *O Dia*.—Lemos hoje nas columnas do vosso jornal a varia que se refere á uma tapeçaria reclamada pelo Museu á Policia.

E' exacto que se trata de—uma inestimavel reliquia cuja posse os collecionadores ambicionaram—como bem diz o vosso jornal, porém, o que é inexacto é—nunca ter ella pertencido ao Museu Nacional.

O famoso gobelino—nunca foi offerecido por D. Pedro de Alcantara ao conselheiro Ladislau Netto, que, aliás, é o primeiro a affirmar que o gobelino fazia parte das collecções de Archeologia e Numismatica do Museu descrevendo os objectos contidos no salão n. 9 do antigo estabelecimento do campo do Accla-

mação. De facto, na pagina 286 do volume das — «Investigações historicas e scientificas sobre o Museu Imperial e Nacional, acompanhadas de uma breve noticia *de suas collecções*» que é o livro a que vimos nos referindo e que junto vos enviamos, podereis ler: — «Apontaremos, entre outras producções, o busto do grande Raphael Sanzio, modelado sobre trabalho original em marmore que orna o topo das lageas do Vaticano; a do esculptor dinamarquez Thorwaldsen; um Camafeu — trabalho muito delicado do artista João Manso, e *um retrato de Napoleão I sobre tapete, tecido na famosa fabrica de Gobelinos e representando este heróe coroado de louros e vestido com o manto imperial.*»

Crêmos, Sr. redactor, que bastaria a asseveração do Dr. Netto para provar o direito do Museu, quando faltasse outra prova; entretanto, para vos mostrar que não tinheis razão quando na vossa local disseste — «não foi em tempo nenhum propriedade do Museu, nem consta de catalogo algum daquelle estabelecimento de arte», vos convidamos, em nome do actual Director, á vir até esta secretaria, afim de verificardes que já em 5 de agosto de 1844, Fr. Custodio Alves Serrão conhecia a cubiçada tapeçaria, como componente das collecções do Museu.

Nessa epocha, o Dr. Netto teria quando muito, cinco annos de edade.

Terminamos, apresentando-vos os protestos da nossa consideração e assignando-nos vosso attento admirador e creado *A. de Miranda Ribeiro*, secretario do Museu Nacional do Rio de Janeiro.»

Provém das praprias asserções desta carta, que ahi deixamos transcriptas, o prazer que experimentamos.

A missiva do secretario do museu nacional destroe as asserções que, com a resalva do *informam-nos agora* publicamos em nossa edição de hontem.

Em que pese porém ao informante, de cuja honorabilidade nada nos autorisa a duvidar, ellas confirmam as informações da redacção d'*O Dia*, que em 17 de janeiro, ao levantar a lebre, claramente attribuiu ao museu nacional direito de posse ao gobelino, e bem o accentua neste periodo, quasi ao final da noticia:

«Era uma reliquia de alto valor e D. Pedro de Alcantara houve por bem mandal-a para o nosso museu».

Resta-nos portanto agradecer ao Sr. Miranda Ribeiro o favor de sua carta que nos honra e nos é lisonjeira, porquanto nos dá ensejo de affirmar mais uma vez que *O Dia* difficilmente erra em materia de informação.

—

E quaes foram as providencias da Policia?

O Dr. Machado Guimarães pedio as provas. Foram-lhe entregues além das indicações acima a do livro do Ladislau Netto cujo trecho acima se lê um outro livro da Bibliotheca do Museu... Foram-lhe apresentadas duas testemunhas oculares — Eduardo Teixeira de Siqueira e Manoel da Motta Teixeira. Essas duas pessoas (o primeiro é hoje Assistente interino da secção do Zoologia e o segundo foi Bibliothecario do Museu) em companhia do Secretario, esperaram *tres horas* pelo delegado, na chefatura de policia, emquanto este conversava com o advogado do Dr. Rego Barros, Lente de economia politica da Escola Naval, para depois mandal-os ouvir sob as vistas desse advogado.

D'ahi por diante tudo cessou, fez-se silencio absoluto em torno d'esse assumpto.

Eis porque o Gobelino de Napoleão não está no Museu, apezar dos documentos irrefutaveis que provam o direito desse estabelecimento.

Rio, III — 1907.

ADEMIR.

A Equitativa

RELAÇÃO DAS

Apolices sorteadas em dinheiro em vida do segurado

9º SORTEIO — EM 15 DE ABRIL DE 1907

50.330	D. Anna Esmeralda de Mello	Penedo — Alagôas
44.128	Dr. Manoel Dias Pereira	Fortaleza — Ceará
42.110	G. Vilasco.	Manáos — Amazonas
6.346	Dr. Eduardo Pinto de Vasconcellos.	S. Salvador — Bahia
41.661	Antero de Souza Araujo	Campos — Rio de Janeiro
17.545	José Fernandes de Souza	Formosa — Goyaz
17.594	Francisco Alves da Costa	Mestre d'Armas — Goyaz
40.009	Aristides de Siqueira	Pyrinopolis — Goyaz
40.310	Joaquim de Sant'Anna Xavier Nunes.	Pouso Alto — Goyaz
17.981	Guilhermino Pio Lopes	Pyrinopolis — Goyaz
40.212	Luiz Guedes de Amorim	Capital — Goyaz
16.492	Misael de Albuquerque Montenegro	Timbaúba — Pernambuco
11.284	José Henrique de Barros e Silva	Escada »
41.645	Albert Cerf	Parahyba — Parahyba do Norte
51.073	Francisco Baptista de Brito Pereira	Belém — Pará
44.176	Manoel de Faria Lemos	Capital — S. Paulo
42.383	Joaquim Pereira da Silva	Santos — S. Paulo
44.027	Raul Lincoln Gustavo	Capital — S. Paulo
44.463	José Gomes da Cruz	Capital Federal
12.758	Dr. Leopoldo Cesar de Andrade Duque Estrada.	» »
10.238	Vicente Werneck Pereira da Silva	» »
10.240	» » » » »	» »
43.635	Alfredo da Silva Veiga	» »
44.035	Dr. Henrique Borges Monteiro	» »
44.272	José do Nascimento Teixeira	S. João d'El-Rey — Minas Geraes
7.566	Dr. José Joaquim de Moraes Sarmento	S. Manoel — Minas Geraes
44.045	Euclides Augusto Alves	Turvo — Minas Geraes
17.620	Joaquim Gomes de Oliveira	Stº Antº da Columna — Minas Geraes
16.794	Antonio Alves de Aguiar	Bom Successo — Minas Geraes
17.078	Francisco Coelho dos Santos Monteiro	Leopoldina — Minas Geraes
43.159	Casimiro Martins dos Santos	Patrocinio de Araxá — Minas Geraes
50.133	D. Emilia Gomes Barros de Oliveira	S. Luzia do Carangola — Minas Geraes

FILIAL EM PORTUGAL:

20.508	José Francisco Enxuto Junior	Caldas da Rainha
22.050	José Garcia Augusto.	Alantejo
21.174	Domingos Parente.	Vianna do Castello
21.508	Manoel Lopes Varella.	Aviz
22.173	Padre Joaquim Paulo Marques.	Alcaçovas
22.177	Manoel Espada Junior.	Alcacer do Sal
21.539	José Antonio Rodrigues.	Bomborral
21.172	Antonio José Barbosa Vieira.	Vianna do Castello
22.178	José Augusto Castello.	Vousella
22.459	Adelino dos Santos Cêra e Maria Rosa da Silva	Cantanhede

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA { *Emilio do Amaral Ribeiro*
Affonso Burlamaqui
Jacintho de Magalhães

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV | ABRIL 1907 | N. 4

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Chronica

...das cervejas envenenadas que não continham veneno?

Não! O assumpto não diz com a indole de *Kosmos*... Prefiro tratar da primeira viagem que a famosa *Agencia Cook* está organisando para o Brasil.

Cook, -- o homem que realmente corporificou a lenda do Judeu Errante, — morreu em 1897, com sessenta e cinco annos de edade. Seria talvez mais justo dizer com sessenta e cinco annos de... viagem; porque, emfim, a vida desse homem extraordinario nada mais foi do que uma longa e continua jornada. Dizem que, durante toda a existencia, percorreu aproximadamente oitenta mil kilometros por anno. Já foi andar!

Cook morreu, mas a sua celebre *Agencia* está viva. Não ha capital da Europa que não tenha uma succursal dessa empresa de viagens, com o nome de *Cook* em collossaes lettras de ouro na fachada, tentando e seduzindo os que gostam de viajar com commodidade e economia. De todas essas succursaes partem, em todas as estações do anno, immensas caravanas de peregrinos que percorrem o mundo inteiro, — indo admirar a formidavel agitação de Londres, de Paris e New-York, os museus da Italia, as pyramides do Egypto, as nascentes do Nilo, as minas do Transvaal, a solidão dos desertos da Arabia, as florestas da Nova Zelandia, as ruinas da velha Grecia, os valles poeticos da Judeia, a cascata do Niagara, o penacho de fumo do Vesuvio, as aguas do Bosphoro, os minaretes das mesquitas orientaes, os kiosques da China, os templos do Japão, as esteppes geladas da Russia, as margens selvagens do Ganges, — todas as bellesas, todas as maravilhas, todas as singularidades famosas da terra.

Esses viajantes da *Agencia Cook*, que se divertem e passeiam com as horas contadas, submettendo-se a horarios implacaveis, sujeitando-se á tyrannia dura dos guias e dos cicerones, que os conduzem

como automatos, não lhes dando uma hora de repouso, — teem sido sempre troçados pelo humor de todos os chronistas alegres. Ha realmente um aspecto comico em cada uma dessas levas de creaturas de sexos, idades e nacionalidades differentes, atravessando o mundo numa communhão de curiosidade e interesse, regulando o seu prazer pela vontade e pelo relogio do "cornaca" que os dirige, não se separando com medo da dispersão, como um rebanho timido que não ousa affastar-se do pegureiro, — e dormindo, comendo e divertindo-se de sucia...

E' na Italia, durante o verão, que mais perfeitamente se póde estudar o mecanismo dessas caravanas de homens-bonecos, que não confiam nunca no que lhe dizem o proprio olhar e o proprio espirito, mas unicamente no que lhes diz o guia. Em grupos cerrados, num passo calculado e certo, em marcha militar, os touristes da *Agencia Cook* atravessam as salas dos museus, inseparaveis, mudos, impenetraveis, graves, sem uma contracção na face, parando quando o guia pára, continuando a andar quando o guia prosegue. Parece que estão cumprindo um dever, uma obrigação, uma pena, uma penitencia...

E' uma escravidão, é um captiveiro voluntario. Nenhum dos «agenciados» da *Cook* póde, de motu-proprio, descançar em tal ou qual cidade das que estão inscriptas no itinerario, para satisfazer um capricho, ou para curar uma doença, ou para dar ás pernas um pouco de repouso, ou para saciar um desejo de amor... Quem pára, perde a viagem, — porque os outros não podem esperar: a Agencia comprometteu-se a mostrar-lhes tantas mil leguas em tantos mezes, tantos dias, tantas horas e tantos minutos, — e não lhes concede um só dia de quebra como não lhes poupa uma só das leguas promettidas. Não é uma viagem: é um fadario; não é um passeio: é uma lida!

Mas, emfim, nem todos viajam e divertem-se como querem, e cada um viaja e diverte-se como póde. Quem não é rico tem de se resignar a destrahir-se com pouco dinheiro: e isso explica a espantosa e sempre renovada freguezia da *Agencia Cook*. Quando acaba um desses giros economicos pelo mundo, cada um dos *touristes* tem ao menos o consolo de poder dizer que fartou os olhos na contemplação de quasi todo o planeta, e o consolo ainda maior de poder espantar os sedentarios com a narração das cousas vistas... ou inventadas, porque, emfim, nem todos podem verificar a exactidão do que contam os viajantes: *a beau mentir que vient de loin...*

Não trocemos os freguezes da *Agencia Cook!* São elles os melhores agentes de propaganda com que podem contar os paizes novos e desconhecidos. Quando chegam a um porto qualquer, correm logo, apenas desembarcam, a saquar e esvasiar as lojas em que se vendem cartões postaes illustrados. Esses rectangulos em que a photographia fixa os aspectos lindos, ou imponentes, ou sómente pittorescos das cidades, vão por seu turno correr mundo; e se muitos delles não chegam a excitar outras curiosidades, alguns sempre conseguem despertar no espirito de outros homens o desejo de vir pessoalmente comparar a gravura com a realidade, a reproducção com o original. E', para cada paiz visitado, uma propaganda efficaz e barata. E, attendendo a isso, confessemos que a *Agencia Cook* é uma benemerita, credora de gratidão dos paizes que carecem de chamariz.

Nós, incontestavelmente, carecemos de chamariz... E é, por isso, natural que a noticia da proxima primeira viagem de uma leva de *touristes* da *Cook* ao Brasil tenha despertado o interesse que despertou.

Será nos primeiros dias de julho a partida do *Byron*, em que veem os forasteiros da Agencia. Saltarão em Pernambuco, visitarão a Veneza da America; descerão na Bahia, fartar-se-hão de vatapá e de mangas; no Rio de Janeiro pasmarão diante do Pão de Assucar e diante do Corcovado, atravessarão em automoveis a Tijuca entrando pelo Andar hy e sahindo pelo Jardim Botanico, irão ao Sumaré admirar a maravilhosa creação de Casemiro Costa,

percorrerão a Avenida; depois, irão ver as docas de Santos, gozarão as paisagens grandiosas da *Ingleza* entre Santos e São Paulo, irão contemplar o monumento do Ypiranga,—e seguirão para outras terras da America do Sul, queixando-se talvez da sujeira dos carros da nossa medonha Estrada de Ferro Central, da ladroagem dos cocheiros dos nossos carros de praça, da incommodidade dos quartos dos nossos hoteis, da ferocidade dos empregados das nossas alfandegas, da inopia dos *menus* das nossas casas de pasto,—mas confessando ao menos que viram algumas cousas originaes, e reflectindo que o Brasil será um dia um grande e bello paiz quando tiver achado quem o administre com um pouco mais de intelligencia e um pouco menos de politiquice.

E atrás desses forasteiros, virão outros...

Ainda não somos conhecidos, mas já começamos a excitar a curiosidade do mundo. Ainda não é bastante, mas já é alguma cousa. O que é preciso,—e isto já se disse e já se escreveu que farte a proposito da proxima viagem do *Byron*,—é que comprehendamos que não devemos espantar a gente forasteira com as exigencias revoltantes das nossas alfandegas sempre desconfiadas, farejando um contrabandista em cada viajante e um carregamento de artigos de contrabando em cada sacco de roupa servida...

O. B.

Carlos Malheiro Dias

PAQUELLA legião de Nephelibatas que surgiu ahi por 1894 ha hoje bem grandes claros. Não que os que faltam tivessem chegado verdadeiramente a ser grandes como eram então as suas aspirações, mas porque a vida e a morte, dous poderosos agentes de transformação, foram levando a uns para o eterno silencio, a outros para a eterna lucta.

A bem dizer, o que ha hoje dessa legião que brigava com a Padaria Espiritual do Ceará e não reconhecia Zola como um pontifice de arte, é apenas a sua lembrança. Lembrança afinal saudosa e grata, mesmo á alma dos que puderam viver, porque naquelle tempo, ha apenas 17 annos, discutia-se arte, faziam-se partidos litterarios e descompunha-se, ao passo que hoje até a Mme. Fauchon desappareceu, sem deixar successor para os grandes serviços que ella prestou á litteratura nacional abrindo uma alegre livraria, não para que os Nephelibatas lessem, mas para que elles tivessem um ponto commodo, em plena rua do Ouvidor, de onde fallassem contra o Sr. Machado de Assis e o Sr. Raymundo Correia e procurassem demolir a Academia, que aliás era indemolivel, porque ainda andava na rua, exactamente como os Nephelibatas, seus figadaes inimigos.

Os que não morreram e conseguiram collocar-se na vida não alcançaram precisamente a gloria que decididamente para os homens de lettras do Brazil não passa daquella ruazinha que o Sr. Dr. Passos enfeitou e embellezou com as classicas grades do largo do Rocio e daquella ermidinha branca, muito celebrada nas noticias commemorativas da Assumpção e a que em 1894 o Sr. B. Lopes parecia tanger o *balão, balão*, dos seus versos decadistas.

Não chegaram tambem á burguezia (como esta palavra hoje é mais agradavel que em 1894!) mas distanciaram-se consideravelmente daquella nevoa azul que envolvia a sua Torre de Marfim, um minarete tão alto e tão impalpavel que ninguem jámais suspeitou que se erguia acima dos telhados da livraria Fau-

chon e do Café de Londres, dous estabelecimentos que tiveram a mesma sorte do nephelibatismo, sem graves consequencias para a patria.

E' desse tempo Carlos Malheiro Dias. E' desse tempo, mas não dessa escola. Ao con trario, foi dos poucos que conseguiram passar pela rua do Ouvidor sem pôr os olhos em alvo para aquella Torre de Marfim que no alto do Café de Londres fumegava a sua nevoa azul e que a muitos parecia simplesmente a chaminé da casa annunciando que se preparava lá dentro nova infusão de café.

Tambem não viera para a litteratura por uma simples attracção da rua do Ouvidor e daquelle cenaculo da livraria Fauchon, sempre fervente de preoccupações estheticas, ás 3 da tarde. E' possivel que, fugindo aos sonetos da rua do Ouvidor (*lêste o meu ultimo soneto?* era a phrase mais corrente no Cenaculo), Carlos Dias não conseguisse escapar aos que, á mesma hora, eram lidos diariamente na redacção da *Semana* que foi onde elle surgiu com os seus *Scenarios*. Mas ao menos lá havia recato, não se estava em plena rua, deante dos desdens da multidão e a arte tornava-se assim mais sagrada e como guardada num templo hindú, mesmo alli na rua de Gonçalves Dias, por cima de um barbeiro e com um dentista no salão da frente.

CARLOS MALHEIRO DIAS

O barbeiro e o dentista, ao menos, se não eram iniciados, respeitavam profundamente essa Religião, tão profundamente que não procuravam ver em que passavam o tempo os seus Sacerdotes. E levavam a sua respeitosa discreção a tal ponto que nem liam a *Semana*!

Assim, naquelle meio tranquillo, em que já estavam muitos dos futuros academicos, o moço escriptor ganhou vôo. Cá fóra, na Torre de Marfim, que não esperou as demolições para deixar livre a rua do Ouvidor, rosnava-se contra aquelle genio que abatêra de repente da Paulicéa arrastado por Valentim Magalhães para a gloria da publicidade e do renome.

Havia então um moço, *um novo*, que não era nephelibata?

Ninguem o acreditava e muito menos se acreditava que fóra da sacratissima escola podesse haver talento.

Mas Carlos Dias caminhava rapidamente O seu nome ficou logo retido, embora não fosse senão para o apontar como um reprobo e um renegado da geração. E caminhando com passos agigantados galgou a imprensa. Outra aberração, essa de procurar o jornal donde quasi todos os outros eram repellidos ou de que pelo menos não procuravam approximar-se. Nova dóse de animosidade, portanto, contra esse discolo que ousava agora pontificar das columnas d'*A Noticia* que não inseria os sonetos da nova geração feitos na vespera e completamente ineditos.

Um bom destino evidentemente guiava o moço escriptor. Se elle tivesse vindo mais tarde para o jornal, é certo que teria amarissimas desillusões.

Entrou, porém, sem a si mesmo ter perguntado o que era um jornal. E o resultado foi que colheu intacta uma noção que lhe teria de outro modo chegado deturpada.

D'*A Noticia* passou á *Cidade do Rio* attrahido pela luz intensa e carinhosa d'aquelle grande espirito que se chamou José do Patrocinio. Ahi ainda o perseguiu a animosidade da escola rebelde. Muito moço, em plena floração do seu espirito não poude supportar os ataques da grey innovadora e, talvez soffrendo o influxo de Patrocinio que era a acção feita combate, retaliou com vigor.

Os seus folhetins, como ainda mais tarde o seu primeiro romance *A Mulata* resentem-se desse sopro de combatividade e de violencia.

Felizmente a escola nephelibata, vindo civilisar, tinha abolido o pugilato. Depois

Carlos Dias, embora de pequena estatura, era de uma belleza quasi hellenica, os seus olhos, grandes, redondos e negros, denunciavam a não deixar duvidas uma intelligencia rara. E naquelles tempos de esthesia e de torres de marfim, tudo que fosse belleza e talento, acabava dominando a legião iconoclastica, desde que não viessem dos grandes homens de Academia.

A Mulata deu-lhe o primeiro triumpho de livraria embora entregue o romance a um editor que em Paris seria corrido á batata, se a policia por amor á ordem publica e ao bom gosto não o obrigasse a fechar a casa.

Ainda ahi, logo no primeiro capitulo, o seu resentimento contra os que tão rijamente o haviam atacado, se manifesta com igual vigor. Mas o romance foi verdadeiramente uma revelação. Para escrever-se assim aos 20 annos é preciso estar já acima da vulgaridade. Não havia ainda alli bem definidas todas as grandes qualidades desse escriptor, pode-se mesmo dizer que tudo que alli ha de Carlos Dias é ainda um ensaio. Mas é um grande ensaio eis tudo que se pode dizer. As caracteristicas de forma, de estylo, de vigor, as ideias, os conceitos são já claros, mas não constituem senão modulos provisorios que posteriormente se modificaram e completaram.

Passando a Portugal, e era lá rigorosamente que o seu espirito devia aperfeiçoar-se para se revelar inteiro, Carlos Dias recebe immediatamente a influencia de Eça de Queiroz, o immortal romancista. Longe dos Nephelibatas brasileiros, num meio em que já Eugenio de Castro abandonava as *fumisteries* dos seus *Interlunios*, Malheiro Dias poude esquecer os seus primeiros annos de tentativas e sondar essa alma portugueza tão rica e tão interessante que anda nas paginas de Eça enaltecida pela sua pena maravilhosa, entre saudades e ironias, apotheoses e ridiculos sempre com uma grande emoção e um immenso amor, tão grande amor e emoção como os que palpitam nos contos de Herculano que nunca viu e foi um reconstructor austero, por vezes severo.

Eça é tão profundamente absorvente que ha hoje espiritos que difficilmente acceitam o que não trouxer a sua maneira, aquelle seu tão limpido estylo, aquella sua forma tão perfeita e aquella incomparavel e quem sabe se inimitavel, estridula ironia.

Carlos Malheiro Dias conseguiu approximar-se do Mestre saudoso. No *Filho das Hervas* e nos *Telles de Albergaria* ha numerosas paginas seguidas que nos deixam confusos, tanto aquillo nos parece Eça, mesmo despido da sua finissima satira, desnudo d'aquelle manto diaphano de phantasia em que o autor dos *Maias* envolvia aquelle delicioso sonho do bacharel Raposo e aquella lenda de Santa Irenia.

Em Portugal ninguem negou essa semelhança de Carlos Dias com o grande romancista. Antes, deante dos seus romances, a consagração veio logo e o novo romancista foi proclamado o successor de Eça.

Este titulo já é grande aqui, deve ser immensamente maior para um espirito portuguez que sabe quanto no Brasil o seu Mestre foi adorado e como ainda hoje a sua memoria perdura entre as mais gratas memorias dos que, num meio hostil, peior que hostil, indifferente, ainda têm a loucura da arte, a cega e a dolorosa obstinação da litteratura.

Valentim Magalhães disse um dia que fôra o escriptor mais negado de sua geração; todos de facto o combateram, um pouco por culpa sua, pois Valentim não se subdividiu, senão que chegou a pulverisar-se por todos os ramos das lettras. O que não se póde hoje negar é que elle teve este merito, que não é corrente, de descobrir esse talento e lançal-o no caminho do renome e da consagração.

Carlos Dias surgiu para as lettras no Brazil e Portugal nol-o restitue hoje como uma das suas mais bellas esperanças, um testemunho ainda do seu genio e da sua poderosa vida intellectual.

O. G.

A VOLTA DA SAÚDE

(Ao Dr. J. Maximiano de Figueiredo)

Cerebro enfermo, coração descrente,
Acolhe-os outra vez, sacra montanha,
Que o claro Paquequer afaga e banha,
Num doce idyllio, numa paz dormente.

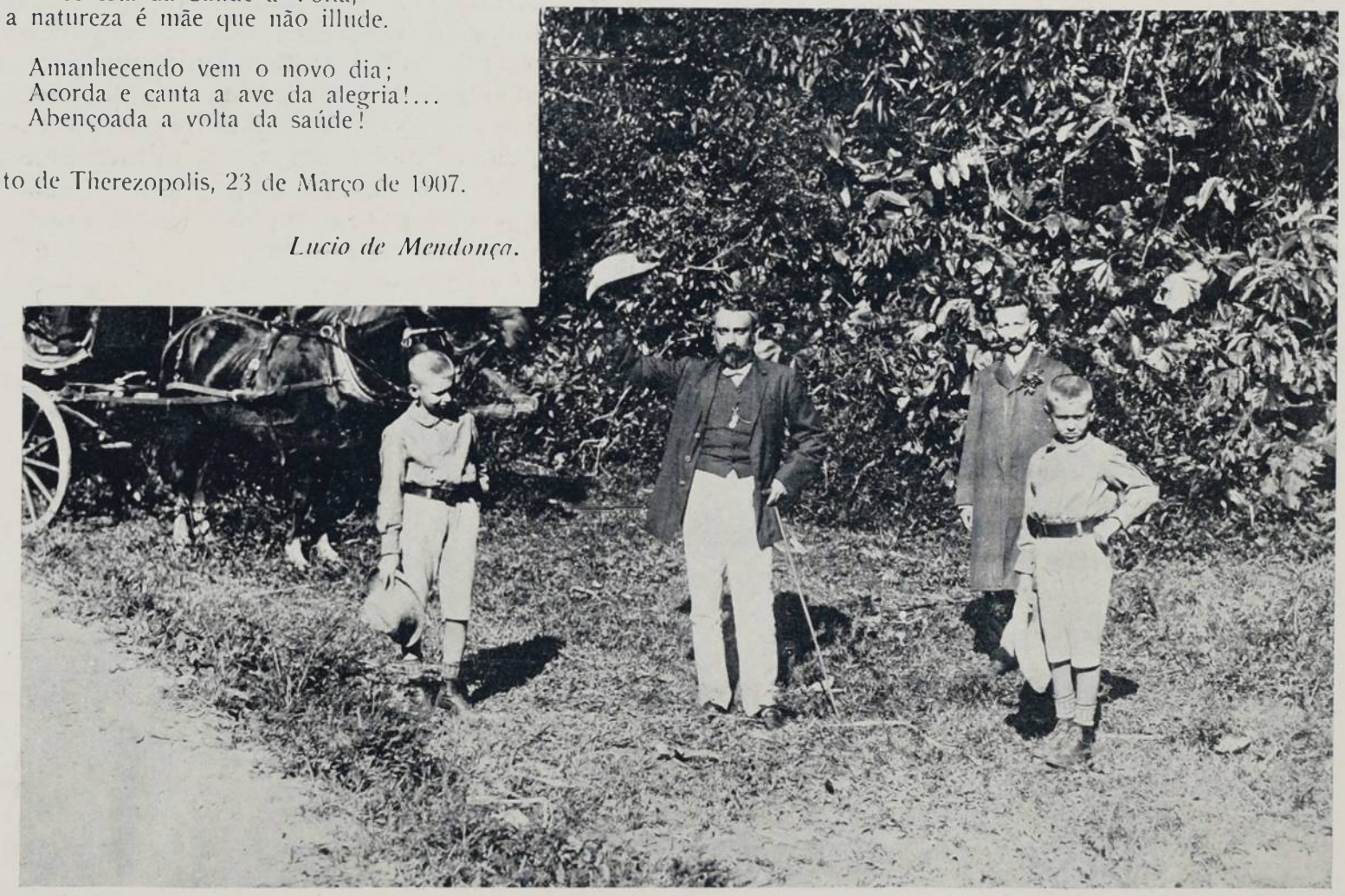
Repousemos aqui tranquillamente,
Meu pensamento; aplaca a rude sanha,
O odio, que a lucta da cidade assanha,
E que no intimo trouxe ainda fremente.

Aza da phantasia, o vôo sólta!
Chama-se esta da Saúde a Vólta,
E a natureza é mãe que não illude.

Amanhecendo vem o novo dia;
Acorda e canta a ave da alegria!...
Abençoada a volta da saúde!

Alto de Therezopolis, 23 de Março de 1907.

Lucio de Mendonça.



A vingança da Terra

II

AO outro dia saí cedo, pela manhan embriagadora de alegria e de vida. Tomara o meu aparelho de photographo amador. Veiu-me a lembrança, com a saudade, minha fiel companheira, o Lago, nome generico de um arrabalde da cidadesinha, onde lagunas diversas communicando-se entre si, e as vezes fundindo-se em uma só, formavam um vasto aguaçal com aquelle nome. Era um sitio bastante pitoresco, especialmente eleito pela gente da terra para as suas refrescatas e passeios. Para lá segui, levantando em meu caminho, áquella hora de maior animação, nessas terras que o clima faz matinaes, a mesma esteira de olhares curiosos, cochichos indiscretos e dedos apontadores. Com pouco estava na estrada larga, selvagem e quasi sempre deserta, que levava áquelle lugar. A cada passo as recordações acudiam-me em tropel, aformoseadas por muitos annos de saudades. Parecia-me de novo reconhecer, como velhas amigas, com prazer e pena encontradas, as arvores, a paizagem, este ou aquelle trecho mais singular do caminho, as casinhas de palha disseminadas de espaço em espaço entre o arvoredo. A propria gente humilde e miseravel que as habitava, não se me affigurava, na sua feição commum, em todos apparentemente igual, de povo de uma mesma classe e condição, já tão extranha. Uma grande benevolencia despertava em mim para tudo aquillo; tudo me parecia interessante e bello; tudo agora me encantava. Achava a natureza, nua de homens, na sua eterna indifferença igual e sem proposito, menos antipathica do que a cidade curiosa, bisbilhoteira e desdenhosa.

Com pouco, a um dos lados do caminho estreito e arenoso — pois a estrada larga ficára atraz — abriu-se a rala cortina do matto, e um lençol dagua clara, coberta em lugares de vegetações aquaticas, appareceu aos meus olhos, numa risonha paizagem, banhada da luz e da frescura da manhã incomparavel. E ali, mettida na agua parada, até quasi acima do joelho, com a saia de chita desbotada, alvadia, arregaçada e segura entre as pernas apertadas, o cabeção aberto, os braços arremangados desde perto dos hombros, uma mulher lavava, em plena agua, uma peça de roupa alva como os jasmins do raminho preso nos seus cabellos negros e reluzentes, logo acima da orelha breve. A que annos não via eu scena igual! Ao ranger dos meus botins, ella ergueu o busto e voltou a cabeça. Era moça e bonita, da belleza luxuriosa da sua raça, meia estatura, cheia, carnes duras, ligeiramente douradas naquelle momento pelo sol, grandes olhos negros e humidos, boca sensual de labios fortes, testa curta, encimada por uma farta madeixa muito negra, orelhas miudas e nariz pequeno, mais afilado que de commum na sua gente, a tez moreno pallido das mamelucas. Não distingui bem a impressão que lhe causei, mais de indifferença talvez que de espanto; apenas uma apagada surpreza de ver ali um desconhecido. A minha, não o esqueci ainda, foi grande; senti palpitar-me o coração, e o estremecimento de um sopro fugaz de volupia. Os seios duros da donzella — affigurou-se-me que o era — levantavam o seu cabeção curto, que, decotado, descobria-lhe tambem o collo liso, cheio de tons quentes, deixando a ver numa meia nudez tentadora. O peccado de salto e feroz empolgou-me o espirito. A' moda da terra disse-lhe: Bons dias! Ella, indifferente, respondeu-me: Deus lhe dê bons dias. E não achei mais que dizer-lhe. Si ella fosse uma coquette teria percebido a minha commoção. E, embatucado, depois de um momento de silencio reciproco, em que ella distraiu-se expremendo com suas mãos pequeninas e fortes a agua de uma peça de roupa torcida entre ellas, tratei-a de senhóra, como se estivesse num salão com uma dama: — A senhóra deixa-me tirar esta vista — como se eu precisasse de licença para photographar a paizagem sem dono. Creio que me não entendeu; foi de ignorancia a sua expressão. Embaraçado e confuso, como um acanhado donzel de quinze annos, eu ia entretanto dispondo o meu apparelho. Divisei-lhe no rosto tornado serio e mesmo levemente carregado, uma expressão resabiada.

Dias depois voltei ao lago, levando uma prova da photographia que, por felicidade, saíra excellente. Não me custou a dar com o sitio, onde se me deparara a gentil lavadeira. Nem eu precisaria da imagem que tinha no bolso para reconhecel-a; tinha-a exactamente gravada na lembrança e, não sei porque, illuminada de uma vaga saudade. Nesses dias, mais de uma vez, a recordação dessa insignificante aventura misturara-se com uma indefinivel sensação de doçura, á melancholia da minha estada ali. O caminho que me levava era aliás direito, sem errada possivel. Desta vez, porém, estava deserto o sitio do nosso encontro, mas não abandonado, que se viam roupas corando ao sol, sobre as baixas moitas de grammineas do lugar. Reparei então

que na rala capoeira fronteira á bacia ou lagôasinha ali feita pelo lago, abria-se um caminho. Ao cabo delle, e através da mataria escassa, lobrigava-se uma habitação humana, uma choupana de folhas de palmeiras, de palha como ali dizem, que da primeira vez, na commoção da surpreza do encontro, me tinha escapado. Metti-me por essa picada, não sem alguma cousa da mesma commoção, como de mim mesmo notei surpreso e confuso. Era um minuto, ao fim delle estava no terreiro limpo da palhoça, onde duas mulheres labutavam nos serviços caseiros: Era uma justamente a formosa rapariga do meu delicioso encontro do outro dia. Responderam á minha saudação sem alvoroço, graves e calmas, com a indifferença do seu genio, legitimada no seu caso pela frequencia e sem cerimonia com que quantos por ali acertavam de passar se abeiravam da sua casa para um informe, uma «gota d'agua», segundo o modo local de a pedir, o fogo para o cigarro, um pouco de descanço á sombra do copiar ou, si conhecidos, uma conversa. Para justificar a minha presença, pedi agua. A mais idosa das duas mulheres mandou á mais nova que m'a desse, chamando-lhe Rosalina. E como esta não viesse logo, e eu estivesse ainda fóra da especie de alpendre que sob o nome indigena de copiar é o appendice abrigado daquellas miseraveis habitações sertanejas, ella convidou-me com primitiva simplicidade: — Entre, se assente, a aceitar o agasalho da sua casa. O assento era um grosso tronco de madeira daquellas mattas. Mal me havia eu nelle abancado, veiu do compartimento unico que me pareceu ter a choupana Rosalina, trazendo-me agua numa cuia rebrilhando de preto. Tomei-lh'a da mão com muitos agradecimentos e emquanto bebia mirei-a a meu gosto. Que deliciosa criatura, ali com o seu geito e naquella sua natureza de semi-selvagem! Já a photographia me dera ensejo de lhe estudar por miudo a formosura, rude, mas encantadora nas suas feições primitivas. A vista agora me confirmava a impressão. Restituindo-lhe a sua linda cuia preta, perguntei se não se lembrava de mim. Entre vexada e risonha, respondeu-me que eu era o moço que lhe falara outro dia na fonte e que tinha uma machina. Tirei então do bolso a prova photographica e, sem dizer nada, mostrei-lhe. Foi de um assombrado e ditoso contentamento a sua impressão, manifestada num riso aberto, mas sem ruido, em que os seus alvos dentes mostraram-se todos, illuminando-lhe a physionomia de uma grande luz de prazer. A mãi (entendi que era a mãi) acudiu, e num gesto identico, porém com muito menos alvoroço e graça, soltou, erguendo as mãos um: — Ah! pudéra!... de admiração e de gosto, que bastaria á minha vaidade de photographo amador, si eu a tivesse. Foi para ambas uma festa. Não se cançavam de olhar a photographia, da qual não se despregaram por longos minutos os seus olhos. Rosalina, era evidente, achava-se bonita, compraziu-se em ver-se, mirava-se ingenuamente com amor, sorrindo á primeira imagem que, acaso, de si via, fora do seu espelhinho de pacotilha ou da agua da fonte vizinha. Por conversar, perguntei-lhes ociosamente se achavam bom, se estava parecido, se gostavam. Só a mãi respondeu, mas os olhos da filha diziam mais que o tartamudear da palavra della. Vi o desejo que tinham de possuir a prova. — Si nh'avó visse... murmurára Rosalina cubiçosa. Disse-lhes que lhes traria outra melhor, já collada em um cartão, que poderiam suspender da parede. Era talvez menos pelo desejo de lhes ser agradavel que por ter um pretexto para voltar ali. Eu sentia-me tão só!...

Perdido com este incidente o primeiro acanhamento, e Rosalina sempre com os olhos fitos na photographia, entrou a mãi della a falar comigo. Por satisfazer a sua vaga curiosidade, repeti-lhe a minha historia do boticario, accommodando-a ao seu curto entendimento. Mostrei-me tambem interessado por ellas, pela sua vida, pelo lugar, interroguei-as sobre as cousas daquelle pedaço de terra, gabei-lh'o com sentimento e sinceridade. Rosalina escutava-nos muda, queda na contemplação ingenua do seu retrato, do qual uma ou outra vez retirava os olhos voluptuosos para fixal-os, com uma expressão levemente carinhosa, em mim. A mãi acabou por me fazer tomar do seu café, segundo o rito nacional, e eu tornei á villa repetindo-lhe a minha promessa de levar-lhes o retrato.

E voltei encantado, sob a impressão indecisa ainda mas doce de que me não achava já tão só, e, como um civilizado sentimental, enfarado da civilização, achando delicioso aquelle contacto com essa gente rude, ingenua e boa.

Mau grado meu não me saía do sentido a encantadora figura de Rosalina, a sua formosura calida e tentadora. No meu desalento, na especie de acédia que ha um anno se apoderára de mim, e que repetindo-se em periodos incertos, me fazia fugir á minha propria existencia, ao incommodo de viver em que o isolamento que as circumstancias e o meu mesmo espirito me criavam um pouco por toda a parte, e que a soledade da terra natal exacerbára, passou-me indeciso na imaginação o pensamento de amar aquella rapariga e de ser della amado, de um amor animal, mas inteiro e absoluto, em que me perdesse e

absorvesse como o budhista no seu Nirvana. Era uma fórma de procurar o Nada, como qualquer, e para um sensual como eu, mais deliciosa; um suicidio sem morte do individuo. Não ouvira eu tantas vezes contar de estrangeiros, e até de patricios, de educação e posição social, que vindo aquella mesma região, por ali se tinham deixado por longos annos e até de vez ficar, esquecendo patria, familia, civilização, seduzidos e empolgados por aquella vida livre e facil, adorados como seres superiores por uma daquellas mulheres, amorosas e fiéis como cadellas?

Prompta e cuidadosamente collada num cartão a nova prova, no outro dia, logo cedo, parti para o lago. Encontrei lavando a roupa á mesma beira delle mãi e filha. Houve já mais alvoroço, mais familiaridade e desembaraço no encontro, e uma curiosidade satisfeita nos olhos de Rosalina. Sairam de dentro d'agua onde lavavam meio molhadas, saias e mangas arregaçadas e abeiraram-se de mim. Dei-lhes a photographia, e a sua expressão de contentamento foi ainda, em Rosalina principalmente, grande, embora pouco ruidosa. Dali fomos para a choupana, onde estava a avó, que nessa manhã recolhera de um sitio proximo, do filho mais velho. Era uma mulher de mais de sessenta annos, de cabellos todos negros, ainda forte na sua magresa. Rosalina correra na frente, com a alegria de uma criança, levando-lhe o seu retrato. A velha mirava-o em extases, embasbacada, quando cheguei e saudei-a. Respondeu-me bem, mas sem muito attentar em mim, disfarçando a sua ceremonia com o estranho na contemplação do retrato da néta.

Entrei a conversar mostrando um album de photographias de outros lugares, algumas já d'ali mesmo, por mim feitas. Chegou dahi a pedaço o filho mais velho, mostraram-lhe o retrato, que apenas passageiramente o interessou. Fiz-me seu camarada, dei-lhe charutos e cigarros e elle levou-me a passear por aquelles arredores. Minha alma angustiada, agora mais repousada por aquella camaradagem matuta, achou nessa digressão um infinito contentamento. Eu tivera sempre, e conservava, um grande interesse, uma viva curiosidade, como um fetichismo bairrista, das cousas de minha terra. Aquelle matuto era um pouco mais loquaz que os seus parceiros. Assaltei-o com perguntas, e elle me respondeu sempre de boa vontade. Levou-me á sua casa, pouco melhor era que o casebre da mãi, e a sua gente tinha a mesma rustiquez e simplicidade que a desta.

Os dias que ainda me restavam a passar na cidade pezavam-me como um castigo. Era o mesmo dos primeiros o meu isolamento. Eu percebia vagamente que começava a dar que falar ás linguas maledicas, abundantes sempre nas terras pequenas. Passeios solitarios, uma estação diaria, mas curta, no boticario, eram todo o meu divertimento, e, começava a arrepender-me daquella visita á terra natal, não obstante procurar disfarçar o exacto motivo que me levara a ella, a amargura da minha vida isolada e melancolica, com o motivo piedoso de visita aos meus pais mortos. O unico refrigerio eram os passeios frequentes ao Lago. Familiarizara-me com aquella gente simples e ella comigo. Levei-lhes uns mimos sem valor, que me acabaram de lhes conquistar as boas graças. Tomava ás vezes parte nas suas parcas e ensossas refeições, e a minha lhaneza, aliás estudada, os captivava. Entre Rosalina e mim se fazia uma camaradagem deliciosa e desassombrada de qualquer suspeita dos seus — descuido natural num meio em que as uniões regulares eram a excepção. Saberia ella o que era amor? Quem sabe? como elles lá dizem. Pouco a pouco eu sentia-me prender áquella vida da natureza, facil, descançada, em que o esforço parecia abolido, deslizando com o desembaraço daquelles regatos sobre as areias macias e unidas dos seus leitos sem estorvos. O peior era que eu não descobria em mim energias para resistir-lhe; ao contrario, como o mancebo dos contos da Uyára, que lhes ouvira, me deixava ir sem vontade mas sem resistencia tambem, gostoso da delicia do arrastamento, levado pela corrente. Sem maiores deveres fóra dali, só no mundo, não seria melhor deixar-me por lá ficar, na segurança daquella affeição simples, daquelle amor inteiro, daquelle repouso perenne da alma e do corpo? Rosalina podia não saber o que era amor, nunca entre nós se trocara uma palavra que m'o deixasse perceber, mas que ella me adorava ou estava prompta a adorar-me, quando eu quizesse deixar-me adorar, era para mim evidente. Que me importava o mundo e seus juizos? Não estivera eu uma vez a ponto de suicidar-me? Era uma solução como o suicidio, apenas menos tragica, e, o que talvez inconscientemente lisongeava a minha vaidade morbida de artista já celebrado, numa forma rara.

E deixei-me ir na seducção daquella vida e destes pensamentos. A nossa intimidade já era grande, sem que entre nós se houvesse trocado uma palavra ou um gesto de amor, a não serem os mudos, mas eloquentes, dos nossos olhos, ou das intenções que naturalmente, sem estudo, punhamos nas nossas maneiras e palavras.

Um dia, com a cumplicidade provocadora de um quasi anoitecer a sós no matto, de

volta de um passeio mais longo, numa tarde em que a frescura humida da floresta e o desprender dos seus aromas penetrantes e das suas vozes mysteriosas, punham em torno uma voluptuosidade de paraiso, ousei um gesto e umas palavras de amor. Rosalina não me repulsou, toda a sua avelludada pelle morena enrubesceu, seus olhos se humedeceram de lagrimas, que não eram de pesar, as mãos que ella deixou nas minhas, esfriaram, mas corresponderam ternamente á minha pressão. Todavia, languida de amor, ella gritou resolutamente, após um rapido momento de abandono, no fim do qual se desvencilhou de mim, decidlda e doce:—Não, não; tu não és d'aqui, tu te vais embora e me deixas. E correu como uma veadinha arisca atravez do bosque em direcção da casa, deixando-me só.

Aves nocturnas, tristes e agoireiras, começavam a elevar o seu piar melancholico, e em algumas tétrico. do seio da noite, de repente fechada na mata. Com o coração opprimido, eu cheguei ao casebre da mãi de Rosalina. Ouvi que lá dentro rezavam o terço, augmentando com a sua cantilena tristonha a tristeza infinita da natureza em volta e a da minha alma, que era maior.

Vagaroso e esmorecido recolhi á villa e no outro dia deixei-a para sempre, ainda mais acabrunhado do que lhe chegara, sentindo com uma dor profunda e inacabavel, a sensação quasi materialmente dolorosa, que a minha terra vingava-se do meu abandono, rejeitando-me de si.

João Barroso.

A gruta de Camões

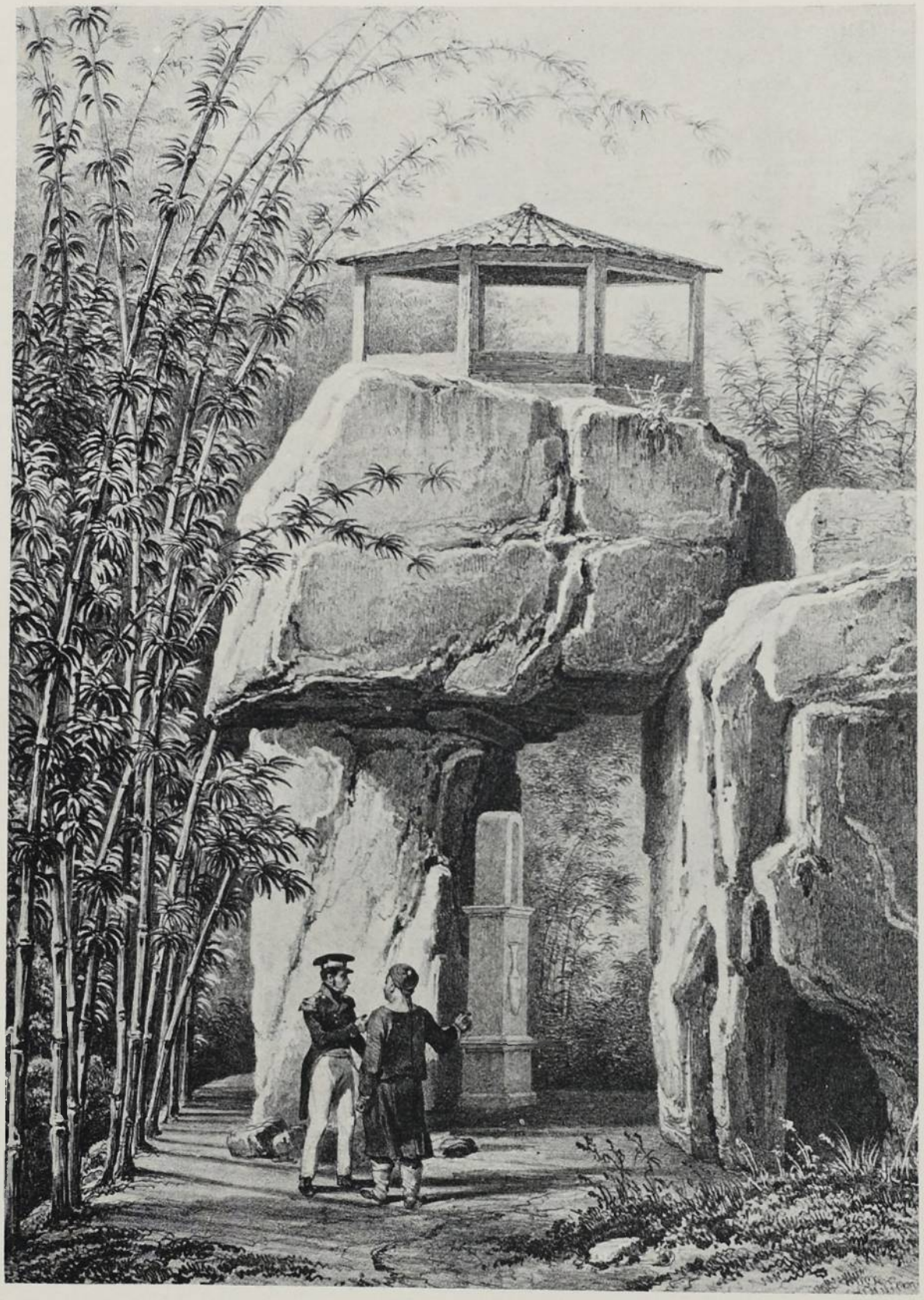
NO JARDIM DO SR. PEREIRA EM MACÁU

A mais notavel e interessante curiosidade de Macáu, pela natureza das recordações que disperta, é a gruta cavada n'um rochedo, em cujo cimo fizera, em certo tempo, um original inglez construir um mirante, donde se desvendava a enseada, e parte do porto de Typa, povoado de bateis toldados de palha entrançada, de barcas que conduzem sal para Cantão, e dos *juncos* de guerra, em cujos mastros curtos e grossos, tremulam bandeirolas de vinte côres diversas, enfileiradas em torno do junco-almirante, distincto pelo pavilhão amarello, guarnecido de dois bastões de mandarim.

No concavo deste rochedo, que fórma como o que uma arcada de paredes quasi a prumo, inflammado no mais puro amor da patria, compoz o insigne poeta Luiz de Camões, o Tasso portuguez, parte do immortal poema dos Lusiadas, unico thesouro salvo por elle do furor das ondas, e o mais perduravel monumento dos heroicos feitos dos seus compatriotas. Nessa gruta se refugiava o amante infeliz, o guerreiro intrepido e desvalido, o poeta philosopho e esquecido, o viajante observador e naufrago, o homem, finalmente, cuja gloria só podia ser igualada pelas suas desventuras,; que não movido de premio vil, mas prevendo, de mui longe, que sua lyra seria mais afamada, que ditosa, ergueu até as estrellas o pregão do seu ninho paterno; e, confiando sómente na justiça da posteridade, expirou com a patria, ao annunciarem-lhe o fatal exito da batalha de Alcacer-Kibir.

Ahi por ventura saudades da sua Nathercia vieram provocar as lagrimas do homem affeito a contemplar impassivel o espectaculo das pelejas, e a supportar resignado o peso do infortunio.

Ainda hoje quando o forasteiro examina o interior desse rochedo, todos os objectos que ahi encontra lhe infundem tão religioso respeito como si a alma do grande poeta jámais se houvesse apartado da lapa, confidente dos seus amores e de seus mais intimos pensamentos.



A gravura acima tomámol-a de emprestimo ao *Journal de la navigation autour du Globe*, de la Frégate la THÉTIS et de la Corvette l'ESPERANCE, pendant les années 1824, 1825 et 1826, publié par ORDRE DU ROI, sous les auspices du DÉPARTEMENT DE LA MARINE, par M. le BARON DE BOUGAINVILLE, Capitaine de Vaisseau, Chevalier de Saint-Louis et de l'Ordre des Cincinnati, Commandant de la Légion d'Honneur, CHEF DE L'EXPEDITION. Paris. Arthur Bertrand, Editeur, Libraire de la Societé de Géographie, rue Hautefeuille, 23. M DCCC XXXVII.

A gravura, bem como os breves esclarecimentos que a acompanham, foram-nos gentilmente cedidos pelo Dr. Pires de Almeida, e fazem parte do seu precioso e escolhido acervo litterario e artistico.

R.

BORDEAUX

ERA um dia quente de julho. No ar de fornalha da manhan ensolarada, os campos ainda verdes se extendiam a perder de vista, cultivados e retalhados em desenhos geometricos, raramente enfeitados de algumas arvores. A cada curva da estrada elles verdejavam ao longe, sem montanhas no horizonte, sem elevações nem declives, sempre eguaes, sempre repetidos, sempre monotonos, perdendo assim o encanto das paizagens que nos dão a illusão de que fogem, — como as figuras immoveis vistas atravez de um phenakistiscopio. E o trem rodava vertiginosamente fugindo de Paris, n'uma pressa de quem sabe que volta, como dizendo á cidade que para traz ficava: — «Eu vou correndo assim parar egressar mais depressa...» As paizagens são como os homens: quando mediocres passam despercebidas. E o homem, no seu eterno e louco desejo de dominio sobre a natureza, que o leva a escalar as montanhas, a affrontar os mares, a descer aos abysmos, a fingir de aguia voando em balões no ar, em vez de se sentir satisfeito olhando as terras que nada têm de soberdo, e antes humildes são como mendigos, experimenta uma tristeza misturada de desdém pelo adversario de quem tão facilmente triumpha, — e deixando a portinhola mergulha na leitura de um livro, de um jornal, de uma revista, ou fecha os olhos para dormir e esquecer. No caso contrario, quando a natureza surge na pompa de seu esplendor e força, só um cego não sentirá entrar-lhe n'alma este veneno mysterioso das sensações avassaladoras, este beijo doce e cruel da alma das coisas, musica e perfume ao mesmo tempo. Quem poderá pensar em outra coisa, senão no que tem deante dos olhos, — navegando no Amazonas, entrando no Rio de Janeiro, subindo a serra dos Orgãos, vagando na doçura e na quietação de Cintra, contemplando o Mediterraneo ou galgando um pico dos Pyreneus? Visa á força dominadora! Antes um leão do que uma vibora, antes o Vesuvio do que uma caixa de phosphoros. Salve, a natureza poderosa! Si é lei humana cahri vencido, antes cahir vencido por um gigante. E emquanto o expresso roda em direcção a Bordeaux, adormeçamos ou leiamos um livro leve cujos pensamentos fujam como as voltas do caminho...

Bordeaux, uma das primeiras cidades da França... Parece uma grande coisa isto dito assim. Uma das primeiras... Portanto logo depois de Marselha e Lyon. Mas a centralisação na Europa ainda põe entre as capitaes e as demais cidades uma distancia tão grande como a que ha entre um pae illustre e um filho recem-nascido. Bordeaux é uma das mais importantes cidades da França, mas apezar das seis horas de distancia está tão longe de Paris como a Victoria do Rio de Janeiro. E' verdade que essa importancia de Bordeaux na costa de França é mencionada apenas nos guias e nas geographias, justamente nos livros em que os auctores só levam em conta o numero de habitantes, a area da cidade, a séde d'esta ou d'aquella instituição, os homens illustres de quem a terra foi berço, e outras coisas assim insufficientes e relativas. Ora, uma cidade se destaca entre as outras

pela sua cultura, pelo seu estado de civilisação, pela commodidade que offerece aos seus habitantes e aos estrangeiros. E em Bordeaux não ha um hotel de primeira ordem, os bondes são máos, o serviço de lanchas é pessimo, os calhambeques que rodam nas ruas parecem dos tempos primitivos, as lojas são pobres, provincianas, burguezas, as livrarias... Oh! as livrarias...

Quando um brasileiro passa na Bahia estima que os estrangeiros não desembarque por causa da sujeira da cidade baixa e para que elles não vejam as obscenidades escriptas e pintadas nas paredes do elevador,—tal e qual como nos muros de Madrid e de Paris e na platibanda da Torre Eiffel... Resta-nos a consolação de que Bordeaux é tão sujo como a Bahia, e que ha em Bordeaux uma viella chamada *Rue Rose* que é o becco mais immundo d'este planeta e dos outros.

O carro, sahindo da *place de la Comédie*, onde se ergue o Theatro, entrou na rua de Santa Catharina, animada e movimentada, seguiu até a de Alsace-Lorraine, entrou na praça Pey-Berland em frente á cathedral de Santo André, um bello monumento gothico. O Museu, pequenino e modesto, merece entretanto uma visita demorada. Quasi todos os grandes nomes estão lá representados: Holbein, Murillo Tiziano, Salvator Rosa, Rubens, Snyders, Veronese, Téniers, Bruleghel, Vasari, Delacroix. Na galeria de esculptura admira-se

uma colossal estatua de Luiz XVI. O carro deu umas voltas, dobrou esquinas, atravessou praças e entrentou com uma curiosa porta que fazia parte do antigo Hotel de Ville. Na praça do Mercado Novo surge a construcção da Egreja de S. Michel, em gothico do

seculo XII, notavel na parte exterior por formosas esculpturas representando o *Nascimento de Jesus*, a *Adoração dos Pastores*, o *Sacrificio de Abrahão* e a *Apparição de S. Miguel ao bispo de Siponto*. Defronte, dentro de um pequeno jardim, sobe, esguia, e alta de cento e oito metros, a torre de S. Miguel. A sua grande curiosidade é a crypta, onde estão expostos cadaveres mumificados. E' um espectaculo burlescamente macabro, funebre, fantastico, inolvidavel, vêr por cincoenta centimos todos os diversos rictus da morte no fundo de um subterraneo... A praça da Bolsa, ornada com a *Fonte das Tres Graças* conduz á de Richelieu, onde ha uma bella estatua de Sadi-Carnot, e esta á de *Quinconces*, a maior e a mais bella, com monumento commemorativos ao commercio, á Navegação e aos Girondinos, e estatuas de Montesquieu e de Montaigne. As *allées d'Orléans*, o *cours XXX Juillet* e a praça da Comedia são os logares mais alegres da cidade durante a noite.

Cours de l'Intendance. — C.

Em vez da affirmação combativel de que Bordeaux é uma das principaes cidades da França, os guias deviam dizer que é uma das suas cidades mais interessantes, mais curiosas, mais merecedoras de uma visita demorada e conscienciosa. E' agradavel ir ás *Arènes* vêr as ruinas do Palacio Galliano, o parque, — e do outro lado do Rio ir assistir á construcção dos grandes couraçados, — o que é extremamente difficil de conseguir. Mais facil é percorrer ao longo dos cáes os immensos armazens de vinho em que milhões de pipas esperam embarque.

A situação de Bordeaux, á margem do Garonna, é lindissima. Quando o trem se approxima, surgem ao longe as torres das egrejas, o casario que margina o posto, os veleiros e os grandes transatlanticos já de proa virada para o oceano. As vastas pontes lançadas sobre o rio, ligando as duas margens, parecem á hora indecisa do crepusculo, infinitas serpentes estiradas no caminho. Quando o vento é favoravel ouve-se, vindo da outra banda, um rumor de martellos gigantescos batendo pregos colossaes: são os operarios preparando a carcassa de um navio. As construcções dos estaleiros lembram forjas cyclopicas; e para dar uma impressão violenta de fabula, n'essa quente noite de julho rebentou um furioso incendio n'um barracão de vinhos. Ao principio, visto da janella do hotel, o fogo parecia ser dentro da cidade; depois, como os bombeiros passassem para os lados do porto, todo mundo os acompanhou. Era realmente do outro lado: rubras chammas crepitavam, subiam, retorciam-se como mordidas de raiva, devoradas pelas proprias linguas envenenadas, ébrias da loucura fantastica do fogo. Os bombeiros atravessavam as longas pontes que trepidavam, as machinas silvavam, os sinos bimbalhavam, as lanchas guinchavam, os grandes vapores mugiam, e sob o céo todo vermelho, essas vozes brutas e desencontradas eram como o desespero da Terra vencida, do trabalho perdido. Entretanto as labaredas augmentavam, ficavam mais espessas, quasi negras na base, pesadas e tumidas, e no alto transparentemente escarlates e aladas. Os bombeiros chegaram, deram a primeira investida; mas o fogo subiu mais alto, gritou mais forte, triumphou mais orgulhosamente. Defronte o rio estava vermelho, como si golfadas de sangue manchassem a agua. O estalido das labaredas parecia risos de mofa, e o estalar das cumieiras abatendo era como rijas vozes de commando, — a voz poderosa da natureza abafando o balbucio do homem, a voz selvagem das coisas brutas e inconscientes, a voz do fogo, da chamma victoriosa que sahindo de entre barris como um rato, subia para o cèo como as aguias e os pensamentos.

Madrid — Março — 1907.

THOMAZ LOPES.

TIRADENTES

E

OS PRECURSORES DA INDEPENDENCIA NACIONAL

O feito assignalado de 7 de Setembro de 1822, resumido sociologicamente na figura excelsa do grande José Bonifacio, foi empirica e espontaneamente preparado por tentativas precursoras, mais ou menos completas, lobrigando parte ou a totalidade do problema, que teve afinal a sua solução relativa naquella data memoravel.

Applicando aos phenomenos historicos o mesmo criterio scientifico que se applica aos attributos mais simples do mundo e da vida, constata-se, com o maior pensador de todos os tempos, que a sociedade humana evolue segundo duas correntes parallelas: a da confraternisação religiosa, caracterisada pela unidade cada vez mais cohesa de sentimentos, convicções e costumes, e a da independencia politica, manifestada pela fragmentação das grandes nacionalidades e subsequente formação de pequenos estados.

Manter no Planeta Patrias politicamente independentes, como o são as familias em cada Patria, e moral e intellectualmente congraçadas pelos mesmos principios espirituaes, pela mesma Fé, pela mesma Religião, é o fim ultimo da longa, penosa e admiravel evolução do grande organismo social.

Os corações generosos e os espiritos superiores, que em cada momento historico contribuem para a realisação daquelle supremo ideal, são orgãos eminentes da nossa especie, grandes typos, heróes, e'eitos da Humanidade. Chamam-se Guilherme de Orange e Kosciuzco, Washington e Bolivar, José Bonifacio e Tiradentes. Entre estes paladinos da liberdade é Tiradentes aquelle que resume os precursores da nossa indedendencia, cujos primitivos germens se foram desenvolvendo desde que o Brasil se mostrou capaz de viver só, de formar uma nova patria.

De facto, com o triumpho sobre as armas da Hollanda, graças ao concurso, por assim dizer exclusivo, dos brancos, negros e indios domiciliados no Brasil, filhos da nossa terra, sem auxilio da metropole, que vivia em guerra com a Hespanha, a nacionalidade brazileira formara-se espontaneamente.

A primeira batalha dos Guararapes, travada a 19 de Abril de 1648, em que as tres raças constitutivas do povo brazileiro foram dignamente representadas por Fernandes Vieira Henrique Dias e Filippe Camarão, marca a victoria decisiva de uma verdadeira nação contra o estrangeiro invasor. O Brasil se tinha assim realmente emancipado mostrando-se capaz de manter-se independente de qualquer tutela; repellira o hollandez depois de muitos annos de lutas heroicas; expulsára e ia expulsar ainda hespanhóes e francezes; era forte bastante para, no momento preciso, livrar-se do dominio portuguez. Os primeiros movimentos contra esse dominio oppressor iam breve começar, preparando o feito decisivo e immortalisando uma galeria de heróes.

Nestes distinguem-se os que concorreram directamente para a independencia politica, lutando pela separação da metropole, e os que indirectamente por ella trabalharam, sem talvez mesmo o imaginarem, aspirando á independencia industrial pela liberdade da lavoura e mineração, da manufactura e do commercio.

Entre os ultimos figuram os revolucionarios de S. Luiz do Maranhão, em 1684, os de S. Paulo, em 1708, os de Olinda de Pernambuco, em 1710, os de Minas, em 1720. Entre os primeiros avultam os inconfidentes de Villa Rica, de Minas, em 1789 e os de Pernambuco, em 1817.

A rebellião de 1648, conhecida pelo nome de *revolta de Bequimão*, resume-se nesse admiravel Manoel Bequimão, que do alto da forca, em 2 de Novembro de 1685, declarava morrer contente porque morria pelo Maranhão. A de 1708, que constitue a *guerra dos Emboabas*, celebrisou-se com a victoria e sacrificio dos paulistas, commandados por Domingos Monteiro. A de 1710, denominada *guerra dos Mascates*, tem como typo representativo o denodado Bernardo Vieira de Mello que pagou nos segredos do Limoeiro o crime de sua dedicação á patria pernambucana. A de 1720, conhecida pela denominação de *revolta contra as casas de fundição*, é symbolisada por Felippe dos Santos, o rebelde exaltado, que soffreu o incomparavel martyrio de ser esquartejado vivo por ordem do conde de Assumar. A de 1789, a celebre *conjuração mineira*, synthetisa-se no mais eminente dos revolucionarios brazileiros, o incomparavel Tiradentes. A de 1817, conta como principal figura, conductor e instigador do levante, o ardoroso Domingos Martins.

A revolta de Bequimão, a guerra dos Emboabas, a guerra dos Mascates, a revolta contra as casas de fundição, tiveram como principal ou unico objectivo a liberdade industrial contra o jugo oppressor da metropole, que provocava animosidades profundas entre os naturaes do paiz e os filhos do reino. A conjuração mineira e a revolução de 1817 arvoraram como bandeira a independencia politica. Em todas, no emtanto, ha uma aspiração commum—a conquista da liberdade.

E' claro que esta aspiração não podia comportar em 1684 a mesma forma que em 1789 e 1817.

Os échos da revolução ingleza não tinham repercutido nas plagas sul-americanas. Estavam em elaboração os sublimes ideaes que se deviam condensar na famosa encyclopedia do seculo XVIII. Os grande demolidores do velho regimen e os ainda maiores constructores dos tempos novos não haviam surgido. Voltaire, Rousseau e Diderot não tinham nascido.

Bequimão, apezar de «cidadão de S. Luiz» como bem lhe chama João Lisboa, era portuguez de nascimento; naturalmente tinha apego á mãe-patria. Além disso, admittia a escravidão, erro de que, não deve ser muito accusado quando se sabe que um seculo mais tarde era victima delle o grande Washington.

Entretanto a expulsão dos jesuitas do Maranhão, que aliás defendiam a liberdade dos indios, foi uma tentativa em favor da medida necessaria que 75 annos mais tarde Pombal realisaria, preludiando e preparando a explosão de 1789. Rebellando-se contra o monopolio do estanco e o jesuitismo, depondo os representantes desse duplo poder, o martyr maranhense minava a influencia da metropole e preparava a liberdade industrial da sua terra, precursora da independencia politica.

Domingos Monteiro recorda o drama sangrento do Rio das Mortes em que o paulista audacioso defendeu a integridade do seu territorio contra os assaltos do forasteiro emboaba.

Bernardo Vleira de Mello, o heróe pernambucano, esse queria a republica, mas a republica *ad instar dos venezianos* (1), logo uma republica aristocratica, um estado olygarchico, inteiramente contrario ao verdadeiro ideal republicano, assignalado mais tarde na phase organica da Revolução Franceza, segundo a licção dos encyclopedistas.

A influencia, pois, de Vieira de Mello, a figura mais saliente da guerra dos Mascates, limita-se ainda á de lutador em prol da liberdade industrial, asphyxiada pelos filhos do reino, tanto mais quanto o seu proprio ideal de separação com a formação de um governo de republica medieva não foi acceito pelos revolucionarios de 1710, que só se bateram contra o jugo despotico do governador da capitania de Pernambuco.

Filippe dos Santos, com mais razão ainda, é um paladino das idéas de emancipação puramente material. Elle e os companheiros de 1720 revoltam-se contra os oppressores encargos que traziam para o brazileiro contribuinte as famosas casas de fundição. O crime hediondo do conde de Assumar foi que tornou maior o prestigio civico do martyr mineiro.

(1) Codeceira. — *A idea republicana no Brazil*, pag. — Cattolino.—*Pernambucanos illustres*, pag. 104.

Só em 1789, graças á influencia theorica das doutrinas philosophicas do seculo XVIII, importadas de França por estudantes de Pariz e Montpellier, como José Joaquim da Maia e José Alvares Maciel, e ao impulso pratico, dado pela independencia das colonias inglezas da America do Norte, foi que se formulou, de um modo completo, o problema da emancipação politica do Brazil.

A grandiosa idéa não passou de sonho e devaneio para os lettrados que a abraçaram e indignamente a repelliram, retractando-se, quando se viram ameaçados do castigo tremendo com que então se puniam os chamados crimes de lesa-magestade. Mas houve entre os celebres conjurados uma incomparavel figura de heróe e de martyr, cuja grandeza dominando o vasto campo da historia deixa bem patente a pusillanimidade vergonhosa dos desgraçados companheiros de inconfidencia.

Esse homem, que foi a alma e o braço da mallograda conspiração, não tinha, como outros, a cultura litteraria da famosa *escola mineira*, mas dispunha de conhecimentos, não vulgares na época, sobre engenharia, medicina e principalmente sobre a arte dentaria em que era profissional eximio. Ao mesmo tempo animavam-n'o grandes e ardentes preoccupações civicas, tanto mais exaltadas quanto lhe eram conhecidas, por lêr, e ouvir lêr e contar, a historia da independencia dos Estados Unidos e as idéas propagadas pelos escriptores e pensadores da França revolucionaria.

Filho do povo, em relação continua com elle, conhecendo-lhe os soffrimentos de que tambem era victima, corajoso até á temeridade, dedicado até ao sacrificio, não duvidou o immortal Tiradentes tornar-se o chefe real da rebellião, combinada entre muitos, mas só por elle apostolada com verdadeiro enthusiasmo pelas capitanias de Minas e Rio de Janeiro.

Emquanto a maior parte dos inconfidentes devaneiava, Tiradentes agia, concertava planos, imaginava enredos, fingia adhesões numerosas, levava a uns a esperança no exito, a outros o receio do mallogro, e em alguns despertava sem saber o vil desejo da mais perversa traição.

Da nobre attitude do propagandista intemerato, resultou que os companheiros timidos lhe chamassem leviano, os indifferentes louco e os falsos amigos o trahissem miseravelmente.

A conjuração mallogrou-se; todos os planos foram descobertos; denuncias sobre denuncias chegaram ás mãos de Luiz de Vasconcellos e Furtado de Mendonça, o vice-rei do Brasil e o governador de Minas. Joaquim Silverio dos Reis, Britto Malheiros e Corrêa Pamplona alcançaram a hedionda celebridade de Judas.

Entre os proprios conspiradores surgem os denunciantes. O coronel Francisco de Paula,

em cuja casa se urdia o movimento rebelde, é um dos traidores. Todos ou quasi todos accusam o abnegado alferes Silva Xavier, o ardoroso Tiradentes. Injuriam-no, calumniam-no. Esquecem a responsabilidade da sua posição, e entre a gloria da firmeza de convicções e a vergonha de renegal-as no momento do perigo, preferem o alvitre das naturezas fracas, dos animos timidos, pensando assim livrarem-se das penas que os aguardam. Só Tiradentes mantem a coragem de affirmar a sua digna conducta de apostolo da independencia e da republica.

Nega a principio o levante projectado; mas sustenta desde logo o que dissera sobre a tyrania dos governadores enviados pela metropole, e sobre a revolução da America Ingleza. Depois, convencido talvez que se não podia mais livrar para tentar de novo a execução dos seus ideaes generosos, confessa tudo; faz, por assim dizer, a historia da conjuração mineira, no seu celebre interregatorio de 18 de Janeiro de 1790. Ao lêr esta peça do infame processo, sente-se aquella «nudez forte da verdade», de que fala o romancista.

Tiradentes exclue amigos e não inclue inimigos. Revela todos os passos e todas as combinações. Diz com quem falou sobre a revolução, e distingue nominalmente os que concordaram com o projecto e aquelles que o rejeitaram, mas sem accusar a ninguem. «Respondeu, dizem os autos, que elle até agora negou por querer encobrir sua culpa, e não querer perder ninguem; porém, que, á vista das fortissimas instancias com que se vê atacado, e o que vê não póde responder direitamente sinão faltando clara e conhecidamente a verdade, se resolve a dizel-a como ella é; que é verdade que se premeditava o levante, —*que elle respondente confessa ter sido quem ideiou tudo, sem que nenhuma outra pessoa o movesse, nem lhe inspirasse cousa alguma... que agora não occultava a mais leve cousa da verdade que a faltar ella seria para se desculpar, o que não faz.*» (2)

O incomparavel patriota não só affirma sobranceiramente a sua responsabilidade mas tambem concentra nelle sómente a responsabilidade dos amigos, e não duvida isentar a de inimigos, como Thomaz Antonio Gonzaga, do qual tinha razões para não ser favoravel, segundo francamente confessa. Todo este procedimento é de uma nobreza rara; revela no protomartyr um caracter romano, aliado a um coração de cavalheiro medievo, leal, abnegado e terno.

Emquanto Tiradentes se mostrava digno apostolo da causa que defendia, os seus companheiros de inconfidencia negavam toda a participação no levante projectado ou confessavam-na medrosa e servilmente, implorando o perdão da soberania real. Assim fizeram o coronel Alvarenga Peixoto, o Dr. Claudio Manoel da Costa, o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o tenente-coronel Francisco de Paula, o Dr. Domingos Vidal Barbosa, os padres Carlos Corrêa de Toledo e José da Silva de Oliveira Rollim, o Dr. José Alvares Maciel.

Todos eram realmente conjurados mas todos renegaram ou denunciaram a conjuração. Entre os implicados com Tiradentes apenas um, o conego Luiz Vieira da Silva portou-se com relativa dignidade. «Era elle, escreve o historiographo da Inconfidencia, o mais instruido e o mais eloquente de todos os conjurados, e houve-se nos seus interrogatorios com muita dignidade. Não se culpou como Tiradentes convertendo a leviandade em confissão heroica. Não lançou a culpa á conta de seus companheiros de infortunio como Alvarenga Peixoto. Não procurou vingar-se pela delação conloiando-se para isso com os Toledos e os Oliveiras Lopes. Não converteu a amisade em odio e o odio em delação como o padre José da Silva. Não converteu o martyrio em suicidio como Claudio Manoel da Costa. Não argumentou com a logica escolastíca e os sofismas de Gonzaga. Defendeu-se com a energia da sua innocencia, com a dignidade de seu merecimento, com o enthusiasmo do amor da patria e profetisou a independencia da terra que o viu nascer como afinal veiu a operar-se.» (3)

A não ser a qualificação de leviano dada a Tiradentes, este periodo da enfadonha mas util narrativa de Joaquim Norberto é um dos raros do seu livro em que é exacta a apreciação historica. O conego Luiz Vieira no seu 4º interrogatorio de 25 de julho de 1790, «sustentou o que dissera antes de ser preso como conspirador, que o Brazil poderia seguir o partido de um principe da casa real que para cá viesse, o que não guardava relação alguma com a sublevação, por que eram ideias que o occorriam no decurso de uma conversação.» (4)

Comtudo outras opiniões mais decisivas sobre a independencia e a republica, que eram verdadeiramente as suas e que já havia externado, teve de contrarial-as, renegando-as, pelo natural terror da vingança regia.

Tiradentes fica pois só; é o primeiro e unico dos inconfidentes. O abysmo, que separa a alma nobilissima do celebre alferes, das almas covardes de seus companheiros, foi tragicamente assignalado pelo glorioso martyrio que lhe destinou o despotismo regio, escolhendo-o para soffrer a pena capital. E o pri-

(2) Processo de Tiradentes — *Manuscripto da Bibliotheca Nacional*, 1º vol. pag. 144 e segs.

(3) Joaqim Norberto.—*Historia da Conjuração Mineira*, pag. 354.

(4) Joaquim Norberto.—*Op, cit.*, pag. 358.

meiro papel, que lhe coube e que o deveu, como diz o historiador maranhense acerca de Bequimão, «áquella natural preponderancia, que é o condão inseparavel dos grandes talentos e dos caracteres elevados» (5), foi assim legalmente reconhecido pela propria infamante sentença que o condemnou á morte.

Ante o supplicio, requintado pela ferocidade do vice-rei que o precedeu de pomposo e macabro cortejo militar, Tiradente permaneceu sereno e forte, ostentando sempre aquella divina coragem que só possuem as almas predestinadas dos heróes e dos santos.

O ardor civico fundiu-se com o enthusiasmo religioso. Catholico, tal com podia ser numa época de incredulidade, devoto especial da Trindade, elle mostrou-se na hora suprema digno cultor das virtudes apregoadas pela fé medieva.

Elle que não se curvára ante a vingança dos despotas, que não implorára perdão da sua pretendida culpa, mas, ao contrario, assumira dignamente, com alegria e fervor, toda a responsabilidade do seu apostolado politico, não hesita em dar um exemplo de humildade christã beijando os pés do carrasco.

As suas ultimas palavras recordam plenamente os sentimentos catholicos que o possuiam; ao vestir a alva dos condemnados exclamou: «O meu redemptor morreu por mim tambem asim!» Com estas palavras e aquelle acto de humildade, com o seu cruento sacrificio, Tiradentes realisou, sem pretenções á divindade, o typo do Jesus da lenda evangelica.

Todos os seus defeitos, todas as faltas que porventura tenha commettido na juventude, desapparecem durante aquelles mezes cheios de esperança e logo depois cheios de angustia, em que se consagrou inteiramente á causa da liberdade, até morrer por ella no patibulo infame que elle dignificou e que a posteridade transformou num glorioso altar.

O sacrificio de Tiradentes não foi improficuo. As aspirações a independencia se propagaram dia a dia com maior intensidade do que antes. E em 1817 uma nova conjuração explode em Pernambuco.

Sem ter a influencia e o renome da revolta mineira, sem ter mesmo attingido no momento á importancia daquela, embora tivesse havido principio de execução e produzisse maior numero de victimas da pena capital, a revolução de 1817 é tambem uma precursora, o ultimo generoso e mallogrado esforço para a nossa independencia. que se realisaria emfim, cinco annos mais tarde.

A revolução pernambucana foi para o norte do Brazil o que a inconfidencia mineira tinha sido para o sul.

(5) João Lisboa.—*Apontamentos para a historia do Maranhão*, in *Obras completas*, 1ª ed., 3º vol. pag. 239.

Emquanto esta abraçava em suas aspirações Minas, Rio de Janeiro e S. Paulo, aquella estendia-se ou pretendia estender-se de Pernambuco á Bahia, Alagôas, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Em ambas o ideal era a separação e a republica; em ambas a tyrania da metropole gosou o prazer satanico do martyrio dos revolucionarios. Houve commissões militares para julgarem os rebeldes de Pernambuco, como alçadas especiaes para os conjurados de Minas.

Ao despotismo feroz de Luiz de Vasconcellos e do visconde de Barbacena, correspondeu a tyrania não menos odiosa do conde dos Arcos e de Luiz do Rego Barreto.

A' falsa clemencia de Maria I, a magnanidade tardia do principe D. João.

Mas ao martyrio de um só dos inconfidentes correspondeu o de quasi todos os rebeldes pernambucanos. Emquanto Tiradentes arcou só com a responsabilidade da conspiração mineira, os conspiradores de 17 soffreram todos a pena ultima. Domingos José Martins, cabeça do movimento, o padre Roma, Fr. Miguelinho foram fuzilados. Domingos Theotonio Jorge, José de Barros Lima, Padre Tenorio e outros foram enforcados.

Entretanto, as condições em que se deu a conjuração de Minas, a notoriedade, a grandeza, a pompa com que a revestiu o governo da colonia, ancioso de mostrar-se leal e incansavel servidor da Corôa, as interminaveis devassas os longos interrogatorios, o grande numero de prisões e a figura excepcional de Tiradentes, sobresahindo em meio dos seus fracos companheiros, tudo a tornou o mais notavel dos movimentos preparatorios da nossa independencia e fez de Tiradentes o maior dos seus precursores

Assim no glorioso inconfidente symbolisa-se a phalange de heróes que antes e depois delle se sacrificaram pela independencia da nossa patria.

A festa nacional de 21 de Abril, rememorando os precursores dessa independencia, resumidos no heróe mineiro, evoca em torno delle as imagens venerandas de todos esses martyrisados precursores.

Tiradentes é o chefe dessa pleiade de martyres que de 1684 a 1817 aspiraram á liberdade da patria brazileira, á sua independencia industrial e politica, á formação de um novo paiz pela fragmentação de uma grande nacionalidade. Em torno do martyr supremo se agrupam os mortos immortaes que se chamaram Manoel Bequimão, Bernardo Vieira de Mello, Filippe dos Santos, Domingos Martins, Theotonio Jorge, Fr. Miguelinho, Padre Roma e outros e outros que a historia enumera, ou se perdem na immensa galeria dos anonymos sublimes.

Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1907.

Reis Carvalho.

NO EXTREMO ORIENTE

(CAPITULO DE UM LIVRO EM PUBLICAÇÃO)

COSTUMES E MANEIRAS

O viajante apressado por dizer das imagens que se lhe formam na retina, ha de illudir-se no Japão. Essa terra tem attractivos que suggestionam... Por isso, quando por sobre as aguas do formoso mar interior, se entra de apreciar o gracioso de paisagens que se descortinam desde Shimonoseki até Osaka em uma seducção de contornos e de relevos esplendentes, já se não tem a alma na posse de plena liberdade para ver e julgar o que vae em torno. Assim ao chegar ao bello porto de Yokohama, o observador que almeja a justesa dos conceitos, a propriedade ou exactidão dos juizos, precisa de precaver-se contra os erros naturaes da impressionabilidade do seu espirito. Aliás, serão as suas palavras o reflexo das caricias da natureza nipponica!... Não poderá approximar-se da verdade, maravilhado que se acha pelo espectaculo dessa natureza surprehendente!... Emittirá opiniões absurdas pelo exaggero nos louvores!... No Japão, tudo lhe parecerá extraordinario, singular, incomparavel...

Porém, mais tarde, pela convivencia de mezes e mezes com a gente japoneza, começa por entediar-se... Já a fulgencia de alegrias das primeiras horas se empallidece, se reduz e se extingue na sombra de melancolias que não

CUMPRIMENTOS

GRUPO DE CREANÇAS

cessam de crescer na successão de outras horas. Tambem aquelle exaggero nos louvores se modifica... A verdade no emtanto é que a imparcialidade da critica elle não a conhece. Agora o enthusiasmo da admiração já não existe; ha o desanimo de lamentavel desgosto contra tudo... Chega-se mesmo a pensar que o Japão arranca todos os estimulos para os labores da intelligencia!... E o viajante nessas condições continua de permanecer afastado da realidade dos quadros que se lhe projectam na camara do pensamento. O prisma que lhe serve de lente, offerece amplificações condemnaveis. Ainda mais: deforma, adultera as imagens...

Lembra-me a historia occorrida com um recemchegado ao Japão. Fôra fazer uma visita a um japonez, morador em Tokio. Preparara-se para a solemnidade almejada. Nada lhe faltara, que até o monoculo dos elegantes conseguira ajustar de encontro aos tecidos molles da cavidade orbitaria direita. *Estava na linha, estava correcto*, disse-me elle. Mas ao pretender transpor os humbraes da casa amiga, tal como ahi chegara, com os pés calçados em vistosas botinas, sentiu-se impossibilitado de levar a effeito a pretenção de pisar com a poeira das ruas o amarello-claro de esteiras rectangulares. *Dôso, gômen nasai!* falou-lhe repetidas vezes todo risonho o japonez amigo, com uma gesticulação expressiva dos modestos desejos que alimentava. E meio contrafeito, dominando a custo a contrariedade do momento, obtempera o estrangeiro – *But, all right*!... Ao que então, deixando o delicado *Dôsô gômen nasai*, proseguiu o japonez, por entre um riso, agora sem espontaneidade, absolutamente forçado,—*But, that is too bad*! e

UM CASAL REGRESSANDO DO CAMPO DE ARROZ

apontava as vistosas botinas do elegante estrangeiro, que, por fim de contas, comprehendeu o que lhe cabia fazer, e sem demora descalçara os desenvolvidos pes... desenvolvidos e de aspecto desagradavel...

Ora, esse senhor que se viu na dura necessidade de mostrar esses pedaços esfarrapados de muita elegancia exterior, descobriu logo e logo na expressão japoneza *Dôso gômen nasai* a inconveniencia de um selvagem, a desinvoltura de um homem pouco educado!... «Qual!» exclamava elle ao cabo dessa historia que me narrara ainda cheio de aborrecimento — «qual! essa

REFEIÇÕES

gente não tem civilisação!... Pois, ser eu obrigado a tirar as minhas botinas para entrar em uma simples casa de um japonez!!!...»

Ainda me acode ao espirito facto porventura brutalmente caracteristico do máo humor do estrangeiro em plagas do Japão. No *Hotel Metropole*, em Tokio, jantava um francez que se julgava bastante conhecedor da psychologia japoneza. O cidadão estava a regalar-se com os bons pratos que comia, ares joviaes de um epicurista consumado. Rapido no emtanto, escuta os leves ruidos de alpercatas de palha, de sandalias cujas tiras são revestidas de velludo desta ou daquella côr. Volta-se para o lado em que se produzem os ligeiros rumores dos *zori* japonezes. Viu filhos do imperio do Sol Nascente em direcção de larga mesa toda coberta de flores. Homens seguiam na frente, e vinham depois senhoras e senhoritas com passos curtos, pequeninos pés voltados

UM JARDIM EM TOKIO

um para o outro em uma graciosa obliquidade que é bem a manifestação do coquettismo japonez em meio das mulheres, sejam velhas, sejam moças. E essa gente, embora sem as *guêta* que a fazem caminhar com pequenos saltos e forte inclinação ou curvatura para a frente, assim em instavel equilibrio interessante, comtudo com os pés nos seus *tabi* brancos e *zori* amarellados, balançava levemente o corpo, ligeiramente se bamboleava com ares galanteadores.

Ora o citado francez, todo olhos arregalados para esses japonezes, observa-lhes a figura de nacionaes e deixa ver o desgosto que sentira em dando de chapa com os pequeninos pés nipponicos, sem o verniz de botinas quaesquer, sem a compressão deformadora de botas rigorosamente pretas, assim na brancura do marmore de bem ajustados *tabi*, então mais

A CAMA DE DORMIR

em destaque pelas tiras, aqui verdes, alli azues dos amarellados *zori*. *Boy*, exclamou irritado o pretendido psychologo que tanto se arrogava o titulo de conhecedor das coisas do Japão e da propria psychologia japoneza, *tak of my boots*!... E o homem, com surpresa de quantos se achavam no grande salão de refeições do Hotel Metropole, começava de se descalçar, quando varios amigos e eu nos levantamos do logar em que estavamos e desse modo sahimos do referido salão para não sermos espectadores de scena tão desagradavel.

Ser-me-ia facil continuar a narrativa de factos do teor atraz indicado. A vida de mais de um anno em meio do Japão, revelou-me um sem numero de quadros e todos completos da grosseiria, do desdem ou despreso que votam a japonezes estes e aquelles representantes da civilisação européa. Esses occidentaes, que falam em nome da moral de Christo e vieram de conquista em conquista desde os primeiros tempos ate os dias de hoje, se julgam os directores eternos dos povos do planeta, se imaginam os vencedores poderosos nas grandes luctas que se travam pelo mundo e querem pisar o sólo da Asia com a irritante superioridade de conquistadores deshumanos. E se no Japão os nacionaes lhes não seguem os habitos, riem-se, e fazem motejos desses habitos...

Ora como estranhar que japonezes alimentem certa dose de desconfiança contra filhos de outros continentes? Como achar novidade na pontinha daquelles em meio das relações de negocio ou de cortezia com estes?

E no emtanto é tão bondosa a alma japoneza que não raro ella se deixa penetrar pela curiosidade do estrangeiro, cujas maneiras contrastam com a affabilidade das mesuras nipponicas. Na verdade, são os japonezes naturalmente reservados. Mas a reserva delles é menos oriunda do orgulho que da modestia. Não se descobre arrogancia no caracter dos filhos do Dai Nippon.

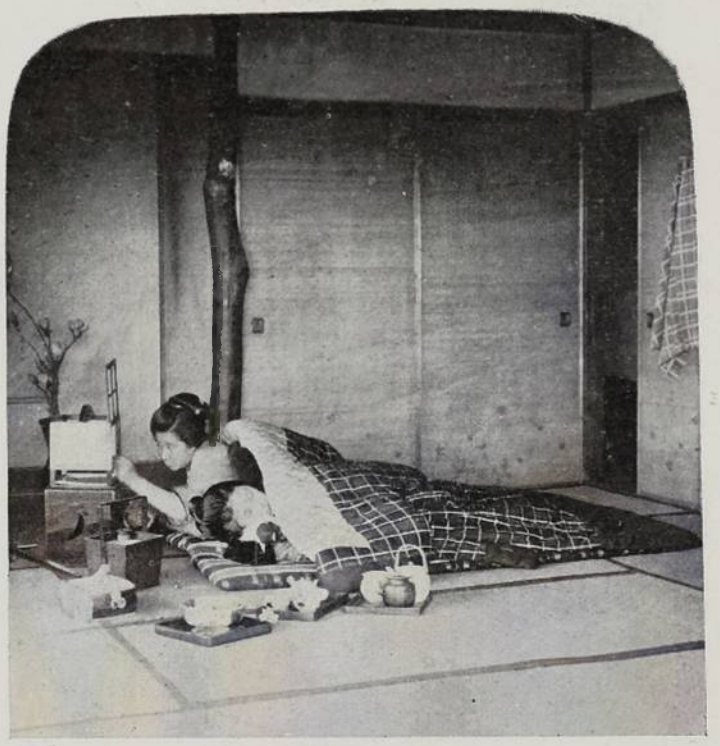
E ai de nós! elles possuem motivos de sobra para legitimo orgulho nacional. A Russia acaba de ser batida no mar e na terra pelo pequenino Japão. E a Russia era o gigante que aterrorisava a propria Europa!...

Mas não perderam jámais a cabeça os bons japonezes, apos as successivas victorias contra as forças do Czar. No theatro da guerra, não faziam prestitos como os que pude ver em Tokio e em Yokohama. E alli, e tambem pelo Japão afóra, não iam alem de *banzais* enthusiasticos as manifestações das suas alegrias collectivas. Que sobriedade tem essa gente japoneza ate nas suas proprias expansões de contentamento nacional!...

No emtanto, como essa gente se revela transformada, sem essa sobriedade classica, toda abundante de expressões amaveis, nas suas saudações quotidianas!...

Vêde, leitor benevolo, as duas japonezas que alli estão. O riso lhes não sahe dos labios carminados. E falam ambas, successivamente, uma após outra. Mas ambas se curvam simultaneamente; uma e outra ao mesmo tempo se inclinam para o chão.

Cumprimentam-se. Não ha entre ellas nem beijos, nem apertos de mãos, nem abraços. Mas existe uma corrente de affectos alimentada pela sinceridade de dois corações que nasceram para o amor filial, pelo qual se sacrificam sobretudo as creaturas femininas do Dai Nippon.



MANEIRA DE DORMIR

E tambem se cumprimentam aquelles dois japonezes... Cabeças descobertas, chapeos nas mãos, lá elles se conservam em forte curvatura, o tronco em angulo recto com os membros inferiores. E reciprocamente se dizem phrases delicadas, em abundancia de sentimentos bons. Estão cheios de alegrias. A cada phrase amavel, sorvem um pouco de ar, assim produzindo sibilante ruido por entre os dentes e na cavidade da bocca, onde os musculos labiaes se movimentam, se retraem de modo original.

GEISHAS EM PASSEIO

Mas alli na casa fronteira que é japoneza, casa sem porta nem janela; alli, por sobre as alvas palhas de finos *tatamis*, não se acham de pé, honrando-se, venerando-se, os dois seres humanos que podeis contemplar, leitor amigo, do logar em que nos encontramos... Observae esse homem e essa mulher, ou esses dois homens, ou essas duas mulheres, que o vestuario é quasi o mesmo, e a mesma é a delicadesa no tratamento. Não se acham de pe, como vol-o affirmei, senão em attitude humilde, accionada a articulação superior do femur de maneira a se dobrar por cima da côxa todo o tronco, e estendidas as mãos sobre os *tatamis*, mãos que, nessa attitude humilde, porem, de profundo respeito, se espalmam e formam com os indicadores e os pollegares dois triangulos isos celes dentro de cuja area parece tocar de quando em quando, e cada um no triangulo correspondente, o nariz dessas duas mulheres ou desses dois homens ou dessa mulher e desse homem, que o vestuario não os distingue á primeira vista, e sempre os confunde a gentilesa das cortezias.

Mas, se a polidez não é entre nacionaes senão entre japonezes, e representantes da civilisação occidental, observa-se logo o retrahimento dos primeiros, a calculada reserva em que elles se occultam, muito embora a affectação dos segundos que em geral são homens do commercio — ordinariamente apressados, e não raro meio asperos, seccos, insensiveis ás boas maneiras das relações humanas.

E esse retrahimento é justo, e essa reserva perfeitamente justificada.

Esses homens do commercio, fingindo se lhanos e agradaveis, esmerando-se ridiculamente em emoções que não sentem, — inspiram desconfiança, desagradam, descontentam, e vão mesmo ao ponto de irritar ao mais calmo dos filhos da terra do Sol Levante.

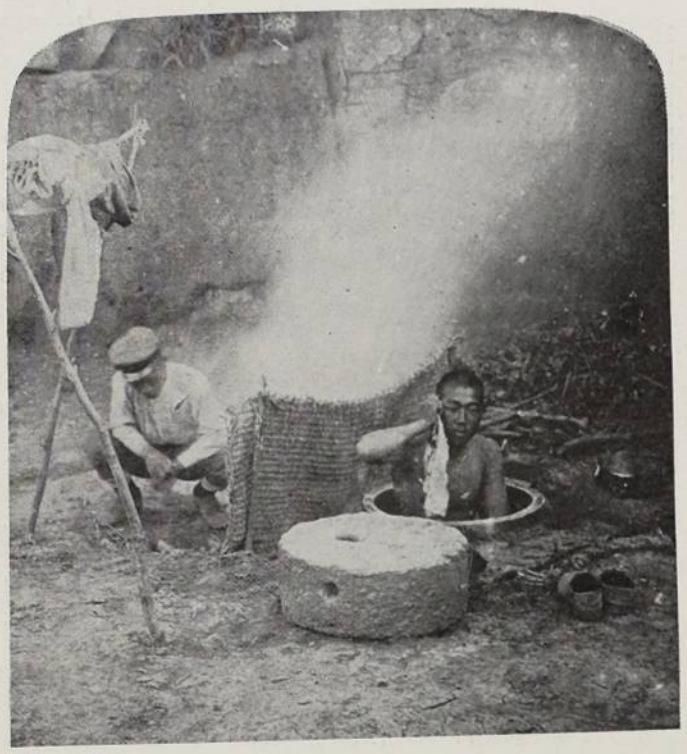
JAPONEZAS FAZENDO MUSICA

Estarei achando justa a palavra *baka*, de aspereza na sonoridade como na significação, palavra que as creanças japonezas gostam de proferir em avistando o que elles chamam — *ijin-san* ?

Não. Mas estrangeiros ha que bem merecem o epitheto.

ALEGRIAS INTIMAS PELA ENTRADA DO NOVO ANNO

Realmente, ha graça nessa gente japoneza... Encontram-se dois *sê-yo-jin*. Apertam-se as mãos, e começam de palestrar em plena rua.



SOLDADOS TOMANDO BANHO NA MANDCHURIA

Passa um japonez com rumo certo. Vae tranquillo ao seu destino. Porem a palestra do *sê-yo-jin* lhe despertou curiosidade. Volta sobre os seus primeiros passos, e se approxima dos palestradores. Quer ouvir a musica da lingua dos dois estrangeiros. E já bem proximo desses dois estrangeiros, sente-se contente e feliz...

No emtanto esse contentamento e essa felicidade elle não póde gosar egoisticamente... Vem um outro japonez. E mais outro... E mais outro... O grupo cresce. Formara-se com dois homens apenas. E já é numeroso o grupo de que se trata.... Saciam os nacionaes um prazer que lhes é delicioso. Estão elles risonhos, e qual a qual examinam o gesto, o vestuario, as botinas, o chapéo, tudo emfim dos dois estrangeiros, alvo da attenção ou dos olhares de todo um povo de curiosos.

Mas a conversa chega ao seu termo. E esses dois estrangeiros que sabem viver no Japão, se entreolham risonhos como os japonezes, e como elles proferem, cada um por seu turno: *sai-á-nárá!*...

E lá se vão caminho em fóra. E assim tambem os nacionaes, que silenciosamente se reuniram, se agruparam de em torno aos dois *sê-yo-jin*. Não é deveras interessante essa curiosidade japoneza?

Mas ella sobe de ponto, quando creanças, estudantes e velhos acompanham este ou aquelle estrangeiro nas suas perigrinações pelas ruas de qualquer cidade do Japão. A cada momento de parada em frente a uma vitrina ou deante de um balcão... (mas, que estou a dizer? se as casas japonezas nao conhecem o luxo de uma vitrina nem a commodidade de um balcão!...) a cada momento de parada defronte de moradias escancaradas, moradias que são ao mesmo tempo deposito de mercadorias, armazens em que as varias peças de commercio, os diversos artigos de venda se conservam pelo chão,—se os estrangeiros ahi interrogam o preço deste ou daquelle objecto, os nacionaes, que lhes vão ao encalço, principiam com basbaquice lamentavel a se espantar de tudo, patetas que temperam a garganta para encontrar motivo ao riso alvar que se lhes debuxa pelos labios.

Não será tudo isso a manifestação por excellencia da ingenuidade do povo japonez? Ou esse riso ha de significar talvez o complemento do quadro de uma provocação á petulancia de *barbaros* de uma civilisação, em que a força traça linhas de conducta para os povos e para os governos?!

Ah! não... Esse riso é simplesmente adoravel. Traduz a bondade dos japonezes. Vale a expressão do altruismo dessa gente. Pois não se sabe que esses bons japonezes, mesmo golpeados por dôres lancinantes, sorriem e sorriem sempre?!...

Lembra-me que um dia fui visitar em Tokio uma distincta familia japoneza. Cheguei á porta, fiz annunciar-me, e comecei de tirar as minhas botinas. Quasi todos da familia vieram

JAPONEZAS EM UM RESTAURANT NACIONAL

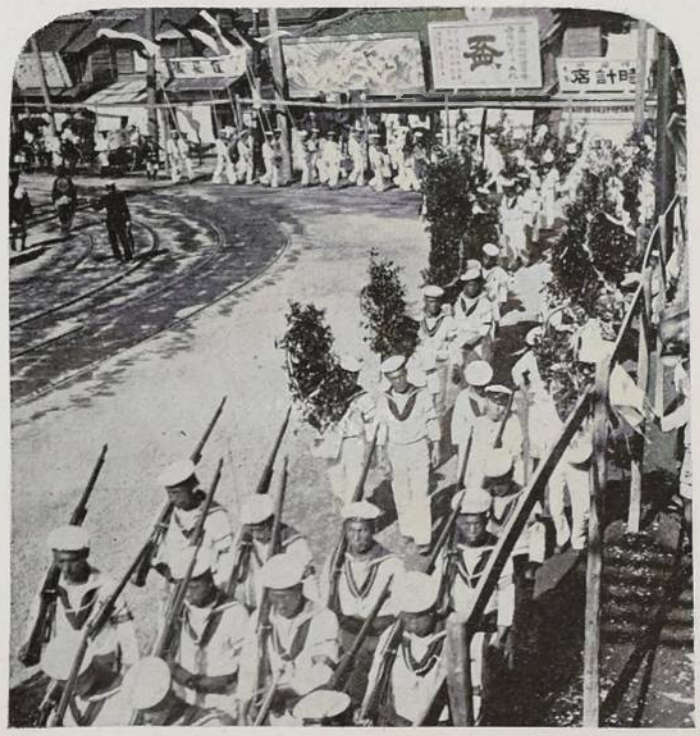
ao meu encontro. O dono da casa, esse se revelava como nos outros dias: — amavel, todo risonho. Mas a senhora delle e as meninas, a

despeito do sorriso que lhes contrahira os labios, haviam os olhos banhados de lagrimas abundantes. E uma dessas meninas logo e logo me dizia: *Akambô shinima shita*!...

Comprehendi immediatamente a razão de ser dessas lagrimas. E entrei, já tranfigurado, envolto em tristezas que pesavam sobre o meu organismo. Acompanhado de todas as pessoas da familia generosa e boa, fui seguindo até a sala em que, por sobre a propria alvura do *tatami*, estava no repouso eterno, e toda coberta de flores, a creança momentos antes fallecida. Pezaroso contemplei a pequenina morta e... chorei. Porque me parece coisa desoladora o morrer na edade das flores, na ignorancia do mundo, na ingenuidade em que vivera até hoje esta encantadora menina. Ergo os meus olhares, lanço a vista em derredor, e toda a gente possuia amavel sorriso para o o brazileiro excessivamente sentimental.

O EXERCITO EM MARCHA FUNEBRE

Não é que os japonezes não se commovam. Emocionam-se e bastante. Mas o codigo da sua moral publica, o *Bushido*, synthese de todas as regras e preceitos da nobre conducta dos filhos da terra do Sol Nascente, lhes prohibe a communicação de pezares. A felicidade dos outros não deve ser perturbada pelas nossas desditas,—eis como pensam os japonezes de todas as classes. E dahi o dominio que elles têm sobre si mesmos, dominio que ninguem sabe conseguir como qualquer descendente de *Amaterassú*. Naquella terra de guerreiros, o homem que triumpha sobre a sua personalidade, vale mais que o victorioso de mil batalhas. Porque, são japonezes que o declaram: «Fracassa a omnipotencia de um deus, quando este pretende reduzir á derrota a victoria do homem sobre si mesmo.» Essa victoria, não ha duvida, é extraordinaria.



A MARINHA EM MARCHA FUNEBRE

Contara-me clinico illustre um caso interessante de sorriso japonez. E esse medico, o Dr. Takigushi, trazia os musculos da face contrahidos na expressão de captivante sorriso...

Um inglez, havia como seu empregado, um pobre *samurai*, um originario da aristacracia japoneza. O japonez era velho e cumpridor dos seus deveres, emquanto que o seu patrão ainda moço gostava mais das bellas pandegas do que da seriedade dos seus negocios. Um dia, o homem que em outro tempo não apparecia em publico sem os seus dois sabres, estava todo curvado deante do seu chefe, e assim respeitosamente o cumprimentava como

RECEPÇÃO DE UM GLORIOSO SOLDADO

em dias anteriores. Sorria o bom japonez... E a sorrir, curvara-se tres vezes na presença do subdito da Inglaterra. No momento, essas curvaturas irritaram o animo do negociante estrangeiro, que ameaçou despedir o seu correcto auxiliar, se elle continuasse com as saudações indigenas. O empregado sorriu mais uma vez, e se poz a caminho para os seus labores. No dia seguinte, repete-se a mesma scena. No terceiro dia porém, o inglez levanta o braço e pretende esbofetear o japonez. Mas este possue agilidade que aquelle não tem. O offendido subjuga o offensor. Está a ponto de o castigar merecidamente. Generoso, porém, cede ás supplicas de quem não sabia comprehender a nobresa do seu coração. Abandona o miseravel. E parte, levando intacta a grandeza dos seus sentimentos de homem trabalhador e honesto. Tambem aquelle delicioso sorriso de extrema bondade que fizera a furia do inglez, que é gente calculadamente calma e fria, esse bello sorriso se transfigura em justissimo castigo, fulminando, pelo escarneo, pelo desprezo, o petulante dinheiroso, rico de libras esterlinas, porem pobre, pauperrimo de virtudes humanas. O japonez sorrira por ultimo...

Mas esse derradeiro sorriso era bem differente dos outros com os quaes sempre fôra saudado o inconveniente e audacioso inglez. E' que o sorriso japonez, com ser genuínamente bom, estontêa não raro, e ás vezes dóe como um latego.

Mas noto que o classico sorriso dos filhos do Japão já se vae modificando a pouco e pouco. A medida qne o individuo se eleva na sociedade, esse sorriso se apaga aos olhos do mundo. No emtanto a mesma antiga gentileza, essa ainda se mostra nos nobres salões da aristocracia japoneza.

Deixei narrada, por ventura até aos seus menores detalhes, a historia de um caso interessante e grave. Porém mais grave e mais interessante é o que se vae ler:

Fizera-se professor de japonez velho *samurai*, dos tempos em que se permittia o uso dos dois sabres—o *kataná*, de vinte e sete centímetros de comprimento, arma de combate, e o *waki-sashi*, pequena arma para o suicidio em caso de desastre nesta ou naquella lucta, suicidio por meio da abertura do ventre, suicidio esse que tem o nome de *hara-kiri*. E amigo em extremo de um dos seus discipulos, procurava-o com frequencia. Mas entre o mestre e esse alumno surgiu, no correr de muitos dias, alteração profunda nas relações de ambos. Não obstante era impeccavel a cortezia japoneza. O mestre todo risonho se curvava deante do discipulo que não sabia dominar-se. E acontece que, de uma feita, já sem calma o estudante, despede este o professor. Vá embora!... Não me aborreça!... E o professor, sempre risonho e em largas curvaturas, agradecia a gentilesa do estudante... Por fim este se encoleriza e, de um salto, agride ao velho *samurai*... Mas o japonez já estava tranfigurado; collocou-se á altura da situação. E o *kataná* lhe brandia nas mãos, o *kataná* fóra da bainha, e reluzente, e afiado, afiado como excellente navalha.

Nisso, amigos do estudante apparecem, e evitam o tremendo castigo.

O mestre, em lucta comsigo mesmo, guarda a sua arma branca, mettendo-a na bainha que lhe pende na cintura. Segue o seu caminho. Entra em casa. Contempla em uma mudez absoluta mulher e filhos, e vae em direcção de um templo—o mais proximo da sua moradia. Ahi, ajoelha-se. Toma o seu *waki-sashi*, e rapido começa de rasgar o ventre, suicidando-se porque—dizia elle aos seus deuses no momento supremo da dolorosa agonia—«não posso e nem devo sobreviver á deshonra que não pude vingar como era mister em face dos brios de um *samurai*!...»

Bôa gente, e bôa, e nobre, essa gente do Japão...

Mas aqui estou a ouvir que se me diz, embora muito baixinho:

«Bella bondade e bella nobreza, quando para alimental-as ahi está a immoralidade dos casamentos á praso das meigas filhas do Sol Nascente!...

Casamentos á praso, eu não os vi no Dai Nippon. Sei no emtanto que aos desejos lascivos de qualqner *barbaro* do occidente, não correspondem senão com certa descrição, com calculada reserva, as boas japonezas. E quando algum *barbaro* se não sabe dominar e se mostra na pequenez da sua grande lascivia, então é de ver que se imaginam cerimonias que possam garantir aquellas boas japonezas contra os máos impetos desse *barbaro*.

Dessa maneira, essas cerimonias illudem. A mais de um tôlo ellas apparecem como a forma de um casamento... Creio até que o *barbaro* se convence da seriedade da sua condição de nubente. O pallido da sua physionomia é um symptoma das altas emoções do *momento solemnissimo*...

Mas depois, elle começa de julgar o caso verdadeiramente interessante. Está no emtanto ainda convencido de que se casou... *Casei-me por tantos mezes com a Kikú-san*!... *A coisa tem graça*... E vae elle assim monologando, sem perceber da zombaria com que foi bigodeado pelos intelligentes japonezes.

São assim os taes casamentos á praso, casamentos de pura phantasia a que tem alludido mais de um viajante no Extremo-Oriente.

A verdade é que o concubinato não se consegue no Japão como nos outros paizes. Lá está cercada a concubina de garantias, que sómente se conhecem na terra do Sol Nascente. E essas garantias existem e se impoem, porque não acreditam os japonezes nas demonstrações de affectos dos filhos da civilisação do occidente... «*Esses barbaros não sabem o que é o amor*!» dizia-me um dedicado amigo japonez que me fazia a honra de abrir-me a sua casa e revelar-me os segredos da sua alma como carinhoso irmão, que assim era o tratamento que elle me dava. E accrescentava: «*ah, meu amigo, tudo vae materialisado por essa civilisação do occidente. Mas nós japonezes nos quedamos tranquillos deante do ideal, onde encontramos as energias que nos impellem para a frente. Que vale a vida sem os nobres impulsos do ideal?*»

Assim o japonez tem o cerebro illuminado por grandes pensamentos, ou quando está em via de ser concubinario, ou quando se transforma em verdadeiro nubente—almejando a união legitima com a querida dos seus sonhos, ou quando na hora de algum perigo para a patria se arma, se apparelha para fazer a defesa do *Yamato*, se faz soldado e corre aos campos de batalha para levar por deante essa defesa, custe o que custar, com o sacrificio mesmo da sua propria vida.

INVERNO NO JAPÃO

E esse sacrificio elle o aspira como aquelle intemerato coronel Oshima, que, de regresso á Tokio, ao cabo da guerra russo-japoneza, me explicava a razão de tristezas que lhe iam pela alma, dizendo-me: « *Bem eu quizera morrer em meio dos combates, porque os meus filhos poderiam ter uma memoria sagrada para lhe devotar sincero culto.*»

ENTRADA DE UM TEMPLO

Mas aquellas cerimonias do casamento japonez merecem aqui registradas.

A noiva está toda de branco. E tem ella os olhos vendados, ou por uma especie de capacete cuja armadura se faz com a propria fazenda branca de que é constituido, capacete que cobre toda a nuca e grande parte do nariz da timida nubente, ou por uma simples faixa de tecido branco enlaçada pelo frontal e occipital em que se suspendem as ataduras correspondentes. Senta-se. Tambem se senta, como ella, o seu futuro senhor.

Senhor, escrevi eu, e de proposito. Porque no Japão a mulher obedece de modo absoluto, sem hesitações, á autoridade do seu marido. E a propria côr branca do vestuario da noiva, indica-o para os que entendem dos habitos e costumes do Dai Nippon. Essa côr é a do luto japonez. Ha ahi um symbolo, que se traduz pela independencia completa da rapariga em relação á sua familia; essa côr branca lembra que ella está morta para os seus proprios paes.

Mas alli os noivos se acham sentados sobre pequeninas almofadas. E em torno delles estão todos os parentes. Jantam. Agora é o momento de beberem um pouco do vinho nacional. Os noivos levam aos labios—e tres vezes—rubras taças de madeira e laca magnificas. Assim, sorvem o precioso *sake*, extrahido do arroz. E está tudo terminado... O casamento está feito;

e nada mais resta do que levar ás autoridades do districto o conhecimento do mais delicado dos contratos humanos.

Ora isso parece de uma simplicidade perigosa. Abusos poderão ter logar. Os impedimentos, por parentesco, por laços de consanguinidade, ou por motivos de outra ordem, não os conhecerá porventura o canon japonez. Mas, como vão longe da verdade os que emittem o conceito da possibilidade desses abusos ou da inexistencia desses impedimentos!... Porque se condemnam, alli no Japão, relações maritaes que as tolera a Egreja Catholica, e as sanccionam as leis civis dos povos da civilisação occidental.

Ah! leis ignorantes que augmentam a instabilidade do equilibrio das populações do planeta... Onde pretendem a ordem, surge a desordem. Desorganisam, *organisando*, ou melhor — pensando que organisam... Sois a medida exacta da ignorancia dos legisladores que aspiram crear, quando sómente deveriam, como os legisladores do mundo physico, descobrir leis naturaes no mundo moral em que ha conflictos interminaveis, porém, onde tudo se encaminha para o bem no goso das mais puras alegrias...

A questão é de costumes e maneiras, e não de leis novas. O problema, pois, se resolve com a familia e a escola. Paes e professores são os grandes modeladores de povos.

ACROBATAS EM PLENA RUA

Onde uma lei civil formulada pelos legisladores, ou mesmo uma lei religiosa para os japonezes presentearem aos seus visinhos com iguarias nacionaes preparadas adrede, e que recebem o nome de *sôbá?* E, entretanto, desde que uma familia vae occupar uma casa nesta ou naquella rua, desde que para ahi se muda, dirige-se ella aos negociantes ou aos vendedores ambulantes ou não dessas iguarias que estão dentro em pequenas caixas rectangulares, e compra tantas pequenas caixas quantos são os visinhos que lhe móram parede e meia, e mesmo quantos os que sem essa contiguidade residem em habitações das suas proximidades. Momentos depois de feita a mudança, lá segue ao encontro dessas habitações em procura desses visinhos, ou creados ou creadas da familia de ha pouco installada no quarteirão ou na rua de que se trata, e essas creadas ou esses creados assim entregam a quem de direito os gostosos presentes que satisfazem ao estomago dos mais exigentes e cream amisades no espirito dos mais impenetraveis. Dessa maneira não se mostram indifferentes, uns com os outros, os moradores de uma mesma visinhança. Cumprimentam se e devéras se estimam.

Ah! a estima japoneza... Não sabe ella tolerar fraquezas que degradam.

E uma dessas fraquezas está na condição de prisioneiro de guerra. No Japão prefere-se a morte a essa triste condição. Ora, por isso, paes de soldados — muitos delles — aconselharam aos seus filhos, que cahiram com vida em mãos dos russos, a não macularem o nome dos seus ascendentes — tornando ao lar paterno depois da expiação que elles consideram infamante... E quantos suicidios tiveram logar longe do Yamato ou mesmo dentro no Japão, no interior deste ou daquelle templo, tão só em observancia aos conselhos de carinhosos parentes, pae, mãe, esposa, irmãs, irmãos!... Porque, segundo uma velha doutrina de Takeda Shinguen, os guerreiros devem antes abrir o ventre do que se entregar prisioneiros. E na peleja não cahirão senão feridos pela frente. Sim, será deshonrado um *samurai* ou filho de *samurai* que receber ferimentos pela retaguarda!...

Ora, para tudo isso, não ha leis civis, não ha leis religiosas. Ha ahi costumes e maneiras que se transmittem pela tradição. Existem habitos inveterados com os quaes se conformou a alma de um povo.

E, por essa razão, o bom japonez que sabe dar recepções á européa, e come correctamente á européa, e veste na moda do ultimo figurino europeu,—desfructa aprazimento indizivel quando recebe á japoneza, e quando póde comer com os *hashi*, e quando traja o seu vestuario nacional, commum aos dois sexos, vestuario de largas mangas em que se dispensa o uso de camisa, de ceroulas e de calças. De pé, ou sentado, ou mesmo com as mãos estendidas no chão, corteja aos que o visitam e com riso que se não póde apreciar nos seus labios no momento em que se acha nas re-

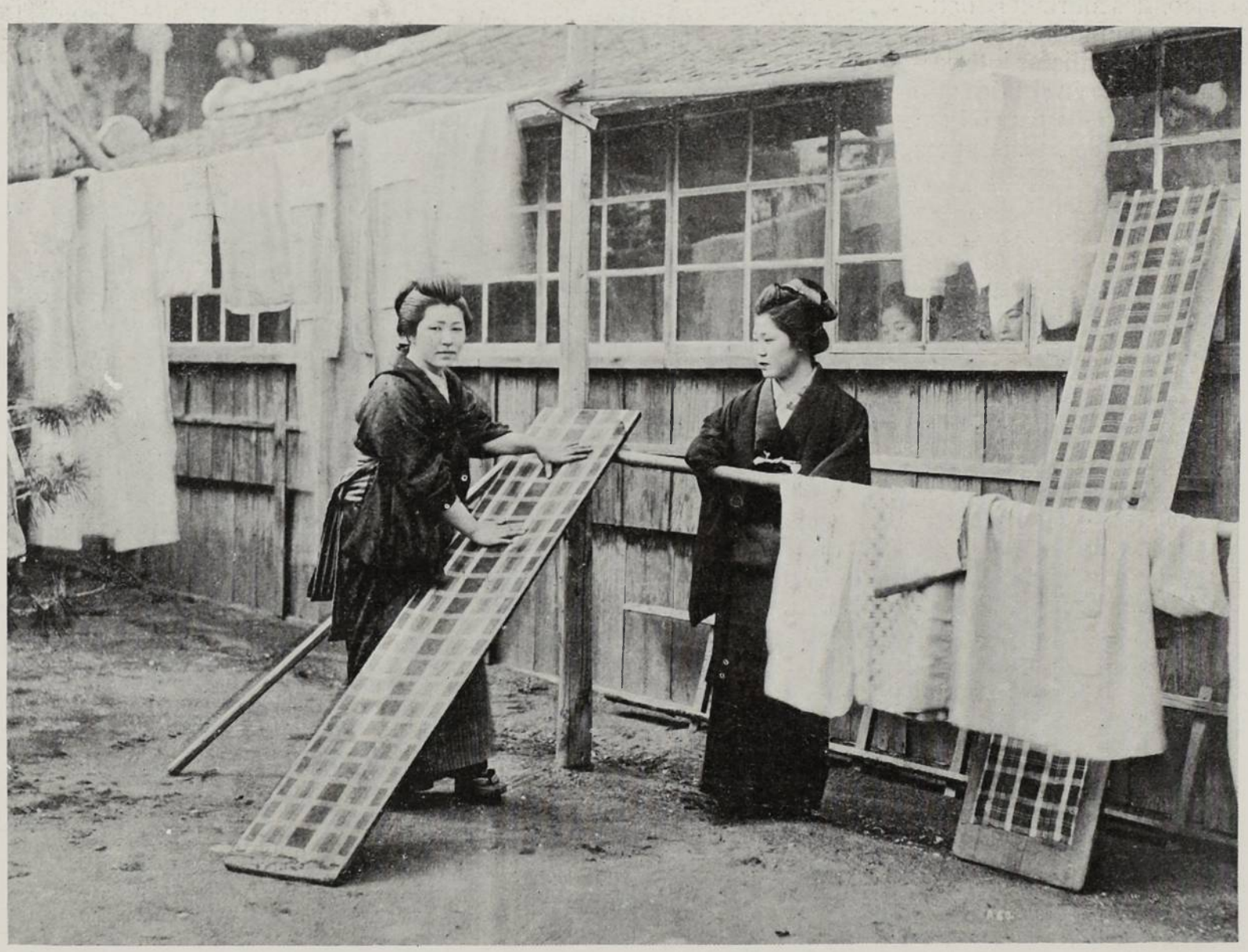
cepções á européa. E armado de faca e de garfo, tem saudades das pequenas hastes de marfim ou de simples madeira branca com as quaes leva á bocca os seus bons bocados de arroz e de peixe, sem haver a lembrança que lhe despertam esse garfo e essa faca...

E que lembrança essa!... Pela primeira vez em que japonezes tiveram de comer á européa, mais de um lançou olhares investigadores para o que havia por sobre a mesa, e sem demora quasi todos os japonezes estavam convencidos de que a manteiga ahi existente era nada mais e nada menos do que uma pomada para ser de chofre utilisada no caso de alguma erosão aberta nos labios com o manejo do garfo ou mesmo com o emprego da faca... Que alegre lembrança! E como um bom japonez não se domina deante de europeus, soffreando de garfo em punho a zombaria que lhe produz a recordação dos primeiros tempos, em terra do Yamato, do uso da manteiga!...

Aquella gente tem graça... E é, com effeito original desde os seus calçados (*guêta* e *zori*) até aos seus penteados, que em outras epochas distinguiam um *samurai* do resto dos homens; e hoje apenas differençam as mulheres. Assim pela compostura do cabello de uma *mussumê*, logo se sabe que ella é casada ou solteira. E até se lhe conhece a profissão. As *gueishas* possuem um penteado caracteristico. E, como as *gueishas*, — as infelizes prisioneiras das cidades da noite, dos logares da prostituição, dos *Yoshivara*, dos *Yukaku*, sejam essas infelizes *oiran* ou *djôro*,

Mas toda aquella gente veste *kimonô* de largas mangas e usa lenço de papel, lenço com que se enxuga o suor do rosto; e não raro torcido, enrolado sobre si mesmo, adquire resistencia tão grande, que vale como um cordel precioso.

Aquella gente não dispensa os seus *furoshiki* de todas as côres e qualidades, com os quaes encobre os objectos que conduz comsigo mesmo, sejam esses objectos livros, leques, porcelanas etc. etc. E eu gostava de ver os estudantes japonezes com os seus *furoshiki* azues, verdes, amarellos, *furoshiki* que occultavam os seus impressos e cadernos das vistas dos curiosos, e faziam realçar a modestia desses estudantes, que estudam e não exhibem livros pelas ruas.



LAVADEIRAS

PREPARO DO ARROZ

Aquella gente experimenta agradavel sensação com os seus banhos de todos os dias, á tardinha, banhos cuja alta temperatura dissolve as gorduras do corpo, e são com effeito deliciosos calmantes... Ah! é de ver como um bom japonez se porta nesses banhos em que a fumarada de vapor indica que não está longe a ebullição da agua!... Tudo lhe vae bem com a pequenina toalha que elle mergulha nessa agua, e com a qual effectua o ensaboamento de que precisa, e se enxuga embora a humidade dessa pequenina toalha. Entretanto, não ha estrangeiro que supporte a elevada temperatura desses banhos!

Aquella gente já nos tempos do grande homem, que se chamou Toyotomi Hideyoshi, —sentia-se feliz nas suas ceremonias do chá. Ainda hoje esquece as miserias do mundo, com essas ceremonias em que a gesticulação dos convivas no meio de profundo silencio, impede o espirito de pensar em coisas vulgares, de relembrar feitos brutaes da bruta força, de acordar sentimentos grosseiros. Nas ceremonias do chá, medita-se como philosopho, sonha-se como poeta. E a poesia e a philosophia que ahi occupam a imaginaçao de homens e mulheres que se olham compassivamente, todos sentados ao chão, essa philosophia é de fraternidade, bem como de ternura essa poesia.

Aquella gente ainda se abriga dos raios do sol ou das aguas das chuvaradas, com guarda-sol ou guarda-chuva de papel e armação de bambú, guarda-chuva ou guarda-sol de ampla cobertura plana toda arredondada nos limites de grande circumferencia.

Na primeira noite que passei no Japão, tudo estranhei... A noite, escura. A illuminação da cidade, francamente má. Depois eu encontrava pelas ruas homens e mulheres— estas e aquelles cégos — que sopravam uma mesma nota plangente em assobios de bambú. Eram massagistas que se annunciavam... Mas aos meus ouvidos tambem chegavam outros ruidos: — *tlen, tlen, tlen*... annunciadores de qualquer coisa. Aqui eram sómente homens, especie de guardas nocturnos que, passo a passo, percorrem vielas e ruas largas avisando aos moradores contra as possibilidades de incendio.

Mas se esses moradores estão a dormir, e não se acordam com esses ruidos?!... Pouco importa. O dever tem de ser cumprido. *Tlen, tlen, tlen*... E lá vão, passo a passo, esses homens, seja noite de luar, ou noite escura de inverno rigoroso.

MOREIRA GUIMARÃES.

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura . . . . . 15$000

Encadernado em marroquim . . 20$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA "KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

A VENDA NA

RUA DA ASSEMBLÉA, 62

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 3 D'ESTE ANNO)

CAPITULO IV

Peculiaridades sexuaes e dimorphismo

O nosso *Tanais* que, em quasi todos os particulares de sua estructura, é um animal extremamente notavel, forneceu-me um segundo facto digno de menção, relativamente á theoria da origem das especies por selecção natural.

Quando estructuras em forma de mão ou de pinça occorrem nos Crustaceos, estas são em geral, mais fortemente desenvolvidas nos machos do que nas femeas, tornando-se mui tas vezes maiores, nos primeiros, até dimensões verdadeiramente desproporcionadas, como já tivemos o ensejo de ver em *Melita*.

Um exemplo melhor conhecido de taes pinças gigantes, é apresentado pelos machos dos «Thesouras» (*Gelasimus*) que dizem trazer, na corrida, estas garras «elevadas, tal como se acenassem com ellas» — asserção que, no emtanto, não é verdadeira para todas as especies, tal como uma, pequena e especialmente megachela que eu vi, correndo aos milhares, nos campos de cassava, na foz do Cambriú, conservando sempre as pinças estreitamente comprimidas sobre o corpo.

Uma segunda peculiaridade dos Crustaceos machos, consiste, não raro, em um mais abundante desenvolvimento, sobre o flagello das antennas anteriores, de delicados filamentos que Spence Bate chama de «cilios auditivos» e, eu considerei serem orgãos olfactivos, como o fez Leydig antes de mim, o que comtudo eu não sabia. Assim, elles formam longos e densos tufos nos machos de muitos Diastylideos, como Van Beneden tambem constata, com respeito á *Bodotria*, emquanto as femeas sómente os possuem mais escassamente. Nos Copepodes, Claus chamou a attenção sobre a differença dos sexos n'este sentido. Parece-me, como eu posso notar de passagem que, este maior desenvolvimento nos machos, é grandemente favoravel á opinião de Leydig e á minha, visto como em outros casos os machos, não raro, são guiados pelo olfacto, na procura das femeas ciosas.

Agora, no nosso *Tanais*, os jovens machos proximos á muda ultima de pelle que precede á maturidade sexual, assemelhão-se ás femeas, mas, então, elles soffrem uma importante metamorphose.

Entre outras cousas, perdem os appendices moveis da bocca, mesmo os que servempara manter a corrente respiratoria (fig. 4); o seu intestino é sempre encontrado vasio e, só parecem viver para amar. Porém, o mais notavel é que elles surgem, então, sob duas formas diversas.

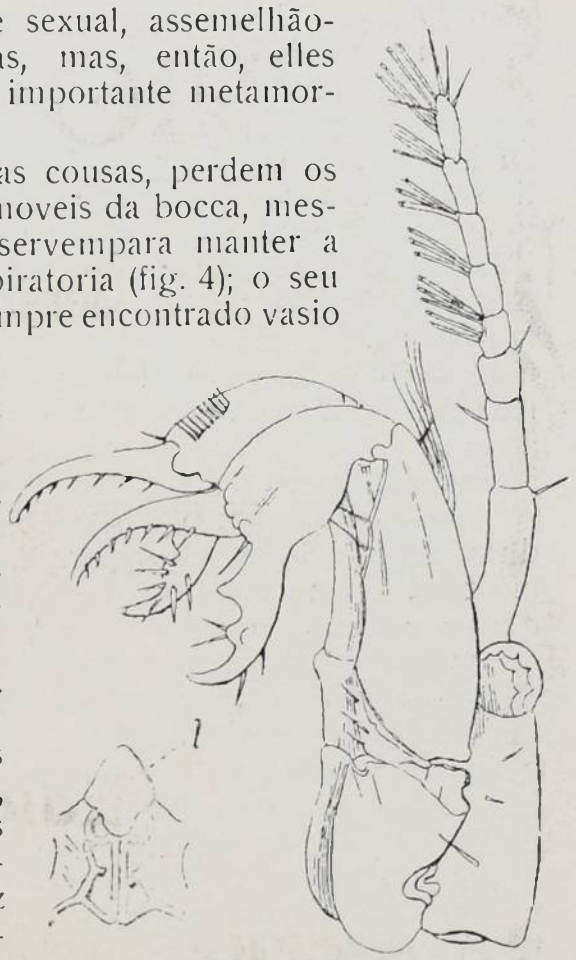


Fig. 3 — Cabeça da forma commum de *Tanais dubius* (?) Kr. X 90. As cerdas terminaes do segundo par de antenas se projectam do meio das patas cheliferas.

Fig. 4 — Bocca de *Tanais dubius* (?) Kr.; l-labrum.

Alguns (fig. 3) adquirem chelipedes poderosos, longidactilos e muito moveis e, em vez do unico filamento olfactivo da femea, mostram 12 á 17 d'esses orgãos, os quaes ficam juntos em numero de 2 ou 3, sobre cada articulação do flagello. Outros (fig. 5) retêm a forma espessa e curta dos chelipedes das femeas; porém, em compensação, suas antennas (fig. 6) são providas de um numero muitissimo maior de filamentos olfactivos que, se mostram em grupos de cinco a sete.

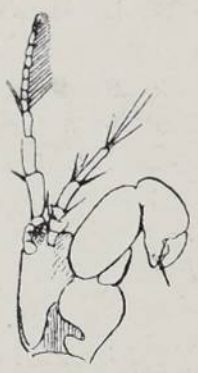


Fig. 5 — Cabeça da forma mais rara de macho do *Tanais dubius* (?) Kr. X 25.

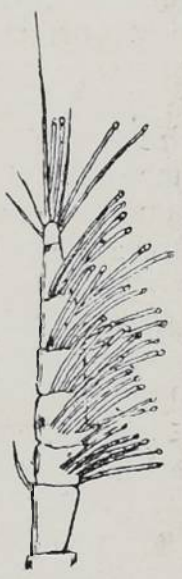


Fig. 6 — Flagellum da forma mais rara de macho de *Tanais dubius* (?) Kr. X 90.

Em primeiro logar e antes de inquerir da sua significação, eu quero dizer uma palavra mesmo sobre este facto. Seria natural, considerar se duas especies differentes, com as femeas muito semelhantes e os machos muito diversos, não poderiam viver juntos, ou se os machos de uma especie em vez de apparecerem em duas formas frisantemente definidas, não poderiam ser variaveis, senão dentro de limites muito amplos. Não posso admittir nenhuma destas supposi-

ções. O nosso *Tanais* vive dentro de confervas densamente entrelaçadas que, formam um revestimento de cerca de uma pollegada de espessura, sobre as pedras visinhas das praias. Se um punhado deste verde feltro é collocado dentro de um vidro com agua do mar limpa, ver-se-ha as paredes do vaso immediatamente cobertas, por centenas senão milhares, d'este pequeno, roliço e esbranquiçado Isopode. D'esta maneira examinei milhares d'elles com uma simples lente, assim como muitas centenas com o microscopio, sem achar differença alguma entre as femeas ou, qualquer forma intermediaria entre as duas formas de machos.

Para a velha escola, esta occurrencia das duas formas de machos, pareceria ser, méramente, uma questão de curiosidade. Para os que encaram o «plano de creação» como a «concepção livre de um intellecto Todo-Poderoso, amadurecida nos pensamentos do ultimo, antes de ser manifestada em formas palpaveis, externas», seria um méro *capricho* do Creador, visto como ella é inexplicavel, tanto do ponto de vista de adaptação pratica, como do «plano typico de estructura».

Do lado da theoria de Darwín, ao contrario, este facto adquire sentido e significação; e manifesta-se, em troco, apropriado á derramar luz sobre uma questão em que, Bronn vio «a primeira e a mais material objecção, contra a nova theoria» isto é, como é possivel, do accumulo, em varios sentidos, das mais ligeiras variações, procedentes umas das outras, a producção de variedades e especies que, partem da forma primaria tão clara e frisantemente, como a folha peciolada de uma dicotyledonea; e não se amalgamam á forma primaria e entre si, como os lobos irregulares e retorcidos de um Lichen foliaceo.

Supponhamos que os machos do nosso *Tanais*, até aqui identicos em estructura, começassem á variar em todas as direcções, como Bronn pensa, indefinidamente. Se a especie estava adaptada á sua condição de existencia, se o *melhor* á este respeito havia sido attingido e, garantido, por selecção natural, as variações novas, affectando a especie como uma especie, seriam retrogradações e, assim, não haveria perspectiva de predominancia. Deveriam, antes, desapparecer outra vez, assim como se haviam elevado; e os róes ficariam abertos aos machos variantes, sómento no sentido das suas relações sexuaes. N'estas, elles poderiam adquirir vantagens sobre os seus rivaes, quando fossem capazes, quer de procurar, quer de melhor subjugar as femeas. O melhor farejador venceria todos os que lhes fossem inferiores n'este respeito, ao menos que os ultimos tivessem outras vantagens, taes como chelipedes mais poderosos, para lhes oppor. Os providos de melhores chelipedes, sobrepujariam todos os campeões menos fortemente armados, á menos que estes lhes oppusessem alguma outra vantagem, tal como sentidos mais desenvolvidos. De tal modo comprehender-se-ha facilmente, como todos os estados intermediarios menos favorecidos no desenvolvimento de filamentos olfactivos ou de chelipedes, deveriam desapparecer das listas e duas formas frisantemente definidas, os mais aperfeiçoadamente farejadores e armados, deveriam permanecer como os unicos adversarios. Até o presente, o combate parece ter se decidido em favor dos ultimos, pois que elles occorrem em numero grandemente preponderante, talvez de uma centena para cada farejador.

Voltando á objecção de Bronn. Quando elle diz que «para base da theoria Darwinista e á fim de explicar porque muitas especies não coalescem por meio de formas intermediarias, quereria, com todo o prazer, descobrir algum principio externo ou interno que, podesse compellir as variações de cada especie, á progredir n'*uma* direcção, em vez de méramente permittil-as em todas as direcções», podemos, n'este como em muitos outros casos, encontrar tal principio, no facto de que actualmente só permanecem abertas poucas direcções, nas quaes as variações são ao mesmo tempo aperfeiçoamentos e nas quaes, por isso, ellas podem se accumular e se tornar fixas; emquanto que em todas as outras, indifferentes ou nocivas, ellas devem sumir-se tão promptamente como vieram.

A occurrencia de duas formas de machos na mesma especie, talvez possa não ser um phenomeno muito raro, nos animaes em que os machos diffíram grandemente das femeas, em estructura. Porém, só nos que se obtem em abundancia sufficiente, será possivel chegar á convicção de que não temos, ante nós, duas especies differentes, nem animaes de edades diversas. Por minha propria observação, ainda que não muito dilatada, posso dar um segundo exemplo. Elle se refere á um saltão da praia (*Orchestia*). O animal vive em logares pantanosos, nas proximidades

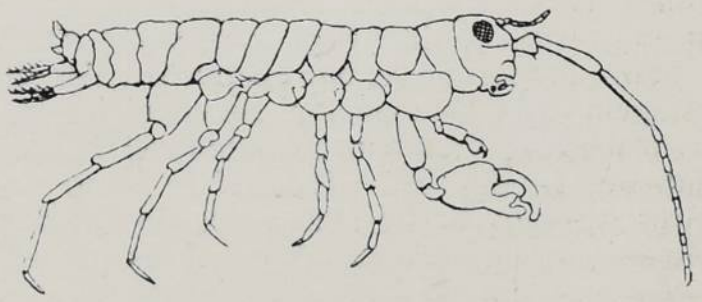


Fig. 7—*Orchestia darwinii*, n. sp.—macho.

do mar, sob folhas em decomposição, na terra solta que os carangueijos da lama (*Gelasimus*, *Sesarma*, *Cyclograpsus*, etc.) amontoam em volta da entrada das suas tócas e, tambem, debaixo do excremento secco, de cavallo ou de boi. Se esta especie se afasta para uma distancia maior da praia, do que a maioria dos seus congeneres (ainda que algumas d'ellas penetrem muito além pela terra firme e, mesmo, por montanhas de mil pés de altura, tal como *Orchestia tahitiensis*, *O. telluris* e *O. sylvicola*), o seu macho differe ainda mais do de todas as especies conhecidas, pelas poderosas pinças do segundo par de patas. Só a *Orchestia gryphus*, das costas arenosas de Monchgut, apresenta uma organisação semelhante, porém, em um gráo muitissimo menor; em qualquer outra parte, occorre a forma de mão commum nos Amphipodes.

Mas, ha uma differença consideravel entre os machos d'estas especies, sobretudo na estructura das pinças, uma differença tão grande que mal podemos achar um parallelo, em qualquer outra parte, entre duas especies do genero—e ainda, como em *Tanais*, não encontramos uma longa serie de estructuras passando de uma para outra mas, sómente as duas formas sem meio termo (figs. 8 e 9). Os

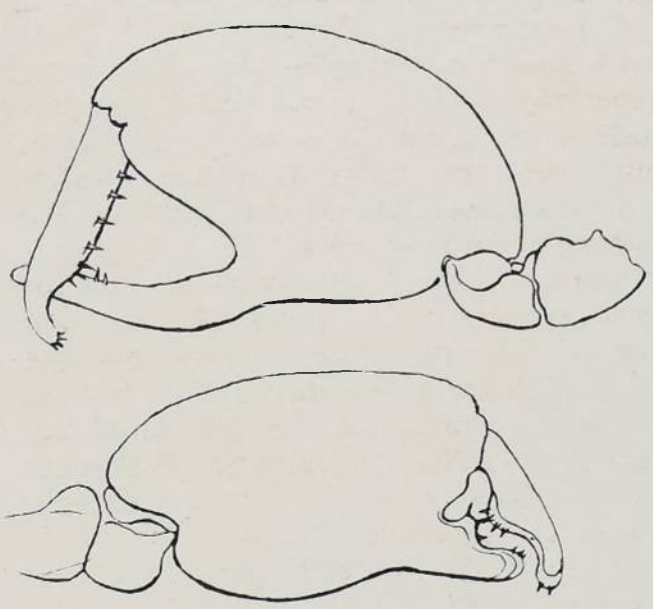


Fig. 8 e 9—As duas formas de pinças do macho de *Orchestia darwinii* X 45

machos, seriam indubitavelmente considerados como pertencendo á duas especies bem definidas, se elles não vivessem no mesmo logar, com femeas indistinctas.

O facto das duas formas de pinças dos machos occorrerem n'esta especie, é egualmente digno de nota, porque a formação das pinças que differem amplamente da estructura ordinaria nas outras especies, indica que ella soffreu inteiramente ha pouco, mudanças consideraveis e por isso, tal phenomeno devia ser esperado antes n'ella do que em outra especie.

Não resisto ao desejo de aproveitar a opportunidade e notar que (tanto quanto resalta do catalogo de Spence Bate), para duas formas diversas de machos *Orchestia telluris* e *O. sylvicola*) que vivem juntos nas florestas da Nova-Zelandia, só é conhecida uma unica forma de femea e, aventurar a supposição de que temos aqui um caso semelhante. Não me parece verossimil que duas especies, quasi alliadas, d'estes Amphipodes sociaes, possam occorrer promiscuamente sob as mesmas condições de vida.

Como os machos de muitas especies de *Melita*, se distinguem pela poderosa pinça impar, as femeas de algumas outras do mesmo genero, são egualmente distinctas de todas dos outros Amphipodes, pela circumstancia de que, n'ellas se desenvolve um apparelho particular que facilita a sua prisão pelo macho.

As lamellas coxaes do penultimo par de patas, são prolongados em processos falciformes, pelos quaes os machos ficam seguros, com as mãos do primeiro par de patas. As duas especies que eu conheço com esta estructura, pertencem ao numero dos animaes os mais lubricos da sua ordem; mesmo as femeas carregadas de ovos em todos os estados de desenvolvimento, não raro trazem machos enlaçados. As duas especies são quasi alliadas á *Melita palmata* Leach (*Gammarus dugesii* Edwards) que, é amplamente distribuida sobre as costas europeas e tem sido frequentemente estudada; infelizmente, porém, eu não consegui saber se as femeas desta ou de outra especie européa, possuem semelhante artificio. Em *M. ixilii* todas as lamellas coxaes são da forma commum. Comtudo, seja como for, quer ellas existam em duas ou vinte especies, a occurrencia destepeculiar processo falciforme, é, certamente, muito limitada.

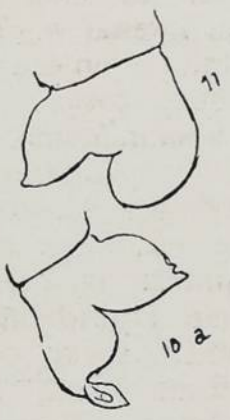


Fig. 10—Lamellas coxaes do penultimo par de patas do macho (a) e lamella coxal com os tres seguimentos seguintes do do mesmo par de patas da femea (5) de *Melita messalina* X 45

Agora, as nossas duas especies, vivem abrigadas debaixo de pedras ligeiramente enclinadas á visinhança da praia; uma d'ellas *M. messalina*, tão alto que só raramente são cobertas pela agua; a outra *Melita insatiabilis*, um pouco mais abaixo; ambas as especies vivem reunidas em numerosos enxames. Não podemos, por isso, suppor que os pares amorosos sejam ameaçados de perturbação, mais frequentemente do que os das outras especies, no caso da perda da sua Eva, não venham á encontrar uma outra. Nem ha nada mais facil

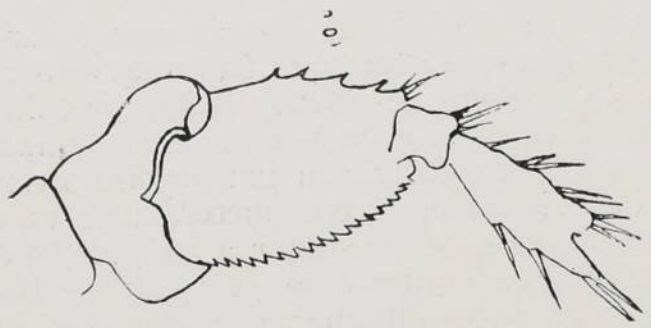


Fig. 11—Lamellas coxaes do mesmo par de patas de *M. insatiabilis*.

do que ver em que o artificio, no corpo feminino, para garantir o actoamoroso, poderia ser nocivo á outra especie. Porém, emquanto não está demostrado que as nossas especies carecem, particularmente, deste artificio ou que, o ultimo seria mais depressa nocivo do que util ás outras especies, a sua presença, sómente nestes poucos Amphipodes, terá de ser encarada, não como a obra de premeditado desejo mas, como a de um accidente, tornado uso pela selecção natural. Sob a ultima hypothese sua occurrencia isolada é intelligivel, ao contrario, não podemos perceber porque o Creador munio, só estas poucas especies, de um apparelho que elle julgou inteiramente compativel com o «plano geral de estructura» dos Amphipodes e, entretanto, recusou-o aos outros que vivem sob as mesmas condições externas e os egualam, ainda, na extraordinaria lascivia. Associados, ou na immediata visinhança das duas especies de *Melita*, vivem duas especies *Allorchestes*, cujos pares são encontrados mais frequentemente do que os animaes isolados; e entretanto, suas femeas não mostram o menor traço dos processos supra-mencionados, das lamellas coxaes.

Este caso, penso eu, deve ser trazido em contrario a concepção defendida, com tanto talento quanto saber, por Agassiz, de que as especies são pensamentos do Creador, corporificados; e, com este, todos os exemplos similares, em que os arranjos que seriam egualmente beneficos, para todas as especies de um grupo, faltem á maioria e só sejão conferidos á poucos e determinados favoritos que, não parecem precisar d'elles algo mais do que os restantes.

FRITZ MULLER.

Na "Serra das Antas"

E' quasi a prumo a serra alpestre. E a trilha dura,
Torta em rude espiral, transponho-a salto a salto,
Aqui se afunda o solo em cova horrenda e escura
Além se empina a pique um muro de basalto.

A rocha escalda ao sol. Trepo a escarpa mais alto,
Mais alto... e o pico ascendo. Em cima o céo fulgura...
E tonto, o olhar baixando ao valle, do planalto,
Recúo a arfar no horror da vertigem da altura.

E, ah! que deslumbramento! Um sussurro abrasado
Enche a varzea radiante. A passarada vôa
Na ampla gloria da luz. O vento agita as plantas.

E ermo, torvo, em cachões, reboando atropelado,
Num retumbo infernal que a bruta serra atrôa
Como passa o tufão, passa o "Rio das Antas."

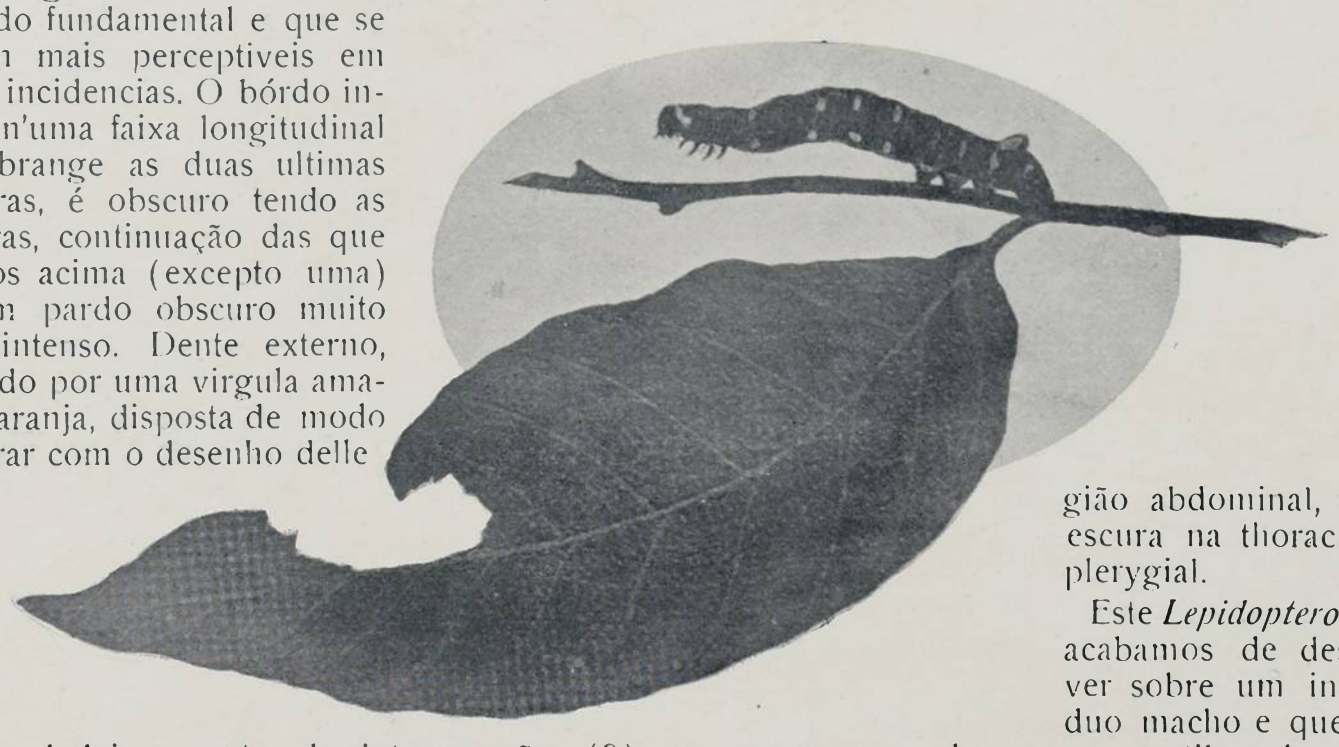
Rio Grande do Sul.

VICTOR SILVA.

Uma nova borboleta

GONODONTA MIRANDA — NOV. SPEC.

Imago — 35 mill. de envergadura. Azas superiores, pardo-bronzeadas n'um triangulo antero-interno, limitado externamente por uma linha ziguezagueante amarello de bronze, externamente marginada de pontos ferrugineos, que divide o segundo terço externo do ultimo dirigindo-se ao dente externo e depois seguïda de uma zona chamalotada, de violaceo, que se estende sobre o resto da aza, tornando-se obscura sobre o angulo apical; por dentro da linha amarellada transversa, ainda se nota tinta violacea, assim como uma ou duas zebruras transversas, de um pardo-bronzeado, ligeiramente mais intensas do que o colorido fundamental e que se tornam mais perceptiveis em certas incidencias. O bórdo interno n'uma faixa longitudinal que abrange as duas ultimas nervuras, é obscuro tendo as zebruras, continuação das que citamos acima (excepto uma) de um pardo obscuro muito mais intenso. Dente externo, marcado por uma virgula amarella-laranja, disposta de modo a figurar com o desenho delle um verdadeiro ponto de interrogação. (?) Franjas enfumadas. Azas inferiores de um negro fusco com o bórdo anterior amarello, sendo que o amarello desta região projecta-se sobre a aza n'uma faixa de amarello vivo, de bórdos sub-parallelos, arredondada no canto postero-externo.



Franjas claras.

Face inferior das primeiras azas, fusca com reflexos violaceos; bórdo costal, uma faixa basilar curta e bórdo posterior, amarellos. Franjas amarelladas. Cabeça, bórdo interno e apical dos palpos, face inferior do thorax e do abdomen, de côr branca mais ou menos ocracea; face superior do thorax pardo-bronzeada, do abdomen cinereo-bronzeada e tanto aquelle como este com reflexos violaceos.

Habitat — Rio de Janeiro (Quinta da Bôa-Vista.)

Lagarta — 45 mill. de comprimento, sobre a *Carrapeta* ou *Itó*. (Guaria trichilioides)

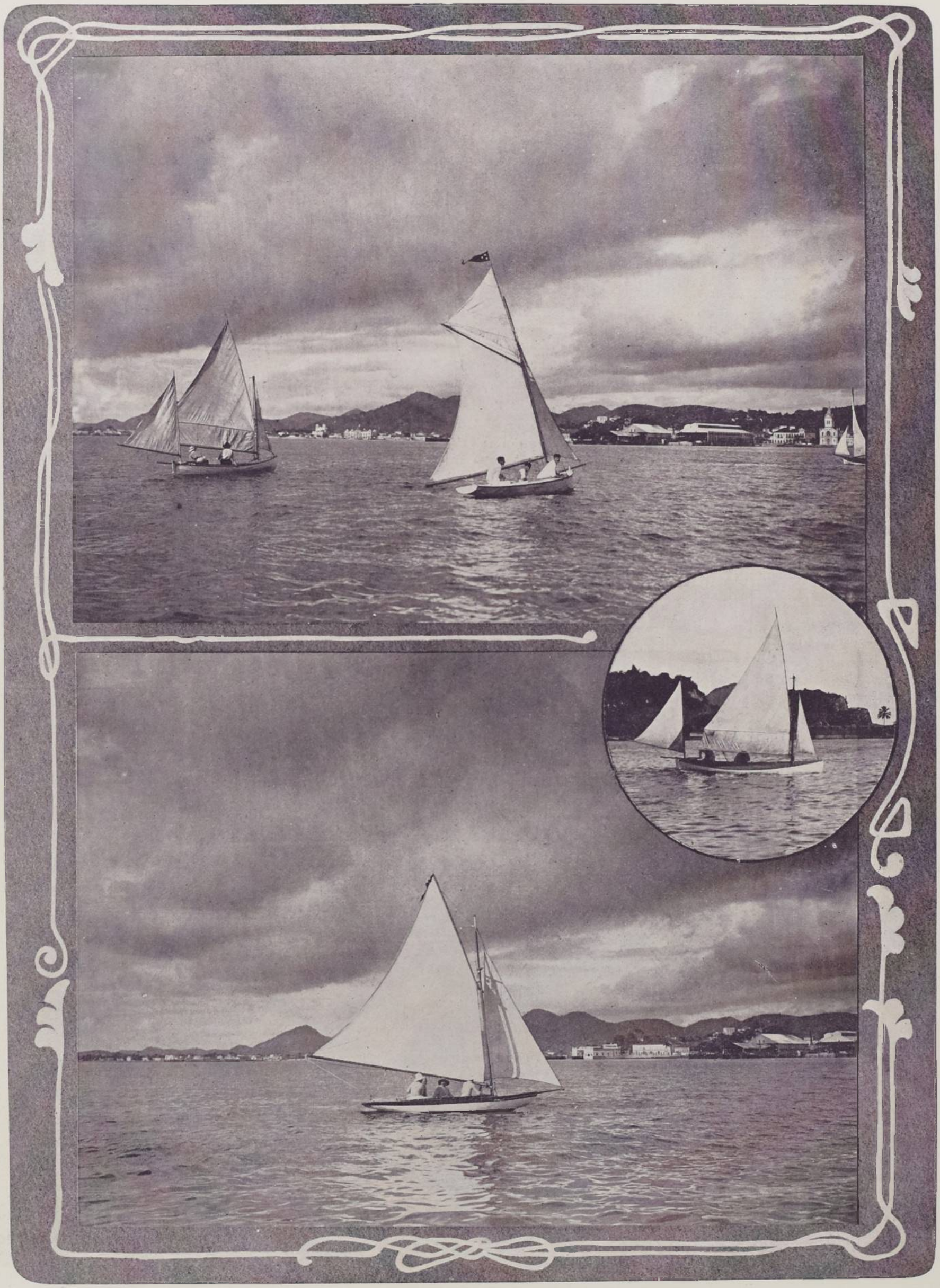
Negro-violacea, finamente annellada de claro, tendo lateralmente duas series de maculas de um vermelho cinabrio; sobre o primeiro segmento uma faixa transversa irregular de um amarello chrômo-claro; entre as duas seguidas de maculas vermelhas, uma amarella, pequena; a superior do quarto par de maculas vermelhas, guarnecida posteriormente de amarello claro; sobre a protuberancia do antepenultimo segmento, uma nodoa cinabrina e ainda uma fina estria desta ultima côr na divisão do ultimo segmento.

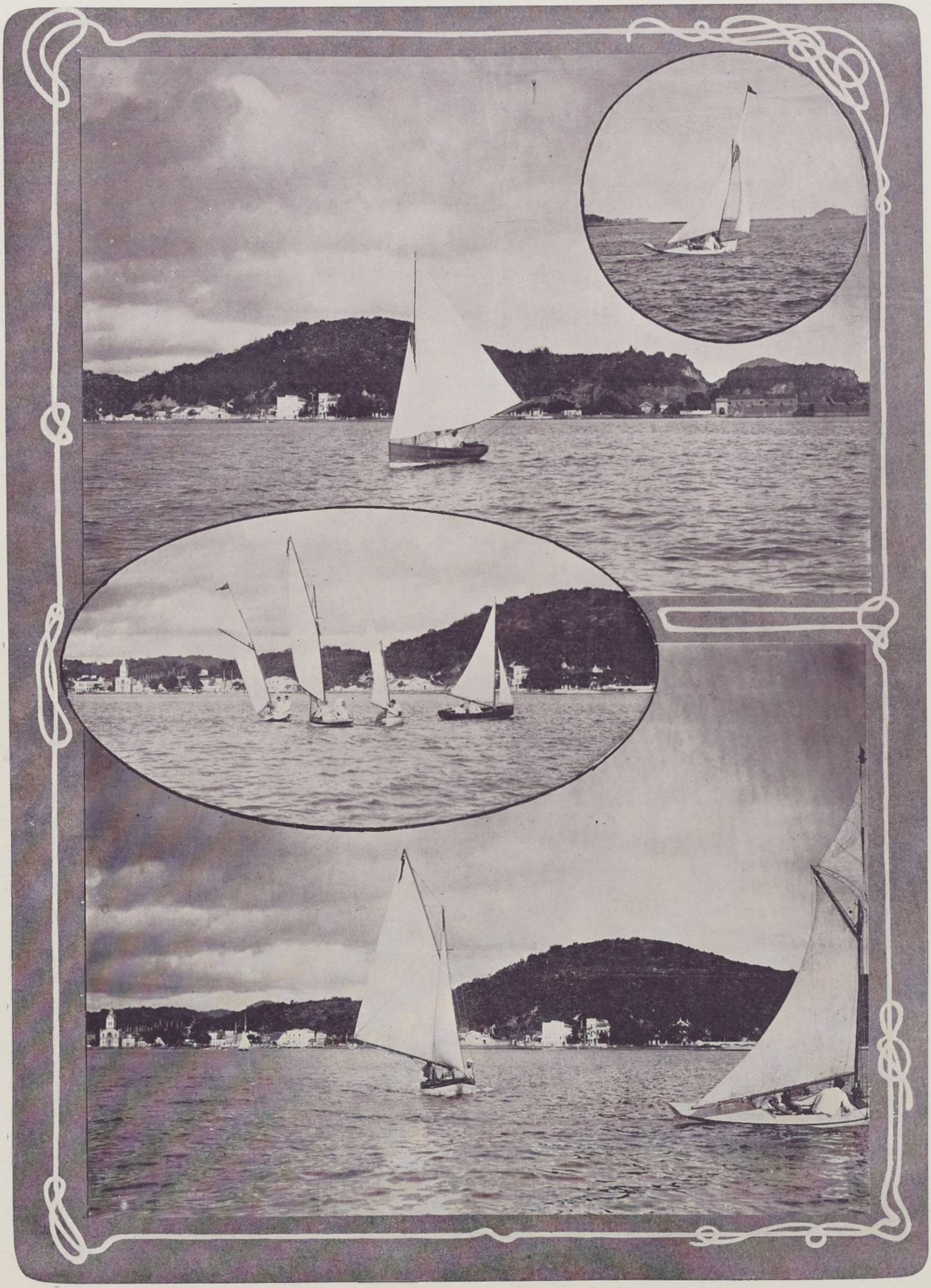
Chrysalida. — 18 mill. de comprimento. Fórma commum; de um castanho ruivo na região abdominal, mais escura na thoracica e plerygial.

Este *Lepidoptero* que acabamos de descrever sobre um individuo macho e que nos parece ser novo, devemos a gentileza do nosso excellente amigo o Sr. Alipio de Miranda Ribeiro, do Museu Nacional, distincto ichthyologo, que nos enviou a lagarta e a quem dedicamos a especie em questão como pallido testemunho de nosso agradecimento.

BENEDICTO RAYMUNDO.

YACHT-CLUB BRASILEIRO





AO VIR DO OUTOMNO

Mocidade! A canção do passaro que esvoaça,
O fremito do azul no seu deslumbramento,
O que perfuma, o que perturba, o que perpassa,
Uma estrella a cahir num torvo céo nevoento...

Ondeia ao sol de Maio o oiro dos teus cabellos,
E a torrente glacial meus sonhos amortalha.
Quantas desillusões e quantos pesadêllos!
Quanta melancholia ao fim desta batalha!

Para a extactica uncção do luar opalescente
Sóbe da tua voz o languido nocturno,
E paira sobre mim, cabalisticamente,
O verde pienilunio, álgido, de Saturno.

Mas a tua piedade afugenta o Destino,
As tuas frageis mãos despedaçam cadeias,
De sorte que outra vez terei, moço e menino,
A aurora do meu sangue a crepitar nas veias.

Outra vez baterá meu coração esquivo,
Meu velho coração trespassado de settas,
E hei de sentil-o, vê, glorioso e redivivo,
Crucificado ao sol na eterna Dôr dos poetas!

Como te levarei pelo meu braço, dono
Dessa carne aromal, desses labios vermelhos!
E quando te posar nas palpebras o somno,
Dormirás, sorrirás, branca, sobre os meus joelhos...

Dorme e sorri! por entre as rendas da camisa,
A' dôce ondulação do seio alvo e perfeito,
Subtilmente deslisa o meu ciume, deslisa
A vibora assanhada aos pés do nosso leito.

Bolhas de ar... illusões... Por ti sómente brilha
A Mocidade, flôr pendendo sobre rochas,
E eu não posso voltar, mesmo de rastros, filha,
Ao cimo do vulcão onde tú desabrochas.

Pará

CELSO VIEIRA.

Á BEIRA-MAR

— Lily! Lily!

E o doce nome cantava no silencio luminoso da tarde com um timbre de ouro alegre como o chilrar das andorinhas no telhado. Immediatamente uma senhora esbelta e loura, planturosa, uma *mistress* de olhos vividos e moços posto que quarentona, appareceu, descendo os degráos da escadinha do jardim, numa casa solarenga da Pedra-Grande.

Então, na varanda, entre trepadeiras, cobrindo de um crivo verde de folhas a larga parede onde se rasgavam grandes janellas e portas a rendilhados manuelinos, uma cabeça olympica de *miss* surgiu, como uma illuminante apparição astral:

-- Espere lá, mamã!

Nesse instante um rapaz de claro, alto, forte, são, com pequeno bigode negro e amplos hombros athleticos, transpunha o vasto portão de ferro, risonho e muito escarolado.

A ingleza, que já o esperava junto a moita de rosas jaldes, na longa álea que enfiava até ao mar, alva e perfumosa, muito alegre nas leves vestes de musselina branca, o rosto e os braços rosados, apertou-lhe a mão com affecto.

E desceram ambos ao lado um do outro, a palrar, sobre o saibro claro e lavado rangendo sob as solas, até umas pedras á beira d'agua.

Ahi o mar achatava-se para todos os lados, calmo e azulado, com uma vasta rutilancia de nickel. A um canto, entre rochas altas lembrando *menhirs*, accendiam-se malhas de ouro e nacar, que levemente ondulavam. Longe, ao sul, corria uma peninsula com massiços de verdura, arvores frondosas, palmeiras varrendo o céo na aragem. Defronte, para as bandas da terra-firme, um occaso dourado de outubro, alastrando o Azul por sobre o extenso recórte dos montes. E á sombra da costa, aqui e além cruzando as aguas, como gaivotas, vôos rasos de velas brancas...

Passos leves e um *fru-fru* roçagante abriram-se de repente na álea — e *miss* Lily chegou clara e rosada, vestida de azul-marinho, com uma cadellinha ao collo. Os cabellos cahiam-lhe do alto da grande e linda cabeça escoceza em massa ardente de juba espessa ondulante, côr de ouro como um braçado de fêno ao sol. Seus olhos celticos tinham o verde, a doçura, a transparencia e o brilho d'agua das fontes, em mattas virgens, nos prados. E seus labios magnificos onde a alvura dos dentes rutilava, attrahiam os beijos, humidos, polposos, escarlates.

O rapaz voltou-se logo, num fremito, o ar *gentleman*, saudando-a graciosamente, com um carinhoso *shakehands*. E rompeu em festas á cadellinha, a *Lucinda*, numa doce algazarra.

Lily, muito rosada e com os louros cabellos soltos como um manto de fios de ouro, ria-se alegremente em esfuziadas crystalinas...

O verão começava e tudo em redor era ineffavel. No ar limpido e transparente errava um aroma vivo e penetrante.

Sentados sobre as pedras, ao ruido das ondas espraiando-se em caricias murmurosas, batidas pela brisa do mar passando queixosamente por entre os ramos dos salgueiros e dos cedros novos do jardim, que acenavam pelas copas balouçantes para as embarcações navegando ao longe — os tres, numa palração animada, olhavam, encantados, as casas da Praia de Fóra, muito brancas no reconcavo da costa, á claridade esmaiada da tarde; as risonhas collinas do Estreito, ondulando em successivos planos de esmeralda; a pittoresca paizagem dos Coqueiros, fresca, saudosa e verde-negra, destacando sobre ouro como as linhas fugidias de um oásis. Perto, numa volta da estrada para onde desciam pastagens luxuriantes, lembrando os bizarros prados da Escocia na primavera, grupos coloridos de moças e rapazes perpassavam alegremente, na frescura littoral da paizagem...

Longo tempo alli ficaram, gozando a deliciosa illuminação do occaso.

Mas uma tinta azul-ferrête alastrava o céo, barrando os longes os primeiros pannejamentos da noite. Uma etherea melancolia baixava, alastrava-se por toda a Natureza, aviventando remotas lembranças, extinctas venturas fruidas em alados e alvoroçados instantes, na effervescencia do sangue, aos enternecimentos que estuam quando o coração polarisado ama...

Ergueram-se então, tomados de uma vaga melancolia, fixando ainda uma vez a amplidão ondulosa do mar tingindo-se de uma negrura brilhante. E, *mistress* Mag á frente, foram subindo vagarosamente para a casa, onde grandes lampadas belgas abriam já as açucenas dos seus fócos luminosos sobre as *consoles* de bronze dourado do salão.

Mas, demorando o passo na álea, sob as frondes murmurosas e os canteiros aromados o rapaz, numa profunda vibração de affecto, carinhosamente enlaçando a Lily pela cinta delicada e bem feita, ia a beijando, beijando. Ella, vencida e cheia de languidez, reclinava-se toda sobre o seu hombro forte: e de seus labios humidos desprendiam-se, tremulas, entrecortadas e ardentes, estas palavras deliciosas:

— Meu amor!... meu amor!...

Nos degráos da escadinha da entrada pararam um momento, arrebatados pelo esplendor do céo que se coroava todo de uma prateada florescencia de estrellas...

VIRGILIO VARZEA.

BANDEIRANTES

(EPISODIOS)

II

DEPOIS do tragico successo do Sumidouro, dispersos pelos sertões os sequases de José Dias Paes, recahiu o arrayal em sua placida vida, aguardando Fernão Dias Paes Leme os socorros mandados pedir em S. Paulo.

Chegaram elles por fim ; não da Camara e dos principaes que recusaram fazer novas despezas de aleatorio resultado; não da Côrte, prodiga somente em promessas de recompensa; mas da esposa do sertanista, D. Maria Betim que reduzindo a dinheiro todo o ouro e prata que em casa tinha, transformou-o em munições de que foi portadora numerosa leva de escravos seus.

Com esse reforço, moveu-se para o norte a bandeira de Fernão Dias e após inenarraveis soffrimentos chegou ao ponto indicado por Marcos de Azeredo, nas margens da lagôa Vapabuçú, onde aquelle explorador colhera as coradas pedras que enviadas á Côrte, deram origem a tantas mallogradas expedições.

Estava emfim decifrado o enigma do mysterioso sertão: farta foi a colheita das pedras verdes nos socavões da lagoa ; mas logo, como que para castigo do audacioso invasor, mortiferas febres começaram a victimar a comitiva, muitos dentre ella encontrando a morte naquellas inhospitas regiões.

Partiu a expedição fugindo ao perigo, para o sul novamente ; á vista do Sumidouro pereceu Fernão Dias, entregando a Borba Gatto o commando da bandeira, a Garcia Rodrigues confiando o encargo de fazer chegar á Côrte as pedras colhidas no Vapabuçú.

Embalsamado o corpo do sertanista, partiu Garcia Rodrigues em demanda de São Paulo, emquanto Borba Gatto, no Sumidouro, preparava mantimentos para proseguir as explorações do Sabará-buçú.

No arrayal do Paraopeba (1) a comitiva de Garcia Rodrigues encontrou-se com a numerosa expedição que, sob o commando de D. Rodrigo de Castel Branco, nomeado pela Côrte Administrador Geral das Minas, marchava para o sertão do Sabará-buçú.

(1) Pedro Taques chama-o S. Pedro do Paraopeba ; outros dão-lhe o nome de Sant'Anna.

Era D. Rodrigo castelhano de nascimento; vivera por algum tempo no Perú, onde trabalhára na mineração ; com a noticia das descobertas das jazidas brasileiras, passara-se a Portugal, onde se inculcando habil nas explorações, conseguira captar a confiança do Principe Regente, que lhe confiou o encargo de explorar as novas descobertas.

Fôra primeiramente ás minas de Itabaiana, que se presumiam as lendarias de Roberio Dias ; descera ao Pernaguá, cujos sertões os paulistas desbravaram até as Missões Jesuiticas.

Depois, a insistencias dos maioraes de S. Paulo, anciosos já pelas promessas da Côrte, já pelas noticias das fantasticas riquezas do Sabará-buçú, espalhadas pelos desertores da bandeira de Fernão Dias, partiu de S. Paulo a 12 de Março de 1681 com uma enorme comitiva, de que era Tenente-General Mathias Cardoso de Almeida, (2) o companheiro de Fernão Dias na primeira phase de sua expedição, Sargento-Mór Estevão Sanches de Pontes e Capitães de Infanteria entre outros João Dias Mendes e André Furtado.

Cada chefe paulista levava gente sua, e á propria custa. D. Rodrigo, a expensas da Corôa, gente do padroado régio.

Pela primeira vez usaram-se cavallos nas incursões ao sertão. Numerosas cabeças de gado vaccum acompanhavam a expedição. Não podia ser rapida, pois, a movimentação desse enorme corpo expedicionario.

Assim é que sómente em 20 de Junho chegou D. Rodrigo ao arrayal do Paraopeba.

Garcia Rodrigues recebeu amavelmente o Administrador e com sincero alvoroço os paulistas da comitiva.

Tomou conhecimento das ordens e Regimento do Administrador Geral, que o investiam de plenos poderes sobre os descobertos, entregou-lhe, manifestando-as, as pedras colhidas no Vapabuçù e deu-lhe posse dos arraiaes fundados por Fernão Dias, para celleiro das futuras expedições.

Deu-lhe noticia de que Borba Gatto, no Sumidouro, preparava-se para levar avante as explorações no Sabará-buçú, conforme as ultimas recommendações de Fernão Dias.

Com essa nova, deixando o Paraopeba, marchou apressadamente D. Rodrigo para o Sumidouro, afim de encontrar ainda o Borba para communicar-lhe as ordens que trazia.

Partira o bandeirante do arraial, acampando pouco adiante, quando chegou-lhe a nova

(2) Eleito pela Camara da Villa de S. Paulo para este posto e nomeado por Carta Patente de D. Rodrigo, de 28 de Janeiro de 1681.

da vinda de D. Rodrigo. Voltando sobre seus passos, foi ao encontro do Administrador Geral.

Era Borba Gatto em extremo altivo e susceptivel, dessa rude raça que palmo a palmo defendeu contra os forasteiros o sertão conquistado por seu esforço, julgando-o de sua exclusiva propriedade.

D. Rodrigo, fanfarrão e gabarola por natureza, antipathico aos proprios companheiros pela desenvoltura e orgulho que em todas as occasiões manifestava, desagradou-lhe logo.

Tomando conhecimento das ordens que levava o Administrador, obtemperou-lhe Borba Gatto que, como legitimo successor de Fernão Dias, tinha, transmittidos em boa e devida fórma, os poderes que áquelle conferira em nome d'El-Rey, o Governador Furtado de Mendonça, accrescendo ainda a circumstancia de haver na ordem por D. Rodrigo apresentada, expressa recommendação de não ser exautorado Fernão Dias.

Assim pensando, Borba Gatto propôz a D. Rodrigo seguissem separadamente as bandeiras, elle para continuar as descobertas encetadas e D. Rodrigo para o sertão ainda inexplorado.

Não acquiesceu o fidalgo hespanhol á proposta, que lhe pareceu singularmente suspeita. E immobilisadas as expedicionarias levas, ganhou o Sumidouro em vida e animação com a estadia de tanto povo, embora á conta da Corôa corressem as despezas improficuamente.

Mezes se passaram assim. Por fim, vendo Borba Gatto que a nada se resolvia o castelhano, exprobou lhe duramente o procedimento e a um tempo arremessou-lhe em rosto a indisciplina e licenciosidade das tropas no arrayal, dizendo-lhe ia representar a El-Rey contra o desbarato feito aos dinheiros da Corôa.

Dissimulando o intento de buscar uma justificativa á demora, declarou-se D. Rodrigo prompto a partir, sob a condição de fornecer-lhe Borba Gatto parte das munições e instrumentos de mineração que possuia, ao que não annuio este, declarando-lhe peremptoriamente que todo esse material havia sido adquirido á custa de Fernão Dias e não por conta do erario régio.

Profundamente irritados ficaram os companheiros de D. Rodrigo com a recusa do inflexivel paulista, e em altos brados se offereceram para ir arrancar á força o que lhes era negado por bem.

Armou-se para resistir ao ataque a força de Borba Gatto, e em breve, concentrados em bandos hostis, prestes a vir ás mãos, acantoaram-se nos dous extremos do arrayal.

Interveio prudentemente D. Rodrigo, auxiliado pelos cabos paulistas, para evitar a inutil carnagem — e propôz a Borba Gatto uma conferencia, a que comparecessem sómente acompanhados por dous pagens. Inferior em armas e pessoal, consentiu o paulista em comparecer á entrevista.

Realizou-se esta, conforme fôra combinado, em uma pequena eminencia, fóra do arrayal; — pacifica ao principio, a altaneria do fidalgo hespanhol e a susceptibilidade do paulista, romperam todas as regras de cortezia, dirigindo-se duras exprobações; e, irritadissimos separaram-se, proferindo D. Rodrigo violentas ameaças contra o sertanista e sua gente.

Tanto bastou para que os dous pagens de Borba Gatto, levando á mira os trabucos, prostrassem morto com dous tiros o infortunado hespanhol. (3) Não satisfeitos, avançaram sobre os dous pagens de D. Rodrigo, que seriam mortos se lhes não acudisse o consternado paulista.

O ponto em que se deu esse facto até hoje conserva o nome de Alto do Fidalgo, com que a tradição recorda o primeiro sangue, que a fome sagrada do ouro ensopou terras mineiras.

Agitou-se com brados de vingança, ao saber do sinistro successo a gente de D. Rodridrigo, marchando contra o bando de Borba Gatto.

Este, porém, se entrincheirara fortemente, na mesma eminencia em que se dera o lugubre desfecho, aguardando calmamente o ataque.

Critica, entretanto, era a sua posição.

Assassino de um mandatario do Rei, criminoso, portanto, de lesa-magestade, sómente a dedicação de sua gente podia garantir-lhe a salvação.

Mandou emissarios aos seus velhos amigos de S. Paulo, narrando lhes como se dera o acontecimento de que não era culpado; e conseguiu que, acalmados os animos, elles, á frente de suas tropas, retomassem o caminho de S. Paulo, deixando no Sumidouro sómente os soldados e indios de D. Rodrigo.

Estes, apezar de desfalcados, continuaram teimosos o cêrco.

Lançou mão de um ardil o Borba para os desanimar, já que mais fraco os não podia combater a peito descoberto.

---

(3) Ha contradicção entre os diversos chronistas e documentos officiaes, sobre o modo porque se deu o assassinato. A consulta do Conselho Ultramarino de 29 de Abril de 1683, diz terem partido os tiros do matto, na occasião em que passava D. Rodrigo.

Nos arredores do Sumidouro, ligados a algumas tribus indigenas, viviam ainda muitos dos expulsos por Fernão Dias do Sumidouro, em virtude da conspiração de José Dias Paes. Sabendo da critica posição do Borba offereceram-lhe auxilio. Alvoroçado, acceitou este a offerta, e fez constar no arrayal contrario que aguardava sómente a vinda de reforços de gente sua, que numerosa andava a explorar os sertões, para acceitar o combate.

Uma noute, occulta nas trevas, sahiu parte da gente do paulista, e atravessando as trincheiras ganhou a matta sombria.

Ao alvorecer, foram os sitiantes despertados pelo alarido de um grande grupo que se encaminhava para as trincheiras.

Acreditando que reforçado assim, Borba Gatto os destroçasse e impiedosamente os exterminasse, retiraram-se os destroços da grande bandeira de D. Rodrigo, e, não querendo voltar a S. Paulo, que para muitos seria a escravidão, dispersaram-se pelos sertões, ganhando as margens do S. Francisco, onde fundaram as numerosas fazendas de gado de que provêm os immensos rebanhos que enriquecem Minas Geraes.

Borba Gatto, convencido de que para elle não haveria perdão, entranhou-se com os seus nos desconhecidos sertões do Rio Doce, unindo-se aos indios que hospitaleiramente o receberam, segregando-se da civilisação.

Sómente muitos annos depois, perdoado e cumulado de honrarias, o vemos surgir novamente na historia das Minas, com o segredo do ouro que estas encerravam no fecundo seio.

Abril—907.

MARIO BEHRING.

A Semana Santa

(NOTAS DO PASSADO)

O que hoje nos resta da *Semana Santa* é simplesmente um apagado debuxo, um furtivo arremedo do que ella foi ha trinta, ha cincoenta annos passados, para não irmos mais longe.

Do seu ceremonial, apenas guardamos o que a egreja pratica, mas já não é o mesmo d'outros tempos, já não tem a intensa expressão de fé, os modos e aspectos do veneradissimo culto d'antanho.

Quem ouvir contar nestes nossos rapidos dias de sarcastico materialismo as scenas da *Semana Santa* no «bom tempo» dos nossos bisavós, quando o meio-grosso Paulo Cordeiro andava em primorosas bocêtas de ouro, de prato, madreperola ou tartaruga, cuidosamente lavradas e tão artisticas que hoje valem contos de reis nas collecções de amadores; nesse «bom tempo» da pitada e da anedocta piccaresca, em que para as ventas dessorantes havia lenços de seda da India, capazes de fornecerem pannos para uma blusa de senhora da moda, não acreditará, talvez, em tanta circumspecção e tão fervoroso culto!

Pois assim foi:

Ao chegar *domingo de ramos* todo o viver se transformava.

As donas, *inganinhas*, *sinhás* e *yáyás*, logo pela manhã cedo, antes do seu temperado café com leite e bijús, cobriam as vidraças dos oratorios com cortinas de seda roxa, se tinham patacos para tanto; se não, eram cortinas de metim de côr ou, com preferencia, de linho, muito alvas e alisadas a ferro de engommar. A's sete da manhã partiam as mucambas para as egrejas, mas sob os cuidados das suas *senhôras-moças* que lhes compunham o vestuario negro, do rigor; iam buscar a *agua-benta* em jarros e garrafas, com a qual se benziam, em nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo, os cantos e des-

vões da casa e as pessoas nella moradoras, isso por meio de raminhos de arrudas ou de alecrim, a que a superstição africana empresta virtudes percucientes contra as manhas do Tinhoso.

De então até segunda-feira após a Resurreição, não se cantava nem se abria o piano; cessavam os castigos aos escravos delinquentes, a vida alheia era respeitada... em suppposição, e o peixe entrava no exclusivo regimen alimenticio das familias, desde as mais ricas até as mais pobres.

E de manhã á noite orava-se em casa, ou ia-se orar nas egrejas, mais ao agrado do Senhor, porque a oração seria feita na sua Casa, e não menor agrado dos crentes femininos que entremeiariam os deveres religiosos com a delicia dos mexericos, a oratoria pathética dos pregadores sacros ou olhadellas discretas do eterno namoro. Ora, o namoro!.. Que mal fazia?... Namorar não offende á fé, que foi Deus quem nol-o concedeu para estabelecer a juncção dos sexos necessaria á pluraridade de suas creaturas...

Mas, a verdade manda dizer que havia muita *sinhásinha* formosa tão apegada ao fervor religioso que, sem se importar com o *tic-tic* do seu ardente coração, não despegava os olhos do luxuoso livro de suas rezas.

Ah!... é que naquelle tempo havia crença!

E, no emtanto, que era o ardor dessa crença comparada com a de outros vinte ou quarenta annos passados?

Lá para atraz, nesses vagos tempos do lundú de *mon roi*, sim, isso é que foi crença! As lindas patricias, mais morenas que as de hoje, e senão mais tentadoras pelo menos mais sadias, desarrumavam dos seus bahús os grandes covados de seda pura dos seus vestidos negros. Cheiravam a sandalo. Em torno de suas esbeltas cinturas prendiam todo esse luxo farfalhante de fino adamascado, que as envolviam amplamente, em largo circulo isolador como uma côrte regia custodiando a sua rainha. Depois era o corpinho, compremido ao busto, estreitando-o com amor, e consentidamente decotado para fazer a gente... desrespeitar a abstinencia da *Semana Santa*, em pensamentos.

Nisso é que concordo andar o dedo do Pé de Pato...

E então o negrume dos seus cabellos, reluzentes d'oleo de coco! e o *trépa-moleque* de tartaruga, admiravelmente cinzelado, algumas

vezes filigranado de ouro, que os prendia e ao *fichu* de renda negra!...

Eram assim formosas as nossas patricias d'aquelle tempo.

Admirae uma dellas na estampa que aqui tendes sob os olhos. E' uma scena da *Semana Santa*. A linda morena está á porta de uma egreja, onde vae assistir a ceremonia de *ramos* e, como a egreja ainda lhe não exige lagrimas sobre os pés do seu divino instituidor, a sua faceirice procura enfeites para se fazer levianamente mais... perigosa.

Só um pequenino defeito, — e vá pequenino em consideração das suas prerogativas! — se lhe podia reprochar; era o de comprar flores de papel. De papel?... Mas, os tempos, costumes...

Ora, *snobs*, deixemo-nos de censuras descabidas. Cada época tem os seus usos.

Nesse tempo a *Semana Santa* recommendava-se pela extensão do seu culto, a que a inconsciente irreverencia popular, chamava sacrilegamente — *festas*. E eram, na verdade, festas; porque se as recebia com a commoção do prazer.

De em torno tres leguas desta cidade, e ás vezes de mais longe, familias inteiras vinham assistir os actos da Paixão, aqui celebrados com uma pompa quasi sevilhana. A vinda dessas familias, é preciso que se nóte, só por si constituia um acontecimento. Como se sabe nem a locomotiva nem muito menos o automovel faziam parte dos inventos da humanidade, ainda bem reduzidos. As conducções, isto é, o melhor systema de viação, eram os carros de boi e a falúa para os jornadeiros do interior por estradas ou vias fluviaes, e as séges, as cadeirinhas, as carroças de um animal para a gente da cidade. Quando uma familia deslocava-se do Irajá ou de Itaguahy, de Magé ou Sant'Anna de Macacú, para vir á capital, fazia um reboliço de exodo, armava uma caravana pittoresca e infindavel. Em primeiro logar vinham os *caçûlas* com as amas, depois os pimpolhos da *segunda camada* e, em seguida, os da primeira, que orçavam geralmente pelos treze aos desesseis annos. Guardando-os a todos, e com o justo orgulho dos conscientes que cumprem seus deveres, obedecem as auctoridades e temem a Deus, vinham os paes, rotundos, anchos da sua larga existencia pacata e fecunda. Seguiam-lhe as *crias* de estimação, essas transformadas em pagens, com os balaios dos utensilios domesticos, e as mucambas com as trouxas das roupas e os presentinhos da hospedagem, latinhas de bijús mimosos e pipocas, vidros de malaguêtas, e alguns ramos de hervas medicinaes para os semicupios dos compadres quando os humores os pungissem.

Não se vá pensar, desastradamente, que toda a generosidade da familia visitante se limitava a essas pequenas coisas. Não, senhores. Antes delles, ás vezes mais atrazados os criolos de confiança augmentavam o carregamento dos saccos de carás, dos boiões de melado, dos feixes de canna doce e dos palmitos, das latas de goiabada e das *capoeiras de criação*, nada menos que uma duzia de escolhidas gallinhas e dois perús de roda boa.

Então, que pensam os senhores? Toda essa caravana vinha se aboletar em casa dos compadres, ainda mesmo que não tivessem chacaras, senão um simples quintal de predio no coração da cidade, e havia de trazer, como diz o vulgo, «uma das mãos atraz e outra adiante?» Não vê! N'aquelles tempos tudo andava muito certinho nos seus eixos.

E era pela *Semana Santa* que essas caravanas mais enchiam as ruas da capital.

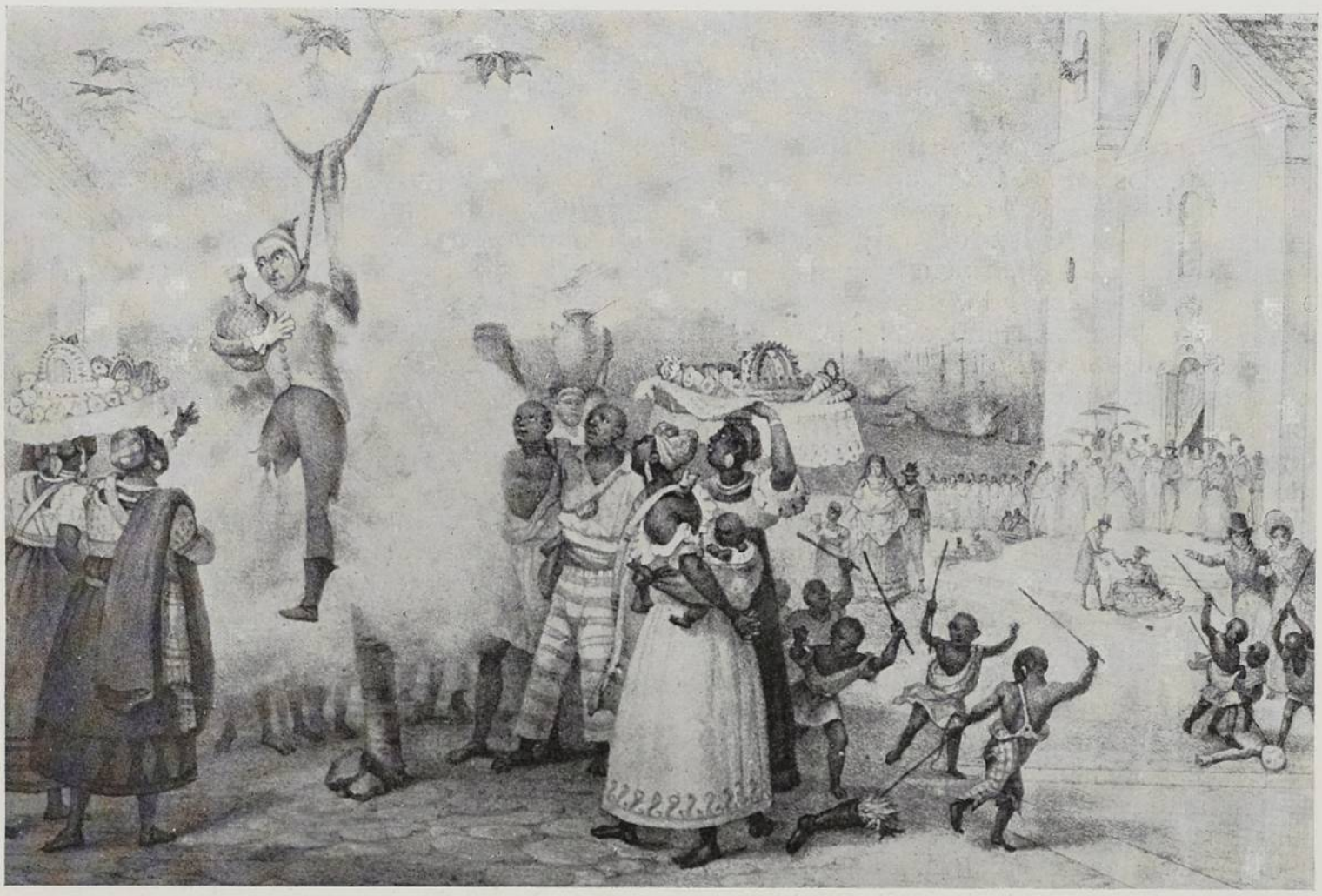
Louvemol-as no seu gosto, porque as *festas* da Paixão tinham uma solemnidade digna de se ver.

As cerimonias começavam no *domingo de ramos*. Em S. Francisco de Paula, no Carmo, no Bom Jesus, Candelaria, S. Pedro, S. Francisco da Penitencia, Boa Morte e S. Bento as missas eram solemnes, obedecendo a todo o ritual catholico. As egrejas ficavam apinhadas de fieis. Distribruiam-se ramos e palmas bentas. A palma servia para afugentar o Demo e combater sezões, para livrar do raio em casa, annullar *mandingas* e até para curar furunculos!

Ah! e que alegria nesses *domingos de ramos* dos nossos antepassados!

O povo sahia á rua. Por toda a parte guinchavam buzinas de palha, alegremente. *Bahianas*, de redondos vestidos negros, anaguas rendadas e cabeções de crivo em algodão clarissimo, mercavam doces em taboleiros enfestoados de coloridos papeis rendilhados a capricho. A cidade animava se, e não mais descançava.

A quarta-feira de trevas impressionava com as suas matracas batidas, lugubremente, nas ruasitas mal illuminadas. Sentia-se no ambiente o cheiro religioso d'alfazema, do incenso e da cêra derretida. Em todos os templos havia o *sermão de lagrimas* pregado por notaveis oradores da tribuna sagrada. Vinha depois a quinta-feira d'endoenças com os lava pés. Nos melhores tempos do reinado do Sr D. Pedro II essa ceremonia tornou-se famosa O monarcha, em pessoa, por suas proprias mãos, molhava e enxugava os pés de doze pobres, na Capella Imperial, hoje cathedral do



arcebispado. Commovia. Muita gente sahia do templo meditando na profunda significação do symbolo. E' provavel que, durante minutos, talvez horas, houvesse quem sentisse a edificante humildade do acto...

Outros, porem, sem duvida em maior numero, retiravam-se impressionados com a rutilação da prataria das baixelas expostas, sob a guarda de soldados convenientemente armados. E isso fazia a maioria dos templos, sendo mais notaveis as baixelas da Capella Imperial e da egreja do Carmo.

Com essa exposição concorriam os presepes. Ao principio faziam-os em casas particulares e numa ou outra egreja. A do Livramento, por exemplo, nos tempos coloniaes, attrahia innumeros visitantes pelo arranjo dos seus presepes, feitos pelo pintor Raymundo da Costa e Silva. Depois fizeram-os em outras egrejas. Armavam-os segundo a fantasia de cada um; em alguns punham repuxos de *Agua Florida*, n'outros montanhas perfuradas de tuneis, comboios a vapor, anachronicas figuras a fingir de judeus da época de Poncius Pilatos.

A fantasia excedeu-se. Toda a casta de ornamento entrou a compôr o scenario. Os mais bem avisados templos substituiam os presepes pela exposição do *Senhor morto*, cujo corpo cobriam de tunica de seda rôxa semeiada de lantejoulas. E diante do filho de Deus, a lhe beijar a testa, a lhe babujar os pés, arrastava-se a immensa multidão dos crentes. Ao lado do ataúde santissimo, aberto no altar-mór, havia bandejas de prata para o recebimento das *esmolas*. Os pobres punham um pataco para trocal-o pelo vintem ou dez réis, porque esse troco dar-lhes-ia felicidade.

Mas o dia maior da *Semana Santa* antiga era a sexta-feira, chamada da paixão.

Na tarde desse dia faziam a procissão do Senhor dos Passos.

A procissão, uma das maiores depois da de *Corpus Christi*, resumia a ceremonia da semana. Todas as *irmandades* concorriam para a sua grandeza, e cada qual procura sobresahir pela quantidade e riqueza dos anjinhos, petizes caracterisados de cherubins, em filòs e lhamas sobrecarregados de galões dourados, azas brancas pegadas nos hombros, tremelicantes plumas ou vistosos capacetes a lhes pesarem nas cabecitas quasi nullas sob a immensidade dos cachos louros ou negros das cabelleiras postiças. Tres sujeitos disfarçados em mulheres

representavam as tres Marias do Calvario, as quaes o povo denominava de *Behûs* porque *ellas*, em mesuras caricatas, vinham a se permutarem exclamações de uma difficilima traducção, que se resumiam na expressão melopeica de—*be—hús!* Sob seus passos e a admiração popular appareciam os centuriões romanos, que a fantasia dos organisadores do prestito armava de enormes barbas não contente de os ter armado de feixes d'armas. Eram seis latagões, muito compenetrados do seu papel e horriveis nas suas barbaças de mata-mouros. Após desfilavam os andores, e entre esses e o do *Senhor dos Passos*, dispertava admiração o *anjo cantor*, uma rapariga nem sempre cantora, porque não raro a sua voz enrouquecia na terceira *parada* a que a obrigavam pelas ruas. Traziam-lhe uma escadinha terminada em estrado, ella subia a essa plataforma e d'ahi cantava, si podia cantar! Em compensação davam-lhe um grande manto de velludo azul bordado d'estrellas d'ouro, umas enormes azas brancas e um capacete de latão amarello polido. A isso reuniam europeis e suciras em profusam, que a ingenuidade do povo julgava joias de subido valor.

Fechava a procissão o pallio, sob o qual o bispo da diocése conduzia a custodia. O Sr. D. Pedro II costumava carregar uma das varas desse pallio, ajudado por seus camaristas e dignatarios do Imperio.

Em guarda á procissão marchava um dos batalhões da guarda nacional, nos seus vistosos uniformes de gala, e barretinas ás costas. Durante muitos annos essa procissão manteve as suas tradições até que, pouco a pouco, foi perdendo o brilho do seu apparato e parece ter desapparecido para sempre. Se não desappareceu já não causa o successo de outros tempos.

A tristeza da sexta-feira santa, isto é, a sua ceremonia procissional, recordando a noite do Calvario, era compensada pelo sabbado de alleluia.

Outr'ora e por largo tempo foi uso commemorar-se o castigo de Judas Ischariotes com uns *calungas* de molambos e palha secca que se atavam ás arvores, em chacaras, nas ruas e praças publicas. Ao primeiro badalar d'alleluia a garotada punha fogo a esses bonecos, em cujos ventres mettiam bichas chinezas e busca-pés.

Os bonecos ardiam. Nos seus ventres estouravam as bichas e esfuziavam os foguetes. Então descidos dos galhos, presos por cordas que os arrastavam pelo chão, fumegantes e estourantes, lá se iam entre assuadas, apedrejados e esbordoados, até ficarem reduzidos a cinzas e farrapos.

Uma vez, já em annos da nossa época, um desses bonecos foi causa de tragico acontecimento. Estava a esposa de um medico a vêr da janella da sua casa, a exterminação de um *Judas*, quando faiscas que vieram delle cahiram sobre o leve tecido que a vestia, e promptamente o incendiaram. Aos gritos da senhora accudiram pessoas de casa e visinhos, mas não a tempo de a livrar das queimaduras de que veiu a fallecer dias depois.

Este facto levou a policia a prohibir esse habito, que os novos costumes foram esquecendo, como esqueceram, se bem que por persistente repressão policial, dos *judas*-pamphletos ou pasquins.

Em todos os sabbados d'alleluia enxameavam as ruas desta cidade uns jornalécos, com diversos titulos, taes como *Judas de Casaca*, *Judas de Batina*, *Judas do Quarteirão* e outros, que, ultrapassando a licença das pilherias grossas, enxovalhavam a vida privada de quantos, reputados ou obscuros, cahiam no desagrado dos rabiscadores de taes pasquins. A maneira porque eram redigidos esses jornalécos offendiam a moral publica e era um dos muitos testemunhos da nossa desbragada licenciosidade de costumes. Deve-se dizer, porém, a bem da verdade, que esse abuso se vulgarisou e tornou corpo em dias da nossa éra. Os nossos antepassados talvez não o conheceram, porque, para elles, a *Semana Santa* era uma *festa*. mas na qual o nome de Jesus andava em todas as mentes recordando a edificante humildade do seu viver e a grandeza de devotamento do seu sacrificio.

Março de 1907

AMERICO FLUMINENSE.

LAGÔA RODRIGO DE FREITAS — RIO DE JANEIRO

Phot. Malta

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias

Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente

Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

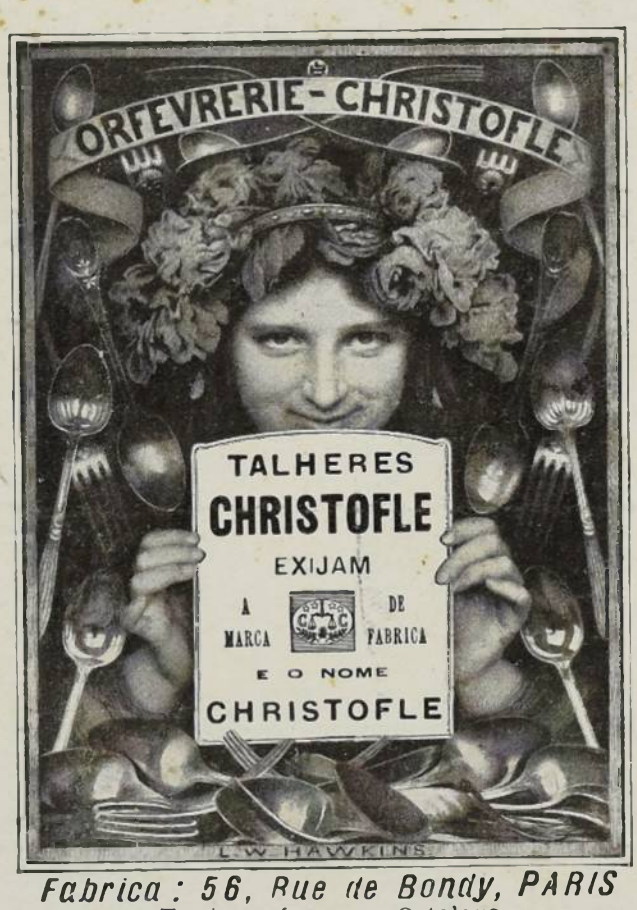
Edição de grande luxo.

PEDIDOS:

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO



Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :

Srs. LEVY IRMAOS & C.ª, em *Pelotas.*

Sr. ISIDORO MARX, em *Porto-Alegre.*

E NOS PRINCIPAES BAZARES.

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de apolices teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de seguros, apolices no valor de Rs. 595:000$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA { *Emilio do Amaral Ribeiro*
Affonso Burlamaqui
Jacintho de Magalhães

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV — MAIO 1907 — N. 5

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

CHEGOU a estação elegante do Rio, que começa em Maio e vae até Outubro. Estamos em plena *season*... E a prova disso é que já os jornaes annunciam um concerto por dia...

O Rio de Janeiro é, de todas as grandes cidades do mundo, a cidade melomana por excellencia. Aqui tudo se faz por musica ou com musica. Nós vivemos da, pela, e para a musica. A musica, arte admiravel, foi inventada para ser um dos encantos da vida, uma porta aberta para o sonho, uma janella rasgada sobre o páramo do ideal, um repouso e um goso para o espirito; nós, porém, fisemos da musica o proprio fim, o proprio fundo, a propria essencia da vida: ha cariócas que só comem solfas, que só bebem sustenidos, que só respiram claves.

Por isso, é pela extraordinaria abundancia e pela prodigiosa successão dos concertos que se caracterisa a nossa estação elegante. Além dos musicos indigenas, temos no inverno os musicos advenos: e a nossa vida, durante estes seis mezes, é uma serie ininterrupta e continua de symphonias, de cantatas, de romanzas, de arias, de barcarollas, de duetos, de sólos, de córos, de walsas...

Este anno, o inverno carióca parece que se vae distinguir dos outros pela maravilhosa e nunca vista profusão dos pianistas.

Chegam-nos pianistas da Europa, da America, da Asia, da Africa, da Oceania, do Céo, do Purgatorio e do Inferno. Não se pode passar os olhos por um jornal, sem encontrar estas linhas: chegou hontem o notavel pianista F...„ E' uma nuvem de pianistas!

Como se no Rio de Janeiro houvesse falta de pianistas!

Uma cidade, em que as crianças já nascem sabendo martellar no piano a gamma natural dos sete sons!

Do—ré—mi—fa—sol—la—si... Si—la—sol—fa—mi—re—do...

Jesus! onde me esconderei eu,—em que apartado suburbio, em que esconso arredor, em que alpestre recanto desta cidade me poderei enlapar, para não ouvir, de sol a sol, do amanhecer ao entardecer, e do anoitecer ao alvorecer, esta medonha escala tocada da direita para esquerda, e da esquerda para a direita, do *do* ao *si* e do *si* ao *do*, em dez pianos, em mil pianos, em um milhão de pianos assassinos?

O Rio de Janeiro é a cidade dos pianos. O seu padroeiro, dizem, é São Sebastião... Foi mal escolhido. O Rio de Janeiro deveria ter, não um padroeiro, mas uma padroeira: a melodiosa Santa Cecilia, bemaventurada tocadora de cravo e de orgão.

Sahi por ahi fóra, ide de bairro em bairro, de rua em rua, de casa em casa,—e não encontrareis uma só casa em que não haja um piano, pelo menos. Porque ha casas que têm dois: um, de cauda, para as pessoas grandes, e outro, de meio armario, para as crianças principiantes.

E ha casas, que têm tres: um para a dona da casa e as filhas mais velhas, outro para a pirralhada, e outro para as criadas!

No lar mais pobre, sempre achareis um desses «monstros negros de dentes brancos», como já os denominou um poeta. Talvez não vejais, na mais humilde habitação carioca, panellas no fogão, nem comidas nos pratos, nem louça no armario, nem roupa na commoda, nem lençóes na cama, nem munições de bocca na dispensa, nem agulhas e carreteis de linha na caixinha de costura: mas haveis de ver, por força, um piano. O piano é a ultima cousa que entra e sáe das casas, quando ha mudança, porque é o traste mais presado, mais respeitado, mais cercado de amor e desvello. E' tambem a ultima cousa de que o pobre se desfaz. Quando se diz de um chefe de familia: «vendeu o piano», está dito tudo: nessa phrase se resumem e definem a miseria suprema e o supremo sacrificio; depois disso... o suicidio!

Bem sei que a mania do piano não é exclusivamente carióca: é brasileira.

Em 1894 *(ça ne nous rajeunit pas!)* visitei, em Minas, o local em que esplende hoje a opulenta e formosa cidade de Bello-Horisonte. Chamava-se aquillo o Curral-d'El-Rey. Era menos do que uma villa, menos do que uma povoação; era apenas um arraial; tinha uma egreja, e desoito casas. Pois bem! nesse modesto e apagado cafundó de desoito casas, havia nove pianos! Quantos pianos haverá actualmente na esplendida Bello-Horisonte? sei lá! talvez cem mil, talvez um milhão...

Mas em ponto nenhum do Brasil, ou do mundo, o imperio do piano é tão absoluto e tyrannico como no Rio de Janeiro. Aqui, as meninas ainda engatinham, e já sabem o do—re—mi.

Trecho de conversa que se ouve em todas as casas:

—Então, como vão as suas meninas, nos estudos?

—Ah! muito bem! teem todas muito gosto para o piano!

Ninguem pergunta a uma mãe de familia se as suas filhas sabem temperar um guizado, ou pospontar uma bainha, ou futicar uma meia velha, ou engommar uma saia, ou marcar um lenço. O que se pergunta é se ellas já adquiriram o *doigté* indispensavel para a execução de uma sonata de Liszt.

E não nos espanta ver, em qualquer familia, um galopim de dez annos ainda analphabeto, passando os dias na rua a soltar papagaios de papel, em vez de ir aprender na escola publica do bairro a soletrar o nome e a conhecer a filiação zoologica de um papagaio de verdade: não nos espanta o analphabetismo do petiz, porque consideramos que cada edade tem a sua occupação, e que isto de saber ler é cousa que tem causado a desgraça de muita gente. Mas se nos dizem que uma irmã delle, contando já oito annos, ainda não sabe sacar do teclado a mellosidade da *Prière d'une vierge* ou os repiniques do *Vem cá mulata*, esbugalhamos os olhos

com assombro, como se estivessemos diante de um caso teratologico. Uma menina de oito annos, que ainda não toca piano! que monstruosidade!

Admittida essa pianolatria carioca, não admira que o Rio de Janeiro seja o melhor mercado do mundo para os fabricantes de pianos, e para os compositores de musica facil.

De musica facil, — porque poucas, muito poucas dessas meninas chegam a poder executar musica difficil, musica seria, verdadeira musica. Quasi todas páram nas polkas, nas quadrilhas, nas walsas, que os compositores indigenas e estrangeiros fabricam ás fornadas, com titulos de um lyrismo babão, ou de um heroismo estapafurdio: *Lagrimas de Sinhá, Gloria a Santos Dumont, Pingos de orvalho, Morrer pela Patria,* ou *Mata-me, ingrata!* E algumas dessas pianistas falhadas nem chegam a tocar a mais facil das polkas; envelhecem na escala, e vão até a sepultura atormentando os ouvidos da visinhança com o eterno do — re — mi — fa — sol — la — si ..

Quanto aos fabricantes de pianos, esses teem no Rio de Janeiro um mercado seguro, amplo, eterno, inabalavel. Já contastes as casas de vender e alugar pianos, que ha no Rio de Janeiro? Só na Avenida Central, ha tres. E já encontrei uma no Encantado, que fica perto do logar em que Judas perdeu as botas!

Li ha pouco uma estatistica que me impressionou.

Sabeis quantos pianos se fabricam annualmente no mundo? trezentos e noventa e cinco mil: — quinze mil na França, cincoenta mil na Inglaterra, oitenta mil na Allemanha, e duzentos e cincoenta mil nos Estados Unidos! E' allucinante!

Chego a acreditar que tudo isso vem para o Brasil. E pensar que todo o Brasil conta apenas vinte milhões de habitantes!...

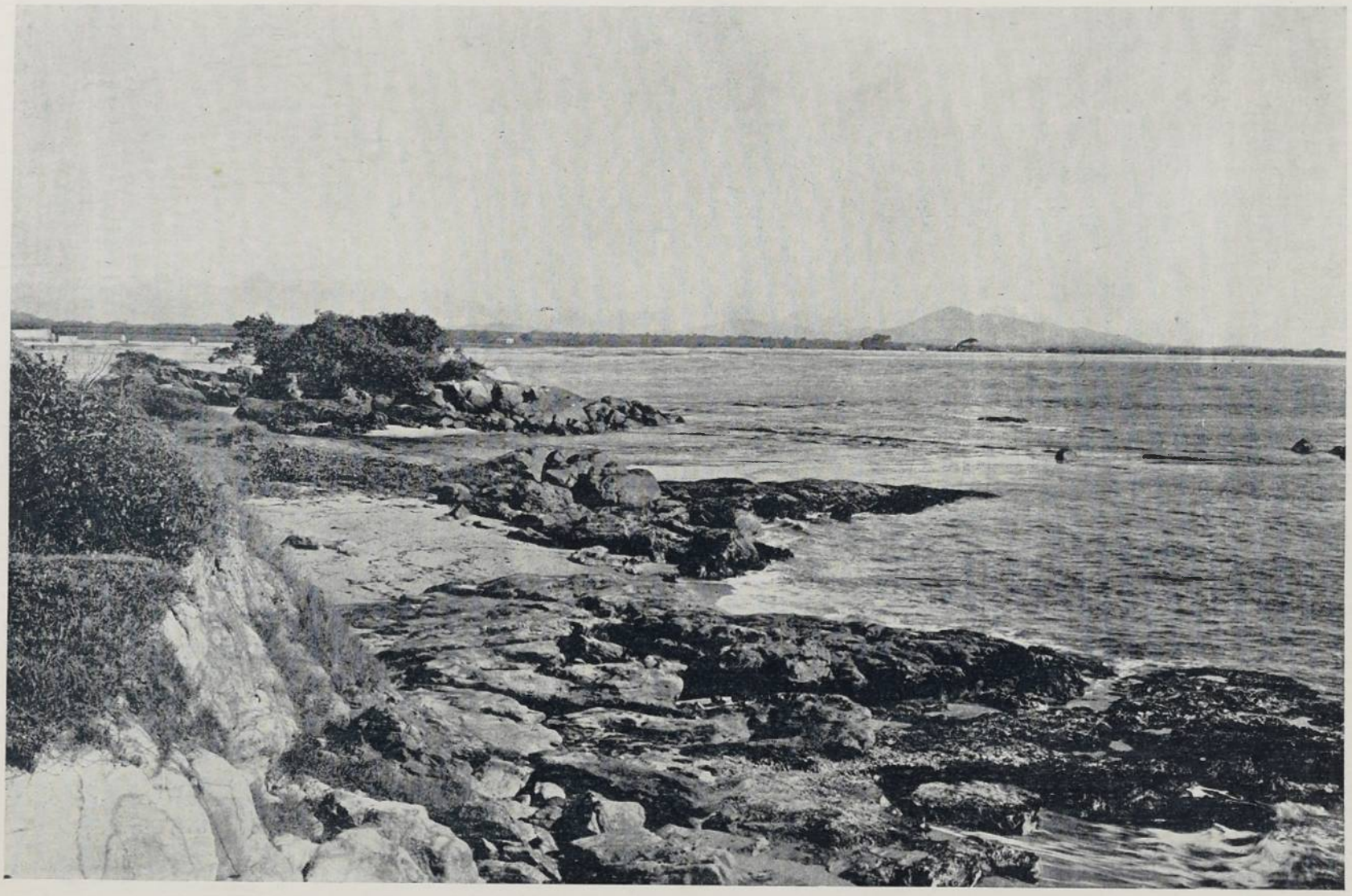
Como acabais de ver, os paizes que mais pianos fabricam são a Allemanha e os Estados Unidos... Esse é que é o verdadeiro perigo allemão! esse é que é o verdadeiro perigo *yankee!* E é licito dizer que esse é tambem o verdadeiro perigo amarello, — porque o amarello é a cor do Desespero...

Neste mesmo momento, uma das minhas visinhas começa a dedilhar o teclado do seu piano: do — re — mi — fa — sol — la si... si — la — sol — fa — mi — re — do ... E, á hora em que os trinta mil assignantes da *Kósmos* estiverem lendo esta chronica, trinta mil pianos lhes estarão provando que não exagéro: si — la — sol — fa — mi — re — do ... do — re — mi — fa — sol — la — si...

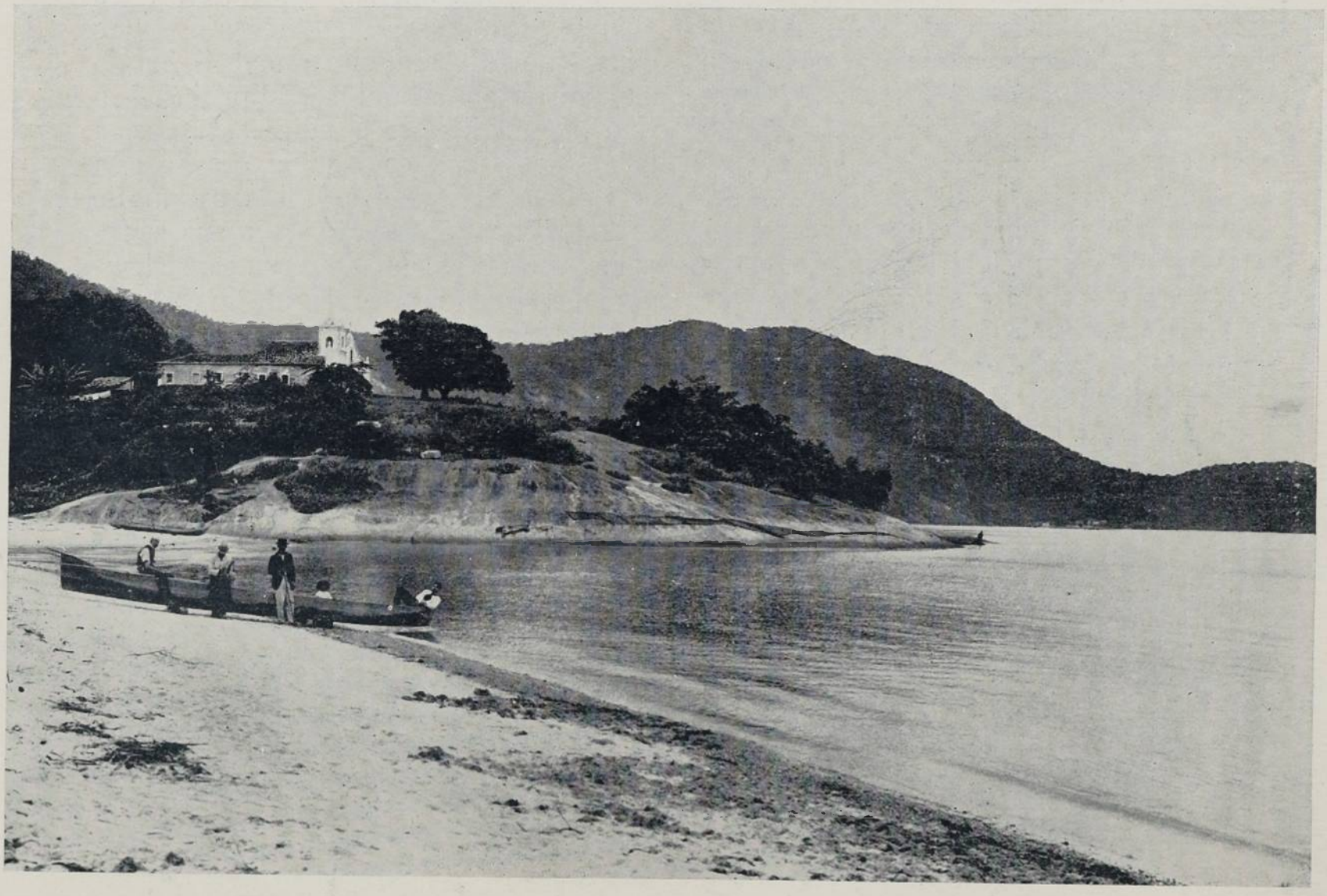
E' a escala infernal das torturas, é a gamma demoniaca dos martyrios. Os chins, que refinaram e apuraram de modo maravilhoso a arte dos supplicios, — a canga, os anjinhos, a polé, as aspas, a braga, o eculeo, o estremalho, o estrepe, a ferropeia, as bastonadas, o borzeguim de ferro, o esquartejamento, a roda, a fogueira, a taboa de prégos, — nunca se lembraram deste supremo requinte do tormento: um piano perto do padecente, e uma pianista, debruçada sobre o teclado, deixando pingar dentro do ouvido e do cerebro do misero, durante um dia, uma semana, um mez, um anno, um seculo, uma eternidade, a chuva hedionda das notas da escala: do — re — mi — fa — sol — la — si... si — la — sol — fa — mi — re — do ...

Deuses immortaes! e ainda nos chegam pianistas da Oceania, da Africa, da Asia, da America, da Europa, do Inferno, do Purgatorio e do Céo!

O. B.



PRAIA DA CONCHA, MACAHÉ — CAMPOS



L. Musso & C.

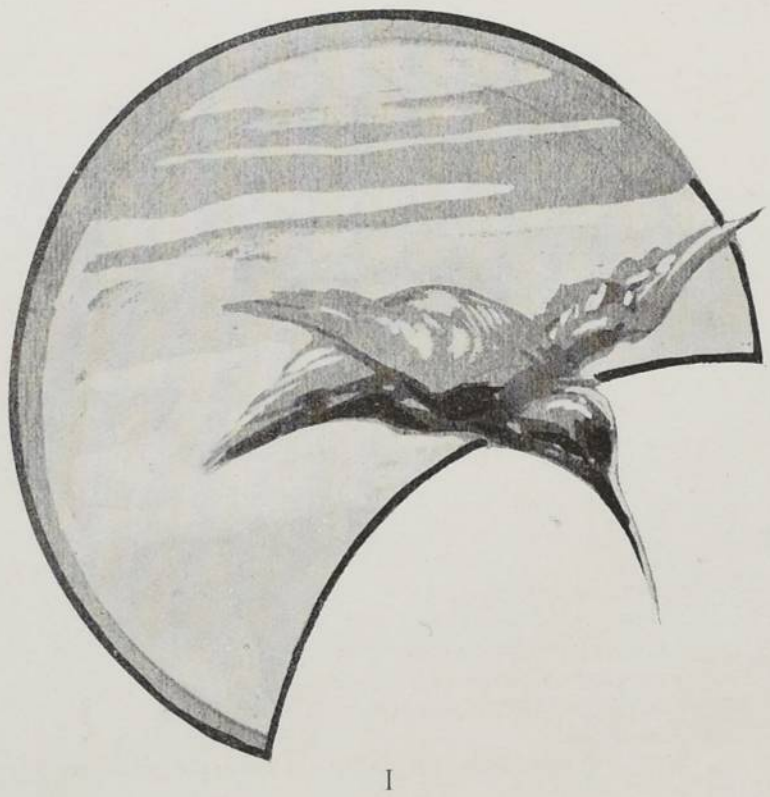
SACCO DE S. FRANCISCO — NICTHEROY

ILHA DE SANTA CRUZ

L. Musso & C.

PONTE DE S. FIDELIS — ESTADO DO RIO

Tragedia da borboleta



I

Caso de assombro, aquelle.
Em silente paragem
Da matta, um colibri percorrera a folhagem,
E subito estacara.
— Era uma flor, de certo,
A voar, a voar. Passara-lhe tão perto
Do bico a flor extranha! Era uma flor: no mundo
Jamais vira, jamais! esse caso profundo
De haver asas na dhalia, ou na malva, ou na rosa.
Sem duvida, um mysterio. E, na mais silenciosa
Attitude, entrevira uma sombra discreta
De passaro, ou de flor, jamais de borboleta.
As petalas talvez fossem asas franzinas,
Encobrindo a bellesa e as graças peregrinas
De alguma colibri.—
Pesaroso, movendo
As pennas, apurando os ouvidos, contendo
O vôo, espraia o olhar pela floresta escura;
Embalde, a suspirar sobre um galho, procura
Vel-a mais uma vez. Onde pousou? Por onde
Esvoaça? Em que ninho, em que logar se esconde?
Nessas meditações foram-se as horas. Quando
Vinha a noute, de leve e de leve, tombando,
Ainda ali meditava, e em vão desejaria
Esquecer-se, daquella imagem fugidia.
Cerrava, pensativo, as palpebras: aquella
Imagem, sempre mais attrahente e mais bella,
Surge na placidez de su'alma; e, entreabrindo
Os olhos ao luar, no asul sereno e lindo,
Não podia vencer essa grande saudade
De uma sombra fugaz.

II

Assim, na soledade
Da floresta, occultando entre as asas mimosas
A cabeça, pensava em cousas melindrosas,
Sem gosar o tranquillo e ditoso abandono
Em que tempos atraz vinha encontral-o o somno.
E, aguardando o fulgor dos ceus crepusculares,
Mergulhava-se agora em profundos scismares:
— Que tormento, esta insomnia! Em meus dias d'outrora
Adormecia ao poente, e despertava á aurora.
— Uma flor a voar! Era um passaro! — A' noute,
Si do vento rugia, alto e rispido, o açoute,
Nem siquer me quebrava o repouso. — E tão perto,
A voar, a voar aquella flor. De certo
Era um passaro; não, era flor. — Entretanto
Não posso adormecer neste frio recanto.
A lua como é bella! e eu nunca me lembrara
Vêl-a no alto do ceu, tão formosa e tão clara,
Como em sereno lago uma fragil galera.
— Era flor, a voar, a voar. — Eu quisera
Bem preguiçosamente os meus olhos cansados
Cerrar, na doce paz de sonhos delicados.
E, tão só, sem amor e sem ninho! Nem mesmo
Tenho uma companheira: a vagar, sempre a êsmo,
Percorro, dia a dia, a cheirosa floresta.
— A voar, a voar... Era um passaro. Lesta
E fugaz, pareceu-me uma flor. —
E, de brando,
Adormeceu.

III

Festiva e rósea, illuminando
Os ceus, n'um resplendor de sorrisos, a aurora
Dos ninhos despertava a alegria sonora.
Languidamente abrindo os olhos, a lembrança
Da visão transvasava uma tenue esperança
No recesso feral dos intimos pesares.
E, n'ancia de apaixonado, arrojando-se aos ares,
Là se foi, procurando atravez da ramagem
Essa, de seu amor, fascinante miragem.
Vôa aqui; vôa ali; vôa além; sobre um galho
Pousa; parte outra vez; sente gotas de orvalho;
Sóbe; desce; pesquisa o arvoredo; descansa;
Vae mais longe; por entre os espinhos se lança;
Volta; agita-se no ar; no ar fica suspenso;
Aos poucos se fatiga; e, n'um martyrio immenso,
N'um recanto se occulta.
— Aqui, n'esta emboscada,
Poderei esperar a apparição amada
Que o somno me perturba e me perturba a vida.
Que ella passe a meu lado! Hei de vel-a retida
Em meu beijo fatal, em meu beijo violento,
Que, sedento de amor e de praser sedento,
Um calice atravessa e, lá dentro, no fundo
Do coração derrama o seu goso profundo.
E' tão doce aguardar esse momento! Basta
Um instante. Mas como um instante se arrasta
Vagaroso, infinito! O tempo bem parece
Que, de inutil, de gasto, ou de exausto, se esquece
De seguir o seu curso. E' tão grande a tortura
De, minuto a minuto, esperar a ventura
De amorosa entrevista! Uma entrevista? Minto!
Aqui estou na emboscada, assim como o faminto
Fica á espreita da prêsa. Ella que passe: fria
E muda, ha de soffrer a violenta ousadia
Com que, louco de affecto, immenso de desejo,
Soltarei em sua alma a furia de meu beijo.
E ella não passa! —

IV

Abrindo as asas de repente,
Partiu rapido, atraz de uma leve e ridente
Beija-flor. Era bella, ainda joven, de certo
Tambem virgem.
— Melhor abandonar o incerto
E ter as sensações de uma nova conquista,
Ditosa ao coração e agradavel á vista! —

E, alcançando-a, beijou-a. Ella fremiu. As aves,
Em assumptos de amor, parecem menos graves
Que as mulheres. Beijou-a outra vez. E, enlaçados
Na realisação de sonhos cobiçados,
Lá se foram voando e gosando os instantes
Que alvoroçam de gloria os noivos e os amantes.
„Vem commigo! exclamava a companheira; um ninho
Iremos construir para o nosso carinho.„
— Queres então diser ... —
«Que me sigas.»
— Portanto
E's minha, e o serás sempre?! —
«E isto te causa espanto!»
— Mais que espanto: loucura! —
«E, a teu grande desejo,
Não sugaste, inda ha pouco, o nectar de meu beijo?
Si me vinhas ferir de despreso e impiedade,
Porque então me sorveste o mel á virgindade?»
— Porque? Não sei dizer. Mas não te sigo: adoro
A minha liberdade; e si mesmo ao decoro
Faltei, deves culpar a divina influencia
De tua alta bellesa e radiosa innocencia. —
«Galanteios...
— Demais, quando te vi, pensava
Que eras outra...
«Uma offensa.»
— Eras a flor, aquella,
A voar, a voar, tão mimosa e tão bella,
Que fugiu... —
«Uma flor a voar! Ironia
Com que fazes mais longa a sangrenta agonia
De minha atroz deshonra.»
— E' tarde: já não posso
Demorar-me: é tão grande a saudade do nosso
Encontro!
«Que perfidia!»
— Adeus, formosa! —
— Tu! —
«Deixa-me em paz!»
E's muito mais graciosa
Do que a flor. —
«Meu esposo...»
— Abandona-o! —
«Que pensas
De mim?!»
— Fico a pensar que nas moitas immensas
Ha sempre algum logar para os nossos amores:
Deixa o teu camarada; iremos entre as flores...
«E's um louco!»
— Loucura?! —
«Eu nunca me confundo
Com as que rindo se vão por este flóreo mundo
Sem dos vicios siquer distinguir as virtudes.»
— Não, meu divino amor, em verdade te illudes! —
«Mas que queres de mim?»
— Quero tudo. —
«Que dises?!»
— Quero tudo, meu anjo; ha que dias felizes
A teu lado... —
«A meu lado?!»
— Então? comtigo. —
«Basta
De aggressiva franquesa.»
— E's tão pura e tão casta,
Mas o amor é tão grande e tão forte! Sómente
Quisera suspender em teu biquinho o ardente
Beijo que está suspenso agora de meu bico. —
«De que falas?»
— De um beijo: á espera d'elle fico
Em teu ninho. —
«No meu ninho?!»
— Perfeitamente. —
«Mas, si o meu companheiro, ao chegar de repente...»
— Fujo. —
«Como?»
— Porque tentar assassinal-o,
Si o bom senso me diz que é prudente evital-o?
Não hesites, formosa!

V

Occulto

Na floresta, aguardava o suavissimo vulto
Da sombra que o tortura, o persegue e o fascina,
Sem por veloz instante esquecel-a. Domina
Embalde o pensamento: embalde procurara
N'outra bella o prazer e, inda em vão, se enganara,
Enganando-a tambem. Assim, languido e triste,
Lança por toda a parte um olhar e persiste
Em descobrir a extranha e mysteriosa imagem.
Mas, subito, oscillando a virente ramagem,
Resôa um ciciar de profundo segrêdo,
De segrêdo a expirar entre malicia e mêdo.
Elle scisma: talvez d'essa moita compacta
Surja agora a visão. E, no escuro da matta,
Pasma, vendo um casal de colibris, trocando
Phrases dentro do ninho. Ambos, de quando em quando,
Na harmonica espansão de eloquente ternura,
Têm uns gestos subtis de carinho e ventura.
Rapido, abandonando o agasalho, em ligeiro
Adeus, partiu então o meigo companheiro
Que devia buscar muito longe o alimento
Para os filhos. E emquanto, em seu esolamento,
A consorte gentil, na plumagem macia
Branda e maternalmente a prole acaricia,
Escuta muito perto uma voz:
— Por ventura
Não passou por aqui uma flor quasi escura
A voar? —
«Uma flor a voar?!»
— Parecia
Ser um passaro.. não, era flor. N'ella havia
Menos graça que em ti: és mais terna e formosa... —
«Eu?!»

E, agitada de medo,
Procurando o tranquillo e cerrado arvoredo,
Lá se foi, escutando o barulho violento
De seu perseguidor.

VI

Ora, n'esse momento,
Como a tombar de um ceu de flores e perfumes,
Surge o esposo e, a offegar de terriveis ciumes,
Arroja-se de encontro ao passaro galante
Que estivera a ostentar as seducções de amante.
Foi tremendo o duello. A floresta admirava
Os golpes; cada flor, descorando, oscillava
E, fechando em deliquio as pétalas olentes,
Do alto vinha rolar por sobre os combatentes.
Pennas erravam no ar; cahiam folhas; tudo,
Ante a lucta de heroes, ficara quêdo e mudo.
E, ébrios de desespero, um ao outro ligados,
Ora em busca do asul, ora do asul tombados,
Escutavam, por fim, nas soledades calmas,
Gritos, brados triumphaes, acclamações e palmas.

VII

Fugira um beija-flor: a densa ramaria
Protegera-o da morte. Era aquelle, devia,
Ser o que profanara a alma da natureza
Ensinando o adulterio e lançando a impureza
Num casto coração e n'um formoso ninho.

Era o que conspurcara a innocencia e o carinho
D'aquella colibri em plena mocidade
E, depois da perfidia e da immoralidade,
A' plena luz do sol, do flóreo mundo á vista,
Cynico! de uma esposa almejara a conquista.

VIII

Tremulo, n'um recanto esc nso meditava
E, nodoado de sangue, as penas alisava.
Então, passeando o olhar por montanhas e valles,
Maldisendo o poder de tão rispidos males,
Evocava, em profundo e grande abatimento,
A aligera visão que de infando tormento
A vida lhe embruscara.
—Ella está longe: certo
A distancia seduz, como fascina o incerto.
Era passaro?... Flor?... Habitante seria
De bem longe paiz? Talvez, por phantasia,
D'outras climas viesse e, voltando a seus lares,
Legasse aos colibris a saudade e os pesares.—

E, emquanto assim pensava, entre a densa folhagem
Uma sombra passou: ah, não era miragem,
Sonho tambem não fôra.
E, ao vel-a, anceia e córa;
Corta o espaço; atravessa os moitagaes; e, agora
Timido, estaca e hesita; e logo sóbe e ascende;
E, febril de emoções, subito a alcança e prende.

IX

Alcançal-a e prendel-a! Era sua! Um thesouro
Espalhando em redor pulverisações de ouro.
Vae beijal-a, talvez. Mas de chofre se agita
Em tétrica expresão de uma dor infinita.
Elle, que a amara tanto; elle, que a procurara
Como o unico ideal da ventura mais rara,
Sente a desillusão—a immensa dor secreta
De prender uma escura e inutil borboleta!
E, cortado de horror, clama na immensidade:
—O' divina apparencia! ó triste realidade!—

CUNHA MENDES

O Snr. Uchida Ministro do Japão e sua Exma. Esposa

Romance velho

RAYMUNDO Freire e João de Castro eram amigos de infancia. Nascidos e educados na provincia, vieram cursar as aulas da escola medica da Côrte.

Aqui receberam juntamente capello e montaram escriptorio á rua do Sabão, onde davam consultas, no tempo que lhes sobejava da clinica do bairro.

Moravam em chacara no Rio Comprido, onde a mãe do Raymundo, D. Constança, era a dona da casa e a providencia de ambos; porque pareciam destinados ao celibato.

O João de Castro era orfão desde os dezoito annos, quando se matricularam, da mesma edade.

Na escola alcunharam-n'os de *irmãos siameses*.

D. Lidia chamava-os Damão & Phintias.

D. Lidia era a visinha da rua do Bispo, onde reunia no aprasivel solar, aos domingos, a mocidade casadora daquelle tempo, em que o vestido de organdy e a calça larga, verde alecrim, eram requinte de elegancia.

Alice Neves era uma languida morena de grandes olhos mansos, magrinha e esbelta.

Entre outras qualidades que tinha, excellente soprano.

E como cantasse modinhas com tamanha meiguice, aconteceo que della se enamorassem os dois amigos.

Alice Neves não se decidia entre os dois, não tendo distinguido na assiduidade de ambos senão o derriço facil, a que estava acostumada, na companhia dos galantes que a cercavam.

Como, porém, a distincção de maneiras dos dois amigos a impressionasse melhor do que a insistencia do Pinho e do Alvim, os reis da valsa, e a do Fonseca, cujo talento cifrava-se em fazer caracollar o cavallo inglez, ao passeio, Alice não escondeo a preferencia pelos *siamezes*.

Raymundo apaixonou-se deveras. A côr da sua paixão era desse brando azul de verbena, que se estiola, se não n'o aquece o sol:

«Come verbana quando manca il sole...»

João de Castro soffria de vel-o emmagrecer.

D. Constança notava-lhe, apprehensiva, as olheiras.

De natureza expansiva, João de Castro disfarçava mal a paixão que lhe levava os sonhos de moço.

Tomara-lhe o rosto a côr do limão.

Era mais assiduo á clinica; emquanto o Raymundo, distrahido, retrahia-se e tornava-se raro.

Uma noite, em que João de Castro tivera um colloquio amoroso com Alide, disse-lhe meia verdade sobre a sua situação.

Alice respondeu-lhe versutamente, «que não sabia bem qual dos dois amava; que acreditava, porém, que fosse elle»; e deu-lhe, por antecipação, um beijo na bocca; beijo hysterico de enamorada, que o João sentiu ir-lhe até o fundo do ser, como chumbo fervendo.

A' noite, depois do chá, Raymundo sahira a ver uma parenta doente.

Os dois sós, D. Constança interpellou ao João de Castro.

O instincto de mãe presentira uma rival no coração do filho.

Mas, se elle amava, porque não seria feliz?

Porque lhe tinham fugido a alegria dos olhos e o sorriso da bocca amoravel?

Que não fosse elle feliz no amor não lhe passava pela mente; que elle, o seu bello filho era naturalmente, o primeiro dos homens e ella adorava-o de joelhos.

João de Castro ouviu-a fallar.

Quando ella, se calando, ficou a olhal-o, anciosa, espectante:

«Não se afflija, mãesinha; isso do Raymundo vae passar depressa...»

E rindo: «E' mal que não dura, asseguro-lhe eu. Nada, porém, lhe digo da nossa confidencia.»

D. Constança não fallou ao filho.

Tres dias depois disto, levantava ferro no porto o *Douro*.

O medico de bordo, em uniforme branco, de pé, olhava, com o binoculo sobre o Rio de Janeiro, a manhã brumosa e humida.

Começara a machina a mover a helice; o vapor virava de bordo.

Neste momento, larga faixa de sol rompeu o nimbus, projectando o clarão entre os morros da cidade...

João de Castro olhou para ali.

Limpou uma lagrima.

E accendeu um cigarro.

ALCIBIADES FURTADO

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura . . . . . 15$000

Encadernado em marroquim . . 20$000

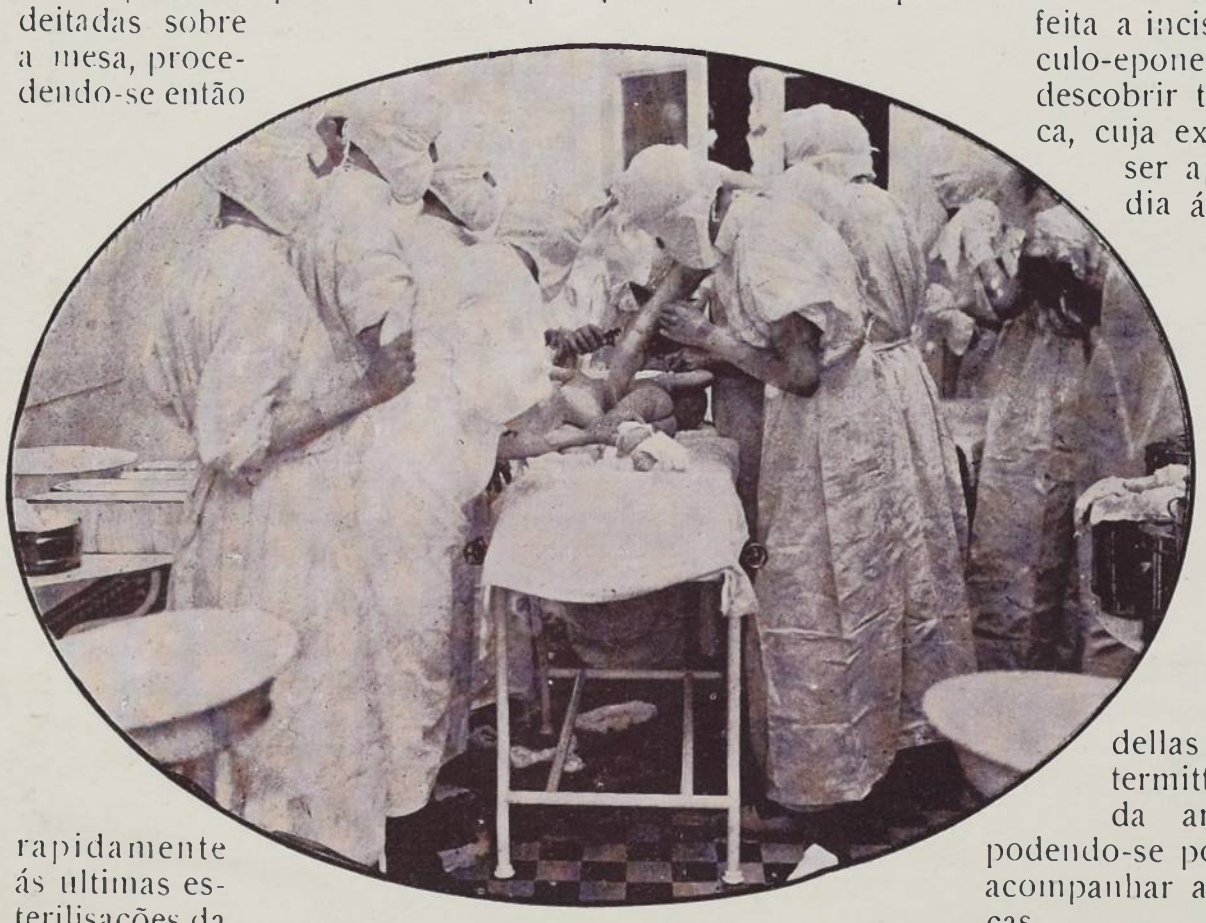
REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

A VENDA NA

RUA DA ASSEMBLÉA 62

Notas sobre a marcha da operação dos xiphopagas

DEPOIS de iniciada a chloroformisação na sala contigua, foram as meninas transportadas para a sala de operações e ahi deitadas sobre a mesa, procedendo-se então rapidamente ás ultimas esterilisações da pelle da região com o alcoolab soluto e ether sulfurico, (como se vê na estampa acima).



Ultima desinfecção da pelle antes da operação sob chlorófórmio

A principio Maria de Lourdes repousava sobre o lado esquerdo e Maria Francina sobre o direito.

Nesta posição foi iniciada a operação por uma incisão da pelle e do tecido celular subcutaneo, partindo do limite superior da ponte de união e prolongando-se até a base da hernia, onde bifurcou-se para passar cada ramo entre a parede abdominal de uma das crianças e a saliencia constituida por essa producção. (A 2ª estampa mostra a applicação de compressas de gaze depois desta incisão).

Voltadas as meninas do lado opposto foi retomada a 1ª incisão em sua extremidade superior e continuada de modo analogo ao do outro lado, isto é, bifurcando-se ao nivel da base da hernia para irem seus ramos encontrar-se com os da bifurcação da 1ª incisão, de modo a circumscrever todo o sacco herniario em sua base por uma incisão continua.

Excisada a pelle deste sacco, foi facil penetrar-se na cavidade abdominal e explorar a região correspondente á face inferior do figado commum, onde foi verificada a presença de dous apparelhos biliares, um para cada organismo.

Feita uma ligadura dupla de uma adherencia bastante extensa dos epiploons gastro-colicos, reduzidos os intestinos e estreitado do lado de cada uma das meninas o orificio deixado pela incisão do sacco herniario, foi feita a incisão da camada musculo-eponevrotica de modo a descobrir toda a ponte hepatica, cuja extensão, como poude ser apreciado, correspondia á que tinha sido revelada pela radiographia, isto é, a quasi toda a ponte.

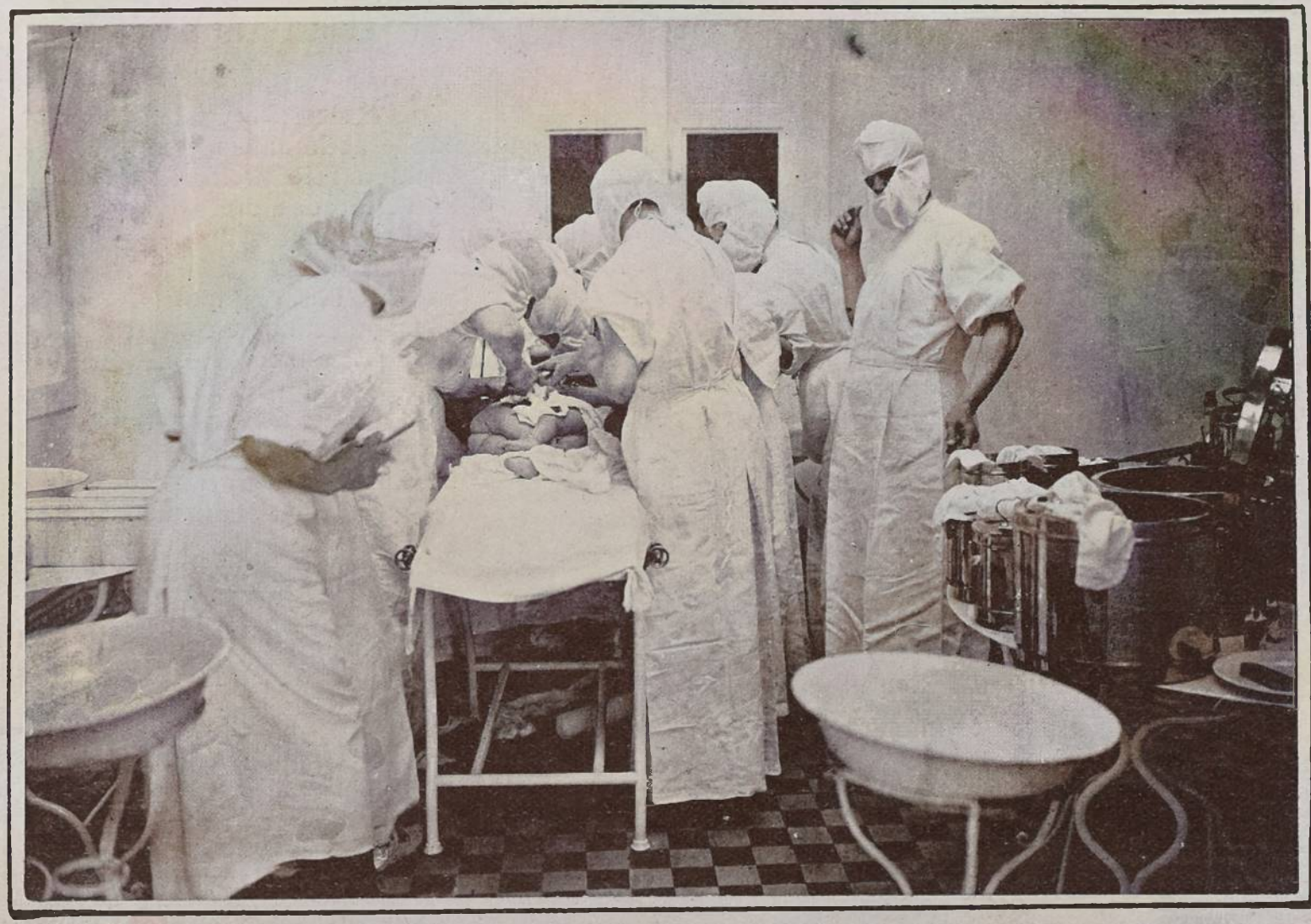
Feita com todas as cautelas a incisão da arcada esteo-cartilaginosa que ligava as duas crianças, vio-se logo abaixo della fazer saliencia, de cada lado, o fundo de sacco ante-anterior do pericardio de cada uma dellas vindo fazer hernia intermittentemente por baixo da arcada cartilaginosa, podendo-se por essas propulsões acompanhar as revoluções caldiacas.

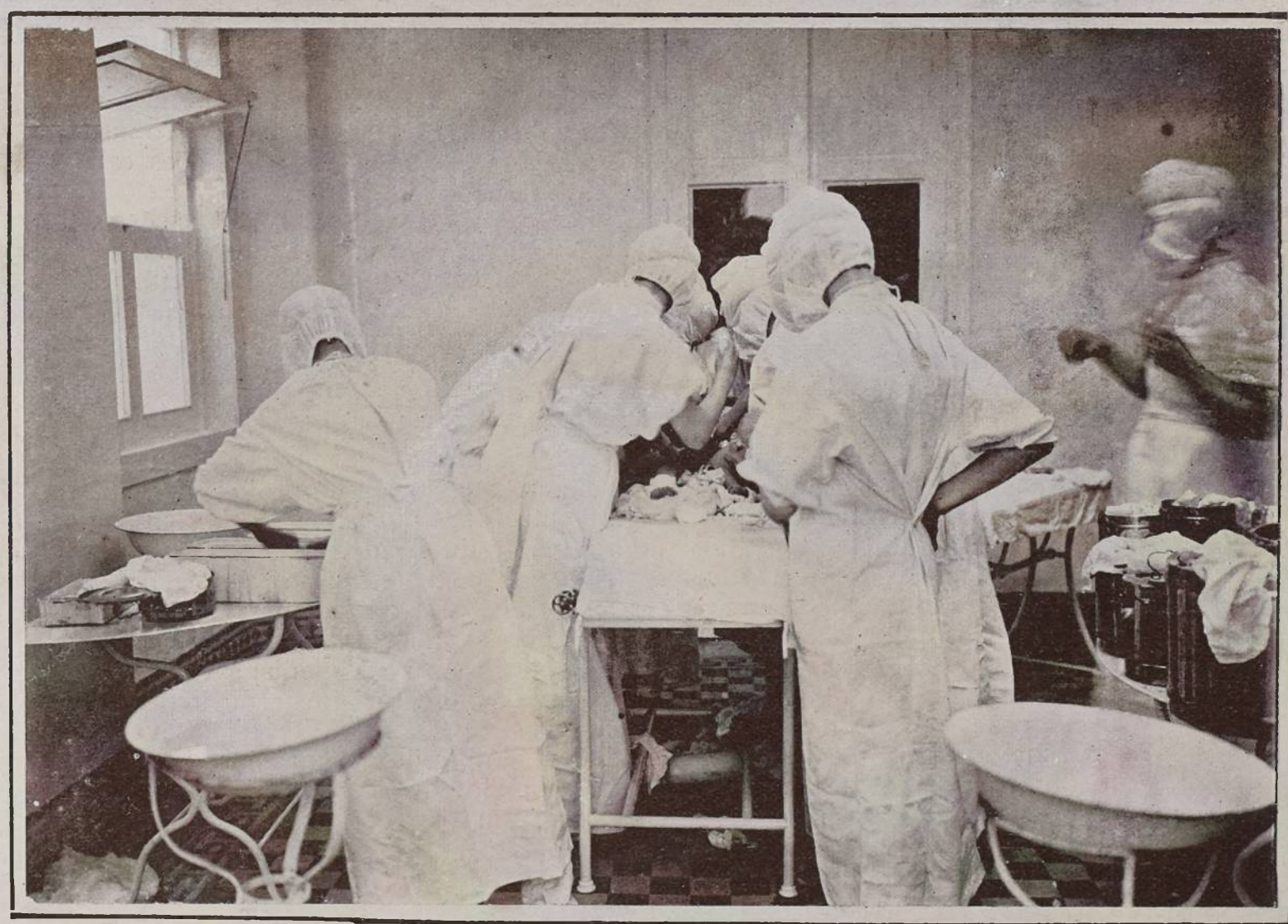
Bem exploradas as relações anatomicas das duas crianças acima e abaixo da ponte hepatica, fez-se a secção dos tecidos subjacentes á arcada cartilaginosa onde se encontrava um prolongamento em fundo de sacco da pleura direita de Maria de Lourdes, penetrando, além do plano de juncção, no interior da cavidade thoraxica do lado esquerdo de Maria Francisca.

Feita a incisão deste prolongamento de pleura entre duas pinças de Kocker passou-se logo á ponte do figado.

Tomando com uma pinça a pelle, do lado esquerdo de Maria de Lourdes, foi esta atravessada pela agulha trocater que, em um ponto correspondente á zona mediana da faixa do figado a 2 centimetros do bordo livre da incisão, transfixou o figado e foi atravessar a pelle do lado direito da mesma criança para colher uma alça de fio de seda grosso montada sobre um rolete de gaze aseptica. Tomou-se uma alça com agulha e passando pelo interior da bainha da mesma, foi esta bainha

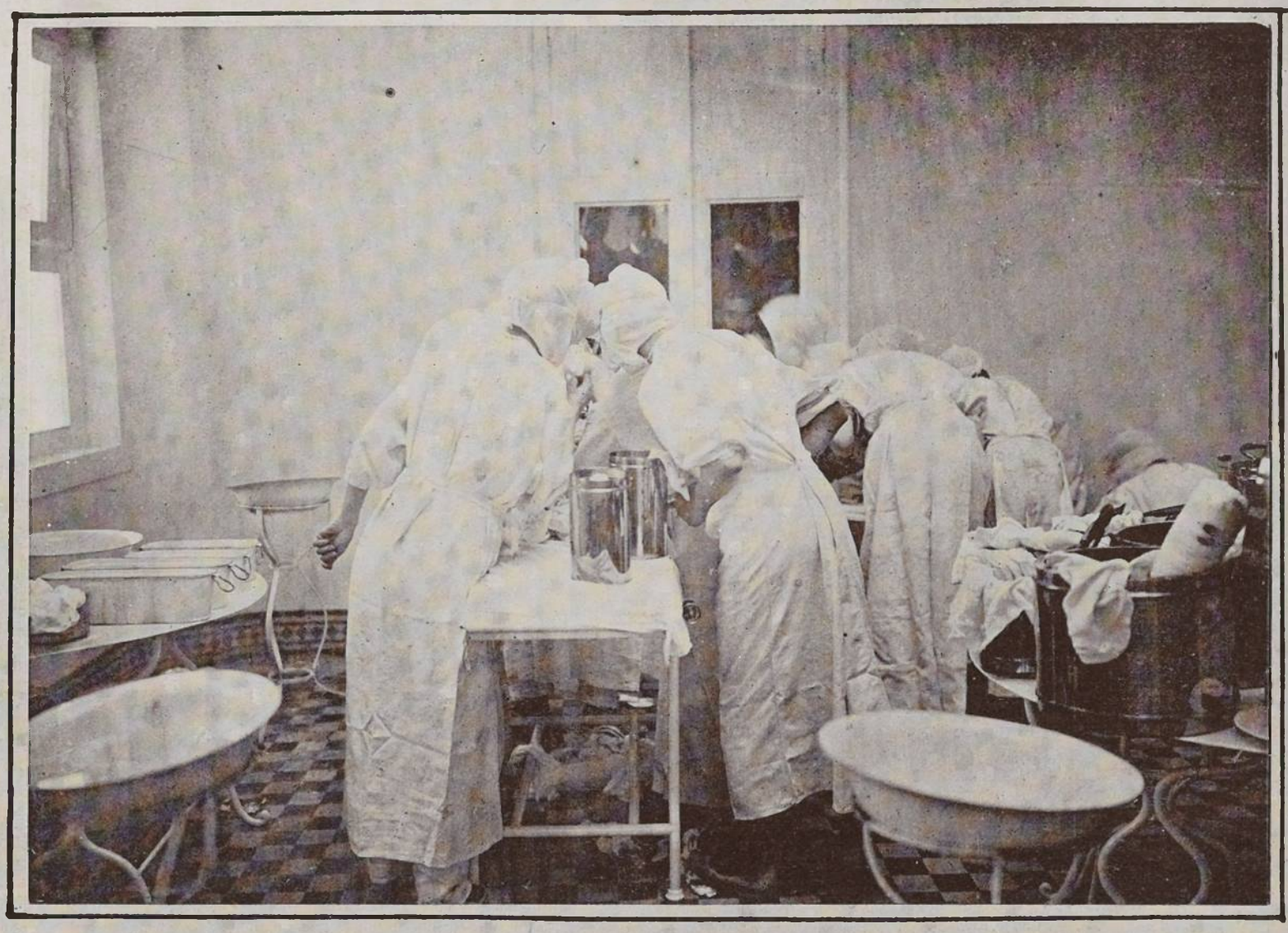
Applicação de compressas de gaze depois da 1ª incisão

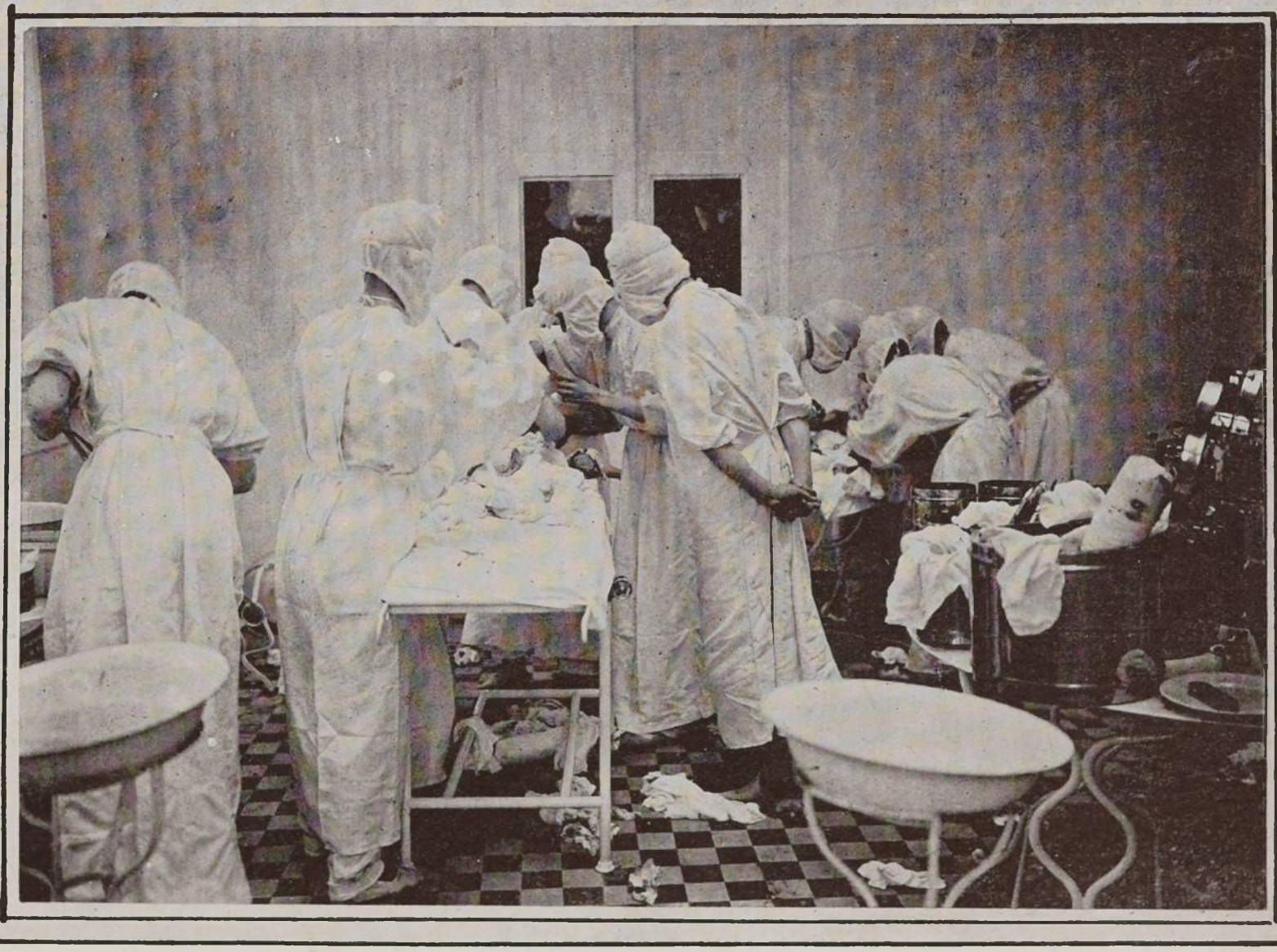




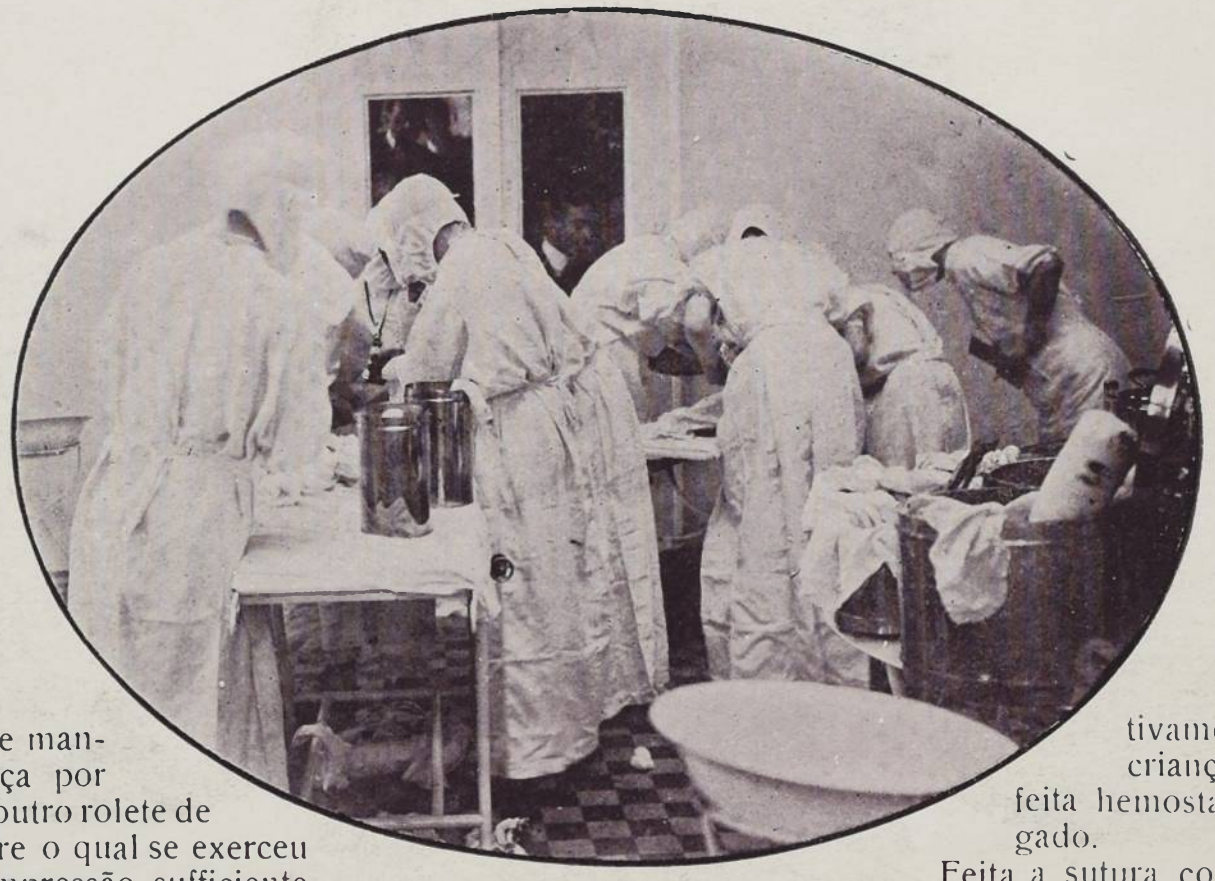
Passagem de um ponto profundo para hemostasia preventiva do figado

Transporte de Maria de Lourdes para a 2ª mesa depois de separadas





O Dr. Chapot encarrega-se da suttura da pelle de Maria de Lourdes, emquanto o Dr. Ernani Pinto faz a de Maria Francina



Continúa a sutura da pelle de ambas as meninas

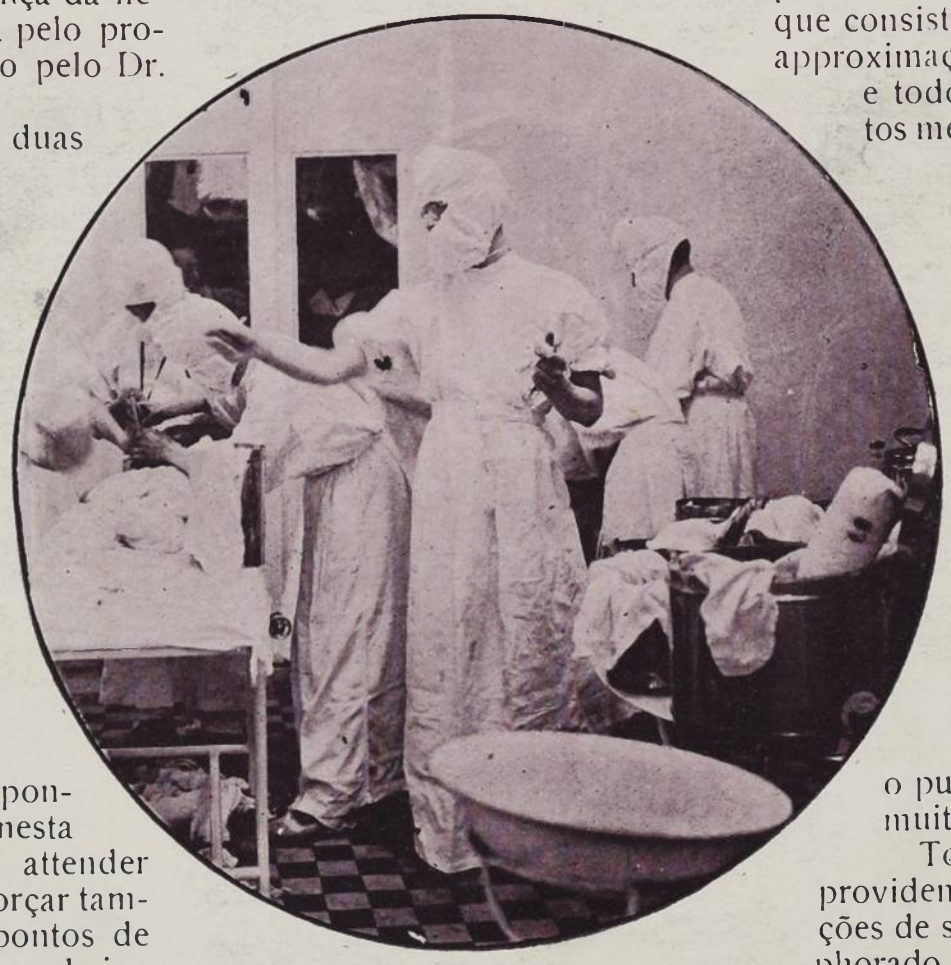
retirada e mantida a alça por meio de outro rolete de gaze sobre o qual se exerceu uma compressão sufficiente para obter uma hemostasia preventiva.

Passado um ponto semelhante do lado de Maria Francina, foi feita a incisão da vasta ponte de figado, podendo-se nessa occasião apreciar a segurança da hemostasia hepatica pelo processo preconisado pelo Dr. Chapot.

Separadas as duas crianças ficou a principio o Dr. Chapot cuidando da sutura da pelle de Maria Francina como se vê na estampa 4ª, tendo cautela de passar ainda dous pontos de transfixão para garantir melhor a hemostasia do figado nesta menina.

No momento em que terminava o terceiro ponto de transfixão nesta criança teve de attender á outra para reforçar tambem com dois pontos de transfixão acima e abaixo do primeiro passado primitivamente nesta criança, a perfeita hemostasia do figado.

Feita a sutura continua da pleura por meio de um fio de cat-gut n. 1 e deixada uma drenagem de gaze logo abaixo da arcada cartilaginosa, destacou-se um pouco a pelle nesta região para augmentar-lhe a distensibilidade e procedeu-se á sutura cutanea que consistiu em 3 pontos de approximação com fio de seda e todos os demais pontos metallicos com grampos de Michel.

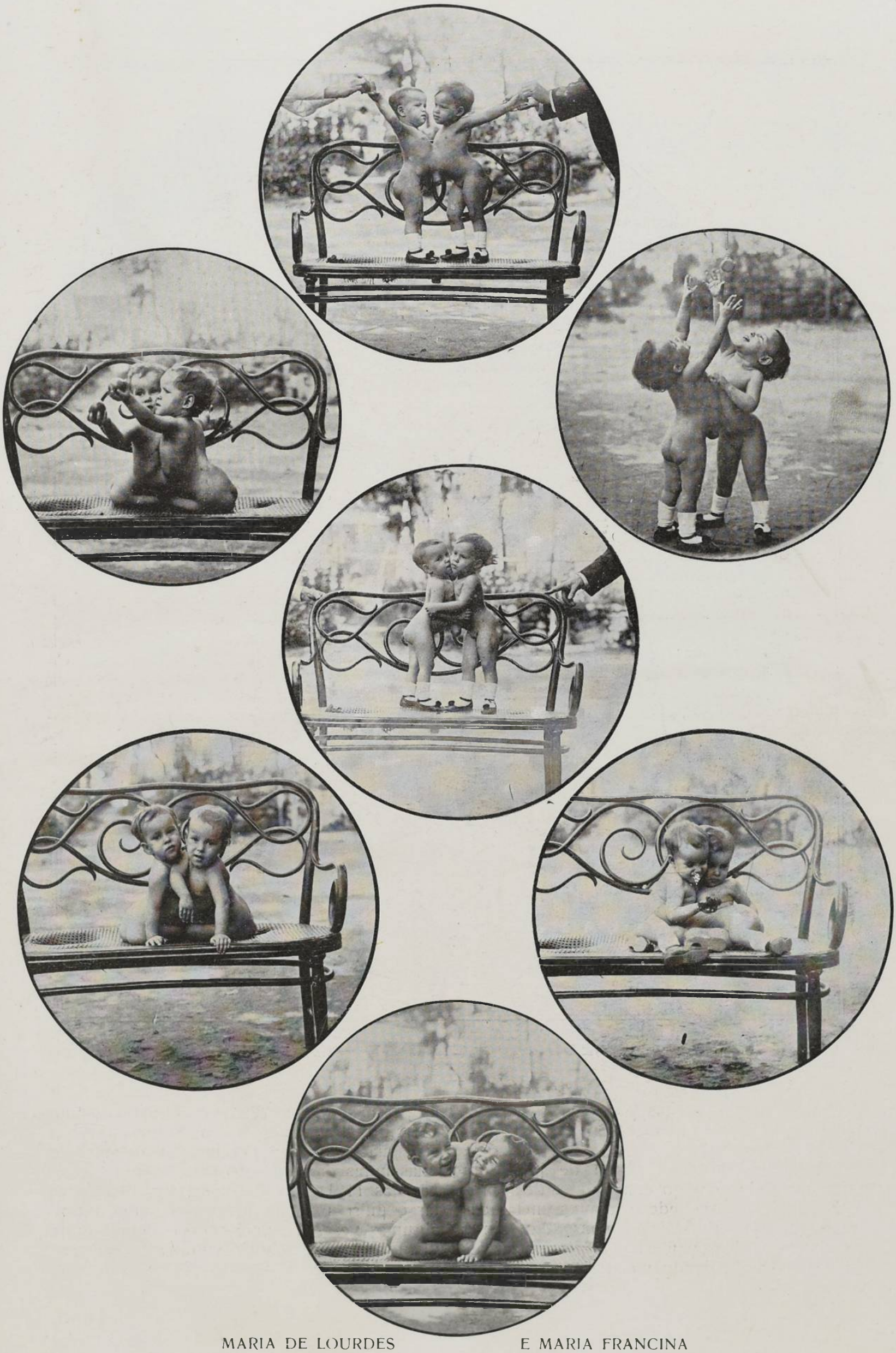


Termo das suturas

Esta phase terminal da operação pode ser apreciada nas estampas 6ª e 7ª.

Pouco depois de terminada a operação de Maria de Lourdes que já começava a fazer alguns movimentos, notou-se que as respirações della se tornavam menos profundas e que o pulso se apresentava muito frequente.

Tomadas logo varias providencias, como injecções de serum, de oleo camphorado, de esparteina, inhalações de oxygenio, tracções



MARIA DE LOURDES E MARIA FRANCINA

L. Musso & C.

DR. EDUARDO CHAPOT PRÉVOST

rhytmicas da lingua, respiração artificial, etc., nada impedio um desenlace fatal que se verificou pouco depois.

Maria Fransina, cuja sutura de pelle fora feita de modo analogo com pontos de approximação de flos de sede e pontos metallicos com grampos de Michel conseguio ainda reanimar-se, chegou mesmo a pronunciar algumas palavras, dando mostras de conhecer as pessoas que a cercavam e parecia ainda permittir algumas esperanças sobre a sua resistencia organica; porém pouco antes de duas horas da tarde (a operação tinha terminado ás 11 1/2), começou tambem a apresentar o pulso mais frequente, falhando mesmo algumas vezes, dyspnéa, pouco depois outros phenomenos de schock, vindo a fallecer ás 2 horas da tarde.

A autopsia feita no dia seguinte pelo Dr. Afranio Peixoto, auxiliado pelo Dr. Bruno Lobo e assistido por numerosos medicos, estudantes de medicina e representantes da imprensa, permittio verificar a perfeita hemostasia do figado dos dous lados e a ausencia de qualquer liquido insolito quer na superficie da ferida quer no interior de qualquer das cavidades do organismo.

A interessante menina Rosalina, cuja photographia recente reproduzimos pouco adiante, continúa seus estudos no collegio das irmãs de caridade de Botafogo onde a pouco e pouco se vae deseuvolvendo o seu organismo e aperfeiçoando a educação que o Dr. Chapot Prevost deseja continuar a fazer com todo o esmero.

Ella tem actualmente 14 annos de edade e, embora apresente ainda algumas deformações pouco accentuadas, offerece um aspecto agradavel e uma physionomia sympathica e attrahente realçados por predicados de affectividade pouco communs e de uma intelligencia lucida e viva.

Seus paes que vivem no Espirito Santo, confiaram-na aos cuidados do Dr. Chapot Prevost que a considera como uma filha.

Traga ao menos a vida feliz desta menina algum conforto aos dissabores do seu salvador, taes são os votos da *Kosmos*.

Moedas & Sellos

NOVELLEIROS de outiva contaram pela letra de fôrma dos jornaes que S. Ex., o Sr. ministro da Fazenda, desapontado no seu gosto esthetico, que dizem cultivado, com a cunhagem das novas moedas de prata feita no estabelecimento official desta cidade, pensára em modifical-a. E com isso, referiram os mesmos *reporters*, S. Ex. affirmou que teriamos tambem a nossa *Semeuse*.

Para ignorantes em cousas de arte, mas que leem novidades, essa affirmação prestigia o culto entendimento artistico do illustre financeiro e, do mesmo modo, pespega á *Semeuse* dos sellos francezes de 10 e 15 centimos um merito que não conheciamos.

Quanto ao preparo artistico de S. Ex., o muito sympathico Dr. David Campista, estou por lhe prestar inteira confiança, não o ponho em duvida; mas relativamente ao valor esthetico da *Semeuse*, essa é que me não passará sem protesto, não pelo vexame de que me supponha capaz de infligir á França, que a tanto não chega a minha muito conhecida e propalada pretenção... na bocca purissima dos modestissimos senhores meus desaffectos; não porque, sabendo da minha auctorisada opinião, se levantem os povos da terra contra a manutenção dessa estampilha postal; unicamente senhores, amigos meus que me leem com sympathia e condescendencia, inimigos meus que correis os olhos por estas linhas para me maldizerem, unicamente porque tão alta fama emprestada á *Semeuse* faz suppôr incapacidade nossa para trabalhos de arte.

A *Semeuse* escolhida, entre muitas centenas de desenhos assignados, alguns, por notabilidades, deve o seu bom exito á obra e graça do *divino espirito santo*, que lá, como aqui e em toda a parte, é o inspirador da maioria dos actos officiaes. E, com franqueza, não vejo nessa figura simploria de rapariga, de fórmas lambidas pela tunica cintada por sobre os seios, nada de engenho inventivo ou burilidor que a destaque em claro irradiante sobre a obra commum da philatelia contemporanea. E'-lhe o gesto corriqueiro. Vae ella pelo campo, semi-núa, em recacho e descalça, levando o cabaz das sementes sobre o ventre, a que o firma por pressão do braço direito em diagonal do hombro ao baixo tronco; e com o esquerdo, no largo estendimento da prodigalidade, vareja á mão-cheia o farto punhado dos grãos proliferos. E'-lhe o typo vulgar, desaccentuado de caracteristica ethnographica, escambo para o grecismo por preoccupação de modelagem, e pobremente symbolico.

Não lhe percebo recommendação componidora nem merito de gravura.

Contrapondo-se-lhe, temos nós, barbaros catechisados e já empolados de basofias, a série magistral dos postaes do Sr. Elyseu Visconti, que faria a reputação philatelica de qualquer povo.

Essa, em verdade, é uma collecção extraordinaria, sem competidora na reputada Europa, e sobre o seu merito conheço a opinião competente do grande decorador, o eminente mestre Eugenio Grasset, que a transmettiu ao artista com sinceros elogios, dizendo-lhe que esses desenhos em sellos postaes honrariam uma nação!

Entretanto essas magnificas composições, que mereceram reprodução na *Illustration* de 12 de Novembro de 1904 e aqui nesta revista, em cujas paginas foram impressas nas suas côres convencionaes, não obtiveram o enthusiastico acolhimento que mereciam.

E porque?

Não me anteciparei em tirar conclusões do estranho caso. Vou historial-o para que fique archivado, como documento escripto, esta prova do nosso desamor á arte.

Foi, se me não engano, devido aos esforços do Sr. Ernesto Pinto de Azeredo Coutinho; alto e dignissimo funccionario da Directoria Geral dos Correios, que essa Directoria conseguiu estabelecer um concurso para desenhos de novos sellos e demais formulas de franquia dos Correios dos Estados Unidos do Brasil. Ainda devido ao pendor para as bellas-artes, que distingue esse digno funccionario, foi que o Sr. Elyseu Visconti accedeu em concorrer à essa prova.

Para julgal-a e para lhe conservar a integra feição official foram convidados representantes da Escola Nacional de Bellas Artes, conceituados amadores da philatelia e funccionarios dos Correios de maior evidencia. Assim o jury compôz-se dos Srs. Rodolpho Bernardelli, director da Escola e professor de esculptura, Rodolpho Amôedo, vice-director e professor de pintura, Daniel Berard, professor de desenho figurado na Escola, Augusto Girardet, professor de gravura na Escola; Dr. Villela dos Santos, reputado philatelista, Eduardo Roltz, mestre da offina de gravura da Casa da Moeda, e os funccionarios publicos Dr. J. C. de Miranda e Horta, Dr. B. de Aragão Faria Rocha, Antonio T. da Silva Costa e Ernesto Pinto de Azeredo Coutinho.

Como se verifica foi uma escolha cuidadosa, pensada, realmente de accordo com a causa julgada e o seu caracter official.

Esse jury votou unanimemente pelos desenhos do Sr. Visconti, destacando-os dentre vinte concorrentes. Mas, nem por isso, os desenhos lograram passar de projectos. A boa vontade e o fino gosto artistico do Sr. Azeredo Coutinho esbarraram na indifferença do governo. Creio mesmo que o então ministro da Industria, apezar do seu espirito emprehendedor e da sua larga visão, não se emocionou com essa magnifica obra ou, mais positivamente, não a comprehendeu.

E' que a cultura mental, mesmo a pretendidamente mais solida, não implica cultura artistica. Aqui tivemos um estadista, dos mais notaveis d'America do Sul, que, uma occasião em que se tratava de assumptos relativos á aula d'esculptura da extincta Academia de Bellas Artes, encolheu os hombros e disse:

— Ora! para fazer estatuas bastam os marmoristas da rua d'Ajuda.

Inclino-me pelo regeitar tal conceito nos labios do illustre Sr. Lauro Muller, não o julgo capaz de semelhante heresia; mas o despreso, se despreso houve, que S. Ex. mostrou por essa formosa collecção dos formosissimos desenhos do Sr. Visconti, depõe com aggravo contra o seu sentimento esthetico e a sua indispensavel cultura artistica. E digo «com aggravo» porque, após esse desastre, S. Ex. commetteu outro com a regeição do modelo apresentado pelo professor Amoêdo para um dos sellos commemorativos da reunião do Congresso Pan-Americano no Rio de Janeiro.

Esse facto nos deixou, a nós todos, perplexos, aturdidos, varados de decepção. O processor Amoêdo trabalhára o seu modelo com aquella incomparavel consciencia, que sóe dispensar ás suas obras, o que o torna um artista de rara intellectualidade. Era lindo o modelo apresentado, lindo pelo simples arranjo da composição, pela firmeza do seu precioso desenho, pela intensa significação do symbolismo.

O então ministro da Industria, que attrahia as sympathias publicas por suas idéas de grandiosos planos de melhoramentos, não o quiz ou consentiu que os seus auxiliares o recusassem!

No emtanto, S. Ex. ou os que, sob a sua responsabilidade abandonaram esse excellente modelo, aceitaram um desenho réles, desastradamente copiado de uma estafada composição antiga, a que deram a honra de substituir o trabalho do grande pintor e o fizeram collocar ao lado dos desenhos do professor Henrique Bernardelli que, com o Sr. Rodolpho Amoêdo, fôra incumbido, pelo Sr. Azeredo Coutinho, da confecção dos novos modelos para essa série especial (*)

Voltando, porém, aos bellos desenhos das estampilhas postaes do concurso de 1904, devo dizer com a maxima franqueza, e sem medo de exaggerar, que não ha, até hoje e em qualquer paiz, padrões artisticos mais conscienciosamente trabalhados do que os do vencedor desse concurso.

Ali o desenho, que, em alguns, vale uma obra de arte, é correctissimo; as composições obedecem a uma associação logica de idéas, cada qual de per si tem a sua significação propria, se decompõe explicitamente como as partes d'um problema mathematico, se unem e se fundem n'uma intenção clarissima, accessivel á razão e resistivel á analyse a mais rigorosa, a mais exigente, a mais prevenida.

A fantasia não ultrapassa a creação, isto é, o arranjo artistico da estampilha; no mais tudo é systematisado ao assumpto, cingido ao seu respectivo symbolismo.

Em um temos a electricidade, em allegoria ao futuroso invento do brasileiro Oswald de Faria; em outro a lei aurea de 13 de Maio de 1888, quando o Brasil se transformou em patria de homens livres, sem preconceitos de raças; aqui homenagêa-se o Commercio, naquelle presta-se reverencia á Republica; nesse é a Aéronautica, que nos tendo dado a gloria do Padre Voador nol-a engrandeceu com Santos Dumond; ness'outro é prestado culto á Mulher Brasileira, e n'outro ás Artes, n'outro á Engenharia, naquell'outro á União...

E' uma série de factos significativos, de datas gloriosas, de homenagens dignificadoras.

Só o sello (taxa de quinhentos réis) representando o *Descobrimento* vale uma edição amorosamente feita. E lhe não faltará opportunidade porque as festas da abertura dos portos estão proximas. Edital-o seria uma reparação.

A esses desenhos de sellos ordinarios reuniu o Sr. Visconti, quatro desenhos para carta-bilhete, sendo a do valor de trezentos réis representando a communhão republicana; a de taxa de duzentos réis a fundação da nacionalidade brasileira; a de cem réis a evolução historica do Brasil e, finalmente, a de taxa de cincoenta réis a lenda brasileira.

Como se deprehende dos citados titulos é uma obra meditada, combinada, seriamente composta, em cuja feitura o artista teve de pensar muito, e jogar com conhecimentos de historia patria, de reconstrucções de costumes e de typos, de regras precisas da difficil arte

(*) *Deve-se notar que o Sr. Elysen Visconti, tambem convidado, se recusou terminantemente a esse convite, ja experimentado com os resultados do anterior concurso.*

decorativa, hoje em dia rigorissima nas suas applicações. Bastar-lhe-ia a creação do typo da mulher brasileira, a que elle deu traços de intelligencia, simplicidade e carinho, destacando-o das interpretações vulgares, bastar-lhe ia essa feliz tentativa para fazer da sua obra cousa recommendavel á estima e conceito de homens cultos.

Pois bem; para substituir esses magnificos trabalhos (com os quaes o artista nenhuma recompensa pecuniaria obteve, além da insignificancia da quantia dada á titulo de pagamento do «material empregado») para substituir esses verdadeiros specímens da philatelia, foi encommendado o sello de effigie, o medonho, o caricatural, o insignificativo sello-retrato! E' espantoso, mas é verdadeiro. Os Estados-Unidos, a Hespanha, Portugal, o Paraguay e a Italia têm sellos assim, nós tambem o devemos ter. A subsistencia do motivo affecta a sã razão. Por esta logica não deveriamos nos corrigir de graves vicios e feios prejuizos porque, em summa, as mais adiantadas e poderosas nações occidentaes os têm e não se corrigem delles.

Assim a aspiração do illustre Dr. David Campista, actual ministro da Fazenda, (se S. Ex.ª me consente a phrase) não se deve limitar a conseguir uma *Semeuse*, mas sim a termos o que podemos e devemos ter. Os nossos governos, quer os da monarchia, quer os da republica, gastaram e gastam muito dinheiro com o ensinamento das bellas-artes, mantiveram e mantêm na Europa apreciavel quantidade de artistas para se aperfeiçoarem nas suas especialidades, portanto é justo que para aproveitamento desse dinheiro e em retribuição dos sacrificios feitos com elles pelo Erario Publico, se lhes exija em honra da sua patria um pouco do que aprenderam, além de que essa exigencia não será a titulo de gratuidade.

Um concurso accessivel a todos os artistas nacionaes e estrangeiros aqui domiciliados, com premios relativamente recompensadores, poderia dar bom resultado. Para os julgar não seria descabido ao governo convidar tres ou seis summidades artisticas da velha Europa.

Só assim o Brasil daria uma bella prova da sua capacidade artistica e, ao mesmo tempo, um grande exemplo de comprehensão da justiça.

O jury, composto de escolhidas notabilidades na arte européa, ás quaes todos, absolutamente todos os nossos artistas prestariam respeito, senão como discipulos, pelo menos como humildes collegas, não se deixaria suspeitar de parcial nem nos aconteceria o que em França aconteceu com a *Semeuse* nem tão pouco o que aqui muitas, muitissimas vezes, tem acontecido.

Verdade é que, para isso conseguir, teriamos de pôr de parte a nossa vaidadesinha... mas, antes essa insignificante prova de fraqueza (eu a considero modestia), do que o ridiculo de uma cunhagem de hottentotes e os costumarios julgamentos de compadrio.

Maio de 1907.

GONZAGA DUQUE.

SETE LAGOAS

A cidade de Sete Lagôas acha-se engastada em pleno sertão, onde a natureza esplende toda a sua grandiosa formosura.

As montanhas que a circumdam, não têm o aspecto ponteagudo e abrupto contrastando com a planicie, nem as massas graniticas collossaes afloram o verde da vegetação sylvestre, em plena e perenne primavera, como na Serra do Mar, ás margens do Parahyba.

Não! A terra desce em talude suave sem socalcos, nem socavões, dos cimos os mais elevados ao fundo dos valles que se estiram numa quasi superficie de nivel.

A natureza é diversa no S. Francisco, entre o Paraopeba e o Rio das Velhas, attrahe o viajante cada vez mais para o planalto central, e lhe desafoga a vista com amplos e magnificos horizontes.

O terreno é geralmente de grês argiloso e, em varias formações, se mostra britado e em alimpaduras de camadas superpostas, verdadeiros cascalhos e seixos rolados, com veios calcareos, fazendo lembrar a hypothese poetica e fantasiosa de que as aguas dos oceanos, talvez, em tempo remoto, pela acção erosiva e mecanica lhes aplanasse as arestas vivas.

Estes sedimentos se encontram pelas chadadas extensas de campo aberto, formadas de estratos que testemunharam o trabalho millenario da elaboração dos taboleiroo suspensos e archi-seculares, cobertos de gramas e cyperaceas.

A physionomia enrugada da topographia de Minas Geraes. com as grimpas escarpadas de suas serras, pontões e cumeadas fortemente rampadas, toma um ar suave e docemente melancholico á medida que se caminha e se avança para o norte.

As arvores, bem como toda a vegetação, perde a forma selvagem e dura de uma lucta titanica em procura da luz e apenas se vêm, de raro em raro, faixas de arbusculos de mediana altura, nas depressões cavadas no solo pelas enxurradas, e á borda da maremmas as palmas erguidas dos buritys.

As florestas do Rio Doce, que lembram, perto de sua foz, a India ou a Amazonia pela sua grandiosidade suberana, não encontram simile nestes extensos chapadões. A vista se perde muita vez na vasta e larga extensão, e os espigões das quebradas e alcantis longinquos se assemelham, quando vistos do alto de um desses taboleiros suspensos, ondas refluxas de um mar afastado na fimbria azulada do horizonte.

O sol derrama cascatas de luz na paysagem monotona, porem, sempre attrahente pela suavidade e disposição do relevo do sólo.

Os contrastes da luz e das sombras são de um effeito magnifico: madrugadas e occasos simplesmente encantadores.

A natureza, durante o dia, brilha illuminada na instabilidade de vistas que desfilam rapidas num stereoscopo, ou cosmorama, e pelas noutes profundas e caladas, os astros se espelham nos grandes lagos e lagôas de aguas puras e crystallinas que se encontram espalhadas e perdidas por toda a região, fornecendo agua potavel, evitando a drenagem rapida do sólo, fertilisando as áreas de cultura e regulando o clima com a vasta superficie de evaporação de pequenos caspios interiores.

A relva macia e verde cobre seus bordos e sobe as encostas dos morros até os cimos distantes que a vista mais não pode distinguir na confusão das margens.

E' no seio destas zonas privilegiadas que se rasgam os veios diamantinos, auriferos e cupreos.

A queda dos planaltos é para o norte e as cordilheiras eriçadas se desfazem, achatam-se e se despedaçam em innumeras serranias pouco elevadas. Ha um verdadeiro tumultuar de morros alaranjados, em medios e baixos relevos, onde, de quande em vez, a terra se abre em lapas e grutas fantasticas, como a do Maquiné, que tem um lago interior.

O conjuncto de tantos e tamanhos fautores, que se juntaram para deslumbrar o visitante destas remotas plagas, é assombroso.

A cidade fica, pois, entre pequenos lagos que se alimentam das aguas de erosão e de infiltração das chuvas, tendo sua feição caracteristica e inconfundivel.

Pasma-se, emtanto, quando se pensa que este vasto espaço de terras ferteis, onde a media da temperatura annual oscilla nas proximidades de 18º c. tenha permanecido inexplorado durante um percurso mais de quatro vezes secular que vem do Descobrimento aos dias fluentes.

As primeiras habitações confortaveis começaram de surgir depois que o silvo da locomotiva accordou as energias latentes e os trilhos de aço a abraçam ao convivio da civilisação occidental.

A população brazileira, de accordo com a configuração geographica do meio physico, adensou-se por dilatado tempo ao longo do littoral opulento e o sertão ficou esquecido como se não existisse nunca.

A flora é excepcional: o tronco das arvores é pleno de flexões, tortuosidades nodosas e as folhas espessas, retesadas e fortes, para resistirem à acção destruidora dos agentes externos.

A variação da columna thermometrica não se faz aos saltos bruscos, antes gradativamente em um pequeno intervallo de limites.

O clima é secco e saudavel, e nem o verão é assolador e adusto, nem o inverno castiga a terra, em sua contextura, com aguaceiros e chuvas diluvianas.

A acção dynamica do calor e da humidade nos seus effeitos bons e máos para o homem, opera-se com a regularidade synchrona, modificando a face do planeta num entrelaçamento harmonioso e continuo.

As serras correm para o Norte e do mesmo modo as caudaes que se arrimam em suas faldas, e de uma qualquer chapada se descortina o relevo do sólo, como se fosse um modelo de estudo, descahindo levemente para as margens do S. Francisco. Esta disposição orographica veiu facilitar muito a construcção de estradas de ferro, pois que se não encontram outros obstaculos que não sejam a raspagem para assentamento dos dormentes e trilhos e uma ou outra ponte de aroeira, madeira resistente e de longa duração que se encontra por toda a parte.

O riacho das Melancias, assim denominado, banha grande parte da cidade que se desenvolve sobre seus flancos, corre lento e tece

meandros imitando o crescimento da flora em redor.

O povoado abriu suas ruas largas e levantou habitações pela encosta das colinas, margens do rio e ourela dos grandes lagos e lagôas, abandonou a pouco e pouco o uso exclusivo da madeira pelo mixto com adobe e, neste ultimo decennio, nas edificações modernas, começou a applicação da alvenaria de tijollo, não empregando ainda a cantaria lavrada, o ferro e o cimento armado, que são os materiaes preferidos nos palacios das grandes metropoles,

As vias publicas são macadamisadas com empedramento de seixos de facil conservação pela dupla circumstancia do trafego não ser pesado e a declividade sufficiente para dar rapido escoamento ás aguas das maiores borrascas.

As acções geologica e topographica guardam entre si uma relação de equilibrio e de harmonia com os demais elementos e agentes em sua tecedura, que se não pode delimitar a traça preeminente de qualquer delles na feitura do caracter popular.

O animo pacato da gente sertaneja reflecte a calma solidão desses extensos chapadões que descambam tardonhos para o centro e norte do paiz.

O aneroide regista, na Estação, 771^{m},000 de altitude, quando nos contrafortes das cabeceiras do Rio Doce e Grande, muitas vezes se elevou a mais do dobro e, mesmo comparado com as nascentes do proprio São Francisco, varia nas proximidades do duplo a differença acima do nivel medio do mar e a partir do Rio das Velhas, até á cataracta do Paulo Affonso o terreno apanha uma declividade quasi constante e uniforme.

Os ventos regulares e dominantes sopram com pequena velocidade, não turbilhonam desordenados em todos os quadrantes e o céu azul anilado percorre a gamma das cores em occasos longos e deslumbrantes, enviando muitas vezes, ao se sumir, uma tenue restea de luz aos outeiros affastados do oriente, contrastando de modo encantador com as sombras visinhas da noute.

O crepusculo é longo, demorado, constituindo pela refracção dos raios solares na atmosphera, um dos mais bellos phenomenos physicos destas regiões.

A columna barometrica permanece por dias quasi estavel e a termometrica cahe um pouquinho com a frescura agradavel da noute.

A vida intensa, com sua marca de civilisação hodierna, surge a pouco e pouco, nos planaltos mineiros, com a viação ferrea que é o caminho preferido.

A parte velha desta cidade, como a de muitas outras suas co-irmãs e coevas, ankylosou-se na feição emboaba, ou bandeirante, não ultrapassando o adiantamento de Villa Rica, proximamente de ha tres quartos de seculo já passados.

O mesmo typo de cidade, casas, ruas, templos, usos e costumes ficaram estratificados no seio das povoações separadas uma das outras por legoas e legoas de distancia atravez da soalheira dos serrados sem abrigo.

O contraste entre a parte nova e a antiga é blagrante;—a primeira cresce e se espraia tendo como nucleo a estação da Estrada de Ferro, e a outra se afunda e precipita com suas velhadas no abysmo do esquecimento e num cahos de ruina inevitavel.

São os dous periodos maximos da vida, nestas paragens, e o que se nota, aqui, é a synthese da Historia das outras cidades antigas como Sabará, Queluz e Santa Luzia.

Houve um largo periodo, maior de meio seculo, de estagnação na vida do interior sertanejo que vae do bandeirante, que passou lavando o fundo dos rios, rasgando catas e devastando a fogo as bordas do caminho em procura de riquezas mineraes, e o da nova phase industrial e commercial trazida pelos grandes e rapidos meios de transporte, tanto de mercadorias como até da palavra falada e escripta.

Principia-se, actualmente, a se utilizar da natureza abandonada como agente da riqueza e o trabalho humano começa a auferir lucro do aproveitamento das abundantes pastagens que estiveram enfeudadas no regimen da grande propriedade, em detrimento do progresso e da civilisação.

O gado e rebanhos espalhados pelas encostas, planicies e chapadões, dão á paysagem um aspecto alegre e bizarro.

O sertão é immensamente bello, embora a fauna e a flora sejam relativamente pobres, porém existe entre ambas uma elegante proporção de harmonia, porque nenhuma se destacou, nem se desmedio e concorreram para formarem um conjuncto de grandiosidade sublime.

A terra, nestas plagas, tem a força centripeta dos paizes fartos que prendem os homens pelo amor, que é um corrector ethnico de primeira ordem, no congraçamento e fusão das raças.

As estações guardam durante o anno inteiro as galas da primavera e deixam no espirito de quem visita este valle grandioso e soberbo uma impressão duradoura, indelevel, de surpreza encantadora e belleza sem rival.

Sete Lagoas (Minas) 1907.

PEDRO DUTRA FILHO.

NO EXTREMO ORIENTE

(CAPITULO DE UM LIVRO EM PUBLICAÇÃO)

SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS

A alma de um povo é feita de superstições e crenças. Estas indicam rumo definido; traçam uma rota em direcção do futuro. Aquellas fazem germinar a duvida na orientação que se procura; mas prendem o espirito humano ao passado.

Não direi que as superstições representam os elementos primeiros de todas as crenças. No emtanto, é força reconhecel-o, crenças existem que se formam com o barro de preconceitos populares.

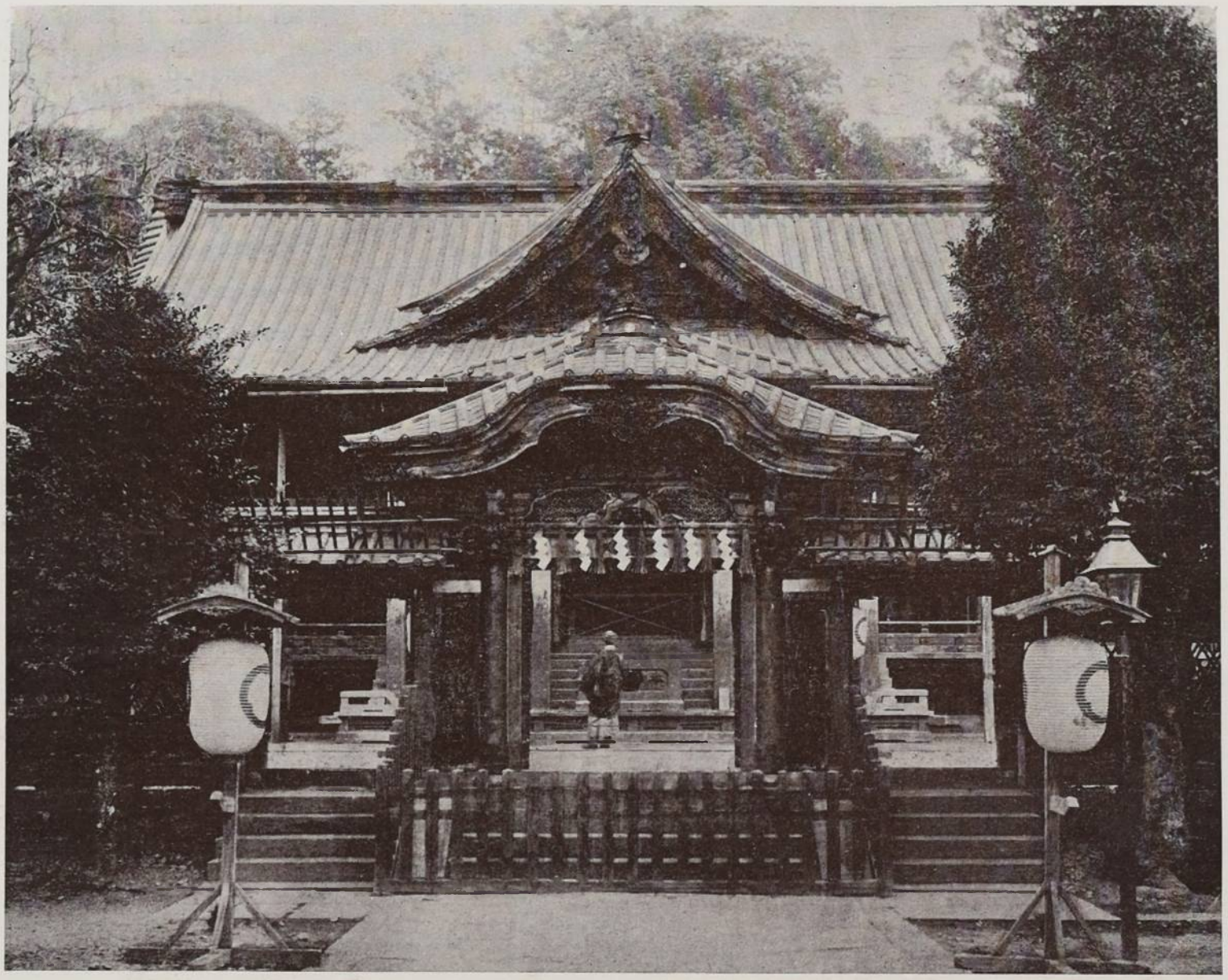
No Japão as superstições pullulam pela propria natureza do solo. Aquellas ilhas em que os tremores de terra se não acabam; aquellas aguas que vão de queda em queda sulcando a crosta do archipelago e se derramam aqui, alli, e jorram e espadanam em cada canto do Dai Nippon; aquella flora essencialmente melancholica, flora em que se deparam agigantadas arvores como legitimas raridades em meio de florestas de pequeninas arvores seculares todas recurvadas ou contrafeitas por uma especie de esforço a que se amarram para melhor deixarem cahir pelo chão os seus ramos muito mais caprichosos na curvatura de suas linhas do que os caules correspondentes;—tudo isso vale como o alicerce inabalavel de mil crendices japonezas que nascem e se desenvolvem na imaginação popular. Tudo isso commove. E a alma ingenua do povo ajoelha-se commovida, assim absorta no enlevo de creações que se lhe afiguram estranhas ás suas proprias energias!... E então acredita que o Japão é de origem divina; comprehende que em cada montanha do archipelago está a moradia de um Deus, julga que o Imperador é o descendente incontestado da Deusa do Sol, a phantastica e interessante Amaterassú!...

SAUDAÇÕES PELO NOVO ANNO

PADRES SHINTOISTAS NO RESPECTIVO TEMPLO

Forma-se dessa maneira uma deliciosa mythologia nacional, que reconforta a alma japoneza, amorosa e boa.

Um dia, dentro em Yokohama, ouço que se repetem muitas vezes as seguintes palavras:



TEMPLO BUDDHISTA

—*Fuku a utchi! Oni ua sôto!* E procuro comprehender o que ellas então queriam significar.

Disse-me alguem que, assim com essas palavras, inauguravam os japonezes o periodo da sua primavera.

Saio de casa para observar o facto. Deixo o *Bluff*, onde era minha residencia.

Encaminho-me em direcção de moradias puramente japonezas. E em meio de ruas estreitas, olhando para um e outro lado em que, enfileiradas, se encontravam pequeninas casas de madeiras, ia eu observando que se arremessavam, no interior dessas casas, ervilhas ainda aquecidas ao fogo, ervilhas um tanto torradas... E dest'arte me chegavam aos ouvidos, misturadamente com a rumorejante queda dessas ervilhas, as palavras que então se pronunciavam com energia: *Fuku a utchi! Oni ua soto*!

E eram homens, mulheres, meninos e meninas que por todos os cantos de suas pequeninas casas de madeira, proferiam essas palavras jogando pelo chão ervilhas torradas para dest'arte fazerem sahir, expellirem com força espiritos máos ou malfasejos que porventura se recolheram no interior dessas pequeninas casas japonezas... Com a primeira phrase exclamativa, diziam os japonezes: «*A felicidade que entre em nossa moradia*!» E com a segunda egualmente exclamativa: «*As desventuras que se não conservem senão no exterior de nossa residencia*!...»

E, logo depois, em cada casa os respectivos moradores se reuniam em torno do melhor brazeiro que possuiam. Ahi aqueciam as suas mãos.

Em seguida, preparavam-se para fumar um pouco, um poucochinho,—este com cigarro, aquelle com pequeno cachimbo cujo fornilho apenas cabe uma pitada de tabaco... E todos sentados sobre almofadas de algodão, assim se conservavam rentes com o assoalho durante muitas horas, nas quaes palestravam de tudo, sorvendo o ar ambiente com esgares indiscretos, cabeças bamboleantes, musculos labiaes contrahidos nesta ou naquella rara figuração bem caracteristica de genuino rosto japonez.

E eis o ceremonial do *setsebun*, da passagem do inverno á primavera, ceremonial esse feito de superstições ou de crendices populares na terra do sol Nascente.

UM TRECHO DE YOKOHAMA

Tem elle logar aos 4 de Fevereiro de cada anno. Mas pude observal-o tão só aos 4 de Fevereiro de 1906. Até então o tempo me não sobrava, que se fez a guerra russo-japoneza a minha exclusiva preoccupação de todos os dias.

A coisa é, com effeito, impressionadora. Porem não vae além das exterioridades do alludido ceremonial. Entrou nos habitos da generalidade dos japonezes, mas não penetrou a deliciosa alma dessa gente do extremo oriente. Não se percebe no ceremonial do *setsebun* nenhum vestigio de ardorosas crenças. Ahi existe uma indifferença de intelligente scepticismo; traços accentuados ahi existem de tolerancia profunda na alma religiosa desse povo activo, operoso. Proferem-se as palavras *Oni ua sôto! Fuku ua utchi!* e atiram-se pelo assoalho e pelo jardim e pelas pequenas areas das casas japonezas aquellas ervilhas torradas, por uma simples questão de costumes antigos que se não apagam na vida intima, no viver particular dos japonezes. Não se vê nisso senão a existencia de um reflexo que velhas superstições crearam, e o conserva, e o desenvolve o amor á tradição.

Mas na festa dos mortos, na solemnidade que todo o Japão effectua em homenagem á memoria de seus filhos, de seus amigos, de seus paes, de seus parentes, de toda a gente em summa que seguiu viagem á região de onde se não volta; nessa solemnidade, nessa festa ha mais do que a simples manifestação de um reflexo. E o curioso é que não são os vivos que se encaminham á moradia dos mortos; são estes que vêm visitar aquelles na tranquillidade da noite, no silencio de horas que se destinam ao repouso!... Que encantadora superstição, essa que alimentam os japonezes, e faz que elles comprehendam a possibilidade de serem visitados em suas casas pelos seus mortos queridos!

Pelo mez de julho, nos dias 14, 15 e 16 é de ver o bello de innumeras lanternas de forma oval, lanternas com desenhos meigos, suaves, com tintas pallidas, melancholicas, impressionadoras, que se contemplam no alto de janellas, portas e varandas de todas as casas

UM CAVALLO SAGRADO

dos filhos de Amaterassú. E, ao lado disso, sobre pequeninas mesas interessantes que se chamam *sambô*, deparam-se offerendas de bôlos de arroz, tão brancos que a mim pareceram como o attestado inequivoco da pureza das crendices que se constituem o fundamento da festa dos mortos dentro no Japão.

Ah! que ventura para os japonezes que podem comprar essas offerendas de arroz e essas lanternas... Como a alegria se estampa na physionomia desta gente nos dias sagrados do *bon matsuri*, quando lhe não fallecem os recursos para a acquisição dessas modestas offerendas e dessas magnificas lanternas!...

Mas as lanternas esplendorosas que se apreciam nesta e naquella casa nos dias 14, 15 e 16 do mez de julho, balançando-se ao sopro da brisa, sem luz, com o brilho proprio de suas côres naturaes, com a elegancia irreprehensivel do traçado de suas línhas; essas lanternas se illuminam logo ao lusco-fusco desses dias, e assim se conservam pela noite afóra para que possam os mortos visitar aos vivos...

E, mais para dentro no interior de suas moradias, lá estão sentados esses vivos sobre pequenas almofadas rentes com o chão. E assim conversam e bebericam chá... fazendo passar pela imaginação os seus mortos queridos...

Ora, parece que os japonezes deviam preoccupar-se com o espiritismo.. E não se vos affigura que tenho razão, leitor amigo?!... Os seus mortos delles lhes visitam... E quasi estou a dizer que uns e outros se contemplam, se vêem com abundancia de coração, cavaqueam, conversam, discutem ligeiramente... Mas é tudo isso puro devaneio. Gosam os japonezes com esse idealismo consolador... Ficam elles contentes, e não perdem a continuidade, a propria solidariedade com os seus mortos queridos, que são deuses protectores do Japão.

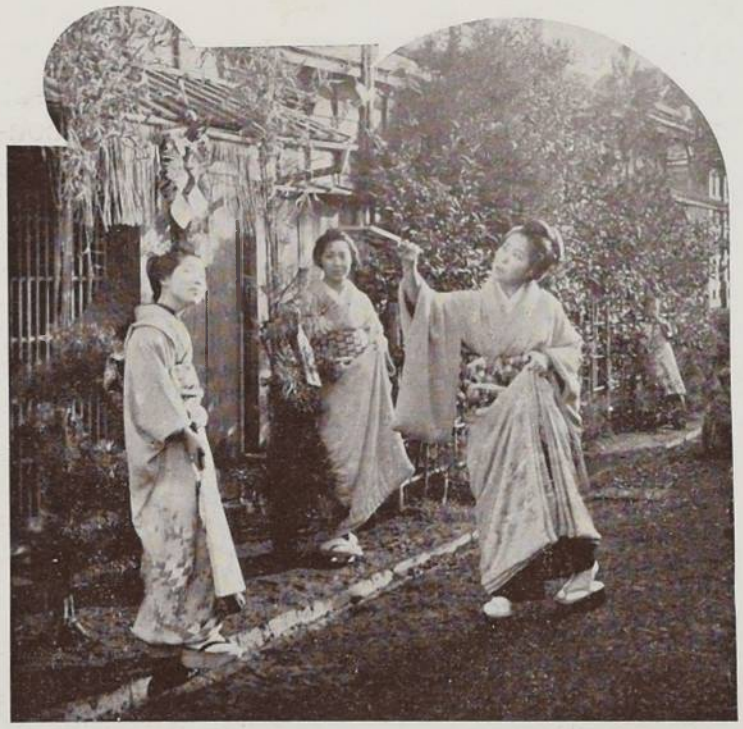
A primeira superstição aqui lembrada é inoffensiva. E' innocente o que se faz no *set-sebun*. Mas, alem de não prejudicar, reconforta a alma o que se pratica alli no Dai Nippon por occasião do *bon matsuri*. A segunda superstição é deliciosa. Mas ahi não ficam as superstições japonezas. Ha uma terceira, uma quarta... Emfim, innumeras superstições povoam a imaginação desses orientaes que não fecham olhos nem ouvidos ás grandes reformas dos occidentaes.

Uma, porém, dessas superstições é barbara. Não lhe vejo nenhuma nobreza. Nem lhe descubro nenhum sentimento alevantado.

COMO SE COME ARROZ EM FAMILIA

Quero referir-me ás praticas celebradas na hora da morte, na occasião do *rinju no toki*

Já em dias anteriores, parentes e amigos estão acercados do futuro morto; e ahi rezam em altas vozes, e tilintam, ou com pequenas campainhas, ou á custa do choque de quaesquer peças metallicas. A medicina, essa já não tem entrada na casa desse morto de amanhã... Pois, se a morte delle é certa!... E pelas ruas afóra lá se vae o rude som de muitas vozes juntas, o murmurio de preces que se não interrompem. Porfim a vida que se extinguia, está extincta. Mas o rumor não pára; cresce, augmenta em meio de mais fortes tlin-tlin, ou com pancadas de madeira contra madeira, embates violentos que a mim pareceram a forma selvagem da intensidade de paixões, de sentimentos, de affectos puros,—affectos, sentimentos e paixões que assim se desencadeavam na hora de uma separação eterna, ao desespero de uma dôr immensa, extraordinaria. Pá, pá, pá, pá, pá... E com o ruido dessas pancadas de madeira contra madeira, ouvem-se notas musicaes de algum original cantochão, vozes graves e gutturaes com inflexões estranhas, palavras que desse modo vibram em uma gamma inculta e sob um diapasão primitivo, rudimentar.



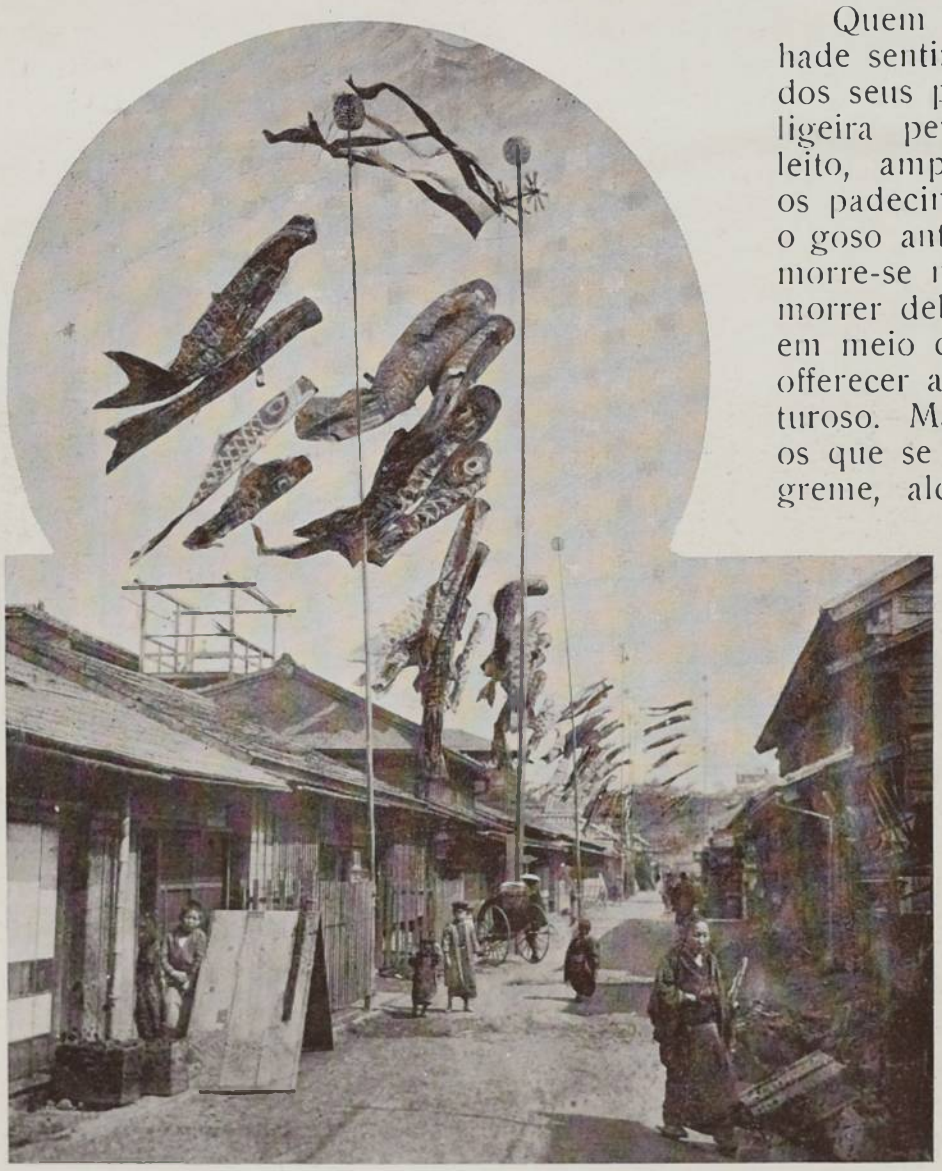
JAPONEZAS JOGANDO PETECAS

Ora, é isso positivamente barbaro.

Quem se acha nos momentos da morte, hade sentir-se bem com o silencio respeitoso dos seus parentes e dos seus amigos. A mais ligeira perturbação dos que lhe acercam o leito, amplificam-lhe as dôres, aggravam-lhe os padecimentos. Ahi a tranquillidade origina o goso antecipado do repouso eterno... Aliás, morre-se na duvida que é inquietadora. Ah! morrer debaixo do pallio de uma crença, ou em meio das doçuras ineffaveis que ella sabe offerecer aos seus devotos,—é bom, util, venturoso. Mas como são raros os que morrem, os que se sentem despenhar pela encosta ingreme, alcantilada de abysmos infindaveis, e estão presos, agarrados ao rochedo da crença!...

E nada mais necessario ao cyclo vital da morte—para não dizer ao cyclo mortal da vida — do que a firmeza, a solidez desse rochedo em meio do mar procelloso da excessiva descrença dos tempos de hoje.

A crença que se faz ideal e inspira fé,—conforta, dá novo alento, revigora. Forma a alma dos povos, e lhes estimúla as acções. Mas com o esboroamento da crença, parte-se uma ancora, quebra-se uma bussola... A viagem já não pode proseguir. E sem bussola e sem ancora, os viajantes perdem a esperança de arribar, de chegar a algum porto; desesperam, irritam-se.



RUA EMBANDEIRADA NA FESTA DOS MENINOS

Ora, o conflicto já não tarda. A conflagração começa no centro desses viajantes, que são todas as populações do planeta. Tudo se convulsiona. E tem-se a perspectiva de revolução tremenda. Percebem-se os symptomas de mal geral. Já existem indicios de grande desmoronamento. Apaga-se o brilho de certos povos. Desapparecem civilisações.

Mas as crenças religiosas de além tumulo, cada vez mais se substituem pelas crenças propriamente sociaes. As illusões de Buddha e de Christo já não satisfazem as exigencias do moderno scepticismo. A duvida bateu em cheio contra o prestigio dessas illusões...

Mas, ao certo que sempre por seu ideal ou primitivo, imperfeito ou admiravel, bem acabado, ideal bellicoso ou pacifico,—o homem luctou e ainda lucta, porque dest'arte elle vive e morre. E os povos, como o individuo, luctam sempre — assim aspirando arealisação dos nobres feitos do seu ideal.

Mas, ao cabo, vão ao encalço da materialisação das suas proprias illusões;

SCENA DE UM SUICIDIO LEGAL (HARÁKÍRÍ)

querem a corporficação do seu ideal, a principio adorado, e mais tarde sob os golpes da critica, em plena decomposição, destruido por completo.

E esse ideal, que ha sido elle no evolver das edades? em que elle tem consistido para infundir coragem nos mais desanimados?

Nos primeiros tempos, a lucta feria-se pela prosperidade material. E só depois é que se luctara pela grandeza moral das collectividades. Houve, entretanto, uma epocha em que o ideal não mais consistia nessa prosperidade, nem nessa grandeza. O ideal fôra alçado a alturas inaccessiveis á contingencia humana. Aspirou-se a vida de além tumulo. O ideal era então puramente religioso.

E dahi o shintoismo, o confucianismo, o buddhismo e o christianismo, para dizer tão só das mais fecundas syntheses religiosas que ainda se deparam na vida super-organica do Japão. São essas syntheses e o *bushido* que fazem nascer, e permittem que se desenvolvam todas as crenças na alma japoneza.

E como o *bushido*, que é o codigo da honra do bom japonez, paira em plano mais alto que o das syntheses religiosas aqui referidas,—quasi não se vê o aspecto religioso dessas crenças. Extingue-se o clarão da religiosidade de semelhantes crenças, que divinisaram o Dai Nippon, e ainda hoje inspiram aos seus sectarios certo convencimento na immortalidade. Já se não observa a claridade intensa nos altares em que se elevavam. Mas tambem alli não ha trevas... E da luz pallida

que tudo alumia nesses altares, ressuma o dôce mysticismo da alma japoneza, que já tem, no passado da sua evolução, vinte e cinco seculos de cultura artistica...

Mas pertença a este ou áquelle credo religioso, não sabe sobrepor-se o japonez aos seus sagrados deveres para com a patria. E' elle antes de tudo patriota. Acredita nas energias da sua raça. Crê no Yamato. E lucta e morre por elle, satisfeito, contente, prazenteiro.

Tambem ainda creança já lhe ensina a familia, pelos labios de sua querida mãe, que o Japão é a mais formosa e encantadora das nações. E depois, na escola, se desenvolve essa crença, que então se arraiga no intimo do pequeno japonez.

Ahi na escola não se examina a superioridade de Alexandre sobre Annibal, nem a de Cezar sobre Alexandre... Mas nas horas vagas, o professor em palestra com os seus alumnos faz interrogações como esta:

—Quem foi maior Hideyoshi ou Napoleão?

E aqui se responde, aos impetos naturaes da verdade:

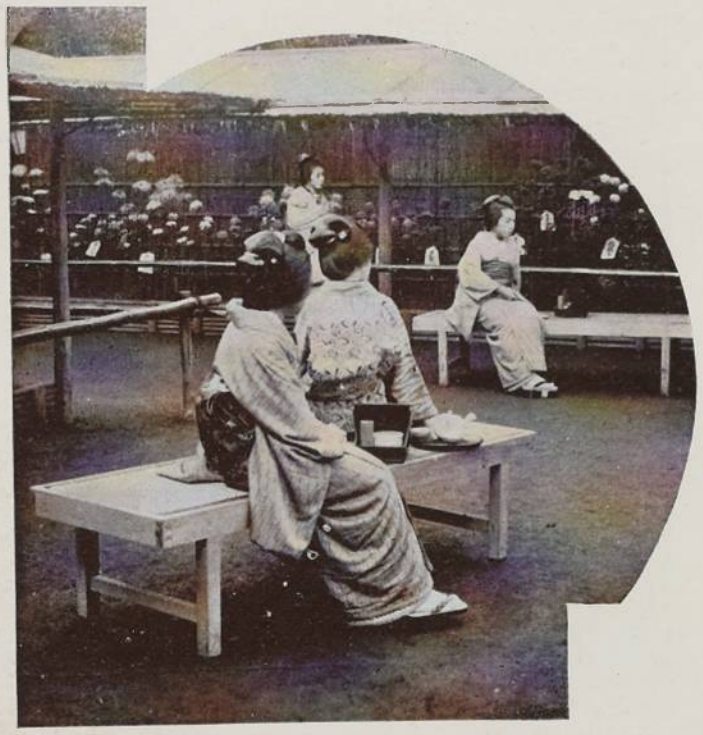
—Napoleão é maior do que Hideyoshi, porque conquistou a Europa.

Mas logo alli se objecta:

—Sim, é verdade que Napoleão conquistou a Europa. Mas o Japão vale mais do que a Europa, e pois conquistal-o é haver gloria inexcedivel. Assim Hideyoshi, o nosso grande Taikô ou Hideyoshi Toyotomi, é maior do que Napoleão.

E o professor, rejubilando-se, declara com ares graves:

—A questão tem suas difficuldades. E não a resolveremos, porque para o caso seria necessario que se enfrentassem, que pelejassem um contra o outro, Hideyoshi e Napoleão...

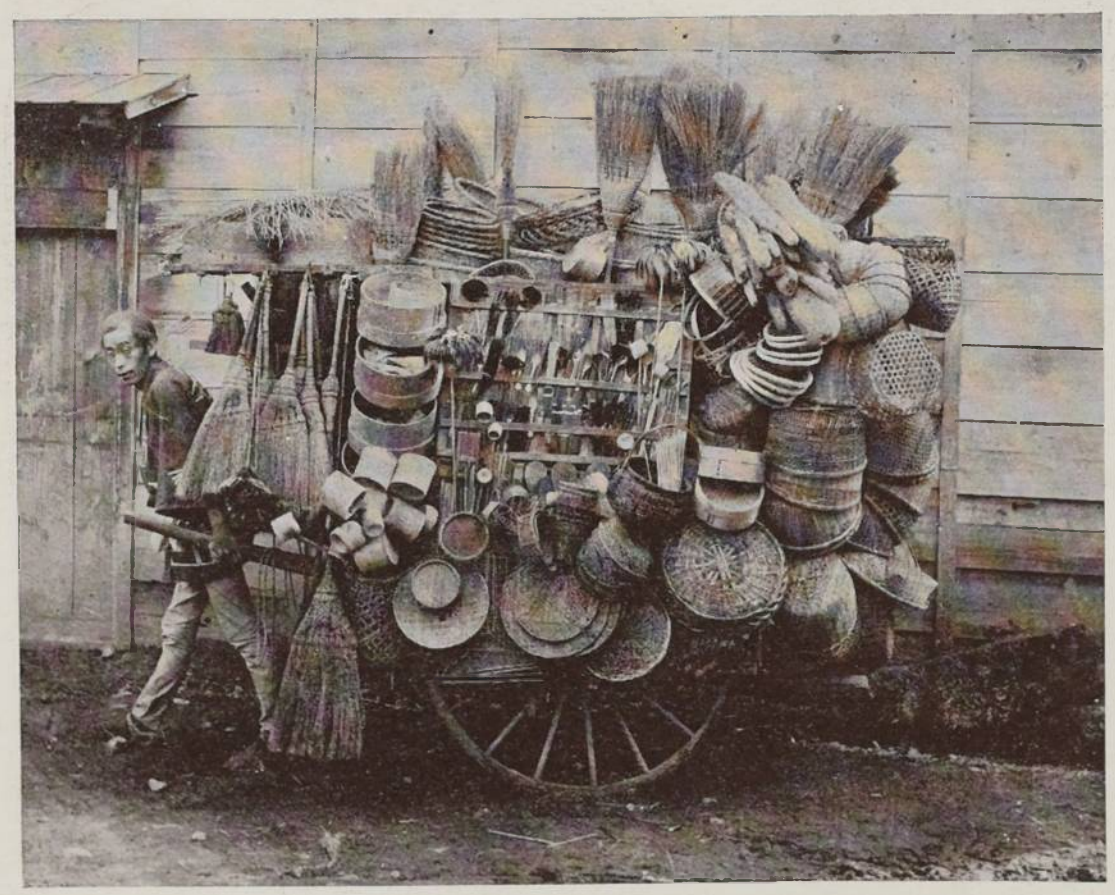


NA FESTA DOS CHRYSANTHEMOS

Ora o japonez nasce, cresce, trabalha, lucta, vive e morre, embalado por essas emoções de grandeza do Yamato. Nunca lhe passa pelo organismo a tibieza da descrença. A propria duvida sobre o futuro da patria não chega a derramar-lhe melancholia pela existencia afora. O esplendor desse futuro não se empallidece; não ha sombras que lhe reduzam a intensidade.

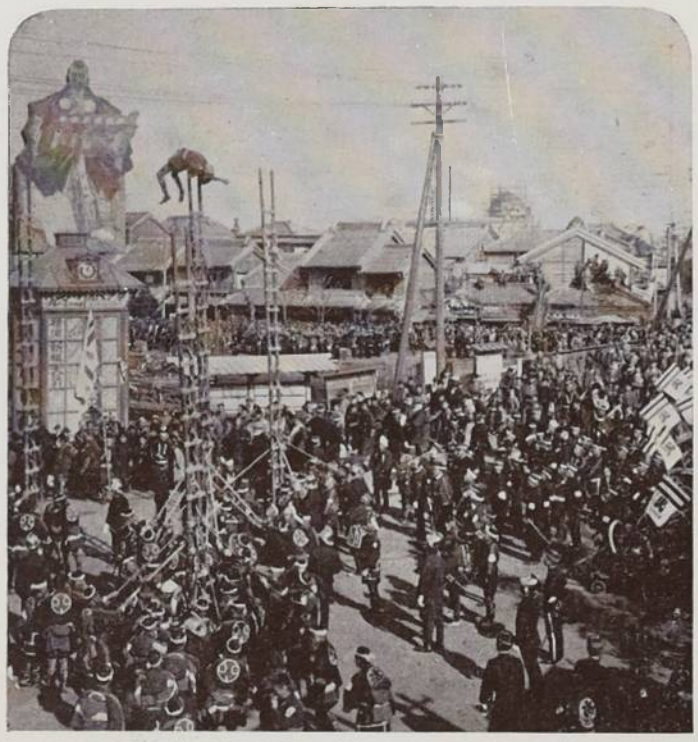
São crentes os japonezes. O scepticismo da civilisação do occidente, elles o ignoram; não o sentem.

Ao cabo da guerra russo-japoneza, o imperador do Japão, acompanhado dos grandes do Imperio, seguiu a Provincia de Shimá e, ahi no templo shintoista de Issê, o divino descendente de Amaterassú prestou conta, á memoria sagrada dos seus gloriosos antepassados, do quanto se



COMMERCIO AMBULANTE

fez, e do que elle mesmo fizera, em nome dos japonezes durante essa guerra. Curvou-se o monarcha illustre deante do altar principal,



ACROBATA EM PLENA RUA NA FESTA DO NOVO ANNO

que se ergue dentro nesse templo. E falou aos seus grandes mortos.

Togo, o tigre do mar como o chamaram no Japão, tambem seguiu com toda a sua esquadra para as proximidades daquelle templo; e alli, em nome das crenças do Dai Nippon, rendeu homenagem de gratidão á memoria santa dos batalhadores pela causa da patria, sendo nisso acompanhado com sympathia por todos os seus commandados.

Nogui, o grande Nogui, a personificação do bushido como o appellidaram em Tokio, elle, logo depois da capitulação de Porto Arthur, proferiu em memoravel solemnidade, aos 14 de Janeiro de 1905, as seguintes palavras:

«Eu, Nogui, commandante em chefe do terceiro exercito, celebro uma festa com sake e muitas offerendas como preito de honra dos bravos officiaes e soldados que pereceram no decorrer do sitio»

«Desde o dia do desembarque de nosso exercito na peninsula de Liao Tung, marchastes com bravura, combatestes cheios de coragem, assim vos encaminhando para a morte durante mais de duzentos e dez dias. Outros succumbiram pela molestia. Mas certo não foi inutil o vosso nobre sacrificio. As tropas inimigas foram batidas completamente, e a fortaleza capitulou. Ora essa gloriosa victoria se deve, e por muito, ao vosso devotamento incondicional».

«Todos nós jurámos vencer ou morrer. E porque sobrevivo ou fiquei com os que não morreram, recebi as calorosas felicitações do nosso chefe supremo, o imperador. Mas não é justo que me caiba o monopolio dessa gloria, que tambem vos pertence, oh! espiritos dos que se foram... E sinto que me invadem tristezas, quando penso que pagastes bem caro o preço do nosso triumpho, permanecendo agora no grande alem».

«Escolhi para esta festa um logar que domina as collinas, os valles, os arroios e os fortes, que ficaram assignalados pelo vosso sangue, e são as eternas testemunhas da vossa morte. Preparei com cuidado o terreno em que estou. Depois, nivelado o solo, levantei este altar sobre o qual colloquei estas offerendas. Invoco os vossos espiritos, impetrando a graça não só de receberdes as nossas modestas offerendas, senão de acceitardes a gloria da nossa victoria».

Ora tudo isso é manifestação do que podem superstições e crenças, quando essas crenças e superstições se cultivam com seriedade.

E assim se vae aos campos de batalha, repetindo a bella phrase que os japonezes segredavam aos seus parentes na hora da despedida, no momento em que partiam para o theatro da guerra:—*Ictê kaeruká shindê kaeruká.* Tornarei a patria; vivo ou morto voltarei.

Realmente. Vi no Skôkon-chá muitos nomes dos que cahiram mortos. E no Shokon-

ENTERRO DE UM SOLDADO

chá, grande templo que se aprecia em Tokio, o registro desses nomes é a indicação da immortalidade dos que não mais se acham entre

os vivos. Esse registro quer dizer que se ergueram á altura de deuses protectores do Japão os que falleceram na peleja. E, deuses, ahi se conservam no Shokon-chá para que o povo lhes renda o culto que merecem.

Todos regressaram á patria... Vivos, tornaram aos seus lares, voltaram ás suas familias. Mortos, fiseram-se deuses, e lá estão no Shokon-cha, onde a vida se prolanga pelos tempos afóra...

E já que me refiro ao Shokon-chá, se me permitta aqui transcrever o que o *Hotchi Shimbun* publicou aos 7 de Maio de 1904, assim descrevendo a festa chamada *shokonsai*, isto è, a festa da evocação das almas:

«O fogo sagrado alli no jardim, acaba de lançar no occaso do dia as suas claridades moribundas. As verdes folhas das arvores, banhadas ainda pela chuva da manhan e agitadas pela brisa da tarde, parece que deixam cahir lagrimas sobre o fogo que se extingue. A esquerda do templo está, em uma serena magestade, o altar em que se fará a evocação dos mortos na guerra que prosegue. Uma força do exercito, marchando em uma ordem irreprehensivel, avança e penetra pela entrada principal do parque, e se colloca, dividindo-se, nos dois lados do altar. Entram, depois, representantes dos ministerios da guerra e da marinha, assim como os funccionarios do departamento dos cultos. Todos se conservam em os seus logares. Uma fileira de bambús verdes contornava a area da ceremonia. E bem situada nessa area estava o carro de madeira branca, sobre o qual deviam descer as almas divinas dos heroes. Os padres se encaminham para o altar. E se ouvem ruidos de verdadeiras palmas compassadas. E' a ceremonia que vae começar; e por isso, com essas palmas, quebrando o silencio, chamam-se as almas. Procede-se a oblação. Veem-se dez pequenas mesas brancas, muito brancas... Sobre ellas estão as offerendas sagradas e peixes e verduras... Cada padre ergue uma dessas pequenas mezas á altura da cabeça. A musica faz-se ouvir. Depois o celebrante, com respeito, se arma com um ramo sagrado em que se prendem grinaldas de papel, e magestosamente caminha para o altar da evocação. Agora é o momento da oração endereçada ás almas dos heróes. A melopéa religiosa dos padres desperta aos assistentes, que se curvam instinctivamente, acreditando todos elles que chegou o instante em que os espiritos descem do céo. A oração vai quasi terminada, e de novo a fanfarra estruge os ares. Então o *kan nushi* principal, o celebrante, pega da perola preciosa em que repousavam as almas divinas dos heróes, e, sahindo do circulo em que se acha, vae depor solemnemente o thesouro sagrado no templo central. Ahi foi uma perola encerrada em um tabernaculo, e deante delles virão os fieis testemunhar sua veneração aos manes dos heróes. Concluiu-se a ceremonia. E a fanfarra executa as suas mais religiosas melodias.»

Ora a festa é essencialmente religiosa, segundo o ritual da religião shintoista. Mas o governo japonez declarou que essa festa e todas as ceremonias effectuadas nos templos nacionaes, não pertenciam á religião e sim a um rito puramente civil, destinado a honrar a memoria dos heróes nacionaes bem como a perpetuar no povo essa memoria santa.

JAPONEZA EM PLENO INVERNO

MOREIRA GUIMARÃES

EXPOSIÇÃO DE MILÃO

PAVILHÃO DA AMERICA LATINA

EXPOSIÇÃO DE MILÃO

SALÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NO PAVILHÃO DA AMERICA LATINA

O Rio Grande do Sul na Exposição de Milão

DEPOIS dos memoraveis triumphos pelo Brasil obtidos no certamen internacional de S. Luiz, a pujante cidade da Norte America, por sem duvida era de esperar que os productos da actividade brasileira fossem figurar na Exposição de Milão, levando á Europa o frisante desmentido de quanto assoalham contra nós os mal contidos despeitos de irrequietos concurrentes.

E era necessario que isso se fizesse, ligados como estamos á Italia por tantos interesses communs, sendo italiana a mais numerosa colonia que no Brasil vive e prospera, factor poderoso da grandeza do Estado de S. Paulo e tantos outros. Era necessario porquanto essa mesma colonia com a exhibição da sua fortaleza daria a mais convincente demonstração do logar de honra que entre nós occupa, e faria cessar, quiçá, a campanha que se agita contra a Patria brasileira, pintada como um verdadeiro inferno para o colono que deseja expatriar-se.

CHAVES MOUTIÉR

Razões financeiras porem ou outras, fizeram com que a União não aceitasse o convite que lhe foi dirigido.

Isso porem não impediu que o prospero Estado do Rio Grande, a sentinella do extremo sul, com os seus proprios recursos acudisse ao convite levando ao certamen os productos da sua industria e de sua lavoura, obtendo esplendido triumpho representado pelos premios que obtiveram os expositores.

Muito concorreu para esse resultado a acertada escolha feita pelo benemerito estadista Dr. Borges de Medeiros que preside os destinos daquelle Estado, do commissario Sr. Chaves Moutiér a cuja extrema gentileza deveu a *Kosmos* ser premiada com a medalha de ouro na secção de artes graphicas.

Publicando hoje o seu retrato, aqui lhe prestamos a publica homenagem do nosso reconhecimento.

MEDALHA DE OURO CONFERIDA Á KÓSMOS

PENELOPE

GUILHERME Arronches creara-se, a bem dizer, um vibrante lunatico da Grandeza. Inda destruia calçotes fendidos atraz, e já papagueava vastidões, cousas de entontecer os fedelhos apoucados d'intelligencia. E, ávante, pelo periodo escolar, não havia condiscipulo que lhe chegasse aos calcanhares nessa balda: o seu delirio, inflado como ôdre cheio, é por pouco megalomania esbrozeada.

O estudantelho, em vez de dizer que é filho de um modesto, senão arruinado ourives, diz que seu pae é a pessoa mais rica do lugar.—Caramba, só de uma pancada havia comprado no Porto, com estupefacção de patrões e caixeiros, todas as barras d'oiro que topara nas ourivesarias! — Que se quizesse estrearia todas as semanas um fato de magnifico panno, trajando como o mais apurado janota. Que seu pae lhe daria...— isto era segredo, não o fossem espalhar— um dote de alguns contos de reis quando elle casasse: mormente se o fizesse, como eram seus desejos, com a filha do fidalgo da Ponte, a rapariga mais linda, mais frunida d'heranças, mais anciada de toda aquella immensa comarca...

As boccas dos ouvintes, mal elle virava costas, cachoeiravam a gargalhada estrondejante da caçoada e atacavam a seguir, algumas com pena, a facundia jactanciosa do collega, punham ao léo toda a verdade sobre a sua condição.

Todos o sabiam, o seu lar estava em miseria desde a noite de ha 14 annos, em que o pae, indo a dormir, fôra roubado no comboio de Braga para o Porto: Levava todo o seu pequeno capital em obra de contas e arrecada para vender, nesta cidade, ao seu freguez Rosas e ficara, coitado, nessa malfadada hora sem nada e com uma derreante carga de filhos e dividas.

Valera então de muito ao pobre homem o ter alguns filhos em apresto de poderem ganhar a brôa. De contrario, estava no arroxo da fome.

Os collegas sabiam de tudo. Menos, aliás, quando havia nascido Guilherme: se antes, se depois do roubo.

Nascera antes, dois annos. Era o mais novo, não estava em caso de suar tão cedo pela codea. Viera ao mundo, ouvi, duros chasqueadores, por uma madrugada outonal, com vento a rondar pelo olivedo, como a chamar a invernia proxima, e fileiras densas de andorinhas passando por defronte da casa, caminho do exilio, facto a querer balbuciar aos supersticiosos a fuga de bem-estar, que dahi a dois annos se daria, ao recem-nado. Fuga de bem-estar, visto Guilherme, ao envez dos irmãos, que espigaram sob todas as mimalhices e tafularias, nunca o chegar a gosar na casa paterna, nunca haver tido uma pequena aspiração satisfeita, um exiguo querer realisado, começando a trabalhar no satão, d'official, mal soubera de cór a taboada.

E quiçá devido a isso, a essa aspereza do berço, a esse esbater continuo, aniquilador, dos seus votos—elle concebesse lento a lento, particula hoje, particula ámanhan, a phantasia de se julgar, entre estranhos, filho de um ricaço. Mas, mais tarde, essa phantasia riscou-se-lhe da memoria e elle, então, forte telhudo, ambiciona o solio de potentado do Dinheiro.

O pae, quando os seus beiços vasavam com farfalhice alguma nota deste fraco, chamava-o a contas de juizo, apontava-lhe, por entre dentes aperrados, o seu humillimo dever:—Trata mas é d'embutir, ou de tocar, escutas ó idiota? e dá ao diabo essas tuas idéas!

E Guilherme, promptamente, sem pestanejar, atacava com ardencia o embutimento dos cascaveis de contas ou perpassava febril o oiro bruto sobre a heraclia. Mas, d'ahi por deante, não se furtava a idealisar, a anciar.

Até que, desenvolto e vigoroso, opimo aos olhos das mulheres, teve um dos seus desejos consummado: casou com uma rapariga que jungia á Belleza e á Virtude um dote bem pesado em moeda.

Essa rapariga é Delfina, voz d'ave melodiosa, olhos de serenar pantheras enraivadas, camelia extravagante de um casal de depravados: o marido, beiços froixos da Sensualidade, a enganar agora a mulher; a mulher, rebolices de gata ciosa, a enganar logo o marido: os quaes, fugindo da Cidade, mumificados, nauseantes, septicos,—cahiram naquella clara terra sylvestre e lá acabaram, um após outro, roidos pela gangrena syphilitica e execrados de todos.

Deixaram, os miserandos, alguma cousa á filha e ella, assim, teve com que viver.

Como era um anjo, boa e lyrial, teve tambem gasalhado e protecção de uns lavradores escorreitos de alma e carne. Posera a esse tempo o seu affecto vibratil a trabalhar pelos doentes necessitados: casinhoto em que

faltassem um caldo para uma bocca esfomeada ou mãos para o penso de uma perna chaguenta, lá estava Delfina com a sua esmola e a sua dedicação. O povo, grato e crente, tratava-a de Santa. E ella era assim feliz: feliz no sacrificio intergiversavel pelo proximo.

Por teimosia da mãe tinha sido educada nas Irmãs Dorotheas de Villa do Conde; e lá, onde não havia materialismo nem tampouco mortificações dos cenobios medievos, dera lustre ao espirito e castidade á alma.

Depois, cá fóra, se se não fundia em recatos extraordinarios, espirituaes, sustinha-se comtudo no bello traço da decencia per modo a fazer mossa a um mr. Figuier e aparvalhar os rudes, aos quaes parecia sobrenatural o nascimento daquella açucena em tam lamacento jardim.

E floriu impolluta, sem o mais evaporante gracejo do rapazio, até chegar o Amor.

Guilherme, posto de condições minguadas, agradou-lhe absolutamente, prendeu-a com a arcaria potente do seu torax, a sua face erguida, torrada como a de um vulcano, com todo o seu ser lavado e forte, intelligente e utopista. A gente que a gasalhava, por certa questiuncula que tivera havia bons annos com os Arronches, deu-lhe d'opinião que não devia casar com Guilherme, espelhou, com scentelhas de o enterrar, a pobreza e a doudice delle. Mas, Delfina, sob toda a sua brandura de grande indulgente, insistiu e, por um dia vernal, casou.

Ao findar de alguns mezes o velho Arronches, vendo o filho senhor do dinheiro de Delfina, quiz que elle lhe emprestasee o bastante para mercadejar como em antes de ser roubado, em grosso, por sua conta. Porem Guilherme negou-lh'o, disse que não era seu. O pae então deu a entender que se mudasse mais a mulher e elle, que naquelles dias havia comprado uma quintaloria perto da pre-historica Citania, lá se foi a cultival-a com bombasticos ideaes de progresso e resolvido a deixar para sempre o lar paterno.

Durante quatro annos, gastos, aliás, em holocausto ao Engrandecimento, houve riso no tecto de Guilherme. Nada mais natural: alem de verdejar sempre com suavidade o galho da Paz, se gizaram, ao calor dos beijos dos paes, as feições a um filho, um rapazinho bello e edenico como o poderia ter desejado mestre Solon.

De subito centuplicam em Guilherme as ancias de se tornar homem de fortuna.

E estas se acaloram infrenemente, tomam a fervurura de caldeiras, quando elle vê haurida a mór parte da herança de Delfina pelas terras bravias da sua herdade, que, debaixo da risota arreliante dos calejados lavradores, queria transformar em searas feracissimas, em jardins maravilhosos. Debalde a esposa, meiga e esclarecida, quer arrefecer-lh'as: elle, ao contrario, quando ouve os conselhos de moderação e modestia, mais se enthusiasma.

De sorte que parece ter no intimo, ridente e viçosa, a esperança de ser millionario em epoca não tardia.

E um dia, com olhar rutilo e firme, diz á esposa que partirá breve para a America.

— Delfina, acrescenta, á guisa de balsamo. Precisamos de ser ricos, muito ricos, donos de todos aquelles sitios que abrangem os nossos olhos.

E chegando á bocca da porta, um pouco vergado sobre as espaduas de Delfina, aponta, com o braço della, para a aldêa que fica á frente, em uma allegoria graciosa, a escalar uma riba de giestaes nos rebordos. Aponta para as varzeas ondulantes, fartas de luz e fructo. Aponta para as tapadas cerradas, fulgurantes, como aço brunido, ao cahir do sol sobre as ramadas. Aponta para os valles risonhos com as suas papoilas e amargurados, espaço a espaço, com as flores roxas das suas olaias. Aponta para as montanhas longinquas, quasi intangiveis da retina, que occultam terras d'alem.

A esposa, como em sonho fulgente, olhava para o quadro vasto, sem termo tal se fosse o céo. Olhava... Mas depois, em si, molhou de lagrimas as mãos de Guilherme, implorou, com alma dorida e seios em onda apaixonada, que não partisse, não os deixasse a ella e ao filho.

Elle, para lhe soffrear a dor, prometteu que não iria... Porem, d'ahi a uma semana preparou esconsamente a partida, dispoz tudo de maneira a, na sua ausencia, nada faltar no tecto que abandonava por pouco tempo; e logo, em uma madrugada de abrir desalentado, sem rosa no horisonte, accordou resolutamente Delfina para se despedir.

O aventureiro queria ir para a America de Cabral. Mas, em Lisboa, dias antes d'embarcar, relacionou-se com um açoreano, rico negociante de Boston; e, desviado por elle com o informe de que Boston era a Summa Terra da Riqueza, preferiu a America de tio Sam. De resto o açoreano, magnanimo e patriota, déra-lhe uma carta de recommendação valente: «Embora homem d'annos e sem pratica,— ordenava, no fecho da carta, o chefe do negocio aos seus subordinados,—empreguem-no ahi em nossa casa». O que equivalia a dizer-se collocado logo que botasse pé em terra.

Com tal arrimo, ia esperançado,—certo, é melhor, de que em periodo não serodio, acugularia de dinheiro o seu bahú de sequioso, como o seu compatricio das lindas ilhas es-

meraldinas do Atlantico, que, pouco depois de largar com lagrimas de parvulo a sua pobre costa... apenas rico de penedos e musgos e algas—recolhia ás mancheias as tam almejadas «aguias» ao seu sacco bostelento d'imigrante.

E o que se segue é que meia duzia de annos em Massachousettes foi o bastante para que Guilherme se tornasse um regular negociante de Boston, o seu credito de burguez remediado nas casas fornecedoras, o seu posto de coripheu consilheiral na *honest* Colonia. E isso sem o auxilio de ninguem, da propria casa do açoreano, cujos socios lhe disseram ala! ao cabo de poucos mezes de lide.

E' verdade que até ascender a esse sócco mourejou muito, derreou todo o seu vigor, mesurou bastas vezes como reles vendilhão, esqueceu conforto, sopitou descanço.

E ao de mais, nos primeiros tempos, custara-lhe golpes na alma o aguentar as saudades pela esposa e pelo filho, sempre em crescença de amarguras quando chegavam cartas de Delfina, todas a lhe supplicarem com lagrimas e gemidos o regresso.

Cartas que elle lia aos golpões; e no fim, abalado, impetuoso, tracejava regressar immediatamente, na mesma hora, se houvesse paquete. Entrementes, vinha a sede febrenta do Dinheiro, escaldava-se o violaceo da saudade, e se esbatia em um apice o bosquejo da partida, como, outr'ora, a côr sanguinea dos dedos de Guilherme ao ser queimada pela agua-forte escorrida dos toques.

Em uma semana, porem, de optimos lucros em titulos d'especulação de petroleo, elle assenta partir definitivamente, «nem que estoirassem todos os diabos», no proximo vapor.

Nisto, antes de correar as malas, recebe esta carta satanica... engendrada naturalmente por todos os diabos que, furiosos, estoiraram á sua jura:

«Guilherme.

Tua mulher, que, diga-se de raspão, cada vez está mais bella, devido talvez áquelle ventre harmonioso ter gerado apenas um filho, —tua mulher, ó mortal! engana-te quasi desde que partiste.

E's um candido e por isso cuidas que ella é a Penelope do epopaico Homero, a cisterna de todas as virtudes conjugaes. Como te enganas!

O ditoso que surripiou o coração da tua Venus é um ex-estudantinho do beatifico Espirito Santo, bem amoedado, heraldica tersa, ares de grande estheta, mas que, a dizer a verdade, bem merece ser rolado de uma Tarpeia abaixo, visto a sua espremida, incompleta figura. Veio para cá em pratica de resumido sueto. Mas sorveu tamanha ventura durante essa folga, que, finalmente, resolveu estical-a «tempus in omne».

Eu nada devia dizer-te, porem, por amisade ou inveja, não resisti.

Esta informação—verdadeira, a ponto de poderes confial-a ao mais puro Baccarat—esta informação quiçá te não agrade... Emtanto, meu caro, soffre... soffre ovantemente, com despreso! e não desças á patetice de vir agora até cá, para lapidares judaicamente a adultera e derrubares, com dous murros d'athleta, o malhão da tua encantadora mulher. Porque, não ha fugir, perderias o teu caro tempo, tam necessario para as tuas formidandas operações mercantes, pois nem por isso deixarias de ser o que Sgnarelle de Molière se julgava.

E em tal ponto, continua a atulhar os bolsos por ahi, por esse celebrado «Hub of Universe», ninho da aguia da Liberdade americana, berço ditoso do pantheista Emerson e, mais do que tudo isso, para esta depauperada e fallida Europa,—terra do atrevidaço Dollar. E gosa. E represalia com alguma *miss* de cabellos de amarello tostado, lidima tempera *yankee*,—pomposa e arrojada, que salte com agilidade caprina, ou como quem salta portellos, dos mais altos ribanços e pule a sorrir aos mais cavados pegos.

Teu

Guarda».

Atordoado, Guilherme ao principio julga que essas linhas lhe não dizem respeito. Depois porem de as lêr calmamente; d'examinar o sobrescripto carimbado na villa onde elle havia deixado a mulher, o filho, a propriedade, e de considerar sobre a Volubilidade feminina, acha-as suas, vê-as a escorrerem as falhas da Peccadora, sente-ás, emfim, a lhe despejarem na alma, de vagar, com escarneo, todo o travor ruborisado no cadinho do Ciume.

E soliloga, de mistura com suspiros:

—Por isso ella me não escreve ha tanto tempo!... Emtanto... resignemo-nos e esperemos a mala de amanhan.

A mala chegou, Guilherme não teve carta. Era, pois, verdade que ella se enleçava, em compressão de serpente, ao tronco delgadíço do ex-candidato a leis canonicas.

Guilherme medita então vingança terrivel, bravia. Mas, philosopho de repente, não a pratica: segue em pontos os conselhos do denunciador, não parte; acceita indifferente, abandonando pieguices passionaes, a catastrophe do lar e limita-se a soluçar alguns dias a perda do seu Raul, o filho que iria occupar, ao cabo de poucos annos, uma carteira na sua casa de mercieiro atacadista.

Porfim, passaram, em corrente de solda, mais alguns annos, e o coração de Guilherme fechava-se hermeticamente para Delfina e escancarava-se, com todos os tecidos, para o Negocio.

O negociante quiz fazer-se grande, especie de sobre-homem nietzcheano. E, aos poucos, adaptou-se ao methodo tenaz de trabalho dos nacionaes. Quiz guindar-se a emprezas fabulosas, audazes. E sonhou competir com Henry Havemeyer no mercado assucareiro, imitar-lhe simiescamente a rapacedade gelida, o egoismo monstruoso de syndicateiro formidavel. Quiz o monopolio das mercearias. E desejou fechar nos punhos, ao cantarolar de sarcasmos, toda a multidão de modestos, classificados ou importantes negociantes do seu ramo. Quiz subjugar aos pés todos aquelles que lidassem para sustentar mílhares de familias. E desejou arruinal-os virtualmente, com inflexibilidade de carrasco, ser, em uma palavra, Havemeyer!

Mas tudo isso, para felicidade dos collegas, não avançou da sua deliciosa imaginativa.

Todavia trabalhava sem treguas, hallucinadamente, os olhos rebrilhando-se-lhe no monticulo crescente dos seus ganhos.

E em pequeno praso possuia capital para comprar uma villota portugueza.

De subito o desprezado lembra um asceta, quasi que abdica de todos os bens terrenos: apenas, d'oito em oito dias, visita sem demora, ás escondidas, uma bem talhada peccadora, toda linhas severas, academicas.

Conhecidos, que não sabem da sua vida intima, perguntam-lhe se elle não tenciona ir breve á Patria, correr mundo, gosar.

E elle soergue os hombros, já em corcova pelo excesso da pugna, e machina:

—Por ora não penso nisso, preciso de lutar mais. Góso mesmo por aqui com a minha occupação. Emtanto é bem possivel que um dia me não importe de correr terras...

—Principiando pela sua, não é?

Guilherme quebra a passividade, dá vasas ao sentimentalismo meridional:

—Essa não tornarei a pisar! Nunca mais olharei aquelle céo eternamente azul, aquelle sol d'amor, aquelle luar claro como patenas sacras, aquelles almargeaes floridos, aquelles toques suaves dos montes pelas vesperas primaveris.

Mas o commerciante não é de ferro. não tarda muitos mezes a ficar esfalfado, entediado, dyspeptico, dores de cabeça todos os dias. E, homem precavido, faz testamento, destribue solemnemente metade dos seus haveres por seu filho Raul e outra metade por a pessoa que o amparar á hora da morte

Nem de proposito: augmenta a sua doença. E os asclepios, para se verem livres delle, do tremendo massador, mandam-n'o passar uma epoca d'aguas na Europa. Um, até,—aquelle em quem tinha maior confiança,—sabedor da sua naturalidade aconselha, como hiera, as aguas de Portugal.

O doente renite, feito capro, e troca-as pelas da Bohemia e Altos Pyreneos.

Agora Karlsbad, com a sua fervida Sprudel, e Cauterets, com as suas thermas de alta fama desde periodos romanos, de nada lhe valem. E um dia, desesperado por melhorar,—fosse aqui ou no inferno! sempre se resolve a recorrer ás aguas da Patria.

Mal havia avançado meio da epoca nas Caldas do Gerez e já Guilherme era outro: abriu-se-lhe o appetite, empinou-se-lhe a carcassa, desapertou-se-lhe o riso. Depois, com maravilha de todos aquelles que o viram chegar amarfanhado e esqualido, arrastando como um madeiro os sapatos americanos, espalhou os seus desejos d'ir a pé, qual teso andarilho, até á Portella d'Homem, para gosar aquelle assombro florestal, os rios que rolam a fervilhar pelo fundo das ravinas, a matta de Leonte formando abobadas de carvalhas priscas, os gorgolhões de prata do despenhadeiro do rio Homem descendo pela sua escadaria granitica, a Geira com os seus grupos milliarios, d'inscripções remotas, prestes a serem de todo lambidas pelos tempos d'eras em fóra. E, finda a estação, elle acreditou-se curado, poz-se a correr o seio da terra lusa.

Mas, alfim, farto de andar, de ver, escolheu uma villasinha ridente do Alto Minho para descançar, para passar um anno, dois...

Hospedou-se no hotel de um senhor atarracado—grandes bochechas escarlates servindo umas barbas de Hades, ventre falstaffeano—cuja maior occupação era perguntar aos srs. hospedes de fóra se já haviam visto as faladas preciosidades historicas da terra: o castello, ainda sobranceiro nos seus revelins desafiantes, a servir hoje de cadeia e quartel, a matriz, com as suas reliquias de duplo valor, por serem offerendas de monarchas, e os seus caprichos architectonicos em talha e pedra, a casa da Camara, mais a sua fachada carrancuda, um pouco suavisada todavia pelas graceis caryatides que carregam docemente as architraves dos flancos, e cujo projecto era atribuido a um Vignola compatricio.

E se alguns dos srs. hospedes dizia que não, não tinha visto nenhumas dessas maravilhas, elle, sapientissimo sr. Domingos, varava de tamanha ignorancia e offerecia logo a sua fraca companhia para o ignaro as ir ver.

Guilherme, só dois dias depois de chegar, soffrera essa pergunta.

E, de resto, sua Excia. já tinha visto, conhecia toda a historica villa desde o dia em que abicara! Mas o hospedeiro fôra logo illuminado:

—O que lhe posso affirmar, emtanto, é que V. Excia. ainda não viu certo quadro ribeirinho... Valeu irmos lá um dia?

O atacado só o precedeu d'ahi a alguns mezes.

Realmente a tela valia a longura do caminho. Passaram a ponte affonsina e fincaram-se na borda opposta do rio. Pouco abaixo, em nesgas de terra bem cultivada, corriam, de cada lado, longos renques de amieiros e choupos, corriam a levar as aguas até longe, até se sumirem, tingidas da luz immaterial do crepusculo, nos ilhaes iriçados d'escarpedos longinquos. E, pouco antes, as aguas folhadas de uma levada batiam nas pedras corridias do leito, estrondeando, roncando. Em volta, a correr das duas margens, o verdor dos campos, a symphonia bronzea dos montados galgando para as cordilheiras.

E, como d'encommenda, para remate do motivo, em um recanto de tapada, sob olmeiros, um grupo de raparigas e creanças quedava-se em mansuetude d'extasi a ouvir os rouxinoes cantarem perto, occultos, em gloria e affecto ao seu Amor, que, por entre os ramusculos dos sarçaes, e com um veio d'agua a correr-lhe aos pés, acalenta e cria a pequenina prole.

Sua Excia. deleitou-se, envoltou a alma, durante largos minutos, de todo aquelle hymno de pastorela arcadica.

Ao voltar, o sr .Domingos apresentou-o ao sr. Ramires da Cruz, o melhor boticario daquelles sitios, uma das almas mais puras que conhecia.

Guilherme ia tendo as suas relações, já não passava, como ao principio, horas monotonas, já não era, naquella terreola de bisbilhotices, um ser exotico, face glabra brilhando semprc sobre fatos de flanela alvadia, já não era um viajante de arredar, cujas malas chapejadas de rotulos mortecôres, d'hoteis e caminhos de ferro de toda a parte, parecia denunciarem algum falcatrueiro fugido das mãos inhabeis da Policia de meio orbe.

A's tardes ia sempre para a botica.

Até que uma vez o sr. Ramires lhe desfechou:

—Desculpe a curiosidade. O sr. é estrangeiro, inglez?

—Não. Porque?

—E' que, pela sua pronuncia, pelo seu trajar, pelo seu rosto... me parecia.

Então Guilherme, em phrase concisa, esclareceu:

—Sou portuguez, de Bertiandos. Fui para os Estados Unidos ha desoito annos. Tenho casa de negocio em Boston.

O boticario estarreceu ás primeiras palavras e ergueu-se insensivelmente da cadeira, os olhos a quererem pular das orbitas, como em ancia de sugarem o resto da informação.

—Guilherme... Ou o sr. é a pessoa que penso, que por signal, a estas alturas de tempo, já deveria estar desfeita pela terra, sem as tibias sequer por pulverisar, ou o diabo por ella!

Guilherme vibra deante de uma recordação remota: vê de chapa um seu antigo conhecido, o Ramires Fortuna, como o tratavam, aquem, em solteiro, acompanhara pela noite alquebrada, a logares escusos, á procura de pêgas; que estudara, no Porto, o seu boccado e que, ao fim de correr terras e terras do céo luso, sempre atraz da Fortuna esquiva, mercara uma botica na terra onde ficou aquella cujo nome não pronunciaria mais.

Dá-se a conhecer. E logo, meio perplexo:

—Mas como veio o sr. parar aqui?

—Ora. Sonhos. Sonhos por dinheiro: o sr. lembrou-se d'enriquecer indo para o extrangeiro, eu, aventureiro nativista, vindo para aqui. A terra onde eu estava não rendia nada, os doentes eram raros, lá de lua a lua um com umas quartãs, outro com algum braço partido ao podar. E como me dissessem que aqui só havia uma pharmacia, e muito fraca, —a frascaria quasi sempre vasia, vim. Até hoje não me arrependi.

Ramires põe de parte a fama do millionario, passa a tratal-o no seu tom de velho parceiro de noitadas:

—E dize-me, Guilherme, como vieste tu, por teu lado, parar aqui? Sabes que és tido como morto. E's: logo que constou, todos o acreditaram. Eu não. Presenti enorme meada de arranjos... Mas convenci-me, depois, porque a sra. d. Delfina m'o garantiu com uma carta que havia recebido da America.

Guilherme, attonito, não responde. Emtanto minutos logo, pergunta—com esforço, anciando:

—Que carta era essa?... Desculpe. Eu não percebi bem. Estou nos meus dias de bronquice.

—Uma, carimbada em Boston, que participava o teu fallecimento repentino, sem deixares haveres de monta, apenas objectos d'importe mediocre, d'uso. Mas queres saber em que me baseava para presentir enorme meada de arranjos? Escuta.

Quando partiste a sra. d. Delfina era a Formosura espraiando-se em toda a sua onda alterosa de viço e contornos, sem duvida, a mais bella senhora que trilhava a nossa parochia. Raro sahia: e isso era, as mais das vezes, para ir á missa do domingo. Mas nessas occasiões, meu caro, é qne se lhe alteava a belleza!... De preto—desde que te ausentaste nunca vestiu de outra fórma—, o seu pendor de summa elegancia espargia a admiração d'entontecer, o desejo soffreado a custo. De preto, a sua brancura triumphava, obscurecia os marfins do templo. De preto, era a Seducção do essenio, do abjurador da Carne.

D'ahi, amigo, o accender de muitos corações, a ancia louca de muitos a requestarem, de muitos desejarem possuil-a.

E d'aqui... a necessidade de tu desappareceres d'entre os vivos: desappareceres simplesmente para a esposa e emquanto houvesse conveniencia. Como? Com uma carta naquelle sentido.

Mas falemos do que se deu antes.

A sra. d. Delfina chorava muito a tua ausencia.

E de repente teve de chorar tambem a do Raul: como estava crescido, muito virado para o estudo, mandou internal-o no Campolide. Vivia portanto só, em uma desolação continua. Valiam-lhe, é verdade, um tanto as tuas cartas, no principio a encorajal-a com a esperança da tua volta em dia perto, no fim, apipadas d'enthusiasmo, a convencel-a da tua riqueza, dos teus milhões no banco... Mas os ousados não arrefeciam e ella pedia-te, para ver se se livrava delles, que viesses.

Como lhe custava ouvir os galanteios de certo deputado, o mais tenaz de todos!... Genero chibante, barbas plutonicas, muito dinheiro, muita essencia franceza; delicioso esgremista da phrase que enleia a mulher: é o physico delle. A sua ousadia é meligena, sente-se envencilhada aos liames da graça de Panurgio ao dizer um conto tentador; porém, subitamente, como encontra defensa d'honra immaculada, é feroz, põe em campo toda uma matilha de grande influente de circulo: de pretendentes esqualidos a empregos burocraticos: d'encolcadeiras azevieiras: de servos venaes, finorios. E ella, já se sabe! sempre com decencia, fugindo, soffrendo.

Mas o seu penadouro era d'enlouquecer, já se furtava, imagina, a ir ouvir a sua consoladora missa, a vêr, entre ouros lucilantes, o santo do seu fervor! Pois os da matilha, fragmentando-se, surdiam de todos os cantos das ruelas que levavam á igreja, e eram dictos assucarados de uma boccarra, segredos gorgeantes de outra, reccados humildes de mais outra. Um inferno.

De resto, passa meio anno sem receber cartas tuas. E ao cabo — avalia a dôr — recebe a famigerada carta participando a tua morte!

Ramires cala-se. Mas, logo, resplendente de perspicacia ao palmar com força a testa bem entrada:

— Achei! O auctor daquella carta foi de certo o deputado: elle tinha um primo em Boston e naturalmente o incumbiu de a botar lá á caixa postal.

— Oh! por quem é, Ramires, não fale mais! diz Guilherme, num grito rouquenho, de coração a sangrar.

E levando a mão concava á bocca do boticario insistiu no pedido até rolarem, em fios, as lagrimas pela sua face congestionada.

Estava ao facto de tudo. Aquella urdidura de super-infame se lhe abrira, como por um saccão de bruxo, ás primeiras palavras do amigo. E vira então falsidade na carta que denunciava a esposa. E vira então que as cartas della para elle e delle para ella eram abafadas lá na terra, de conchavo com o da posta, fóra de duvida algum malsim do sr. deputado. E via em tudo o mesmo auctor.

Ramires quer retalhar mais aquella alma:

— E, de resto, queres saber o que praticou o figurão?

(Guilherme, immovel, tem os olhos vidrados, não responde).

Sabedor de que a sra. d. Delfina já havia recebido a carta, procurou-a logo para lhe dar os pesames... pela tua morte. Os pesames!.. Elle o que desejava era ter occasião de a ver, de lhe falar. E vê-a toda em crepe, abatida e dolorosa, e o corvo fala-lhe d'amor. Fala de tal modo — aos seus pés, em genufluxão tam piégas, que mette nojo. Emtanto ella, em passividade de espirito apagado por grandes desgraças, deixa-o rastejar, deixa-o jurar falsidades, e não lhe aponta a soleira para sahir. Vale á pobre a entrada subita de uma visinha, que ia compungida consolal-a pela má nova; e só assim se livra delle.

Desde esse dia nunca mais tua esposa desceu á villa, nunca mais gosou, nunca mais teve um vislumbre de jubilo... nem mesmo ao receber cartas do Raul. Porfim, para que ninguem cobiçasse a sua esvelta mão de viuva joven, deu em arruinar-se com trabalhos brutaes, de jornaleiros; em desprazer-se de atavio — lembras-te, como era requintado nella antes de partires? —; em comer mal; em como defórmar o corpo, aplanando-lhe as curvas, amarellecendo-lhe a pelle; em conjurar a fulguração dos olhos... E, para nimbar todo esse desmoronamento, vieram em ponco os cabellos brancos, brancos...

De repente o corpo de Guilherme tomba da cadeira com uma apoplexia. O pharmaceutico, ao procurar amparal-o, pareceu ouvir da sua bocca arroxeada, da sua bocca em resfolego ruidoso: «Levem-me a Delfina!»

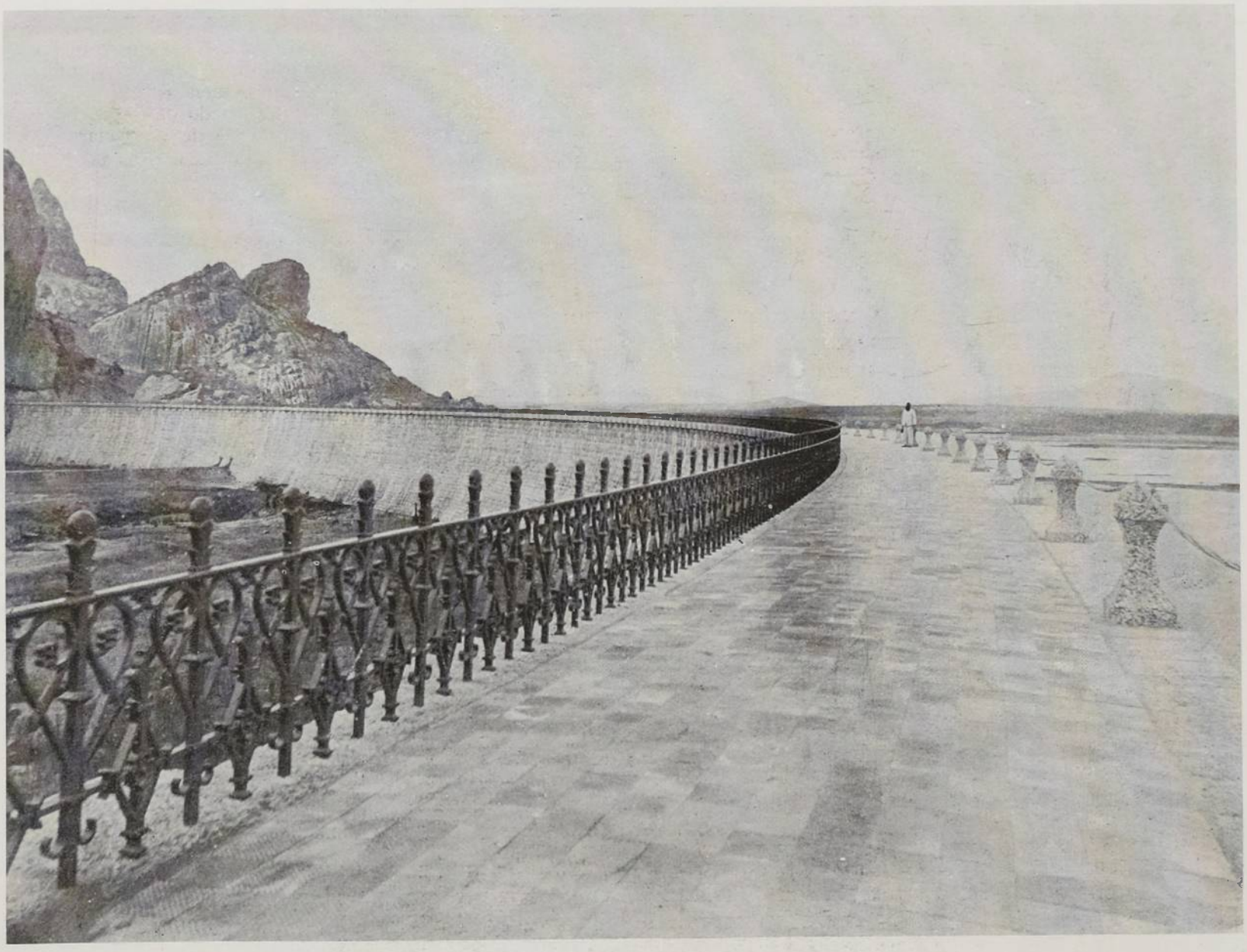
E, a mando de Ramires, quatro pulsos fortes, sahidos do magote de pax-vobis que estacionavam á porta, o arrebatam e conduzem, com rapidez d'engenho de magica, á presença de Delfina, cuja casa é agora alli, naquella villasinha ridente do Alto Minho alli perto, muito só e muito triste no seu esconderijo de faias d'alto porte cylindrico com ramaria sedosa a murmurejar enigmaticamente para o rio que passa ao lume em ronco eternal.

COSTA MACEDO.

GRUPO TIRADO NO ALTO DA PLATAFORMA
DO NOVO REZERVATORIO D'AGUA

1 – Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado.
2 – Dr. João Coelho, Presidente da Camara dos Deputados.
3 – Engenheiro Raymundo Vianna, Secretario de Obras Publicas.
4 – Engenheiro Innocencio Hollanda, Eng. Fiscal da Obra.
5 – Coronel Theodomiro Martins, Deputado Estadoal.
6 – Engenheiro Francisco Bolonha, Contractante da Obra.
7 – Engenheiro Louis Bégon, Auxiliar do Eng. Bolonha.
8 – Engenheiro Guilherme Paiva, " " " "
9 – Engenheiro Harry Nuding, " " " "

NOVO REZERVATORIO D'AGUA EM CONSTRUCÇÃO – CAPACIDADE: 2.500.000 LITROS – CONTRACTANTE: ENGENHEIRO FRANCISCO BOLONHA
BELÉM – PARÁ



O AÇUDE DE QUIXADÁ

Em fins da passada legislatura um representante do Estado do Rio Grande do Norte, o operoso deputado Dr. Eloy de Souza, traçou em oração memoravel o quadro lamentavel das perdas causadas á vasta zona que quasi sem interrupção se estende do Maranhão a Pernambuco logo que se afasta um pouco da facha litoral, pela secca terrivel que em assolações periodicas devasta, extermina toda vegetação, extingue todo animal vivente e arrasta ao exodo para regiões longinquas populações inteiras.

Era a proposito do orçamento da viação o discurso do joven parlamentar e visava defender emendas consignando creditos para a construcção de açudes na zona flagellada. O passado governo do Dr. Rodrigues Alves curou dos interesses das populações do Norte fazendo completar obras que duravam havia dezenas de annos e estudar outras que resolvessem o problema. O actual governo prosegue activamente nesse trabalho que felicitará populações laboriosas e infelizes, enviando para fazer estudos um profissional da competencia de Antonio Olyntho, laureado em successivos trabalhos de engenharia.

Vias ferreas cortam já em parte a zona amaldiçoada, facilitando soccorros ás populações ameaçadas; e a construcção dessas estradas é em grande parte entregue ás mesmas gentes de campo que o sol inclemente não deixa se occupar com o lavradio da terra.

Aqui e ali se experimenta o methodo americano de lavouras em territorios que a falta de chuva parece ter esterilisado—e mais adeante alteam-se barragens que aproveitando as condições topographicas do terreno armazenam o excesso das aguas da estação pluviosa. Destes açudes é o mais importante o do Quixadá, no Estado do Ceará, concluido em parte importante, e que até a presente data tem custado aos cofres da Nação perto de 5.000:000$000.

E' deste que publicamos a photographia junta para poderem os leitores avaliar a importancia daquella obra collossal, cuja bacia hydrographica constituem os valles dos riachos *Verde*, *Caracol* e *Satiá* com uma area de 21.000.000,200.

A area do açude cheio na cota de 15 é de . . . . . 21.800.000,200, sua profundidade maxima attingindo a 16 metros sendo a media de 6,m30. O perimetro é de 91.000m tendo capacidade de 137.500.000.000 litros. Tem 4 barragens na extensão total de 1338,5 metros e 2 sangradouros, sendo uma das barragens a *Central*, de alvenaria de pedra e as demais de terra.

A barragem *Central*, concluida em 15 de Novembro do anno passado quando deixava o governo o operoso ministro Dr. Lauro Muller que dera tão extraordinario impulso ás obras, tem 412 metros de extensão por 15 de largura e 16.5 de altura maxima, com capacidade de 61.200.000 litros; o vão de sua curvatura é de 249 metros sendo a secção transversal do typo Krantz. Custo: 10 contos.

A barragem do *Norte*, de terra, mas revestida de pedra tem um comprimento de 209 metros, com altura maxima de 5. Largura no coroamento 3,5 metros e o talude 1, 15.

A barragem *Austral* extende-se por 240 metros com altura maxima de 17 metros e largura no coroamento de 4 metros. Talude de 1×125.

E' de terra, revestida de pedra e custou aproximadamente 152 contos.

A barragem dos *Forges* tem de comprimento 464 metros sobre 2 de largura no coroamento, com taludes á montante de 1×2 e á jusante de 1×15 e 2,08 metros de altura maxima.

Dos dous sangradouros o primeiro tem 67 metros de comprido em base larga de 5 metros; a cota do coroamento é de 14,5 metros e sua capacidade de 1.323 metros cubicos.

Em alvenaria de pedra sobre rocha descoberta com paramento interno vertical e externo parabolico. Seu custo foi pouco mais ou menos de 21 contos.

O segundo, aberto na rocha viva, custou 3:500$ e extende-se por 23 metros.

Na torre da tomada d'agua já prompta, as descargas são dadas por meio de 3 comportas externas, existindo no interior outras duas de segurança.

As aguas destinadas á irrigação são conduzidas por um canal unico chamado *Principal* aberto na encosta direita do valle a que serve; em seu inicio é de alvenaria na extensão de cerca de 360 metros ahi tomando a denominação especial de *Canal medidor*, sendo seu fim medir as descargas feitas.

Termina o canal em obra de alvenaria denominada *Partidor* destinada á divisão das aguas em partes proporcionaes ás areas a irrigar. Ahi, elle se divide em dous ramos—*Norte* e *Sul* pelas encostas do valle, cortando em seu curso pequenos riachos e uma serie de contrafortes de material impermeavel proprio para a construcção dos aterros, outras vezes cobertos de blocos graniticos que obrigam a desenvolver os canaes pela meia encosta.

O systema geral de irrigação é o de descargas de 100 litros por segundo para cada grupo de 80 hectares, feitas nos pontos de travessia dos riachos.

O *Canal Principal* iniciado em 18 de Setembro de 1900 terminou em 20 de Fevereiro de 1901; com os seus ramos tem uma extensão total de cerca de 30 kilometros, abrangendo uma area irrigavel de 1.030 hectares.

Aquelle com 6,9 metros de secção de vasante, declividade de 0m,2 por kilometro e velocidade de 0m,51 por segundo; estes, com secção de vasão variavel assim como a declividade, conservam a mesma velocidade.

O volume effectivo para irrigação calcula-se em 125.694.200.000 litros, bastante para irrigar uma superficie de 2.572 hectares durante 5 mezes em 3 annos successivos.

Enorme quantidade de peixes vive nas aguas desse açude, nelle se pescando annualmente cerca de 70,000.

Tal é em ligeiros traços essa obra grandiosa que não tem rival no Brasil. Seu custo avultado compensam bem os beneficios que ella presta ao territorio cearense, tão cruamente castigado pela inclemencia do sol em certas épocas do anno. E' pensamento do governo actual o proseguimento de obras eguaes em outras regiões, em outros Estados.

Que não esmoreça o Dr. Miguel Calmon nessa tarefa meritoria que levará conforto e animação á regiões até hoje entregues á desolação e á miseria e onde a riqueza agricola poderá grandemente contribuir para a prospreridade nacional.

S. A. D. LUIZ DE BRAGANÇA E ORLEANS

Os sinos de Marianna

NO dia 20 de junho de 1743 grande era o movimento na Villa de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo, hoje cidade archi-episcopal de Marianna.

Após tres mezes de permanencia, seguia o Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei João da Cruz que viera em correição ás Minas, para Camargos.

Varias providencias haviam sido tomadas pelo prelado nesses tres mezes, afim de regularisar a situação do clero na Villa, sendo uma dellas a demissão do vigario da vara Padre Dr. Francisco Pinheiro da Fonseca que menos curava das almas que dos seus negocios particulares, antes do temporal que do espiritual, peccado que era aliás o de todo o clero das Minas, interessado em quanta especulação surgisse para attrahir o ouro que fartamente fluia das catas riquissimas.

Esse Padre, por isso que fazia vista grossa aos peccados dos seus parochianos, era tido e havido na conta de um excellente homem, tendo uma grande roda de amigos aos quaes aggravou a decisão violenta do Bispo, resolvendo-se tirar della uma vingança publica.

E com tal segredo a prepararam que nada transpirou por entre o povo.

A 20, pela manhã, poz-se em marcha a comitiva do Bispo — No momento da partida porém, quando os s*inos se preparavam para saudar o seu pastor com os seus costumados cortejos e repiques* (1) deram os sineiros pela falta de todos os badalos dos quatro sinos da matriz e do da capella de São Gonçalo.

Celere chegou ao Bispo a noticia do acontecido e voltando então outra vez para Marianna mandou tirar os badalos restantes das demais Egrejas, interditando os templos de toda a Freguezia.

O Ouvidor de Villa Rica, Caetano Furtado de Mendonça (2) mandou logo que teve conhecimento do facto, tirar quatro devassas pelas autoridades ecclesiasticas. A primeira pelo proprio Bispo, a segunda pelo Vigario da vara, a terceira pelo Conego Domingos Lopes e a quarta pelo Vigario de Antonio Dias, Padre Felix Simões.

Dessas devassas resultou para o juizo ecclesiastico a convicção de culpa de varias pessoas importantes da Villa e assim, para que não escapassem á pronuncia, o Padre Domingos Lopes reuniu um grande corpo de clerigos armados de clavinas, pistolas e catanas pondo cerco á Villa para effectuar as prisões.

A' frente de um troço armado o Padre Domingos Lopes, cuja casa servia de quartel general, invadiu as residencias dos culpados, prendendo o Bacharel Manuel Ribeiro de Carvalho, advogado nos Auditorios da Villa, Domingos Pinto Coelho, José de Almeida Costa, o Licenciado em pharmacia Manuel Peixoto de Sampaio e Manuel Pinto da Rocha, conseguindo outros fugir á cohorte clerical e refugiar-se em logar seguro.

Realizada a prisão desses accusados, mandou o Bispo carregal-os de ferros, mettendo-os no tronco da cadea, *como se costuma fazer aos escravos*, (3).

Emquanto isso se dava, na casa do Juiz de Fóra, José Pereira de Moura, apparecia uma carta anonyma dizendo o local em que se achavam os badalos subtrahidos.

Dirigindo-se com alguns officiaes de justiça a um corrego que atravessava o pasto da Villa, constatou o Juiz de Fóra a presença dos badalos que foram logo restituidos á autoridade ecclesiastica.

Resolveu o Bispo que fossem os presos transportados para o Rio de Janeiro e para isso organisou um corpo de 20 clerigos armados que deveriam vencer o ordenado de 200 oitavas de ouro cada um á custa da fazenda dos culpados.

A isso porém se oppoz o Ouvidor Furtado de Mendonça, dizendo que tendo os presos interposto recurso de sua pronuncia para o juizo da Coroa, deviam permanecer na cadeia da Villa até final decisão.

Animados com as primeiras violencias não se quizeram sujeitar os clerigos á decisão do Ouvidor, e combinaram um assalto á cadeia para arrancando á viva força os presos, seguirem para o Rio, conforme determinara o Prelado.

Animo resoluto e decidido não se acobardou o Ouvidor: antes determinou immediatamente ao Juiz de Fóra que fizesse guardar a cadeia por officiaes de justiça bem armados e estabelecesse rondas na Villa, até que se acalmasse *aquella paixão ecclesiastica*.

Não se conteve o Padre Domingos Lopes, generalissimo dos Padres bellicosos.

---

(1) Consulta do Conselho Ultramarino de 16 de Abril de 1744.

(2) Cartas de 6 e 25 de Agosto de 1743.

(3) Carta do Ouvidor de Villa Rica Caetano Furtado de Mendonça para a Corte.

E taes censuras dirigiu ao Ouvidor que este em carta dirigida á Corte assim se expressava:

«Não soffre demora a satisfação do castigo porque se os juizes da Corôa de Vossa Magestade houverem de ser descompostos nos provimentos dos recursos por esses Padres desavergonhados e enfronhados nas suas ordens, que lhes parece de tudo são isentos nos seus desoforos, não haverá Juiz da Corôa, que com medo de sua venenosa lingua e penna se atreva a valer com a protecção Real aos opprimidos vassalos de Vossa Magestade»...

Essa questão entre o Ouvidor de um lado e o Bispo e Vigario da vara de outro, aggravou-se dentro em pouco por motivo de um conflicto de jurisdição.

Morrera um clerigo que deixando alguns bens e um testamento secular, as justiças ecclesiasticas fizeram o sequestro nesses bens.

Interpuzeram os herdeiros recurso para o Ouvidor que lhes dando razão decidiu em seu favor a causa.

Não cumpriu porem a decisão o Vigario da vara e na replica usando do expressões pelo ouvidor julgadas desrespeitosas, retorquiu, chamando-o atrevido e petulante; não se calou o vigario da vara redarguindo com outras e equivalentes injurias o que lhe valeu ser autoado pelo Ouvidor e condemnado á multa de 200 oitavas de ouro em proveito da Fazenda Real.

A intimação dessa sentença mandou-a fazer o Ouvidor pelo seu escrivão no palacio episcopal.

Seguiu elle a cumprir o mandado e passado algum tempo vieram dizer ao Ouvidor que o Bispo prendera o escrivão em palacio.

Encolerisado, reuniu Furtado de Mendonça os officiaes de justiça e marchou para a residencia do bispo, onde chegado mandou, tendo-lhe previamente posto cerco, uma intimação ao prelado para que desse immediata liberdade ao funccionario de justiça sob pena de ir arrancal-o á força.

Com o cerco começou a juntar-se povo defronte do palacio, chovendo commentarios como sóe sempre acontecer nessas occasiões.

O Bispo, em resposta, mandou dizer ao Ouvidor que em sua casa só entrava quem elle permittisse; que o escrivão não estava constrangido: aguardava somente um outro escrivão ecclesiastico para dar contra fé do seu mandado. Com isso e sahindo o escrivão, retirou-se o Ouvidor, endereçando o Bispo á Côrte longa queixa, contra Furtado de Mendonça.

Informada favoravelmente pelo governador Gomes Freire de Andrade, saiu triumphante o Bispo da questão, sendo removido o Ouvidor.

A questão do furto dos badalos foi commettida então ao Juiz de Fóra que abriu nova devassa, verificando a innocencia de alguns dos que o Bispo prendera anteriormente como culpados.

Provaram as indagações tratar-se de uma simples vingança do Padre Francisco da Costa de Oliveira, já fallecido em 1745 quando se concluiu a devassa, que o Bispo não admittira a exames, talvez por ser intimo do ex-vigario Dr. Francisco Pinheiro da Fonseca.

Tambem concorrera para o furto o Padre Antonio Sarmento.

Contra Miguel Pinto da Rocha um dos anteriormente presos havia indicios de cumplicidade visto como antes do facto elle assoalhara que os sinos da cidade calar-se-iam no dia da partida do Bispo.

Quanto ao boticario Manuel Peixoto de Sampaio, sabia-se ser amicissimo do ex-vigario, "*ser homem arrogante, insolente*" tendo tido um attricto com o Bispo que o coagira a firmar um termo de deixar o concubinato em que publicamente vivia.

Acerca d'este ultimo era opinião do Juiz de Fora que embora sobre elle não recahissem mais que vagos indicios, devia ser retirado das Minas e mandado para outra capitania.

E eis ahi como terminou essa questão, vencendo em toda a linha o clero, fazendo recuar os representantes da justiça d'El-Rei.

Partiu para o Rio victorioso o Bispo D. Frei João da Cruz; passados annos demittiu-se do cargo e ao retirar-se para o Reino julgou ser conveniente ao serviço de Deus, carregar com todas as alfaias, ornamentos e prataria compradas com a renda do Bispado e ainda com o espolio do seu antecessor D. Frei Antonio de Guadelupe, acção por sem duvida merecedora de que aqui a rememoremos, (4) arrancando-a a injusto olvido.

Maio—907.

MARIO BEHRING.

---

(4) Carta do Cabido da Sé do Rio de Janeiro de 6 de Abril de 1751.

DE RELANCE

ESTA civilisação mesclada não se constituiu ainda na posse, mesmo symbolica, de todo o seu reino arboral, que por ahi frondeja á espera do homem de outras zonas. Este solo ainda recebe da omnisciencia legislativa a sua lei de povoamento e reclama o incessante, laborioso amanho da sua tribu de semeadores... Já possuimos, emtanto, cidades que exhalam a alma a um dobre de finados, na evocação e melancholia das ruinas consagradas pela Historia; cidades que envelhecem, obscuras e estereis como virgens decrepitas, as mais das vezes beatas, com o rosario entre as mãos ao canto da lareira; e até cidades que, por milagre, se aformoseiam, remoçam, esplendem para novos destinos.

Olinda é uma triste irmã de Bruges-la-Morte, uma flor de origens coloniaes a esvaecer e esfolhar-se nostalgicamente sobre as aguas do mar. Por toda a parte escombros, mosteiros desertos, egrejas onde os santos recordam com saudade a ultima prece, lendas heroicas e balladas amorosas, não sei que vaga poesia evolando-se d'aquelle infortunio. Outra cidade, S. Luiz do Maranhão, por mais que a enfeitem de jardinsitos, repuchos, estatuetas, guarda o seu ar tranquillo e devoto, como se ainda ouvisse, de joelhos, o Padre Antonio Vieira no sermão dos peixes. Não circula, não vozeia, não atordôa. O seu murmurio escapa-se ás vezes, religiosamente, da penumbra de um confessionario, onde fulgem dous olhos negros, os lindos olhos das mestiças do Norte. Mas logo retorna o silencio – e toda ella reoccupa o dominio sacro dos versiculos, das genuflexões, dos thuribulos ardendo e fumegando aos pés dos crucifixos.

O Rio é a cidade que triumpha na belleza das metamorphoses inesperadas... Quem lhe insufflou esta vida nova? Quem lhe transmittiu este sopro e esta seiva de primavera? O Tempo, multiplicando-lhe as possibilidades organicas, só agora estimuladas por uma iniciativa duplamente forte, a iniciativa do Ouro e do Poder.

O imperfeito symbolo pagão da fouce que tudo abate, da velhice em que tudo se deforma e perece, apenas considerou a actividade singularmente destruidora do Tempo. Quando no imperio de Chronos, por sua benigna influencia, a vida se transfigura e ascenciona, damos-lhe o nome de Progresso ou Evolução. Ora, entre os anathemas e os queixumes do egoismo que monologa sombriamente no Ecclesiastes ou abranda e enternece os corações na lyrica dos poetas magnos, elle é com effeito impiedoso e inexoravel. Mas vêde o Tempo no desenvolvimento dos germens e das formas, no passaro que se empluma e na arvore que se enflora, no lavor da obra d'arte, na contextura dos systemas, na resurreição das cidades, e abençoae-o! A propria Egreja negou-lhe aqui o milagre, suppondo um ardente improviso o que era em verdade a eclosão de forças accumuladas. O cardeal brasileiro, ao voltar da Europa, não reconhecendo o aprisco das suas oitocentas mil ovelhas (quantas dellas insubmissas ou tresmalhadas para desgosto de S. Emminencia!) teve um assombro e uma phrase: «Que mutação de scenario de magica!» E assim desdenhado pelas justiças da terra e do céo, vinga-se hoje o Tempo deixando inacabada a sua empreza, de sorte que anda a suspirar toda a gente, movendo-se por entre os andaimes de construcções infindaveis: «Quando voltará o Tempo das obras?»

O Rio... Se a França não moirejou senão para gloria de Paris, como disse mais ou menos alguem na tribuna da Camara, sob o governo de S. Magestade imperial, que Deus guarde com a sua corôa entre as pompas da côrte celeste, a acção dynastica foi tambem convergente e centralisadora no Brasil: do Rio esperava-se toda a luz, para elle todo o sonho voava... Com a federação medrou o sentimento regional, sobretudo naquelles estados que, por sua opulencia e por sua vitalidade, são os grandes eleitores e os grandes contribuintes da Republica. Mas o prestigio da capital não decresceu, antes se alargou, com a fulgida perspectiva de outras seducções, e a curiosidade provinciana ainda lampeja, mesmo depois de haver conhecido o tumulto da City, as acacias do Bois, o sorriso das viennenses, a transparencia azul do lago de Como, se a miragem do Rio perpassa numa leitura ou numa palestra.

As bellas cidades, a exemplo das mulheres bellas, provocam e estimam o galanteio. E' de ver como esta recolhe soffregamente o juizo do estrangeiro que a visita, seja o emissario de uma potencia americana, seja um *commis voyageur* a rabiscar impressões no livro de notas commerciaes. A lisonja é o seu pabulo, a caricatura é o seu inferno... Vaidade das vaidades, como saturaste almas e pedras nesta civilisação!

Do provinciano a illustre dama não se apercebe senão para encolher os hombros, ironisal-o superiormente, quando elle tem o descaro de opinar e induzir sobre cousas flamantes da vida carioca. Então o provinciano—extremo recurso dos neophytos!—corre aos alfaiates da Moda, se atavia, se apelintra, e vae encorporar-se ao grupo das figuritas de biscuit da rua do Ouvidor. Perderam-se emoções que valeria a pena fixar num instantaneo de *humour*—e a alma exuberante do selvicola afundou-se naquella mesmice dos hyper-civilisados, sobre a qual se arrepellava o Eça.

Antes da sua iniciação nos deleites da vadiagem, pelas esquinas e pelos cafés, sentira o provinciano, todavia, um fremito de puro civismo, quando lhe apparecera, entre a nevoa diffusa dos morros e as limpidas aguas encrespadas, a bandeira da Patria a ondular sobre monitores e fortalezas. Porque as nossas fortalezas esparsas no littoral do Norte apenas desafiam a piedade das almas christãs... Não têm a arrogancia das torres blindadas: têm a ferrugem dos canhões imprestaveis, o desolado aspecto de Job no seu monturo. Vacillam, esborôam-se, desfazem-se, e o inimigo experimentaria ao defrontal-as, não o temor que assalta os corações, mesmo sob as armaduras invulneraveis, mas o desejo de amparal-as e reerguel-as na sua desdita ou no seu abandono.

O deslumbramento incomparavel de quem chega é o amphitheatro de morros que nos circumdam, nos encarceram, nos retêm a alma para todo o sempre. A saudade rustica dos valles e das praias alvejantes, onde ramalham coqueiros desgrenhados, a pouco e pouco se dilue e se esvae á sombra destes morros. Uns verdejam, florescem, pompeiam; outros se recortam desnudos e abruptos, varando o azul distante: uns e outros irradiam sob a gloria do sol nascente, coloram-se de violeta ou de rosa na doçura das tonalidades vesperaes, amortalham-se em brumas pardacentas quando vem aspero o inverno. E atravez do meu pantheismo é delles que baixa sobre nós a victoriosa alegria das manhãs de festa ou a languida tristeza povoada de scismas e de sonhos.

Entre os morros a cidade impera com os seus zimborios, as suas palmeiras, os seus torreões, e ao penetral-a uma sensação deliciosa de anonymato nos invade o ser. Fundir-se instinctivamente na turba, escoar-se na correnteza humana das grandes vias publicas, ir sobre a onda no cardume, voar nas azas do enxame, restituir aos movimentos da alma collectiva a parcella desintegrada, mas observando e sentindo, que fino goso espiritual para quem não ama o relevo dos pygmeus no microcosmos! Succedem-se as praças e os edifi cios, numa vertigem; as datas e os nomes relampejam; os bronzes monumentaes emergem dos tufos de verdura onde noivam as primeira flores de Maio; resaltam á vista luminosos bocados de paizagens, resaltam á memoria, de quando em quando, os factos culminantes da nacionalidade. Assim resvalamos, desconhecidos, por esse mundo que desconhecemos de polo a polo. Salteam-nos lembranças e imagens de outros periodos, tão esfumados como as serranias em tardes de nevoeiro—a avenida heraldica do Mangue onde as palmeiras agonisam, o paço de S. Christovão symbolisando a existencia mediocre e vegetativa de um imperio sem conquistas. Mas logo sossobra, desapparece a tradição na voragem da actualidade tumultuosa. Plena avenida central: os automoveis, os bonds electricos, as carruagens, a elegancia das cocottes a gyrar e a florir sobre o asphalto, os peões que se cruzam, os basbaques deante das vitrines, o dandysmo á porta dos cafés... Depois a avenida á beira-mar, com os seus renques de arvores novas, a sua muralha contra a qual, num reclamo de posse turbada, arremettem e espumejam as vagas. Tenho agora uma synthese espelhante e juridica da patria—nos annexos do Cattete os que mandam, no labyrintho das ruas os que obedecem. E a desdobrar-se da estatua de D. Pedro, o rei soldado, á cupola do Palacio Monroe, toda a nossa historia autonoma, desde o grito do Ypiranga á visita do Sr. Elihu Root.

Nesta primeira semana de atordoamento e iniciação o provinciano mal consegue vincular idéas geraes aos costumes e aspectos do meio que o empolga, o subjuga, o desvaira.

O espaço, a noção urbana do espaço, leva á noção do infinito, mesmo sem guias philosophicos, emquanto não ascendemos ao Corcovado e não olhamos daquellas alturas a *urbs* que serpeia entre os montes.

A circulação é o desespero e a phobia do homem retardatario das aldeias. Para este o planeta accelera a trajectoria, o mundo contemporaneo se automobilisa, confirmando o augurio do Marquez de Dion. Foge o provinciano aos vehiculos, por não ser atropellado, e vae na realidade atropellar quem passa. Mas lhe resta um consolo: é que até os sabios, como Pierre Curíe, deixam os miolos debaixo das rodas quando se descuidam. E depois de um passeio á Tijuca, entre plumas e véos, não basta já o automovel: o iniciado quer um idyllio entre as nuvens fugidias e anceia pela aeronave Dumont.

Os jornaes atropellam da mesma sorte, os da manhã e os da tarde, ou politicos, ou imparciaes, ou evangelisadores, ou noticiosos, ou illustrados, ou sem illustrações... Todos elles, innumeraveis, nos requestam e nos atormentam, de sorte que o melhor é atirar-se a gente sobre um delles, ao acaso, e brandil-o contra os demais. Alguem se lastima nesse instante: «O meu tempo consome-se na leitura dos jornaes. Acautele-se.» E a victima remergulha nas gazetas. Desce, porem, a noite e as almas se tranquillisam: o Rio não tem ainda o seu jornal da noite.

Na população bem se vê como não logramos fixar as energias apuradas num cruzamento de raças fortes, as raças competentes de Mahan, porque não basta aos povos o orgulho da sua linhagem. Tambem por aqui a degenerescencia physica do néo-latino, aggravada pela inercia, deixou o mesmo globulo de sangue dessorado, em que pullulam os germens das infecções avassalantes, contra as quaes se organisam as ligas e se erigem os sanatorios. Felizmente a propaganda sportiva dos gremios athleticos, sobre a qual já desceu na Italia a benção do Vaticano, a pouco e pouco vae seleccionando typos de cultura muscular, affeiçoados á hygiene de corpo e de alma em cujo dominio os suecos adquiriram, sob o regimen de Ling, a plenitude, a serenidade, a harmonia vital da Força equilibrada. As mulheres? Não as observemos com os requebros do lyrismo sertanejo, que trouxesse a viola encordoada para os salões da capital. E' o extrangeiro mesmo quem as destaca, por sua graça flexuosa e estonteante, daquellas outras que só inspiraram á dyspepsia de um millionario *yankee*, em viagem de recreio á Amazonia, estas palavras caricosas: « Das mulheres não direi... Toda a minha piedade vae para os homens, desditosos animaes a quem a formosura não se revelou naquelle pedaço de terra americana.»

Santo Agostinho, aqui, sobretudo fulminaria os peccados da vista, amaldiçoando os sentidos humanos como portas estreitas, mas abertas, de par de em par aos demonios...

Ajuize tambem o extrangeiro do aspecto funerario de quasi toda essa gente, mesmo nos logares e nas horas em que se diverte. Somos realmente um grande povo de mysanthropos e de macambuzios, dentro da natureza em flor; o povo dos elogios e dos livros negros mas não póde ser de outro modo, que ainda trazemos na alma a projecção da roupeta dos jesuitas e a nostalgia dos primeiros colonos.

A poeira... Oh! essa detestavel poeira que macula o verniz das botas e gera ophtalmias crueis! Desfila a multidão recoberta de pó, nos dias caniculares, e ainda verei por certo empoeirada a brancura dos cysnes do Passeio Publico.

Quanto á vida nocturna, é uma aspiração indecisa para a sumptuosidade e a estridencia dos boulevards. O Rio não flammeja á noite: mal bruxoleia, escassamente illuminado. Afóra a promessa de Coquelin Ainé e Eleonora Duse, ha os clubs, os cafés, os theatros, sempre com os mesmos attractivos e as mesmas tentações, mas de um verdadeiro theatro não ha senão o arcabouço. As formas galantes ou hediondas do Vicio estão aprisionadas numa orbita de severo policiamento. E o jogo encolhe-se, a prostituição escandalosa tranca as janellas, o cafuismo abala ao faiscar dos oculos negros do Sr. Dr. Alfredo Pinto.

O Rio tem o supremo encanto e a suprema fealdade. Nas manhãs pluviosas, quando os ares se toldam e os morros se embuçam, é triste rolar, mesmo em automovel, sobre o asphalto pegajoso, lamacento, escorregadio... Tomam relevo as mascaras sinistras e apenas lobrigamos velhotas, de face repolhuda ou corcomida, embrulhadas nas suas mantas escuras, porque as moças não sahem de casa em dias como esses. Sobre a alma enregelada cahe dos espaços o Tedio, a neblina do verso de Corbière:

grain d'ennui qui nous plent do l'ennui des espaces

Mas reappareça gloriosamente o sol, que é o nimbo de oiro das cidades tropicaes, e a rua do Ouvidor illuminar-se-ha, de extremo a extremo, á passagem das oreades captivas destes morros. Somem-se nas profundezas da litteratura, da politica e da sciencia os Immortaes aureolados e barbudos. Nada mais que o roçagar de um vestido, o refulgir de um bracelete, a perturbadora, momentanea visão da Graça feminina... E outras almas enraizam-se no velho culto inabalavel da rua do Ouvidor!

Cidade ignota e amada, como a Belleza que passa, quem poderá conhecer o teu mysterio, decifrar o enigma do teu sorriso neste primeiro encontro?

CELSO VIEIRA

PEGA!

NA interessante revista de Lisboa *A nossa Patria,* n. 19, de 1º de outubro de 1905, leio, admirado, as seguintes linhas sob o titulo:– *Os nossos concursos:*

"Foram assim classificadas as provas do concurso poetico, aberto no nosso n. 17, para a traducção, em verso portuguez, do soneto *Un secret,* de Felix d'Arvers:

"1º premio: n. 8, de Lucio de Mendonça; 2º premio: n. 6, de Azor (não quiz declarar o seu nome); 3º premio: n. 4, Dr. Joaquim Neves.

"Os premios foram já enviados aos concorrentes cujas traducções foram classificadas, á excepção do segundo, que não sabemos quem seja."

E, em seguida, a publicação das traducções premiadas, na ordem em que o foram.

Occorre logo observar que não é só o segundo laureado que a illustrada radacção não sabe quem seja: é tambem o primeiro, este seu criado, que, até a presente data, não recebeu o premio enviado, nem delle teria tido noticia, se não fôra a obsequiosa informação do seu velho amigo o Sr. Francisco Ramos Paz, que, outro dia, na livraria Garnier, lhe referiu o caso e depois lhe deu o exemplar da revista, de onde fez a transcripção acima.

Esclareceu o Sr. Francisco Paz que se apresentára ao concurso, e depois a receber o premio conferido, um Sr. Lucio de Mendonça, residente em Coimbra, e que o premio recebido fôra um bello livro, que daqui estou a ver com os olhos da imaginação e da inveja.

Em Coimbra, exactamente, no anno de 1896, publicou-se o meu livro *Canções do Outono,* impresso na esplendida typographia França Amado, e editado pelo meu saudoso amigo Manoel Cotta, que depois o distribuiu em premio aos assignantes do *Paiz.* O livro nunca foi exposto á venda.

Naquelle volume, a pags. 62-63, veiu a traducção dos famosos versos de Felix d'Arvers, em tudo iguaes aos transcriptos na *Nossa Patria* de 1º de outubro de 1905, em tudo, menos no titulo, que no livro é apenas—*Soneto.*

Como hei de entender esta historia? Houve um senhor de Coimbra, que levou ou mandou a Lisboa a minha traducção, e depois lá foi ou mandou receber o premio que em concurso me coube. Até ahi, muito bem, e mui obrigado ao meu amavel gestor de negocio, que em tudo procedeu sem sciencia nem auctorisação minha, mas, evidentemente, em meu proveito. Mas, e aqui começa a entortar-se o caso e a minha percepção delle, o meu homem (nem digo já o meu homonymo) esqueceu-se, no lapso de um anno e oito mezes, de communicar-me a nossa victoria no concurso poetico.

Ainda mais, e agora a coisa é inteiramente torta, o senhor de Coimbra deixou de completar a gestão do negocio remettendo-me para cá o meu rico premio. Neste ponto, não tenho mão em meus instinctos de defeza que não procure ao alcance da mão e dos labios um estridente apito para chamar a policia.

E daqui apito:

—O' da policia literaria portugueza! ó da redacção da revista illustrada lisbonense *A nossa Patria!* Ó dos poderes publicos do reino irmão! ó do Sr. D. Carlos, nosso futuro visitante! peguem-me em Coimbra esse cavalheiro, revistem-lhe os bolsos e as estantes, e obriguem-no a remetter-me pelo correio, sob registro e com franquia á minha custa, o livro com que fui premiado naquelle concurso de 1905!

E espera das justiças de suas excellencias, o justo deferimento.

LUCIO DE MENDONÇA
Da Academia Brazileira

Rio de Janeiro, travessa do Marquez do Paraná n. 8 (Botafogo).

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

GRANDE LOTERIA PARA S. JOÃO

EM 3 SORTEIOS (155-1º)

1º sorteio	2º sorteio	3º sorteio
100:000$000	**100:000$000**	**200:000$000**
Em 22 de Junho, ás 3 horas	*Em 24 de Junho, ás 11 horas*	*Em 24 de Junho, á 1 hora*

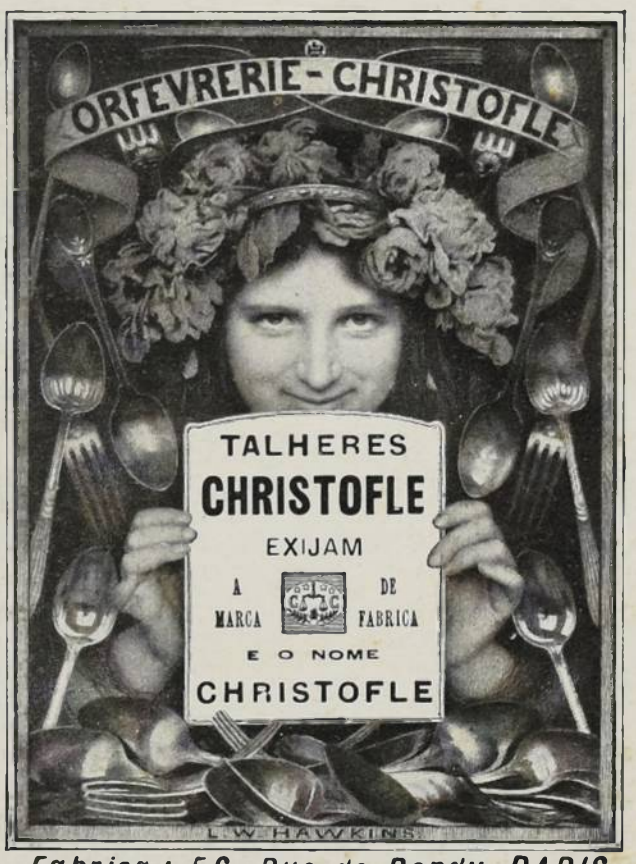
Preço do inteiro 8$000, o decimo 800 réis, com direito a 3 sorteios

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes, NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10



Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :

Srs. **LEVY IRMAOS & Cª**, em *Pelotas.*

Sr. **ISIDORO MARX**, em *Porto-Alegre.*

E NOS PRINCIPAES BAZARES.

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias

Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente

Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

Edição de grande luxo.

PEDIDOS :

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A
VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de apolices teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de seguros, apolices no valor de Rs. 595:000$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

Tem suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa

AMORIM SILVA & C.

Rua do Commercio N. 42

(1º ANDAR)

Telegrammas: SILVAMORIM

Caixa do Correio: N. 71

Codigos Telegrs.

A I
A B C
RIBEIRO
COMMERCIAL BRAZILEIRO e
PARTICULAR

PERNAMBUCO

EXPORTADORES DE:

algodão, assucar, cereaes e outros generos do paiz

IMPORTADORES DE:

generos nacionaes e estrangeiros

Representações e Agencias

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL – 200:000$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA { *Emilio do Amaral Ribeiro*
Affonso Burlamaqui
Jacintho de Magalhães

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

Grande Loteria Extraordinaria

EM 10 DE AGOSTO

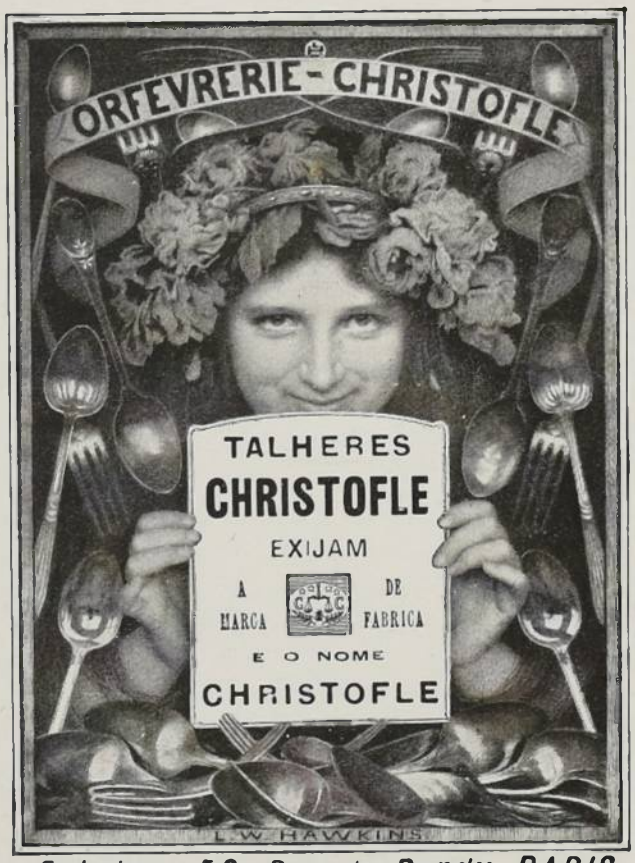
200:000$000 por 15$750

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes, NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10



Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :

Srs. **LEVY IRMAOS & C.ª**, em *Pelotas.*

Sr. **ISIDORO MARX**, em *Porto-Alegre.*

E NOS PRINCIPAES BAZARES.

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias

Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente

Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

Edição de graude luxo.

PEDIDOS:

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV — JUNHO 1907 — N. 6

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

PARA abrir esta chronica da *Kosmos*, tinha eu preparado uma ode ao Frio, uma ode parnasiana em que seriam celebrados todos os encantos do Inverno, todos os encantos de Junho. E fallariamos aqui da belleza estranha e delicada que o Inverno dá a tudo:—a propria Natureza, como moça bonita que é, tirando proveito, para a sua faceirice, das capas de neblinas com que se cobre; o verde suave das collinas ficando mais lindo, numa meia tinta delicada, dentro dos nevoeiros; a agua dos rios cantando mais suavemente, roçada pelo bando errante dos vapores gélidos; as flores ficando mais bellas, sob a chuva do orvalho;—e os olhos femininos ardendo mais, seduzindo-nos mais, como se todo o céo, com medo das nevoas, se viesse refugiar dentro delles...

Mas, ai de mim! tive de rasgar a minha ode, porque o Inverno ainda não appareceu... senão nas folhinhas e nos calendarios. Junho foi um mez escaldado... Fica a ode reservada para melhor occasião!

Como se não nos bastasse o calor destes ardentes e crepitantes festejos dos tres grandes Santos de Junho!

Sempre acreditei na pluralidade dos mundos habitados... Nunca pude conceber que, de tantos planetas que povoam o espaço infinito, sómente esta insignificante e miserabilissima Terra possúa animaes pensantes, dotados de vontade propria, podendo locomover-se, amar, soffrer, brigar, poetar, politicar e sonhar. Seria um privilegio absurdo, um monopolio inexplicavel. Já Anatole France, n'um dia de amargo pessimismo, disse que a humanidade é uma especie de môfo ou de bolor, *de moisissure*, que cobre a crôsta do nosso velho planeta... Mas porque não ha-de haver tambem um môfo pensante, um bolor raciocinante na crôsta de Marte, e da Lua, e de Venus, e de Jupiter? Ha, com certesa...

E se as creaturas que vivem nesses planetas são mais perfeitas do que nós (hypothese que não é absurda, porque nós, apezar de todo o nosso orgulho, estamos muito longe da perfeição), - é de crer que disponham de telescopios muito mais fortes do que os nossos. Vivem talvez a espiar-nos, noite e dia, os marcianos e os selenistas! — a espiarn-os, e a procurar comprehender a nossa vida ...

Se assim é, que pensarão elles destes nossos festejos de Junho, tão barulhentos e incendiarios? Verão, com espanto, cobrir-se a face da terra de fogueiras e fogaréos, e cruzarem-se jactos fulgurantes de viva luz, derramando lagrimas multicores, e encher-se a nossa atmosphera de globos voadores de papel... Fogo por toda a parte! Que ideia farão marcianos e selenitas dessa conflagração geral, que lhes parecerá talvez uma guerra periodica, ou a periodica celebração de algum culto barbaro?

Eu, que vivo na Terra ha mais de quarenta annos, ainda não comprehendi a significação destes inflammados festejos de Santo Antonio, São João e S. Pedro...

O Fogo tem sido adorado por varios povos em varias épocas da civilisação humana. Já lhe prestavam culto os Persas e os Gregos, e ainda hoje a Egreja Catholica o venera, na cerimonia da bençam do «fogo novo», na manhã do sabbado da alleluia. Mas que relação teem com esse velho rito o Baptista João, o Casamenteiro Antonio e o Pregador Pedro?

Ainda se comprehende o emprego do barulho e do fulgor das bombas e dos foguetes para festejar S. João...

Este Santo, que, na iconographia christan, figura erroneamente com o aspecto de um lindo e pacifico adolescente de meigo olhar e sorriso doce, ao lado de um manso cordeiro, — foi de facto um selvagem e violento anachoreta, sujo e intonso, sempre com a bocca cheia de imprecações colericas, propheta terrivel que fugia o convivio dos homens, habituado a residir com as feras em lapas alpestres, e gritando tanto que abalava com a sua vociferação cidades, montanhas e desertos. Era um homem disposto a levar tudo «a ferro e fogo.» Nunca lhe sahiam da bocca palavras doces, de piedade e carinho; quando prégava, era para amaldiçoar; com os seus sermões poderiamos organisar um vastissimo «Diccionario da Injuria»: só fallava em *raça de viboras, poços de iniquidade, abysmos de luxuria,* e *monturos de vicios.* Era, em summa, uma segunda edição augmentada do truculento Elias.

Comprehende-se que se festeje um Santo tão barulhento e tão desatinado com estrondos brutaes de dynamite...

Mas não se comprehende que as mesmas retumbantes e ensurdecedoras homenagens sejam prestadas a Santo Antonio e a São Pedro.

Santo Antonio, o Lisboeta, foi um estudioso, um calmo, que compunha com attento vagar os seus sermões, recheiando-os de subtilezas escolasticas e de periphrases capciosas: não era amigo de bombas nem de rojões, gostava mais de suspiros e queixumes. Quanto a São Pedro, — esse sempre foi um timido: ainda na vespera da tragedia do Calvario, negou tres vezes o Seu Divino Mestre, para não se comprometter perante os phariseus: era um pacato pescador, que pescava a linha e a rede, e nunca a dynamite, como os pescadores de hoje.

Porque, pois, ensurdecer no céo esses dois tranquillos bemaventurados com o estrepito dos foguetes, das cartas de bichas e das bombas?

Quem póde lá explicar os absurdos da crença? Cada povo festeja os seus Santos como sabe ou como póde. E, afinal sempre é um consolo que nos limitemos a festejar os nossos com fogo e barulho, — em vez de recorrer a sacrificios humanos. Peior seria, se, para agradar aos tres grandes Santos de junho, armassemos fogueiras nas praças publicas, e nellas assassemos, não carás e batatas doces, mas herejes e incréos.

Este anno, mais do que nunca, o Rio de Janeiro se entregou com delirio á folgança pyrotechnica. Na noite que precedeu o

dia de S. João, vi a cidade do alto de Santa Thereza. Era um espectaculo fantastico! Nos pontos mais affastados, nos suburbios, ardiam as fogueiras, avivando de espaço a espaço manchas rubras nas trevas. Sobre o centro urbano esfusiavam de instante a instante as gyrandolas, chorando lagrimas de fogo: era uma chuva de opalas, de rubis, de esmeraldas, de topazios.. E os balões chamejantes enchiam o céo, indo e vindo, subindo e descendo, —estrellas artificiaes, querendo competir em brilho—as pretenciosas!—com as verdadeiras...

E' que, este anno, a Prefeitura foi de uma tolerancia completa, deixando adormecidas as posturas que prohibem os «fogos do ar».

E creio que nenhuma desgraça se originou dessa tolerancia Creio que não houve um só incendio causado pelo divertimento...

Os negociantes fallidos, quando querem atear fogo nas lojas, não precisam contar com o auxilio dos balões de S. João. Incendeiam-nas em qualquer épocha do anno, e ficam sempre livres da cadeia, sem necessitar, para isso, da protecção e da cumplicidade do Baptista, do Casamenteiro e do Porteiro do Céo.

Lembra-me agora que a Chronica não registrou a presença da divina Duse no Rio de Janeiro... Mas a Duse merece toda uma chronica, cheia inteiramente d'ella, e do seu nome, e do fulgor do seu genio, e da sua gloria.

Não a misturemos, na mesma pagina, com os balões e os pistolões de Santo Antonio, de S. João e de S. Pedro. A sua chronica será tambem uma chronica inspirada pelo Fogo,—mas por esse Fogo eterno e sagrado, que abraza as almas dos artistas e dos poetas, Fogo que não diverte mas tortura, que não distróe mas consome, e sobrevive, imperecivel e triumphante, aos sacerdotes que o servem e são por elle devorados.

O. B.

A BORDO

1º DE MAIO DE 1891

. . . . . .

O grande mar atlantico dilata horizontes de vagas sobre vagas de azul da Persia.

Na immensidade agitada do oceano, sob o céo tranquillo, a nossa véla põe como a sombra de um grande albatroz de azas abertas.

A' ré, passageiros, pela maior parte europeus, amodornam-se em cadeiras de vario feitio; uma *lady* acaricía um galgo de raça e de olhar pensativo, emocionado diante do grande desconhecido.

No tombadilho a maruja concerta vélas.

Monotona vida de bordo, de que se não exime o—*Aquitaine*—transporte de bandeira tricolor.

Eterno thema das marinhas, o mar é sempre novo, com as tonalidades do azul que vae do colbato ao azul de pavão.

A' prôa muge um boi de selecção, com a nostalgia soturna, onde perpassam imagens de raças extinctas.

O vaqueiro ao pé, cotovelos fincados nos joelhos curvos, a mão no queixo, fuma contemplativo.

E' um typo louro e corado da verde Erin, physionomia expansiva de celta.

Amontoados, maltrapilhos, entre peças de cordoalha e escudellas vasias, riem e fumam emigrantes da Illyria.

No tempo de Pericles e no de Luciano a civilisação brotou das cercanias das suas cidades.

Os seus antepassados colonisaram a Asia Menor e aventuraram-se pelo mar das Indias

Depois da quéda de Bysancio, foram os seus que levaram a sciencia para o occidente.

Outros os tempos agora—o esgotamento intellectual de uma raça que se refaz, á mi-

seria da terra imperturbavel aos golpes das enxadas e dos arados.

Emigram, por isso, como os antigos.

Não levam mais o segredo das descobertas da sciencia, o trafico e a arte da navegação, mas os musculos que fecundam a terra com o suor do rosto do homem.

Expiação, fatalidade ou vicio de organisação social...

Sobre a amurada, ouço um allemão que recita o hymno vermelho da revolta socialista:

"*Acht stunden Marseillaire*"

E' um marxista metaphysico.

Fico sabendo por elle que Julio Guèsde foi quem propoz no congresso de 1889, em Pariz, a celebração da festa do trabalho, que se realisou em 1890, pela primeira vez.

Emquanto o allemão falla-me em paz e harmonia social, como um missionario christão do fim do seculo 17, o grande oceano Atlantico desenrola para o irlandez a paysagem verde do seu campo e elle ouve scismarento os accentos da sua lingua gaelica, que morre lentamente, desde a Renascença.

Preoccupado com esta idéa da finalidade historica, eu pensei no hybridismo da nossa raça e puz-me a descortinar as planicies do Cabo de S. Thomé, dourado de centeios, as grandes fabricas, erguendo chaminés pelos nossos campos e bandeiras de todos os paizes vibrando na sylva de mastros, nos portos do nosso littoral immenso.

E a *Patria*, como um pallio aberto para todos, appareceu-me, n'uma noção mais ampla como a concretisação ideal de todo o esforço humano, assim como madrepora secular, trabalhada por gerações successivas de polypos e que se fez continente.

E foi com sympathia quasi religiosa que repassei o olhar daquelles emigrantes rudes áquella *lady*—professora de encommenda para alguma fazendeira rica, hirta e pallida, como a figura da musa romantica, luctando na concurrencia de um melhor lugar.

A emigração intensa é um symptoma da profunda perturbação social do nosso tempo.

A emigração dos animaes, pela necessidade de condições favoraveis á existencia, traz, ha milhares de annos, este exodo de povos: o animal que se não adapta ao meio ou emigra ou morre.

A vida reveste assim a fórma de uma lucta.

O estado é o regulador destas energias. O ideal reduzil-o á funcção de garantia.

O anarchismo, que vae ás ultimas consequencias, proclama mesmo, a sua suppressão.

E relanceando os olhos pela historia, eu pensei no seculo 16, antes do grande evento da revolução franceza.

Então, as condições economicas eram menos duras.

O abbade e o bispo emprestavam sem juro e recebiam o dizimo.

Havia, então, a caridade evangelica, como contrapeso ao amor do lucro.

Mas, então, o progresso humano teria como corollario a negação da moral e da fraternidade?...

Mergulhar de corpo e alma neste mar desconhecido do futuro e vislumbrar as organisações futuras, o phalansterio, Sparta com Platão, a bemaventurança, afinal...

O socialista tinha invectivas e inflexões ardentes de fanatico na sua voz aspera.

Eu scismava, scismava.

O' mar oceano, de quanto capital de energias humanas é feito esse vagalhão de gente que rola no golphão da historia, desde o homem ancestral, n'uma ondulação rhytmica, como essa que agitas?

«As ondas murmuravam o seu eterno murmurio, o vento soprava.»

Es murmeln die Wogen igr ew'ges Gemurmel.

Es wehet der Wind, es fliehen die Wolken,

Es blinken die Sterne gleichgüetig und Kalt...», mas eu não esperava a resposta do mar como o louco interrogador na *Frage* de Heine: Und ein Narr Wurtet auf Antwort.»

A resposta ahi estava, no proprio mar, o destruidor e o creador de novas energias.

Elle apparecia-me, symbolo e mytho como na utopia positivista do Grande Fetiche.

Humanidade, nós seguiamos sempre, ondulando, para o futuro.

Não ha soluções definitivas—disse eu para o allemão, que me interpellou nesse instante sobre a organisação definitiva da sociedade.

Elle queria dizer, naturalmente, organisação definitiva do estado.

Eu sentia-me anarchista no profundo d'alma: que me importava a suppressão do Estado, se tudo se transforma e a materia eterna prosegue no tempo e no espaço a sua eterna evolução?

. . . . . .

Já não conversavamos; eu percebia, apenas, o allemão cantarolando:

«*Acht stunden sund genug...*

JULIÃO FURTADO

ELEONORA NUSE

A DUSE

O prestigio é a mais poderosa móla de qualquer dominação. Sem elle jamais reinariam deuses, reis e mulheres. O prestigio póde ser adquirido ou pessoal. Adquirido, provém do nome, dos cabedaes, ou da reputação O prestigio pessoal póde coexistir com qualquer d'aquelles factores ou d'elles viver independente. As observações de um pensador se applicam no theatro e aos artistas. Estes são o que os francezes chamam os conductores de multidões.

Haverá talvez quem sorria. Que será das grandes idéas do genio humano no theatro sem artistas de proeminencia? Toda obra cresce na razão directa do talento dos interpretes e quantas vezes ella só tem valor ou o conserva por haver sido representado por comediantes de fina agua ou por tragicos sem rival...

A *Dama das Camelias*, por exemplo, é uma peça velha, fóra dos gostos da alma contemporanea quanto á meio e a costumes. Muitos pedem a entrada d'aquella dama no museu theatral, mas ella se mostra disposta a não satisfazel-os. Esconde as rugas com o denodo de qualquer Eva que sente a belleza e a mocidade rolando pelo rapido declive da velhice. Confiem, porém, a *Dama das Camelias* exclusivamente a pataqueiras e verão se ella morre ou não, de tisica galopante desta vez.

Só artistas como a Duse conseguem injectar immortalidade a *Dama das Camelias* e quejandos typos. Graças a eminente Eleonora, a heroina de Dumas Filho, conseguirá por largo tempo despertar o interesse, a lagrima e o applauso. Assim tambem as heroinas de Ibsen descem mais facilmente para nós do nevoeiro—pensamento do autor mercê do genio latino que anima a Duse, genio feito de sól, de calor e de clareza. Na Duse o que esplende é esse genio latino cuja melhor flôr está em França.

Na minha modesta opinião, a melhor prova da incomparavel clareza do genio da raça latina reside na facilidade de comprehensão do symbolismo helleno-latino. Qualquer imagem do symbolismo germano-scandinavo custa tanto a ser entendida pelo vulgo intelligente quanto intrincado problema mathematico. Ha vinte opiniões sobre o sentido de tal ou tal plano de Ibsen; mas quem se senta n'uma platéa e ouve a *Gioconda*, povoada de symbolos, comprehende de primeiro alcance varias cousas, e, entre ellas, que o autor luctou para demonstrar a these do poder soberano da arte. As paginas dos scandinavos deixam, ao menos o leitor latino, na posição mencionada do coche na celebre e lindissima fabula de La Fontaine, *suant, soufflant, rendu.* O pensamento recebe um sulco, sim, mas um sulco em sentido inverso.

Admiravel se mostra a Duse em tudo quanto entende de perto com o genio helleno-latino. A sua *Magdá* nunca ha de valer a sua *Gioconda*. Os seus papeis do repertorio ibseniano ficam aquem dos seus papeis nas peças italianas mais imperfeitas, a *Innamorata* de Marco Praga, por exemplo.

O Conde Primoli, n'uma roda de celebridades, affirmou um dia que a Duse, com a qual passára oito dias na capital das magias, Veneza, só presta attenção ás peças do seu aprazimento pessoal.

Nos papeis do seu desagrado, distrae-se facilmente, comendo uvas ou entregando-se a uma occupação qualquer. Se os espectadores pudessem comer uvas, os mercadores d'estas fructas enriqueceriam com certos actos do theatro germano-scandinavo que a gente é forçado a admirar sob pena de ser tido por ignorante ou estupido.

O genio de Duse adapta-se ao theatro germano-scandinavo, mas duvido que n'elle se compraza. Nas peças de autores latinos a Duse despende mais força nervosa, correndo talvez o risco de extenuar-se, porque até as cotovias morrem quando embriagadas de sol e de canções, conforme o symbolo da *Cittá Morta*. E de sol, de canções, é feito o genio latino, sentado na historia sobre tantos seculos gloriosos. A Duse no theatro representa o «instrumento obediente e lucido» do genio latino, para me utilisar de uma expressão do protogonista da *Gloria* de d'Annunzio.

Quando a Duse chegou ao Rio de Janeiro, em Junho de 85, não era possivel fazer a observação que, de certo muito mal, fiz linhas acima. O repertorio dusiano, muito mais restricto, ia de Dumas a Augier, de Sardou a Scribe, sem esquecer o malsinado Ohnet, cabeça de turco para muita gente rigorosa que escreve ainda peior do que elle, coitado.

A Duse de 1885 se mostrava o ser enigmatico, nervoso, original e triste de 1907. Vivia vida triste e afastada do mundo. Prezava o silencio, o grande bem dos espiritos mal feridos. Era simples, de gostos, de trajes, de maneiras.

Do naufragio conjugal lhe ficára precioso salvado, o intenso amor pela filha da qual

fallava com os olhos rasos d'agua, adorando-a a ponto de, sem dar fé do publico, mandar beijos á menina occulta nos bastidores. Quando a Duse entrava em scena a impressão do publico de 85 era aquella que registraram os jornaes das semanas passadas, por occasião da primeira récita da *Signora dalle Camelie*, segundo o italianismo dos cartazes e annuncios. A voz da Duse precisava da animação, do fogo da representação para adquirir a plenitude. A primeira scena da Duse *ne portait pas*, como dizem os francezes. Mas desde que a voz a principio aspera e incerta, tinha encontrado o verdadeiro caminho... Com o correr dos annos, ao toque da experiencia, a voz da Duse tornou-se o maravilhoso instrumento que o Rio de Janeiro tem agora a suprema ventura de ouvir um dia sim, um dia não.

Em 85 como em 907, os papeis de Duse representam o producto de longas horas de reflexão, de silencio, sobretudo de silencio. Eis porque nós a vemos viver intensamente na pelle de multiplos personagens. Acoimam-na de misantropia desdenhosa, de exquisitice insolente. Citam-lhe uma resposta de rainha da arte a um rei coroado que desejava comprimental-a no camarote regio. Ignoro a parte da verdade nos boatos correntes a respeito das excentricidades da Duse, aliás de licção commum em todas as grandes artistas. Quem sabe, porém, quanto haverá soffrido a alma de Duse antes de chegar á parcimonia da exhibição pessoal? Quem póde dizer que extremos a terão levado, manso e manso, ao extremo de não poder ser vista? Não louvo os destemperos de qualquer artista, inclusive os da penna, mas é força confessar que, não raro, os artistas são indignamente explorados por admiradores impertinentes, para os quaes a celebridade não se acha adstricta nem a leis physicas.

Não pode ser um coração resecado pelo orgulho e pela misantropia o de uma mulher qual a Duse. Quer talvez isolar-se demais, approximar-se de nós, a golpes de genio, como as possantes aves marinhas que n'um surto riscam a terra e vão-se para a immensidade.

Nas horas de solidão, de melancolia, de scisma, de viagens ao paiz do irreal, se amalgama o genio da Duse feito de verismo e de amargura. Desde 1885 o seu processo artistico é o mesmo, impressionar pela simplicidade. Ella é a natureza no que esta palavra abrange de immenso, profundo e sombrio, em opposição a Sarah, arte, arte, quasi só arte. A força de pedir inspiração á natureza a Duse deve gastar forças como quem as despende n'uma molestia aguda, atirando ao soffrimento todas as reservas organicas. Certos gritos lancinantes da Duse são o longo e doloroso echo do ser inteiro. Alexandre Dumas Filho, o autor predilecto da Duse, dizia que ella encontrava em pequenos gestos situações altamente dramaticas pelas quaes as outras artistas passavam e tornavam a passar sem siquer advinhal-as.

A Duse tem razão de querer bem particular a Dumas Filho, aquelle que escreveu sobre ella estas linhas sobre cujo endereço se deve lêr—á posteridade—: *il ait bien regrettable pour notre art dramatique français que cette artiste hors ligne ne soit pas française.*»

Quando a Duse creou em Roma o papel de *Lionnette* na *Princeza de Bagdad*, teve na ultima scena da peça um simples gesto que enthusiasmou Dumas Filho. Depois de haver dito ao marido, que a julga culpada, «sou innocente, t'o juro, t'o juro», *Lionnette* ergue-se ao vêl-o vacillante, entre incredulidade e perdão, põe a mão sobre a cabeça do filho exclamando pela terceira vez: «eu t'o juro». Tal movimento, nobre e convincente, não fôra achado em Pariz pela creadora da peça, a Croizette. Nem Croizette, nem Dumas, embora talento não faltasse a ambos, tinham encontrado o movimento para tornar irrefutavel, irresistivel, o terceiro juramento da angustiada *Lionnette*. Aquelle gesto foi o achado genial da Duse.

Dumas Filho lh'o agradeceu em termos meridionaes, não só nas notas da edição da *Princeza de Bagdad* como n'uma carta hoje a amarellecer entre os papeis velhos da Duse. Houve aqui no Rio quem lesse a carta, que a destinataria, mui justamente, mostrava com jubilo e orgulho. Dumas Filho já se foi. Ao jubilo e orgulho a Duse tem de accrescentar saudade, a invisivel tortura que nos resta ainda, sempre, quando as lagrimas não desfiam mais ao longo das faces.

O que fez a Duse para o theatro de Dumas Filho fez depois para o de d'Annunzio. Apezar das differenças entre os novos *Elle et Lui*, a Duse continúa a passeiar pelo mundo a *Gioconda* de tão ruidosa nomeada na Italia e fóra d'ella. Os japonezes, hoje tão amarellamente em fóco, deram o nome de *Takasago* a um cruzador construido em Newcastle. *Takasago* é o nome de uma peça popularissima do theatro japonez! Que diriamos de um nosso vaso de guerra chamado *Pedro Sem?*

A *Gioconda* não figura ainda e provavelmente jámais figurará na marinha italiana, mas entra em vivo combate onde se encontra a Duse, impellida para o theatro antigo pela maneira theatral de d'Annunzio. Seria para desejar, entre parenthesis, que a Duse aqui representasse muitas peças do theatro italiano contemporaneo, rico de obras como a come-

dia *Come de foglie*, o triumpho maximo da scena italiana de nossos dias.

D'Annunzio poz o theatro patrio com rumo certo para o theatro grego o velho berço d'aquella celebre theoria das unidades classicas que resistio ao embate dos seculos pelas intimas afinidades com as leis do espirito humano.

A Duse tem sido a interprete admiravel do restaurador da tragedia hellenica, d'aquelle de quem se póde dizer quanto Aristoteles affirmava de Euripides, é o mais tragico dos poetas. Dos artistas e actrizes a Duse é a mais tragica, tragica até nas situações mais vulgares do theatro moderno. Quem a ouvio em *L'Autre Danger* sabe não haver exagero no conceito.

Para nós *l'altro pericolo* é não tornar a ver a Duse e seguir-lhe a renovação constante do talento e dos processos scenicos.

Talvez não volte ao Rio. Póde ser que com a presente temporada encerre as excursões pelo nosso continente. E se o ciume cabe na admiração dos povos, contentemo-nos em saber que ella a ninguem pertence. O genio da Duse é planta constantemente erradicada pelo capricho da proprietaria e pelo ouro dos emprezarios. Com certeza ha muito quem por isso a odeie na eterna sombra da eterna inveja. Que importa, porém. «Não é odiado quem quer, E' o privilegio de um merito qualquer, talento ou celebridade no homem, belleza ou bôa fama na mulher. «Nunca se odeia aquelle se despresa»,

A minoria dos invejosos e inimigos gratuitos de qualquer individualidade, de grande ou de pequeno merito, desapparece, porém, a cabo de certo tempo. Os cães latem, a caravana passa, reza o proverbio arabe. «Quem faz parte da caravana, deixe latir e siga caminho, pois vae para um logar onde os cães não se dirigem...

E' natural que aos calcanhares da Duse muitos hajam latido. A deusa, porém, abrindo nas almas brecha por onde segue quando ella está presente, entra a adoração, e, quando ella está ausente, sae a saudade, divina e amarissima tortura do ser quando o pranto e o gemido já cessaram...

ESCRAGNOLLE DORIA.

D. JULIA LOPES DE ALMEIDA

AQUARELLA DO PROFESSOR RODOLPHO AMOÊDO

O Velho Sumares

(EPISODIO DO TEMPO DO TRAFICO DOS AFRICANOS)

Ao illustre almirante João Justino de Proença, excellente e venerando amigo de quem fui secretario, durante dois annos, na Capitania do Porto de Santa Catharina.

I

O *Galgo*, tomada a ultima barcada de negros, fizera-se de vela. Bordejava ao terral da madrugada na pequena enseada de Ambriz, os pharóes apagados para escapar aos cruzeiros inglezes e ganhar o mar alto, onde nenhum barco o vencia.

As primeiras barras do dia começavam a clarear para os lados de terra e o navio, ainda entre pontas, não conseguia fazer-se ao largo.

No tombadilho, passeiando de bombordo a boreste, o velho Sumares praguejava porque o vento ia escasseando. O brigue caturrava lentamente na vaga e elle olhava preoccupado o horisonte a oéste, sondando-o com um longo olhar inquieto através da obscuridade.

II

Das trinta e seis viagens á Costa nenhuma lhe custara como aquella. A' sahida do porto pegara logo uma lestada que lhe levara um mastaréo, inutilisando-lhe um homem da compânha e fazendo-o rolar, durante oito dias, aos trambulhões, á capa. Depois, fôra aquelle «raio do diabo» do *Contest* perseguindo-o, na ultima semana, com uma tenacidade formidavel até á ante-vespera, em que conseguira escapar graças á itensa escuridão da noite no costão de Moanda. Ainda sentia subir-lhe o sangue á cabeça, n'uma onda de raiva, á lembrança d'aquelles sete dias perdidos de continuas e trabalhosas manobras, ora a occultar-se nos recantos littoraes, ora a surgir nos vagalhões do alto mar. E todas as manhans, sempre á vista as velas perseguidoras do maldito cruzeiro! Carregara durante dois dias e duas noites n'um sobresalto, sem arriar ferros e só com um ancorote, prompto a suspender ao primeiro signal. E, pela primeira vez, sentia-se fatigado dos seus setenta e seis annos de mar.

Porque o velho Sumares nascêra no oceano, na altura das Canarias, na camara de uma galera das Indias, n'uma alegre manhan atlantica de mar manso e céo claro. Seu pai, o capitão de bordo, era um famoso nautico, descendente de uma antiga familia de maritimos do Algarve. Chamava-se Manoel Sumares, mas era mais conhecido entre os capitães portuguezes do seu tempo pelo *Manoel Mastro*, em virtude do seu porte erécto e agigantado, do excepcional sangue-frio que mostrava sempre no perigo e da sua grande força muscular. Nunca tremêra diante da tormenta, nem sentira a fadiga das viagens. Piloto muito joven, apenas tirara a carta começara a commandar. A esposa que o seguia sempre pelos mares, uma robusta filha de pescadores da Póvoa, morena e planturosa, fôra creada nas praias, aos ventos salitrosos do oceano e ao cadente rebentar das vagas. Tivera nove filhos varões, dos quaes os tres mais velhos, ainda muito tenros, tinham abraçado espontaneamente essa poetica mas rude vida do mar. Casara aos quatorze annos e sahira logo a viajar com o marido em veleiros de longo-curso — para a America, para a Asia. Forte, muito corajosa e saudavel, durante as longas travessias transoceanicas ou ao correr das costas, nas singraduras, ora morosas e de vento contrario, ora velozes e com briza fresca, á bolina, á pôpa ou a um largo, e mesmo nas borrascas, vivia sempre em cima, no tombadilho, acompanhando o movimento das manobras com calma e intrepidez masculas. Isto fazia com que os marinheiros, nas palestras intimas do rancho, a tratassem sempre pela *Velha Nautica*.

O Sumares do *Galgo*, herdara do pai a gigantesca estatura, a serenidade extraordinaria e a possança viril de musculos, coroadas por uma intelligencia natural e um incomparavel espirito de aventura. Da mãi recebera a belleza cinzelada do tronco e os grandes olhos nankinados, imprimindo uma radiação e um encanto á larga physionomia peninsular, emmoldurada em bella barba basta e n'uma espessa cabelleira ondeada. Aos quinze annos, ainda imberbe, era lindo, rijo, esculptural, lembrando o filho de um antigo pescador do Pireu ou um dos jovens principes marujos da lenda dos Argonautas. Logo em bem novo, com pouco mais de dez annos, entrara a servir, como praticante de piloto, sob as ordens do pai, mostrando extraordinaria vocação para a vida do mar. Assim, fizera numerosisimas viagens. Mas fôra em Santa Catharina, onde naufragara n'uma velha barca portugueza que ia para o Prata, que obtivera o seu primeiro commando n'um palhabote da grande cabotagem. Tinha então vinte annos. As viagens eram para o norte e para o Rio Grande do Sul e, n'uma d'ellas, o Sumares realisava a sua primeira aventura salvando, com risco de vida, sob uma suestada d'inverno, a tripolação, já considerada perdida, de um lugre inglez naufragado na barra. Valeu-lhe esta «africa» uma medalha humanitaria de 1ª classe do governo britannico, acompanhada de um rico binóculo de *master*, com o seu nome e uma inscripção, gravada nos cylindros dourados, onde se enaltecia, com reconhecimento, a sua alta caridade

maruja e se falava da RAINHA VICTORIA e do Almirantado.

Esse facto e outros, numerosamente occorridos em toda a costa-sul do Brasil naquelle inverno de tremendas borrascas, deram-lhe desde logo, na terra *barriga-verde* e na terra *gaúcha*, uma grande notoriedade. Só se falava, nessa época, no capitão Sumares. Depois, nos navios de longo-curso, que iam á Europa, á America do Norte e ao Pacifico, para onde se encarreirara, fizera, com a sua invencivel coragem e immenso prestigio de marinheiro genial, prodigiosas salvações no mar. E, n'uma viagem á America Central, ficara para sempre memoravel a temerosa travessia, sob o estourar dos cyclones, no Golfo do Mexico, onde, de vinte e tantos navios em perigo e perdidos, só escapara elle no seu bello patacho bem chamado *Rei dos Mares*, entrando, alguns dias após, em Nova Orleans, sob o applauso delirante da marujada *yankee*, não só inteiramente a salvo e sem avarias, como levando o navio apinhado de naufragos, arrebatados á tormenta e ás vagas em furia pela sua incomparavel pericia e inusitada audacia.

Mas a formação da sua estranha biographia, da sua lenda heroica a que a imaginação popular dera um desenho e côres phantasticas, sobrenaturaes, teve logar, com mais publicidade e successo, quando elle era capitão dos navios da Costa, no trafico dos escravos, onde occorreram inauditos casos.

Ahi enriquecera, logo em começo, a dois armadores do Desterro, com magnificas viagens dando resultados consideraveis. Como casara na familia Calado, uma antiga firma commercial, tambem armadora e então um pouco atrazada por algumas perdas no mar, passou a commandar um dos navios da casa.

Escolhera, entre os quatro restantes, o *Galgo*, que fizera apenas uma viagem á Africa, e essa mesma com tanta infelicidade que os inglezes o haviam aprisionado, já na volta, depois de oito dias de singraduras largas, já na altura de Santa Catharina, levando-o, com carregamento e guarnição, para Santa Helena, onde o abandonaram libertando os quinhentos escravos que trazia e repatriando, por via européa, a guarnição de bordo. O desastre occorrera porque o capitão do *Galgo*, naquella época, aterrorisado com um temporal que apanhara pelo equinoxio e que o obrigara a uma «corrida com o tempo», em «arvore sêcca», durante um dia inteiro,—tivera medo de puxar pelo barco, por causa do mar e do sudoeste que reinava, temendo-lhe o casco esguio, o enorme panno, a guinda desmesurada.

O navio era ainda novo, de um modelo lindo, de uma construcção rara. E o novo capitão, ao sahir a barra pela primeira vez no *Galgo*, puxando todo, ás bordadas, contra o norte duro, reconheceu logo que «tinha navio de baixo de si» e que aquillo era uma «espada», um «raio». Ao botar-se a *barquinha* verificava-se sempre oito a dez milhas folgadas, isto á bolina, que faria á pôpa ou a um largo!

Fôra nessa viagem que o Sumares começara a série inedita e louca de aventuras que deviam immediatamente dar-lhe o primeiro logar, conferindo-lhe ao mesmo tempo a mais justa celebridade e immortalidade, entre os capitães mercantes do Brasil. D'ella, como das trinta e cinco travessias que se seguiram, sahiu-se sempre victorioso até esta, cercada agora de máus preságios, mas na qual triumpharia, por fim, como nas outras, consumando a sua ultima, maravilhosa façanha de embarcadiço e rematando com ella a sua longa, inegualavel, gloriosa vida de mar...

III

Mas claridades róseas entraram a alastrar o céo a léste—e o sol rompeu, n'um pasmoso esplendor tropical, fazendo destacar, muito vivas, as areias brancas da costa, as florestas á beira d'agua, e, ao fundo, n'um longo recórte cerúleo, as ramificações littoraes da serra de Tala-Man-Gongo, sumindo-se além n'um esvaecimento nostalgico. A luz de ouro ardente cobria de innumeras placas rutilantes a vastissima amplidão do mar. A oeste, o immenso horisonte mostrava-se agora deserto e longinquo, n'uma viva linha azulada...

De repente, nas aguas de Moanda, ao noroeste, velas branquejaram. Era uma embarcação de alto bordo.

A' amurada, o velho Sumares, de binoculo em punho, observava attentamente o navio: proava n'aquelle rumo, á grande distancia, por isso não podia distinguir-se bem. Suppôz, a principio, uma galera portugueza de torna-viagem ás possessões de Angola. Mas, ao virar de bordo, reconheceu que era um brigue, trazendo á mezena a bandeira ingleza arvorada.

—Ah! com um milhão de raios, o *Contest*!... exclamou.

E mandou logo virar para o sul.

IV

Todo aquelle dia seguiu-o, ameaçadoramente, como na ultima semana, o terrivel barco, que só desappareceu ao cerrar da noite, mas cujos pharóes accêsos brilhavam através da tréva, espreitando-o sinistramente, como os olhos de um monstruoso felino de periodos geologicos remotos que se arrastasse estranhamente, a nado, nas aguas. Pela madrugada o vento escasseou e outra vez avistaram, bem nitido nas ondas, á luz fulva do Levante, qui-

lhando-lhes a esteira branca, o temeroso e imigo casco. A maldita calmaria, tão conhecida n'aquellas paragens, começava. E o cruzeiro britannico vinha-lhes na alhêta, já muito proximo, a menos de seis milhas escassas.

O velho Sumares receiava agora o alcance da artilheria que montava o *Contest*, mas guardava o sangue-frio habitual, observando-lhe os menores movimentos. O piloto, no sexto-de-gávea, procurava devassar o convés inglez com o seu longo e possante olhar. E a guarnição do *Galgo*, de cima do castello, o sobr'olho carregado, mirava attenta a marcha do inimigo.

Era colossal o brigue de guerra inglez, pelo seu comprimento, o seu enorme pontal e bocca, a mastreação de muita guinda, sendo que só as gáveas e os joanêtes podiam dar para todo o panno do *Galgo*!

Alguns dos marinheiros brasileiros e portuguezes, rudes velhos athleticos, encanecidos nas vagas e que tinham sido, de uma feita, aprisionados por um dos cruzeiros da numerosa frota albionica alli destacada para impedir o trafico, contemplando o gigantesco navio, a dar-lhes caça quasi em cima da pôpa, lembravam-se ainda, com horror, dos máus-tratos e da deshumanidade inabrandavel da maruja ingleza. Os que, avistados e perseguidos, não atravessavam logo cedendo á inflexivel intimação de entrega, e forçavam velas, e offereciam combate, atacavam-no immediatamente os cruzeiros á pequena e grossa artilheria, e a fuzil, se a distancia o permettia, e se o «negreiro» não lograva vencer com a salvação de uma fuga, porque de outro modo era impossivel, n'uma luta entre um mercante e um vaso de guerra, e resistia, o inimigo mettia-o ao fundo ou reduzia-o por uma capitulação obrigada, inevitavel, — e então os tripolantes que escapavam do fogo ou das ondas, e se mostravam ainda assim altivos e insubmissos, eram brutal e cruelmente calabrotados ou içados nos láizes das vêrgas e passados, a dois cabos, de mergulho por debaixo da quilha, supplicio monstruoso e sem nome, que não lembrara á Inquisição, nem ao Diabo! e a que só um ou outro sobrevivia por excepcional robustez ou acaso...

— Um inferno! concluia o velho gageiro Domingos, o mais edoso da campanha, homem já de setenta annos, mas forte e lépido como se estivesse em meia edade: só faltava matar-nos, trincar-nos os bófes... Excommungados!... E alli andavam, agora, a seguil-os... Pegal-os? bôas!... Só se aquelle já não fosse o mesmo *Galgo* e já tivesse creado «craca», senão havia de ensinal-os, aos patifes, deixassem estar!... E demais, com quem? com o velho Sumares... Ora, lérias!... Elles iam ver ainda d'esta vez o que era uma burla, o que era zombar... E haviam de ficar com uma «cara de palmo e meio», a «chuchar no dedo», como uma rôlha nas aguas...

Os outros, que o ouviam, exclamaram enthusiasticamente:

— Sim, senhor, sim, *sô* Domingos! Isto é que são falas! «Quaes» que! ao *Galgo* nenhuma bala o pegava! Pois se aquillo era um corisco p'ra andar! Dessem-lhe vento, que era o que elle queria! e que fossem bugiar os «cursarios»!...

E analysavam com o olhar, miudamente, o *Contest*, franzindo o beiço, n'um profundo desdem, como marinheiros que conheciam o seu barco.

O João Catharina, que subia do rancho para render o homem do leme e que apanhara ainda o fim da conversa, gritou-lhes tambem, voltando-se, com uma das mãos á cinta, endireitando a faca:

— O que, gente? o «carroça»? Não dava p'ra nada... Pois se aquillo era peor que uma boia!...

E, muito calmo e alegre, confiando cegamente no seu capitão e achando que o *Galgo* «estava bem entregue a quem estava», encaminhou-se para ré, a solfejar baixo e quasi sem querer, uma velha quadra maritima:

Vóga, vóga, lindo brigue
Que a brisa está de feição;
— Larga gáveas e cutellos
Caia vento ou cerração.

Mas, de pé á grinalda, o velho Sumares não tirava o binoculo do barco inimigo. Parecia-lhe, inexplicavelmente, que o *Contest* se approximava mais, apezar da calmaria. E pensava:

— Talvez effeito de maior velâme, das correntes, das aguas...

E começava a estranhar o silencio do terrivel cruzeiro, de certo já ao alcance de tiro, quando o piloto, que ainda estava no sexto de gavea, gritou-lhe:

— Capitão, fazem signal para atravessarmos. Olhe, lá está o signal á prôa! E preparam a artilheria...

— Qual atravessar, nem meio atravessar! berrou o Sumares, tirando o binoculo e erguendo a cabeça para o official. Atravessem elles, se quizerem, ou se façam n'outro bordo, porque ainda não é d'esta que nos hão de apanhar. Que rompam fogo, pouco importa, e que venham p'ra cá!...

Desceu o degráu e foi até ao homem do leme, abanando com a mão e recommendando-lhe:

— Andar assim, que é bom andar...

Entanto, um estampido grosso e rouco rolou sobre as aguas. Era o primeiro tiro de canhão do inimigo, firmando o «signal» á bala.

—Ah! os miseraveis começam a metralhar-nos! rosnou, apopletico, o velho Sumares, levando outra vez o binoculo aos olhos e vendo uma nuvem de algodão adelgaçar-se lentamente sobre um dos bordos do *Contest*, á meia-náu. Desfaçam-se em balas que ninguem, neste casco, ha de arriar bandeira! Aqui morre-se de fogo ou no fundo do mar, mas não ha quem se entregue! Podem pôr todo o panno e puxar como quizerem que não hão de apanhar-nos! Estão enganados! Tambem era o que faltava o «leopardo» pegar assim, sem mais nem menos, o *Galgo*... Aquelles bêbedos, de certo, ainda não estavam «ensinados...» Queriam mais uma lição? Iam tel-a, e das boas! Era só o vento calar duro, e veriam quem ia ficar para traz...

Os marinheiros, á prôa, rugiam tambem indignados:

—Olha os estupôres! Despejam a artilheria, despejam-na sem cessar!...

Effectivamente assim era. O cruzeiro, todo em panno, com varredouras, cutellos e papafigos fóra, approximara-se a quinhentas braças, batendo fogo por todos os lados.

N'essa distancia, agora, das enxarcias do brigue brasileiro, dominava-se-lhe amplamente o castello, o convés, a tolda. Ahi o commandante, officiaes e marinheiros moviam-se furiosamente, em manobras repetidas, desesperados, emquanto outros, ás baterias, mandavam o fogo.

Em torno aos dois navios o horisonte se abria, infinito e deserto no seu grande disco nostalgico. E o mar, de altos vagalhões, desviava as pontarias, arrancando pragas aos artilheiros furiosos.

Mas o *Contest*, vendo que os tiros de artilheria ligeira distribuida em cima não alcançavam o inimigo, entrou a atravessar e dar a banda para jogar com a de grosso calibre, em descargas cerradas.

O *Galgo*, a bem dizer parado no seio da calmaria, como que se entregava, n'uma fadiga de animal cançado, á explosiva furia inimiga.

O velho Sumares, firme e de pé ao catavento, sob as balas cruzando o convés á ré, n'uma intima e profunda anciedade e angustia de encolerisado, de revoltado impotente, que não dispõe do menor meio de ataque e se vê como manietado e passivo ante uma aggressão furibunda e brutal, tinha lagrimas de desespero inominado, em meio ao ranger zarro das vergas e mastros onde o panno murchava, e limitava-se a observar, em mudez, as evoluções do grande brigue britannico, saccudindo nervosamente a cabeça e as longas barbas alvas, a tremer todo de indignação e furor na sua elevada e veneranda figura de Neptuno lendario.

O *Contest* porém, a dar a banda continuamente, não adiantou mais uma braça. Entretanto não cessava de atirar...

Durante quatro horas o *Galgo* não tinha sido attingido, mas de repente uma bala varou-lhe as amuradas. Fôra um choque horroroso, seguido de outro que arrebatou a lancha grande dos picadeiros, despedaçando-a sobre as escotilhas fechadas.

N'esse momento, no interior do navio correu como a zoada, o tropél abafado de um gado preso, tumultuando. E guinchos loucos, uma algazarra de vozes inintelligiveis e estranhas romperam, por entrevante do mastro do traquête, pelo escotilhão ácima.

O contra-mestre e seis marinheiros arrancaram logo o quartel quadrado e, de espéques do cabrestante e calabrótes em punho, desceram precipitadamente á coberta, ao porão, n'uma grita de ameaça:

—Céssa, canalha!... Eh lá com isso, africanos!...

E os quinhentos ou seiscentos miseros negros de ambos os sexos, reduzidos a escravos a trôco de missangas, aguardente e panno de algodão, na costa baixa e mortifera de Ambriz, emmudeceram como por encanto a sua longa e surda matinada de susto, ante o pelotão terrivel e flagellante d'aquelles sete marinheiros brancos...

No entanto, de pé ao degráu, no seu immenso desespero intimo mas na sua externa attitude impassivel, o velho Sumares observava sempre, attentamente, o inimigo. E como o seu navio começara a dar violentas guinadas, vozes de commando irromperam-lhe de repente dos labios, para o homem do governo e para os que andavam de quarto em cima. Este e os outros cumpriram logo as ordens dadas—um, mantendo sómente a pôpa do *Galgo* voltada para o fogo, a offerecer o menor alvo possivel; os outros, acudindo ao panno no meio do cruzar incessante das balas.

Pela primeira vez, nessa occasião, o sangue sempre calmo do velho maritimo estuava n'aquella tolda raza e balouçante onde elle era um rei inveneivel, mas sem de leve trahil-o.

As balas inglezas choviam então, certeiras, sobre o tombadilho, o convés, o castello do *Galgo*, carregando tudo n'uma devastação formidavel—o espelho da pôpa, a gaiúta, as pipas da aguada.

E toda a companha tinha agora movimentos attonitos, sob o fogo que crescia.

O piloto porém—que ja descera do arco de gavea e estava á proa—animava-a com a sua rude calma e alegre vozeria, mandando safar os ovens e brandaes que se despedaçavam. Era um rapaz dos Açores, da Terceira, de trinta annos mais ou menos, vivo e

e robusto, de uma intrepidez colossal. O velho Sumares conhecia-o desde menino e adorava-o pela sua coragem. Fôra isso que o fizera, ainda muito joven, genro e piloto do velho lobo do mar.

Mas uma brisa de nordeste começava a cahir fresca, e o *Galgo* augmentava a singradura e a marcha quando lhe acertou um balasio n'um mastro. E então, em todo o navio houve como um immenso abalo geral, n'um formidando ruir de derrocada — e pannos, vergas, mastaréos e mastro de ré entraram a flutuar em roda, nas ondas, partidos, desfeitos, n'um emmaranhamento de cabos, como arrebatados n'um cyclone. E, subitamente, vinte pulmões vigorosos estrugiram, n'uma explosão de pragas:

—Má raios o partam!... Covardes!... Má raios o partam!...

Fôra o mastro-grande que rebentara pela enora, cahindo de través sobre o trincaniz, levando por diante uma parte da borda falsa e rolando em cheio nas vagas.

—Felizmente, ninguem apanhado! gritou o contra-mestre, que vinha para pôpa, branco como a cal.

E o velho Sumares, junto ao leme, ancioso e louco por evitar ao navio um desastre maior, no meio do maroiço bravio recrudescendo para a tarde, gritava energicamente, furiosamente:

—Salta á ré, salta á ré, maruja!.. Com um milhão de diabos!.. Safa! safa!...

A gente cahiu de um golpe, n'uma rajada, sobre os destroços da cordoalha coalhando todo o convés por cima da camara, e rompeu a cortar, á machadinha e a faca, os cabos, emquanto o navio atravessava, batendo as velas de prôa.

Pedaços de mastro boiavam, agora, sobre os vagalhões em torno, como despojos de um naufragio.

O *Contest*, que fôra deixado para traz, á distancia, cessara já de atirar...

Em poucos momentos, os heroicos e déxtros tripolantes do *Galgo*, n'uma faina admiravel, incrivel, safaram inteiramente o tombadilho e o convés, e o pequeno e veleiro brigue — o melhor e o mais celebre navio mercante que conheceram o Atlantico e as aguas das costas do Brasil, e de Africa, n'aquelle tempo — apenas foi convenientemente estaiado o traquête para ré, fez-se em cheio ao sudoéste, a rumo de Santa Catharina, conservando ainda a tremular gloriosamente á mezena o pavilhão brasileiro, que o velho Sumares mandara arvorar ao avistarem o *Contest*, como um desafio intemerato e energico á sua perseguição e ás suas balas. E assim, já a salvo e victorioso, singrava em demanda da patria, como inspiradamente cantou o «navio negreiro» Castro Alves, o celebre poeta bahiano que tinha bem o grandioso sentimento do Mar:

Resvala o brigue á bolina
Como um golfinho veloz,
Presa ao mastro da mezena
Saudosa a bandeira acena
A's vagas que deixa após...

V

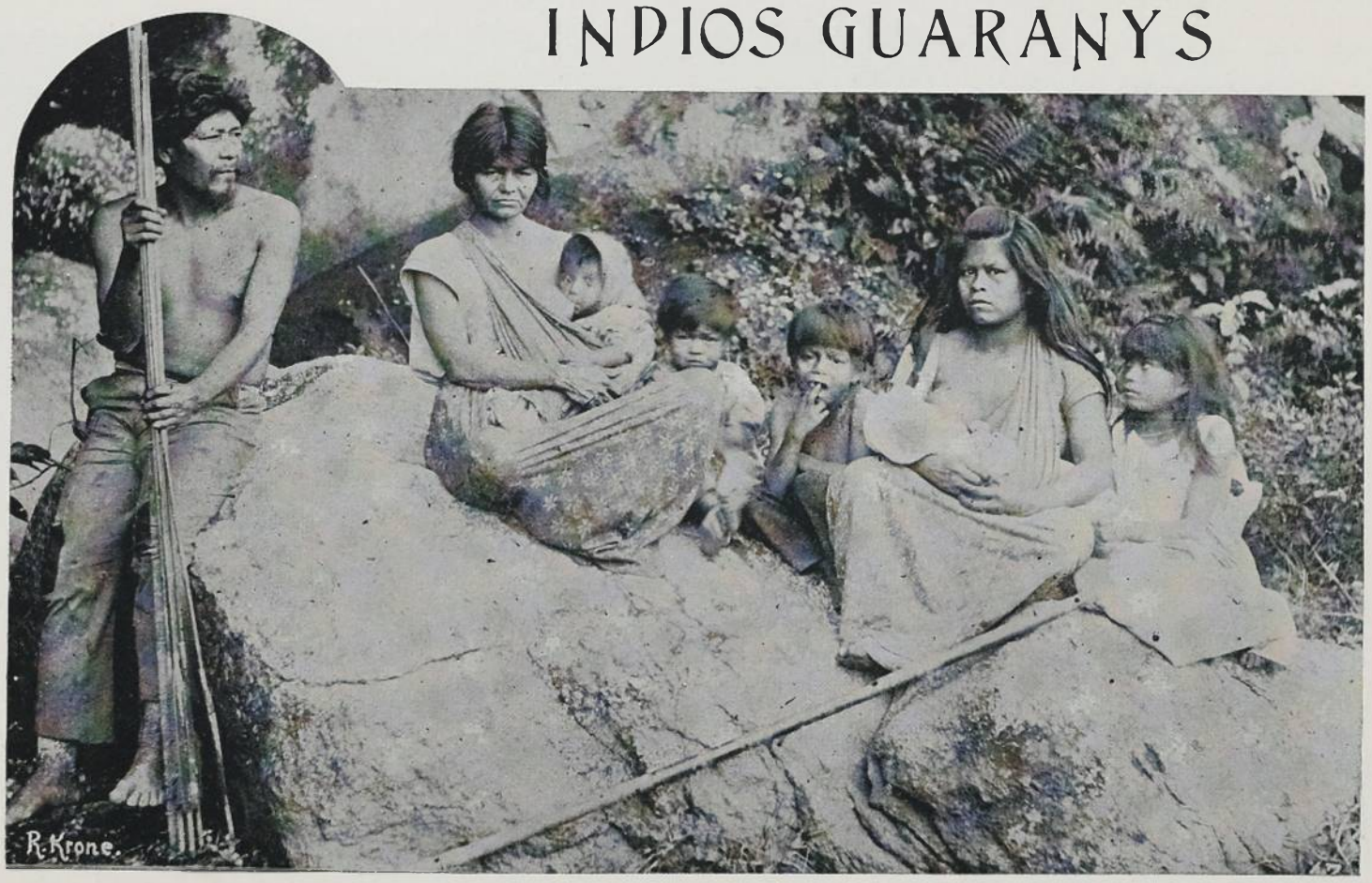
D'ahi a dias, numa esplendida manhã de sol vivo e mar calmo, o brigue, só com um mastro, entrava triumphantemente o Arvoredo. Fundeára na Ponta das Cannas, onde fôra lançado em terra o triste carregamento de pretos captivos que, cambaleantes e ainda tontos, enfraquecidos e magros, como espéctros, a cara fula, quasi núS, mal podiam-se aguentar sobre as pernas, devido á longa travessia, ao porão apertado e torvo em que tinham vindo apinhados, ao máu passadio e ao enjôo do mar. E na mesma tarde da chegada o velho Sumares seguiu para o Desterro onde, desde o amanhecer, não se falava senão no *Galgo*.

Por toda a parte, nas ruas, nas casas, o nome do insigne mareante scintillava como o de um personagem épico, phantastico, em meio ás mais enthusiasticas exclamações e commentarios. E, durante mezes, foi essa extraordinaria e maravilhosa viagem o assumpto mais querido das palestras entre aquellas populações da beira-mar, que têm toda uma sympathica e affectuosa predilecção pelas lendas maritimas.

O velho Sumares nunca mais embarcou, expirando aos noventa annos de edade, entre os carinhos deliciosos das filhas, dos netos e bisnetos, na sua pittoresca habitação da Arataca. E a historia emocionante da sua vida rude e aventurosa ainda é hoje relembrada, com ineffavel ternura, na placidez venturosa dos serões, nos lares.

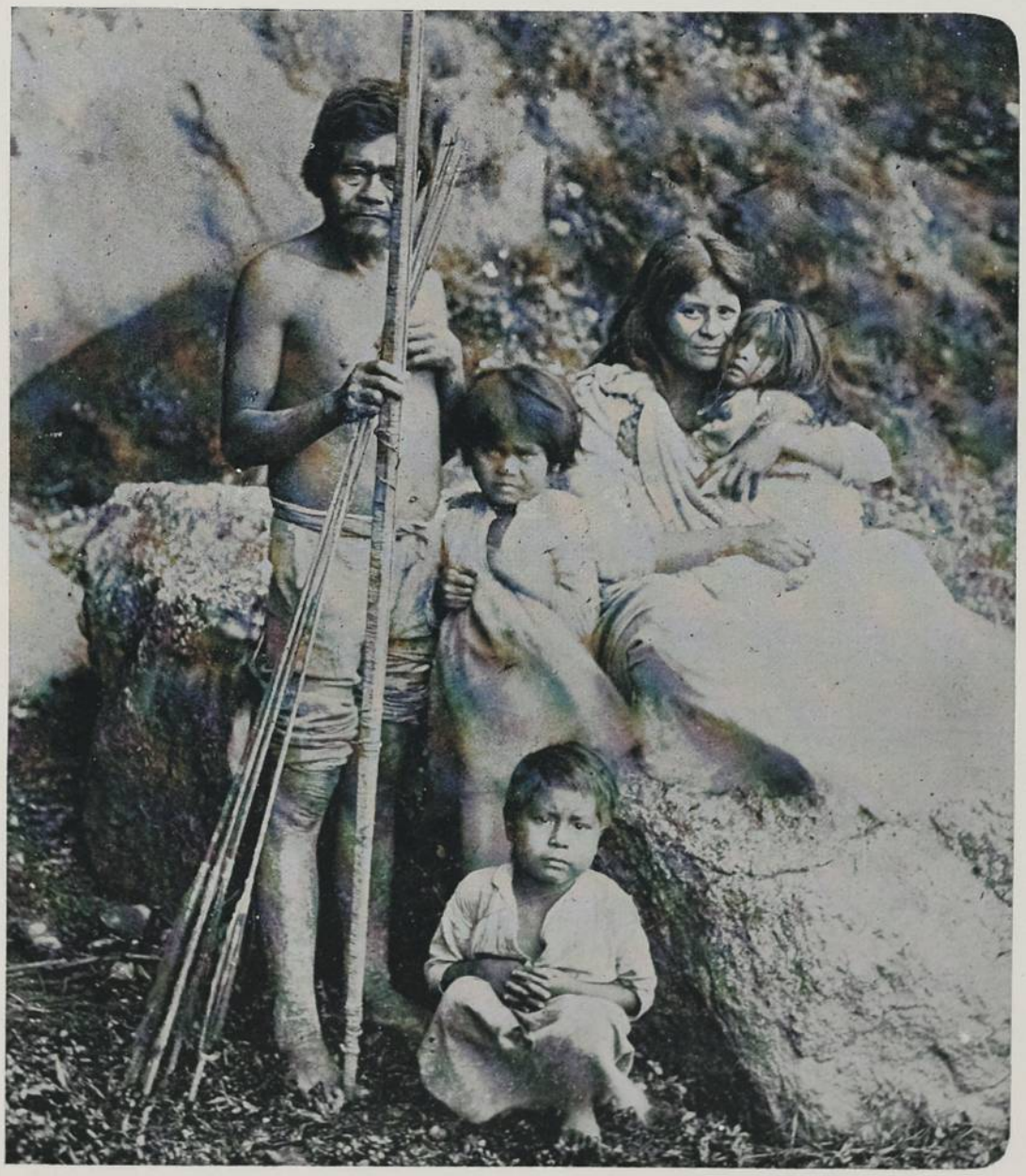
Virgilio Varzea.

INDIOS GUARANYS



EM um dos affluentes do Rio Ribeira de Iguape existe ainda hoje um pequeno resto de Indios, entre os quaes encontram-se alguns individuos de sangue puro de ambos os sexos. Pertence este povo aos antigos «Guaranys» dos quaes ainda conservam o idioma, e muitos costumes, tornando-se uma preciosa memoria dos tempos idos.

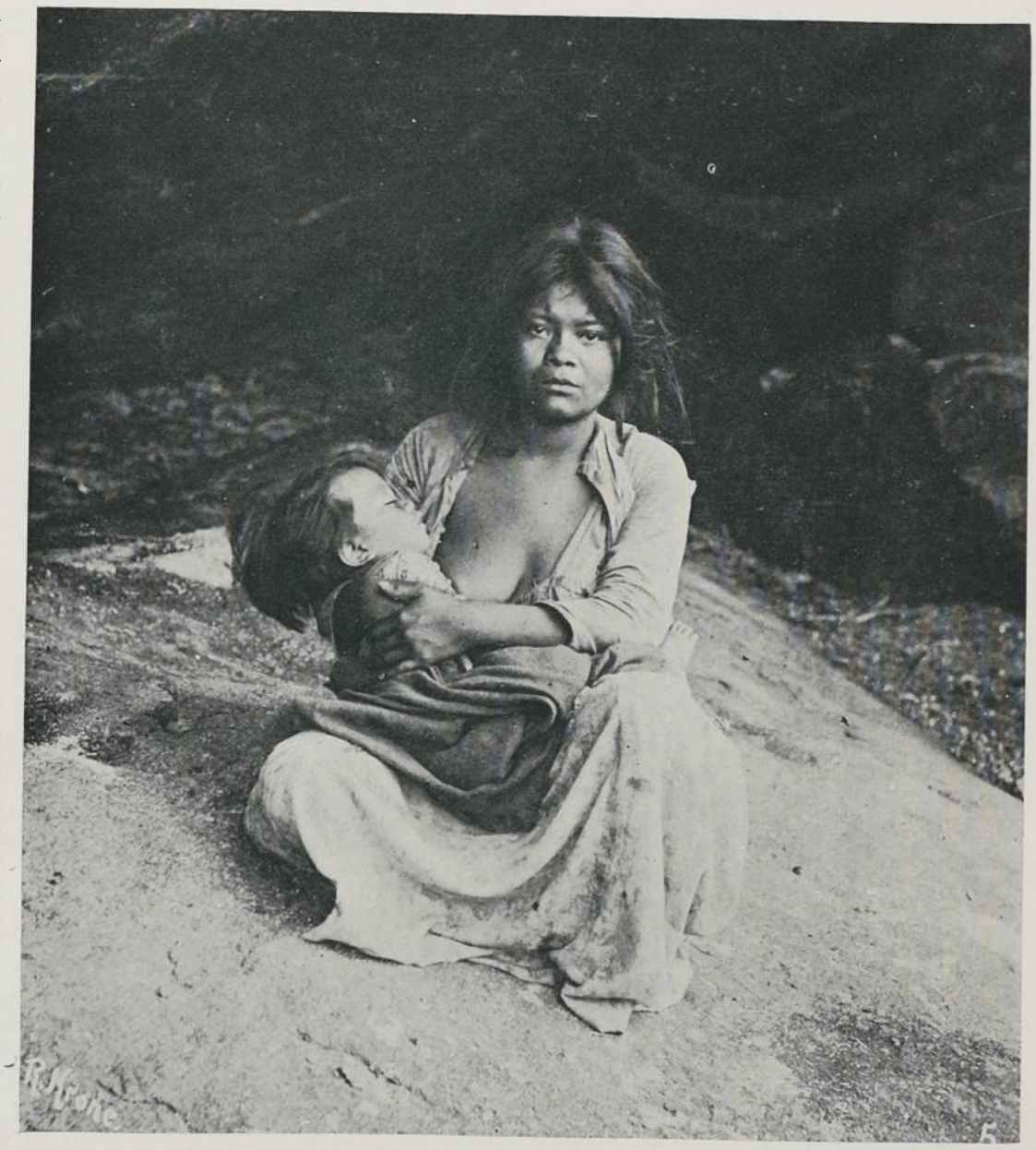
Reunidos no Rio Itariry, tributario do Rio São Lourencinho, habitam estes indios uma região extremamente pittoresca e que está situada entre a serra dos Itatins e a Paranapiacaba e na sua reclusão entre estas montanhas, acha-se a razão, porque durante tanto tempo se

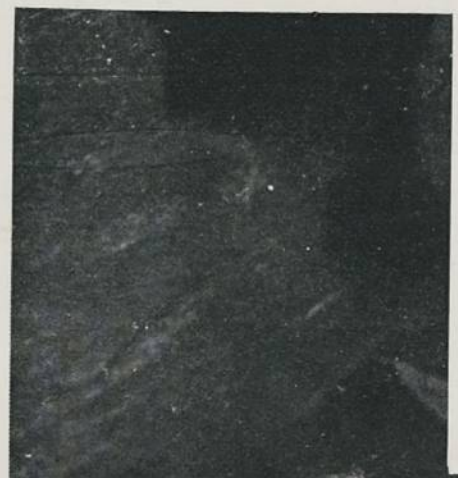


podiam elles conservar quasi illesos apezar da proximidade de regiões bem civilisadas, vivendo alli ainda egual a seus antepassados

Caça e pesca ainda hoje é a occupação mais importante dos homens; pequena lavoura e o insignificante serviço do rancho, cabe mais ás mulheres. Estas tambem se occupam em fazer louça de barro e demonstram mesmo bastante habilidade neste mister.

Em 1905 encontrei alli 80 almas, que, pela sua affinidade de sangue, devem ser considerados donos do aldeamento e que se chamam á si, ainda com certo orgulho, de Guaranys.





Um estudo propriamente anthropologico deste pequeno resto de Indios foi publicado com as respectivas tabelas de medidas: Os Indios Guaranys do Aldeamento do Rio Itariri no Est. de S. Paulo em *Mitheilungen des Anthropologischen Gesellschaft i Wien* (Vol. XXXVI 1906).

O naufragio de Flora

PESSAS escuras noites d'estio, em que a natureza arde em fremitos de posse, e a terra é toda uma palpitação de caricias, que se esboçam inconscientes nos braços dos homens, nos troncos das arvores e nos troncos das mulheres, nas petalas, nas azas, nos elytros, nos coaxos, nos gorgeios, nas horas que esvoaçam das torres, nas luzes, que trahem a treva e morrem mais tristes na sombra que as abafa, e se communica, com a irradiação do desejo, ás proprias estrellas, que, cuspidas, olham do alto os beijos dos amantes; nessas noites povoadoras e felizes, Clara amava, com ternuras de fada, o propicio silencio do campo ainda môrno.

Numa sincera regressão ao velho paganismo, de que se fez noss'alma, ella, com o aparato precioso dos seus trajes primorosos, adorava atirar-se, com um descuido de garoto, para as balsas floridas, para os vergeis assombreados, para os brigaes tufados que romflam ao contacto, e o seu corpo ensaiava cabriólas dilatantes e saborosas sobre o ferro macio, entre os milhos altos que casavam o estalar das suas cannas, os tremulos dos seus pendões, ao turbilho effervescente das rendas espumantes, que, como uma floração estiva, guarneciam a forma perfeitissima d'essa mulher arrebatante, que ria como as creanças, e tinha, no olhar irresistivel, todas as esperanças e todas as flammancias da paixão, da volupia, e da belleza.

Alli, sob o velario franjado das latadas opulentas, na penumbra recatada e pudica dos grandes choupos indifferentes, ella despia, ás vezes, com desprezo as galas da civilisação, atirava, como trapos inuteis, as sedas perfumadas que a cobriam, e, soberba, casta, nitidamente nua, era, entre a brutal fecundidade que explodia da campina em flor, uma filha da Hellade que visitava uma quinta do Minho: a nympha, a fauneza, a drydne, até a naiade, porque nos seus arrebatos de primitiva, fartas eram as aguas que ella tinha moldado com os contornos do seu corpo alvo e forte, muitas as correntes que, á pressão da sua carne, tremeram a vibração de gozo, que a agua sente ao mergulho da belleza.

No meio daquella natureza luxuriosa, dyonisiaca, triumphalissima, a nudez de Clara era d'uma pureza sã. Asseguradamente só, não era ella a mulher que, provocante, se despe, abrindo em seu torno, como uma lampada que se accende, uma clareira de tentação. Era a convicta filha d'aquella terra magnifica, a fêmea natural que regressava ao berço, a forma humana que se confundia e mesclava com o todo, a natureza que se communicava toda, inteiramente, um blóco de carne linda sobre uma sementeira de encanto, uma enorme flor nova e viva que irrompia da seara farta e bella.

*
* *

Sempre com o seu requinte innovador, realisava frequentemente as mais supremas phantasias.

Usava colher, no caminho d'acaso que seguia, toda a flôr que se lhe estendesse, escalava sébes para buscar os grandes ramos hostis d'espinheiro bravo, saltava vallados para roubar rosas ou para pesquizar os cravos melhores, e com a sua colheita apoupante, risonha d'aquella carga rescendente e colorida, pungida pelos espinhos penetrantes, procurava com escolha um esconso de bosque ou recesso umbroso de vergel.

Internava-se célere na enfolhada camara, e, despojada da obra suada das modistas, ia suavemente, carinhosamente, entretecendo as flôrcs que recolhêra; com paciencia benedictina, trançando, tecendo, vergando, atando caules tenros, pedunculos frageis, hastes revoltadas, obtinha para o seu corpo nú, que desejoso os esperava, braceletes viçosos, cinturões venuscos de cravos e de rosas, ligas maravilhosas de geranios e camelias, adornos soltos de amores e margaridas, e cobrindo-se assim completamente de corollas e de petalas, que condescendentes e amigas se lhe collavam á pelle branca, como a rêdc tenue de nocturna aranha se mantem e estremece num raio branco de lua, corôando os seus seios inolvidaveis e insubmissos, apontados ao ar como balas turgidas de leite que tivessem nos cumes estrangulados sangue de feridas recentes, com as grandes campanulas macias das açucenas rosadas ou de lyrios branquejantes, soltava finalmente a sua juba de sol sobre a tunica de flôres, como uma batega d'oiro que uma amphora vertesse de chôfre, e passeiava a frescura inedita d'essa imagem que se não descreve, pelos atalhos floridos, pelas azinhagas balsamicas que levavam á ribeira.

Repousava na commoda inclinação dos barrancos, cantava, entre a folhagem quieta, canções evocadoras do prazer que a inundava, e era tal o poder enganador d'esse corpo esplendido sob a sua camada de flôres, que, numa noite, um rouxinol, voltando do amor, lhe tocára um sovaco, onde agonisavam cra-

vinas, pensando ter alli o seu ninho harmonioso.

Sob a lente illuminada da lua enrubecida, era assim que ella mais amava o inebriamento do banho, e, do alto, juntando os braços, que pareciam ao elevar-se duas trepadeiras bem cobertas que se enlaçassem de repente, atirava-se soffrega á agua tranquilla do riacho, que a sorvia com ancia, e logo ficava, ao recebêl-a, toda constellada das petalas que se desprendiam no baque.

Clara sabía, como ninguem, saborear os ruidos maviosos da agua que se agita: esse beijo surdo e violento que ella dá ao corpo que lhe entregam, o ebuliente ronronar dos seus cachões em poz a mão que a afaga, a suprema reconciliação que, num estralejar rapido de beijos e soluços, sôa no instante em que uma braza se afunda.

Boiando, mergulhando, passeiando na pequena profundidade dos regatos, entretinha-se a espetar com os dedos esguios as estrellas, que o reflexo mostrava no fundo, apagava algumas com conchas desfolhadas das rosas, tentava apanhar na mão avelludada essas sombras luminosas das longiquas scintillações do ceu; uma vez poz-se a engrinaldar com clematites o setestrello, que pairava no azul e na agua, fazendo nascer o perfume em torno á claridade, como um beijo que termina um sorriso.

Satisfeita a ancia, ao primeiro arrepio, saltava em terra, fresca e hilare, com os grilhões verdes dos caules desenfeitados na carne radiosa, corria á matta em que se desnudara, escondia os encantos novos, que a agua lhe dera agradecida, nas sedas da cidade, reentrava feliz na habitação elegante, e se alguem a interrogasse, a sua expressão seria imaginosa, como a de um poeta... o suicidio de Flora, o naufragio da Primavera...

MANOEL DE SOUSA PINTO.

A estatua de Hero

No pedestal da minha phantasia
Quiz que se erguesse a estatua da belleza,
Calma e serena, scismadora e fria
De uma sublime e candida pureza.

Da pedra rude eu pouco a pouco abria
Feições humana de ideal clareza
Pondo n'estas feições tudo que havia
De mais divino pela natureza.

Artista e sonhador, prosigo; a fronte,
A cabeça, o nariz, a bocca, os olhos,
O corpo emfim vejo de mim defronte.

Vejo-o e pergunto: Que desejas, Hero;
Um vestido de gases e de fólhos?!
—"Não!"—ella diz—"É um coração que eu quero?"

1906 OLEGARIO MARIANNO

PAIZAGENS

Exposição Roberto Mendes, no Club Internacional de S. Domingos de Nictheroy.

HA sete annos, referindo-me á primeira exposição de Roberto Mendes, nesta Capital, escrevi n'O PAIZ: «O *aspecto* que tanto preoccupa os paizagistas e donde se originou o «impressionismo», não o tóca senão mediocremente. E' a expressão o que elle quer, á maneira do Pantheismo; é a alma da Natureza, a alma das cousas, que sorri na claridade das manhãs primaveraes, que respira largo e forte pelo rigor de suas bastas, murmurosas selvas e pela amplidão de suas planices em horas quentes de sol, que se melancolisa e se queixa pelas tintas dos crepusculos ao tremulo baixar vagaroso das noites. E' a Natureza fecunda e viva, em todas as suas manifestações de forças e desalentos, mas sempre communicativa e emocionante, que a sua ambição de artista deseja com o mais ardido, o mais acariciado, o mais constante amor».

Ainda hoje, após o decurso desses bem contados sete annos, eu me não sentiria contrariado por subscrever estas frases, porque as releio, aceito e nellas medito.

E' que encontro no artista de hoje essa mesma paixão da Natureza que, logo naquelle tempo, o destacou dentre seus émulos, pondo em realce a sua sensibilidade extraordinarias mente accessivel aos caprichos e minucias da côr e, mais do que isso, ao expressivismo do assumpto.

Sob esse ponto d'estima, a sua alma guarda o enthusiasmo com que se nos revelou, tem a mesma mocidade, a mesmissima vibração. E se, por louvavel brio, o triumphador *pastelista* de hontem cedeu primazia ao pintor de hoje, certo que nem uma desvantagem resultou para o artista, que se conserva integro no equilibrio da sua organisação, com o favorecimento de maior habilidade conquistada em paciente, obscuro, dedicadissimo estudo.

Roberto Mendes tem a completar o seu formoso talento essa grande qualidade do amor ao obscurismo, que é peculiar á maioria das organisações d'escol, na Arte. Sem que se possa dizer delle o mesmo que se diz... por exemplo, do arredio Vasquez--escorchado pelo feitio dos rusticos—porque se não

DEPOIS DA TEMPESTADE

amolda áquelle o desprendimento simplório dos charros nem se lhe ajusta á contento o briche dos serranos, tão fino de gosto é elle e por natureza aristocratisado sem fatuidade, a sua indole propende para a solidão, e ama intensamente o viver singelo em contacto com a Paizagem, onde encontra o goso dos inesperados effeitos da luz e as mais surprehendentes minudencias do colorido.

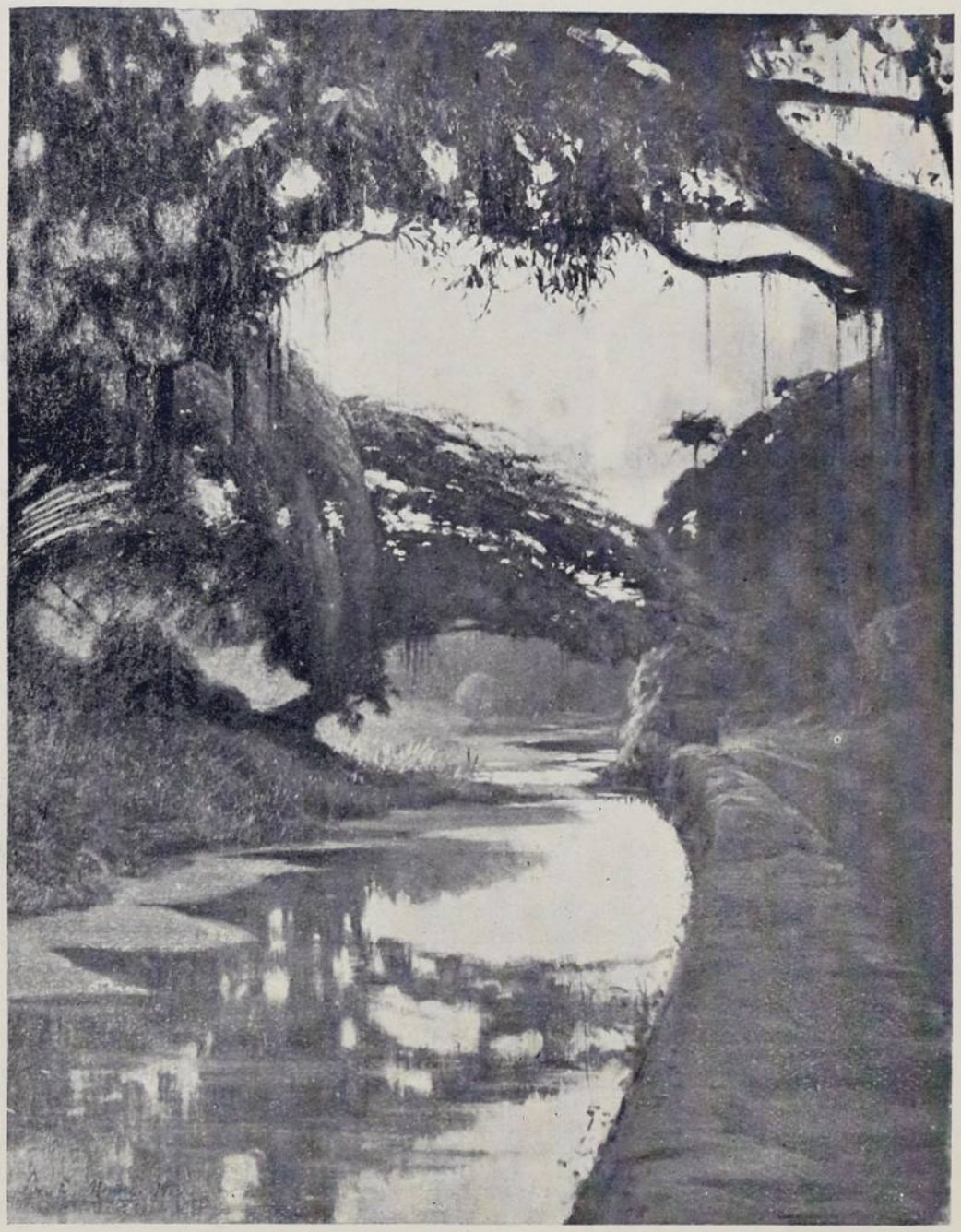
A Natureza o seduz; elle a estuda, pesquiza, inquere, investiga, analysa. Nada lhe escapa porque tudo o commove: Grandezas e insignificancias, desdobramentos de panoramas, recantos de estradas, ourélas de praias, pedregulhos e escarpas, soqueiras e esgalhadas, frondes e ramusculos, em tudo o seu olhar penetra e de tudo vivem a sua imaginativa e affectibilidade. E' como um culto pagão esse ardor que o enleiva e caracterisa.

Um artista, affirma sir John Ruskin, jamais passará indifferente deante de uma folha illuminada pelo sol; vendo-a elle parará e ha de amal-a por sua viveza ou o seu desfallecimento, por seus toques de luz e por seu destaque nos maciços...

E desde que me occorre uma citação de Ruskin, devo declarar que, por influencia esthetica desse reformador, Roberto Mendes modificou a sua antiga maneira de ver e, particularmente, de executar em que havia certa faceirice de contornos commum ao *pastel* e muito ao agrado dos amadores; ligou-se mais estreitamente á Natureza, penetrando-a, procurando os modos da sua expressão, o brilho do seu viço, o segredo das suas sombras, o relevo typico das suas fórmas, d'onde lhe adveio esse já quasi firmado, definitivo estylo pinturesco que vae modelando a sua individualidade em linhas magnificas de um resalto inconfundivel.

Mas elle não se escravisou, humilde e desassisado, ao doutrinarismo ruskiniano, tal se deu na Europa, com grande numero de artistas soffregos de novidades; aceitou-o no seu delineamento geral, em condição particular. A dizer com a verdade é o unico ruskiniano que a pintura patricia possue, posto que ella sempre tendesse ao *realismo* e, em summa, *realista* é aspiração de Ruskin, como desde remótos seculos exigiam os esthétas que o fosse. No tempo de Augustus, Vitruvio Pollio dizia: *Mai non si debbono stimari pitture quelle che non sono simili al vero*, o que, por outros termos, veio repetir o auctor da *Seven Lamps of Architecture:* «E' preciso observar os effeitos da Natureza e reproduzil-os tão fielmente quanto fôr possivel e nunca alterar uma côr porque ella parece estar fóra do logar que se quer...»

Convenhamos, porém, que sir John Ruskin assim se exprime como theorico, dado que, conhecendo os recursos á disposição da pintura, sabemos o quanto vae de impossivel na *reproducção exactissima do que vemos.* «Os empastelamentos mais angulosos não imitarão jamais as fendas d'um rochedo» — diz Augusto Laugel. Mas a theoria ruskiniana é aproveitavel, apezar do seu caracter eminen-



GRANDEZA EXTINCTA

temente inglez. Applicada com intelligencia e sympathia ou seja afinidade ella só póde prestigiar a pintura. «Cada classe de rochas, cada variedade de terrenos, cada especie de nuvens, — doutrina o mestre dos *Modern Painters* — deve ser estudada e reproduzida com exactidão geologica e metereologica isso não se relaciona unicamente com a verdade do pormenor, é tambem mais importante para se obter esse caracter simples, sério e harmonioso que distingue o effeito dos conjunctos dos sitios naturaes».

Seguindo-lhe os conceitos Roberto Mendes condensou-os no conteúdo das suas observações pessoaes, e attingiu os pontos culminantes da esthética de sir John Ruskin, que se pòde resumir no maximo rigor da cópia para maior resultado da Belleza, porque o bello é a Verdade.

Comprehende-se que não entra nesta theoria a annullação da individualidade do artista. E' o mesmo sir John Ruskin quem nos adverte: «Por minha parte, não percebo em que consiste a differença entre um mestre e um noviço...

«Ser dextro e pintar a herva ou os arbustos com bastante verosimilhança para satisfação da vista, é uma habilidade que um ou dois annos de aprendisagem poderão dar a quem quer que seja. Mas surprehender na herva ou nos arbustos esses mysterios de invenção e de combinação pelos quaes a natureza fala ao espirito; descobrir até nas minucias de mais insignificante apparencia e mais despresiveis a chamma incessante do poder divino que tudo embelleza e glorifica; mostrar emfim, todas as cousas aos que não sabem vêr enão pensam: eis o que é verdadeiramente o privilegio e a especial vocação do espirito superior...»

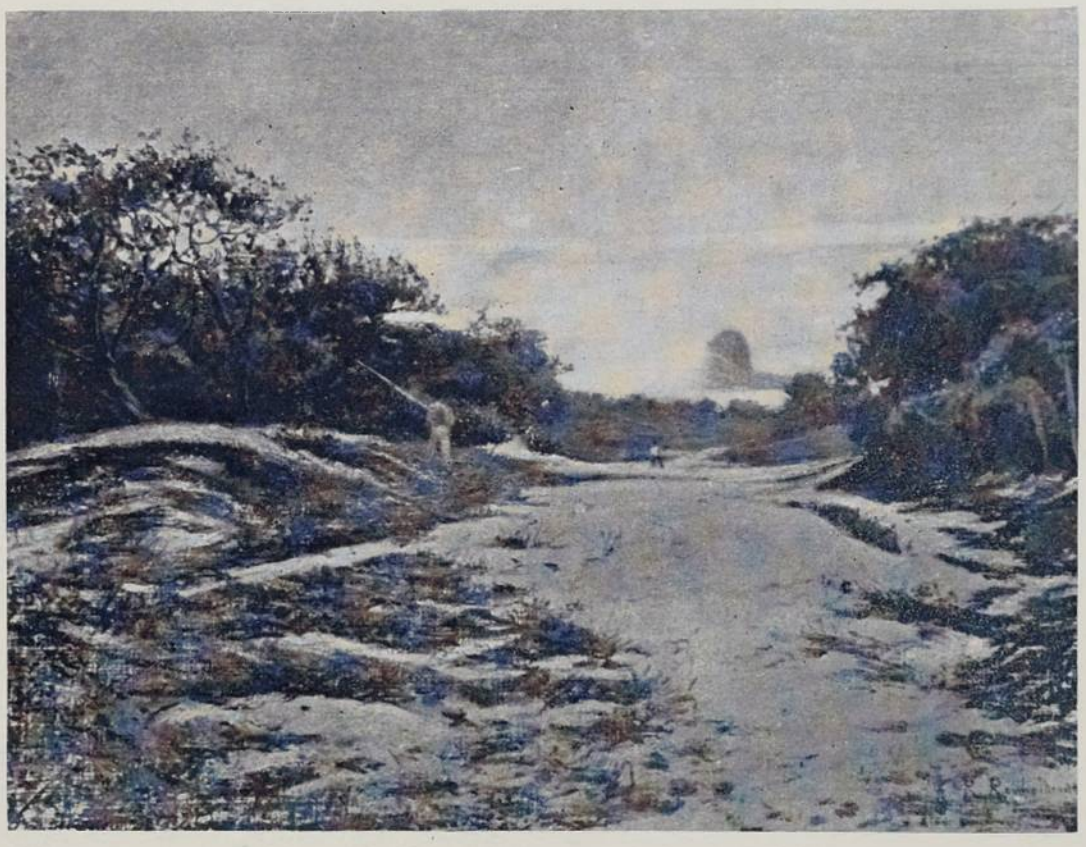
E assim é o principio esthético que norteia o trabalho de R. Mendes. Ahi temos esse crepusculo vespertino na Quinta da Boa Vista, que é uma belleza de tons e uma poesia em côres; o *Depois da Tempestade*, de uma humidade que chega a dar a sensação das hervas molhadas; o *Primeiro Sol* entre neblinas, de frescura inexcedivel onde palpita a alegria das manhãs luminosas...

A sua arte é o desejo de pôr a Natureza, como elle viu e sentiu, deante de outros olhos e d'outra emotividade. Para alcançal-a não o impede a violencia dos contrastes, como nessa *Grandeza extincta*, mas se lhe não sobrepujasse o receio da pretenção teria *bravuras* coloridas á Salvador Rosa. O temor de parecer falso, senão pretencioso, enfraquece-lhe o pulso, resfria-lhe o ardor, doma-lhe o impeto.

No emtanto, o seu maior almejo parece ser a fixação da luz tropical, tal se nota em muitos dos seus modernos quadros.

Percebe-se-lhe a persistencia.

Se o conseguir, as suas paizagens terão alcançado o maximo da verdade, porque o que falta á paizagem brasileira é essa luz offuscante, poderosa, intensissima; luz tropical que confunde tudo n'uma fulguração ou desperta algazarras de côres nas dissonancias de brilho.

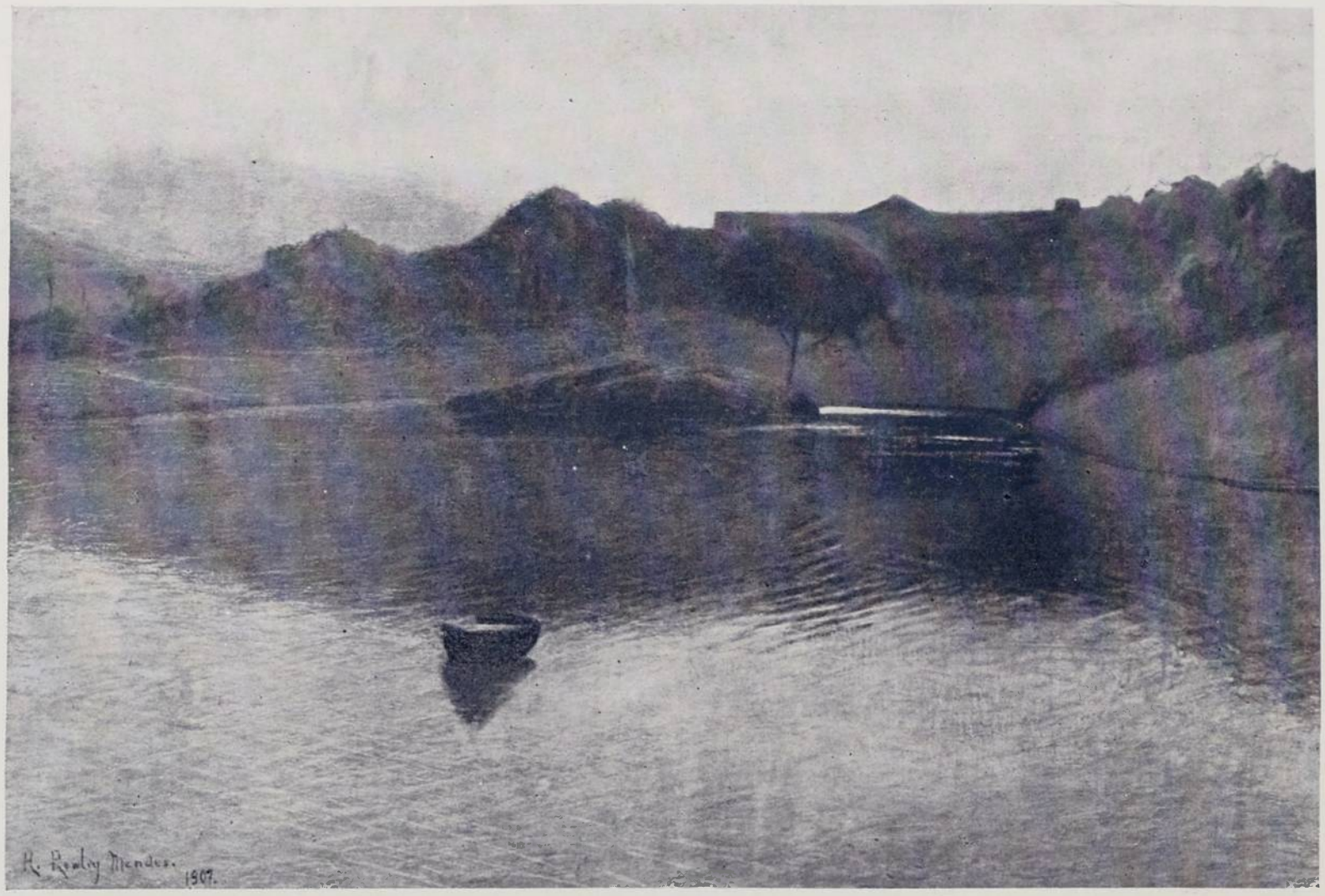


RESTINGA — ICARAHY

E' difficil, porém, conseguil-a no estreito limite de uma téla. Para isso faz-se necessario uma educação visual perfeitissima, obtida pela constante observação do natural, pelo habito de «sentir a luz».

Alguns mestres são de opinião que se não deve rebuscar taes effeitos.

Victor Cherbuliez, no seu presado livro *L'Art et la Nature* condemna essa tentativa. Mas, se os pintores inglezes, a exemplo de Turner, tentaram a *bright colour*, porque os nossos paizagistas hão de desprezar o esplendor dessa luz, que é da nossa natureza, que é a alma, a vida da nossa paizagem?

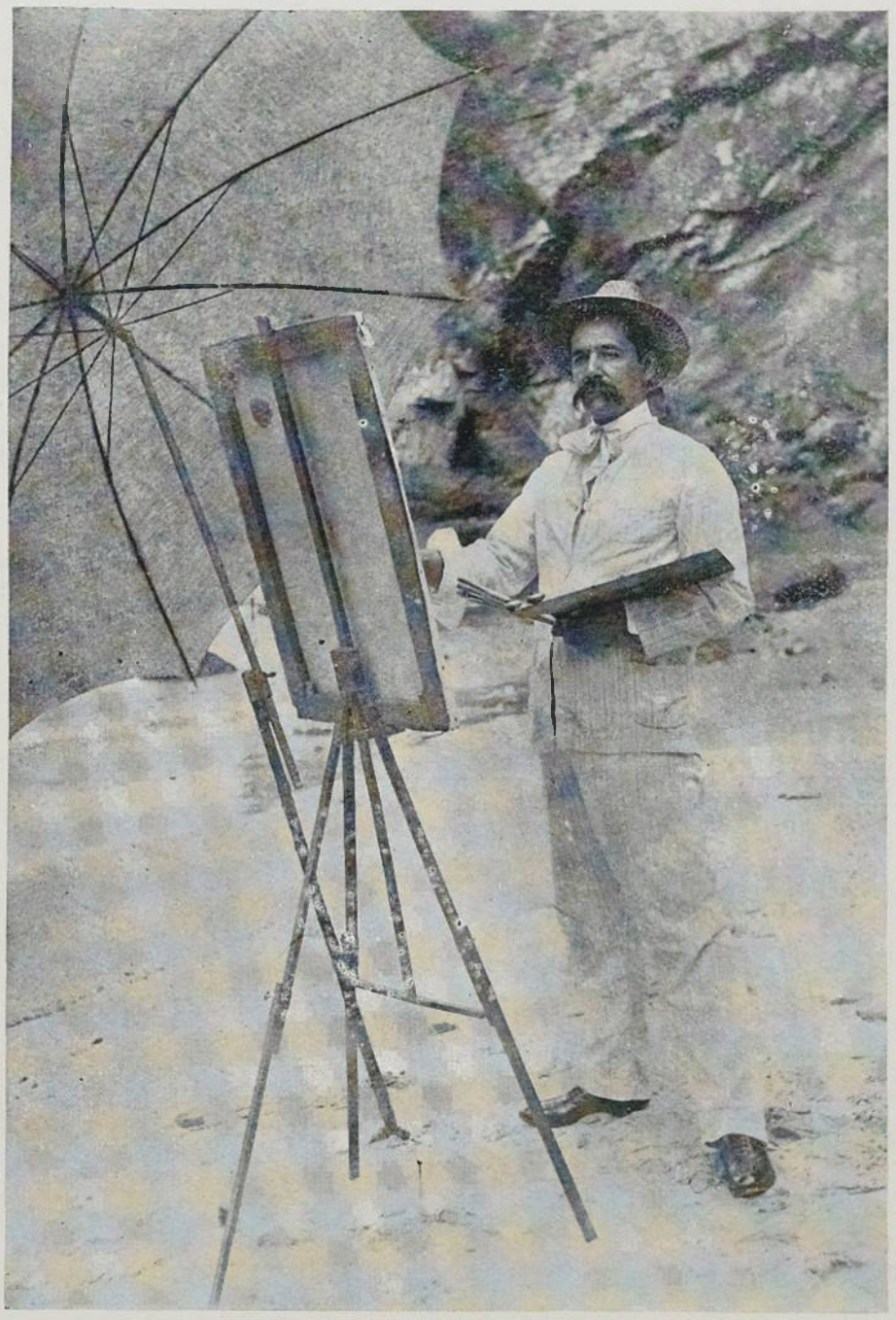


A BRISA—CREPUSCULO NA QUINTA DA BOA VISTA

AO SOL—BOA VIAGEM

Porque não imital-a? Porque é difficil? Mas quando ha força de querer e quando ha talento cessam as difficuldades. De mais, ahi temos o exemplo de Ticiano com o fulgor dos seus vermelhos e de Veronez com a rutilação dos seus amarellos, anticipando-se á descoberta scientifica das complementares.

Verdade é que, para conseguir a reproducção dessa luz, não basta a convivencia d'algumas horas com a Natureza; é preciso viver com ella e n'ella, ter-lhe o amor collante dos voluptuosos, assistil-a quotidianamente, desaggregar-se de todas as outras preoccupações para pensar na sua arte e nos meios de expressal-a. Então, sim, o artista terá o que deseja, porque ficará senhor das minudencias do colorido, decomporá os effeitos do natural para compôr os da sua imitação, poderá por conhecimentos proprios da influencia dos raios solares sobre taes e taes côres estabelecer a approximação dos seus tons, fundir os pormenores do ponto estudado em uma synthese esthética do *motivo*, que é o seu quadro, que é uma larga parte subtrahida da grande Natureza n'um dado momento e fixada em resumo no curto espaço de uma téla. A questão principal está, por tanto, na educação dos seus olhos pela permanencia no meio, o que, afinal, é um caso applicado da sabida theoria das adaptações.



ROBERTO MENDES

Attendidos os *valores* pela decomposição dos raios solares na paizagem, obtido por isso as suas complementares, *retido* os dois ambientes, que tanto preocuparam Claude Monet na *luz europea*, um formado pela illuminação solar, outro pela reverberação do objecto illuminado, o conjuncto harmonico estará conseguido.

Roberto Mendes, mais do que qualquer outro dos nossos mestres da paizagem, anda por perto desse resultado, porque, em verdade, é elle o unico a procural-o. Já alcançou muito, O seu esforço é admiravel. Sobram-lhe, porém energias para ir até o fim.

Isto que, ao meu vêr, constitue o grande merito da sua exposição, é a parte infeliz della attendendo-se á cultura artistica dos nossos amadores, facilmente irritaveis nos seus inalteraveis gostos e habitos, com quanto eu lhes faça a justiça de os não considerar inferiores a outros, mais dinheirosos e vivendo em maiores centros de artes.

Mas, adquiridas ou não, essas soberbas tentativas constituem a sua gloria e será com ellas que o seu nome ha de sobresahir da vulgaridade com a inteireza solida do incontestavel.

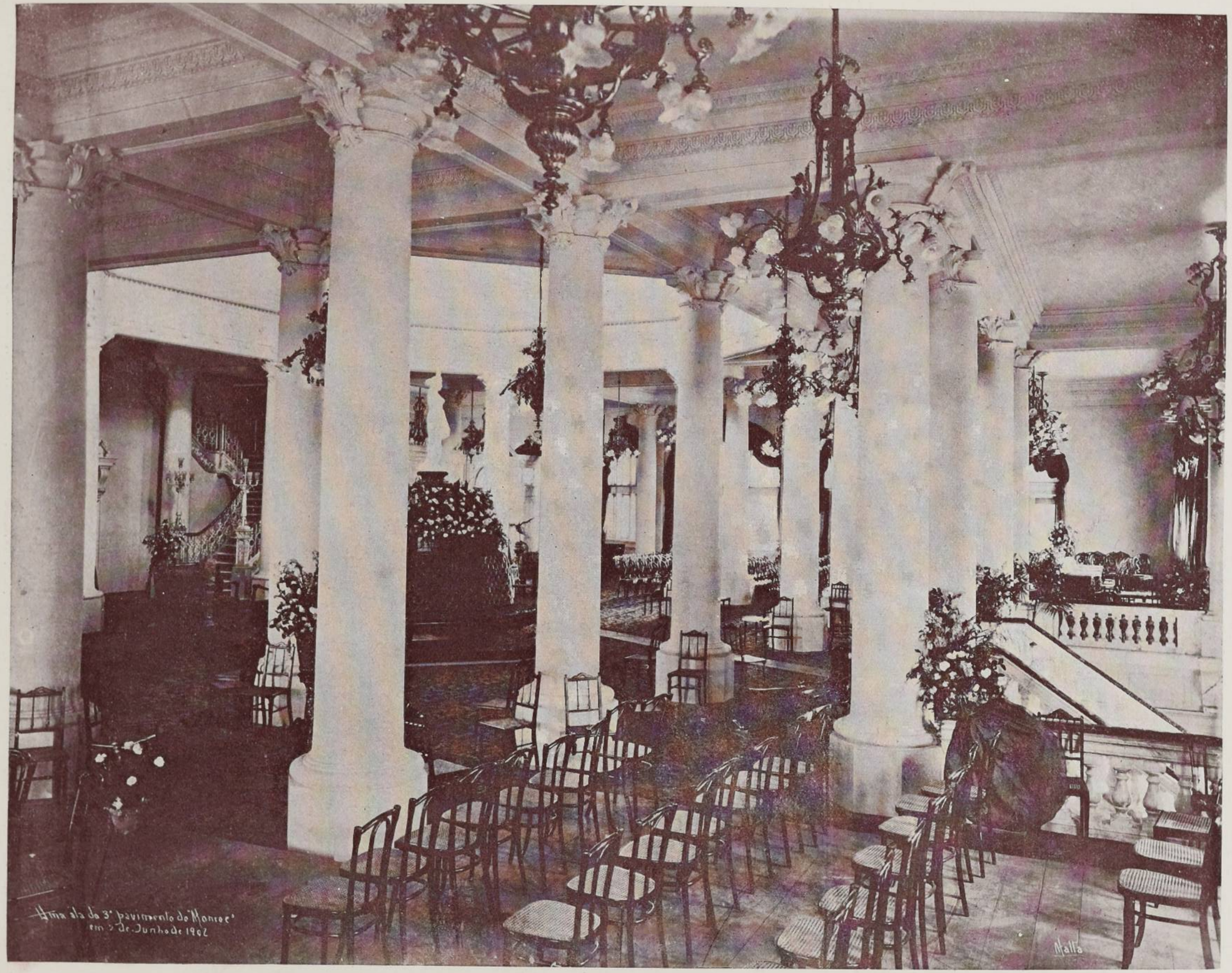
Junho de 1907.

GONZAGA DUQUE.

EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ--1904

MEDALHA DE OURO CONFERIDA Á «KOSMOS»

O PALACIO MONRÖE



ORNAMENTAÇÃO DO PALACIO PARA A FESTA DA DISTRIBUIÇÃO DAS MEDALHAS AOS EXPOSITORES

UMA ESTATUA

A mocidade academica do Recife, saudosa do Mestre que as ambições e os revezes partidarios sempre arredaram da cathedra, ora se congrega e se empenha, no afan de erigir cultualmente a estatua de Martins Junior, cujo nome foi a legenda e o santelmo, a esperança mais destacada e mais enganadora dos moços republicanos da legião nortista, quando veiu despertal-os do sonho da propaganda, mal definido e incerto, o clarim victorioso do 15 de Novembro.

Pernambuco está reivindicando em cinzas, na quietude fatalista da sua miseria, na sua apathica renuncia aos ideaes glorificados pelo verbo incendiario dos comicios, a flamma que elle viu oscillar, esmorecer, a pouco e pouco se extinguir, batida inexoravelmente de todas as rajadas e todos os rigores da sorte.

Nas linhas monumentaes do bronze ou do marmore não tenta agora o cinzel reconstituir o gesto e o feito de um heroe, destemeroso paladino da Justiça errando por entre as iniquidades e as vilezas humanas ou aguia real de conquistas e devastações memoraveis, nem se dispõe a relembrar o isolamento de um sabio que houvesse arrancado ao infinito mysterio das cousas e dos seres uma verdade nova, ou a clarividencia do legista a quem devesse um povo as taboas da sua lei, ou apenas o instante em que vibrasse com a luz e com ella fugisse a alma sonora de um bardo á flor das suas estancias. Dest'arte indagareis o que se vae, então, perpetuar de um golpe ou de um jacto, se attentardes acaso na cinzeladura ou na moldagem da estatua, na torrente dos metaes amalgamados e fundidos ou no ancioso retoque a supprimir imperfeições e arestas. E emquanto o bloco se adelgaça e transparece o contorno remordido pelo buril, toda aquella existencia de novo se corporisa em seu relevo de amargura, infunde a mesma piedade e se engolfa no mesmo sorvedouro, em sua predestinação irresistivel para a Desgraça, quebrados os sellos á urna funeraria onde murcham as corôas de violetas das sagrações tardias. O que se vae perpetuar, sabei-o, é o desalento, a agonia, o doloroso eclipse de uma figura acclamada, a principio, como a de um eleito para a notoriedade e a refulgencia dos successos mais offuscantes. Ainda uma vez mentiu o horoscopo, soletrado por milhares de boccas e recresceu com a desillusão de toda a gente o infortunio desse homem que falhou na vida politica, na vida litteraria, na propria vida intima. Em torno delle zuniram para logo, como frechas certeiras, os aleives e os remoques; silvaram os dichotes crueis; romperam as hostilidades da caricatura e do commentario... Os idolos não baqueiam na solidão, nem se amortalham no silencio, antes que a fereza collectiva, por se vingar da supremacia decahida, lhes deixe a purpura enlameada. Reavivar esse traço da psychologia das multidões é advertir caridosamente os que trazem aos pés, subjugada, a Chimera flammejante da popularidade.

Aos vinte e poucos annos poderia Martins apropriar-se da imagem de Stuart Mill, sem demasias de orgulho nem requintes de philaucia. Era com effeito um barco solidamente apparelhado para as viagens mais aventurosas, para os mais renhidos combates, á espera do sopro que lhe enfunasse as velas. Nas justas academicas, perante uma congregação rendida áquelle saber luzidio e juvenil, conquistara sem esforço a laurea de concursos em que, desbaratados um por um os oppositores, fulgurava o seu nome de vencedor e Unico sobre a má vontade, o preconceito, a caturrice e o dogmatismo inflexivel dos tradicionalistas. Rejeitava esse nome o governo imperial, temendo a propaganda a semear do alto da cathedra, na formosa dialectica do jurista quasi imberbe, os principios demolidores, as ideas subversivas—e toda a murmuração do escandalo se convertia para Martins num sussurro admirativo, a exalçal-o por sobre a intolerancia e a injustiça do throno vacillante. O throno ruiu, mas dessa ruina Martins não soube fazer o plintho do seu mando omnipotente, o aureo degráo da sua fortuna politica, a exemplo de Castilhos e de outros.

Ha glorias que se acantôam ou, melhor, se acastellam na muralha sagrada do Livro. São formas hieraticas de celebridade, *quæ tangi non possunt*, mesmo num rastejar, num requestar pressuroso de lisonja; são miraculosas flores espirituaes desabotando em pleno ether, no cimo de escarpas inaccessiveis, sobre despenhadeiros, avalanches, mares tempestuosos, e cujo pollen de oiro, trazido pelo vento das montanhas, faz logo reflorir o descampado que lavramos do amanhecer ao sol posto.

Nessa culminancia tanto se accommoda a perfeita magestade quanto o desespero das Musas illuminadas... Só atravez do fumo espesso e ondeante é que, rugindo na sua tripode, a Sibylla de face contorcida e olhos

desvairados braceja, ulula, decifra o enigma das vidas humanas. E a estrella annunciadora scintilla bem alto, lá onde não chegam o clamor e o tropel das nossas refregas, mesmo quando as estrellas nos guiam a outros destinos pelo caminho florido e suave das lendas.

Será porventura menos decisiva e efficiente a obra dos pensadores assim reclusos num ideal? Não o acrediteis. O solitario de Kœnisberg imprimiu nova direcção ás forças intellectuaes do Occidente e apenas sahia de casa ao entardecer, para dar o seu passeio habitual sob as frondes do jardim publico. As mais tumultuosas correntes que assoberbam a historia dos nossos dias, as correntes devastadoras que attingiram e deslocaram instituições archaicas, de base formidavel, projectando a sombra de costumes inveterados atravez dos seculos, remontam ao sereno trabalho de alguns philosophos, cuja existencia fluiu no isolamento e na meditação do seu gabinete. Nem revoam por aqui phantasias de chronista. A licção é de Gabriel Tarde, o sociologo consideravel do Instituto de França, homem de estatistica e de bôa doutrina, massiço constructor de theorias massiças.

A esse recolhimento, no qual sussurram as abelhas mais laboriosas e diligentes, estava fadado Martins por sua aristocracia de intelligencia e de caracter, fina reserva no trato, sensibilidade incompativel com as tendencias e expansões grosseiras da plebe. Mas não resistiu á volupia dos primeiros successos oratorios, e em vez de se fechar na concepção, nos segredos de estructura, no amoroso lavor de uma obra duravel, foi arengar como Demosthenes ás massas... Que é das suas orações, algumas dellas verdadeiramente admiraveis, desdobrando-se num largo estylo revolto e descriptivo, em que havia arremessos de escaladas titanicas, o estrondo e o embate de vagas ameaçadoras contra os penhascos, visões de prophecia e vozes de batalha, um faiscar de gladio rutilo e cortante acenando á Victoria, e a apotheóse final da Republica, sempre a mesma, sob a chuva de oiro das metaphoras candentes? Todas ellas se fundiram e se perderam no estrepito da vida urbana, em que tanta cousa sublime e tanta cousa graciosa se perdem. As turbas só amam o fogo artificial dos discursos emquanto se desenha, e estraleja, e rebrilha vistosamente nos ares. Mais do que elle dura a canção, ephemera como é, pois já ninguem recorda as apostrophes solemnes de Vergniaud e ainda ha corações que se alvoroçam, tristezas que se embalam á musica da—*Chantez, ma belle*! Sobretudo a cançoneta, repintada a carmim, de saiote a esvoaçar na luz das gambiarras, não trocaria a sua longevidade, comparavel somente á das cançonetistas, por essa hora de applauso e poeira da eloquencia das ruas. Ides agora exhumar a gloria ciceroniana, jámais embaciada e sempre diamantina entre as cinzas de uma lingua morta. Provavelmente nos entenderemos, quando reapparecerem na tribuna de um Senado as Catilinarias de Cicero. Quanto á eloquencia do pobre Martins, não raro caudalosa ou fulgurante, apenas deixou entre os ouvintes a lembrança vulgarisada numa phrase banal: «Como fallava bem aquelle rapaz!»

Sobre a actividade politica de Martins, a opinião dos homens sizudos que distribuem os empregos e elaboram os orçamentos generalisou-se em duas palavras: «Um desastrado...» Não foi elle talvez, outra cousa, ou antes as forças indefinidas mas innegaveis do Acaso nunca se combinaram tão perversamente, accumulando sobre alguem tamanhos desastres. Alphonse Daudet, o amavel psychologo a cada instante reeditado e relido, observa que a existencia mais venturosa, como tambem a mais obscura ou vergada ao peso dos males, terá sempre um minuto de alegria intima ou de evidencia triumphal, que é ao mesmo tempo a sua plenitude, o seu fastigio e o começo do seu declinio. Por duas ou tres vezes, Martins Junior conheceu na terra pernambucana a suprema vertigem das alturas sociaes, e quando o imaginavam mais aferrado ao leme da sua náo, elle se despenhava inexplicavelmente no ostracismo entre o gaudio explosivo e a surriada esfusiante dos adversarios. Enfeixou nas mãos todos os poderes; teve aos pés, rojando, quasi todas as influencias locaes, Porque lhe faltasse a disciplina da Vontade. a rigida e mascula disciplina moral dos espiritos organisadores, nada conseguiu disciplinar e submetter. Foi um dispersivo e foi um impulsivo, abandonando posições estrategicas, não apertado pelo assedio inimigo, ou ante o rude exterminio das suas fileiras, mas por ausencia de tacto nas relações officiaes, gestos de arrogancia e mostras de auctoritarismo inopportuno, descaso, irreflexão ou azedume de momento, nevrose fecunda em puerilidades e caprichos, teimas da sua indole obstinada num falso *point d'honneur* de que se arrependeria mais tarde.

Atravez das lettras juridicas, o seu talento não chegou a systematisar e construir, sobre os materiaes de uma erudição desaproveitada, a esfarellar-se toda em cousas de jornal, manifestos á terra de Frei Caneca, improvisos de esquina ou de varanda. Nem estadista, nem jurisconsulto, elle sossobrou por egual na Poesia, oceano em cujas agoas traiçoeiras

mergulham tantos genios votados ao esquecimento e á indifferença dos sublunares de amanhã. Quantos pescadores de perolas sobrenadam nesses mares, por onde a crespa e fina arborescencia dos coraes, a esgalhar-se mysteriosamente, não é senão um escolho para o navegante? Aquella tentativa de uma poesia scientifica esboçada por Martins nas *Visões de hoje* realisou apenas a figura criminal da tentativa por meios inidoneos, tão controvertida entre allemães e italianos: o instrumento não servia ao delicto...

Os ultimos annos dessa Vida angustiosa, desviada bruscamente do seu curso pela mobil mão da Fatalidade, que tudo impelle ou escreve e passa adeante, como no romance de Hall Caine, foram de exilio e de renuncia. Um grupo de amigos taciturnamente fieis, desses que ainda visitam os mortos queridos aos domingos; o lar destruido; uma grande aspiração desfeita, eis quanto restava das pompas sociaes de Martins.

Elle fugiu de vez á curiosidade exasperadora da turba que o havia out'rora deificado —e veiu occultar no Rio, com a tristeza da sobrecasaca poida, o erro do seu fracasso.

A provincia não arroja só á capital remodelada e sumptuosa a horda famelica dos invasores devorados pelas ambições de opulencia ou de successo. Vêm ahi, no exodo, os que preferem abysmar-se neste sorvedouro a tragar caladamente na sua terriola as duras humilhações da ascendencia perdida; vêm os despeitos recalcados no silencio em que refervem odios: vêm o credito fallido na voragem das transacções aleatorias e a honra dilacerada numa publicidade affrontosa; vêm a loucura a emergir do fundo insondavel dos carceres e a melancholia dos sonhos extinctos, os farrapos da virtude conjugal e o desespero do esforço impotente ou do orgulho abatido. Essas figuras espectraes ou burlescas passam: deixae-as passar na sua magua. Vivem: deixae-as viver na sua penuria. Logar aos que chegam mutilados assim pelo Destino!

Martins viveu e passou atravez da cidade na mesma legião de anonymos soffredores... la portas afóra, sem rumo, abstracto e acurvado na treva, a exhalar numa confidencia ou num soliloquio de noctambulo, as decepções do seu grande talento incomprehendido, as amarguras da sua alma desbordante de fel. A Morte cerrou-lhe emfim os olhos, piedosamente, com os longos dedos magneticos e seraphicos, tal como a idealisava a musa de Beaudelaire. Então as gazetas lembraram o que se perdera naquelle estertor de moribundo, o que se esvaira na fuga daquella sombra— e a mocidade das escolas, reivindicando afinal o despojo, envolveu numa onda de prantos e de rosas o corpo fragil do Mestre.

Querem agora perpetuar esse nome e essa Dor no marmore ou no bronze. A victoria de Martins foi na realidade uma Victoria deformada, evocando assim as que surprehendemos, ao retinir do alvião, no desaterro das cidades antigas, mas nem só aos triumphadores ha de servir e honrar o cinzel, instrumento soberano das consagrações em alto ou baixo relevo. Sobre os immensos escombros da lenda pernambucana é justo que vejamos altear-se a melancholica estatua desse Vencido.

CELSO VIEIRA.

Patriarchas Invisiveis

FOI no meio de uma associação secreta que primeiro se cogitou de trabalhar para a independencia do Brasil. Foi ainda uma sociedade secreta que manteve o predominio dos Andradas no governo.

Aquella foi destruida por José Bonifacio —a Maçonaria.

A outra, instituida por elle — o Apostolado —quebrou se ás ferreas mãos de Pedro 1º — quando a solicitações de Domitilla, demittido o ministerio converteu-se em um fóco de conspirações contra o throno.

Durante o periodo do primeiro imperio e depois, na Regencia essas associações — todas de fins politicos, se espalharam por todas as provincias, constituindo centros mais ou menos poderosos que diversa influencia tiveram nos destinos do Brasil.

Os movimentos subversivos que aqui e ali appareciam tinham a sua origemn o meio dessas associações que congregavam em seu seio gente de todas as facções, exaltados animos que não trepidavam recorrer á violencia para a victoria dos seus ideaes.

Os documentos existentes em nossos archivos, muitos já publicados comprovam o papel assumido pela Maçonaria nos movimentos de 1817, 1821 e 1824 em Pernambuco e 1822 no Rio; pelo Apostolado em 1824; pelo Club Maiorista, Sociedade Militar etc. em differentes occasiões.

As revoltas que em 1842 se deram nas provincias de S. Paulo e Minas, foram tramadas no Rio de Janeiro, no seio de uma Sociedade Secreta que tinha por titulo — Patriarchas Invisiveis, installada em 15 de Abril daquelle anno, e que funcionava nas casas do senador José Bento Ferreira de Mello, Dr. José Pinheiro Guimarães e outros.

Vigilante o governo poude colher nas malhas de um inquerito varios dos associados processando-os e extinguindo por essa forma a sociedade.

Os estatutos dos Patriarchas que existem em manuscripto na Bibliotheca Nacional nos mostram quaes os seus fins, modo de angariar adeptos e forma da administração.

Diz o art. 1º:

«A associação é secreta e invisivel e tem por fim sustentar a independencia e a liberdade constitucional *por todos os meios que a razão e a necessidade aconselharem*,»

E' curioso o art. 2º:

«Haverão reuniões sob o nome de conselho, sem numero determinado de socios; cada um destes socios se chamará pai porque deve gerar até cinco filhos, cada um destes filhos gerará por seu turno outros cinco filhos e assim por deante.

Nenhum filho-poderá conhecer seus irmãos mas sómentc o pai que o gerou e a sua propria descendencia.»

Na entrada de um novo socio o presidente entregando-lhe um numero pelo qual seria conhecido dizia-lhe:

«Uma mão invisivel se enternecerá por vós em todos os vossos trabalhos e necessidades que forem dignos da attenção da Sociedade. Sêde fiel ou tremei, por isso que é invisivel essa mesma mão que vos quer fazer o bem. A associação em que entrastes é de todo o Brasil tendo vós por irmão todos os cidadãos honrados e verdadeiros amigos da terra em que nasceram.»

A associação tinha em cada provincia um Conselho Patriarchal constituido por 5 a 19 membros.

Nas cidades e villas formavam-se Circulos Patriarchaes designados por letras do alphabeto.

No Rio de Janeiro tinha séde o Conselho Patriarchal Central, cujo fim era corresponder se com os Conselhos provinciaes dando direcção á Sociedade.

Para pertencer á Associação eram requisitos indispensaveis: «moralidade, intelligencia, força d'alma, discreção, sincero affecto ás instituições livres do Brasil e á sua independencia, e capacidade de sacrificar-se pela causa publica.,

Os direitos consistiam «na protecção prestada pela sociedade mórmente em apertos politicos, eleições e demandas.»

Os deveres «guardar escrupulosamente sua promessa, velando attentamente na conducta do governo e na de seus empregados, avisar de tudo ao seu conselho ou circulo; prestar á sociedade o auxilio ou serviço que ella exigir e estiver ao seu alcance; cumprir sem hesitar o que por ella lhe fôr ordenado e finalmente conservar o symbolo na maior guarda e segredo.

Entre as pessoas que frequentavam a casa do senador José Bento Leite Ferreira de Mello observadas pela policia notam-se no summario: Limpo de Abreu, Salles Torres Homem, João e José Pinheiro Guimarães, Antonio de Saldanha da Gama, Theophilo Ottoni, Chichorro da Gama, José Martiniano de Alencar Costa Ferreira, Castro Roso e outros muitos.'

O processo foi iniciado no juizo municipal da 2ª vara pelo Dr. Bernardo Augusto Nascimento de Azambuja, em vista de um officio do chefe de policia Euzebio de Queiroz, dando conta dos factos observados, acompanhado de varios documentos.

Pelo juiz summariante foram pronunciados os seguintes cidadãos: Dr. Francisco de Salles

Torres Homem, senadores José Bento e José Martiniano de Alencar, conselheiro Limpo de Abreu, conego Geraldo Leite Bastos, Tristão Ramos da Silva, José Francisco Guimarães, Elizeu de Azeredo Coutinho, Gabriel Getulio de Mendonça, Francisco Alves de Castro Roso, Theophilo Ottoni membros do Conselho Central dos Patriarchas Invisiveis, e Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça, tido como dos mais influentes membros da Associação, em 17 de Setembro de 1842.

Do despacho de pronuncia, já publicado no «Brasil Historico», se evidencia a participação dos Patriarchas nos movimentos de Minas e São Paulo, enviando armas por intermedio do Patriarcha Tristão Ramos da Silva negociante de ferragens, offerecendo cargos politicos de importancia com o fim de angariar adeptos, promovendo emfim o levantamento de rebeldes em differentes pontos das duas provincias, ao mesmo tempo que na Côrte espalhavam os mais aterradores boatos.

Com o processo dos revoltosos de São Paulo e Minas e subsequente amnistia, desappareceu essa Associação que só deixou recordações nas paginas do volumoso processo a que deu causa.

1907

MARIO BHERING

ETERNA

Intérmino que fosse o caminho da Vida
E eterno o caminhar do nosso passo incerto,
Fosse na Estrada larga, ou fosse no Deserto,
Sem Lar, sem Paz, sem Pão, sem Sol e sem Guarida;

Intérmina que fosse a Estrada percorrida
Sob um Céo todo azul, ou de nuvens coberto,
E o Repouso fatal nunca estivesse perto
E a Distancia final nunca fosse vencida;

Que, vencendo ao caminho as urzes e os escólhos,
As lutas, o pavor e o cançaço do dia,
A fraqueza do passo e a tristeza dos olhos,

Meu pobre coração, nessa eterna anciedade,
Desse eterno viver, eterno arrastaria,
Esta triste, esta longa, esta eterna Saudade.

MARIO PEDERNEIRAS.

O pintor das Virgens

NESTE lindo mez de Maio, que tão lindamente vae deslisando por entre vicejamentos de veigas, maciez de azues celestes e caricias de brisas, até o momento em que traçamos estas notas, neste lindo mez em que a egreja catholica faz a sua festa da Virgem, não será desproposito escrever sobre o pintor das *Madonnas*.

Não ha no mundo civilisado quem o não conheça de nome, diremos mais, quem não conheça uma das suas Virgens Santas, que o celebrisaram, postoquê a sua grande arte, o

(Auto retrato de Raphael)

seu consagrado merecimento artistico esteja nas bellissimas decorações de S. Pedro de Roma, na egreja de Valle de Pace, nos retratos, nas composições do ultimo periodo da sua feliz e curta existencia, porque elle teve a felicidade de morrer moço e consagrado.

Foi aos desenove annos, em Perusa, quando ainda estava na officina do Perugino, que Raphael pintou a primeira virgem, conhecida por *Madonna Solly*. «E' uma obra timida, diz-nos Eugenio Muntz, concebida na mais pura tradição da escola de Perusa. A Virgem (representada a meio corpo e tendo um livro á mão) nada tem de notavel; offerece-nos um typo absolutamente convencional (nota-se-lhe particularmente a pequenez da bocca) e um costume que o não é menor: o vestido vermelho, o manto azul, da praxe pinturesca.»

Algum tempo depois, em 1503, uma dama, das mais ricas familias da Perusa, chamada Magdalena degli Oddi, encarregou o joven artista de pintar para a egreja de S. Francisco, daquella cidade, uma *Coroação da Virgem*.

Foi com esse painel que o famoso filho da velha Urbino começou a sua obra, libertando-se da timidez com que se estréou. Conta-nos o seu biographo A. Gruyer que elle empenhou todas as suas forças no conseguimento daquelle trabalho.

Infelizmente para elle, não era possivel obter um *modelo aristocratico*, que lhe desse toda a delicadeza de pelle, toda a harmonia das proporções sonhadas para a composição desse typo. Os seus desenove annos difficultavam-no arranjar um modelo dessa classe. Então, para chegar ao resultado desejado, teve de se utilisar dos seus camaradas, adolescentes como elle, que se prestavam a *posar* para os estudos do quadro.

E' ainda o referido Sr. Gruyer quem nos conta a este respeito: Esses dois adolescentes de rostos imberbes e suaves, em vestes de atelier, calções e camisetas collantes, que não deixam perder nada das fórmas elegantes da

Raphael, aos desenove annos, impossibilitado de arranjar um modelo que lhe convivesse, utilisou-se dos seus camaradas para os seus necessarios estudos. (Museu Wicar, em Lille).

extrema mocidade, se prestam com tanta boa vontade quanto intelligencia ao serviço que o artista lhes pedia. Não unicamente seus gestos são ingenuos e precisos, mas tambem seus traços teem alguma cousa de religião e fervor.

O que devia figurar de Virgem se inclina deante do outro, um pouco menos talvez do que foi feito no quadro; a sua cabeça está muito de frente, mas os braços estão collocados como devem estar, as mãos estão postas com o respeito que se exigiria, as pernas conservam, sobre o pannejamento do manto no painel, o movimento que estas aqui teem, da mesma forma os pés, que ficavam núa na imagem ideal.»

Raphael denotava com isso o seu interesse pelo estudo do natural, e a sua paixão pela copia do que via era tal que não desdenhava de copiar os mais humildes productos da Natureza. Tinha como os primitivos o culto da reprodução das formas, e como elles o fervor da crença, a ingenuidade que lhe davam os verdes annos de uma adolescencia vigiada em familia.

Devido a isso, talvez, é que os typos das suas Virgens desse tempo guardam uma apparencia primitiva.

A sua viagem a Florença, quando ahi reinavam na arte, com o esplendor dos seus talentos, Leonardo da Vinci e Miguel Angelo, modificou-lhe a indole pela influencia do meio e mudou-lhe a feição artistica. Ao principio Chirlandajo preoccupou-o, depois foi Filippo Lipi e depois mestre Leonardo, a quem Raphael se afeiçoou de tal sorte deslumbrado pelo saber do grande artista que procurou imital-o servilmente.

As rivalidades entre os artistas desse tempo, a carestia da vida em Florença e o fausto da sua riqueza, levaram-no a procurar a amisade de Bartholomeu della Porta, um pintor enthusiasta por Lavonarolla, que após a quéda do reaccionario, foi viver obscuramente n'um convento, desilludido e cansado.

Esse foi o grande amigo de Raphael em Florença e, é de crêr, que á influencia da sua amisade devesse o Lanzio o ter-se libertado do enorme prestigio de Leonardo, prestigio que ia prejudicando a sua individualidade.

Florença era então, na feliz phrase de G. Carotti—*il gran centro solare dell'arte italiana del quattrocento.*—e ahi rebellava-se contra o classismo de Giotto e Fra Angelico, com o apoio dos mais ricos e cultos amadores das bellas-artes. Raphael sentia esse sopro rebellionario, mas a sua natureza contemplativa não o deixou participar das idéas dos rebelles, levou-o á innovação, procurando na plastica grega o typo que a sua sentimentalidade desejava.

A pouco e pouco a sua obra começa a surgir, a se inculcar, a se impôr. Por emquanto ainda se lhe notam retornos, que lembram o Pinturicchio e o proprio Leonardo; mas, em 1504, a *Madonna Conestabile* veio affirmar o vigor do seu individualismo, acompanhada pouco tempo depois, pela *Madonna de lord' Cowper*, tambem chamada *Madonna da casa Nicolini.*

Segundo W. Bürger o que mais se recommenda nesse quadro é o «modelado do menino cuja cabeça, sobretudo, é extraordinaria. A santa alegria que illumina seu rosto é communicativa, nada tem de mysterioso e sobrehumano.» Sem duvida que a representação do menino Jesus, por esse forte e alegre typo de *bambino* tem grande importancia, quer considerada a época da sua feitura, quer a alegria que elle communica ao quadro; mas, o typo da Virgem ali tem uma tranquillidade humana, o quer que seja de confiante e feliz, verdadeiramente contrastavel com a interpretação da maioria dos artistas anteriores.

MADONNA LORD COWPER castello de Panshanger, perto de Hetford

Com a Virgem do Prado, Raphael vence todas as difficuldades, a custa de dedicação e esforço.

Escreve Müntz: *Mais quelle beauté accom-*

plie de la figure de la Vierge! Comment décrire cette physionomie à la fois douce et fière, le galbe de ces épaules que la robe laisse à découvert, l'élégance de ces mains souples et effilées! Raphael a dérobé ici à Léonard le secret de la grace.

Já por esse tempo Raphael comprehendera que o segredo do successo estava no esforço empregado. Ouçamos ainda o mesmo auctorisado escriptor, dos mais notaveis em taes assumptos e reconhecidamente imparcial:

«*Nulle trace d'éffort dans la* MADONE AU CHARBONNERET, *et cependant l'artiste a longuement cherché le groupement, que nous paraît si élégant, si facile. Une demi-douzaine de dessins nous montrent les phases par lesquelles la composition a passé avant d'aboutir au tableau..... Les idées que Raphael jette sur le papier paraissent parfaites du premier coup, mais le maitre, et voilà ce qui fait sa grandeur, cherche, cherche toujours.*»

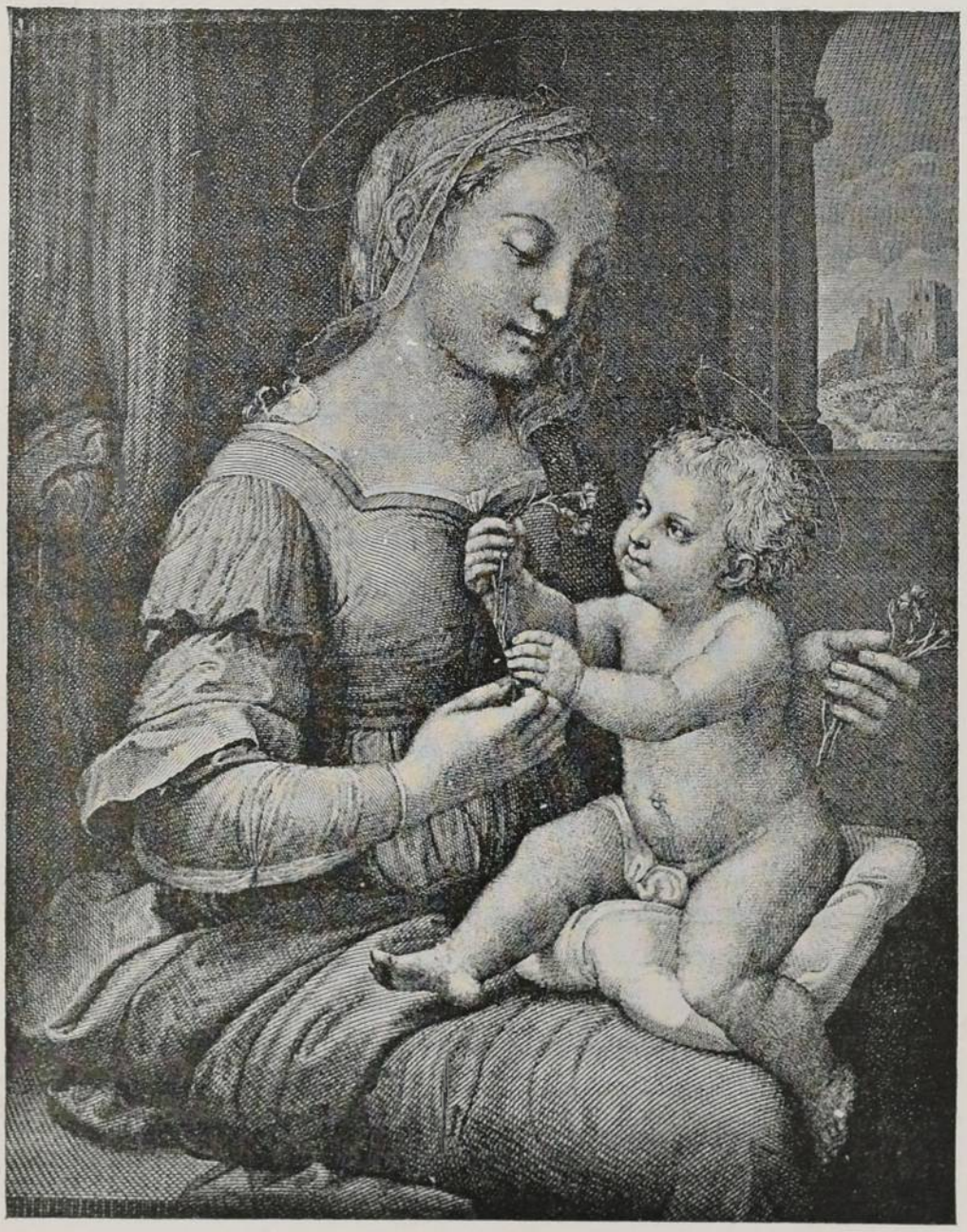
Com esse processo a sua téchnica ia se avantajando a dos seus ardentes emulos e a sua individualidade accentuando-se de vez a mais. As suas *madonnas* libertavam-se das recordações dos mestres, dos principios theologicos e da rotina dos pintores mysticos. Não é mais a fria imagem da mulher santa, tão fria que chegava a parecer insexualisada, desprendida dos cuidados maternos. Agora, é a mãe carinhosa que elle pinta, a mãe moça e feliz por se rever no sadio filhinho bem amado, uma Virgem Mãe por elle creada, cujo typo exprime o amor, a graça, a maternidade n'um admiravel conjuncto que é a união da belleza antiga com o sentimento do christianismo, ou a conciliação da belleza plastica com a pureza moral, no dizer de Louis e René Ménard.

E' isso o que vemos na Virgem dos Cravos nessa formosa e risonha *Vierge à l'œillet*, cujo original se perdeu, na Virgem de Estarazy e em todas as demais madonnas que sahiram dos seus maravilhosos pinceis.

Em 1508 Raphael entrava em Roma. Julio II encommendára a Bramante a reedificação de S. Pedro, a Miguel Angelo o mausuléo papal e o tecto da Capella Sextina, a Raphael a decoração do palacio apostolico. Não é, porem, nosso intuito falar da sua carreira artistica, mas unicamente das suas pinturas da Virgem; por isso deixemol-o compondo a parte mais extraordinaria da sua obra immortal, essa estupenda decoração que o mundo admira é uma das glorias da genealidade italiana. Vejamol-o nos seus quadros de *madonnas*.

Diz G. Carotti: *Raffaello, nonostante la varietá dei soggetti e dei generi di pittura che trattava, ritornava sempre con vero compiacimento, con vera passione, ai temi religiosi e particolarmente alle Madonne.*»

Assim é que, de 1508 a 1520, pintou nada menos de dez Virgens, entre as quaes se destacam as formosas *Madonna della seggiola* e a *del diadema*, o ultimo gráo attingivel da



VIRGE A L OILLET
(Original perdido) copia de uma gravura tirada da obra de Muntz: Raphael, sa vie, son œuvre et son temps.

belleza feminina sob o resplendor da pureza.

«*Il était réservé à Raphael*, escreveu Arsène Houssaye, *d'accomplir la Madonne, effleurée ou ebauchée seulement jusqu'a lui, d'accorder en elle les sublimités religieuses du catholicisme aux plus parfaites harmonies de la beauté physique, et de la faire planer, en quelque sorte, dans une assomption pondérée, à egale distance du ciel et de la terre, d'un idéal trop mystique ou d'une réalité trop vulgaire.*»

Não obstante a enorme lista de suas Virgens, não ha duas que se pareçam, affirma o Sr. Muntz, tal a variedade de seus typos, da sua composição e das expressões que traduzem. E reunindo este facto á pureza do seu desenho, á rigorosa harmonia da sua composição, á intensidade serena do seu colorido, temos nelle o mais completo pintor da Renascença. Mas, para o publico, elle foi e será sempre o *Pintor das Virgens*.

A titulo de curiosidade aqui damos a enumeração das *Madonnas* deixadas pelo fundador da escola romana, o inexcedivel pintor da Fornarina.

De 1500 a 1504: *Madonna col Bambino*, *Madonna Lolly* a *Conestabile*.

De 1505 a 1508: *Madonna del Gran Duca*, a *di casa Tempi*, a *Corsper*, a *di casa d'Orleans*, a *Ansidei*, a *di S. Antonio*, a *Terranova*, a *Diotalevi*, a *del prato*, *La belle jardinière*, a *del Cordellino*, a *Canigiani*, a *dell'agnello*, a *Bridgewater*, a *Colonna*, a *dell'Eremitaggio*, a *della palma*, a *Esterhozy*, a *del Baldacchino*.

VIERGE A LA CHAISE
Estudo para a Santa Familia de Francisco I.

De 1509 a 1520: *Madonna di casa d'Alba* a *Aldobrandini*, a *Rogers*, a *del diadema*, a *di Foligno*, a *del divin amore*, a *del seggiola* a *del pecce*, a *del candelabri*, e a *di S. Sisto*. Sem contarmos os quadros da Santa Familia e outros assumptos religiosos.

Maio de 1907.

AMERICO FLUMINENSE.

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 4 D'ESTE ANNO)

CAPITULO V

A respiração nos carangueijos terrestres

ENTRE os numerosos factos da historia natural dos crustaceos, sobre os quaes a theoria de Darwin projecta uma nova e viva luz, além das duas formas de machos no nosso *Tanais* e em *Orchestia darwinii*, ha um que me parece de particular importancia, á saber, o caracter da cavidade branchial dos carangueijos aerobios, dos quaes, infelizmente, eu não pude investigar alguns dos mais notaveis (*Gecarcinus*, *Ranina)*. Como este caracter, isto é, a existencia de uma entrada postero-branchial, tem sido attribuido até aqui, como um facto, sómente á *Ranina*, eu me espraiarei sobre elle, um tanto detalhadamente. Já mencionei que, tal como na verdade é necessario á theoria de Darwin, este orificio de entrada é produzido de diversos modos, nas familias differentes.

No carangueijo—Rã (*Ranina*) do Oceano Indico, que, segundo Rumphius, gosta de trepar ao tecto das casas, o orificio anterior falta completamente segundo Milne-Edwards, e a entrada de um canal que se abre para dentro das partes ultimas da cavidade branchial, está situada debaixo do inicio do abdomen.

O caso é o mais simples em alguns dos Grapsoideos, como em *Aratus pisonii*. um encantador, vivo carangueijo que trepa sobre os ramos do mangue (*Rizophora*) e róe as suas folhas. Por meio das suas curtas mas notavelmente agudas garras, que ferem como alfinetes, quando elle corre sobre as mãos, este carangueijo trepa, com a maior agilidade, sobre os mais delgados sarmentos. Uma vez, tendo eu um destes animaes pousado sobre a minha mão, observei que elle levantava a parte posterior da carapaça; e que assim abria uma larga fenda em cada lado, acima do ultimo par de patas, pela qual eu podia ver longe, dentro da cavidade branchial. Depois eu não pude obter uma outra vez este notavel animal, mas, em compensação, repeti frequentemente a mesma observação sobre um outro da mesma familia (apparentemente um verdadeiro *Grapsus*), que vive em abundancia sobre as rochas da nossa costa. Emquanto a parte posterior da carapaça se eleva formando a supra-mencionada fenda, a parte anterior parece afundar e, estreitar ou impedir o orificio anterior de entrada. Debaixo d'agua nunca se dá a elevação da carapaça. Por isso o animal abre a sua cavidade branchial, pela frente ou por traz, conforme tenha de respirar n'agua ou no ar. Como se effectua a elevação da carapaça eu não o sei, porém, creio que um sacco membranoso, que se projecta da cavidade somatica, muito além, pela cavidade branchial, por debaixo da parte posterior da carapaça, enfuna pela impulsão dos fluidos do corpo, produsindo com isso a elevação.

Tambem observei a mesma elevação da carapaça em algumas especies dos generos alliados, *Sesarma* e *Cyclograpsus*, que cavam profundos buracos na terra dos pantanos e frequentemente passeiam sobre a lama humida, ou estacionam, como se estivessem montando guarda, á entrada das suas tócas. Deve-se, entretanto, esperar muito com estes animaes, quando retirados d'agua, antes que abram ao ar a sua cavidade branchial; porque elles possuem um admiravel mechanismo, por meio do qual podem continuar a respirar n'agua por algum tempo, quando fóra d'esse meio.

Os orificios para a sahida da agua que servio á respiração, acham-se situados, n'estes, como em muitos carangueijos, nos angulos anteriores da armadura oral («cadre buccal», M. Edw.), emquanto que as fendas de entrada da cavidade branchial, se projectam dos seus angulos posteriores para cima do primeiro par de patas. Agora, essa porção da carapaça que se projecta aos lados da bocca, entre os dous orificios (»regiões pterygostomianas»), parece, nos nossos animaes, ser dividida em pequenos compartimentos quadrados. Milne Edwards já salientou esse facto como uma peculiaridade particularmente notavel. Esta apparencia é produzida, parcialmente, por pequenas elevações tuberculares e parcial e especialmente, por curiosos pellos geniculados, os quaes, até certa extensão, constituem uma fina rede ou peneira de pellos, estendida immediatamente na superficie da carapaça. Assim, quando uma golfada d'agua escapa da cavidade branchial, immediatamente se diffunde n'essa reticulação de pellos e, então, é de novo reconduzida á cavidade branchial, pelos movimentos vigorosos do appendice do maxillipede externo, que funcciona na fenda de entrada. Emquanto a agua escôa desse modo sobre a carapaça, sob a forma d'uma delgada toalha, se satura tambem de oxygeneo e, pode então servir, outra vez, aos fins da respiração.

Afim de completar este arranjo os maxillipedes externos, como na verdade já é sabido de ha muito, supportam uma carena proeminente, provida de uma densa franja de cabellos, a qual começa na frente, proximo á linha

mediana e passa para traz e para fóra, seguindo até o angulo externo da armação oral. Assim, as duas rugas da direita e da esquerda formam, juntas, um triangulo com o vertice virado para frente,—um quebra mar pelo qual a agua fluente da cavidade branchial é affastada da bocca e, reconduzida áquella cavidade.

Em atmosphera muito humida, a provisão d'agua contida na cavidade branchial póde durar horas e, só depois que ella foi gasta, o animal eleva a carapaça, afim de permittir que o ar tenha accesso ás suas branchias, pela parte posterior.

Em *Eriphia gonagra*, os orificios de entrada da cavidade respiratoria que servem para a respiração aerea, são situados, não, como nos *Grapsoidæ*, acima, porém atraz do ultimo par de patas, nos lados do abdomen.

FIG. 12—Entrada posterior da cavidade branchial de *Ocypoda rhombea*. Fab., em tamanho natural; a carapuça e a quarta parte do lado direito foram retirados.

Os celeripedes Espia-Marés (*Ocypoda*) são animaes exclusivamente terrestres, e apenas resistem por um dia na agua; em um periodo muito mais curto, occorre-lhe um estado de relaxamento completo e cessam todos os seus movimentos voluntarios. (1) N'estes, um mechanismo peculiar nas patas do 3º e 4º pares (fig. 12), é de ha muito conhecido, comquanto, a sua connexão com a cavidade branchial, não tenha sido suspeitada. Estes dous pares de patas, são mais estreitamente proximos do que os restantes; as superficies oppostas das suas juntas basilares (portanto a face posterior do 3º e, a anterior do 4º par) são lisas e polidas, e suas margens supportam denso debrum de pellos longos, sedosos e peculiarmente constituidos (fig. 13). Milne Edwards que, perfeitamente, compara estas superficies, quanto á sua apparencia, com as superficies articulares, pensa que ellas servem para diminuir a fricção entre as duas patas. Considerando esta interpretação, o problema não podia deixar de interjectar, porque tal dispositivo para minorar a fricção seria necessario á estes carangueijos especiaes e entre estas duas patas, deixando fóra de consideração o facto de que as notaveis escovas de pellos, as quaes, ao contrario, de vem augmentar essa fricção, tambem ficariam inexplicaveis. Porém, estando eu mexendo com as patas de um grande Espia-Maré, para lá e para cá, em varias direcções, afim de ver em que movimentos do animal, teria logar a fricção no ponto indicado e, se estes poderiam, talvez, ser movimentos de particular importancia para elle e como isto se daria, notei, quando esticava as ditas patas, separando-as grandemente, na cavidade entre ellas, um orificio redondo, de consideravel tamanho, pelo qual não só o ar poderia facilmente introduzir-se na cavidade branchial, como por elle poderia ser passada uma vara de pequenas dimensões. O orificio se abre na cavidade branchial por traz d'um lobo conico, que fica acima da terceira pata no logar d'uma branchia ausente nos *Ocypoda*. Elle é limitado lateralmente por cristas, que se elevam acima da articulação das patas, e ás quaes se applica a margem inferior da carapaça.

FIG. 13—Pontas de alguns dos pellos da junta basilar da pata, augmentadas de 45 decimetros.

Exteriormente, tambem, ella é recoberta por essas cristas, com excepção de uma estreita fenda. Esta é sobrepujada pela carapaça que, exactamente n'esta parte se projecta mais para baixo do que em qualquer outra; e assim fica formado um tubo completo. Emquanto em *Grapsus* a agua só consegue chegar ás branchias pela frente, em *Ocypoda* eu a vi ahi chegar pelo orificio agora descripto.

Na posição do orificio de entrada posterior e concomitantes peculiaridades do 3º e 4º pares de patas, duas outras especies não aquaticas da mesma familia, que eu tive a opportunidade de examinar, se assemelham á *Ocypoda*. Uma d'ellas, talvez, *Gelasimus vocans* que vive nos bréjos dos mangaes, e que guarnece a entrada da sua tóca com uma espessa chaminé cylindrica, de muitas pollegadas de altura, tem as escovas das juntas basilares das patas em questão, compostas de pellos ordinarios. A outra, — um *Gelasimus* menor, não descripto na « Historia Natural dos Crustaceos» de Milne Edwards e que, prefere logares mais seccos, não receiando correr na areia ardente, sob os raios verticaes do sol de meio dia, em Dezembro; e póde tambem supportar a immersão n'agua, ao menos por muitas semanas, — assemelha-se á *Ocypoda* em ter essas

(1) Como isto não era observado no mar, porém, n'um vaso de vidros contendo agua do mar, poder-se-hia suppor que os animaes se tornassem exhauridos e morressem não porque estivessem debaixo d'agua mas porque tivessem gasto todo o oxygeneo que ella continha. Por isso, eu puz dentro da mesma agua, da qual acabava de retirar um inerte *Ocypoda*, já com as pernas mollemente penduradas, um especimen de *Lupea diacantha* que fôra reduzida ao mesmo estado por ter sido mantido ao ar, e esta restabeleceu-se n'agua do mesmo modo que o *Ocypoda* no ar.

escovas compostas de delicados pellos não setiformes, realmente mais delicados e mais regularmente construidos do que em *Ocypoda* (1). Qual seja a significação d'estes pellos peculiares, — se elles sómente afastam corpos extranhos da cavidade branchial, — se fornecem humidade ao ar que passa por elles, — ou se, pois que o seu aspecto, especialmente no *Gelasimus* pequeno, lembra um dos filamentos olfactivos dos Carangueijos, elles podem tambem exercer semelhantes funcções, — são problemas, cuja devida discussão, nos conduzirá demasiadamente longe do nosso assumpto. Contudo, deve se notar que, em ambas as especies, particularmente em *Ocypoda*, os filamentos olfactivos, na sua séde ordinaria, são muitos reduzidos e, quand n'agua, os seus flagellos jámais executam os peculiares movimentos oscillatorios que podem ser observados n'outros carangueijos e, mesmo, no *Gelasimus* maior; além disso, os orgãos do olfacto devem, provavelmente, ser vistos nos carangueijos que respiram o ar, como nos Vertebrados que respiram o ar, na entrada da cavidade respiratoria.

Basta para os factos que se referem á respiração aerea dos carangueijos. Já foi indicado porque a theoria de Darwin requer que quando quaesquer mechanismos peculiares existam para a respiração aerea, estes sejam differentemente construidos nas familias differentes. Que a experiencia esteja de perfeito accordo com esta exigencia, é um facto maximo em favor de Darwin, porque os escolasticos, não podendo prever ou explicar tão profundas differenças, devem, antes, consideral-as como extraordinariamente surprehendentes. Se, nas familias estreitamente alliadas, Ocypodidae e Grapsoidae, a mais estricta semelhança prevalece em todas as condições essenciaes de sua estructura; se o mesmo plano de estructura é servilmente seguido em todas as outras cousas, nos orgãos dos sentidos, na articulação dos membros, em cada trabecula e tufo villoso, na complicada armação do estomago e, em todos os arranjos subservientes á respiração aquatica, mesmo até nos pellos dos flagellos empregados no asseio das branchias, — porque é que temos, de repente, esta excepção, esta differença completa, concernente á respiração aerea?

Os escolasticos apenas terão uma resposta para este problema, a não ser que se colloquem sobre a base theologica-teleogica, que justamente cahio em desconceito para nós; e segundo a qual o modo de producção de um mechanismo, é supposto explicado, se a sua «adaptação» ao animal póde ser demonstrada. D'este ponto de vista, podemos certamente dizer, que uma fenda amplamente aberta, que nada possuia de prejudicial para *Aratus pisonii* entre as folhas dos ramos do mangue, não éra conveniente aos *Oycpodas*, vivendo na areia; que no ultimo, a fim de prevenir a penetração da areia, o orificio da cavidade branchial devesse ser collocado na sua parte infima, dirigida para baixo e, occulta entre largas superficies debruadas de protectoras escovas de cabello. Está longe da intenção d'estas paginas entrar n'uma refutação geral á esta theoria da adaptação. Realmente, pouco ha de essencial á acrescentar ás muitas e admiraveis observações que foram feitas sobre este assumpto, desde o tempo de Spinosa. Mas, note-se que eu considero como um dos mais importantes serviços da theoria Darwinista, o ter ella excluido estas considerações de utilidade, que ainda permanecem incontestaveis no dominio da vida, da sua supremacia mystica. No caso presente, basta referir ao Gelasimo dos pantanos do mangue, que, partilha as mesmas condições de vida de varios Grapsoideos e, no entanto, á elles não se assemelha, mas sim aos areniculas Ocypodas.

(1) Este *Gelasimus* menor é tambem notavel porque a mudança Chameleiforme das côres, exhibida por muitos carangueijos, é muito frisante n'elle. A carapaça de um macho que eu tenho agora deante de mim tinha a parte posterior brilhando de um branco deslumbrante, cinco minutos depois de eu tel-o capturado; e presentemente mostra, na mesma região uma tinta cinzenta escura.

CAPITULO VI

Estructura do coração nos Edriophthalmos

Apenas menos frisante do que exemplo dos carangueijos que respiram o ar, é a conducta do coração no grande grupo dos Edriophthalmos que, pode vantajosamente ser dividido, segundo o exemplo de Dana e Spence Bate, sômente em duas ordens, — os Amphipodes e os Isopodes.

Nos Amphipodes. aos quaes os naturalistas supra mencionados, referem correctamente os *Caprellideos* e *Cyamideos* (*Læmodipoda* de Latreille), o coração tem sempre a mesma sede; elle se estende na forma de um longo tubo, atravez dos seis segmentos seguintes á cabeça e tem tres pares de fendas, fornidas de valvas, para a entrada do sangue, situadas no segundo, terceiro e quarto desses segmentos.

Descobriu-se ser elle d'sssa estructura, por La Vallete, em *Niphargus* e, por Claus, em *Phronima*; e eu o descobri, da mesma forma,

em um consideravel numero de especies pertencentes ás mais diversas familias. (1)

A unica excepção e essa sem importancia que eu encontrei, é apresentada pelo genero *Brachyscelus*, (2) em que o coração possue sómente dous pares de fendas, pois que elle se projecta para frente só até o segundo segmento somatico; e é destituido do par de fendas situadas n'este segmento, nas outras formas. (3)

Considerando esta uniformidade apresentada pelo coração em toda a ordem dos Amphipodes, não póde deixar de parecer muito notavel que, nas ordens muito visinhas dos Isopodes, encontremol-o como um dos orgãos mais variaveis.

Nos Isopodes cheliferos *(Tanais)* o coração se assemelha ao dos Amphipodes, tanto na sua forma alongada, tubular, como no numero e posição das fendas, com a differença porém, de que as duas fendas de cada par, não ficam oppostas directamente uma a outra.

Em todos os outros Isopodes o coração é recuado para o abdomen. Nos Isopodes, admiravelmente deformados, parasitas das *Porcellanæ (Entoniscus porcellanæ)*, o coração espherico da femea, acha-se confinado á um curto espaço do alongado primeiro segmento abdominal, e, parece possuir um unico par de fendas.

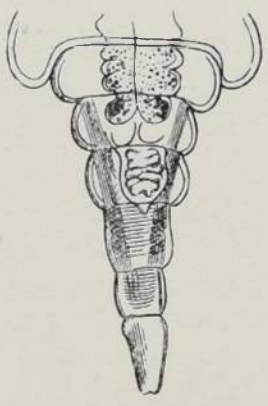


FIG. 16 – Abdomen de um macho de *Entoniscus cancrorum; H* – coração, *L* – figado.

No macho de *Entoniscus cancrorum* (n. sp.), o coração (fig. 16) está situado no terceiro segmento abdominal. Nas *Cassidinas*, o coração (fig. 14) é egualmente curto e provido de dous pares de fendas, situadas no ultimo segmento do thorax e primeiro segmento do abdomen. Finalmente, n'um joven *Anilocra*, encontro o coração (fig. 15) projectando-se atravez de toda a extensão do abdomen e provido de 4 (ou 5?) fendas, que não são collocadas aos pares, mas ulteriormente, n'um e n'outro lado, em segmentos successivos. Em outros animaes d'esta ordem que eu examinei passageiramente, não occorrerão, por certo, outras differenças.

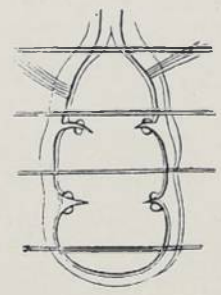


FIG. 14 – Coração de uma joven *Cassidina*.

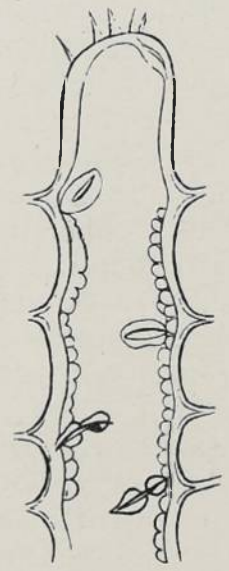


FIG. 15 – Coração de uma joven *Anilocra*.

Mas porque, em duas ordens tão estreitamente alliadas entre si, teriamos de encontrar uma tal constancia, e na outra tal variabilidade, de um mesmo e tão altamente importante orgão? Dos escolasticos não precisamos esperar explicação; elles ou declinarão de descutir o «porque», como estranho á sua alçada, exterior aos limites da Historia Natural, ou procurarão resolver o importuno problema por meio d'uma sonora paraphrase dos factos, abundantemente apimentada com palavras gregas. Como infelizmente eu esqueci o meu grego, o segundo caminho, contornando a difficuldade, está fechado para mim; porém, como felizmente me reconheço, não entre os mestres colligados, mas, para usar da phrase do Barão de Liebig, entre os «digressores dos arrabaldes da Historia Natural», esta hesitação affectada dos escolasticos não pode me dissuadir de procurar uma resposta, que, na verdade, se apresenta por si propria, mais naturalmente do ponto de vista de Darwin.

Como não só os *Tanaide*s (que razões noutro logar exaradas – *Vide supra* – justificam o nosso modo de consideral-os como, particularmente, quasi fazendo parte dos Isopodes primitivos) e os Amphipodes, mas tambem os crustaceos Decapodes, possuem um coração com tres pares de fendas, essencialmente na mesma posição; e como a mesma posição desse vaso occorre – *vide infra* – mesmo nos embryões do camarão Louva-Deus (*Squilla*), em que o coração do animal adulto, ou mesmo, como já mostrei n'outro logar, o das larvas quando ainda longe da maturidade, se estende sob a forma de um longo tubo provido de numerosas aberturas, pelo abdomen á dentro;

Os animaes jevens no ovo, um pouco antes da eclosão, mostram-se, na regra, particularmente convenientes á observação das fendas cardiacas: são em geral sufficientemente transparentes, os movimentos do coração menos violentes do que n'um poriodo ulterior e elles permanecem ainda mesmo sem a pressão do cobre-objecto. Considerando a opinião commum quanto á distribuição dos Amphipodes, isto é, que elles augmentam em multiplicidade para os pólos e, diminuem para o equador, póde parecer exquisito que eu falle de um numero consideravel de especies n'uma costa sub-tropical. Por isso, eu observo que em poucos mezes e sem examinar quaesquer profundidades inaccessiveis da praia, eu obtive 38 especies differentes, das quaes 34 novas, que, com as especies préviamente conhecidas [principalmente descriptas por Dana], produzem 60 Amphipodes brasileiros, ao passo que Kroyer, no seu "Gronlands Amphipoder", conhecia só 28 especies, inclusive 2 Læmodipodes, dos mares arcticos, não obstante terem sido estes investigados por um muito maior numero de naturalistas.

[2] Segundo o methodo de Milne-Edwards as femeas d'este genero pertenciam ás "Hyperinas ordinarias" e os machos préviamente desconhecidos ás "Hyperinas anormaes", cujo caracter distinctivo, isto é, a curiosamente zigueziguesnte antemma inferior, não passa de uma peculiaridade sexual dos machos. Systematisando sobre animaes mortos unicos, dos quaes se ignora o sexo, a idade, etc., erros semelhantes são inevitaveis. Assim, pretendo dar um outro exemplo de mui recente data: Um chithyologista celebre, Blocker, distinguio ultimamente dous grupos de Cyprinodontes á seguir: Uns, os Cyprinodontini, têm a "pinna analis non elongata", e os outros, os Aplocheilini têm a "pinna analis elongata": por ahi a femea do abundante "Barrigudinho" pertenceria ao primeiro, e o macho ao segundo grupo.

Taes enganos, como os provados, são inevitaveis aos philosophos da "pelle-secca" e por isso desculpaveis: elles provam, comtudo, a que modos desatinados pode chegar frequentemente a zoologia systematica, sem principios ou bases solidas; e quanto precisa ella da infallivel pedra de toque para avaliar os differentes caracteres, que a theoria de Darwin promette fornecer.

(3] Encontro em Milne Edwards-Léçons sur la Physiol et l'Anat. comp. III, pag. 197 a asserção de que, segundo Frey e Leuckart, o coração de *Caprella linearis* possue *cinco* pares de fendas. Examinei jovens Caprellas perfeitamente transparentes [provavelmente os joveus de *Caprella attenuata*, Dana, com a qual elles occorriam], só podendo encontrar os *tres* paros commuus.

devemos, indubitavelmente, encarar o coração dos Amphipodes como a forma primitiva desse orgão, nos Edriophthalmos. Como, além disso, n'esses animaes o sangue flue dos orgãos respiratorios para o coração, sem vasos, é muito facil de ver, quão vantajosa lhes deve ser o terem esses orgãos o mais aproximadamente possivel. Temos razão em considerar como primitivo modo de respiração, o que occorre em *Tanais* (*vide supra*).
Agora, onde, tal como na maioria dos Isopodes, as branchias se desenvolveram no abdomen, a séde e estructura do coração soffreram uma mudança, visto como elle se aproximava dellas mais estreitamente, mas, sem a reproducção de um plano commum á estes primitivos modos de estructura, ou porque esta transformação do coração deu-se sómente depois da divisão da forma primaria em grupos subordinados, ou porque, ao menos na epocha d'essa divisão, o coração variante não se havia fixado em qualquer forma nova. Onde, ao contrario, a respiração permaneceu na parte anterior do corpo,—quer no primitivo feitio de Zoea, como em *Tanais*, quer pelo desenvolvimento de branchias sobre o thorax, como nos Amphipodes,—a forma primitiva do coração foi herdada intacta, porque quaesquer variações que pudessem affectar a sua apparencia, seriam mais depressa nocivas do que vantajosas, e desappareceriam, de novo, immediatamente.

Eu fecho esta serie de exemplos isolados com observação que, realmente, uma só em parte pertence á alçada dos crustaceos, aos quaes deviam ser consagradas estas paginas; e que tambem nenhuma outra connexão tem com as circumstancias precedentes, além de ser um «facto intelligivel e elucidativo», sómente do ponto de vista da theoria de Darwin. Hoje, estando eu abrindo um exemplar de *Lepas anatifera*, afim de comparar o animal com a descripção na «Monographia da sub-classe Cirripedia» de Darwin, encontrei na concha d'esse Cirripede, um Annelido rubro-sanguineo, com o corpo curto, chato, de cerca de meia pollegada de comprimento e duas linhas de largura, com 25 segmentos somaticos e, sem tuberculos setigeros proeminentes ou fachos de cirros. O pequeno lobo cephalico trazia 4 olhos e 5 tentaculos; cada segmento do corpo tinha, em cada lado, na margem, um facho de cerdas simples, dirigidas obliquamente para cima, e, á alguma distancia deste, sobre a face ventral, um grupo de cerdas mais espessas, com o apice bidentado fortemente uncioado.

Havia acima de *cada um* dos tufos lateraes de cerdas uma branchia, simples em alguns poucos segmentos anteriores, e depois fortemente arborescentes, até o extremo posterior do corpo. O animal, uma femea carregada de ovos, evidentemente, por esses caractéres, pertence á familia dos Amphinomideos, cujos membros, excellentes nadadores, vivem no mar alto.

Que este animal não se tinha desgarrado accidentalmente para dentro do *Lepas*, mas lhe pertencia como hospede regular e permanente, provam-n'o o seu tamanho consideravel em relação á estreita entrada do revestimento do *Lepas*, a ausencia completa da iridescencia que, na regra, distingue a pelle dos Annelidos livres e especialmente dos Amphinomideos, a formação e séde das cerdas inferiores, etc. Porém, que um verme pertencente á esta familia particular de Amphinomideos que vivem no alto mar, occorra como um hospede de *Lepas*, que tambem fluctua no mar, incrustado a qualquer pedaço de páo, etc., é de prompto, comprehensivel do ponto de vista da theoria de Darwin, emquanto que as relações deste parasita para com os vermes que vivem livremente no mar, ao largo, ficam perfeitamente incomprehensiveis, sob a hypothese de que elle fôra creado independentemente, para morar no *Lepas*.

Porém, por mais favoraveis que sejam á Darwin os exemplos até aqui referidos, pode-se levantar contra elles, e com justiça, a objecção de que sejam factos isolados, que, quando as considerações baseadas sobre elles se afastem do que se dá immediatamente, só poderão, com a maxima facilidade nos desviar do verdadeiro caminho, com o fallaz lampejo de um *ignis fatuus*.

Quanto mais alto o edificio tiver de ser elevado, tanto mais ampla deverá ser a sua base, em factos bem analysados.

Voltemo-nos, então, para um campo mais vasto, o da historia evolutiva dos crustaceos, sobre a qual a sciencia já reunio uma variada copia de factos notaveis, que, comtudo, ficaram em infecundo accumulo de material impraticavel e crú; e vejamos como, sob as mãos de Darwin, essas pedras esparsas se unem para formar uma bem lançada estructura, em que cada cousa, esteio ou trave, acha o seu logar apropriado.

—Sob as mãos de Darwin!

Porque nada mais tenho á fazer do que collocar as pedras da construcção, justamente nos pontos que a sua theoria lhes marcar. «O que o capitão manda o marinheiro faz».

FRITZ MULLER.

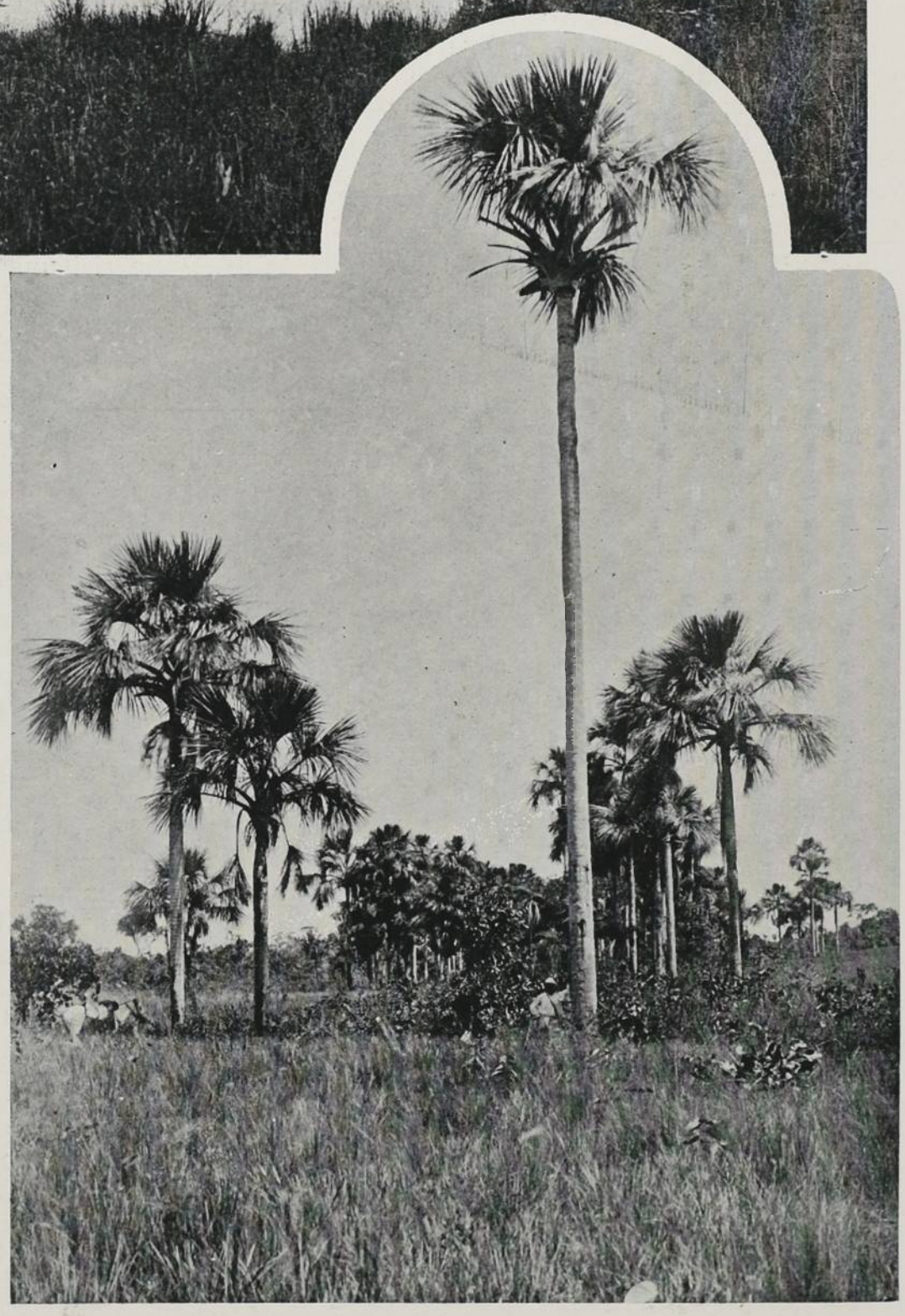
BURITYSAES

DENTRE as palmeiras mais interessantes do Brasil, cabe,porventura,a primasia ao Burity (*Mauritia vinifera*, Mart.)... «palmier du désert, à la fois si élégant et si util» no dizer preciso de A. de Saint-Hilaire, o celebre botanista francez que viajou vasta extensão do nosso paiz durante as segunda e terceira décadas do seculo passado.

Da preciosa palmeira caracteristica do Brasil Central, representam as nossas gravuras specimens varios, inclusive da burityrana *(Mauritia armata)* —tambem chamada Caranã no norte de Goyaz, região onde esta especie occorre com o burity, ambas denunciando por toda a parte correntes d'aguas crystalinas naquelles páramos longinquos.

O Burity representa no Brasil Central o mesmo papel economico da Carnaúba no Ceará e da Murity na região propriamente amazonica.

Quanto á sua destribuição



geographica e mais qualidades que a fizeram providencial no interior do Brasil, basta lêr as seguintes linhas devidas á penna de Taunay:

«A folhagem verde-escura da *mauritia*, abre-se como um leque, sustentado por longos peciolos alveolados e no topo de um estipéte liso e pardacento claro, no qual se notam os traços parallelos formados pelas quédas das semíamplexicaules da base dos peciolos.

Ao lado d'aquella formosa monocotyledonea, a macaúbeira *(acroconia sclerocarpa)* parece acanhada e fica completamente offuscada: das palmeiras, cujas folhas são todas revestidas por foliolos, a unica que rivalisa em elegancia e altaneria é o *auaseu*, que os Guaicurús chamam *chatellôd*.

Do Burity extrahe-se um succo saccharino usado depois da fermentação, como bebida e do qual se póde tirar excellente assucar, como o fez um official das forças. Os fructos dão em cumpridos cachos; são ovoides, com casca rija, amarello avermelhada, escura

e de brilho metallico, cobertos por escamas rhomboidaes que encobrem uma polpa saborosa. A amendoa acha-se n'uma loja monospermica. Em épocas de fome, essas palmeiras de muito serviram aos soldados que procuravam não só os côcos, em concurrencia com as Aráras, como em razão do miolo que chupavam com grande gosto. Os Buritys são sempre indicios de aguas nascendo só em logares humidos.

No caminho para Uberaba appareceram pela primeira vez, no pouso dos Buritys (a 80 leguas do littoral), proximidades do Rio Grande, divisa entre as provincias de S. Paulo e Minas. Desse ponto em diante, acompanham a trilha, que seguiram as forças, atravessando Minas, Goyaz e Matto-Grosso. Até o Rio Negro, a abundancia de Buritys é extrema; d'ahi por diante vão

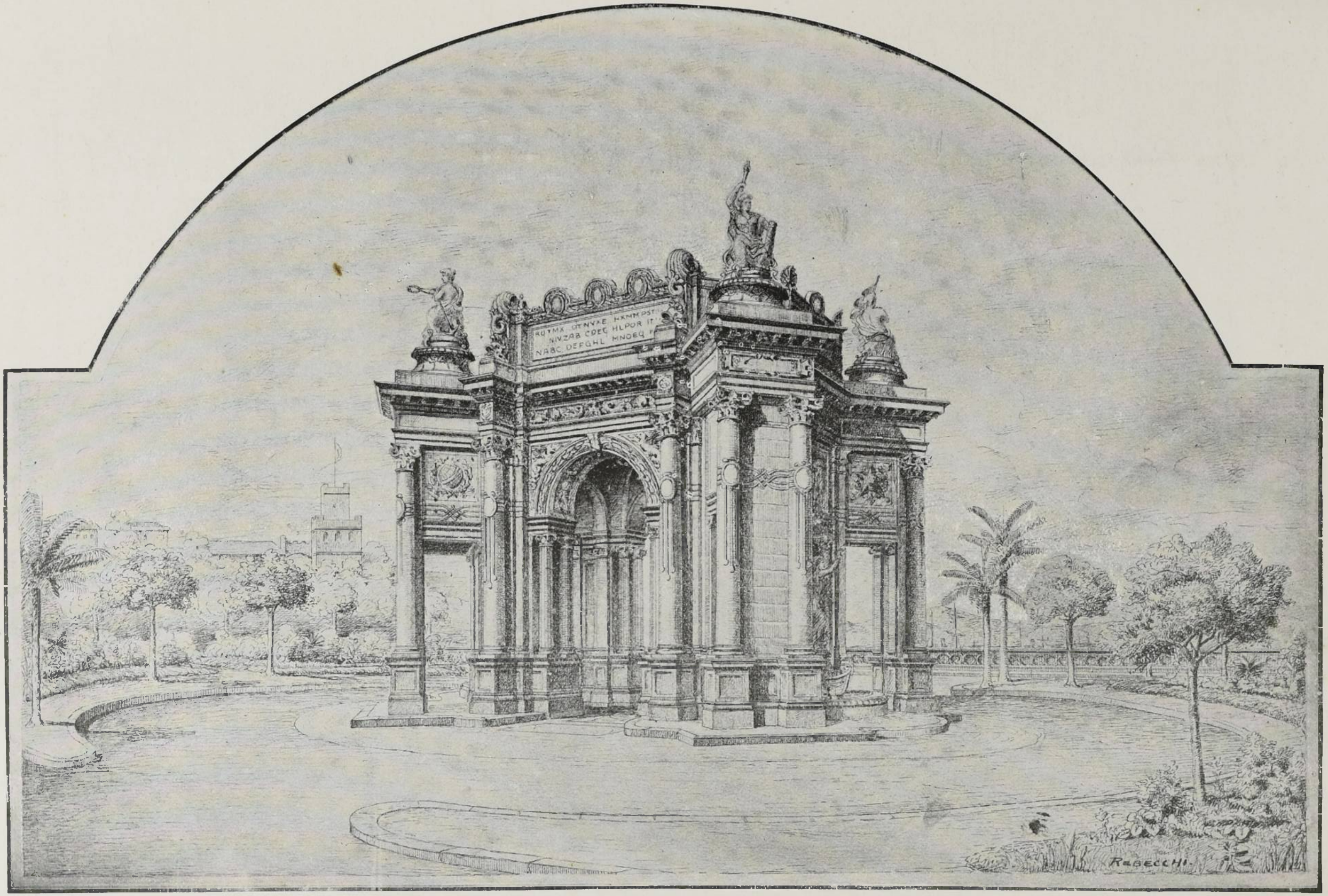
se tornando menos frequentes, e, para os lados de Nioac e sul do districto de Miranda vêm-se os raramente.» (Taunay - *Expedição ao sul de Matto-Grosso.*)

De facto, é proverbial a utilidade da nossa palmeira no interior do Brasil: as folhas, largas e abertas em leques, dão excellente cobertura de casas, as mais novas, não desabrochadas, fornecem a preciosissima «sêda de burity», resistente, mui flexivel e que se presta mui especialmente ao fabrico de esteiras, de ponchos impermeaveis, conhecidos por caroças no sertão; a seiva dá o «vinho de palma», e os fructos dos seus gigantescos cachos, ás vezes 4 e 5 n'um só pé, servem para o fabrico

do doce chamado — *saiêta* — cujas propriedades setimulantes são já bastante conhecidas até fóra dos limites do Brasil Central.

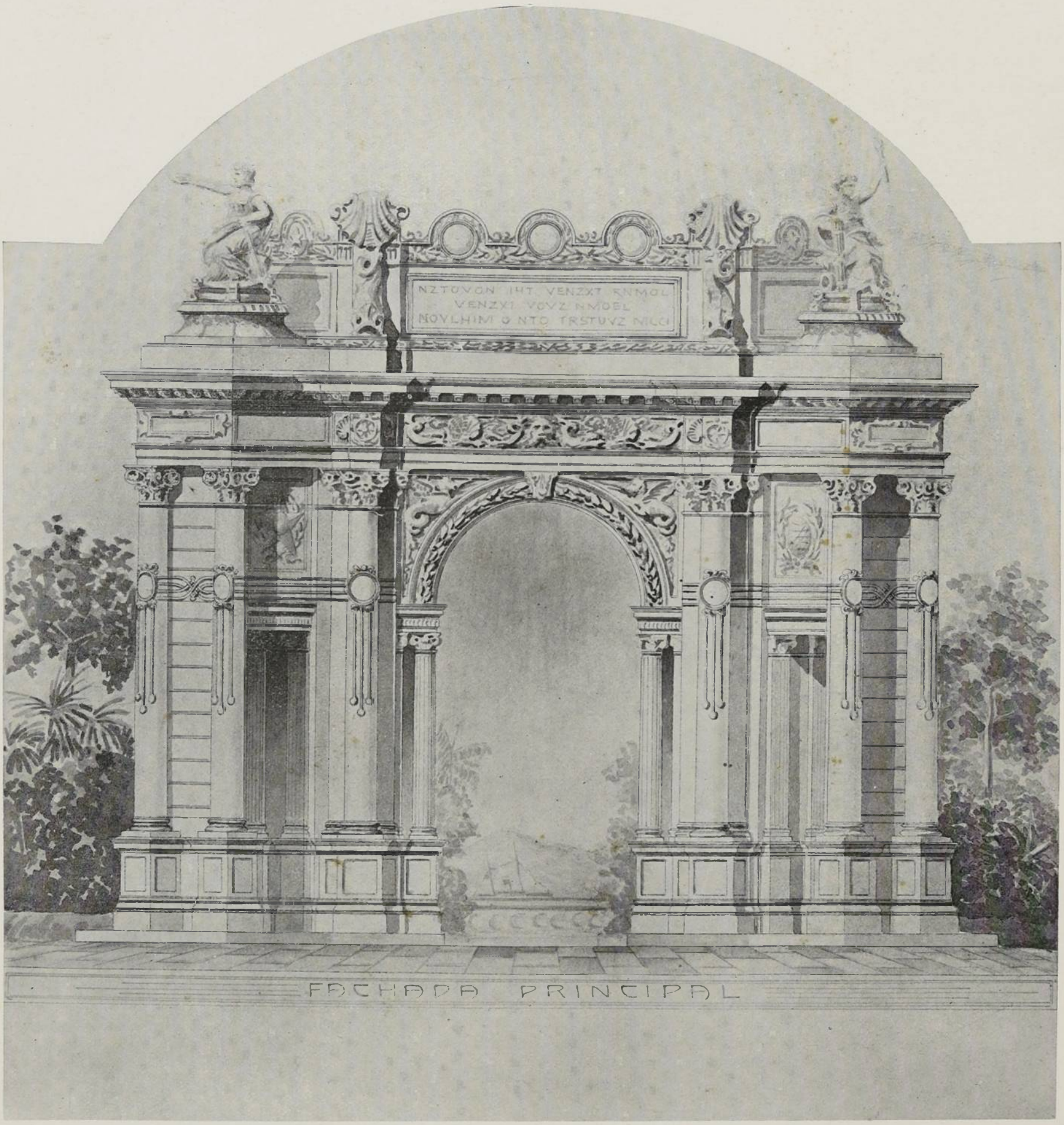
Si a *mauritia* vegetasse no littoral do Brasil a sua fórma seria sem par, e não seria aqui pela primeira vez, reproduzida graphicamente o seu porte elegante, ora isolado, ora orfmando *verèdas*.

HENRIQUE SILVA



PROJECTO DE ARCO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRAZIL

PROJECTO DE ARCO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRAZIL



PROJECTO DE ARCO COMMEMORATIVO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRAZIL

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de apolices teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de seguros, apolices no valor de Rs. 595:000$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA { *Emilio do Amaral Ribeiro*
Affonso Burlamaqui
Jacintho de Magalhães

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV JULHO 1907 N. 7

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

DIZIA-ME ha dias um amigo depois de ler os telegrammas de Haya:

Ando preoccupado, ha uma semana, com um pensamento triste: receio que esteja imminente alguma grande desgraça sobre o Brazil...

Uma grande desgraça? Exclamei eu, espantado. Como Porque?

Não sei. E' um presentimento que deve ser tolo, como todos os presentimentos...Mas não acha você que o Brazil está com uma *chance* extraordinaria, com uma *veine* escandalosa, com uma felicidade rara O pobre, quando vê muita esmola, desconfia. O acaso é caprichoso e inconstante: não é muito fiel no amor nem no desamor e dia de grande ventura é quasi sempre vespera de grande desventura!

E, dizendo isso, separou-se de mim o meu amigo, que é um exquisitão, um timido, que, por já ter vivido muito, tem muito medo da vida, e caminha para a morte cercado de fantasmas e de temores.

Se o dia em que se passou isto fosse um dia chuvoso e escuro, ou se naquella manhã o meu rheumatismo me estivesse apurando os ossos com exagerada violencia, ou se alguma noticia triste de ingratidão ou perfidia tivesse vindo amargurar-me a alma, — eu de certo ficaria mal impressionado por taes palavras. Mas o dia era lindissimo; era um destes dias incomparaveis do nosso inverno, — dias que abrem, na vida da gente, oasis de sonho e de extase. E a minha saúde era boa, e a minha alma estava tranquilla, cheia dessa doce e indefinivel *euthymia*, que os velhos gregos diziam ser o mais valioso presente dos deuses. Por isso, as palavras do meu amigo não me molestavam, e continuei a gozar o meu formoso dia de inverno suave, dizendo de mim para mim: «Historias! não ha *mascottes* nem *chances*, como não ha *jettaturas* nem *guignes*. Cada homem e cada povo colhem, no campo da vida, o que plantaram: quem plantou trigo colhe trigo, e quem plantou ventos colhe tempestades...»

*
* *

Ainda hoje, ao escrever esta *chronica*, estou na mesma boa disposição de espirito, e não acredito que os dias da vida humana sejam alternativamente governados por Eudemonia, deusa da Felicidade, e por Penia, deusa da Desventura, — duas divindades filhas do cego, fatal e irresponsavel Destino, e cegas, fataes e irresponsaveis como o seu duro Pae.

Mas...

Mas sou forçado a reconhecer que o Brazil, ha um lustro, está atravessando uma phase de estupenda e rarissima felicidade.

Não é isto, certamente, o que dizem os eternos descontentes, os «narizes torcidos», os

que veem sempre o seu proprio descontentamento e o seu proprio pezar reflectidos em tudo quanto os rodeia,—e que, quando teem uma grande dôr de cabeça ou uma grande falta de dinheiro, começam logo a bradar que a terra é uma immundicie, que a humanidade é uma manada de bestas-féras, e que não ha salvação possivel para o mundo nem para o genero humano...

A verdade, porém, é que, collectivamente, estamos sendo prodigiosamente felizes. É possivel que as condições de cada um não tenham melhorado; porque, seguramente, a este grande progresso material, que tem havido, não correspondeu um augmento de trabalho e de salario, e, porque, positivamente, a vida individual está ficando cada vez mais dura, mais difficil e mais cara. Mas a vida collectiva da nação melhorou extraordinariamente. Desabou, desmoronou-se, ruiu por terra a muralha chineza dentro da qual viviamos emparedados, desconhecidos do mundo. Deixámos de ser um zéro na tabella humana. Somos hoje um valor positivo, com o qual já é preciso contar.

As victorias diplomaticas que o genio de Rio Branco deu ao Brazil; a reunião do Pan Americano; a visita de Root; as viagens de Turot e de Doumer; e agora o nobre papel, sobrio mas energico, modesto mas brilhante, calmo mas imponente, que o Brazil está representando na Conferencia de Haya, tudo isso nos parece um sonho, tão acostumados já estavamos a fazer figura triste em toda a parte. —ou a não fazer figura nenhuma, o que ainda era peior.

*
* *

E' preciso que, no seu regresso ao Rio de Janeiro, o Sr. Ruy Barbosa seja recebido com gratidão e enthusiasmo. Podemos medir a extensão e o valor do serviço que o seu talento nos está prestando, pela vehemencia e pelo mal contido despeito que a repercussão dos seus actos e das suas palavras provoca entre os visinhos e rivaes. Dizia um sabio fabricante de maximas moraes: «Nunca avalies o teu merito pelos louvores que te dirigem os bons, aos quaes favoreces, mas pelas injurias que te assacam os máus aos quaes contrarias». São palavras de um conselheiro Acacio pessimista... Mas o conselheiro Acacio diz sempre a verdade e sempre acerta, porque tem a intelligencia certa,—e sò as grandes intelligencias são capazes de errar, levadas ao erro pela sua audacia.

*
* *

Como se não bastasse tudo isso,—tivemos, no Rio de Janeiro, a honra de receber a visita da primeira leva dos touristes da *Agencia Cook*.

Não provoque essa expressão—*tivemos a honra*—um sorriso de mofa! Foi positivamente uma honra,—e uma boa honra, porque foi daquellas que trazem comsigo proveito.

A honra não veio da qualidade das pessoas que nos visitaram, comboiadas por um *barnum* da Cook. Não vi os *touristes* do *Byron*, não sei se são bonitos ou feios, intelligentes ou tolos, ignorantes ou cultos; sei que são *touristes*, que são curiosos,— e isso me basta.

Que quer dizer a chegada dessa primeira leva de excursionistas? Quer dizer que essa gente já ouviu fallar com enthusiasmo da nossa terra, e teve a curiosidade despertada, e quiz confiar no testemunho dos seus proprios olhos. Cada um desses visitantes, será, por sua vez, um portavoz; um annunciador gratuito da belleza e da civilisação do Rio de Janeiro e do Brazil. Ha ahi honra e proveito.

Ainda muita cousa feia terão visto por ahi os viajantes do *Byron:* muitas ruas mal calçadas, muita gente descalça e suja pelas ruas, muitas casinhas novas atarracadas e desgraciosas, e muitas lojas servidas por caixeiros em mangas de camisa...

Mas terão dito a si mesmos, ou terão achado quem lhes dissesse, que o Rio de Janeiro não podia, mais feliz do que Roma, fazer-se em um só dia. O que é certo é que a cidade já nos não envergonha, como nos envergonhava. Nunca esquecerei, em mais cem annos que viva, o vexame que me assaltou em certa manhã de 1891, quando, ao voltar da Europa, desembarquei em companhia de alguns estrangeiros, no cáes Pharoux. Cahiu-me a cara ao chão. Esquivei-me, como um criminoso, e nem me despedi dos hospedes: deixei-os entregues a si mesmos, e abalei dalli a occultar o meu desgosto e a minha vergonha.

Tudo isso, hoje, é pesadello dissipado...

*
* *

Não! não ha *veine* nem *déveine*, não ha *mascotte* nem *jettatura!* Mas é bom que tenhamos certo cuidado. Sô ha um meio de conservar a felicidade: é ser digno della. A deusa Penia, que distribue as desgraças, tem um outro nome: chama-se Molleza. E a deusa Eudemonia distribuidora de venturas, dá tambem pelo nome de Energia.

O dia da ventura só é a vespera da desventura, quando o venturoso se deixa amollecer pela sua felicidade actual, e não prepara felicidades futuras...

O. B.

MR. HENRY TUROT

PODE SE dizer que ha um anno apenas o Sr. Henri Turot é conhecido no Brazil; entretanto, nesse curto espaço de tempo elle tornou-se um dos extrangeiros mais populares entre nós.

O Sr. Turot já tinha feito a volta do mundo quando visitou o anno passado esta capital, Petropolis, Santos, S. Paulo e a respectiva zona cafeeira, sem fallar nas escolas de Pernambuco e Bahia. Mas foi tal a impressão que lhe causou o nosso paiz que desde então elle se tornou na imprensa de Paris o maior pregoeiro não só «dos nossos recursos e belleza naturaes» mas tambem da nossa cultura. Os seus artigos no *Journal*, que é um dos orgãos mais autorisados e populares da imprensa franceza, chamaram muito a attenção dos seus compatriotas para o Brazil, e a sua campanha a favor da *regie* do café trouxe a campo, para se occupar de nós, grande numero de jornaes e personalidades, entre as quaes o Sr. Meline, ex-presidente do Conselho e chefe de partido. O Brazil não poderia ter melhor reclamo e feito de modo mais conveniente e desinteressado.

Mr. Henry Turot

Não só no *Journal*, mas ainda no *Figaro* de que elle tambem é redactor, o Brazil passou a ter elementos de sympathia, que tão uteis lhe tem sido. Agora mesmo, o Sr. Turot está em viagem para a America do Sul, com a incumbencia que lhe deu o ultimo daquelles jornaes, de escrever as suas novas impressões. Depois de passar quinze dias na Argentina, virá elle ao Brazil, onde se encontrará com o seu amigo Sr. Paul Doumer, esperado aqui em Setembro.

O Sr. Turot, que é um homem de cerca de quarenta annos, começou a sua carreira na imprensa e por ahi penetrou na politica. Membro do Conselho Municipal de Paris e do Conselho Geral do Departamento do Sena, tudo indica que elle tem ainda por si um grande futuro.

BIARRITZ

A VIAGEM DESDE A FRONTEIRA HESPANHOLA — AS PRAIAS — OS ROCHEDOS — SCENAS DO MAR

PASSADA a Ponte Internacional, ornada com a corôa de Hespanha e o N Imperial de Napoleão, o Sud-Express entra em Hendaya, pittorescamente situada sobre o Bidassoa, em frente á vetusta e heroica Fuenterrabia. Todo o resto da viagem, uns trinta e cinco minutos, é delicioso; ora o comboio mergulha entre verdes mattas, descreve curvas graciosas, ora margina o oceano, que muito azul e muito tranquillo se extende a perder de vista. O caminho é bordado de chalets e de villas, erguidos sobre as rocas, plantados entre os penhascos como grandes aves aquaticas construindo o ninho. Um ar fresco e lavado vem do alto mar, — caricia da saude, festa da alegria. E pouco depois do trem largar de Guetarry, numa curva da estrada, entre florestas de arvores em flor, surge aninhado o espelho tranquillo dos lagos do Bosque de Bolonha, o Marion e o Mouriscot. Nada mais encantador do que esse pequenino bosque selvagem, coberto de sombras e de frescuras, na paz incomparavel da natureza quieta. Entre moitas umbrosas se esconde o chalet Mouriscot, celebre por ter abrigado o noivado da actual Rainha de Hespanha.

O comboio na «gare de la Négresse», a tres kilometros da cidade, o que obriga a tomar os incommodos omnibus dos hoteis ou os ligeiros carros de praça. Já ha muito a direcção dos Caminhos de Ferro pensa em construir uma estação em Biarritz, nada, porém, tendo até agora conseguido pela opposição que a

essa idéa fazem... os cocheiros. Elles são eleitores, «petits rentiers», e a sua decisão pesa decisivamente sobre os interesses do Estado e a bolsa dos viajantes. Mas ha quem veja nessa incommoda distancia, incommoda sobretudo quando chove, apenas o interesse de tornar o passeio mais pittoresco... Realmente o trajecto é lindo. Por uma larga estrada em que de um lado e outro as arvores se enfileiram, o carro passa docemente balançado pelo ligeiro trote do cavallinho. Ao principio só se vêm moradas humildes de lavradores pobres em cujo terreiro seccam ao sol os altos feixes de trigo; depois começam as bellas vivendas campestres com chacaras e jardins e despenhadeiros bucolicos de relvas humidas e verdes.

Biarritz tem uma situação identica,—si é que no Eden havia mar. O clima é delicioso si bem que nos mezes fortes de verão o calor incommode um pouco durante o dia. Mas as noites são frescas, e a brisa do mar penetrando por toda a cidade, traz comsigo o prolongamento da vida. A cidade tem apenas uns quatorze mil habitantes, e de certo não são elles que fazem o encanto e a fortuna dessa praia soberba. O Verão pertence principalmente aos Francezes e Hespanhóes; o Outomno é dos Inglezes; o Inverno dos Russos. Os hoteis sumptuosos têm um atractivo voluptuoso para uma vida feliz; os casinos são uma constante seducção; e as praias, batidas pelas ondas revoltas da Biscaya, tonificam, reconfortam. Não ha nada como as praias, as montanhas, por exemplo, seduzem, repousam, mas nos causam a nós simples mortaes vertiginosas impressões de desequilibrio. A montanha é principalmente boa... para se ver o mar. O mar! O grande, o leal amigo,—a maravilhosa sereia de todos os sonhos, acalentador das séstas mornas e das noites tranquillas, desde o primeiro deslumbramento da meninice até a ultima illusão da velhice.

Em Biarritz vem logo á memoria os versos de Guerra Junqueiro:

"Viver n'uma casita á beira-mar
Feita no gosto inglez,
Casa d'um só andar,
E sem balcão chinez;
Ler paginas vibrantes, luminosas,
Ricas de coisas sãs e duradoiras;
Beijar crianças puras, vigorosas,
Ainda mesmo que não sejam loira;
Junto a isto um amigo verdadeiro,
Saude e algum dinheiro,
Eis a vida melhor, mais pittoresca
Que existe á luz do dia,..
A vida assim é uma roseira fresca,
Inundada de orvalhos de alegria".

Entre penhascos, praias e outeiros Biarritz se extende desde a «Côte des Basques» atê além do Pharol, na estrada de Bayonne. A cidade propriamente dita, pequenina, aceiada e rica pelas lojas de luxo de Paris, está comprehendida ao redor da Place de la Mairie. E' por ahi que se encontram o commercio elegante das modistas e dos joalheiros, as confeitarias e as casas de chá. Esse trecho é o encontro de toda a gente á hora em que a praia escalda, e á noite, antes do Casino. As orchestras ambulantes percorrem as ruas centraes, dando á cidade um grande ar festivo e alegre. As vitrinas das joias faiscam, na ostentação opulenta das pedras preciosas; pousam sobre maniquins chapêos do preço de perolas; esvoaçam gazes e plumas; na rua passam os automoveis silenciosos, rodam as carruagens sobre o macadam macio; nos comedoiros dos hoteis ha um luxo delicioso de decotes e de casacas; cantam risos; explodem rolhas de champagne; os casinos faiscam como seducções perigosas; — começa a vida nocturna: é o reinado da elegancia e do dinheiro. E longe, abandonado e escuro, o mar sacode as ondas contra os rochedos, rebrame cheio de uma co lera divina, e foge para mais longe, para o infinito, tragando náos e conduzindo esperanças...

De manhã, o scenario muda. No «Port Vieux» e na «Grande Plage», em frente ao Casino Municipal, reina a communicativa alegria do contacto das ondas. Bandos de banhistas, com roupas de todas as côres,—verdes, brancas, azues, violetas, encarnadas, correm pela praia entram aos saltos nas vagas travessas fazendo algazarra, nadam, mergulham, levam trambulhões, riem, divertem-se, gozam. As creanças, com os cabellos ao vento e as faces cheias de rosas, enterram os pésinhos na areia humida, á procura de conchas e de mariscos; e o mundo femenino, envolto em amplos roupões, sob a concentração dos binoculos e das instantaneas, atravessa a praia e vae mergulhando os corpos n'agua com curtos fremitos de prazer, emquanto o sol avelluda o tom castanho dos cabellos ou lhes aviva o nimbo de oiro. Em toda a extensão da praia erguem-se as casetas de banho, leves e ligeiras sobre as rodas de páo, e as barracas multicôres, espetadas no solo como cogumelos gigantescos. Acompanhando a ida e a vinda das ondas, elles e ellas vão, entram no mar ou nas barracas fazendo sombras esguias sobre a areia, saltam nas vagas, avançam e fogem, hesitam, atrevem-se, recuam, esperam o embate, seguram-se ás cordas, nadam em torno dos botes salva-vidas, entram de novo, sáem outra vez,—ellas, triunfaes como Venus nascendo das espumas, elles, com o cabello ridiculamente escorrendo.

Até a hora do almoço todo mundo passeia a pé, de automovel, de carro, a cavallo, de velocipede, em excursões para Bayonne ou para os lados da fronteira de Hespanha, cuja costa nos dias claros se avista até S. Sebastian. Depois é o repouso, é a sesta. Apenas os infati-

gaveis pescadores de linha, com immensos chapéos desabados, permanecem pacientemente debruçados junto ao parapeito da «Côte des Basques», com uma attenção morbida e egoista. Nada os arranca dali; nem a chuva nem o sol. Na gruto do rochedo de Cucurton, encimado por uma estatua da Virgem, tambem se refugiam aquelles a quem o calor não adormece, olhando o mar que salta sobre as pedras, que lambe os rochedos, que sobe como um grito, que desce como um soluço, desfeito em espumas, vaporisado em orvalhos. Em torno pesa um silencio de somno; uma buzina de autovel corta por vezes a quietação; sob os toldos das confeitarias veranistas de roupas de flanella e chapéo do Panamá, bebericam refrescos, encharcam-se de cerveja; todas as vidraças da cidade brilham, offuscam; e muito longe, na linha do horizonte, passa como ligeira nuvem uma leve fumaça, tenue, rara, quasi imperceptivel, e que logo se desfaz entre o céo e o mar,—o céo de um azul transparente, o mar de um azul profundo, mar e céo inteiramente manchados de sol...

Rio, Julho de 1907.

THOMAZ LOPES

Uma heroina de Byron

(IANTHE)

OS bustos abaixo representam Miss Carlota Harley, depois Lady Carlota Bacon, viuva do general Anthony Bacon, o da esquerda, quando apenas contava dezeseis annos; e o da direita, quando prestes a festejar o seu oitentanario.

vivacidade d'espirito que caracterisava a nobre filha de Eduardo, quinto conde de Oxford.

Miss Carlota Harley e Lady Carlota Bacon, aqui figuradas, são, pois, uma, e a mesma pessôa, distanciadas apenas pelos extrêmos da idade.

Mas, o que torna principalmente curioso e interessante, n'estas paginas, a reproducção das dous bustos, é a circumstancia de ter sido

Confrontando os dous retratos, adivinham-se, no segundo, os leves traços de perigrina belleza da lendaria Miss Harley; e no primeiro, em as scintillações de seus olhos, a Miss Harley a dama illustre a quem Byron, no prologo do Childe Harold, consagrou o seu poema-romance, sagrando-a sua Musa inspiradora sob o nome de Ianthe.

Eis os inspirados versos da dedicatoria e da revelação:

A IANTHE

Nem nas plagas, em que eu vaguei por ultimo,
Onde a belleza sem igual foi sempre;
Nem nas visões, que ao peito trazem formas
Que elle só sente em sonhos haver visto,
Nada ideal ou real, como tu, vio-se:
E inda tendo-te visto em vão tentára
Eu pintar essas graças variadas,
Como os reflexos seus; pois sendo fracas,
Para quem te não vê, minhas palavras,
O que havia eu dizer a quem te observa?

Ah! possas sempre ser o que és agora,
E sem faltar da tua primavera
A' promissão, figura ter tão bella
Como um ardente coração e puro,
Na terra imagem do amor sem azas,
E ingenua mesmo além das esperanças!
Em ti aquella que ora terna alinha
Tua juventude, cada vez mais lucida,
De seus futuros annos vê o Iris,
Cujo matiz celeste espanca as mágoas.

Joven Peri (1) do Poente! eu tenho a dita
De minha idade ser da tua o dobro;
Immoveis, sem amor, te vêm meus olhos;
Vejo a salvo creseer, brilhar tuas graças.
Feliz! pois declinar não hei de vêl-as;
Mais feliz porque, quando jovens peitos
Sangrarem todos, ha de o meu isento
Ser-da sorte, que os olhos teus reservão
Aos que virem coroado o seu assombro;
Mas seguido das penas infalliveis
De Amor, mesmo nas horas mais ditosas.

Teus olhos vivos, como os da gazella (2)
De affoito brilho, de formoso pejo.
Que vencem moveis, e deslumbrão fitos,
Lança-os sobre estas paginas, e a meus versos
Ah! não queiras negar esse sorriso,
Pelo que eu suspirára em vão, se fosse
Para ti mais do que um sincero amigo.
Concede-me isto só, cara donzella,
Nem me perguntes porque a ti tão joven
Os meus carmes entrego; mas consente
Que entre em meu diadema um lirio puro.

Dest'arte aos versos meus se une teu nome;
E emquanto houver de Harold quem para as paginas
Olhe benigno, nellas consagrado
D'Ianthe o nome sempre ha de o primeiro
Ser contemplado, e o ultimo esquecido:
Quando eu já não viver, se esta homenagem
Levar os dedos teus de Fada á Lyra
Deste, que te saudou, como a mais bella,
Não póde mais querer minha memoria,
E ainda que a esperança a mais não chegue,
Poderia a amizade exigir menos?

Os retratos ácima fôram tomados de emprestimo a uma revista ingleza do tempo, que, por sua vez os reproduziu, o primeiro, de um quadro a oleo, pintado pelo notavel Westall, em 1817; e o segundo, de exactissima photographia, tirada uma ou duas semanas antes do fallecimento de Lady Bacon, a 10 de março de 1880.

(1) Peri:—Palavra persana, que significa—uma classe de seres em parte mulheres e em parte anjos.

(2) Gazella:— Especie de antilope. „Tendes olhos de gazella." E' no Oriente o cumprimento mais lisongeiro que se pode dirigir ás damas.

A exhibição d'esse duplo busto da heroina do Childe Harold proporcionou-me opportuno ensêjo de trasladar para estas paginas a fiel e exactissima traducção da alludida dedicatoria, pela bem aparada penna de Francisco José Pinheiro Guimarães, um dos brazileiros que, ao lado de Francisco Octaviano, Barão de Paranápiacaba e Oliveira e Silva mais concorreram, para vulgarisar, entre nós, as obras de Byron, de Shakespeare, de Pope e de Victor Hugo.

Rio, 28 de Junho de 1907.

DR. PIRES DE ALMEIDA

D. João VI

Ha de D. João VI um bom retrato no convento de Santo Antonio: é do pincel de José Leandro.

Tem ar de semelhança com a descripção que do physico do principe fizeram Oliveira Martins e Barros Cunha. Ali está desenhado com mão segura o flaccido e bamboleante Bragança, cuja insignificancia de espirito encortiçava-se na ronha, a resistencia molle dos lymphaticos e dessodorados, que é na vida biologica esquivança dos pachydermes mofinos e sordida defesa dos animaes fetidos.

Soube o artista apanhal-o no flagrante duma revelação, com o morbo constitucional, não obstante não ir o desenho alem dos joelhos; porque soffria el rei de arthrite hereditaria.

E' de uma realidade intensa o retrato do principe e conforme o representa a tradição e se o apercebe nos lances historicos em que foi subalterna figura: sombra de homem com o sol a pino, embiocado nas cameras solitarias, sumido na penumbra dos corredores claustraes, odiando, por instincto, a diplomacia, a elegancia, a nobreza; desconfiado e grato á benevolencia dos ministros e frades que o tratavam menos duramente do que Seabra e o arcebispo de Thessalonica.

Num concurso de esboços foi o desse quadro o preferido pelo rei: claro está que o artista procurou, no possivel, dar expressão á figura e satisfazer a vaidade do proprietario.

Deu-lhe aquelle ar desconfiado dos timidos, que é uma nuança da ironia, mimetismo psychologico do pusillanime.

D. João VI está assentado em uma poltrona e veste abotoado o sovado casaco de lã escura.

E' bem aquelle, de quem se delineou o

typo no documentado e sincero livro dum moço independente:

"Era aquelle monarcha extremamente baixo e gordo. A cabeça enorme, em proporção do corpo, coberta de cabello cerdoso, quasi até aos olhos, dava-lhe apparencia de fauno; os olhos incertos e espantadiços, as faces afogueadas, immoveis, não tinham a menor expressão; o nariz rombo e estupido; o beiço inferior grosso e cahido indicava bem que não havia entre os labios e o pensamento esta harmonia que revela a palavra e antecipa a idéa; as orelhas abriam-se em duas azas, e movendo-se, quando andava, faziam conhecer que era temor a dissimulação e desconfiança o seu instincto predominante.

Esta cabeça informe escondia-se entre dois hombros, donde pendiam braços grossos e desengraçados. O peito espalmado e opprimido elevava-se descendo até ao estomago, e dalli se erguia enorme o ventre, sobre o qual caiam, como duas gualdrapas, as abas de um collete sujo com algibeiras repletas de rapé. Este todo tinha por columnas duas tibias vacillantes, curtas e delgadas, que exhibiam sobre dois pés chatos, largos e divergentes, a um povo para o qual a forma physica era a primeira qualídade do poder, Sua Magestade Fidelissima, mais como erro da natureza do que como Senhor

"... com larga copia
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia."

Não pareça que o escriptor carregasse a mão na pintura: Oliveira Martins que se aprazia em descrever casos teratologicos, enunciava:

«Começava por ser disforme. Tinha as mãos enormes e uma inchação das pernas, molestia antiga da familia. Soffria de vertigem e ataques de melancolia, por padecer de hemorrhoidas. A má saude amarellara-lhe a côr do rosto flaccido, donde pendia o conhecido beiço carnudo, sem vida, peculiar dos Bourbons...»

Os retratos gravados por Barros Queiroz, Audinet, Fróes, Huet, apresentam-n'o com o mesmo ar de atoleimado.

E' para aquelle Sileno de parque que o Sr. Eloy Chaves propõe uma estatua, que não poderá ser senão de louça do Porto.

Para motivo ornamental convenho que seja possivel: os lindos azulejos de Jorge Collaço e as artisticas faianças dos Bordallos têm com muita felicidade explorado o grotesco...

Ha gericos nédios e rotundidades fradescas que se prestam a infusas e boiões.

Mas porque se hade arrancar a caricatural effigie do rei «que de louros frangos abarrotava os bolsos da casaca engordurada», o ventre ovante como um bombo, do limbo dantesco, onde os que viveram sem vicio e sem virtude repousam?

Porque trazel-os á luz da historia e á curiosidade dos contemporaneos esses, de quem dizia Dante a Virgilio:

"Non raggioniam di lor ma guarda, e passa."

Quando a historia procede ao summario de culpa dos que não ousaram viver e dos que trouxeram ao hombro a responsabilidade do poder, chumbada como a tunica de Nesso e se agacharam com ella, medrosos da propria sombra, condemna-os igualmente, asselando-lhes o ferrete da ignominia.

D. João VI nada fez; deixou fazer. A lauda ingloria em que se escreve a historia do seu reinado não tem só manchas de sebo: tem manchas de sangue, que elle deixou derramar, com a cumplicidade da sua inercia e da sua incapacidade. Largas, velhas, nobres manchas de sangue, que se não derramou na peleja, invadindo e conquistando; senão defendendo Portugal, dentro de Portugal abandonado pelo rei; sangue bemdito que desmentio o verso do grande épico da raça:

"Que um fraco rei faz fraca a forte gente";

sangue que se não derramou em campo aberto, terçando contra o mouro; senão sangue que se derramou na esplanada da Torre de S. Julião, no Campo de Sant'Anna e no Campo da Polvora; de bellas figuras varonis, como as forão o Tenente-General Gomes Freire de Andrade, chorado pelos academicos de Portugal, ornamento do seu exercito, cavalheiresco como Nun'Alvares, puro de intenções; de Domingos Martins, homem culto e de vontade, dos republicanos de Pernambuco, em 1817.

Em que inspirou-se o deputado paulista para á uma geração que conhece á farta as anedoctas do Paço, propor consagração tão ridicula?

O seu D. João VI teve, uma vez, occasião de se mostrar heróe, com assombro de sua propria fraqueza: quando correu á bengala no paço a mulata Maria Leonor, aia da rainha.

Impressionista e impulsivo, dissimulado e desconfiado, suggestionavel e egoista, egoista sobre tudo, hydrocephalo e sujo; isso elle o foi.

Tinha o sangue frio da marmota; só pedia que o deixassem viver, e apagava-se n'uma homochromia defensiva, na penumbra parda, como as toupeiras, com a gente inferior de que se cercava, os conde de Paraty, Lobato e José Egydio...

A. F.

ASSASSINA

O RELOGIO batera argentinamente sete horas. As pancadas despertaram na cama Leocadia Ramos, uma das mulheres faceis de maior cotação no Rio de Janeiro.

«Sete horas, já» exclamou Leocadia esfregando as palpebras, «o Samuel não tarda». Levantou-se ás pressas, detendo-se um momento sobre o tapete felpudo. Estirou-se abrindo os braços e descahindo o corpo n'uma linha flexuosa, de preguiça e volupia.

Leocadia correu a vestir-se. Num apice arrancou o penteador e, na meia treva crepuscular, procurou as frioleiras de que carece uma mulher quando começa a preparar-se para sahir, a caixa do pó de arroz, os alfinetes, o laço de fita, o abotoa sapatos, o pente, o pulverisador...

Samuel chegaria ás sete e meia em ponto, de carro. Os dous amantes tinham de jantar na cidade e adquirir um camarote para *A Boneca* no Apollo. Após a representação ceiariam em Botafogo ou Copacabana.

Leocadia vivia com o Samuel. Não lhe tinha amor, mas o vago reconhecimento das perdidas pelo principal pagante. Samuel montara-lhe casa, dava-lhe conforto, luxo, a paz do corpo no socego material do dinheiro, o sonho doirado das prostitutas. Antes de conhecer Samuel, Leocadia ganhava a valer; ia esgottando, rapidamente, os recursos da saude e da belleza. Samuel era moço e rico. Corretor de fundos, não chegava ao fim das bolsas ou dos mealheiros dos clientes, esfolava com relativa honestidade, com amavel geito, quanto basta para que o publico não grite.

Desde que Samuel com ella se amasiara, Leocadia se tornára mais cobiçada, mais attrahida por promessas a enganar o amante. Repellia as propostas com firme brandura.

«Nada, pensava com os botões do corpinho, por ora estou bem com o Samuel. Mas não brigará commigo? Não devo acceitar os homens, porém guardal-os para maior de ouros, na hora do pontapé do Samuel.» E Leocadia sorria discretamente quando, na rua do Ouvidor, o bonifrate vadio, de flôr ao peito e bengala de junco, murmurava ao vêl-a, babado, melloso, com olhos de peixe que tresanda: «divina». Leocadia não espantava os adoradores, [illegible] eserva, o seu viveiro, a semente [illegible].

Da parte do amante nada lhe faltava. Não sabia em que modo festejasse Leocadia. Sedas, joias, flôres chegavam ás mãos da hetaira, com frequencia, galanteria e mimo. A casa d'ella, na rua do Cattete, perto do largo da Gloria, podia vêr-se. O fausto ia da porta da entrada á cosinha. Quadros, tapetes, moveis, cada objecto, com lingua muda, narrava a historia de avultada despeza.

Leocadia sabia que todos os sabbados o Samuel vinha buscal-a para passeiar. Como se atrazára a ponto de estar por vestir quasi ás sete e meia da noite? Sahira durante a tarde, fôra á praia de Santa Luzia, a humilde rotula junto do Hospital da Misericordia, onde estava a criar a Chiquinha, filha de Leocadia. Tivera-a aos quinze annos, do primeiro seductor, um magarefe de Santa Cruz, supprimido do matadouro humano pela febre amarella.

Leocadia enveredara pela prostituição depois da morte do magarefe, que a enriquecia de pancadas como ella de cousas habituaes ás cabeças bovinas. Não podia, não quiz conservar a Chiquinha. Deixou-a em casa de uma pobre portugueza, á praia de Santa Luzia, onde, a troco de trinta e cinco mil e duzentos réis, a pequena tinha o direito de viver entre os oito filhos da portugueza, mulher torta de um enfermeiro giboso da Santa Casa. O enfermeiro fazendo as contas exigira os mil e duzentos réis, quebrado cuja razão devia pesar na bolsa senão na consciencia do pedinte. Sempre que podia, Leocadia visitava a filha, trazendo-lhe presentes doces, bonecas, um vestidinho novo, um par de sapatos brancos, os mil nadas que o coração sabe escolher para quem ama. Os filhos da portugueza ajudavam Chiquinha a ter presentes renovados e o enfermeiro, mal a mãe virava as costas, auxiliava a pequena na tarefa de digerir os doces e gulodices.

A vestir-se, ás pressas, a Leocadia estava a pensar na filha, nos seus dez annos novos e puros, nos olhos d'ella grandes e luminosos, humidos e meigos, na boquinha vermelha como a framboesa madura que estala de fresco ao abrir-se polposa e convidativa. Dez annos já! Leocadia sentia secreto horror. Chiquinha moça abriria vistas para a vida materna...

«Então, Leocadia, ainda não está prompta, exclamou Samuel, entrando pela alcova a dentro, de chapéo á cabeça, charuto na bocca, com a brutalidade desdenhosa do homem grosseiro que paga.

Leocadia desculpou-se e veio abraçal-o, amplexo frio de quem se sente comprado. Era só um minuto, faltava apenas pôr o chapéo, dar o ultimo toque de pó de arroz. «Aposto que foste vêr a Chiquinha», res-

mungou Samuel fazendo scintillar o charuto a um hausto mais forte. Chegou-se para a veneziana da sala a vêr passar os electricos, que corriam com um som surdo de curtas lufadas de vento. «Pois não hei de gostar de minha filha?» «De certo, de certo, respondeu Samuel impacientado, puxando o relogio pela vigesima vez, mas estamos atrazados como o diabo. E o Ribas a nossa espera no *Café Paris*?» O Ribas, quasi collega de Samuel na praça, era um zangão muito conhecido pelas conquistas. Jantava inadiavelmeute com Samuel e Leocadia, aos sabbados, e, invariavelmente tambem, punha o pé a travar conhecimento com o de Leocadia, debaixo da meza, sobre a qual se estendia a toalha do jantar pago pelo amigo. Não fosse o Ribas zangão...

A lembrança do Ribas fez sorrir Leocadia. As mulheres indifferentes desdenham os amantes por mil ironias invisiveis e crueis.

«Promptinha, disse Leocadia, estou bonita?» «Muito», replicou, secco e distrahido, o Samuel cuja mão direita tinha, mais uma vez, extrahido o relogio do bolso do collete.

Desceram. A criada veio trazel-os até a porta, não só para os acompanhar como para dar aviso ao namorado, que a lobrigando no sabbado, de branco, á porta, despedindo-se dos patrões, conhecia o valor do aviso: «Podes subir, elles só voltam depois de meia-noite.»

Samuel deu ordens ao cocheiro, era tocar como um raio para o largo da Carioca. As bestas do carro sentiram no lombo o imperio do couro ao serviço da impaciencia.

A porta do *Café Paris* o Ribas esperava os amigos. Tinha os sapatos cuidadosamente engraxados. O jantar correu animado; á sobremesa o estoiro de uma garrafa de champagne veio solemnisar o encontro semanal. Ao sahir do repasto o Ribas trazia algumas sombras no polimento dos sapatos. Sob a mesa ha tanto pé esquivo...

Eram quasi nove horas quando Samuel e Leocadia retomaram o carro. Leocadia bebera demais. Sentia-se um pouco tonta, um pouco enjoada. Queria voltar para a casa. O Samuel ficou indignado. «Não, senhora, é bobagem, vamos passeiar. Vem ó Ribas, vem commosco e tu tambem, ó Clemente», disse Samuel a um mocinho alto, esguio, de cara raspada e olhar adormecido por longas intimidades com o alcool.

Entraram os quatro no carro. De novo as bestas sentiram o peso de uma tira de couro ao serviço de quatro malandros. O toldo do carro desceu. O ar da noite, açoutando a cara de Leocadia, fez-lhe bem, dissipou-lhe o mal estar e dentro em breve do champagne apenas lhe ficou embriaguez capitosa, leve e aguda. Ella se derreiava toda para Samuel, n'uma intimidade de alcova, procurando-lhe o amplexo masculino, com vontade de dizer asneiras. O champagne cegava-lhe a hysteria. Insensivelmente Leocadia punha-se a rir, a fallar alto, com infinita ternura sensual, a abranger tanto Samuel como os outros dous sujeitos. Os tres homens com certeza haviam bebido mais do que de habito. O Samuel e o Ribas disfarçavam bem; o Clemente tinha os olhos accesos como se roubassem luz a cada lampeão de gaz pelo qual o carro passava. O Ribas estendia-se no estreito e duro banquinho da frente do carro. O pé delle esbarrou no de Samuel, o Ribas teve de pedir desculpas...

Samuel ordenou ao cocheiro uma volta antes de encostar no *Apollo*. Os passageiros do carro sentiam-se cada vez mais excitados, com vontade de gritar, de dar escandalos. Ainda era cedo, as ruas illuminadas, a copia de transeuntes, o receio da policia, detinham os imprudentes acenando-lhes com a visita á delegacia proxima.

Chegaram ao *Apollo*, mal viram a *Boneca*. Os quatro mediram o asphalto da frente do theatro. Durante um acto inteiro beberam cerveja nas mezinhas de folha de flandres espalhadas entre a sala de espectaculo e a porta da entrada em cuja taboa já se lia, de cabeça para baixo, o anmncio da récita do dia seguinte em lettras garrafalmente brancas: «*Amanhã. O Testamento da Velha*».

Mal baixou o panno sobre o ultimo acto, Samuel e os companheiros se precipitaram para o carro.

Tinham passado uma noite estupida.

Agora sim, iam pandegar em Botafogo. O carro partio e, conforme as ordens de Samuel, dirigio-se ao centro da cidade. Uma vez no largo do Paço tomou rapido a rua da Misericordia. Meia-noite e vinte. Tudo socego e deserto. Um ou outro guarda nocturno, a passos lentos, apitava como um bando de grillos apostados em côro. O guarda erguia a cabeça á passagem do carro, dentro do qual vozeiavam Samuel, Leocadia, o Ribas e o Clemente. Era a lei sobresaltada pelo clamor nocturno. Mas as ferraduras das bestas chicoteadas, em breve punha o clamor longe da lei e o guarda recomeçava o passeio levando á bocca o bando de grillos postos em apito.

O carro rodava desesperadamente. Passou como um raio defronte da Faculdade de Medicina, e, a brusca e forte guinada, entrou pela praia de Santa Luzia. Os passageiros do carro berravam, cantavam, alegria a subir nos vapores do alcool.

Pouco depois do hospital da Misericordia, o carro quasi foi de encontro a um bonde da praça Onze, de somnolenta parelha, com o pharol azul semi-apagado [illegible] evital-o, o cocheiro teve de fazer uma rev[illegible]olta e cahio sobre

um grupo de pessoas que procuravam a calçada. Os passageiros do carro viram apenas uma mulher que buscava juntar ás saias algumas crianças assustadiças, a correr sem rumo na ancia de fugir ao velhiculo. Sentiram o violento solavanco, a sensação de passar por sobre um objecto duro. A mulher das crianças deu um grito, ouvio-se um «péga, péga» da escassa gente do bonde e o cocheiro fustigou as bestas que partiram qual setta bem despedida do arco por mão certeira. O "péga, péga» em dous minutos ficou longe, o carro rodou celere sobre o macio caminho da Avenida Beira Mar.

«Creio que machucamos alguem», observou Leocadia. «Ora, cousa atôa», respondeu Samuel. E o Ribas addicionou: «tambem para que se anda na rua a taes horas...»

A ceia em Botafogo foi animada e livre. Assim a volta para casa, ás duas da madrugada. O carro parou á porta de Leocadia. A' vigesima pancada veio abrir a criadinha, tonta de somno, em traje summario. Ribas e o Clemente tinham regressado de automovel, transporte mais rapido para as camoécas.

Leocadia custou a subir a escada, a despir-se. Sentia as faces afogueadas, o olhar em nuvem. A cama lhe pareceu um logar ao qual só se chegava depois de haver andado muito. Samuel queixava-se de enxaqueca. Trabalhára tanto na Bolsa durante o dia...

Quando Leocadia despertou, no dia seguinte, o sól já ia alto. Eram dez horas de quente e luminoso domingo. A criada trouxera os jornaes, deixara-os sobre a mesa de cabeceira, uns humidos, de papel molle, com as lettras diluidas n'um vago borrão pela tinta mal pegada, outros rijos, engommados, promptos a estalar como biscouto quebradiço, ao menor desdobramento.

Samuel dormia, calmo, de bruços, a respiração certa e grande, a cara enterrada no travesseiro amarfanhado. Leocadia estendeu o braço, puxou um jornal.

Abrio-o devagar para não cortar o somno do amante, poz-se a ler. Saltou-lhe á vista uma epigraphe gorda: *Desastre*. E Leocadia leu a noticia do accidente: «Hontem, pouco depois de meia-noute, na praia de Santa Luzia, um carro em disparada atropellou e matou a menina Francisca, que vinda de um circo, se recolhia em companhia de sua mãe adoptiva a portugueza Clara de Jesus, mulher de um enfermeiro da Santa Casa. Não houve meio de prender o cocheiro. Logo após o desastre, fustigou os animaes fazendo fugir vertiginosamente o carro, cheio aliás de gente alegre e de mulheres de vida airada, as quaes deveriam ter mais fiscalisação por parte da policia. Avalie-se a dôr da verdadeira e honesta mãe da pobre criança esmagada quando souber do inditoso fim de sua filha...»

ESCRAGNOLLE DORIA.

Cousas da India

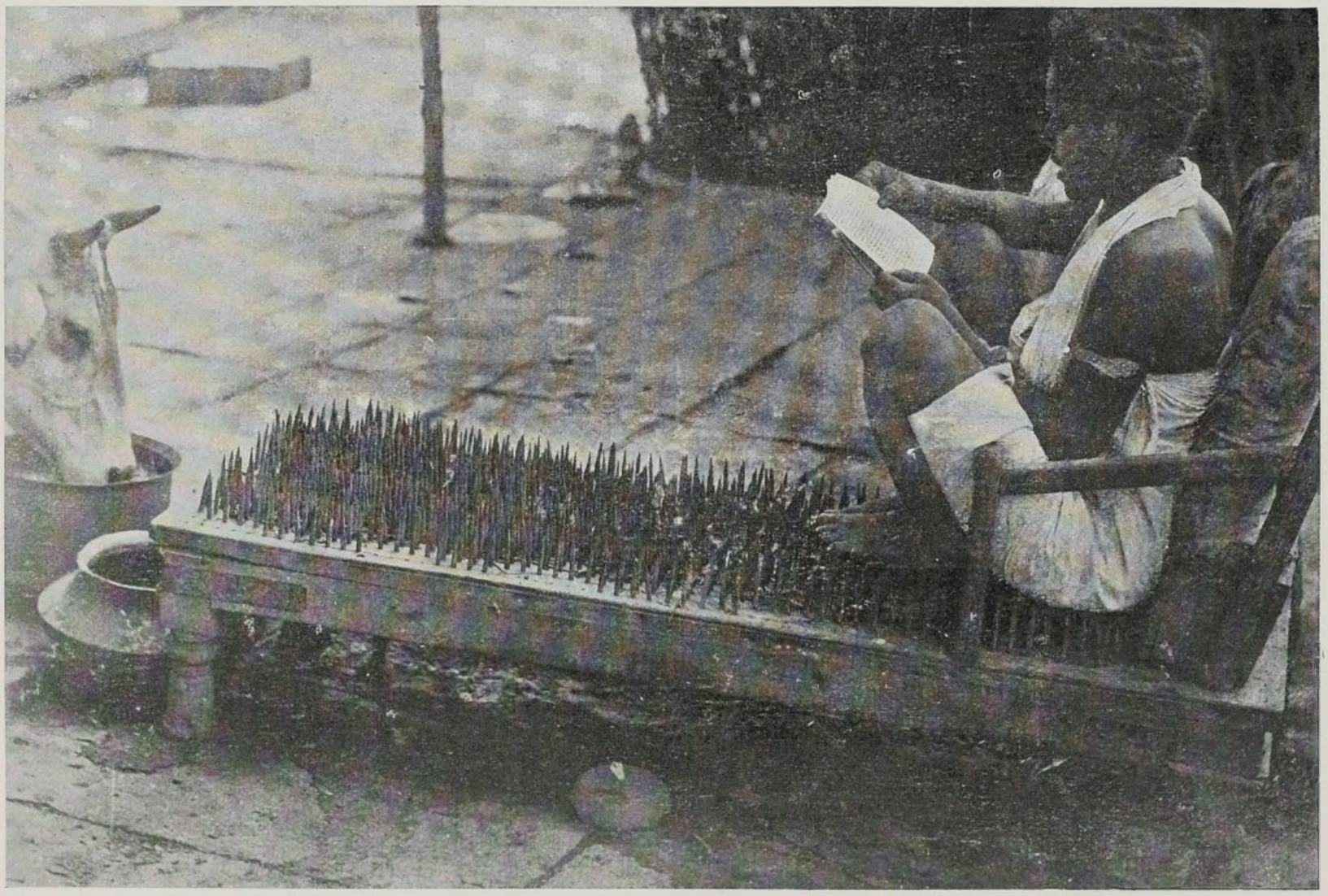
DEVIDO á requintada gentileza do distincto proprietario que, sabemos, é tambem o mais habil collaborador artistico do *Kosmos*, podemos hoje dar ao publico a photographia que já exhibimos na Sociedade de Medicina e Cirurgia, ao referirmos alli algumas das scenas de fakirismo por nós observadas na India. E com isso ainda satisfazemos ao compromisso tomado para com os nossos leitores, no artigo que, a proposito, publicamos no *Jornal do Commercio* de 25 de junho proximo passado.

Como uma compensação, porem, a semelhante obsequiosidade, juntamos áquella, mais duas outras photographias, qual mais nitida e interessante, representando uma, a celebre mesquita de Aurengzeb, a margem do Ganges em Benares, junto a qual vivia o fakir representado na primeira das nossas photogravuras e a outra, o famoso banho sagrado do Mohamokan Tank, em Kumbakonam Station, districto de Tandjore.

Já regressavamos do Oriente; tinhamos visitado Sumatra e Java, a Indo-China, os Straits Setlements e a ilha de Ceylão; já haviamos percorrido a India ingleza, de Tuticorin, por Madras e Calcutá, até Benares; já eramos, portanto, mais ou menos iniciados na observação das curiosas praticas do fakirismo hindú, pelas repetidas occasiões que tivemos de testimunhar tudo o que, neste particular, contam, cheios de admiração e interrogativas, todos os viajantes que actualmente percorrem tão longinquas quão interessantes paragens.

Dissemos actualmente, porque os verdadeiros fakires de raça, aquelles que conquistaram a fama que lhe consagraram os primitivos visitantes occidentaes da India, vão rareando cada vez mais, de modo que, o que geralmente se vê hoje, não passa das costumadas scenas de prestidigitação, encantamento de serpentes, germinação de sementes, attracção e repulsão de corpos, scenas que, apesar de irreprehensivelmente executadas e com uma habilidade jámais conseguida pelos mais celebres dos nossos pelotiqueiros modernos, não satisfazem comtudo a curiosidade de quem leu as narrativas de Jacolliot e outros antigos historiadores do velho Indostão.

Isso é o que se vê commummente, o que

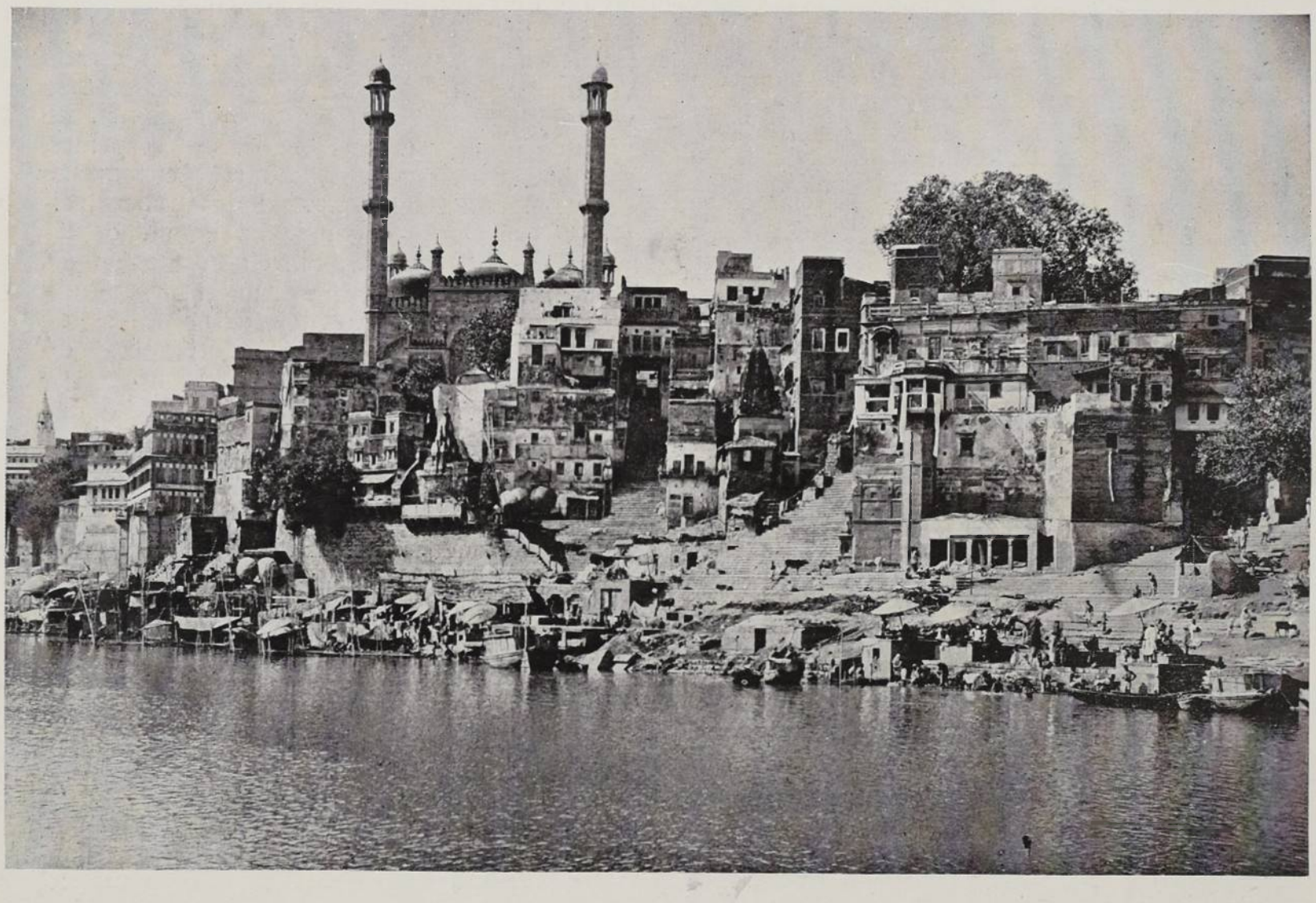


UM FAKIR EM BENARES

toda a gente observa logo ao ancorar dos navios, a bordo, nos hoteis e nas ruas que sem demora se pejam de passageiros, sempre curiosos de taes exhibições e que cerrados em grandes grupos, ao redor do agil e sempre esqueletico fakir, disputam entre si a honra e o prazer de descobrir-lhe os trucs, o que porém, nenhum consegue, não obstante a certeza de que elles devem existir.

Os grandes phenomenos do alto occultismo indiano, taes como a suspensão da vida, ou a maxima reducção de suas principaes funcções, a ponto de permittir a inhumação de todo o corpo ou só da cabeça por semanas e mezes; a levitação de pessoas e cousas; a transmissão de pensamento e a vista dupla, sem que a nossa motillidade inconsciente ou a nossa suggestibilidade possam cooperar de qualquer maneira para sua realisação, taes quaes foram antigamente observados e descriptos, são maravilhas que não é facil hoje constatar, maximé nas grandes cidades, onde a vida intensa dos nossos dias, o movimento commercial e as luzes da civilização britanica, vão arrancando ao paiz toda sua invejavel originalidade e os encantos de sua velha e transcendental sabedoria.

Estavamos, porém, em Benares, a mais santa das cidades hindús e a mais antiga das cidades do globo, já florescente ao tempo de Ninive e Babylonia, a metropole religiosa da India, onde os templos, pagodes, sanctuarios e capellas attingem a cinco mil e os idolos phantasticos e pittorescos que os povoam, são computados em cerca de seiscentos mil, ou o dobro da sua respectiva população, o que bem exprime o caracter de tal cidade originalissima, sinão unica em todo o universo; (*) estavamos em Benares repetimos e iamos regressar, quando o proprietario do Clarks Hotel, onde nos achavamos, deu-nos a noticia do celebre fakir da Mesquita de Aurengzeb e offereceu-se para nos conduzir até lá. O homem não estava na occasião, o que nos permittiu ver de perto e bem examinar a terrivel poltrona crivada de longas e agudas pontas, sobre a qual, a maior parte do tempo, passava solitario a existencia, indifferente a tudo, á dôr e aos homens, aquelle extraordinario vivente em cuja



MESQUITA DE AURENGZEB E LOGAR DE CREMAÇÃO DE CADAVERES NA MARGEM DO GANGES. (BURNING GHATS) BENARES.

(*) De facto, nem Roma, nem Jerusalem, nem Mécca, nem Lourdes vivem na preoccupação religiosa que alli absorve toda actividade colletiva, nada havendo quasi como industria local. A cidade se nutre exclusivamente do que lhes trazem os perigrinos e viajantes; alli não ha trabalho.

BANHO RELIGIOSO N'UM TANQUE SAGRADO (TANDJORE, INDIA)

realidade não queriamos acreditar, mas que em pouco tempo se nos revelou de maneira tangivel e irrecusavel.

Eil-o, pois que se aproxima, quasi nú cingindo apenas uma fina mousselina branca e sem attender á nossa presença, sobe para sua originalissima poltrona, que antes fazia lembrar um barbaro instrumento de supplicio do tempo da Inquisição, marcha sobre ella que mede cerca de dous metros de comprido, sentando-se por fim na posição em que o surprehendeu a objectiva da machina photographica! Eram grossas e compridas pontas aguçadas e inflexiveis, que deviam penetrar lhe as carnes, produzindo-lhe dôr e hemorrhagia, o que para logo tratamos de verificar, insinuando nossos dedos entre aquelle corpo privilegiado e as pontas sobre os quaes tão tranquillamente repousava, nada porém observando!

E parecia um typo normal, insuspeito de qualquer molestia interna, ou do tegumento, capaz de explicar semelhante resistencia e uma tal insensibilidade, conforme a propria photographia revela. Não temos a pretenção de explicar tão curioso facto que, como muitos outros alli observados, tem ficado até hoje sem explicação, não obstante as poucas hypotheses possiveis de serem para isso formuladas.

A mesquita de Aurengzeb é uma das mais bellas do mundo e lembra o nome do maior propagandista do Islam na India e ao mesmo tempo, o mais cruel dos revolucionarios de seu tempo.

Foi elle que, para subir ao throno, ensanguentou o paiz inteiro e conspirou contra seu proprio pae, o illustre Grão Mogol, Schah Jehan, encerrando-o num carcere immundo, depois de lhe haver mandado perfurar os olhos e onde, não obstante, ainda viveu o infeliz principe sete longos annos!

Illustre e immortal foi elle por ter tido a fortuna de construir o Taj, o mais rico e o mais artistico dos monumentos do mundo, o Forte e o Palacio de Agra e a famosa Mesquita das Perolas de que posteriormente nos occuparemos, dando-lhes as respectivas photogravuras e sua interessantissima e commovente historia.

Ao lado da Mesquita de Aurengzeb, de aspecto imponente, á margem do Ganges, com seus esplendidos minaretes finissimos e altos como sétas ousadamente projectadas nas alturas, se vê—o fumo das fogueiras onde são queimados os cadaveres e os destroços dos palacios que o rio tem minado continuamente, subvertendo-os e ameaçando todas as construcções visinhas.

Um antigo templo dedicado a Vichnú, destruido e arrazado por ordem de Aurengzeb, forneceu o logar e os materiaes para a construcção de sua bella Mesquita, erguida segundo sua vontade, para em todo o tempo provar o triumpho de Mahomet sobre Brahma.

O banho religioso do Mohamokam Tank, no districto de Tandjore, constitue uma das scenas mais curiosas da India e occorre uma vez em cada doze annos, coincidindo com o fluxo das aguas sagradas do Ganges, alli sentidas com igual espaço de tempo,

Tal é a affluencia de povo que concorre a uma tal ceremonia que, as aguas do Tank, aliás de grandes dimensões, como se vê da propria photographia, sobem de nivel, elevando-se de algumas pollegadas.

Mas a santidade do lugar ainda é maior pelo facto de se encontrar no tecto do mais importante dos dezeseis templos hindús que bordam a sua circumferencia, a representação, em alto relevo, da balança em que um certo Govind Dikshit se fez pesar em ouro, cuja totalidade offereceu aos sacerdotes brahmanes do logar. E' preciso convir que é essa uma razão de ordem superior e que em materia de gratidão, a seus bemfeitores, aquelles pobres idolatras que ha millenios a affirmam, até nos ingenuos ceremoniaes de suas praticas religiosas, podem fazer corar todo o resto do planeta que, devemos confessar, não se destingue precisamente por tão nobre virtude.

Rio, 23 de Julho de 1907.

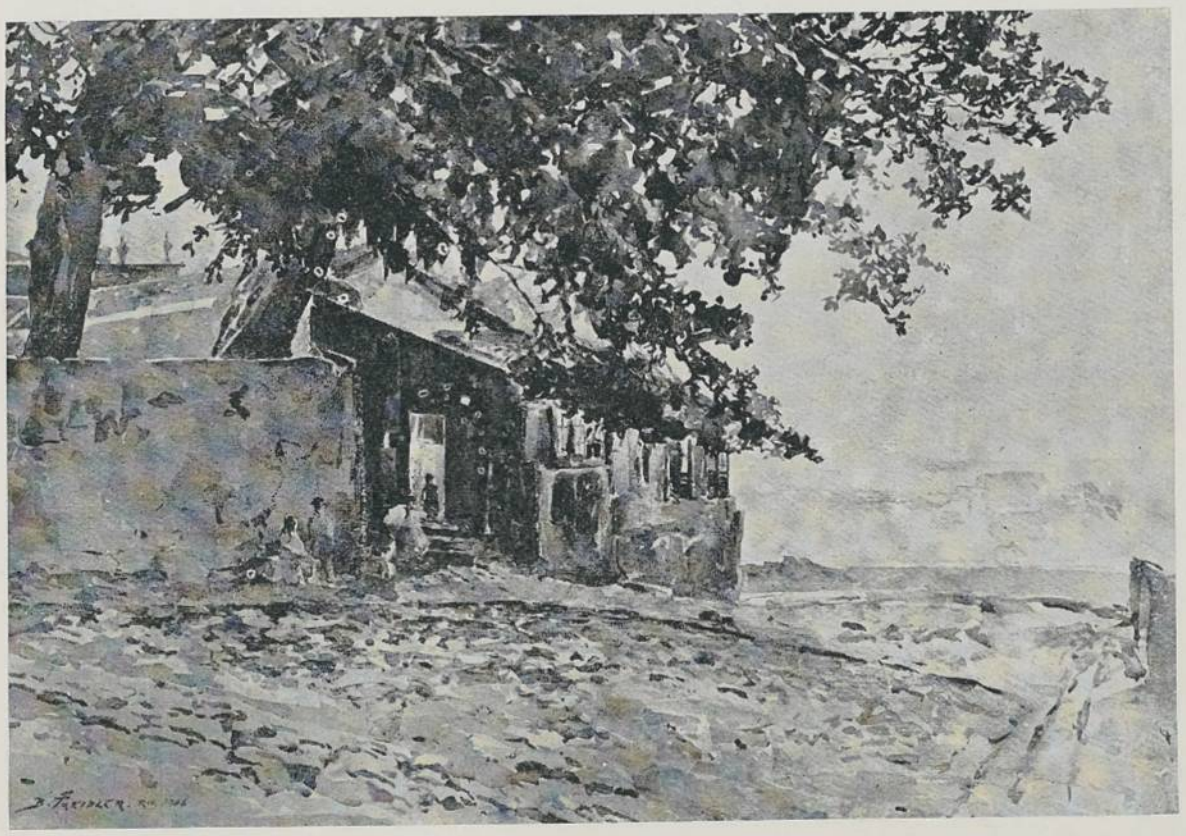
DR. THEODORETO NASCIMENTO

Os Aquarellistas em 1907

Exposição realisada no salão do "Club Brazil," em dependencia do palacête d'*O Paiz*, n'Avenida Central. Aberta em 1.º de Julho.

Posto que menos numerosa que as suas antecedentes esta terceira exposição dos aquarellistas prova certo interesse, tomado com maior enthusiasmo, pelo valor dos trabalhos expostos.

Ainda aqui e aili, e isso mesmo entre os nomes de realce, notam-se producções apressadas, sem duvida para substituirem prometimentos esquecidos ou concorrerem para augmento do numero, sem que houvesse a pre-



videncia da indicação de *pochades*, que de algum modo, resalvaria a responsabilidade dos seus autores.

Em todo o caso a actual exposição bem merece a attenção do publico, não deslustra, os intuitos d'Associação nem enfraquece a elevada reputação de que, por ventura. gosem os expositores.

Quanto ao modo de arranjar a exposição que, desta vez, tambem se apresentou em melhor sala e com detalhes de cuidado ornamental, parece-me, e entra nisso uma opiniao pessoal, que as exposições de aquarellas, desde que se considere a modestia dos seus recursos, deveriam obedecer a um arranjo mais decorativo, ainda que se lhes désse a ellas, aquarellas, uma feição complementar. Se, num dado espaço de muro, fôr collocado um limitado numero de aquarellas, respeitando-se a harmonia dos seus tons ou seja a razão dos seus contrastes, e esse espaço se destaque d'outro subsequente por meio de objectos ou motivos d'ornamento, taes como jarrões floidos, estatuêtas, pannejamentos arrepanhados ou simples enquadramentos muraes d'esculptura, o effeito de cada porção será mais intenso, mais attráente, mais agradavel á vista. Perderá a exposição a sua parte convencional, mas ganhará em novidade impressionante.

Talvez que isto faça sorrir, talvez irritar a alguns dos artistas expositores; ao demais, como em Pariz ou Berlim não se usa proceder deste modo, não devemos inflingir as regras do bom gosto para não dizer, com acerto, da rotina. Vá lá que assim seja! Pariz e Berlim e, por contra pezo, quem desdenuar do meu parecer, continuarão a entender as leis da symetria e impôr as regras do fino gosto artistico, e eu cá me ficarei com a minha humilde opinião.

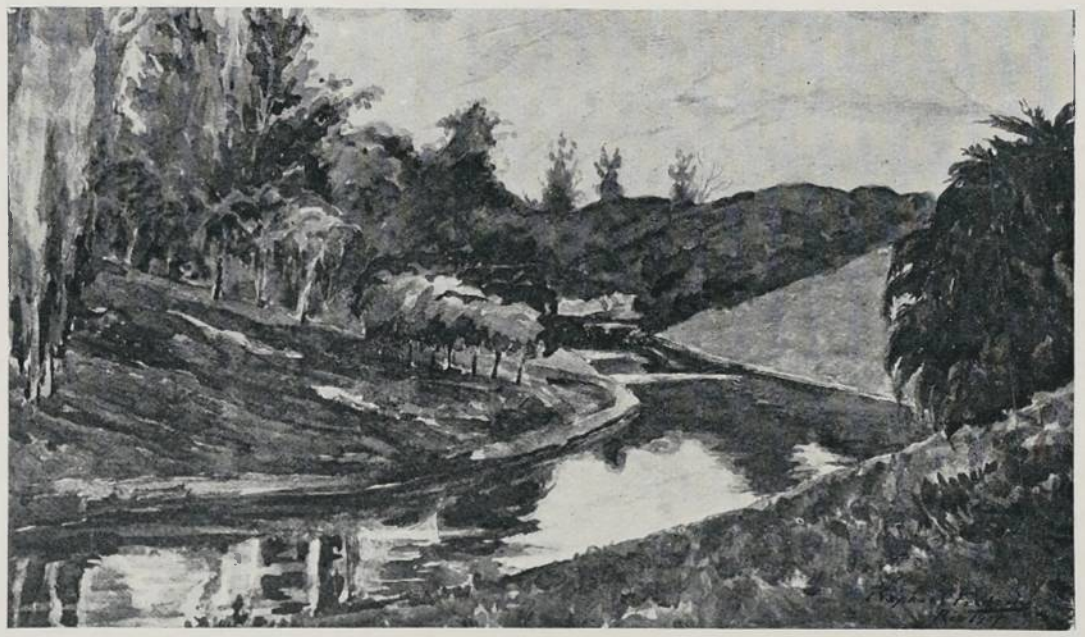
Nem portanto o mundo virá abaixo. E' até provavel que, ficando cada qual com a sua opinião, o mundo se mantenha melhor...

Isso quanto ao caso do arranjo da exposição, porque, relativamente aos expositores, vantagens colherão elles se todas as boccas ou pennas muito disseram de suas obras, por mais extravagantes que fôrem os commentarios. Peior seria o silencio.

Assim preambulado este artigo, com o qual espero entrar na Posteridade, pela mesma razão que outros, com mais descabelada toleima, se julgam em fóco dos kodaks do Futuro, vamos nòs, amigos leitores, considerar a exposição.

Temos em primeiro lugar o sr. professor Amoêdo. Poderão condemnal-o pelo processo minaturado das sua aquarellas os que se apégam á restrinção do genero. Mas isso é uma tolice tão descompassada como a de condem-

nar um pintor á oleo por empregar muita ou pouca tinta nos seus quadros. Com mais ou menos agua o genero de pintura é o mesmo, o processo é que difere. E o sr. professor Amoêdo, um dos mais habilitadamente téchnicos de quantos pintores aqui vivem, consegue com a sua maneira uma delicadeza agradabilissima de tons, dando a frescura, o viço e a intensidade real dos seres e dos objectos que pinta. Para o comprovar temos aqui o retratinho da Exma. Sra. D. Julia Lopes d'Almeida. A illustre senhora, a quem não tenho a honra de conhecer pessoalmente e, por isso, não sei se ahi está mais gorda ou mais magra como tem sido importante questão da esclarecida critica carioca, é-nos representada no seu gabinete de trabalho, á luz merediana. A figurinha, assentada numa poltrona movediça, em frente ao *bureau ministre* de canella cerada, *posa* com a «naturalidade» peculiar aos seus modos mulheris, em que ha sempre o quer que seja de faceirice innata. É-lhe o olhar claro e inteligente, a expressão do rosto serena, a posição dos braços num flagrante de *instantaneo*, e isso num meio estudado de interior, obedecendo a reprodução exacta do local, sem que a discordancia das côres provoque confusão no conjuncto.



Será dificil exceder á pericia da minudencia que accusa esse quadrinho, desde o que constitúe desenho, como é a mão que, negligente, marca com o dedo uma pagina ao livro meio fechado, como é o contorno do rosto, do mento, do busto, assim como o dos moveis, até o que se póde dizer propriamente – pintura, em que a precisão da pincelada corresponde á minuciosa observação da luz, da sombra, das nuanças.

Em outros dois retratos não foi o illustre professor tão feliz, já por serem de maneira diversa, já pelo descuido do insigne artista em lh'os não dar a classificação que deveriam ter para completo julgamento do contemplador.

Refiro-me aos retratinhos do celebrisado pianista sr. Arthur Napoleão e do sr. Alberto Silva que, sobre ser estimado poeta, tambem é applaudido amador de pintura figurante em exposições. Esses retratinhos, em *pochade*, teem a recommendação da certeza d'aguada, e como taes são feitos á larga, a que escapam minuciosidades de modelado, postoquê a cabecinha do de n. 2 seja mais trabalhada que a de n. 3. Em todo o caso, eu os prefiro ao *Anceio* que me parece demasiado anciante.... salvo melhor juizo, e áquella senhora da ventarola....

Em compensação vemos ali tres interessantes paizages: *Garrafão e Corcovado, Caixa d'agua* e *Lagoa Rodrigo de Freitas*, que são trabalhadas pelo mestre com a sua admiravel habilidade e precisa observação.

Outro professor, tambem illustre, ahi figura. É o sr. H. Bernardelli, que expõe tres quadros, dois dos quaes são pincelados com a sua caracteristica maestria, em que ha impetos de vigor vivicativo e recorda, pela largura das manchas, golpes bruscos, d'entretalho.

Um tem por titulo *Loredano*, outro *Dom Alvaro*, e ambos trazem a marca indelevel da mão do mestre.

Mas, caso curioso! nesses dois magnificos hespanholados, de senho arrogante e atrevidos *sombreros* cinzentos, descubro semelhança flagrante com um dos mais intelligentes e preparados dos nossos amadores, o respeitavel sr. E. P. de A. C., bem conhecido e admirado n'alta administração publica e muito justamente prezado nos grupos de artistas. Não ha duvida, esses dois fragueiros fura-peitos, são dois valientes distinctos n'uma só pessoa verdadeira, que outra não é senão o bom, o amabilissimo, e culto sr. E. P. de A. C. Ora, esta!...

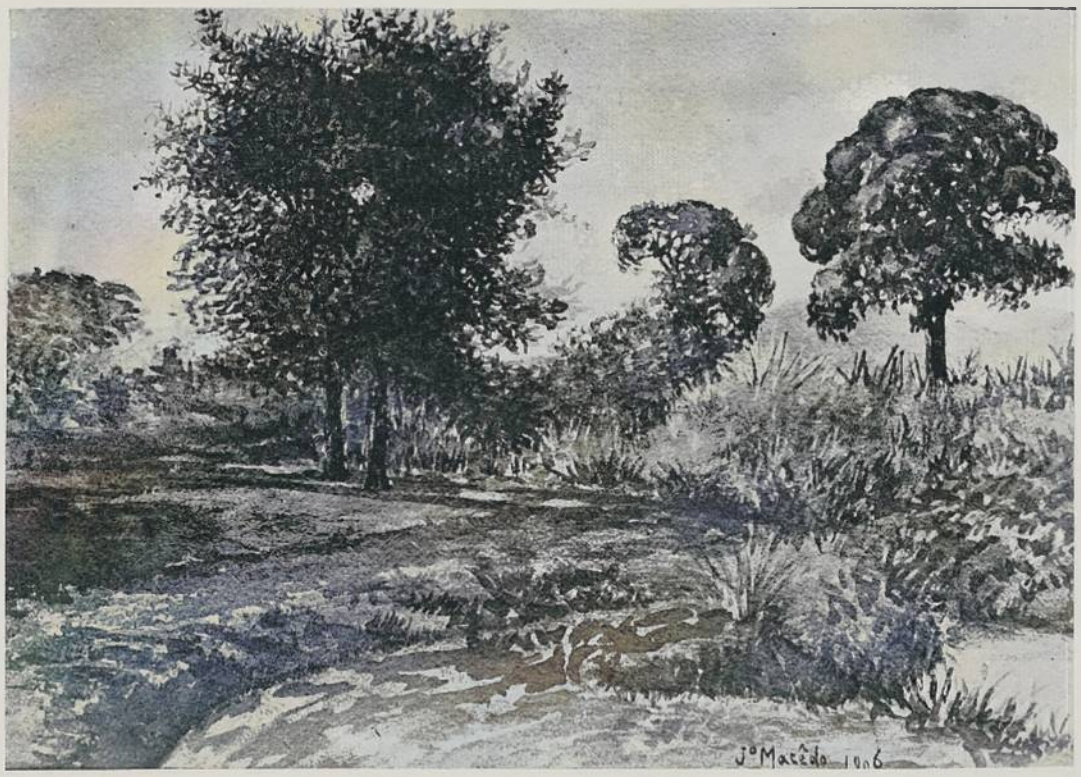
Ah! se d'aquarella passassem toda aquella pimponice para alguns *postaes*.... estaria a cousa a calhar, por côr local e para o enlevo das nossas castellãs em *devant droit*.... apezar de que o Loredano me pareceu estar em imminencia de uma indigestão de bananas.... Quanto ao terceiro quadro, o intitulado *Risonha*.... que o illustre professor me perdôe.... aquillo não vae nem com môlho inglez, acaso não seja recordação de uma das scenas do *Esfolado*, do meu amigo o popularissimo Raul.

Ainda temos outro professor.

Realça-se entre elles com a sua inconfundivel maneira de aquarellar o professor Benno Treidler. E, em verdade, o sr. Treidler é o unico especialista nesse genero de pintura, dos que formam a Associação.

Ao primeiro relancear de olhos virifica-se que ali está um entendedor da delicada e abusada technica d'aguada.

Talvez que se o reproche carregar habitualmente na *terra de Veneza;* não direi que seja immerecida a censura, mas, nem por isso, serei eu dos primeiros fundibularios que lh'a arremecem. Se o abuso da *terra de Veneza* avermelha por demais as suas paizagens, tambem lhes dá uma grande quentura que faz brilhar os verdes; e pondo-se de parte a predilecção do gosto de cada commentador ou critico, o



abuso transforma-se, como é aceitavel, em conveniencia.

Não obstante esta nuga, as paizagens do sr. Treidler, muito recommendavelmente *Crepusculo e Neblina* teem uma intensidade de vida pouco vulgar no genero, os longes são, perspectivamente, expressivos e mesmo de grande poesia como se sente no *Crepusculo.*

O seu auto-retrato, do tamanho de uma pagina das brochuras communs da casa Hachette, seria mais facil de estima se o artista lhe não houvesse forçado o sobr'olho esquerdo, numa attitude que lhe é costumaria mas pouco attendida pelos que não teem a honra da sua intimidade.

Ainda outro professor, o sr. João Baptista, apresenta nos dois excellentes estudos de natu reza, firmes e dignos do alto conceito de que gosa o seu nome.

O sr. Heitor Malagutti, segundo o catalogo, deve attrahir a attenção dos seus innumeros admiradores com dois trabalhos, mas eu só vejo um dos mencionados, o de n. 44, uma cabecinha de moça, de uma enternecedora expressão de modestia. E isso por um processo esbatido, poder-se-á dizer — ennevoado, que é peculiar ao pintor da *Beatrise.*

Do sr. Raphael Frederico, entre outros quadrinhos, ha um de bem estudado effeito de agua. É de esperar que esse simpatico artista, levado pelo bom exito da sua paizagem de hoje que, realmente, disperta interesse aos visitantes, continúe a procurar o mesmo ou maior acolhimento com o apurado de seus trabalhos, e devia-se apontar este exemplo ao talentoso sr. Fiuza, que persiste em se não realçar, apezar da *cabeça de velho,* em tres polegadas de papel, na qual a falha de attrativo pela infeliz escolha do modelo está recompensada pela destreza da mancha.

Desta vez o sr. Araripe Macedo me prende agradavelmente com umas *Velhas mangueiras,* e uma outra paizagem, a de n. 24 e a sua marinha.

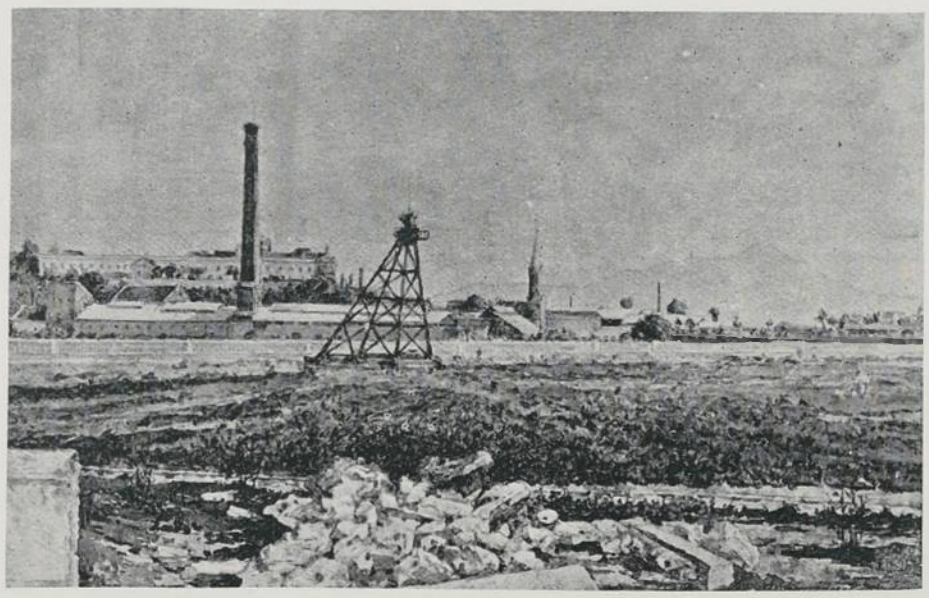
O sr. Modesto Brocos, que me habituou a presal-o sinceramente, não me satisfaz nesta exposição. E lamento que assim seja, porque o meticuloso pintor de costumes roceiros tem a mão adextrada no manejo d'aquarella.

Quasi o mesmo direi do sr. G. D'All Ara que melhor avisado andaria se impedisse a vinda daquella senhora á exposição. Olhe, que ha condecendencias prejudiciaes.... A frase dubitativa que, a guisa de legenda, está escripta sob a sua aquarella — *Vou ou não vou á exposição dos Aquarellistas ?* — póde exprimir melhor a indicisão do artista que a da sua multicôr figurinha, aliás caracteristicamente, jacobinescamente patricia; mas, neste particular, creio que a resolução tomada não foi das mais felizes.

O sr. Archimedes da Silva é sempre o mesmo, consciencioso, modesto, e trabalhador. As suas paizagens, ora expostas, teem o merito da fidelidade e como fixação de época devem ficar bem collocadas entre productos da pintura documental, que é de consideravel proveito para o futuro.

Por ultimo temos uma linda illuminura com que o sr. Julião Machado, contrariando a sentença popular no retardamento da sua presença, põe remate á pequena mas agradavel collecção exibida.

Ha muito tempo que esse bello desenhador, fantasista ardoroso e fino homem de espirito, me acostumou a bem-querel-o e admiral-o pelo inesperado de sua graça, pelo elegante tracejo do seu lapis, pela incontada fecundia da sua imaginação. E eu esperava que elle, tão ajustado ao nosso meio que até se mostrou bom brazileiro no vagar com que veiu! me désse a mim, particularmente, e a todos de cultivado gosto que ali vão, o summo prazer de, por maisuma vez, admirar o seu talento de artista.



Foi original: veiu e nos trouxe a lindeza que ali se vê, ao extremo do biombo griseu, sobre um pequeno cavalête côr de creme, talqualmente se destacado fosse dum angulo de salão palmilhado pela suprema elegancia do espirito e da moda. É a tocante prece d'annunciação, a *Ave Maria* em illuminura, toda ella desenhada com o garbo desse desenho que é do Julião, composta numa tecedura inventiva de ineditismos lineares, e aquarelada com uma viveza, um aceio, um finissimo cuidado commoventes. Se o illuminista lhe não houvesse sobrecarregado com os dois medalhões dos extremos superiores, a graciosa leveza da sua composição seria completa. Ainda assim retem-nos, dá-nos a doçura duma impressão sacro-profano em que as delicias do céu se misturem com os requintados gosos da terra.

Bravissimo, sr. Julião!

Julho de 1907.

GONZAGA DUQUE.

A questão do ensino

I

DA simples observação do presente e do estudo consciencioso do passado, decorre a verdade destas duas formulas fundamentaes, demonstradas pela politica scientifica e espontaneamente sentidas pelo bom senso popular, apezar da propaganda de utopias anarchistas:

1ª *Não ha sociedade sem governo,*

2ª *Não ha governo sem sociedade.*

Estes dous factores—a sociedade e o governo—concorrem tanto, coexistem de modo tal, que um não se pode conceber sem outro. Para que haja o agregado social é necessario um centro em torno do qual esse agregado se forme, e tal centro não póde subsistir sinão com a convergencia dos elementos que constituem esse agregado. A sociedade é um grande organismo. O governo é o cerebro desse organismo. Si não ha centro director, não ha concurso de forças, não ha uma verdadeira individuação, não existe o organismo individual, na accepção mais elevada do termo biologico. Mas tambem o nucleo dirigente não pode constituir-se positivamente, sem a concurrencia dos factores diversos que se lhe subordinam. Assim é o organismo collectivo; assim é a sociedade humana.

Além disso, o governo social abrange não só a direcção dos actos materiaes mas ainda a dos sentimentos e ideias. Manda e aconselha; ordena e persuade. Dahi um duplo poder: o temporal que governa as acções mantendo a ordem, e o espiritual que guia as consciencias.

Na antiguidade, com o predominio dos deuses, absolutamente poderosos, influindo de modo directo e immediato em a natureza inteira, sobre o mundo e o homem, o governo social cabia a auctoridades absolutas, que em si concentravam a dupla funcção de mandar e aconselhar. Eram os theocratas, ao mesmo tempo, chefes praticos e directores espirituaes, governando em nome dos deuses ou de Deus e por isso mesmo fazendo de cada conselho um mandamento.

Esse regimen primitivo conduzindo ao despotismo, quando os primeiros conhecimentos scientificos vieram demonstrar que mandamentos divinos contrariavam as licções da observação e da experiencia, começou a sua dissolução progressiva, e inaugurou-se a differenciação cada vez mais accentuada dos poderes concentrados nas mãos dos theocratas.

As civilisações militares da Grecia e de Roma, fazendo surgir ao lado do padre o guerreiro, iniciaram o primeiro gráo, ainda muito confuso, da distribuição das funcções governamentaes, dando ao guerreiro mais poderes praticos e ao padre mais auctoridade moral, ou tornando o theocrata, ora mais padre que guerreiro, como Numa, ora mais guerreiro do que padre, como Cesar.

O regimen catholico-feudal, solapando a civilisação theocratica, contribuindo sem o presentir para a extincção da theologia, pela concentração das divindades polytheicas num só Deus, concorreu de modo decisivo para a separação final dos poderes sociaes.

O Catholicismo e o Feudalismo, a organisação espiritual e a constituição temporal, a Egreja e o Estado, sob o ascendente do Papado, e da Realeza ou da Nobreza, esboçaram o regimen final da sociedade humana. Vio-se então o poder temporal e local dos nobres e dos reis dirigindo os estados feudaes, sob a sancção espiritual dos papas, que congraçavam todos os estados pelo laço moral da doutrina catholica. A Egreja Catholica e o Estado Feudal, livres e harmonicos, constituindo o duplo poder espiritual e temporal, governaram assim o Occidente medievo.

Esta feliz situação foi apenas uma tentativa, um esboço do regimem definitivo, pois que o theologismo não permitte realmente aconselhar sem mandar, ainda mesmo na sua forma monotheica, quando a influencia divina se limita a presidir a realisação de leis cuja creação apenas se attribue e cujas alterações só excepcionalmente permitte por meio do milagre.

Assim é que, em plena idade-média, a instabilidade da separação dos poderes assignalou-se bastante para permittir breve a sua confusão, quando a luta entre o sacerdocio catholico e a auctoridade real determinou a subordinação do papado á realeza, fazendo surgir as egrejas nacionaes; o que é um dos caracteres da primeira phase da Revolução moderna, inaugurada em principios do 14º seculo.

Entretanto, o principio da separação, esboçado pela civilisação medieva, caracterisou empiricamente a direcção real do movimento historico, a orbita verdadeira da evolução humana na organisação do governo social.

Inaugurada a Revolução, as funcções espirituaes, concentradas até então no sacerdocio medievo, começaram a dispersar-se. O conselho, a consagração e a regulamentação—triplice objecto do exercicio sacerdotal—couberam successivamente aos medicos, juristas, lettrados, jornalista e varios outros grupos theoricos, verdadeiros fragmentos do sacerdocio catholico. Fundaram-se as Universida-

des e Academias de Estado, a principio progressistas e depois retrogradas. Surgiram assim as Egrejas metaphysicas e scientificas ao lado da Egreja theologica, todas subordinadas ao Estado. A vida publica e privada ficou sob a multipla sanção de autoridades espiritualmente antagonicas. O doutor metaphysico, o professor scientifico e o clerigo theologico, na Universidade, na Academia e na Egreja, aconselham, consagram e regulam as consciencias em nome de doutrinas diversas, principios contradictorios, que se excluem e repellem.

Durante seis seculos foi esta a situação do Occidente. Mas, no meio desse cahos apparente, descobre-se a ordem real. O poder espiritual, distribuido entre theistas, metaphysicos e scientistas, tende a concentrar-se espontaneamente em pensadores encyclopedicos, typos empiricos de um novo sacerdocio, cujo ensino é a sciencia coordenada pela philosophia e consagrada pelo sentimento social. São os encyclopedistas do seculo XVIII, resumidos na figura admiravel de Diderot.

Emancipados, tanto quanto era possivel em sua epoca, da theologia e da metaphysica, e ainda do estreito especialismo scientifico, animados pelo enthusiasmo do bem publico, imaginam a reforma social pela sciencia, sem Deus nem rei, aliando se a força politica com a liberdade espiritual.

A Revolução Franceza, na sua phase decisiva e organica, delinêa num esforço supremo durante alguns mezes tragicos e sublimes, o programma de Diderot, graças ao genio politico de Danton.

A Egreja, a Universidade e a Academia foram separadas do Estado; nem padres, nem doutores, nem sabios officiaes. Todo ensino é livre; chame-se theologia, metaphysica ou sciencia. No meio da anarchia de opiniões e costumes, quando a supremacia espiritual é disputada pelas doutrinas mais diversas, nenhuma é imposta pelo Estado, nenhuma é protegida pela força, pelo prestigio do poder temporal.

Esta aspiração dos encyclopedistas, esboçada praticamente pela grande crise de 89, foi explicada e demonstrada de um modo systematico pelo fundador da sociologia positiva, como o resultado fatal da evolução de nossa especie desde os seus primordios theocraticos até o seu estado definitivo, constituido pela sociocracia final.

E' o que vimos de tratar ligeiramente, inspirado nas licções do mestre egregio.

Comtudo, fóra da systematisação positivista, ha escriptores de grande nomeada entre os lettrados oceidentaes, que acceitam a doutrina scientifica da separação dos dous poderes.

A escola de Le Play, os sectarios de Spencer, são accordes em sustentar, por principios diversos mais ou menos incompletos, a abolição dos privilegios officiaes concedidos pelo Estado, ás Egrejas, Universidades e Academias.

Assim, os positivistas com Augusto Comte, os catholicos com Le Play, os livres pensadores com Spencer, defendem, fundados claramente nas demonstrações da sciencia e nas aspirações do sentimento social, ou com esses fundamentos mais ou menos velados por illuminuras theologico-metaphysicas, o principio universal da separação dos poderes, estabelecendo como regra da politica moderna:

1ª A abolição da theologia de Estado,

2ª A abolição da metaphysica de Estado,

3ª A abolição da sciencia de Estado, ou, segundo expressões mais vulgares embora incompletas:

a) A separação da Egreja do Estado,

b) A extincção do ensino official.

Esta dupla medida politica é principalmente um dos caracteres essenciaes do verdadeiro regimen republicano; o contrario é despotismo disfarçado sob o nome de liberdade; é monarchia com rotulo de republica.

II

Do triplice programma republicano, esboçado pela Revolução, demonstrado systematicamente pela politica scientifica, adoptado por escriptores celebres, por escolas philosophicas diversas, apenas a primeira parte se tem realisado em alguns paizes do Occidente de modo mais ou menos satisfactorio.

A abolição da theologia de Estado tem sido até hoje o que foi legalmente observado em estados occidentaes.

Os Estados Unidos, o Brasil e a França, respectivamente em 1791, 1889 e 1905 adoptaram o regimen legal da separação do Egreja do Estado.

No emtanto, só o Brasil realisou scientifica e dignamente aquella separação, já por inspirar-se no axioma sociologico da separação dos poderes, proclamado pelos positivistas do Governo Provisorio e da Constituinte, já porque manteve a independencia do Estado sem offender a dignidade da Egreja.

Com os Estados Unidos e a França não se deu o mesmo.

Nos Estados Unidos, a separação proveiu da coexistencia de seitas protestantes differentes nos varios Estados da Federação; donde a liberdade religiosa, decorrente da união politica delles

Na França, a separação realisou-se despoticamente, tornando-se o Estado mais ou menos perseguidor da Egreja; é uma campanha anti-catholica feita pelos democratas e scientistas materialistas, sem respeito aos gloriosos

serviços, ás respeitaveis tradições do Catholicismo.

Como quer que seja, porém, o facto é que os dous primeiros paizes da America e a primeira nação da Europa e do Occidente, a directriz da civilisação mundial, vivem hoje politicamente independentes da theologia. O Brasil, os Estados Unidos e a França realisam actualmente as aspirações progressistas que um estadista contemporaneo resumiu na celebre formula: *A Egreja livre no Estado livre.*

Mas isto não basta.

As razões sociaes e moraes que militam em prol do dogma politico da separação da Egreja e do Estado são as mesmas que exigem a separação das Universidades e Academias, Gymnasios e Lyceus, Collegios e Institutos, emfim de todas as corporações docentes da tutela do Estado.

Em ambos os casos trata-se de convicções, de doutrinas cujo dominio pertence exclusivamente ao poder theorico, á auctoridade que só se impõe pelo valor moral e mental. Assim como é tyranico, irracional e immoral manter officialmente o ensino theologico do sacerdocio catholico ou protestante, judaico ou musulmano, o é tambem subvencionar os principios metaphysicos e scientificos ministrados pelos doutores, professores, scientistas, representantes, mestres de quaesquer doutrinas, por mais opportunas que ellas sejam ou como taes pareçam aos governantes.

Dir-se-á, talvez, que não se podem comparar preceitos theologicos com leis scientificas, que não ha equivalencia entre ensinar a doutrina do peccado original, segundo a theologia catholica e a da gravitação universal, de accordo com a sciencia astronomica. No emtanto, socialmente, politicamente o facto é o mesmo. Cada uma destas concepções é opportuna e relativamente util conforme as epocas; apenas uma é provisoria e a outra definitiva.

A crença real em qualquer dellas verifica-se conforme o momento historico em que são instituidas. Para S. Agostinho, por exemplo, o dogma da trindade era tão verdadeiro como para Galileu o movimento da terra. Para um verdadeiro catholico, a fé em Deus é mais forte do que a existencia do peso, o estudo da gravidade menos util e importante do que a sciencia da divindade, fim supremo de todas as suas cogitações. Num e noutro caso, trata-se de um assumpto peculiar ao dominio moral e intellectual; só pela persuasão e pela convicção, sem auxilio da força material do Estado e simplesmente com o prestigio espiritual dos mestres, é que se consegue eliminar ou fortalecer a crença em Deus ou na gravidade dos corpos.

O facto de ser demonstravel a fé scientifica e indemonstraveis os dogmas theologicos, não auctorisa o Estado a privilegiar a sciencia e separar-se da theologia, porque a demonstrabilidade ou indemonstrabilidade das doutrinas depende da organisação cerebral dos individuos e do meio onde se desenvolvem. Uma criança como um fetichista não podem comprehender as leis demonstraveis da algebra, ao passo que acreditam sinceramente na doutrina indemonstravel da vida espalhada por todos os seres, pedras, plantas e animaes. Newton fundou a mecanica celeste, acreditava nas leis demonstraveis, reguladoras do céo, mas acreditava tambem nas visões indemonstraveis do Apocalyse. E Newton era um genio.

Assim, conforme as crenças e opiniões, o que é verdade scientifica para uns pode ser metaphysico ou theologico para outros e viceversa; o que uns julgam util e moral, é inutil e immoral para outros. Onde pois achar o Estado um criterio para impôr ou proteger qualquer doutrina, seja theologica, metaphysica ou scientifica?

A theologia, a metaphysica e a sciencia têm todas os seus ministros; chamem-se padres, doutores ou scientistas; a elles compete a propaganda, o ensino dos seus principios, a conquista da opinião publica pelo proprio valor das suas idéas, que devem livremente pregar sem protecção alguma do poder temporal. A verdade triumphará nessa concurrencia pacifica. As doutrinas reaes e uteis, os principios verdadeiros conquistarão a victoria definitiva. A historia demonstra exhuberantemente a inutilidade dos esforços do poder temporal para proteger ou perseguir as doutrinas opportunas. O Catholicismo venceu apezar das perseguições do polytheismo decadente, e a sciencia triumphou contra todas as opposições do catholicismo exhausto.

Perante a diversidade de opiniões que agitam a sociedade contemporanea, a funcção do Estado, da auctoridade que dispõe da força material, do dinheiro e do exercito—e que só por isso ás mais das vezes governa—é simplesmente manter a ordem assegurando o progresso, não permittir as perturbações materiaes e garantir a liberdade espiritual.

Aliar-se o Governo a um dos muitos fragmentos da espiritualidade moderna, é querer aconselhar mandando, é agir materialmente sobre a consciencia dos cidadãos, é exercer a nefanda inquisição, seja ella qual fôr, theologica, metaphysica ou scientifica.

Não basta, portanto, separar a Egreja do Estado, é preciso tambem abolir o ensino official e todas as suas funestas consequencias. Só assim realisa-se a plena separação dos dous poderes sociaes: o Governo e o Sacer-

docio; aquelle constituido hoje nominalmente pelos chamados poderes executivo, legislativo e judiciario, e o ultimo, pelos varios cleros theologicos e pelos medicos, legistas, lettrados, jornalistas, e outros orgãos differentes das diversas doutrinas em que se divide a opinião publica.

Esta é a licção da sociologia positiva, é a regra da politica scientifica. Esta é a aspiração dos verdadeiros estadistas que tomam por lemma a celebre formula de José Bonifacío: *a verdadeira politica é filha da moral e da razão.*

III

Applicando á sociedade brazileira os ensinos da sciencia social, hauridos nas obras de Augusto Comte, os primeiros legisladores da Republica, sob a influencia dos positivistas do Governo Provisorio e da Constituinte, e a acção espiritual do Apostolado Positivista, conseguiram, apezar da maioria das opiniões metaphysico-democraticas, incorporar, em suas linhas geraes, á Constituição politica do Brazil o dogma da plena liberdade espiritual, principio fundamental do regimen republicano, base eterna da regeneração humana, objecto perenne da felicidade social no mais longinquo porvir.

O decreto de 7 de janeiro de 1890, separando a Egreja do Estado, o de 27 de Setembro do mesmo anno, estabelecendo a secularisação dos cemiterios, prepararam as disposições liberaes do art. 72 da (*Constituição de 24 de Fevereiro,*) e a synthese das garantias de ordem e de progresso, constituida pelo art. 78, cujo texto interpretado pelos verdadeiros homens de Estado, representa a sancção legal de todas as aspirações republicanas.

Não obstante, os directores organicos do Provisorio e da Constituinte, si muito conseguiram, não obtiveram o bastante; foram obrigados a ceder aos numerosos politicos retrogrado-revolucionarios que enxertaram a lei basica, o codigo fundamental da Republica com disposições explicitas, contrarias ás licções da sciencia social.

Assim é que o problema da separação dos dous poderes ficou incompletamente resolvido. Emquanto o art. 11 § 2º e o art. 72 § 7º da (*Constituição de 24 de Fevereiro,*) conservando e melhorando o decreto de 7 de janeiro, aboliu a theologia official pela separação da Egreja do Estado, o art. 35 ns. 3 e 4, mantem a metaphysica e a sciencia officiaes, sob o titulo de ensino secundario e superior.

Deste modo, no Brazil, o Estado não paga mais ao padre catholico para ensinar, por exemplo, que a temperança e a castidade são virtudes agradaveis a Deus, que o homem deve ser sobrio e casto para fugir ás penas do inferno e alcançar as delicias do céo, mas subvenciona, paga ao doutor metaphysico ou ao professor de sciencia materialista, para ensinar que o homem é um macaco aperfeiçoado, a prostituição um mal necessario que deve ser regulamentado, o divorcio uma instituição indispensavel ás sociedades civilisadas, o mendigo ou o tuberculoso, entes inuteis e nocivos que devem ser encarcerados obrigatoriamente nos asylos e sanatorios...

E' uma clamorosa injustiça esta solução divergente do mesmo problema; comtudo ella existe, apesar de que na pratica as proprias, doutrinas theologicas se acham ainda ligadas até certo ponto, ao poder civil. Basta lembrar a permanencia de uma legação desse poder perante o Papa, o fechamento das repartições publicas nos dias santos catholicos, a ingerencia do Governo na instituição do cardinalato. Assim, a unica separação legal ainda não é realmente um facto, e as outras, resumidas na abolição do ensino official, constituem uma simples aspiração.

Felizmente, porém, um Estado da Republica estabeleceu de modo legal a triplice abolição. O Rio Grande do Sul, graças á propaganda republicana, inspirada nos ensinos de Augusto Comte, aboliu no seu estatuto fundamental o ensino official, secundario e superior, garantindo apenas a instrucção primaria sem nenhuma obrigatoriedade.

Si a politica scientifica doutrina que deve ser abolida a instrucção official, salvo a primaria, a qual, sendo indispensavel, deve ser ministrada livremente pelo Estado na falta da mãe de familia, a quem realmente compete, a Constituição da Republica não permitte transformar tal doutrina em regra pratica, imposta pelo poder temporal.

Consequentemente, a reforma da instrucção publica, em vez de consistir entre nós nestas duas medidas decisivas:

1ª. Abolicão de todo ensino official secundario e superior;

2ª. Manutenção do ensino primario não obrigatorio;

Reduz-se apenas a modificar a organisação desse triplice ensino.

Combinar essa organisação com a abolição dos privilegios escolasticos e academicos, legalmente firmada na Constituição Federal é o ponto principal da reforma do ensino.

IV

Entre as attribuições do Congresso, especificadas no art. 34 da Constituição figura o n. 30 que dispõe:

«Compete privativamente ao Congresso Nacional legislar sobre a organisação muni-

cipal do Districto Federal, bem como sobre a policia, o *ensino superior* e os demais serviços que na Capital forem reservados para o governo da União.»

O art. 35 estatúe ainda:

«Incumbe, outrosim, ao Congresso, mas não privativamente... 3º Crear instituições de *ensino superior* e *secundario*, nos Estados; 4º Prover a *instrucção secundaria*, no Districto Federal.»

No capitulo das garantias de ordem e de progresso, intitulado — declaração de direitos — consta a disposição terminante, § 24 do art. 72:

«E' garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial.»

Combinando todas essas disposições, vê-se que a Constituição da Republica firma estes dous principios, até certo ponto incompativeis:

1º Manutenção do ensino official;

2º Abolição dos privilegios escolasticos e academicos.

Quanto ao primeiro, não ha opiniões divergentes; quanto ao segundo, as opiniões dividem-se, entre os que admittem a plena liberdade profissional e os que defendem a sua limitação legal pelos diplomas officiaes.

Esta ultima doutrina é a que tem, talvez, maior numero de adeptos; o que pouco importa, pois no caso se trata de pezar e não contar votos.

A doutrina opposta é sustentada pelos theoristas mais independentes, mais instruidos e, sobretudo, de conducta publica mais desinteressada e escrupulosa, quaes são os apostolos systematicos do Positivismo, os eminentes cidadãos Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

Além desses ardorosos e sabios propagandistas, sustentaram a sã doutrina na Constituinte e depois no Congresso, os deputados filiados á mesma escola positivista, Demetrio Ribeiro, Barbosa Lima, Annibal Falcão e Julio de Castilhos.

Defendem-na juristas dessa escola como Souza Pinto no seu magnifico opusculo — *A liberdade profissional.*

Fóra da orientação philosophica de Augusto Comte, interpretando fiel e intelligentemente o texto constitucional, sobresahem as luminosas e indestructiveis sentenças de Viveiros de Castro, o pranteado juiz que se fez entre os legistas o glorioso paladino da liberdade profissional.

Interpreta-o do mesmo modo, logico e positivo, a minoria selecta do Instituto dos Advogados, na qual figura o seu actual presidente, Dr. Inglez de Souza.

Assim entende o Centro Republicano Conservador, sociedade politica de que fazem parte ardorosos republicanos da propaganda, como os Drs. Demetrio Ribeiro, Sampaio Ferraz, Teixeira de Souza e Almeida Fagundes.

O Congresso Nacional admittio a mesma doutrina, quando, em 7 de Janeiro de 1891 approvou a notavel moção do Dr. Demetrio Ribeiro, em que congressistas, *bachareis* e *doutores*, chamaram *iniquos* e *humilhantes* os seus proprios privilegios, e affirmaram a sua *effectiva solidariedade com o principio politico da completa separação entre o espiritual e o temporal e suas consequencias praticas.*

Nove annos mais tarde, em 1899, o grande principio liberal foi defendido na Camara dos Deputados pelo representante de S. Paulo, Dr. Galeão Carvalhal, que emittio a respeito brilhante e bem fundamentado parecer como membro da Commissão de Constituição, Legislação e Justiça.

Ha um anno, apenas, o Estado de Minas firmou a mesma doutrina republicana pelo orgão do seu actual Presidente, o Dr. João Pinheiro, o unico dos governantes actuaes, quer na União, quer nos Estados, que se tem approximado um pouco do verdadeiro typo do estadista republicano.

Finalmente, um dos Estados da Republica, o Rio Grande do Sul, incorporou de uma maneira explicita, clara e positiva, o regimen normal da liberdade de profissão. Em sua sabia Constituição politica, decretada e promulgada em 14 de Julho de 1891 — anniversario dessa Revolução Franceza, cujos ideaes politicos mais nobres essa magna carta conseguio capitular nos seus artigos — lê-se:

«Art. 71, § 5º. Não são admittidos tambem no serviço do Estado os privilegios de diplomas escolasticos ou academicos, quasquer que sejam, sendo livre no seu territorio o exercicio de todas as profissões de ordem moral, intellectual e industrial.»

De tudo que citamos, conclue-se claramente que a liberdade profissional, estabelecida pela *Constituição de 24 de Fevereiro*, é uma lei vigente, apenas não cumprida pelos varios governos da União e dos Estados, salvo a gloriosa excepção do Rio Grande do Sul e actualmente a de Minas Geraes.

Não se trata mais de demonstrar com os dados da historia, que a liberdade profissional é uma consequencia da civilisação e de pedir aos legisladores que harmonisem a legislação com os costumes, não; o costume se fez lei. Assim como se supprimiram os privilegios industriaes proprios ás corporações de officios, foram supprimidos os de corporações intellectuaes e moraes. Não se comprehende mesmo que se queira dar uma interpretação á garantia da liberdade de exercicio das profissões industriaes (não se exigem diplomas para ser agricultor, fabricante, negociante ou banqueiro) e outra á do exercicio das profissões espiri-

tuaes, de ordem intellectual e moral, quando o texto constitucional nada distingue. Ha mesmo uma profissão intellectual e moral sobre que não se exerce a hermeneutica capciosa dos privilegistas; é a de mestre ou educador. Póde ensinar quem quer e o que quizer.

A liberdade profissional é, pois, um dispositivo tão constitucional como a manutenção do ensino official. Sendo assim, é preciso na reforma da instrucção publica, conciliar o ensino do Estado com a extincção dos privilegios escolasticos ou academicos.

A solução mais conforme ao espirito republicano, incorporado legalmente á *Constituiçao de 24 de Fevereiro*, já em seu conjuncto, já com especialidade no art. 72, seria limitar a influencia do Estado ao simples auxilio material.

O Estado fornece apenas os capitaes e fiscalisa unicamente as despezas. A organisação do ensino, propriamente, o corpo docente, as materias a ensinar, tudo emfim que se relaciona com o dominio espiritual, compete á iniciativa de particulares.

O governo limita-se a subvencionar academias, gymnasios, lyceus e outros institutos de ensino superior e secundario, como faz por exemplo, com o Lyceu de Artes e Officios.

Póde mesmo franquear aos que quizerem ensinar ou aprender, e mediante garantias materiaes indispensaveis, os gabinetes de physica, laboratorios de chimica, amphitheatros de anatomia, museus de historia natural, como já franqueia bibliothecas e archivos.

Entendido, porém, que a manutenção do ensino pelo Estado abrange, quer o auxilio material, quer o dominio espiritual—interpretação menos liberal, mais contraria ao dispositivo constitucional da liberdade de profissão —o modo de conciliar melhor esse dispositivo com aquella manutenção é fazer do Estado um concurrente apenas da iniciativa particular.

O Estado, como qualquer cidadão fornece livremente o ensino, sem conceder privilegio de especie alguma. Não ha mais bachareis dos Gymnasios nem doutores de Academias, diplomados de qualquer categoria. Os certificados ou attestados de habilitação passados pelos diversos institutos officiaes têm o mesmo valor que os concedidos pelas varias e independentes escolas particulares. Nem uns nem outros titulos darão preferencia ao exercicio desta ou daquella funcção. Nenhum cidadão é legalmente obrigado a reconhecer engenheiros, legistas, medicos, lettrados, artistas como bachareis, doutores, diplomados emfim, do mesmo modo que não o é mais a reconhecer commendadores, conselheiros, barões, viscondes etc. O unico titulo reconhecido officialmente é o de cidadão, e o da funcção que porventura exercer no governo ou na administração do paiz. Quaesquer outros serão dados livremente pela opinião publica.

O Estado escolherá seus funccionarios mediante concurso, aos quaes poderá concorrer qualquer cidadão sem apresentar certificado, attestado ou diploma de qualquer instituto mantido por particulares ou pelo Estado. Acontecerá então com os legistas, engenheiros medicos, artistas, o mesmo que se dá com os litteratos, poetas e romancistas. Não possuem certificados de habilitação; os seus titulos são as suas obras; seu diploma é o livro.

Dando ao ensino official a simples incumbencia de ministrar, como qualquer particular, conhecimentos mais ou menos de accôrdo com as doutrinas dominantes no meio dos que governam—e este mal é insanavel emquanto a Constituiçãa não abolir definitivamente o ensino de Estado—resta ao menos a vantagem de ficar abolido o regimen funesto dos privilegios, de que não precisam os capazes e de que abusam os mediocres.

Firmada sobre estas bases a reforma da ensino, só irão consagrar-se a estudos mais complexos do que o primario, aquelles que—dispondo dos lazeres necessarios, graças a meios materiaes que fallecem á maioria dos proletarios e sobram ao burguez abastado—sentirem uma verdadeira vocação, capaz de os distinguir pelo valor proprio na carreira intellectual ou no officio pratico que abraçarem. Far-se-á então a selecção natural da capacidade, justa ou injusta embora, mas sanccionada apenas pela opinião publica. Fica assim eliminado o viveiro do parasitismo burguez. Não mais as familias terão a preoccupação do *filho formado*. O privilegio academico desapparecido, ninguem pretenderá frequentar escolas e academias com o fim unico de conseguir um diploma para ganhar a vida ou para servir de uma especie de titulo nobiliarchico, de condecoração pedantocratica, que distinga o titular no seio da turba ignara dos desprotegidos da fortuna. Só o merito poderá então vencer, só o verdadeiro prestigio espiritual será a nobre commenda dos privilegiados do talento e do saber.

Reformar o ensino sem abolir os privilegios, é manter a mesma situação critica a que elle chegou entre nós, e de que não poderá sahir, emquanto não se realizar o programma definitivamente fundamental do regimen republicano, já sanccionado pela Constituinte de 1891: — *a separação completa do poder temporal e do poder espiritual.*

Rio, Junho de 1907.

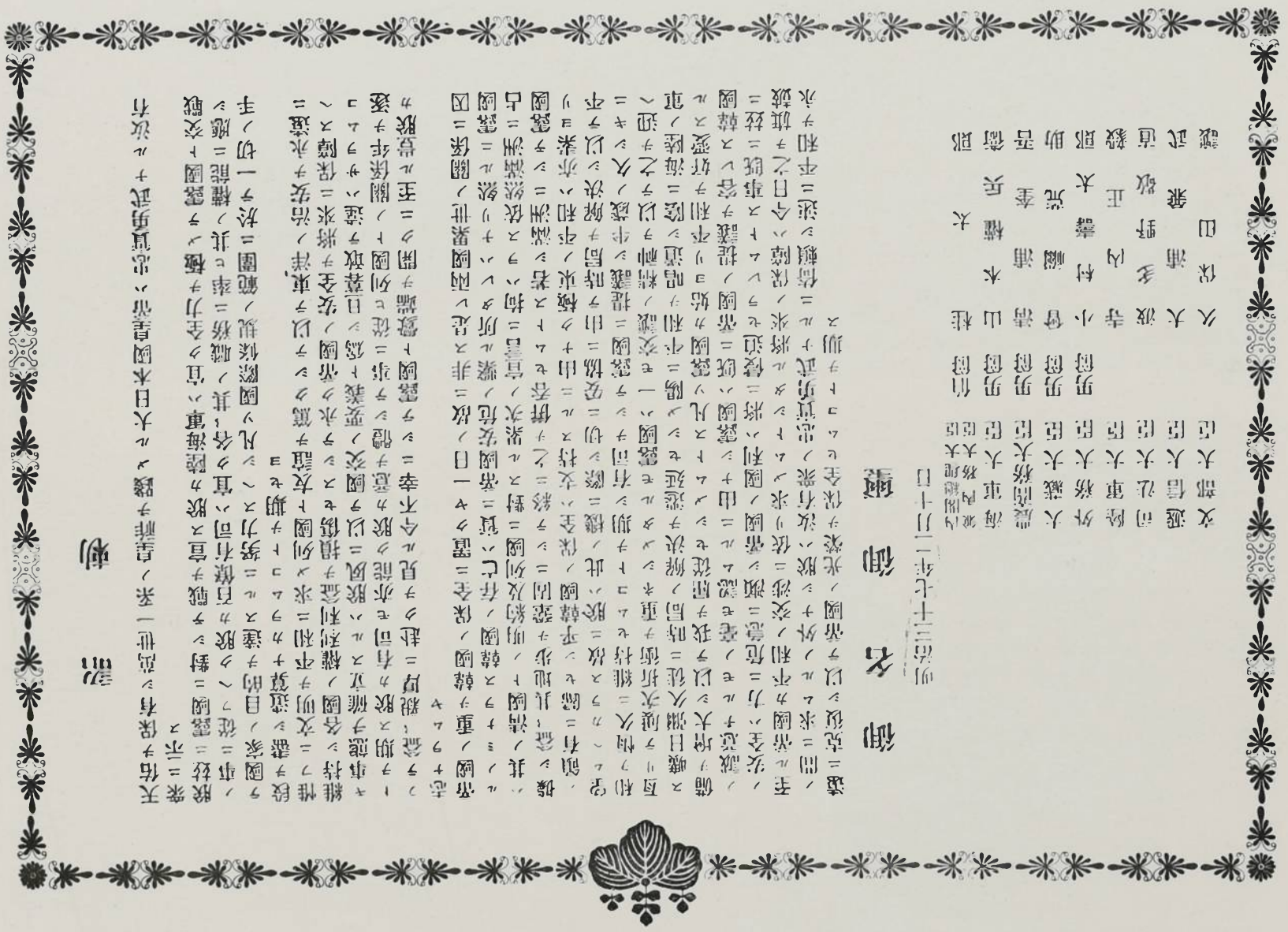
REIS CARVALHO

Campanha russo-japoneza

AINDA hoje discutem-se nos centros militares dos paizes mais adiantados na sciencia da guerra, os ensinamentos profundos dessa campanha gigantesca em que mediram forças o moscovita e o nippon; aquelle, solido e musculoso, forte de um passado de victorias, ousado pela certeza de sua força, senhor de um Imperio que nasce no centro da Europa e extende-se por infindaveis steppes até as costas do grande mar que rodeia a patria do seu adversario, grupo de ilhas perdidas onde, entretanto, ha um laço muito forte que a todas liga — o trabalho desse povo laborioso e tenaz que esbulhado dos fructos de sua victoria sobre o grande imperio chinez, soube pacientemente armar-se e fortalecer-se, para um dia se atirar arrogantemente sobre o adversario terrivel, e em uma serie de golpes audazes destruir-lhe todo o prestigio que aterrorisava os demais povos, demonstrando a fraqueza daquelle colosso por todos julgado invulneravel.

Foi um assombro, não ha negar essa victoria.

Um assombro e um ensinamento — Esses minusculos soldados de uma raça que desdenhosamente o branco qualificára de inferior, souberam impor-se á admiração do mundo, em terra como no mar, revelando-se conhecedores de quanto a sciencia tem de mais avançado, expondo aos olhos dos profissionaes a mais admiravel organisação militar de que podia orgulhar-se qualquer Nação européa,



FAC-SIMILE DA DECLARAÇÃO DE GUERRA A RUSSIA

um espirito de disciplina militar, uma cohesão admiraveis por isso que inimitaveis,

E esse povo que ainda alguns annos atraz mal ensaiava os primeiros passos na adopção brusca da civilisação occidental, ao primeiro embate com essa civilisação revelou-se superior em tudo, pedindo meças ás nações que se collocam como directoras do progresso humano.

E isso em tudo—Não é só admiravel o soldado nessa campanha. Não é só o guerreiro —O serviço medico, a hygiene de campanha provocaram a admiração das corporações scientificas do mundo inteiro. O ferido encontra cuidados, tem ambulancias, hospitaes de campanha como superiores não os póde mostrar nenhum dos outros grandes exercitos. E por bem da humanidade, as perdas entre esses feridos diminuem sensivelmente de percentagem, o sacrificio de vidas é menor, como menor o numero de estropeados, de invalidos, entes inuteis que vão pesar fortemente nos orçamentos como rude contribuição de guerra.

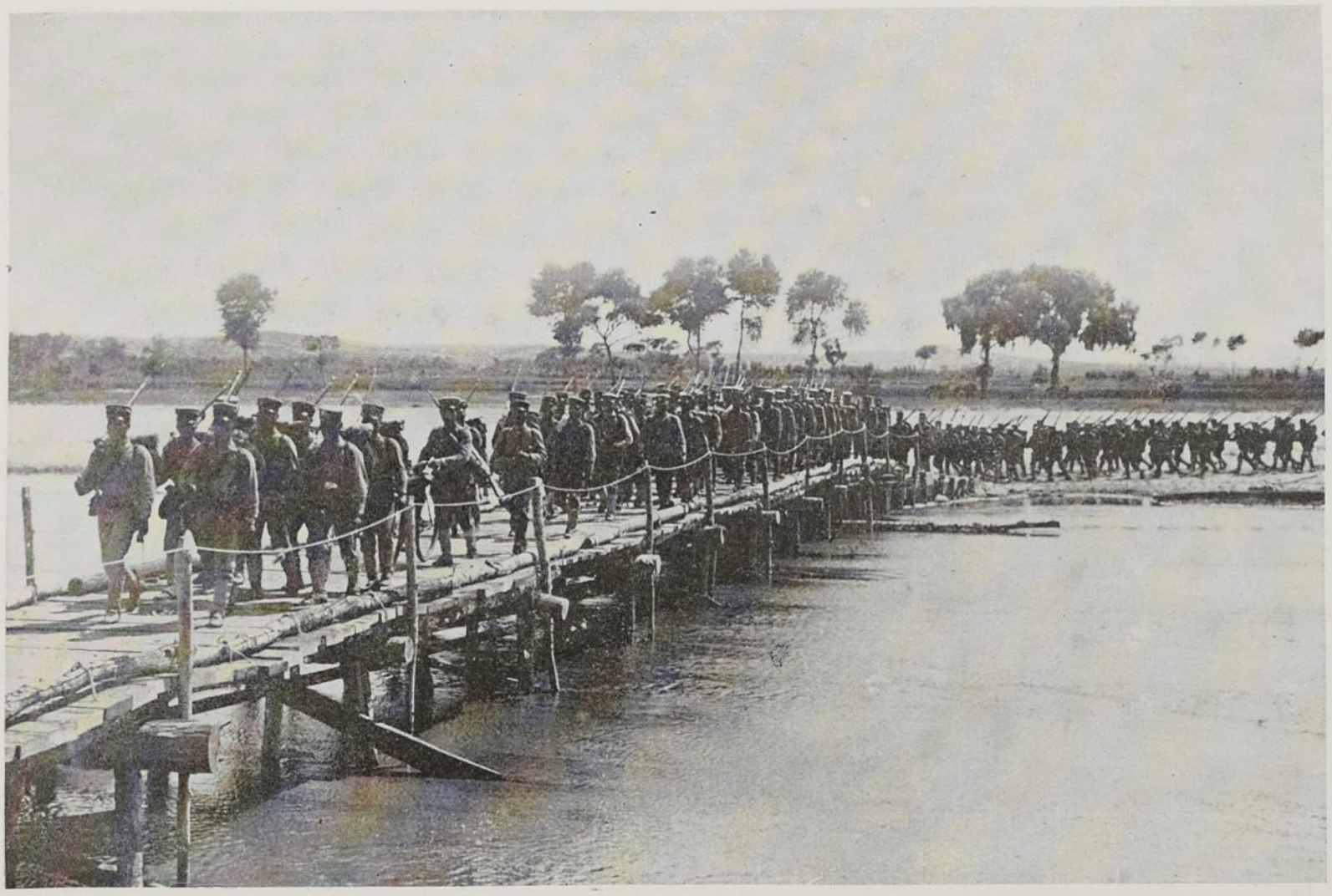
E o corpo de engenheiros traçando obras ousadas que executa com admiravel presteza, facilita as marchas, prepara as victorias que dependem quasi sempre da rapidez dos movimentos.

Inimitavel ainda o serviço de transportes e de abastecimento, fornecendo aos soldados, centenas de mil, a alimentação, o vestuario, o abrigo nas geladas planicies da Mandchuria onde o clima hostil une-se ao inimigo, acostumado a supportal-o em sua patria.

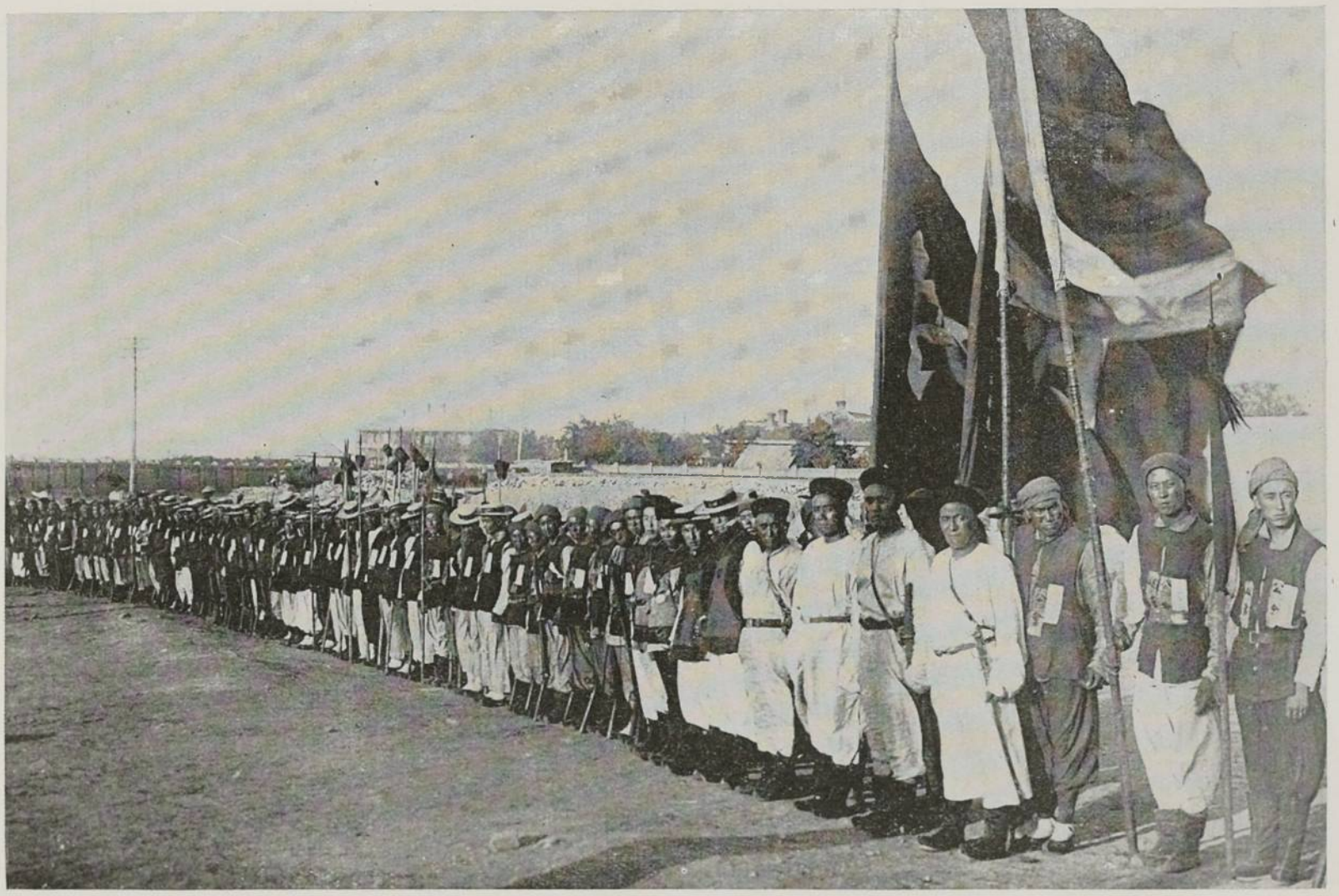
Ainda hoje discutem os embates desse gigantesco prelio os profissionaes do mundo inteiro; e na Russia vencida, e desapossada de Porto Arthur, constrangida a recuar de seu ambicioso intento de um porto em mar desembaraçado de gelos, complemento de sua politica de expansão para o Oriente, na Russia, os generaes vencidos como outr'ora nas barbaras Nações da antiguidade, debatem-se nas malhas dos processos armados ao que agora se chama a sua cobardia, a sua imprevidencia Stoessel, ainda ha bem pouco tempo, o vulto grandioso, a encarnação do heroismo russo, na homerica resistencia de Porto Arthur, vê-se accusado de cobardia e sujeito á pena ultima e infamante, depois de um julgamento enfadonho em que vem á luz assombrosas revelações da incapacidade dos generaes da grande nação slava.

E emquanto isto, os heróes de *Dai Nippon* modestos como Cincinato outr'ora, recolhem-se ás suas ilhas ridentes que cobriram de gloria, e modestamente se occultam aos enthusiasmos delirantes da plebe que os acclama, deixando que todos os louros dos seus triumphos recaiam sobre a fronte do seu imperador que só elle resume ante a Europ maravilhada todas as viris, as masculas virtudes desse povo pequeno e heroico, que de um modo triumphante assumiu proeminente papel nisso que se convencionou chamar o concerto das nações, reivindicando para a raça amarella as virtudes que lhe negavam os *civilisados*, mostrando-a forte, pujante, energica, um coefficiente respeitavel nos destinos da humanidade!

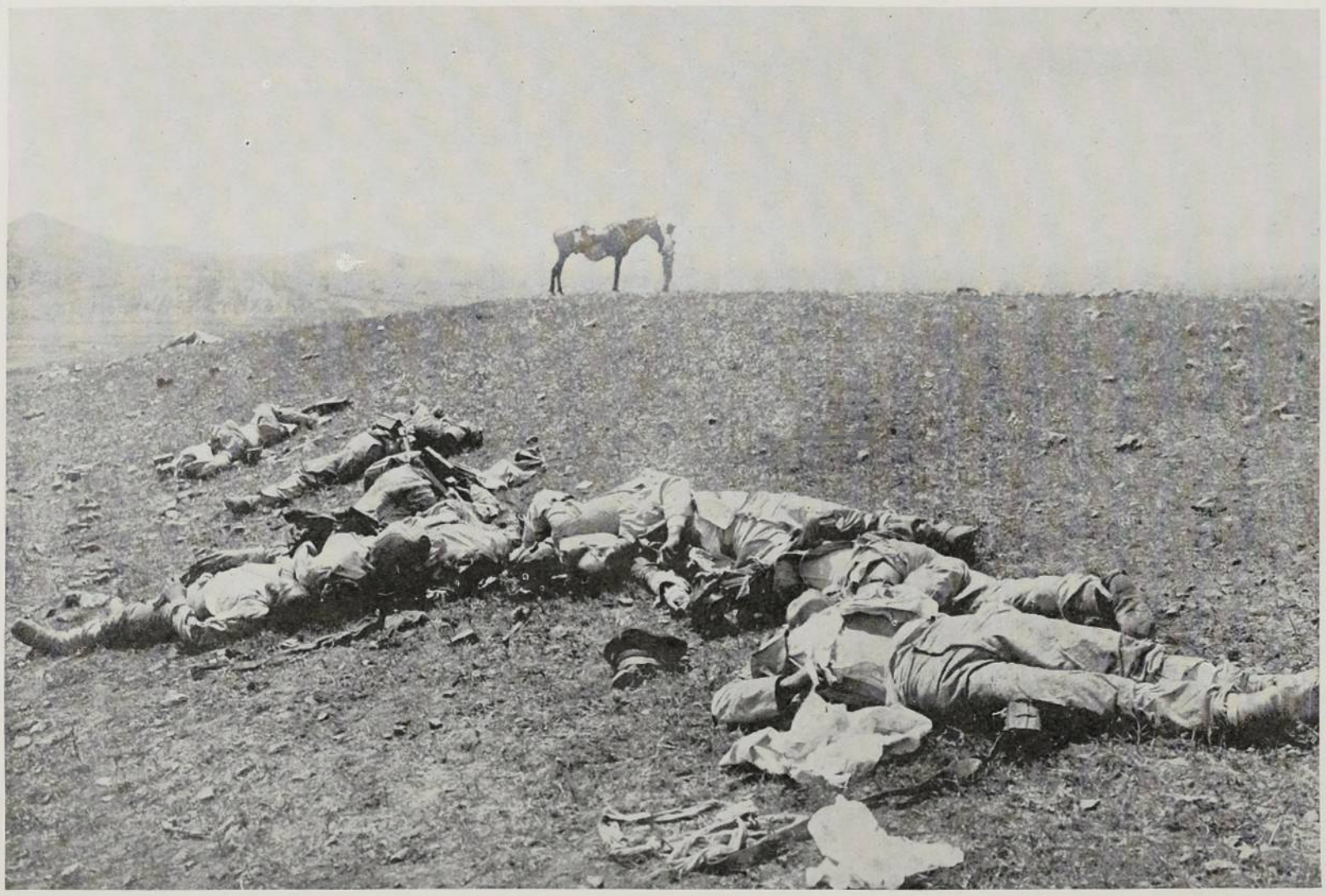
E' dessa campanha que ainda bem viva perdura na memoria de todos, que publicamos hoje algumas photographias tomadas pelo Estado Maior do Exercito Japonez e reunidas em album que devemos á gentileza do nosso distincto patricio capitão Moreira Guimarães, testemunha ocular como delegado do Brasil, daquella guerra extraordinaria. Graças á amabilidade do digno official do nosso exercito podemos offerecer aos nossos leitores alguns quadros que acreditamos, posto que tardiamente publicados, despertarão o seu interesse.



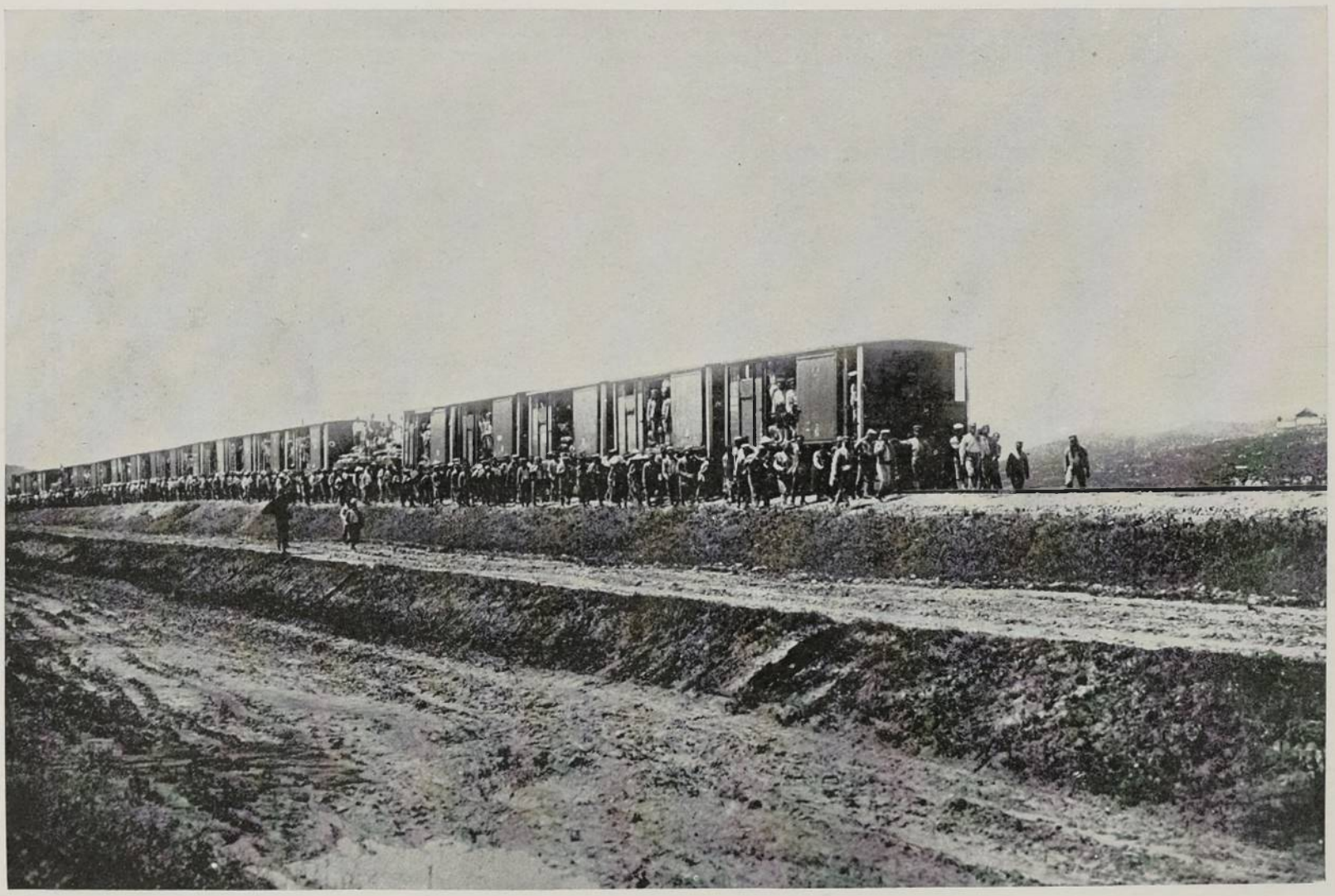
PASSAGEM DE UM REGIMENTO SOBRE A PONTE MILITAR NO RIO HSIUNOYNCH.



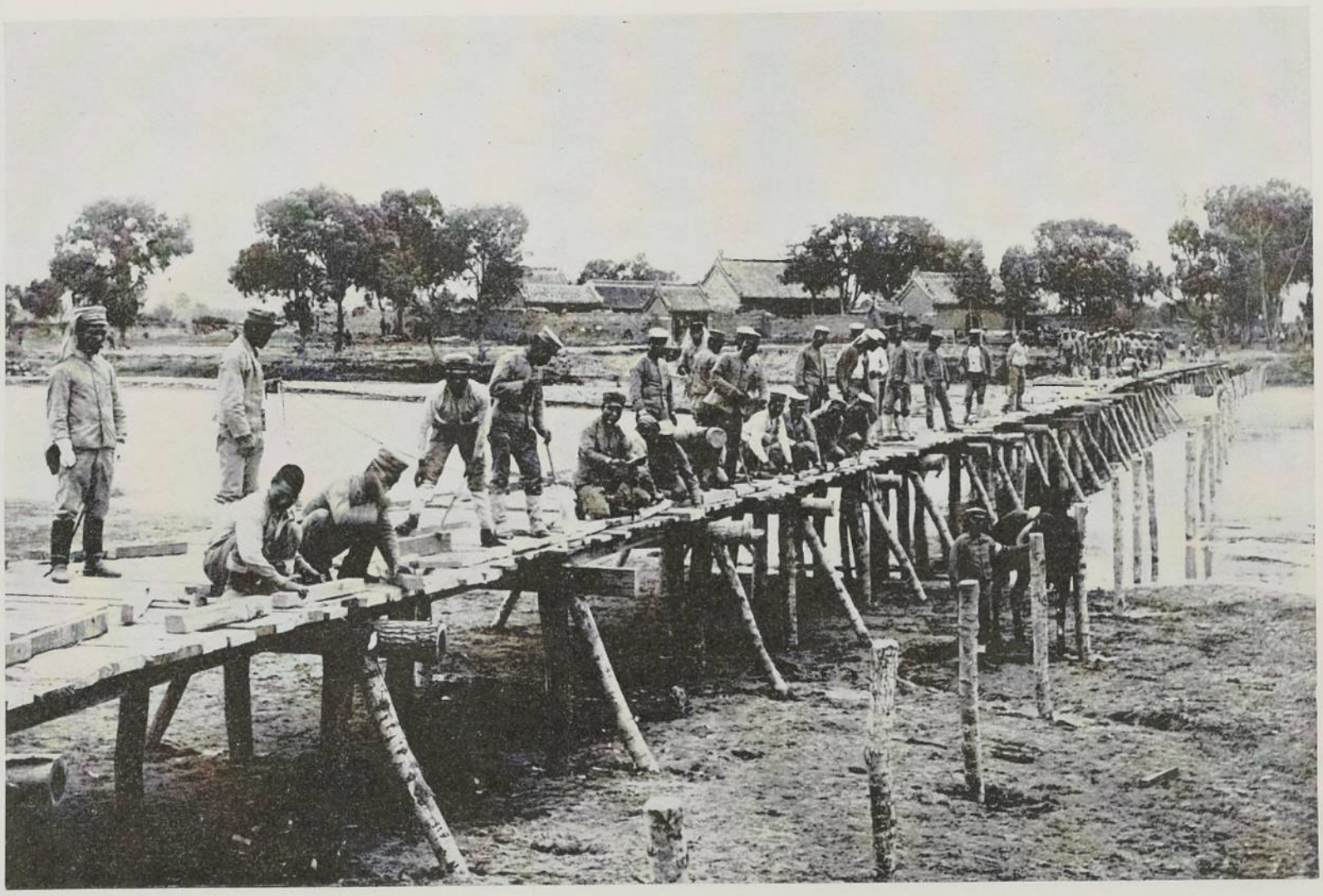
O CORPO DE POLICIA CHINEZA EM YINOKOW.



ALGUNS MORTOS DA BATALHA DE TASHIHCHIAO



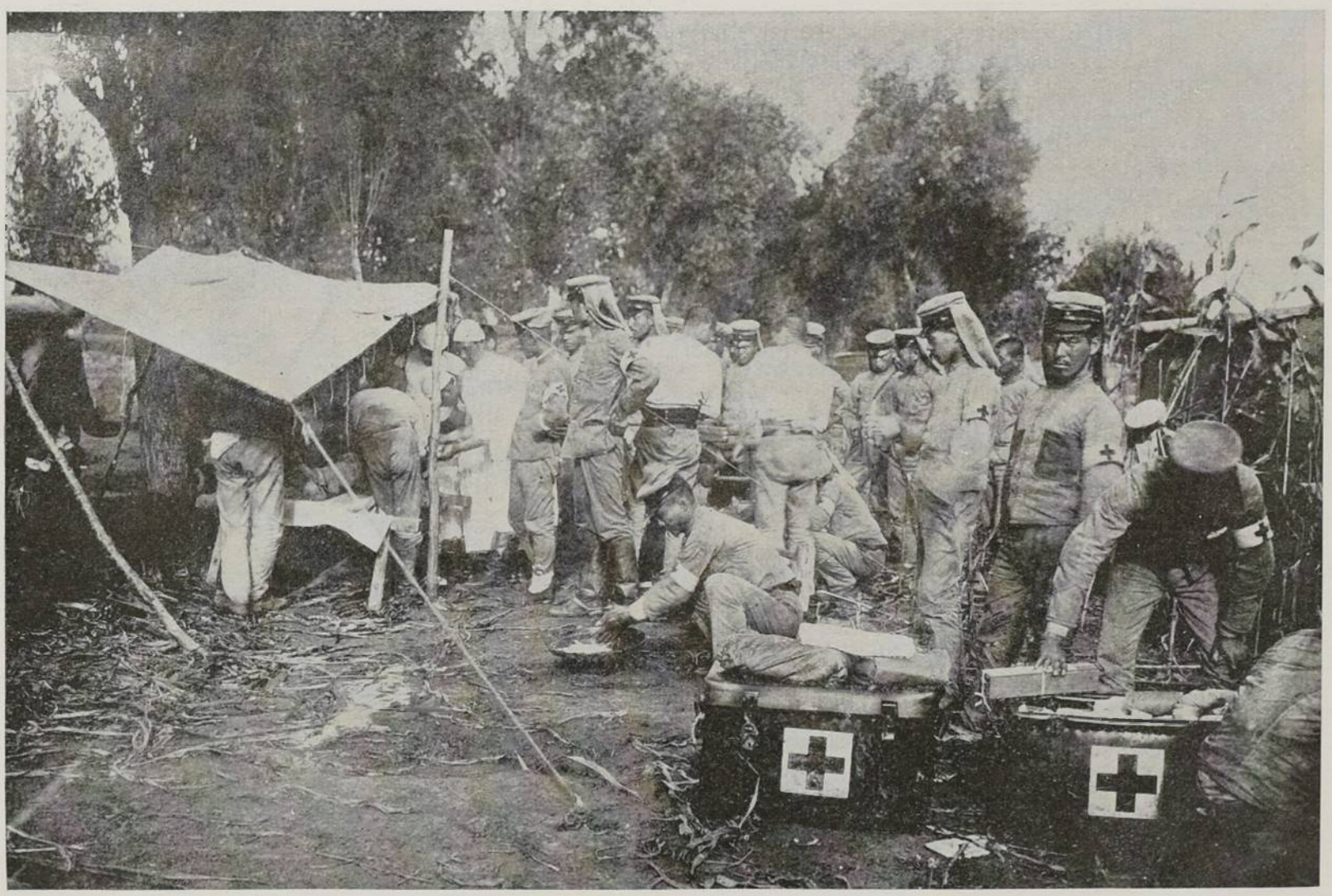
TRANSPORTE DE FORÇAS NA E. DE FERRO



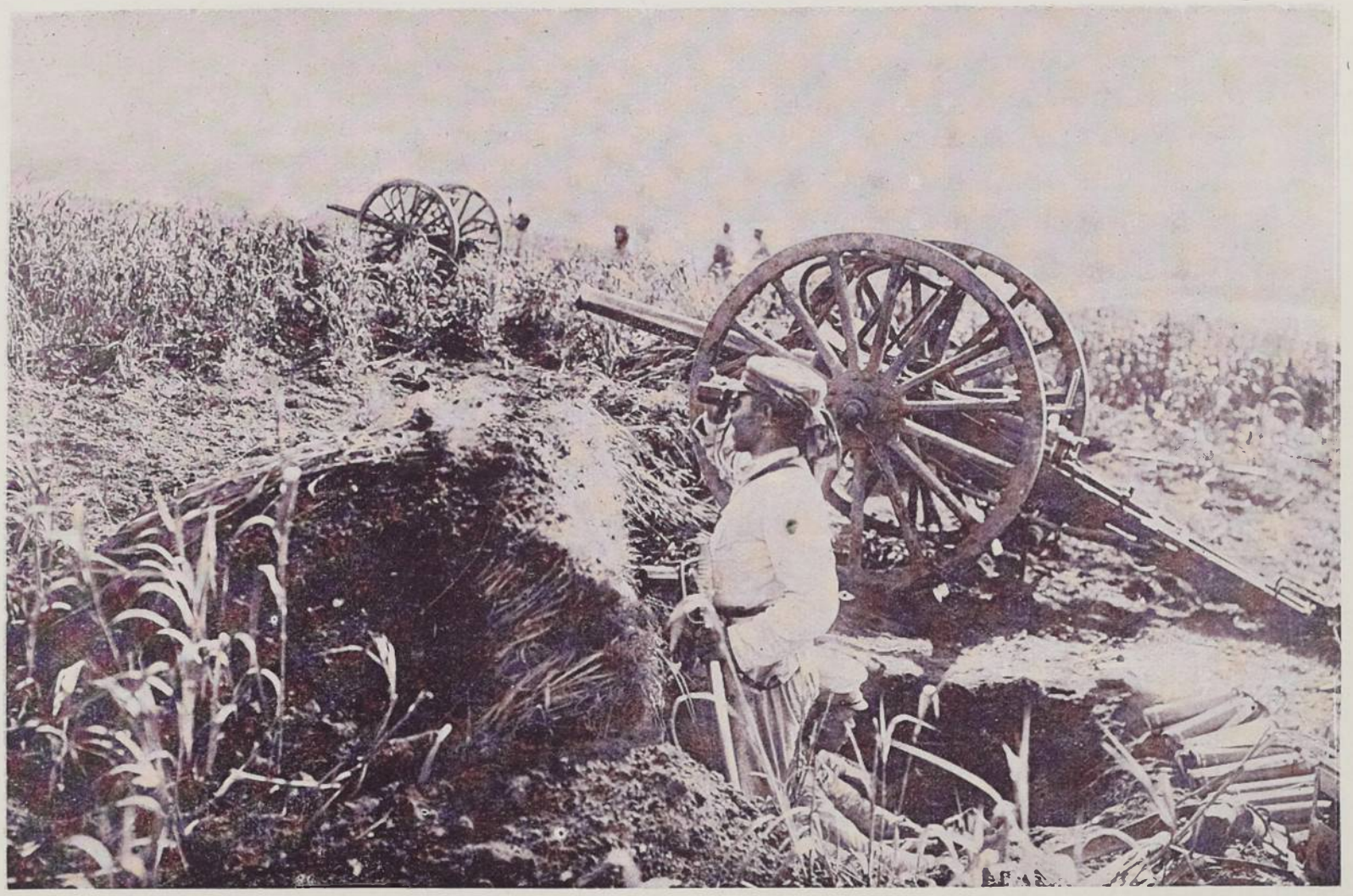
CONSTRUCÇÃO DE UMA PONTE SOBRE O RIO KAIPING

INTERROGATORIO DE UM PRISIONEIRO RUSSO

UM PRISIONEIRO DE GUERRA.



FERIDOS RECEBENDO CURATIVOS EM LINGLINGTUN



ARTILHERIA DE CAMPANHA EM TASHIHCHIAO

SOLDADOS DA 1ª DIVISÃO FERIDOS NA BATALHA DE NANSHAN

O ESPERANTO

(Discurso pronunciado por ocazião da abertura do 1º Congresso Nacional de Esperanto).

Minhas Senhoras.
Senhor Ministro.
Meus Senhores.

Não é a primeira vez que, ou por escrito, ou verbalmente eu tenho ocazião de expôr as vantajens da admiravel lingua internacional — o Esperanto.

Claro está que de cada vez eu não posso descobrir vantajens inteiramente ineditas, esquecendo todas as anteriormente enumeradas. Ao contrario, a repetição é aqui indispensavel. Não estamos no dominio da fantazia em que seja licito e até recomendavel inventar, imajinar, crear argumentos e figuras novas. Estamos no dominio da razão. E si nós somos dezesperadamente monotonos repetindo sempre as mesmas afirmações é forçozo convir que os nossos adversarios não o são menos opondo-nos sempre as mesmas objeções. De resto, todas as propagandas se fazem de repetição.

O sonho de uma lingua internacional é velho. Os melhores pensadores têm mostrado que a humanidade caminha entre dois sonhos: o de um paraizo perdido, de uma remota idade de ouro, que fica em um passado lonjinquo e fabulozo e o de um rejimen futuro, em que a vida, cada vez melhor, mais harmonioza, mais facil, seja uma delicia.

A afirmação de uma passada idade de ouro é mais antiga. Figura em todas as mitolojias. A ideia de progresso, absolutamente desconhecida á maior parte dos povos selvajens, apareceu muito tardiamente e si hoje é para nós a mais ecitante, ainda não tem para grande parte da humanidade o minimo atrativo: chinezes, tibetanos, esquimós, tribus da Africa, nenhum deles pensa em progredir. O progresso maximo para eles seria essa faze do passado, absolutamente perdida nas brumas da imajinação.

Si, portanto, nós achassemos alguma couza afirmada em todos os lugares e todos os tempos, como sendo a carateristica da idade de ouro, teriamos encontrado uma das maiores e mais profundas aspirações da humanidade.

E' o caso da lingua universal. Todas as mitolojias, reportando-se para um passado fabulozo, vão até um tempo em que todos os homens se entendiam. Chegavam mais lonje. Entendiam-se até com os animaes, com as plantas, com as couzas inanimadas... Só depois é que vem a dezintelijencia; só depois é que vem o velho mito da Torre de Babel, em que a creação de linguas, diversas entre si, aparece não como uma vantajem, mas como um castigo.

Essa nobre aspiração de solidariedade, que pode ter sido inconciente, tornou-se em nossos dias conciente. Não é mais o sonho vago de um passado remoto. Cada dia, nós medimos melhor a nossa mutua dependencia. Passou-se o tempo em que cada nação se fechava ciozamente dentro dos seus proprios limites e para ela o estranjeiro era sempre o inimigo. Hoje, no momento em que nós estamos aqui reunidos neste congresso modesto, outro congresso mais imponente, reunido na Haya, põe, lado a lado, trabalhando para um acordo universal, nada menos de quarenta e sete nações: mais de tres quartas partes da população do mundo!

Este sentimento crecente de solidariedade, cada vez que se manifesta, apela sempre direta ou indiretamente para a necessidade de uma lingua comum.

Si é na diplomacia, o que primeiro se trata de fixar é a lingua em que todos manterão relações: a lingua franceza. Si é nas diversas *uniões*, para telegrafos, para correios para auxilio a feridos nos campos de batalha, a creação de um orgam central acarreta forçozamente a necessidade de uma lingua, em que todas se devam dirijir a essa repartição e dela receber as comunicações precizas.

Em alguns cazos, as convenções internacionaes se fazem, exatamente para inventar essa lingua. Foi, por exemplo, o que sucedeu para o estabelecimento codigo de sinaes da marinha. E' bom não esquecer que esse codigo, que é aceito pelas marinhas de todos os povos civilizados, não é apenas uma coleção de meia duzia de sinaes: é um dicionario riquissimo, que permitte 78.642 combinações.

Mas onde se vê melhor a necessidade da lingua internacional é nos congressos cientificos. Ahi se sente ao mesmo tempo a necessidade e a dificuldade. Todos precizam se entender; mas não é possivel, como para os acordos postaes e telegraficos, centralizar ciencia neste ou naquele paiz. Não é possivel tambem, como para a diplomacia, estipular que só se empregue alguma das linguas vivas já existentes, porque os sabios dos outros paizes achar-se-iam amesquinhados no seu patriotismo si fossem forçados a só exprimirem os mais altos pensamentos em uma lingua estranjeira. Não é possivel pensar em um codigo de sinaes como o da marinha, porque esse codigo precizaria ser uma lingua completa e riquissima: exatamente nela teriam de se manifestar as mais delicadas nuances de pensa-

mentos: um congresso de psicolojia só por si exijiria o mais admiravel dos vocabularios porque essa é a ciencia que pede maior subtileza, maior propriedade, maior exatidão de expressões.

Para isso, só a creação de uma lingua. O codigo de sinaes da marinha permite, já alguem o lembrou – que a equipagem de um navio, flagelada em alto mar por qualquer molestia, peça a outro navio que vae passando e que o primeiro não sabe quem é, que ele não sabe como se chama, que não sabe de onde vem, nem para onde vae – permite que lhe peça para mandar-lhe um medico. Pararão os dois. Será um belo ato de fraternidade humana. O medico descerá para ir acudir em pleno oceano aos que o chamam, por meio de certo numero de sinaes. Mas toda a beleza desse gesto como que se desfaz em uma irrizão dolorosa, si o medico e a tripulação do outro navio não falam a mesma lingua. Como interrogar o doente? Como saber o que ele quer? Impossivel!

Assim toda a riqueza daquela admiravel coleção de sinaes não basta, não supre a creação de uma lingua.

Mas não são só os sabios que a reclamam, São tambem os interesses mais prozaicos, porém não menos palpitantes, do comercio, da industria e do que se chama o *tourismo*. De que serve, na realidade, que um trem de ferro, na Europa possa hoje em um dia atravessar quatro ou cinco paizes diversos, si em cada um deles nós nos sentimos izolados, pela incapacidade de entrar em comunicação com os seus habitantes – izolados exatamente pela diversidade de lingua? O que parecia dificilimo, quasi impossivel: transpor montanhas e rios, devorar vertijinosamente distancias formidaveis, – tudo isso se faz. Mas, quando dois homens estão frente a frente, a distancia entre os dois espiritos é maior, porque entre os dois se ergue como uma barreira a incapacidade de poderem trocar pensamentos, cada um prezo na sua lingua materna.

Cada dia, o problema se complica mais, porque cada dia novos paizes tomam um logar proeminente na civilização. Houve tempo em que sabendo-se o francez, o inglez e o alemão podia-se estar ao corrente do movimento cientifico universal. Hoje, já não é assim. Já se preciza conhecer o que vae pela Russia, de onde tem vindo trabalhos novos e orijinaes de grande importancia: foi um fiziolojista russo, o Prof. Pavloff, quem reformou ha poucos annos, todos os nossos conhecimentos sobre a fiziolojia da digestão. Já se preciza saber do que vae pelo Japão, cujos laboratorios tem uma atividade extraordinaria. Amanhan, entrará em campo a China, entrarão outros povos.

Dizem-nos, é certo, que, quando um trabalho é verdadeiramente notavel, acaba por ser traduzido para todas as linguas. Mas isso não é exato. Quando se trata de obras que não são acessiveis ao grande publico, obras de alta ciencia que em cada paiz só podem ter um pequenissimo numero de leitôres, ficam por longos annos sem tradução. De resto, é preciso pensar que certos trabalhos, que ainda não são considerados notaveis e ainda, por isso, ninguem pensou em traduzir, são exatamente, ás vezes, os que mais nos interessam: e estarem escritos em lingua estranjeira ou não existirem é para nós a mesma cousa.

A's vezes, é peior que si não existissem: já se tem visto sabios consumirem longos annos de vida fazendo estudos e pesquizas. Quando chegam a um certo rezultado e o proclamam, só então surje alguem, que conhece algum obscuro folheto em uma ignorada lingua e lhe diz que já áquelle mesmo resultado outrem chegára muito antes dele! E o pesquizador verifica que perdeu todo o seu trabalho!

Nada disso aconteceria si fosse mais facil a comunicação de todos os rezultados da ciencia.

E já assim foi. Já, foi durante seculos, o latim que serviu de meio de comunicação de ideias a todos os sabios, todos os filozofos e pensadores. Depois, caiu, perdeu-se.

Ora, esse caso do latim serve bem para saber o que dezejam os propagandistas do Esperanto. Nós queremos exatamente que o Esperanto dezempenhe o papel outr'ora dezempenhado por aquela lingua, quando ela deixou de ser falada na Roma antiga, quando não havia mais nenhuma nação de quem fosse o idioma corrente e que, entretanto, servia para os filozofos, os sabios, os pensadores se comunicarem.

E' licito imajinar num futuro muito remoto, a humanidade inteira, de polo a polo, em todas as nações, falando a mesma lingua. Será possivel? Admitindo que seja, muitos seculos são precizos antes disso. Em todo cazo, o ideal do Esperanto nem é o de suplantar nenhuma outra lingua, nem o de esperar esse longo espaço. Não pretende tanto. O Esperanto pode ser falado em qualquer lugar, mas não procura substituir nenhuma lingua; não pretende ser a lingua de nenhum povo Os esperantistas dezejam que cada um saiba a lingua de sua patria e só dela uze na vida corrente; mas quando tenha de entrar em comunicação com qualquer outro povo lhe baste conhecer alem do seu idioma o Esperanto.

Só isso. Não é, portanto, a aspiração imensa e quimerica de ser a unica lingua falada em toda a terra. O que ele quer é que sempre que dois filhos de uma mesma nação estejam frente a frente uzem a lingua dessa nação. Mas quando alguem, algum azar da vida, felicidade ou desgraça, reuna dois estranjeiros, esses estranjeiros, sejam de onde forem, tenham um meio comum de intelijencia. Que baste a cada pessôa, fora de seu paiz, para entrar em relações com qualquer outra, conhecer o Esperanto.

Não ha ai nenhuma aspiração irrealizavel. O latim já o provou, mostrando que uma lingua, que nenhum povo mais falava, podia, entretanto, servir de meio de comunicação entre povos diversos.

Mas então — ha muito quem pergunte — por que não nos servimos do latim, que já é uma lingua feita, conhecida, experimentada até nessa função de lingua universal? Por que não nos servimos do latim que todos os homens ilustrados conhecem?

Ha para isso uma razão historica que é deciziva: o latim serviu durante muitos seculos — até o seculo 18 — como lingua universal. Nessa epoca, exatamente quando as ciencias, as letras e sobretudo a industria tomaram um dezenvolvimento colossal, ele deu parte de fraco e dezertou, mostrou-se incapaz de preencher o papel que até então reprezentava.

E' absurdo supôr que, si ele podesse desempenhar bem o seu papel, desaparecesse exatamente quando se tornava mais indispensavel, quando os meios de comunicação material multiplicando-se, os meios de comunicação intelectual ainda se faziam mais indispensaveis,

Os romanos, ha vinte seculos, não podiam ter um stock de palavras de rezerva, prevendo as descobertas que só hoje andamos fazendo.

E assim, de duas uma: ou, si nós quizessemos servir do latim em sua pureza, teriamos de uzar de longas perifrazes para dezignar as couzas mais simples; ou precizariamos fabricar tantas palavras novas que, só com os termos necessarios á ciencia e á industria dos dois ultimos seculos, teriamos um vocabulario mais rico que o do latim primitivo! E desse modo a vantajem dos que soubessem o latim dos autores classicos dezapareceria: elle ficaria perdido, mergulhado, afogado na onda de palavras novas.

Mas de veras, ha muito quem saiba latim? Ele se ensina em quasi toda parte. Ensina-se... mas não se aprende. Todos os que entre nós se formam em direito, em engenharia em medicina fizeram dele exame. Sabem? Não ha um em mil, que seja capaz ao terminar o seu curso superior, de traduzir uma pagina de classicos. O latim é a lingua sagrada da igreja catolica. Sabem-n-o os padres? Tanto, em geral não o sabem, que os missaes são todos acentuados — acentuados em quazi todas as palavras. Um romano — os romanos não uzavam nenhum acento nas palavras — ficaria assombrado diante de um missal moderno.

Ha ainda outro ponto. Dois padres, um francez e outro brazileiro, não lem o latim do mesmo modo. Cada povo, cada pronuncia diversa do latim. Cita-se, em geral, como um bom exemplo, o modo pelo qual a palavra *Cicero* é lida em um texto latino, por diversos povos. Nós dizemos *Cicero,* um francez dirá *Ciceron*, um inglez *Sáicero*, um allemão *Tsitsero*, um italiano *Tchitchero* e, ao que se suppõe, o grande orador romano, como todos os de seu tempo. pronunciava *Kíkero*. Ninguem se entende.

Ninguem se entende até mesmo aqui dentro do nosso paiz, dentro do ensino oficial. Um mesmo estabelecimento dividido em duas secções, o Ginazio Nacional — ensina de um modo no Internato, de outro no externato. No Internato é *Cicero,* no externato é *Kikero*. No Internato o numero cincoenta, em latim, é *quinquaginta;* no externato, o mesma palavra, escrita com as mesmas letras, chega até a parecer uma cousa feia: em vez de *quinquaginta*, lê-se *Kinkaguinta*?

Vocabulario insuficiente, dificuldade insuperavel de acordo para a pronuncia, gramatica dificilima: o latim não pode servir como lingua internacional.

E' bom não esquecerem que os grandes apolojistas dos estudos classicos louvam exatamente o latim, porque dizem que ele é uma boa ginastica inteletual. Louvam-n-o pela sua dificuldade. Ora, nós não queremos ginasticas. Queremos um meio facil de comunicação. Os que acham que o latim se pode aprender de pressa, muito de pressa, pedem tres anos, E isso parece um minimo absurdo aos grandes latinistas. Mas nem todos dispõem nem mesmo desses tres annos para fazer tal estudo.

Assim. a utilização do latim como lingua internacional esbarra diante destas tres objeções:

1º) ela já provou que não servia, dezertando dessa função, exatamente quando a função se tornava mais necessaria.

2º) seria precizo um acordo para regularizar a sua pronuncia, que varia de povo;

3º) seria precizo aumentar em proporção maior que a das palavras primitivas o seu vocabulario;

4º) seria precizo, para reduzir-lhe o tempo de estudo, simplificar enormemente a sua gramatica, eriçada de excepções e complicações de tal natureza, que fazem do seu estudo uma dificil ginástisca inteletual.

Ora, mudando-se-lhe a gramatica, dando-se-lhe um vocabulario novo, maior que o atual e alterando-se-lhe a pronuncia — era quasi uma nova lingua. Quem tivesse aprendido o latim primitivo, teria dois trabalhos para aprender esse latim deformado, enxertado e emendado: precizaria começar dezaprendendo primeiro.

E si o latim não serve para rezolver o problema da lingua internacional, serviria talvez alguma das linguas vivas actuaes? E' claro que não.

Qual a nação que cederia a qualquer outra essa alta preeminencia? Nenhuma! Seria uma abdicação.

Sempre que alguem defende tal solução pensa, ou no francez, ou no inglez. Ao outras propostas ainda são mais absurdas. Mas basta lembrar que a Allemanha não aceitaria nenhuma dessas propostas: a Allemanha que prezume ter uma lingua filozofica, a Allemanha, rival da França, rival da Inglaterra, não se submeteria nem a uma nem a outra.

E' bom não esquecer que a aceitação de uma lingua estranjeira não seria apenas uma questão literaria. Seria tambem uma submissão economica. Sem o menor esforço, só pelo fato de terem nacido na patria favorecida com a escolha da lingua, todos os que nela se dedicassem ao comercio estariam habilitados a entrar em relações com o resto do mundo. E o que seria para o seu comercio, seria para a sua industria, para o sua ciencia, para sua literatura. Seus cidadãos seriam cidadãos da terra inteira. Povo fidalgo, ao passo que os outros só laboriozamente poderiam conquistar a vantagem de se corresponderem com os demais, ele teria orijinariamente, em primeira mão, essa vantajem!

Ninguem consentirá nisso!

Depois, é necessario não esquecer que a distribuição dos diversos povos e a proporção das diversas linguas, que ha hoje, não é definitiva. A terra ainda não está no maximo de habitabilidade. Basta que a Russia encha o seu territorio e que a America Central e a do Sul façam o mesmo aos seus, para que aquela proporção fique profundamente alterada. E desde que, ascendendo á plena civilização e rompendo os diques que a prendem, a China transbordar pelo mundo, a situação atual sofrerá ainda modificações mais profundas.

Tudo isso mostra que é impossivel esperar um acordo para a preeminencia de qualquer dos idiomas hoje falados no mundo, promovendo-o a lingua universal.

E assim, si não é possivel apelar para o latim, lingua antiga, si não é possivel esperar que a vitoria caiba a nenhuma lingua viva atual, só restam duas hipotezes: ou a questão é insoluvel, ou se tem de recorrer a uma lingua artificial, fabricada expresamente para esse fim.

Que haja impossibilidade — é cazo que não se preciza mais discutir. O latim já provou o contrario. Quazi todos os grandes filologos — Max Muller, Michel Bréal e outros — quazi todos os filozofos, — Kant, Lebnitz, Herbert Spencer — já afirmaram o contrario. Onde essas lucidas intelijencias não viram obstaculo insuperavel, que importa a opinião dos ignorantes?

Sem duvida, as linguas se formaram inconcientemente — o que não quer dizer que não se possa fabricar nenhuma concientemente.

As objeções que se fazem á feitura de uma lingua artificial são as mesmas, pozitivamente as mesmas, inteiramente as mesmas, que se fizeram á chimica organica. A aproximação pode surprender, á primeira vista; mas é rigorozamente exata.

Tambem quando Berthelot pensou em fazer a uréa e o alcool, por sintese, no seu laboratorio, houve muito quem dissesse que era impossivel. Nesse tempo, se acreditava que havia um abismo entre a chimica inorganica e a organica. Acreditava-se que certos produtos feitos dentro dos tecidos vivos não poderiam ser reproduzidos em retortas, alambiques e cadinhos. E veio Berthelot e quebrou o encantamento. E vieram depois dele outros e romperam as barreiras ficticias entre as duas chimicas.

O que o organismo faz, sem sentir, sem saber, inconcientemente, o chimico pode tambem fazer, voluntaria, concientemente. Com as linguas vivas sucede o mesmo.

Foi o que tentaram muitos. Foi o que realizou afinal o Dr. Zamenhof, o creador do Esperanto.

Explicar o mecanismo dessa lingua não é bem o fim desta conferencia. Qualquer pessôa, em uma hora, pode conhecer toda a gramatica Esperanto: são 16 regras simples, claras, imudaveis, sem uma só exceção,

Mas é melhor mostrar como Zemenhof encarou o problema e como o rezolveu.

Ha a considerar em uma lingua internacional a gramatica e o vocabulario. São problemas independentes

Não é muito dificil imajinar um conjunto de regras gramaticaes da mais extrema sinjeleza. Esse não é o ponto capital, todos sabem, por exemplo, que a gramatica ingleza é de uma simplicidade admiravel. Mas a dificuldade está no vocabulario.

Poder-se-ia tomando o alfabeto e combinando as suas letras fabricar um idioma inteiramente novo. Ha combinações de sobra. Muitos tentaram esse recurso. Herbert Spencer chegou a pensar na possibilidade de um vocabulario

desse genero e inteiramente monosilábico: nenhuma palavra teria mais de uma silaba.

Mas os ensaios dos que entraram por esse caminho provaram que ele era detestavel. Pedia-se á memoria um esforço formidavel. Nunca nenhum dos creadores dessas linguas — e houve diversos — conseguiu falar a propria lingua que creára.

Zamenhof, que tambem fez uma tentativa daquelle genero, encarou emfim o problema de um modo pratico. Tão pratico, que hoje, quando nós dizemos a alguem que ignora o Esperanto, ser possivel estuda-lo em um mez, adquirindo um vocabulario de milhares de palavras, ha quem sorria, ha quem hezite em crêr.

E nada é mais facil de entender.

Para fabricar o seu vocabulario, o creador do Esperanto recorreu a dois processos: ao uzo sistematico de prefixos e sufixos e á escolha de radicaes internacionaes.

Tendo de exprimir qualquer ideia, ele procurava si existia uma palavra mais ou menos identica em varias linguas. *Homem*, em portuguez, é *homme* em francez, *oumo* em italiano, *hombre* em hespanhol, *homo* em latim; em provençal e em roumaico se exprime por palavras analogas. Tirando o radical *om*, satisfaz-se, portanto, á grande maioria dos povos civilizados. O mesmo sucede para quazi todo o vocabulario Esperanto: *soldato, soneto, gusto, granito*, etc. Não ha ninguem que abrindo um texto esperanto de duas ou tres linhas não ache aí palavras que reconheça á primeira vista. Esse foi o primeiro e mais admiravel trabalho de Zamenhof — admiravel pelo criterio, pelo bom senso.

Não ha para isso nenhum processo cientifico. Ele precizava apenas escolher, com habilidade radicaes de tal natureza, que todos os povos ficassem justamente aquinhoados. Tomando essa norma, é bem claro que o grupo de povos neolatinos — portuguezes, hespanhoes, francezes, italianos e roumaicos — ficaram em uma situação excelente — do que rezultou a necessidade de em muitos cazos oferecer certas compensações a inglezes, alemães e russos.

Mas, a par da bôa escolha de radicaes, havia outra couza a fazer: a utilização dos prefixos e sufixos.

Todas as linguas uzam deles; uzam irregularmente, *sim* em uns cazos, *não* em outros.

Dizemos *feliz* e para exprimir a ideia oposta temos *infeliz*. Mas já para exprimir o contrario de *alegre* precizamos recorrer a uma palavra inteiramente diversa — e esse é o cazo mais frequente. Si, entretanto, sistematicamente, sempre que houvessemos de dizer o contrario de qualquer palavra, fosse um objeto, ou fosse um sentimento, ou fosse um estado de alma, ou fosse uma qualidade, ou fosse uma ação, podessemos recorrer a um prefixo, esse prefixo, por si só abreviaria metade do vocabulario: suprimiria a necessidade de todos os antonimos.

Foi o que fez o Esperanto.

E' interessante notar que de certos pares antagonistas de palavras um é muito internacional, o outro muito pouco. Pensem, por exemplo, em *grande* e *pequeno*. *Pequeno* em portuguez é *petit* em francez, é *piccolo* em italiano e *pequeno* em hespanhol. *Grande* em portuguez é *grande* em hespanhol, *grande* em italiano, *grand* em francez, e em inglez *grand* entra na composição de varias palavras. Si o Esperanto tivesse de escolher palavras para ideias oppostas, a que significasse *grande* estaria facilmente escolhida — como elle fez — mas para escolher *pequeno*, que achar de comum?

Não haveria. Mas o Esperanto exprime todos os contrarios com o prefixo *mal* e, tendo *granda* que é *grande*, tem *malgranda* que é *pequeno*.

Só aí vae a economia de memoria para a aprendizagem de metade dos adjetivos.

Mas o uzo sistematico do prefixo *mal*, não serve só para isso.

Figurem, por exemplo, em portuguez a palavra *saude*. Um estrangeiro, a quem se désse a conhecer o que é *saude*, podia prevêr como seria em nossa lingua o contrario de saúde — *molestia*? E' claro que não. E lembrem ainda outras ideias conexas com essas duas: *adoecer, curar-se, sadio, doente, hospital, medico, indispozição*...

Um literato radiaria de satisfação com toda esta riqueza. Mas para um estrangeiro, que complicação! Para a memoria, que pezo! Entretanto si eu conheço os seis prefixos e os vinte sufixos do Esperanto basta que me digam que o radical de são é *san* eu estou habilitado a formar todas aquellas palavras. *Sano* é saúde? *Malsano* séra molestia. *Sana* é sadio? *Malsana* será doente; *sanigi* será curar. E como o sufixo *il* serve para dezignar o meio, ou instrumento para obter o que diz o radical, *sanilo* quer dizer *remedio* e assim por diante. Só do radical *san* se formam mais de 50 palavras.

E claro que eu não vou fazer agora aqui um curso de esperanto. Quero apenas mostrar como, quem saiba um pequeno numero de prefixos, está habilitado, por esse simples facto, em esperanto, a multiplicar cada radical e formar dezenas de palavras.

Um unico exemplo a mais: a questão dos femininos. Em todas as linguas ha femininos regulares e irregulares: *gata* de *gato;* mas de *sacerdote, sacerdotiza*. Palavras va-

riaveis e palavras invariaveis: *bom faz bôa, alegre* não varia, os adjectivos em *ente* não variam; mas os em *ôso*, tomando o *a* do feminino alteram a silaba tonica. Para muitos cazos, nós não temos femininos, ao passo que o feminino de outros termos se faz de um modo irregular, com outra palavra, e os femininos de alguns são regulares e simples: *urso* faz *ursa*, mas o *jacaré* feminino tem de ser designado a *femea do jacaré* e de *gallo* se faz *gallinha*. O filho dos dois já tem um terceiro nome: é pinto. Como cavalo, *egua* e *potro, boi, vacca* e *novilho*.

Tudo isto, para a nossa lingua materna, nos parece muito simples. Mas quando nós vamos estudar uma lingua estranjeira é que vemos o esforço que precizamos para adquirir todo esse vocabulario, onde o que é regular na nossa lingua é irregular nas outras: *porco, porca* em portuguez; em francez *porc, truie; gallo, gallinha* em portuguez, *coq, poule* em francez. O inglez para dizer: *uma ursa*, diz uma *ella-ursa*.

O Esperanto tem um sufixo para todos os femininos sejam quaes forem e um sufixo para indicar o filho dos animaes de qualquer especie. Esses dois sufixos poupam milhares de palavras a aprender.

E' por isso que o Esperanto pode ser aprendido em um mez. Em um mez, graças ao jogo dos prefixos e sufixos, graças a uma gramatica ideal que se fica sabendo em uma hora, graças a uma escolha de radicaes internacionaes de que a maioria, a gente quando vae aprender verifica que já sabe, graças a tudo isso se está em um mez com um vocabulario mais rico que o estudante de qualquer lingua viva em dois ou tres anos.

E é por isso que o Esperanto tem feito carreira.

Havia uma duvida: mas si cada povo tem a sua pronuncia especial, como uniformizar a pronuncia do Esperanto?

A esse respeito não é mais precizo discutir. Compreende-se que se discuta a possibilidade de existencia de uma couza que nunca se viu; mas seria ridiculo, si alguem se levantasse nesta sala, agora, para discutirmos si esta sala existe.

Desde que em Boulogne—sur—Mer, desde que em Genebra. dois congressos de Esperanto reuniram centenas de adeptos vindos de todas, todas, todas as nações da Europa, e algumas da America, e algumas até da Azia —a prova ficou feita de que é possivel que todos conversem, discutam e se entendam. Não se debate a possibilidade de um fato, cuja existencia se verifica. O esperanto tem regras de pronuncia simples e invariaveis. Toda letra sôa sempre do mesmo modo. Toda palavra é grave. Não ha palavras homofonas e homografas.

Em portuguez, pronunciando-se izoladamente *para*, preposição ou *pára*, do verbo parar, ou *Pará* nome de um estado ou *parra* sinonimo de videira é precizo fazer soar bem as consoantes e os acentos, para que saibamos o que quer dizer o nosso interlocutor. Em Esperanto não ha letras dobradas. *Para* quer dizer *par*. Si alguem ler *parrá, pará, ou parra*, qualquer esperantista sente que a pronuncia é má; mas não se pode enganar, por que com as mesmas letras nunca se escrevem duas palavras diferentes.

Mas, ainda uma vez para que discutir? Os dois congressos de esperanto já provaram que era possivel falar, possivel conversar, possivel sustentar longos e animados debates.

Os adversarios do Esperanto fizeram-lhe outras objeções: disseram que nunca uma lingua artificial poderia exprimir certas idéas delicadissimas. O professor Boriac, reitor de uma Universidade Franceza rezolveu para responder-lhes traduzir para o Esperanto uma obra de alta metaphysica: a *Monadolcgia* de Leibnitz. E Zamenhoff traduziu o Hamlet e o Othello de Shakespeare; e outros traduziram obras de Byron e de Victor Hugo.

Não é que se pretenda substituir essa literatura á de cada povo. O que se quiz foi provar que não ha ideia por mais elevada, mais fina, mais literaria ou filozofica, que não possa ser traduzida em esperanto.

*
* *

A questão da lingua internacional já está num terreno pratico.

Em 1900, por ocazião da Expozição Universal de Paris, o grande numero de congressos, que ahi se reuniram, fez com que se pensasse muito na necessidade de uma lingua internacional. Creou-se então a *Associação Internacional das Academias*, orgam central de união entre as academias de Amsterdam, de Berlim, de Bruxellas, Budapesth, Christiania, Copenhague, Leipzig, Londres, Munich, Paris, S. Petersburgo, Roma, Stockolmo, Vienna Washington.

Essa associação ficou incumbida de estudar e de rezolver—a rezolução deve ser tomada este anno—qual o projeto de lingua internacional a adotar.

Nenhuma duvida ha que será o Esperanto.

O Esperanto conta hoje no mundo 482 sociedades. Nele se publicavam até dezembro de 1906—29 revistas

O Congresso de Genebra se realizou em outubro. Em dezembro, obedecendo ás suas

prescrições já havia consules esperantistas em 120 cidades. Em 17 universidades da França o governo francez permitiu oficialmente o ensino facultativo dessa lingua. As camaras de comercio de Paris e de Londres o incluiram entre as linguas em que são admitidas comunicações. Entre nós, o Governo tem facilitado o seu ensino nas Escolas militares, no Pedagogium, no Ginazio Nacional. O ilustre ex-ministro da Viação, Dr. Lauro Müller ordenou ao telegrafo que o incluisse entre as linguas, que se chamam «claras», a par, por conseguinte, das oito que até então existiam. Na França, Berthelot, o grande sabio que ha pouco morreu, publicou sob a sua direção, um dicionario anatomico.

O Governo Francez deu a Zamenhoff a Legião de Honra — e deu-a unicamente pela sua creação. O Papa, ao abrir-se o Congresso de Genebra — e ao abrir-se aliás em um estabelecimento oficial, prezidido por um pastor protestante — mandou-lhe a sua saudação apostolica.

Si, portanto, o Governo Brazileiro precizasse de animação ou por acazo tivesse receio do ridiculo, dando a esta nobre tentativa o valor que ela merece, já teria para se abrigar, o exemplo da França e o exemplo do Papado, que não viram diminuido o seu prestijio, com o apoio oficial que deram ao Esperanto.

Mas esse receio não é lejitimo, porque o Governo do Brazil, quer na prezidencia passada, quer na atual, tem mostrado compreender a importancia deste elevadissimo tentamen. A prezença do Sr. Ministro da Instrução Publica neste congresso é uma prova disto.

Nós venceremos!

Venceremos, porque o nosso sonho — si sonho é — é de uma larga solidariedade humana.

Nós venceremos, porque a pertinacia dos que creem faz conquistas assombrozas.

Tolstoi — e Tolstoi é aliás um esperantista — contou uma lenda da India. Certo dia, um homem deixou cahir ao mar uma perola. Começou então, com um pequeno vaso, a querer esgotar o oceano para retirar a joia que perdera. O Genio do Mar, o deus que lhe pastoreia os rebanhos mugidores de vagas — o Genio do Mar o achou a principio ridiculo. Mas o homem punha na sua tarefa uma pertinacia tão grande, uma vontade tão firme e decidida, que apesar da loucura da empreza, elle se encheu de medo e foi buscar a perola, e entregou-lh'a!

São os milagres da perseverança.

Nós, os esperantistas, saberemos tambem á força de constancia, fazer um deles! Nós venceremos!

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

As maravilhas subterraneas das Cavernas e Grutas do Valle do Rio Ribeira de Iguape

(NO SUL DO ESTADO DE S. PAULO)

Damos em seguida o interessante escorso sobre Cavernas do Iporanga pelo Sr. Ricardo Krone, pharmaceutico residente na cidade de Iguape, São Paulo e infatigavel prescrutador de toda aquella região. Os serviços que o Sr. Krone tem prestado ao Estado de S. Paulo sob os pontos de vistas scientificos e praticos não carecem de elogios pois saltam aos olhos do mais indifferente ao conhecimento do que nos diz respeito. Aproveitando a sua esplendida localisação elle pretende continuar em S. Paulo os trabalhos que Lund effectuou na Lagoa Santa, em Minas Geraes e das suas pesquizas já resultou a ampliação da area de existencia de «Nothrotherium maquineuse», Lund até a zona de Iguape, no littoral; o Sr. Krone recorreu a S. Paulo pedindo auxilio para os seus trabalhos o que não conseguiu; o governo de Viena, ao contrario, conhecedor da importancia de uma tal tentativa poz á disposição do Sr. Krone não só um auxiliar habilitado como cerca de 28 contos em dinheiro e só então o Estado de S. Paulo acordou prohibindo a retirada de objectos paleontologicos do seu territorio para o extrangeiro. Esta medida satisfaz até certo ponto o nosso egoismo porque o que está ignorado fica em desproveito de todos. Entretanto temos esperança de que as repartições publicas ás quaes compete o encargo, queiram fazer alguma cousa em pról da exploração das Cavernas do Iporanga, aproveitando intelligentemente os bons officios de uma rara e excellente opportunidade.

Será simplesmente triste que percamos pela inercia aquillo que os outros paizes empregam os maiores esforços para adquirir e que só temos que estender a mão para possuir

Por nossa parte folgamos em poder fornecer aos leitores de «Kosmos» as impressões do Sr. Krone sobre o facie geral das referidas Cavernas.

EXISTE no curso superior do Rio Ribeira de Iguape uma vasta zona coberta de montanhas de rocha calcarea e como sóe acontecer em serras desta natureza, encontram-se alli numerosas cavernas de muito differentes tamanhos e feitios.

Até o principio do presente seculo, só um ou outro caçador da respectiva região, conhecia a entrada de uma ou de outra destas cavernas, mas em nenhuma dellas se tinha aventurado a entrar alêm dos pontos que a claridade do dia permittia orientação. Hoje já se acham exploradas mais de 20 destas cavernas e as vistas photographicas, que se seguem demonstram algumas poucas das maravilhosas formaçõcs calciticas naturaes, que alli foram desvendadas.

E' de presumir que o aspecto destas soberbas vistas desperte em algum touriste inveterado o desejo de conhecer *de visu* estas cavernas; darei por isso aqui alguns apontamentos, que facilitarão a realisação desta louvavel tarefa.

O ponto de partida no littoral é a tradicional cidade de Iguape. Alli o viajante encontra, 6 vezes por mez, occasião de subir o Rio Ribeira, pelos vapores da Companhia Sul Paulista, que fazem o trajecto até Xiririca em 2 dias. De Xiririca principia a navegação em canôa, podendo-se alcançar em outros 2 dias a primeira das grutas a visitar; é esta a Caverna da *Tapagem*, situado na Serra do André Lopez, na comarca de Xiririca.

Um gigantesco penedo de rocha calcarea de uma inclinação que parece proxima da perda do equilibrio, apresenta na base a entrada da caverna.

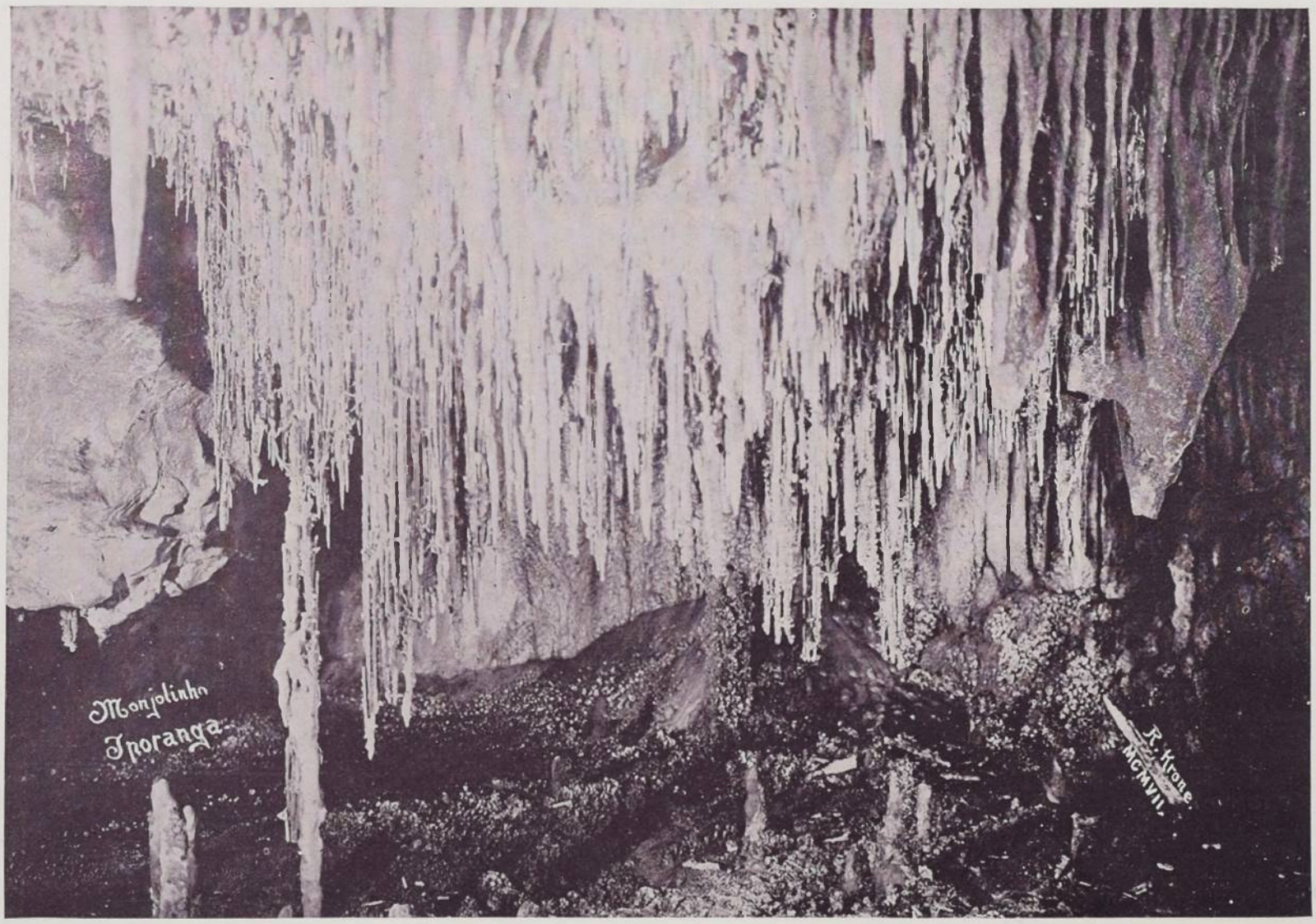
O ribeirão das Ostras, que pela caverna segue o seu curso, cobre em alguns logares todo o solo do medonho conducto, tendo o visitante de marchar dentro d'agua; depois o ribeirão segue á esquerda, emquanto um caminho enxuto, uma ladeira ingreme e bastante escorregadia, se offerece á direita. Um bom cabo de linho, de 20 a 20m, facilita muito esta penosa subida.

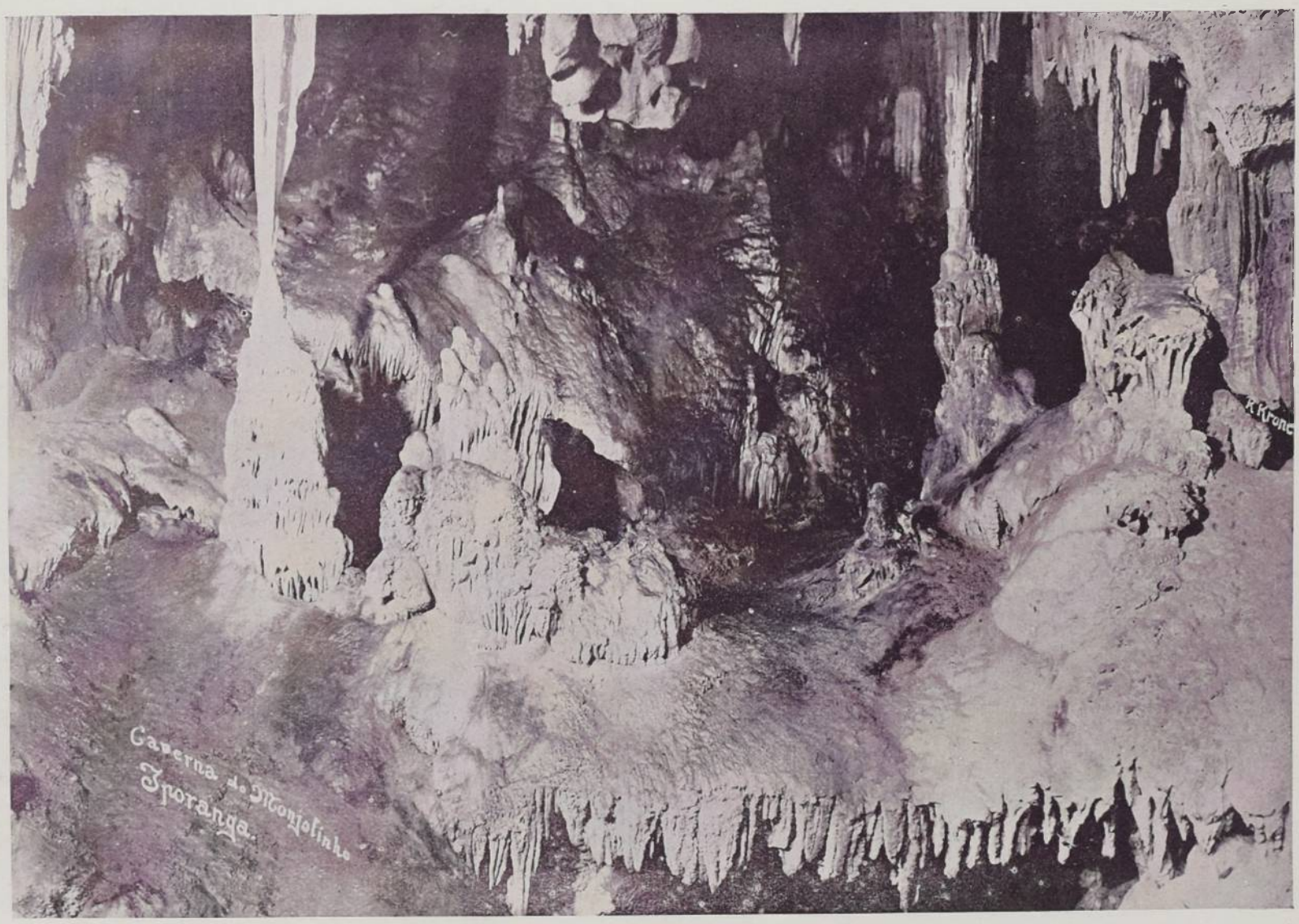
Do fundo de medonho precipicio, ouve-se o rumor das aguas, o qual vae diminuindo ao passo que se penetra na gruta secca.

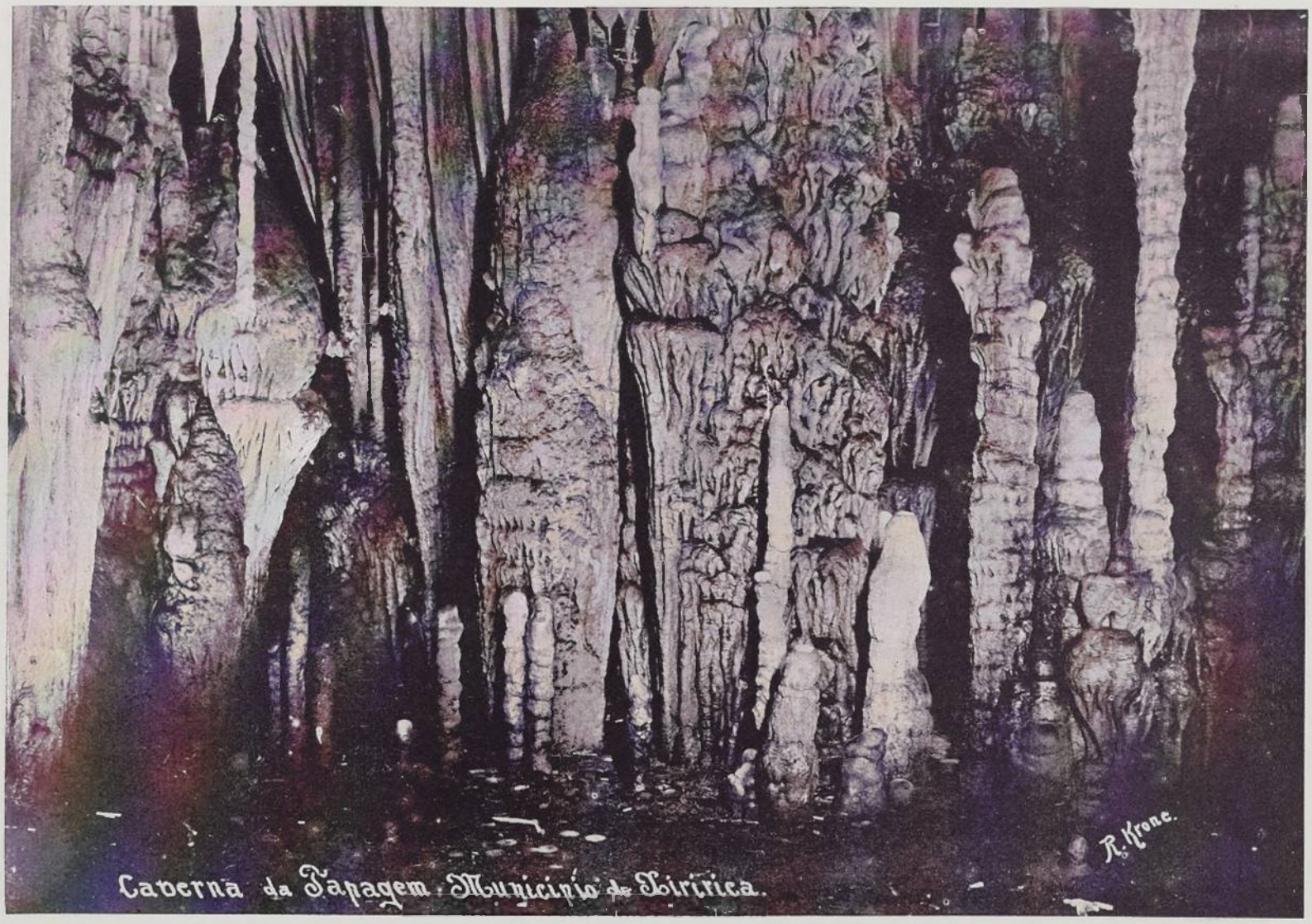
Logo na primeira sala, um alargamento de dimensões enormes, tem-se á admirar uma formação calcitica recentissima, de alvura deslumbrante, que denominei de «Pia baptismal» porque, da grande quantidade de agua, que do tecto cahe, cava-se no cimo dessa columna em formação, uma concavidade, sempre cheia de precioso liquido. De lindo effeito tambem são as formações, que, ao redor se crearam pelos fortes respingos que partem da «Pia baptismal». Innumeros são os encantos desta primeira sala, havendo columnas colossaes de todos os feitios e fórmas; véos e cortinados stalactiticos de todos os tamanhos. Depois, sobe-se por um barranco empinado e escorregadio para novo alargamento: Para onde se dirija a vista, sempre se apreciará novos encantos! No meio da grande sala depára-se com verdadeiro «Panapticum», composto de formações desunidas, entre os quaes se destaca um perfeito busto de Zeus e, formando lindos cortinados calciticos, um fundo que dir-se-hia propositai.

Ainda longo espaço se póde percorrer, vendo e admirando sempre fórmas novas e variadas, como se póde ver na nossa vista da Caverna da Tapagem.

Quem se sentir satisfeito com o que tiver visto nesta caverna, em troca das difficuldades da excursão, póde continuar a viagem Ribeira


Monjolinho
Ipiranga.
R. Krone
MCMVII.


Caverna do Monjolinho
Ipiranga.
R. Krone



Caverna da Tapagem. Municipio de Loirirca.

acima, porque as demais cavernas e grutas não apresentam difficuldades maiores do que esta; e as impressões que se recebe são sempre novas e soberbas.

Mais dia e meio de viagem em canôa, e chega-se á Villa de Ypiranga, situada no centro da zona calcarea da Ribeira e de onde se deve preparar as differentes expedições, para as diversas cavernas a visitar.

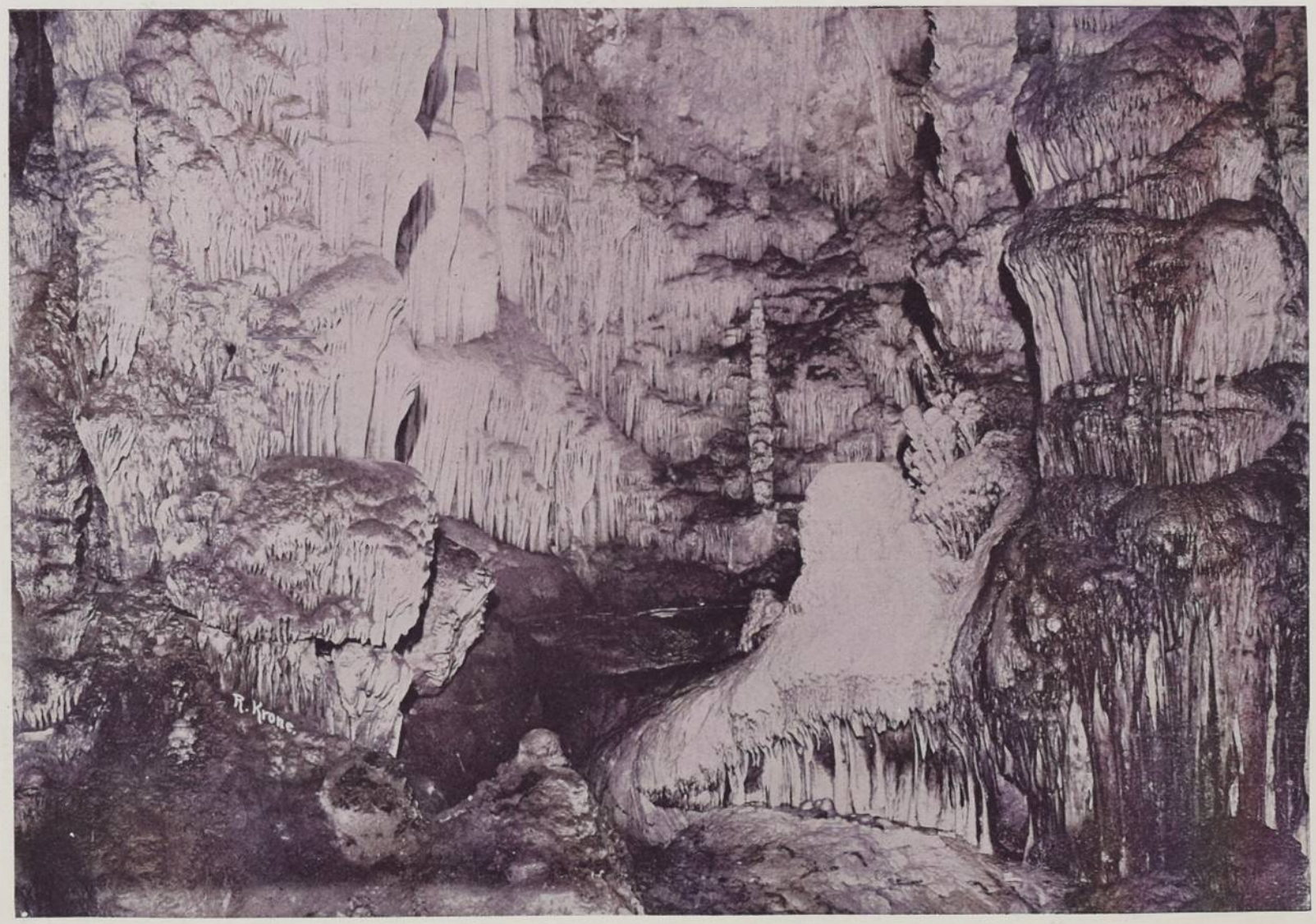
A' cavallo alcança-se em 5 horas, subindo pelo valle do Rio Ypiranga, e atravessando a cordilheira do Morro do Chumbo, o fertil valle do ribeirão do Monjolinho. Alli existe uma caverna do mesmo nome, mais conhecida ha mais tempo, por ter eu achado alli o craneo e uma parte do esqueleto de um Megatherideo, *Nothrotherium maquiarense* (Lund.), que se acha hoje no Museu Paulista.

Vê-se algumas das lindas formações calciticas desta caverna, nas vistas annexas: *O Theatro*, que forma o fundo da primeira sala e o *Véo stalactitico*, á centenas de metros distante da entrada.

Ao neophito nesta especie de sport, não deixa talvez de provocar um certo calefrio á primeira passagem, um pouco difficil, executada á fraca illuminação artificial; porém, o bom exemplo, dado pelos mais peritos, faz vencer esta difficuldade e logo a gente se habitúa e adquire a confiança em si, de que carecia no principio.

Pouco distante da caverna do Monjolinho acha-se, na Serra da Arataca, uma caverna do mesmo nome, cuja entrada fica á 50 metros sobre o ribeirão.

Pouco practicavel no principio, por ser muito baixa e estreita, alarga-se logo para um corredor, que em declive de 30º, désce para vasta sala.



Sobre este declive acha-se uma formação de cinta muito interessante e que em nenhuma das outras cavernas se repete com esta perfeição.

O exame da photographia que reproduzimos facilitará a comprehender uma ligeira explicação: Em voltas phantasticas, cristas de calcito atravessam o solo do conducto, formando degráos, pelos quaes passámos como sobre uma escadaria. Penetrando maior quantidade de agua na gruta em tempo de chuvas, todas as concavidades, cujas bordas formam essas cristas, enchem-se de agua, saturada de carbonato de cal, e transbordando effectua-se o crescimento das bordas favorecido pela capilaridade, tal como se ob-

serva uma crosta de sal subir á beira de um copo de vidro, quando n'elle se deixa evaporar uma solução salina.

Ha tambem nesta caverna uma passagem que é bastante trabalhosa e exige agilidade e coragem, pois que torna-se necessario atravessar um paredão ingrime, tendo por apoio e segurança apenas as saliencias da camada calcitica, que por toda a parte reveste o rochedo subjacente e não é de firmeza e solidez que exclua a possibilidade de uma fractura. meira dá facil accesso. Quasi sempre por dentro d'agua já percorremos cerca de 2 kilometros, sem encontrar o menor indicio de que estivessemos perto do seu termo.

O «totum» desta caverna é um medonho tunnel, que o ribeirão das Arêas cavou na montanha e no qual, no tempo das chuvas deve haver um movimento d'agua indescriptivel.

Comprehende-se, que ahi não possam perdurar formações calciticas, porque temporaria-

Na parte inferior da caverna da Arataca ainda ha lindas formações calciticas.

Nos dias immediatos póde-se visitar ainda a caverna do *Morro do Chumbo*, de especial interesse para futuras pesquizas palcantologicas; depois a caverna do *Farto* e do *Fartinho* e, de volta para Iporanga, a *Casa de Pedra* e a caverna de *Sant'Antonio*.

Encetando depois outra excursão, seguindo de Iporanga pela estrada de Apiahi, póde-se visitar a caverna do *Alambary*, das *Areas de baixo* e *Aberta funda* e afastando-se da referida estrada para a esquerda, encontro as cavernas das *Areas do Pedrozo* ns. 1 e 2.

A ultima é pouco practicavel, mas a primente a caverna fica repleta d'agua, emquanto porém, durante a vasante, nos baixios dos immensos alargamentos, se formam verdadeiros montes de sedimentos, novos stalactites substituem os que a correnteza levou e o tecto fica de novo enfeitado, como se vê na photographia.

Foi no ribeirão desta caverna, que encontrei o *Thyphlobagrus Kronei*, um peixe cégo (descripto em *Kosmos*, primeiro numero do corrente anno) do qual actualmente existe um exemplar vivo no Museu Nacional.

Julho 1907.

RICARDO KRONE

ECLIPSES

JÁ o eclipse não é para os homens, apprehensivos ou atemorisados, o preludio terrivel da catastrophe que se adeanta. Essas palavras fatidicas só impressionam quando murmuradas no theatro shakspereano, ao clarão do luar, sobre a esplanada immensa dos castellos por onde as sentinellas rondam, á espera das sombras de guerreiros mortos...

A curiosidade scientifica espiolhando os astros pelo telescopio, e as curvas que elles descrevem, e as manchas que nos occultam, succedeu á videncia dos magos para os quaes até o vôo de um passaro a cortar o azul de uma serena tarde annunciava a perda de frotas ou a queda de imperios.

Se a imaginação encheu a terra de mythos, desde a animalidade capripede e lasciva dos faunos á graça das nayades mais loiras e mais roseas, a ignorancia, por seu turno, andou a povoar de assombros o céo donde vem o raio de sol que se crystallisa em diamante ou que se diffunde em olencia, mesmo atravez do espesso materialismo de um Buchner. Isto nas alturas em cujo deslumbramento se arrastam os mundos envelhecidos, vagueiam as nossas hypotheses loucas. E mais abaixo as perturbações e os caprichos da atmosphera, que, por vezes, se cança de proteger, com a sua limpidez e com a sua doçura, tão ignobil planeta.

Certo é que os homens accrescentaram á cauda rutilante dos cometas um sequito negro de calamidades. O eclipse mais inoffensivo amortalhava destinos regios e destinos miseraveis. Pulverisava-se em flagellos a via-lactea. Eram signos ameaçadores os lumes esparsos pelo firmamento, não raro crepitações que nos visitam quando já o seu fóco se extinguiu, se congelou no ether, e a magnificencia astral de uma faixa celeste desdobrava-se para os ignorantes num verdadeiro *zodiaco de males*, como dizia emphaticamente o padre-mestre do classicismo portuguez.

O horoscopo não se foi com os astrologos chaldaicos, no attribuir a influencias sideraes a nossa desdita ou a nossa fortuna, pois revive e rabeia, modernisado, nas paginas lustrosas do almanack Hachette. Quantos não responsabilisam muito gravemente, por seus defeitos e azares, o triplice annel de Saturno, que até inspirou a Verlaine o motivo symphonico das primeiras estrophes? Mas de um eclipse ninguem se arrecearia hoje, o que todas as gazetas registraram á luz amarellada e agonisante daquella hora em que o sol da vida carioca teve o seu eclipse parcial.

Oh, a agonia da luz, não a se decompor no espelho magico de um poente equatorial, transfigurando as nuvens, franjando-as de oiro solar, produzindo aspectos de cidade encantada sobre lagos coruscantes, mas da luz a esmorecer e a se descolorir, funeraria, como nas horas derradeiras do mundo...

Imaginae o terrivel minuto de calefrio e de penumbra convertido em millenio, prolongando-se atravez da angustia e senectude humana, estendendo-se de um a outro hemispherio, na impotente caricia do sol moribundo á terra desolada, á terra sem jardins, sem aves, sem nupcias, sem a maciez dos pomos sazonados e o pleno desabrochar dos instinctos bravios.

Um sabio francez, Lapouge, num desses eclipses d'alma que o Pessimismo crêa, gemeu sobre o futuro da nossa especie e do nosso planeta.

Ainda mesmo que o fogo central se aquiete e a crosta planetaria não estremeça, não se deforme, não se despedace no horror de um cataclysmo inopinado, ainda mesmo que a terra, gyrando harmoniosamente na inviolabilidade perfeita da ecliptica, não seja deslocada nem reduzida a cinzas num embate de mundos, a trajectoria inevitavel deste blóco de atomos para o Nada apenas será mais dolorosa e mais extensa.

A humanidade terá de perecer, na melhor das hypotheses, á falta de luz e de calor, sob a gelida tristeza de um sol quasi apagado. E a tragi-comedia humana findará, então, sobre o globo despovoado de todas as formas elementares e superiores da Vida, as que se geram surdamente no lodo e as que voejam com alacridade no espaço, as formas da Vida amorosa gorgeando num idyllio e da Vida raciocinante esplendendo numa idéa. Mas nove decimos de existencia ainda nos restam; milhões e milhões de annos propicios, abrindo em flor e fructo, ainda nos distanciam do crepusculo e da morte. Para o velho Atlas, o bom gígante que nos traz piedosamente ás costas, vem longe a hora do repouso dominical. Que o lagarto se estire na delicia do seu raio de sol; que a euphorbia viceie nos campos, entre as plantas malignas; que a tartaruga não accelere a sua marcha de chelonio. E folguem as mandibulas vorazes, afiem-se as garras penetrant s, dardejem as linguas bifurcadas... Pode o leão esquartejar sem cuidados a presa, e a giboia pode acalmar-se, digerir somnolentamente, na sua inercia de monstro saciado. Exultem os bichos nauseantes dos charcos, e os que apressam a corrupção dos fructos mais lindos. Restam millenios a viver, antes que a nossa argilla planetaria se descondense para tentar novas combinações da materia, e até lá bem poderiam os homens, alargando o seu entendimento e circumscrevendo o seu egoismo, realisar uma ve-

lha aspiração de concordia e progresso, numa decisiva conferencia de Paz, se o Anti-Christo não reinasse no Oeste...

*
* *

O Anti-Christo domina, com effeito, no Oeste, e dominará em toda a rosa dos ventos, se a legião redemptora dos cossacos não exterminar os incréos, arvorando sobre o captiveiro dos povos jugulados o estandarte do Santo Imperio.

Ao menos assim o deixa suppor, desdobrada logicamente, a oração do principe Wolkonski, um temeroso principe da christandade slava, proferida a 14 de Julho em S. Petersburgo, deante de quatro mil fieis e doze bispos, que tinham ido offerecer ao Czar um painel da Resurreição.

«O Anti-Christo reina no Oeste. Possa a Virgem restaurar o verdadeiro Christo na humanidade da nova Russia». E logo resoaram os echos da oração principesca: morras aos jornaes, á democracia, aos traidores da Duma, aos que se batem corajosamente pela emancipação do povo russo.

Invoca-se, pois, a Virgem dos afflictos e dos humildes, a Senhora de olhos resplandecentes e coração trespassado pelas dores, o symbolo da graça materna, a imagem tutellar da infancia e da castidade, a esperança de mendigos e naufragos, o sorriso que illumina e a benção que redime, para exalçar os potentados e submetter os fracos!

A humanidade nova das steppes reivindica furiosamente o seu Christo, não o das parabolas meigas e simples, mas o da cathedral de Kazan, arrogante e opulento como todos os favoritos dos cesares! Ella reivindica sobretudo a flagellação do azorrague a silvar, na crueza das penas infamantes. Anceia pelo captiveiro, pelo embrutecimento dos servos espoliados e abatidos, sob a impassivel tyrannia dos grãos-duques. Reclama, aos brados, a mordaça com que se abafam as imprecações de todas as revoltas da carne lacerada e faminta.

E assim os leaes vassallos do Czar solemnisaram a tomada da Bastilha, quando a Marselheza vibrava nas ruas de Paris e o tumulo de Garibaldi se recobria de flores para a grande festa democratica de 14 de Julho.

Tambem por aqui esvoaçaram os galhardetes na pompa de um feriado que envolve a solidariedade dos povos irmanados pelo facto da Revolução, em cuja tormenta não basta considerar o delirio da plebe amotinada; Maria Antonietta, heraldica flor de liz, sobre os degraus do cadafalso; e o anno sangrento do Terror dizimando as proprias hostes revolucionarias.

O archote incendiario conduziu as massas atravez de supremas reivindicações; a torrente de sangue, ao espadanar, baptisou a arvore da Liberdade fincada no parque dos castellos sombrios. E olvidando por um instante os aspectos da Revolução, guardemos todavia os seus principios, que em bôa verdade representam, desde a tarefa dos encyclopedistas á synthese legislativa das sociedades contemporaneas, o triumpho inegualavel da Justiça humana sobre as *justiças d'el rei*, a alliança das forças victoriosas do livre exame e do individualismo restringindo a autoridade omnimoda e o privilegio absorvente.

Fustel de Coulanges, ao reconstituir na essencia e na estructura as instituições greco-romanas, evocou atravez do culto dos mortos a Cidade Antiga. Sobre o culto da Revolução é que se erige a Cidade Moderna, abolidas as castas e niveladas as crenças, toda ella funccionando, progredindo, ascendendo, no equilibrio dos seus orgãos e na harmonia dos seus poderes. Attenuando as mais irritantes desigualdades, não as que subsistem na esphera social como na propria ordem hierarchica da natureza, senão as que se afiguram irreconciliaveis com o gráo de cultura e de sympathia dos povos occidentaes, a Revolução franceza libertou da fórma do pensamento, fez na realidade cessar a ignominia das torturas, para o que não bastaria a cruzada santa de um Beccaria, de um Howard, de um Bentham; contrapoz ao arbitrio de monarchas ferozes a lei como expressão da vontade collectiva.

Abençoemos, pois, o seu legado, emquanto os barbaros do Norte sò avistam na democracia hodierna o imperio do Anti-Christo. E' que a historia tem egualmente os seus eclipses parciaes e embora os sociologos não possam determinal-os, antevel-os com a mesma segurança dos astronomos quanto aos do sol e aos da lua, nem por isto a sua observação escapa aos eternos rebuscadores de assumptos. Desfeita, porem, a sombra momentanea, logo a Historia continua a progressão infinita em que todos os seus movimentos se resolvem.

Gyrassem os phenomenos sociaes numa orbita, recapitulasse a humanidade, periodicamente, os caracteres dominantes dos cyclos já encerrados, não fosse um erro a concepção de Vico, e a humanidade da nova Russia poderia confiar na volta do seu Christo inexoravel, que prefere a lettra dos ukases á divina eloquencia do sermão da Montanha. Não o consente a lei do Progresso. Até o sentimento religioso do tartaro acabará modalisando-se numa concepção mais pura e mais fraternal da Vida. Se o Anti-Christo é a Liberdade e a Paz reinando sobre o mundo, a esperança dos homens não se volta para outro sol, mesmo durante os seus eclipses parciaes ou totaes.

CELSO VIEIRA.

A EQUITATIVA

OS extraordinarios melhoramentos pelos quaes passou a capital do Brazil, trazendo ao mesmo tempo o seu saneamento, fizeram com que o nosso paiz fosse encarado no estrangeiro e especialmente na Europa, com mais confiança e chamasse sobre si a attenção dos povos os mais adiantados e cultos.

O Brazil se vai tornando cada vez mais conhecido, impondo-se pelas suas riquezas e pelo seu adiantamento e os nomes dos nossos patricios, illustres pelo seu talento ou pela sua iniciativa, vão alastrando-se pelo velho continente, interessando-o já á nossa rapida evolução.

De conformidade com esse modo de pensar, querendo não só propagar o seu nome, como tambem o da prezada Patria, a *Equitativa dos Estados Unidos do Brasil*, sociedade nacional de seguros de vida, terrestres e maritimos, cujos creditos estão, de longa data, firmados entre nós, resolveu fundar succursaes, na Europa, iniciando as suas operações em Lisboa em 1904.

Mais tarde, vendo a *Equitativa* florecer em todo Portugal, a sua directoria, obedecendo ao seu plano de expansão, resolveu abrir tambem uma Filial em Madrid.

Foi esta fundada em 3 de Maio do anno corrente, em solemne commemoração pela descoberta do Brasil.

Dr. D. Jesus Sarabia y Pardo
Director-medico

Exmo. Snr. D. Trinitario Ruiz Capdepon
Presidente

D. Haraldo J. Dahlander y Francéz
Gerente

D. Enrique Peinador y Vela
Vice-presidente

Francisco José de Macedo Costa
Contador

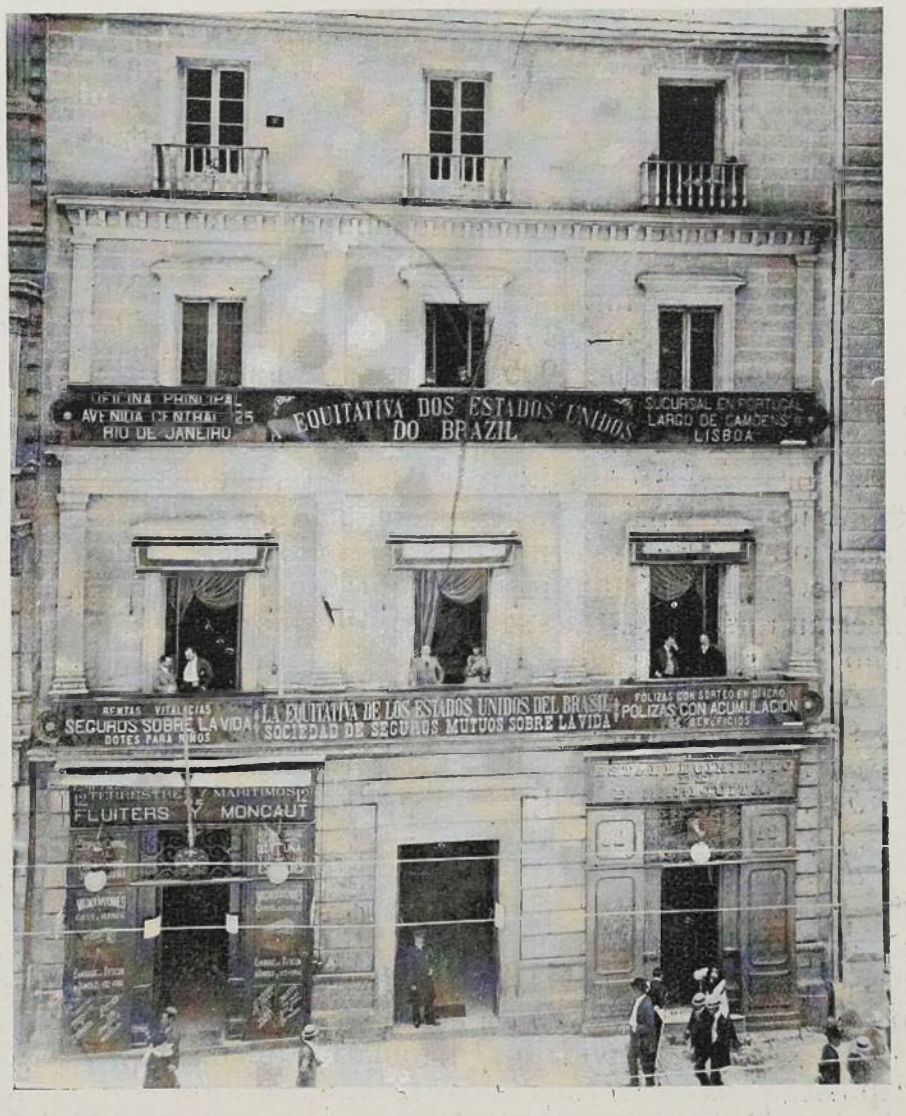
D. Alfonso Cabello y Guillén de Toledo
Director-consultor

Como em Lisboa, a directoria local foi escolhida entre pessoas as mais gradas da sociedade madrilena, as quaes accederam immediatamente ao honroso convite, certas de cooperarem para a franca aceitação de uma empreza de reputação solidamente feita.

A succursal de Madrid, cuja fundação foi

entregue á competencia e dedicação do Sr. Eugenio Borges, sub-director, que em Fevereiro do corrente anno partira para a Europa incumbido dessa missão, ficou entregue á direcção dos seguintes Srs.:

S. Ex. Don Trinitario Ruiz Cappepon, antigo ministro da Coroa, ex-governador do Banco de Hespanha, conselheiro de Estado, Senador Vitalicio, *presidente;* Dr. Don Jesus Sarabia y Pardo, notavel clinico, professor do Instituto Rubio, (um dos mais importantes estabelecimentos scientificos de Madrid), *director-medico;* Don Enrique Peinador, conhecido medico, industrial e proprietario das afamadas aguas de Mondariz na Galicia, *vice-presidente;* Don Alfonso Cabello y Guillen de Toledo, notavel advogado e proprietario, *director-consultor*; Don Haraldo J. Dahlander y Francéz, que por muitos annos esteve á testa da filial da *New York Life Insurance C°* no Rio de Janeiro, captivando as maiores sympathias, *gerente;* e Francisco José de Macedo Costa, distincto patricio nosso, filho da Bahia, onde possue valiosas amizades, *contador.*



A séde d'essa succursal occupa um vistoso predio na Calle de Alcalá n.° 12, perto da afamada *Puerta del Sol*, n'um dos pontos mais concorridos de Madrid.

Damos aqui a photographia do predio e os retratos dos membros da directoria, em boa hora escolhidos para presidir aos destinos da conceituada empreza brazileira.

Todos os que amam o seu paiz, hão de, forçosamente, orgulhar-se dessa fecunda propaganda que revela aos estrangeiros o tino administrativo dos nossos *businessmen* e todos os segurados da *Equitativa* devem sentir-se fortemente amparados por essa Sociedade, cuja pujança, cujo desenvolvimento já necessitão de novos e amplos horizontes.

Exposição Nacional

NO PROXIMO ANNO DE 1908

Sob a intelligente iniciativa do digno Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, terá logar em junho, do proximo anno de 1908, um importantissimo *certamen* artistico, industrial e pastoril, em que figurarão, senão todos os Estados do Brasil, pelo menos aquelles em que, actualmente, mais se accentuem o progresso e o adeantamento.

Inutil será dizer que a Exposição de 1908 virá assignalar um importante acontecimento nesta parte da America Latina, concorrendo, não só para que se constate o grau de desenvolvimento das nossas industrias em geral, como servindo de efficacissimo estimulo para os agricultores, industriaes e artistas de toda a especie que vivem disseminados por toda a grande extensão territorial do Brasil.

A Exposição será inaugurada a 15 de junho do citado anno, coincidindo a sua abertura com a época dos festejos com que o governo do Exmo. Sr. Dr. Affonso Penna pretende solemnisar o primeiro centenario da abertura dos portos do Brasil ao commercio mundial.

Damos em seguida as bases sobre que se funda a dita Exposição, felicitando o illustre

gestor da pasta de Viação Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, pelo relevantissimo serviço que vem, incontestavelmente, prestar ao paiz inteiro.

—

Bazes para a organização de uma Exposição Nacional, em 1908:

Art. 1º Em cumprimento do disposto na lettra *e*, do n. 1, art. 35 da lei n. 1.617, de 30 de Dezembro de 1906, e para solemnizar o primeiro centenario da abertura dos portos do Brasil ao commercio internacional, o Governo promove a organização, na Capital da Republica, de uma Exposição Nacional — agricola, industrial, pastoril e de artes liberaes, que se abrirá no dia 15 de Junho de 1908, encerrando-se a 7 de setembro do mesmo anno.

Art. 2º A Exposição constará das seguintes secções:

a) Agricultura;
b) Industria Pastoril;
c) Varias industrias;
d) Artes Liberaes.

Paragrapho unico. Cada uma dessas secções subdividir-se-ha em grupos, e estes em classes, para a catalogação dos productos, sua installação, exhibição e julgamento.

Art. 3º São convidados a tomar parte na Exposição os governos dos Estados e do Districto Federal, as associações commerciaes, agricolas e industriaes, todos os que exercerem as industrias agricola, fabril e pecuaria e os que se dedicarem a artes liberaes, quer sejam nacionaes, quer estrangeiros domiciliados no Brasil.

Art. 4º A Exposição será organizada e dirigida por uma commissão nomeada pelo Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, com um presidente, tres vice-presidentes, um secretario geral e mais 36 membros, que se subdividirá em quatro commissões parciaes, correspondentes ás secções de que trata o art. 2º.

Art. 5º Ao presidente incumbe convocar a commissão geral, presidindo ás suas reuniões, executar suas deliberações, velar por tudo que se relacione com a Exposição, de que é representante legal para todos os effeitos, e, em circumstancias extraordinarias, tomar qualquer providencia que lhe pareça opportuna, informando do occorrido á commissão, em sua primeira reunião.

Art. 6ª A commissão geral organizará o Regulamento Interno dos seus trabalhos, determinando as attribuições que cabem ao presidente, aos vice-presidentes e ao secretario geral e deliberará sobre o programma, elaborado por cada uma das secções, assim como sobre planos, orçamentos e quaesquer assumptos referentes á Exposição e do interesse da mesma.

Paragrapho unico. Os planos, orçamentos, programmas, regulamentos, etc., serão submettidos á apreciação do Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas.

Art. 7º O Governo construirá pavilhões para cada uma das secções da Exposição, bem como installações para a exhibição de machinas e utensilios usados na agricultura e industrias connexas.

Paragrapho unico. Preparada a area de terreno destinado á Exposição, o Governo abrirá concurrencia para construcção dos p vilhões. Os projectos apresentados serão julgados por uma commissão de membros da commissão geral, nomeados pelo Governo, sob a presidencia do Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas.

Art 8º As exhibições far-se-hão por conjuncto, de modo que os objectos da mesma natureza, isto é, dos mesmos grupos e classes, se encontrem reunidos no pavilhão da secção respectiva, discriminados, porém, por Estados.

Paragrapho unico. Aos productos expostos devem acompanhar dados relativos à sua procedencia, custo de producção, preço de transporte, até aos centros de consumo, e, sempre que for possivel, photographias de fabricas, usinas, campos de cultura, etc.

Art. 9º Os expositores terão direito, independente de qualquer contribuição, a um certo espaço para a exhibição dos seus productos nos pavilhões construidos pelo Governo.

Esse espaço deverá ser pedido até ao fim do corrente anno; e, si o expositor desejar fazer nelle qualquer installação especial, deverá nesse mesmo prazo, apresentar a respectiva planta.

Não é permittida a transferencia de espaços concedidos aos expositores.

Art. 10º Os Estados poderão construir pavilhões especiaes para a propaganda dos seus productos, comtanto que peçam reserva do espaço necessario e apresentem a planta completa do pavilhão, antes de 31 de dezembro, submettendo-a á approvação da autoridade competente.

Art. 11º Os productos destinados á Exposição terão transporte gratuito, devendo, para isso, os expositores dirigir-se ao presidente da commissão.

Art. 12º Os volumes contendo objectos destinados á Exposição, deverão vir acompanhados de uma relação do seu conteudo, com indicação bem clara da sua procedencia, informações sobre os productos, o nome e o endereço do expositor, e, quando contiverem objectos mandados por mais de um expositor,

dever-se-ha declarar o numero de objectos enviados por cada um.

Art. 13º Será permittido o estabelecimento de restaurantes, de salas de divertimentos e a venda de mercadorias, no recinto da Exposição e em sitios reservados para esse fim, mediante condições previamente ajustadas.

Art. 14º A commissão organizará e manterá um systema de policia no recinto da Exposição, não só para manter a ordem, como para proteger a propriedade confiada á sua guarda.

Art. 15º Uma vez entregues os productos á commissão no Rio de Janeiro, ella providenciará sobre sua conservação e garantia da propriedade dos expositores; não assumindo, porém, a responsabilidade por perdas devidas a incendio, a desastres ou a quaesquer outros accidentes de força maior, que não possam ser previstos.

Art. 16º Quando houver de ser exposto objecto de grande valor, o expositor deverá fazel-o recolher diariamente a um cofre a isso destinado, no recinto da Exposição, e ter sempre pessoa da sua confiança que por elle se responsabilize.

Art. 17º Não serão admittidos nos pavilhões objectos perigosos ou que prejudiquem o conforto e a segurança do publico ou outras exhibições, nem tão pouco objectos que offendam o decoro da Exposição.

Art. 18º Os objectos expostos não podem ser copiados nem reproduzidos, mesmo photographicamente, sem permissão do expositor e do presidente da commissão.

Objecto algum poderá ser retirado ou removido da Exposição antes do encerramento da mesma.

Art. 19º A commissão incumbir-se-ha da limpeza e do arranjo dos objectos a seu cargo devendo a limpeza e a boa ordem dos pavilhões dos Estados e das installações particulares correr por conta propria, embora sob a fiscalização da commissão.

Art. 20º Os expositores deverão declarar o destino que hão de ter os objectos expostos, afim de que a commissão possa removel-os dentro do prazo de dous mezes, após o encerramento da Exposição.

Os expositores que não fizerem essa declaração em tempo opportuno, não terão direito a reclamação alguma.

Art. 21º O merito das exhibições será determinado por um Jury de Premios que se reunirá no correr do ultimo mez da Exposição, o qual manifestará o seu julgamento por meio da concessão de diplomas correspondentes a quatro classes: grande premio, medalha de ouro, medalha de prata e medalha de bronze.

Cada diploma será acompanhado de uma medalha commemorativa da Exposição, na qual será inscripto o premio alcançado pelo expositor.

Art. 22º O Jury de premios só julgará os objectos expostos nos pavilhões construidos pelo Governo; e, só por concessão excepcional, a commissão se manifestará sobre objectos expostos nos pavilhões dos Estados.

Nenhum objecto exposto será excluido desse julgamento, a menos que o expositor o requeira, e mediante assentimento do presidente da commissão.

Art. 23º Os animaes que concorrerem á Exposição, terão, segundo o merecimento, um premio pecuniario, além do diploma que for conferido ao expositor.

O valor desse premio será declarado nas circulares que forem expedidas a respeito.

Art. 24º O trato e a alimentação dos animaes deverão ser feitos pelo expositor; e a commissão providenciará para que sejam devidamente alojados.

Art. 25º O Jury de Premios se comporá de duas partes: o Jury de secção e o Jury superior.

O Jury de secção será constituido em cada uma das secções das exposições e compor-se-ha, no minimo, de sete membros, sendo um nomeado pelo governo e os outros pelos expositores ou seus representantes, na razão de um membro do Jury por cada grupo de 10 expositores no maximo.

O Jury superior se constituirá com o presidente e membros da commissão e os presidentes dos jurys de secção; resolverá sobre a distribuição dos premios e diplomas conferidos pelo Jury de secção e sobre as reclamações dos interessados.

Art. 26º Da commissão nomeada pelo Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, na conformidade do art. 4º, serão designados sete membros para a propaganda nos Estados a favor da Exposição, a qual será feita de accordo com os respectivos Presidentes e Governadores.

Art. 27º Para plena execução do disposto nestas bases, serão expedidas as instrucções complementares que se fizerem necessarias

Rio de Janeiro, 4 de julho de 1907.— *Miguel Calmon do Pin e Almeida.*

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

Grande Loteria Extraordinaria

EM 10 DE AGOSTO

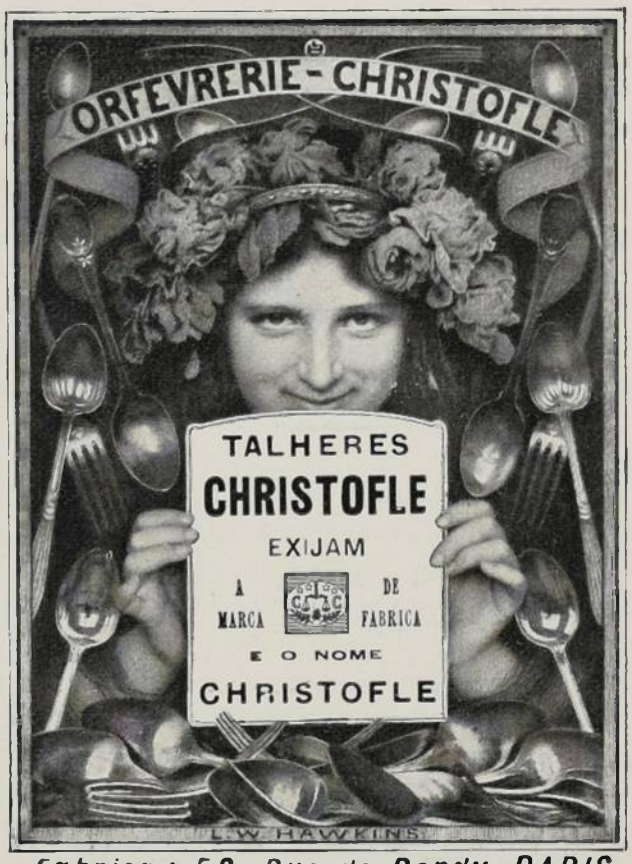
200:000$000 por 15$750

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes, NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10



Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :
Srs. **LEVY IRMAOS & C.ª**, em *Pelotas.*
Sr. **ISIDORO MARX**, em *Porto-Alegre.*
E NOS PRINCIPAES BAZARES.

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias

Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente

Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

Edição de grande luxo.

PEDIDOS:

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS

Apolices Sorteaveis em Dinheiro, em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de apolices teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de seguros, apolices no valor de Rs.748:000$000, pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA { *Emilio do Amaral Ribeiro*
Affonso Burlamaqui
Jacintho de Magalhães

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV AGOSTO 1907 N. 8

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

Agosto e Setembro são dois mezes de martyrio para a gente elegante e rica (ou que se suppõe elegante e se finge rica) do Rio de Janeiro.

As corridas, as regatas, o corso, os almoços, os jantares, as recepções, o theatro, os bailes,—juntem tudo isso, e vejam que torvelinho, que redemoinho, que maelstromm! é o delirio do divertimento, é a exasperação do prazer, é o assanhamento da folia!

Uma destas manhãs, encontrei um amigo, no seu escriptorio, cabeceando sobre a mesa cheia de papeis. Despertei-o com um safanão:

—Dormindo aqui, a esta hora?

Elle, estremunhado, esfregou os olhos, soltou do peito um longo suspiro, e abriu a torneira das lamentações:

—Que vida, meu amigo, que vida! Eu sou o calceta da Elegancia! Em que dia estamos hoje? sabbado, não? Pois ouça a historia da minha vida nesta semana fatal... No domingo tive um almoço na Tijuca, passei a tarde no Pavilhão de Botafogo a ver as regatas, e levei a familia á casa do Fagundes, cuja senhora fazia annos; depois do jantar, as meninas entraram a dansar walsas; deitei-me na madrugada de segunda-feira, ás 4 horas. A's 9, vim para o escriptorio, de onde me veio arrancar ás 11 o Melciades para um almoço de cerimonia, que acabou ás 3 da tarde; ás 3 da tarde arrastaram-me para a Exposição do Photo-Club, e, depois, para um *five-ó-clock* em casa do Mello; quando cheguei á casa, já a familia tinha jantado, e estava vestida para ir ao theatro; enverguei ás pressas a casaca, e voámos para o Coquelin. Na terça-feira, houve um *pic-nic* nas Furnas, um jantar em Botafogo,—e outra vez Coquelin. Na quarta-feira, cahindo de somno e sobrecarregado de trabalho urgente, tive de ir a bordo de um paquete inglez receber um amigo, almocei com elle no *City-Club*, levei-o ao Club dos Diarios onde joguei o poker até ás 4 da tarde; das 5 ás 6 1|2, fui ao Corso na Praia de Botafogo, e abalei para casa, disposto a cahir na cama como uma pedra; mas as meninas queriam ir a um concerto; lá fomos; e, á sahida, esbarramos com as Alcantara, que iam acabar a noite num bailarico em casa das Fonseca: e lá fui eu, cochilando, ao bailarico, para poupar lagrimas ás meninas! Na quinta-feira, ás 10 da manhã, quando vinha para o escriptorio, fui

apanhado na Avenida pelo Bastos, que me forçou a ir a um almoço de caracter... intimo, onde arrasei o estomago com *foie-gras* e *champagne*, e onde enchi os ouvidos de trocadilhos francezes e cançonetas. A's quatro horas, carregaram-me para uma conferencia musical; ás sete, tive de jantar com o barão Procopio no Pavilhão Mourisco, e fui dahi encontrar a familia no Lyrico. Hontem, sexta-feira, tive de servir de padrinho a um casamento, ás 11 horas; depois da ceremonia, *lunch* que acabou quasi á noite; á noite, outra vez Coquelin, e, depois do Coquelin, uma partida de voltarete no *Guanabara*. E, aqui onde você me vê, dormi esta noite apenas tres horas, e tenho de estudar e despachar toda esta papelada! Que vida, meu amigo, que vida!

—Console-se, meu caro! é a vida de toda a gente elegante do Rio nestes dois mezes de inverno. Tambem me queixo do mesmo mal, e não sei como resisto a tanta festa! Trabalhar, nestes dois mezes, é um verdadeiro milagre... Nem sei onde nem como descobrimos tempo para trabalhar!

—Para trabalhar? Quem é que trabalha? Nós todos fingimos que trabalhamos. Toda essa gente que vive comnosco a cahir de somno e de aborrecimento nesta existencia allucinante é uma gente que não sabe o que faz. O advogado, arrazoando uns autos á pressa, entre seis cochillos, engana-se, e descompõe o proprio cliente, em vez de injuriar a parte contraria. O medico, indo auscultar um doente, encosta o ouvido ao peito delle, e desata a dormir sobre esse travesseiro improvisado. O director de banco entra na repartição, senta-se gravemente á sua mesa, mas fica com medo de dormir á vista dos escripturarios, e vae espantar o somno pela Avenida... E' um horror! O Rio de Janeiro é actualmente uma cidade que morre de somno!

—Realmente, é preciso ter uma saúde de ferro para...

—Qual saude de ferro! Saúde é uma cousa que se inventa á vontade... Olhe! as minhas meninas são magrinhas, pallidas, anemicas; quasi não comem, quasi não dormem; e andam da manhã á tarde saracoteando por ahi a fazer compras e visitas, e passam as noites a walsar; não teem saude, e, entretanto, vivem uma vida á qual não seria capaz de resistir o mais robusto dos soldados allemães! Mas por mim, confesso que não posso mais! Ouço uma voz, que me diz: «és homem; pára!», Vou parar, para não morrer! Hoje, começará para mim uma vida nova. Vou acabar este trabalho, irei depois tomar uma canja com agua de Caxambú, passarei a tarde no fôro, jantarei ás seis, e ás oito estarei dormindo.

—Pois é pena!

—É pena? porque?

—Porque eu vinha justamente convidal-o para um almoço. Teremos á mesa o Coquelin, o Arthur Napoleão, o Turot e o Chico Redondo. Depois do almoço, o Coquelin dirá monologos, o Arthur tocará a *Tarantella*, o Turot dirá cousas amaveis e profundas sobre *nos beaux paysages*, e o Chico Redondo cantará a aria de Falstaff... Bello almoço, hein?

—Realmente...

—Mas, emfim, como você está muito atarefado, paciencia! Adeus.

—Espere, venha cá! Onde é esse almoco?

—Na Tijuca.

—Tão longe!

—Tenho ahi á porta o automovel.

—Homem! não resisto á tentação. Hoje, que dia é? Sabbado, não? Pois onde é que se viu um homem começar uma vida nova num sabbado? Vamos lá a esse bello almoço!

—Vamos! você, depois do almoço, terá toda a tarde e toda a noite para descançar.

—Não! não é possivel! hoje á noite, ha a despedida do Coquelin com *Nos bons villageois*, e a familia não ha de querer perder tão bello espectaculo.

—Pois bem! comece a sua vida nova amanhã.

—Amanhã, não, que é domingo. Quero assistir ao *match* de *foot-ball* no *ground* do Fluminense. E como faz annos o Senador Pitanga, irei jantar com elle.

—E segunda-feira?

—Segunda-feira?... Espere! creio que para a segunda-feira não tenho compromisso... Ah! esta minha pobre cabeça! na segunda-feira ha o baile do Club das Laranjeiras!

—E' isso! e na terça-feira haverá o concerto do tenor Petrushevecz, e na quarta haverá a estreia da Companhia Lyrica, e na quinta haverá... o diabo, e... *si cette histoire vous embête, nous pouvons la récommencer!* Meu pobre amigo, deixe-se dessa tolice de querer começar uma vida nova! A vida é uma só, e é tão aborrecida que nunca vale a pena recomeçal-a. Venha dahi! vamos chegar tarde á Tijuca.

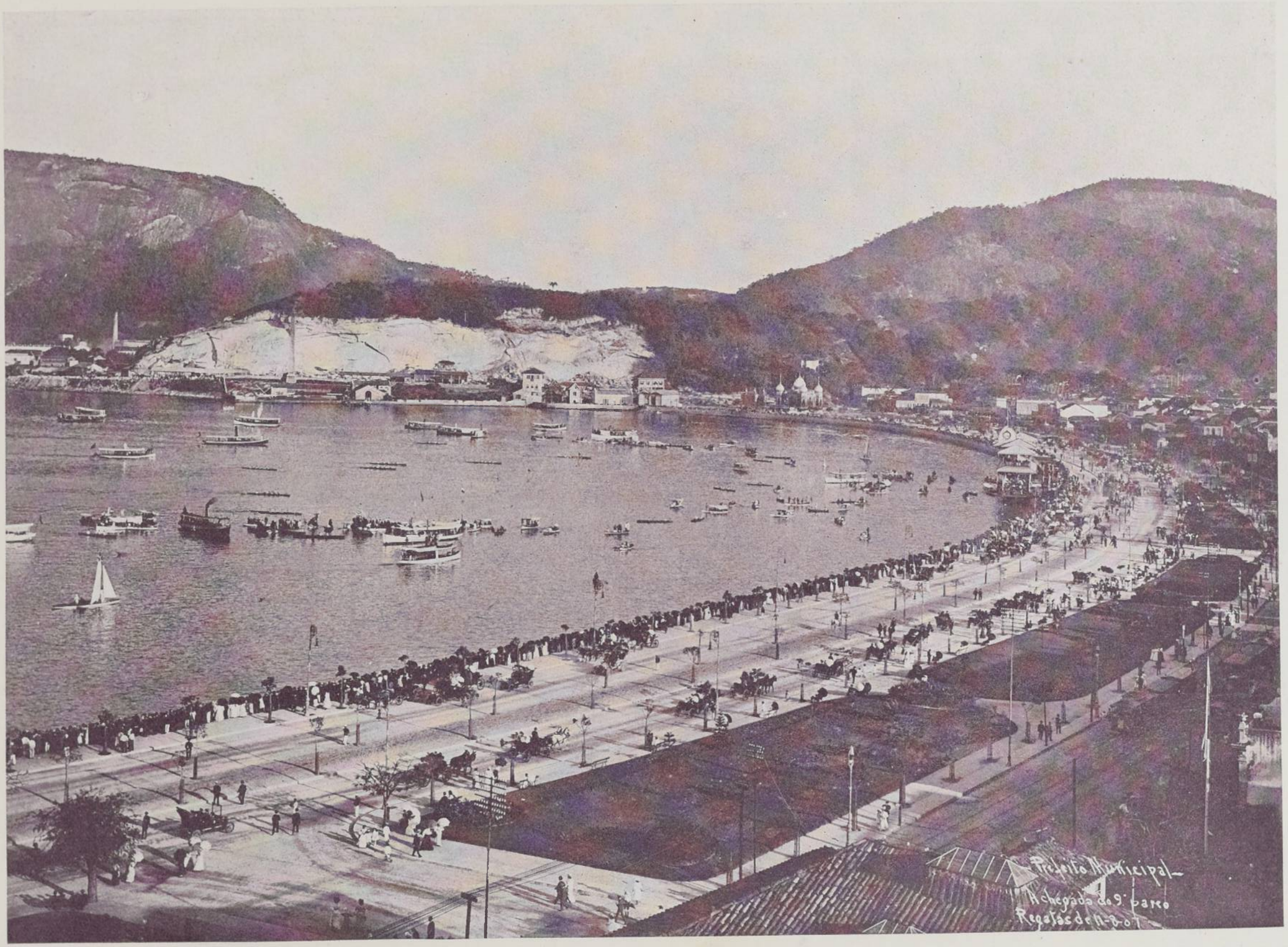
—Que tal o *menu* do almoço?

—Optimo! ha macuco...

—Bravo! vamos a isso, amigo! mostremos que somos fortes, e que não tememos a desgraça! Quando a dyspepsia e a neurasthenia nos matarem, morreremos no nosso posto. *La garde meurt...*

—... *mais ne dort pas!*

O. B.

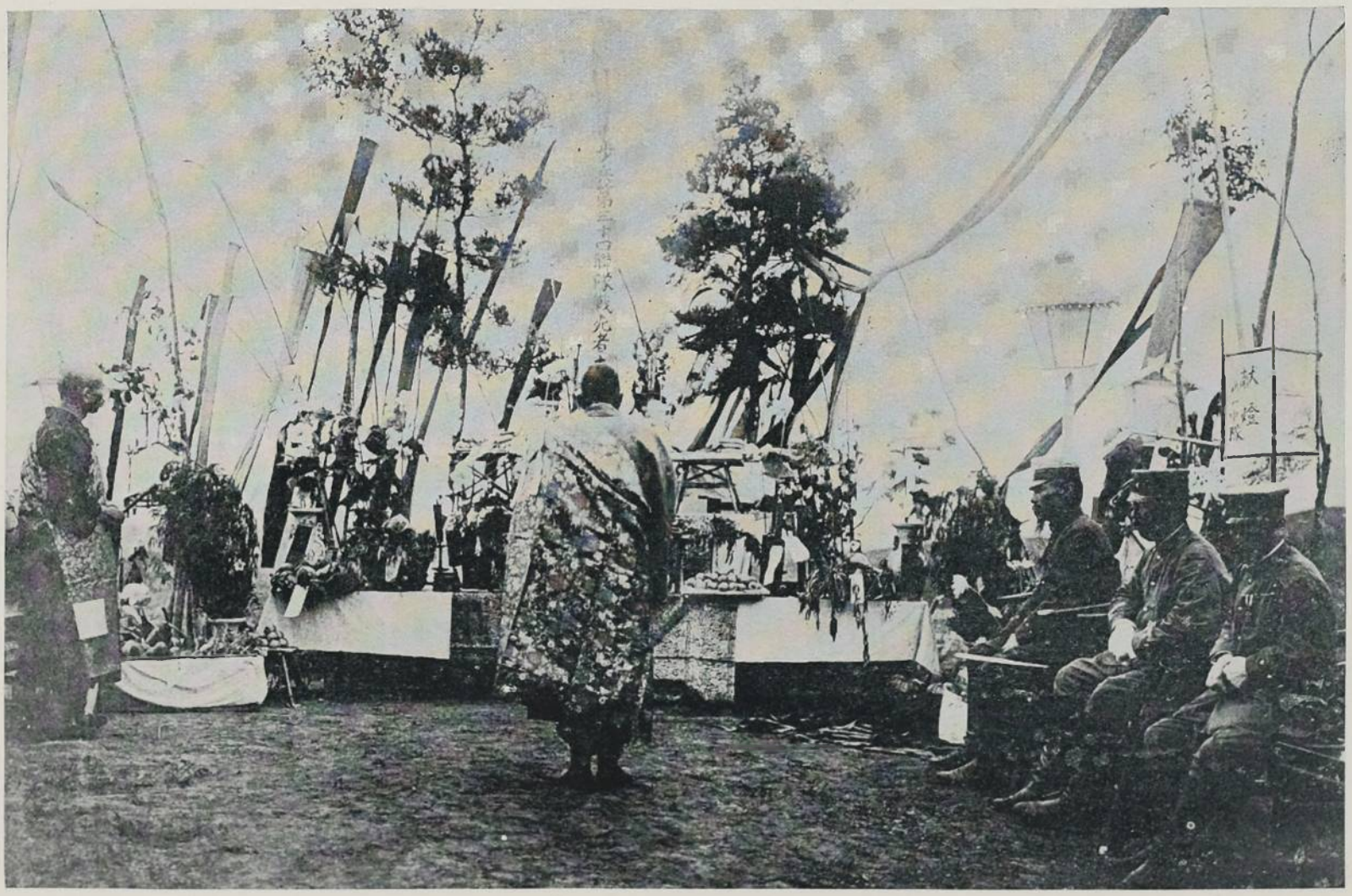


AS ULTIMAS REGATAS – ASPECTO DA AVENIDA BEIRAMAR – BOTAFOGO

Phot. Malta

A GUERRA RUSSO-JAPONEZA

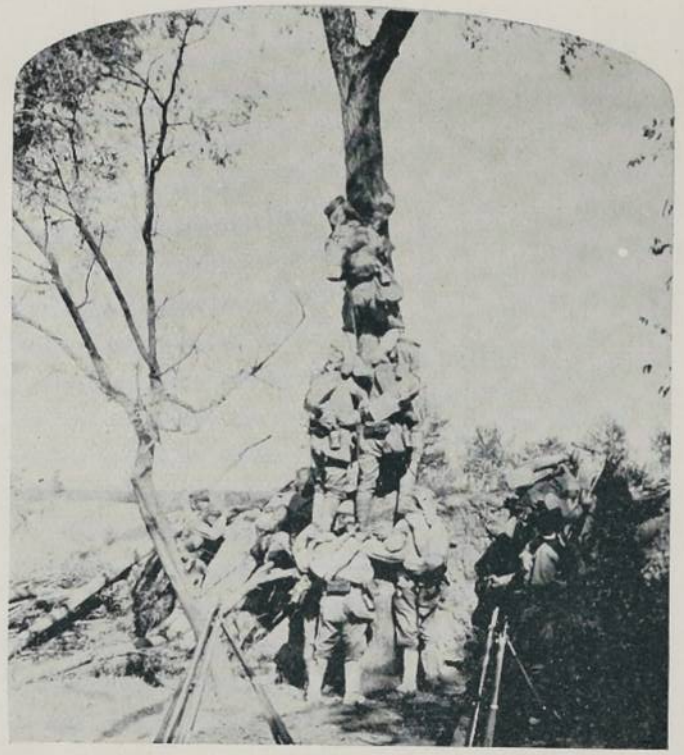
OBRAS DE DEFESA



OFFICIO FUNEBRE

LINHA DE ATIRADORES

ARTILHARIA JAPONEZA

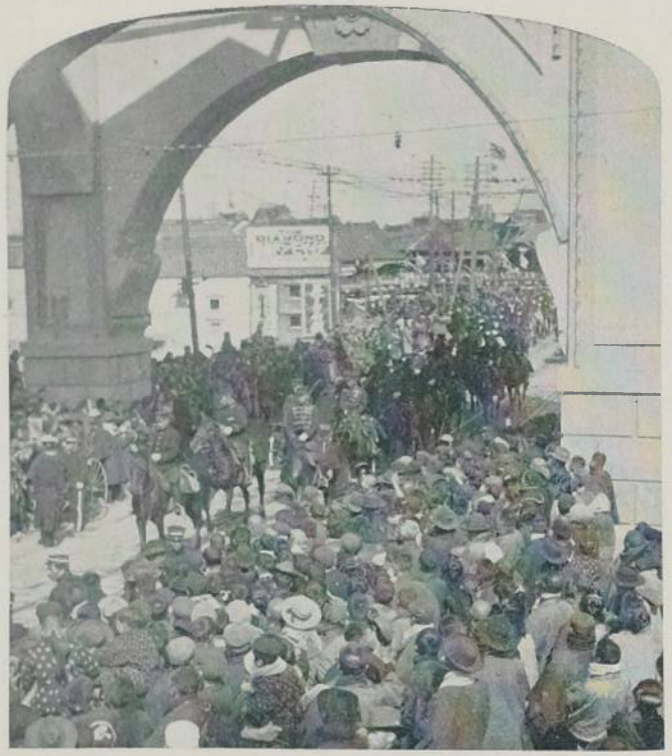


EXPLORAÇÃO

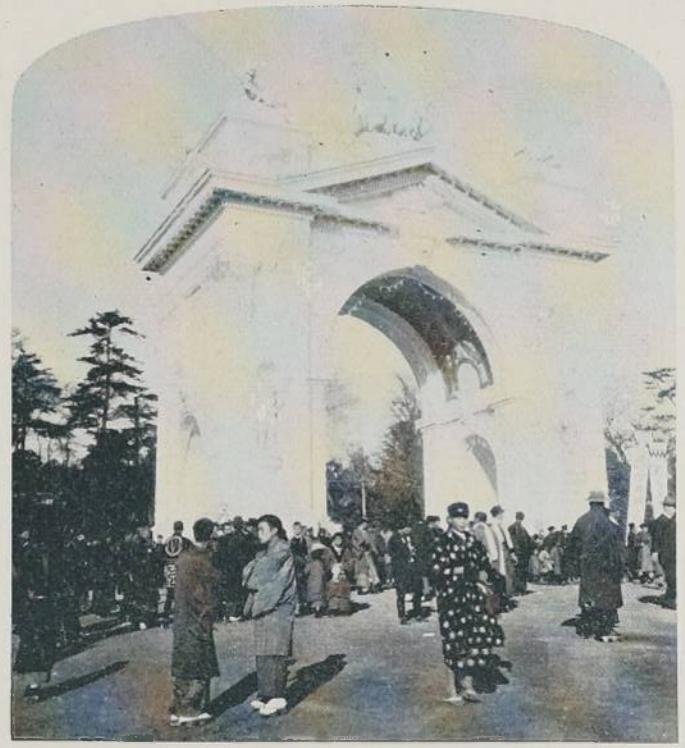
DESCANSO

UMA SENTINELLA

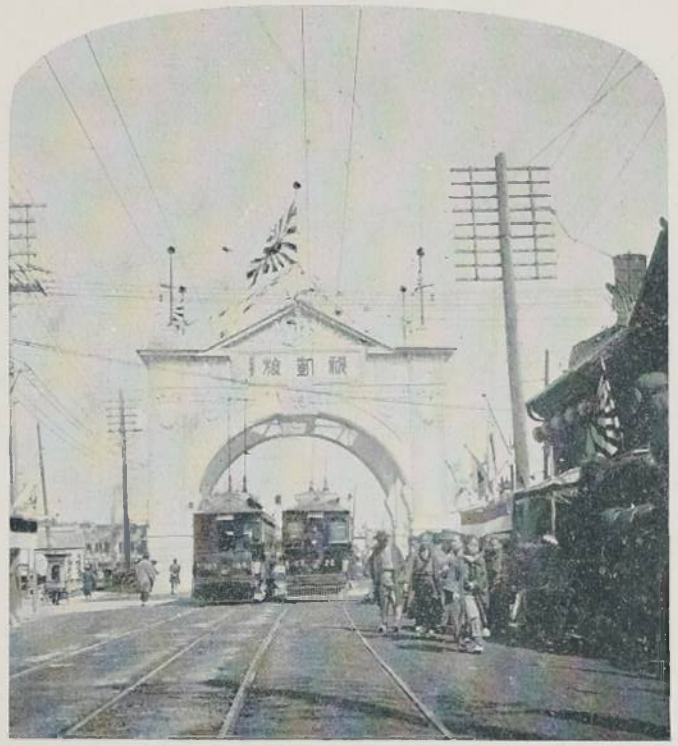
PASSANDO UMA BRECHA



REGRESSO DA GUERRA



ARCO COMMEMORATIVO



O MESMO VISTO A' DISTANCIA

LIMPEZA DO ARMAMENTO

TRABALHOS DE ENGENHARIA

DESFILADA DE TROPAS

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 6 D'ESTE ANNO)

CAPITULO VI

Historia evolutiva dos Prodophthalmos

DISCORRAMOS primeiro sobre os factos consumados.

Entre os Crustaceos de olhos pedunculados (*Podophthalma*), só raras especies conhecemos cujos embryões tenham a forma de seus paes, com o numero total de appendices articulados ao corpo. Tal é o caso, segundo Rathke, (1) do carangueijo d'agua doce da Europa, e segundo Westwood do carangueijo terrestre das Indias Occidentaes (*Gecarcinus*). Ambas as excepções, por isso, pertencem ao pequeno numero de crustaceos de olhos pedunculados que vivem n'agua doce ou sobre a terra firme, como, na verdade, em muitos outros casos, animaes fluviateis e terrestres não soffrem transformações, ao passo que os seus alliados marinhos têm uma metamorphose á realisar. Quero referir-me ás minhócas e sangue-sugas, entre os Annelidos, que primeiramente pertencem á terra firme e á agua doce,—ás *Planarias* d'agua doce e ás *Tetrastema* do salobro Baltico entre as *Turbellariæ*—aos Gastropodes Pulmonados, e aos Gastropodes Branchiados d'agua doce, cujos jovens (segundo o «Manual de Zoologia» de Troschel) não têm lobos oraes ciliados, comquanto taes orgãos sejão possuidos pelos muito semelhantes petunclos (*Littorina*.

Todas as formas marinhas d'esta secção parecem sujeitas á uma metamorphose mais ou menos consideravel. Esta, parece sómente insignificante, na lagosta commum, cujos jovens, segundo Van Beneden, são distinctos do animal adulto, por terem as patas guarnecidas, como as de *Mysis*, de uma expansão nadadora livremente dirigida para fóra. Por uma figura dada por Couch, os appendices do abdomen e da cauda tambem parecem ausentes.

Muitissimo mais profunda, è a differença entre o producto immediato e o animal sexualmente maduro, da quasi totalidade dos *Podopthalma*, cujo embryão tem a forma de *Zoea*. Esta forma joven occorre, tanto quanto o ensinam as nossas observações presentes, em todos os carangueijos, com a unica excepção da unica especie investigada por Weswtood.

Eu digo *especie* e não *genero*, porque no mesmo genero, *Gecarcinus*, Vaughan Thompson encontrou embryões Zoea, (1) que são tambem encontrados em outros carangueijos terrestres. (*Ocypoda Gelasimus*). etc. Todos os *Anomura* parecem tambem começar a vida como *Zoeas*: testemunhas, as *Porcellanæ*, o Tatuira (*Hippa emerita*) e o Carangueijo-Eremita. Entre os *Macrura* estamos familiarisados com a mesma forma primordial, em muitos camarões e lagostins, taes como *Crangon* (Du Cane), *Caridina* (*Joly*), *Hippolite*, *Palaemon*, *Alpheus*, etc. Finalmente, não é improvavel que o mais novo producto do Camarão-Louva-Deus (*Squilla*) esteja tambem no mesmo caso.

As peculiaridades mais importantes que distinguem a Zoea do animal adulto, são as seguintes:

O meio do corpo com os seus appendices, os cinco pares de patas á que estes animaes devem o nome de Decapodes, é ou inteiramente ausente ou apenas indicado; o abdomen e a cauda são destituidos de appendices e, a ultima consiste em uma peça unica. As mandibulas, como nos insectos, não têm palpos. Os maxillipedes, cujo 3· par ainda falta frequentemente, não são ainda empregados no serviço da bocca, mas apparecem em forma de patas natatorias bi-ramosas. As branchias faltam, ou quando os seus primeiros rudimentos possam ser distinguidos como proeminencias tuberculares, estas são densas massas cellurares, pelas quaes o sangue ainda não corre e que, por isso, nada tem que ver com a respiração. Um intercambio dos gazes da agua e do sangue, pode ter lugar atravez da delgada pelle de toda a superficie do corpo; mas as partes lateraes da carapaça, devem indubitavelmente ser indicadas como a séde principal da respiração. Ellas consistem, exactamente como foi dito por Leijdig, sobre as *Daphniæ* de uma lamina exterior e outra interior, cujo espaço intermediario é atravessado por numerosos septos dilatados nas extremidades; os espaços entre esses septos, recebem um fluxo de sangue mais abundante, do que qualquer outra parte do corpo da Zoea. A' isto deve-se addir que

---

(1) As autoridades só são citadas para os factos que eu não tive opportunidade de confirmar.

(1) Bell (Brit. Stalk-Eyed Crust. p. XLV.) considera-se justificado em "eliminar" as observações de Thompson de uma vez, porque este sómente podia ter examinado femeas ovigeras conservadas no alcool. Mas, quem quer que tenha prestado tanta attenção, como Thompson, ao désenvolvimento d'estes animaes, deve ter ficado bem apto á decidir com certeza sobre ovos, tanto si não estivessem demasiadamente afastados da maturidade ou mal preservados, como si uma Zoea devesse d'elles ser produzida. Além d'isso, o modo de vida dos caranguejos terrestres está á favor de Thompson. "Uma vez por anno", diz o Manual de Zoologia de Troschel "elles imigram em grandes bandos para o mar, afim de pôr os ovos e depois voltam extenuados ás suas moradas, as quaes poucos conseguem attingir". Para que fim se dariam estas imigrações destruidoras, em especies cujos filhotes deixam o ovo e, sua progenitora como animaes terrestes?

uma corrente constante d'agua doce, passa por baixo da carapaça n'uma direcção de traz para diante, mantida, como no animal adulto, por um appendice foliaceo ou linguiforme do segundo par de maxillas (fig. 18). A addicção de finas particulas coloridas na agua, permitte devisar essa corrente mesmo em pequenas Zoeas.

FIG. 17—Zoëa do Carangueijo dos Pantanos *(Cyclograpsus?)* augm. 45 diametros.
FIG. 18—Maxilla do 2o par da mesma especie, augm. 180 diametros.

As Zoeas dos carangueijos (fig. 17) deixam-se distinguir geralmente por longos processos espiniformes da carapaça. Um d'estes se projecta para cima do meio do dorso, um segundo para baixo, da parte anterior da cabeça e, frequentemente ha um mais curto em cada lado, junto dos angulos postero-inferiores da carapaça. Todos esses processos estão, comtudo, ausentes em *Mysis*, segundo Couch e em *Eurynome*, segundo Kinahan; e em uma terceira especie do mesmo grupo dos *Oxyrhynchi* (pertencente ou quasi alliado ao genero *Achaeus*) eu tambem achei sómente um desprezivel aculeo dorsal, emquanto que a parte anterior da cabeça e os lados estavam desarmados.

E' este um outro exemplo nos avisando de ter cuidado nas deducções da analogia. Nada pareceria mais plausivel do que reportar á formação rostriforme da parte anterior da cabeça nos Oxyrhynchi ao processo frontal das Zoeas e, então, succede que os jovens dos Oxyrhynchi são, com effeito, totalmente destituidos de qualquer processo dessa natureza. As seguintes são peculiaridades mais importantes das *Zoeas* dos carangueijos, ainda que menos frizantes do que esses processos da carapaça que, em combinação com os grandes olhos, frequentemente lhes dão uma apparencia tão singular;—as antennas anteriores (interiores) são simples, não articuladas e providas na extremidade de dous ou tres filamentos olfactivos; as antennas posteriores (exteriores) correm frequentemente dentro de um processo espiniforme, notavelmente longo (processo estyliforme„ Spence Bate), e teem, no lado externo, um appendice que é, ás vezes, muito pequeno ("processo esquamiforme„ de Spence

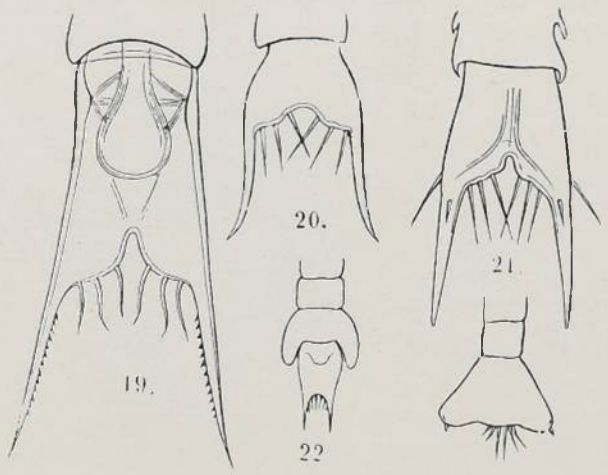


FIG. 9—Cauda da Zoëa de *Pinnotheres.*
FIG. 20— " " " " *Sesarma.*
FIG. 22— " " " " *Xantho.*
FIG. 22 e 23— " " " " especies desconhecidas:

Bate), correspondente á escama antennal dos Lagostins, (1) e os primeiros rudimentos do futuro flagellum é frequentemente já reconhecivel. De patas nadadoras (depois maxillipedes, (sómente dous pares se acham presentes, o terceiro (e não o primeiro, como Spence Bate pensa) inteiramemte ausente, ou, como os cinco pares de patas seguintes, apparecem apenas como pequenos botões. A cauda, de forma muito variavel, traz sempre tres pares de cerdas na sua margem posterior. As Zoeas dos carangueijos, commummente se mantém n'agua, de tal modo que o aculeo dorsal fica virado para cima, o abdomen curvo para diante, o ramo interno das patas nadadoras dirigida para fóra e o externo para fóra e para cima.

Além d'isso, deve-se notar que as Zoeas dos carangueijos, assim como as das *Porcellanae*, do Tatuira e dos camarões e lagostins, são envolvidas, ao sahir do ovo, por uma membrana velando os processos da carapaça, as cerdas dos pés e as antennas e que ellas rompem esta membrana em poucas horas. Em *Achaeus*, eu observei que a cauda d'esta pelle larval primitiva, se assemelha á das larvas dos camarões e lagostins; e o mesmo parece succeder em *Maia* (veja-se Bell "Brit. Stalk-Eyed Crut„. pg. 44).

Tanto quanto pareçam differir á primeira vista, as Zoeas das *Porcellanae* (fig. 24) aproximam-se das dos verdadeiros carangueijos, muito estreitamente. As antennas, os orgãos da bocca e as patas nadadoras, exhibem a mesma estructura. Porém a cauda tem cinco pares de cerdas e o aculeo dorsal está ausente, emquanto que, ao contrario, o processo

(1) N'uma memoria sobre a metamorphose das *Porcellanae* eu descrevi erroneamente este appendice como "flagellum".

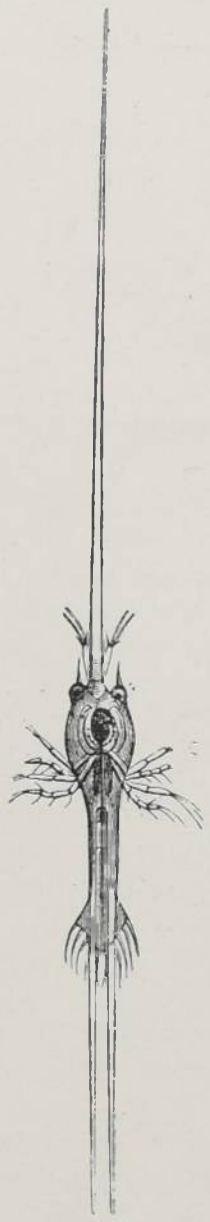


FIG. 24 – Zoëa de *Porcellana seticola*, F. M. augm. 15 diametros.

frontal e os espinhos lateraes são de extraordinario comprimento e dirigidos em linha recta, para diante e para traz.

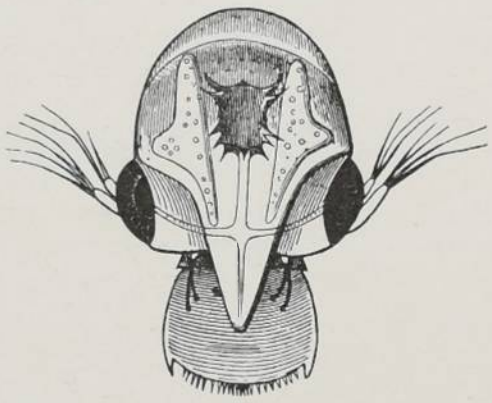


FIG. 25 – Zoea do Tatuira *(Hippa emerita)* augm. 45 diametros

A Zoea do Tatuira (fig. 25), tambem parece differir pouco das dos verdadeiros caranguei-jos, ás quaes ella egualmente se assemelha pelo modo de locomoção. A carapaça só possue um curto e largo processo frontal; a margem posterior da cauda é provida de numerosas cerdas curtas.

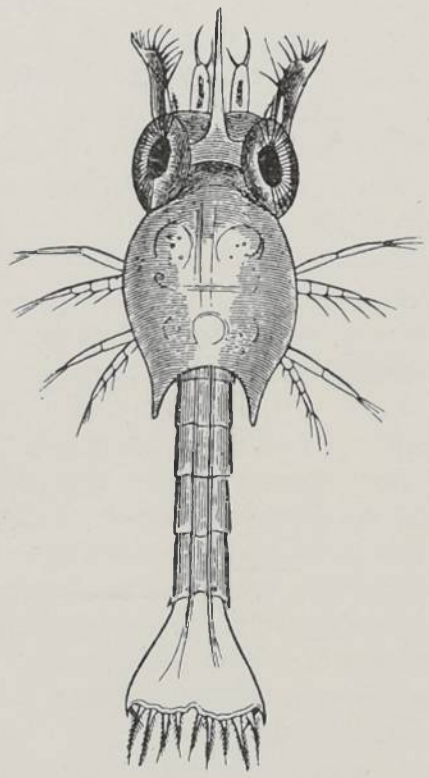


FIG. 26 – Zoea de um pequeno Caranguejo Eermita: augm. 45 diametros.

A Zoea do Carangueijo-Eremita (fig. 26) possue as antennas, simples, internas da Zoea dos verdadeiros carangueijos; as antennas externas teem no lado exterior, sobre um curto pedunculo, uma lamella de tamanho consideravel, analoga á escama das antennas dos lagostins; no lado de dentro, um curto processo espiniforme; e entre os dous o flagello, ainda curto porém já provido de duas cerdas apicaes. Como nos carangueijos, ha sómente dous pares de patas natatorias bem desenvolvidas (maxillipedes), mas o terceiro par está tambem presente sob a forma de um côto bi-articulado, de tamanho consideravel, ainda que destituido de cerdas. A cauda supporta cinco pares de cerdas. O pequenino animal na regra, conserva-se extendido em linha recta, n'agua, com a cabeça dirigida para baixo.

E' esta, tambem, a posição em que vemos, commummente, as Zoeas dos camarões e lagostins (fig. 27) que se parecem, no aspecto geral, com a dos Carangueijos-Eremitas. Entre os grande olhos compostos, ha nellas um pequeno olho mediano. As antennas internas teem, no extremo de uma articulação basilar, ás vezes de consideravel comprimento, sobre o lado interno, uma cerda plumosa, que tambem occorre nos Carangueijos-Eremitas e, no lado externo, um curto articulo terminal, com um ou mais filamentos olfactivos. As antennas externas exhibem uma escama bem desenvolvida e distinctamente articulada; e dentro d'esta, geralmente, um processo espiniforme; o flagellum parece geralmente estar ainda ausente. O terceiro par de maxillipedes parece estar sempre presente, ao menos sob a forma de rudimentos consideraveis. A lamina caudal espatulada, tem cinco a seis pares de cerdas na margem posterior.

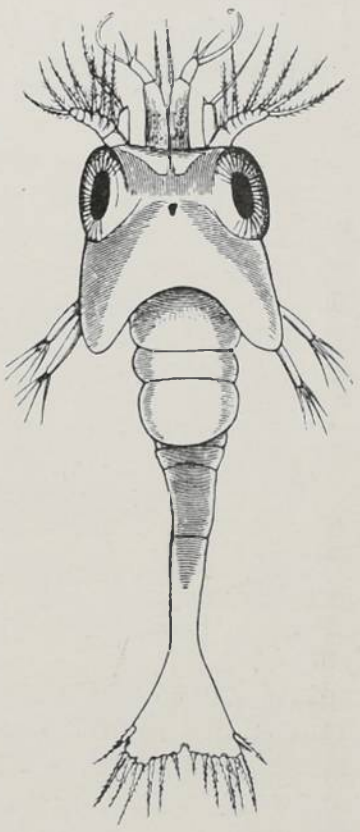


FIG. 27 – *Palaemon* residente sobre *Phisostoma cruciatum*, Les angm. 45 diametros.

O desenvolvimento da Zoea para o animal sexualmente adulto, foi traçado por Spence Bate em *Carcinus maenas*.

Elle provou que a metamorphose é perfeitamente gradual e que nenhum estado frisantemente distincto de desenvolvimento, tal como a lagarta ou a chrysadalida dos Lepidopteros, poderia ser n'ella definido. Infelizmente só possuimos esta unica serie completa de observações, e os seus resultados não pódem ser encarados de uma feita, como universalmente applicaveis; assim, os jovens Carangueijos-Eremitas, retêm o aspecto geral e o modo de locomoção das Zoeas, emquanto crescem os rudimentos das patas thoracicas e abdominaes; e então, quando estes começam á funccionar, apparecem de repente, n'uma forma perfeitamente nova, que differe da do animal adulto, principalmente pela completa symetria do corpo e pela presença de quatro pares de

patas natatorias bem desenvolvidas sobre o abdomen. (1)

O desenvolvimento dos *Palinuridae* parece ser muito peculiar.

Claus achou nos ovos da Lagosta (*Palinurus*) embryões com um corpo completamente segmentado, porém, carecendo dos appendices caudaes, do abdomen e de dous ultimos segmentos do corpo mediano; elles possuem um unico olho mediano, consideravelmente composto; as antennas anteriores são simples, as posteriores fornidas de pequenos ramos secundarios; as mandibulas não teem palpos; os maxillipedes do terceiro par, como os dous pares de patas seguintes, são divididos em dous ramos de comprimento sub-egual; emquanto isto o ultimo dos pares de patas existentes e o segundo par de maxillipedes, trazem sómente um ramo secundario insignificante. Costa, como é bem sabido, assevera ter creado jovens *Phyllosomata* dos ovos d'esta lagosta — asserção que requer provas ulteriores, especialmente porque as investigações de Claus, mais recentes, sobre *Phyllosoma*, de forma alguma lhe parecem favoraveis.

Os grandes olhos compostos, que commummente se tornam logo moveis e, ás vezes estão collocados sobre longos pedunculos, mesmo no periodo o mais primitivo, assim como a carapaça, que cobre toda a parte anterior do corpo, indicam de uma vez que a posição das larvas até aqui consideradas, não obstante todas as suas differenças, pertencem aos *Podophthalma*. Mas, nem um unico dos caracteristicos desta secção é retido pelo producto de alguns lagostins, pertencentes ao genero *Peneus* ou á sua visinhança. Estes deixam o ovo com o corpo indiviso, ovoide; um olho frontal mediano e tres pares de patas nadadoras, dos quaes os anteriores são simples e os outros dous bi-ramosos — de facto, na forma larvar, tão commum entre os crustaceos inferiores, á que O. F. Müller deu o nome de *Nauplius*. Nenhum vestigio de carapaça! Nem de olhos pares! Tampouco de orgãos mastigatorios proximos da bocca, que é sobrepujada por uma coifa em forma de elmo!

No caso de uma d'estas especies, foram descobertas as formas intermediarias que conduzem do Nauplius ao lagostim, em uma série quasi continua.

O Nauplius primitivo (fig. 28), é seguido immediatamente por formas em que uma prega da pelle corre atravez do dorso, por detraz do terceiro par de patas; e quatro pares de rijos processos (rudimentos de novos membros), emergem da superficie ventral. Dentro do terceiro par de patas, se desenvolvem poderosas maxillas.

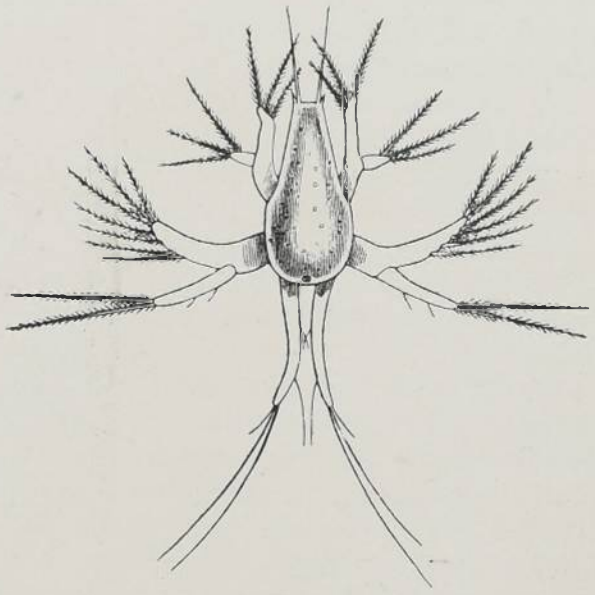


FIG. 28 — Nauplius de um Camarão, augm. 45 diametros.

Em muda subsequente, os novos membros (maxilillas e maxillipedes anteriores e intermediarios) entram em funcção e, d'este modo o Nauplius se transforma em Zoea (fig. 29), perfeitamente semelhante á Zoea dos caranguejos, no numero de appendices do corpo, comquanto muito differente na forma e no modo de locomoção; e mesmo em muitas particularidades da estructura interna. Os principaes orgãos de movimento são ainda os dous pares de patas anteriores, que, são delgados e guarnecidos de longas cerdas; o terceiro par de patas, perde seus ramos e se converte em mandibulas destituidas de palpos.

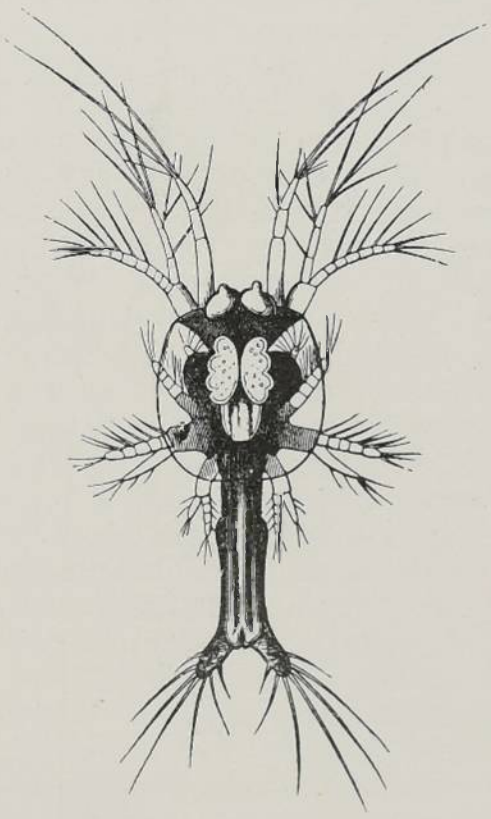


FIG. 29 — Joven Zoëa do mesmo Camarão, augm. 45 diametros.

O labrum adquire um espinho dirigido para diante e de consideravel tamanho que, occorre em todas as Zoeas das especies alliadas. Os maxillipedes bi-ramosos parecem entrar pouco na locomoção. A cauda furcada nos lembra mais depressa as formas que occorrem

(1) *Glaucothoe peronii*, M. Edw., deve ser um *Pagurus* joven d'esta natureza, ainda symetrico.

nos crustaceos, especialmente nos Copepodes do que a placa caudal espatulada que caracterisa as Zoeas de *Alpheus*, *Palaemon*, *Hippolite* e outros lagostins dos Carangueijos-Eremitas, o Tatuira e as *Porcellanæ*. O coração só possue um par de fendas e não tem musculo algum atravessando o seu interior como trabeculas, emquanto que em outras Zoeas, reconhece-se sempre, distinctamente, dous pares de fendas e um apparelho trabecular, interno.

Durante este estado de Zoea, são formados os olhos pares, os segmentos do corpo mediano e abdomen, os maxillipedes posteriores, os appendices caudaes lateraes e os rudimentos tuberculiformes das patas do corpo mediano, (fig. 30). Os appendices caudaes emergem quaes outros membros, livremente, sobre a superficie ventral, emquanto em outros lagostins, *Porcellanæ*, etc., elles são produzidos no interior da placa caudal espatuliforme.

Quando as patas do corpo mediano entram em acção, simultaneamente á outras mudanças profundas, a Zoea passa á forma de *Mysis* ou de Schizopode (fig. 31).

As antennas cessam de servir á locomoção, sendo o seu logar occupado pelas patas thoracicas, providas de longas cerdas e do longo abdomen que, justamente antes fôra laboriosamente arrastado, como unitil carga, porém agora, com os seus musculos poderosos, lança o animal atravez da agua, em uma serie de saltos rapidos.

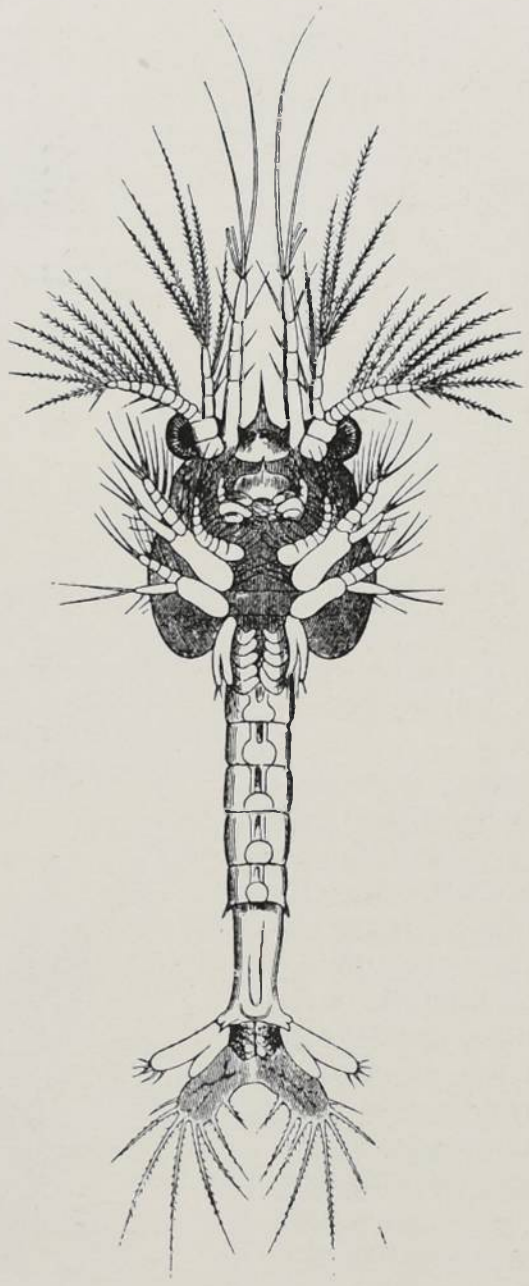


FIG. 30 – Zoea mais velha do mesmo Camarão, augm. 45 diametro

As antennas anteriores, perderam as suas longas cerdas, e, ao lado do ultimo «quarto» articulo, dotado de filamentos olfactivos, apparece um segundo ramo que é no principio, mono-articulado. O ramo externo, previamente multi-articulado, das antennas posteriores, tornou-se uma simples laminula, a escama antennal do lagostim; ao lado desta apparece o rudimento tuberculiforme do flagellum, provavelmente como uma nova formação, desapparecendo inteiramente o ramo interno. Os cincos novos pares de patas, são bi-ramosos, com o ramo interno curto e simples, o externo mais longo, annellado no extremo, provido de longas cerdas e mantido, como em *Mysis*, em constante movimento gyratorio.

Durante o estado de *Mysis* são formados os orgãos auditivos no articulo basilar das antennas anteriores; se desenvolvem em chelas e os dous ultimos pares em patas ambulatorias: os palpos nascem das mandibulas as branchias do thorax e as patas nadadoras do abdomen. O espinho sobre o labrum se reduz em tamanho. D'este modo, o animal gradual mente se aproxima da forma do lagostim, em que o olho mediano se torna indistincto, o espinho do labrum e os ramos externos das patas cheliferas e ambulatorias foram perdidas, os palpos mandibulares e as patas abdominaes adquiriram articulo-distinctos e cerdas e as branchias entraram em jogo.

Em outro lagostim, os diversos estados larvaes, dos quaes pode ser reconhecida, como pertencente á mesma série pela presença de uma nodoa amarella escura, frisantemente definida, em torno do olho mediano, a Zoea primitiva (fig. 32), provavelmente oriunda do Nauplius, se parece, em todos as particularidades essenciaes com as especies que acabamos de descrever; o seu desenvolvimento ulterior é, comtudo, muito diverso, especialmente em que tanto as patas do corpo mediano como a do posterior não são formadas simultaneamente, e não ha um estado de dezenvolvimento comparavel á *Mysis*, no numero e estructura dos membros. Os vestigios

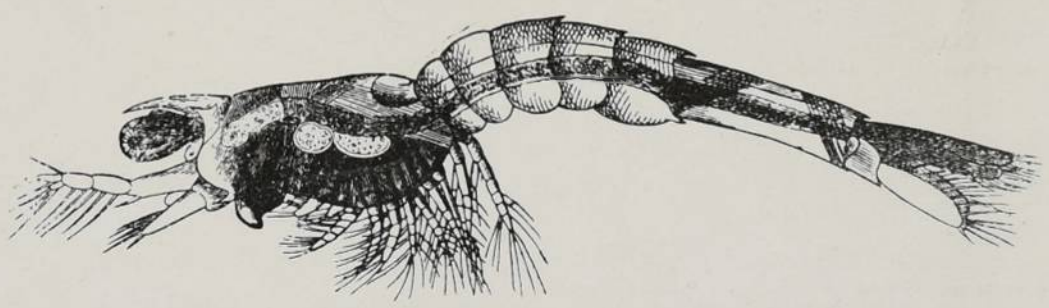


FIG: 31 – *Mysis* do mesmo Camarão, augm. 45 diametros.

dos maxillipedes externos apparecem cedo. Depois apparecem as patas sobre quatro segmentos do corpo mediano; e estas são bi-ramosas nos tres segmentos anteriores e simples, por deficiencia do ramo interno, no quarto segmento.

As chelas se desenvolvem nos ramos internos; os ramos externos se perdem antes que o ramo interno tenha feito a sua aparição sobre o quarto segmento.(fig. 32)

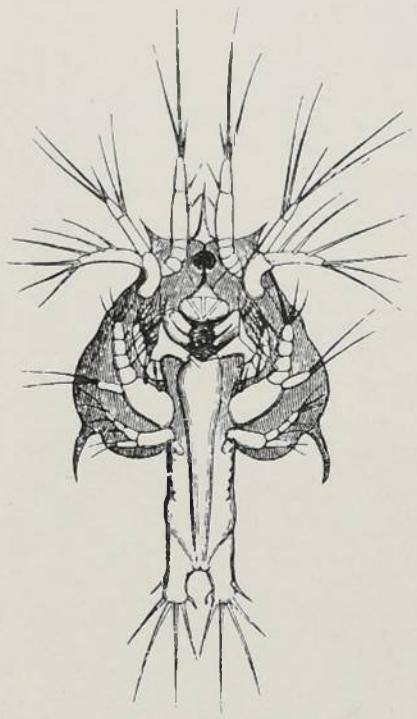


FIG. 32—A mais joven Zoëa de um outro Camarão. Tem visiveis os pequeninos botões do 3o par de maxillipedes. Está começada a formação dos segmentos abdominaes. Olhos pares ainda presentes. Augm. 45 diametros.

Este ultimo ainda se torna destituido de appendices, de modo que, n'este caso e n'um periodo primitivo, 4 e em outro ulterior 3 segmentos do corpo mediano, supportam membros. O quinto segmento está ainda completamente ausente emquanto que todos os segmentos abdominaes tambem adquiriram membros e estes, um após outro, de diante para traz. O animal adulto, como transparece pelos tres pares de chelas, será certamente muito proximo alliado das especies precedentes (1). A larva mais joven ao genero Schizopode *Euphasia*, observada por Claus, fica muito perto da mais nova Zoea dos nossos camarões; mas, emquanto as suas antennas anteriores já são bi-ramosas, e, por isso, parecem mais adiantadas, faltam ainda os maxillipedes medianos. N'ella Claus achou tambem o coração provido de um unico par de fendas. Não procederá á Zoea, tambem neste caso, o estado Nauplius?

A historia evolutiva de *Mysis*, cuja estreita relação com os camarões foi ha pouco tempo geralmente reconhecida, foi descripta em seus detalhes por Van Beneden. Pelo que eu tenho verificado só posso confirmar as suas asserções.

O desenvolvimento do embryão começa com a formação da cauda! Esta apparece como um lobo simples, cuja superficie dorsal está virada e estreitamente applicada á do embryão. (Os filhotes de outros crustaceos podophthalmos são, como é bem sabido, curvados, no ovo, de tal modo que a superficie ventral das ametades anterior e posterior do corpo, fica virada sobre si,—n'estes, por isto, a superficie dorsal e em Mysis a ventral, apparecem convexas). A cauda adquire logo a forma furcada com a qual travámos conhecimentos com as Zoeas dos camarões por ultimo descriptas. Então apparecem dous pares de apendices espessamente ensiformes, no extremo opposto do corpo; e atraz d'elles, um par de tuberculos que podem ser facilmente omittidos. Estes são as antennas e mandibulas. A membrana do ovo então rompe-se antes que qualquer orgão interno ou mesmo tecido, exepto as cellulas do revestimento cutaneo, esteja formado. O joven animal póde ser chamado um Napuplius; pois essencialmente nada existe ahi além de uma rude copia de um revestimento de Nauplius, quasi, semelhante á uma nova membrana de ovo, dentro da qual se desenvolve a *Mysis*. Os dez pares de appendices do corpo anterior (maxillas, maxillipedes) e mediano, apparecem simultaneamente, como os cinco pares de patas abdominaes em periodo ulterior. Logo depois a joven Mysis expelle o envolucro Nauplius e abandona o sacco ovigero materno (1).

Por algum tempo, devido á importancia indebita attribuida á falta de uma cavidade branchial particular, *Mysis*, *Leucifer* e Phyllosoma foram referidos aos Stomatopodes, agora limitados, como originariamente por Latreille, ao Camarão-Louva-Deus (*Squilla*) ao Camarão-Vidro (Erichthus) e mais proximos parentes. Da historia evolutiva d'estes, até agora apenas conhecemos fragmentos isolados. Torna-se difficil traçar o desenvolvimento desde o ovo, pela circumstancia de que taes camarões não trazem os ovos postos sobre o corpo, como os Decapodes, porém depositam-n'os sob a forma de delgadas placas redondas e amarellas, nas passagens subterraneas que lhes servem de habitação. A ninhada, é, por conseguinte extraordinariamente dificil de ser procurada e, infelizmente ella se corrompe em um dia, quando removidas do seu logar natural de postura, emquanto que, ao contrario, o progresso de desenvolvimento póde ser seguido por semanas

(1) As mais desenvolvidas larvas observadas (fig. 33) são caracterisadas pelo comprimento extraordinario dos flagellos das antennas externas e, neste particular se assemelham ás larvas de *Sergestes* encontradas por Claus perto de Messina (Zeitschr. fur Wissenschaft Zool. Bd. XIII est 27—fig. 14) Este comprimento desusado das antennas conduz á supposição de que ella pertence ao nosso camarão mais commum, que é frequentemente servido nas nossas mesas e muito estreitamente alliado á *Peneus setiferus*, de Florida. O *Acanthosoma* de Claus (l. c. fig. 13) é semelhante á mais nova forma de *Mysis* da larva que eu figurei nos "Archif. f. Naturg" 1836, est 2ª fig. 18 e que eu estou inclinado á referir á *Sicyonia carinata*. (Segundo Carlos Moreira a autoridade brasileira no assumpto, *Peneus setiferus* vai até os estados meridionaes do Brasil, o que torna verossimil á supposição de Fritz Muller—Vide Crustaceos do Brasil—Arch. do Museu XI, 7 e 72. Cryptus.)

(1) Van Beneden, que encara os pedunculos oculares como membros, não póde comtudo evitar a declaração seguinte sobre *Mysis*. "Este pediculo não apparece de modo algum como os outros appendices e parece ter um outro valor morphologico".

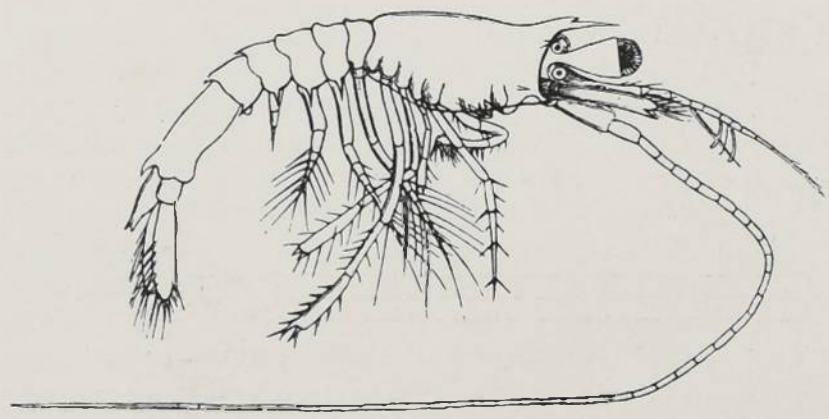


FIG. 33 – Larva mais velha resultante da Zoëa representada na figura 32. Faltam os ultimos segmentos e os dous ultimos pares de patas do corpo mediano. Augm. 20 diametros.

FIG. 35 – Larva mais velha (Zoëa) de um Stomatopode, augm. 15.· diametros:

a fio, nos ovos de um unico carangueijo conservado preso. Os ovos de *Squilla*, como os que são retirados do corpo do carangueijo, morrem porque ficam privados da rapida corrente d'agua fresca que suas mães introdusem nas respectivas tócas, provendo a propria respiração.

A figura seguinte do embryão de *Squilla*, mostra que elle possue um longo abdomen segmentado, sem appendices, cauda bilobada, seis pares de membros e um curto coração; este ultimo só pulsa fraca e lentamente. Se elle adquire mais membros antes da exclusão, a larva mais nova deve ficar no mesmo nivel que a mais nova larva de *Euphasia* observada por Claus.

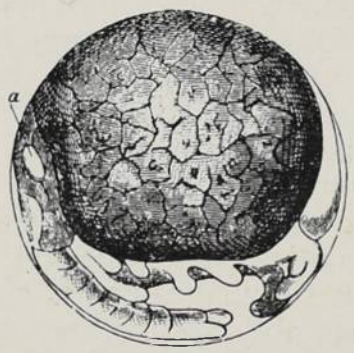


FIG. 34 – Embryão de *Squilla*, augm. 45 diametros, a coração.

Das duas formas larvares actualmente conhecidas que devem ser referidas com certesa senão á *Squilla* mas, ao menos á um Stomatopode, passo sobre a mais joven (1) porque os seus membros não podem ser interpretados positivamente, e mencionarei sómente que n'ella os tres ultimos segmentos abdominaes ainda são destituidos de appendices.

A larva mais velha (fig. 35) que se assemelha á *Squilla* adulta, especialmente na estructura das grandes patas raptoras e do par procedente, carece ainda das seis patas seguintes ás patas raptoras. Os segmentos do corpo, correspondentes, já são bem desenvolvidos, um olho impar inda está presente, as antennas anterfores já são bi-ramosas, emquanto que o flagellum è ausente nas posteriores, assim como as mandibulas são destituidas de palpos; os quatro segmentos abdominaes anteriores, têm patas nadadoras bi-ramosas, sem branchias; o quinto segmento abdominal não tem appendices e é este, tambem, o caso para a cauda que apparece ainda como uma simples lamina, franjada no bordo posterior por numerosos dentes curtos. E' evidente que a larva corresponde essencialmente ao estado de Zoea.

FRITZ MULLER

(1) Archif. fur. Faturg. 1863 est. I.

Mr PAUL DOUMER

O EMINENTE ESTADISTA QUE É ACTUALMENTE NOSSO HOSPEDE

Os nossos Indigenas

É SEMPRE sob a impressão do medo que ouvimos fallar dos nossos selvicolas; as noções transmittidas pelos escriptores antigos, quasi sempre escravos do preconceito e imbuidos de intolerancia religiosa, não nos revelam de modo perfeito a alma desses homens simples, os quaes, por serem da nossa especie, possuem o nosso sentimento, modificado sem duvida pelas condições do seu meio.

Um unico brazileiro — Couto de Magalhães — se approximou mais da verdade, despindo-se de suggestões para narrar o que via; e se, na maioria dos casos, tal fôra o processo dos nossos escriptores, certamente não só nesse assumpto, mas em muitos outros... não veriamos repetidas e adaptadas idéas exoticas, com a unica utilidade de induzirem ao erro.

Considerados pelos poderes publicos, os indigenas constituem lettra morta; pelo particular, nacional ou extrangeiro, elles não passam de «bugres».

O «bugre» é como um synonymo de animal irracional, de féra domada ou recalcada a bála para o meio da selva. Matal-o não envergonha a ninguem, não sendo crime.

O *civilisado*, que tem deuses superiores aos dos outros homens e prega a tolerancia e a bondade, entra pelo matto levando ao pescoço uma veronica e na mão a carabina; encontra o indigena; o alcool e os vicios primeiro, a faca e a bála mais tarde, revelam o seu intento justo.

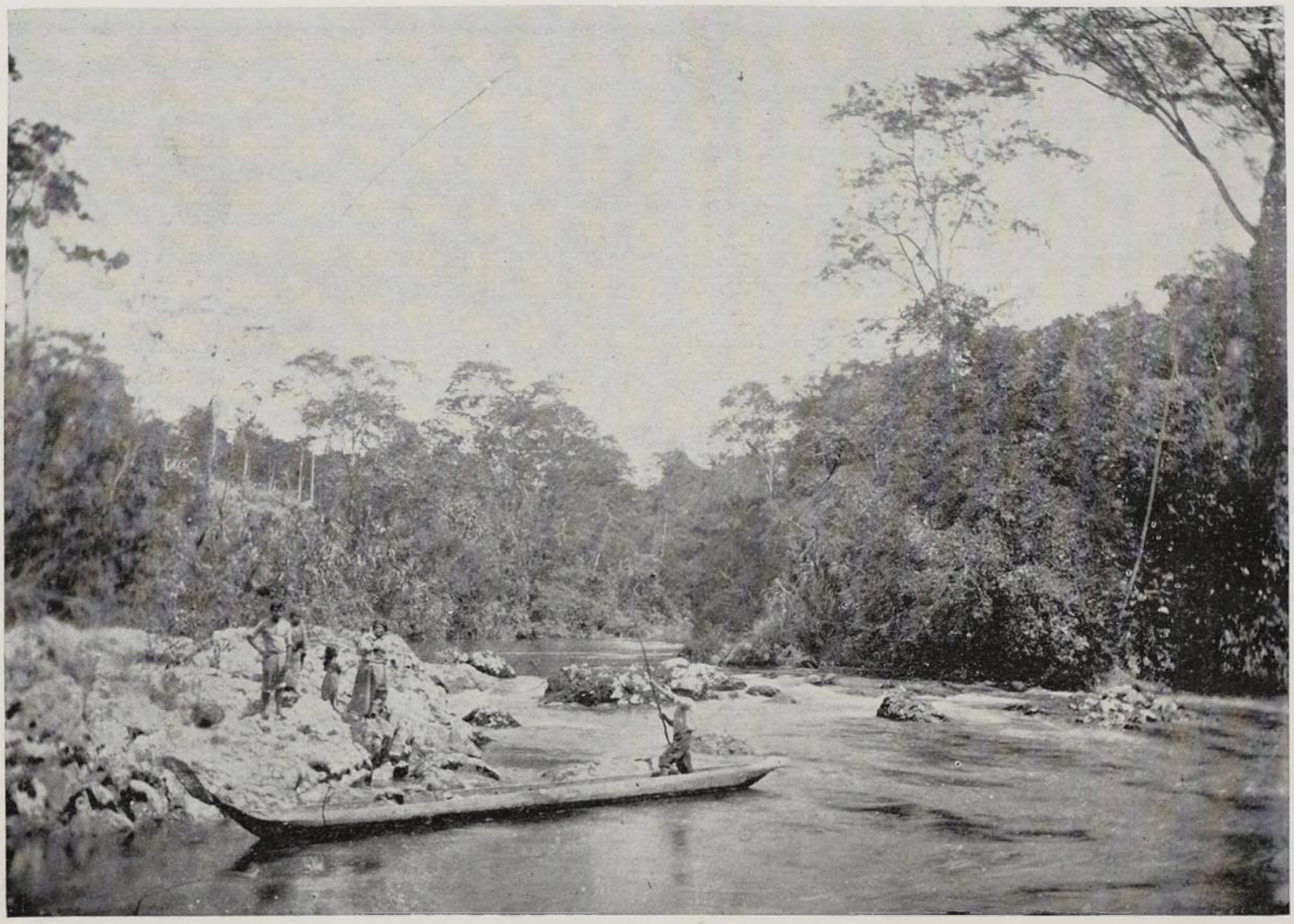
E o sentimento da vingança, isto é, o sentimento da applicação justiceira da pena de Talião, despede a flecha do «bugre» contra o branco invasor. D'ahi por deante, está justificado o conceito do branco e justificados estão todos os seus actos ulteriores.

*
* *

Em tempos idos, enviados por uma repartição nossa, dous homens seguiram para Mucury afim de obter umas ossadas de «bugres» daquella região. Um destes homens era Carlos Schreiner, naturalista já fallecido e o seu companheiro éra Eduardo de Siqueira, ainda vivo e funccionario da dita repartição.

Elles se localisaram em casa de um colono de nome Schrœder, ousado e destemido teuto,

CHEFE GUARANY EM TRAJE DE GALA



GUARANYS PASSANDO A CACHOEIRA DO FUNIL—RIO ITARIRY

que ali vivia ha annos, com os maiores cuidados para evitar os assaltos dos selvagens. E' desnecessario dizer que para se firmar, Schrœder havia eliminado uns quatro bugres, enterrando-os cuidadosamente em terrenos de seu quintal. A sua casa ficava em plena matta, tendo apenas uma estreita orla em torno, a qual lhe servia de terreiro; os seus empregados trabalhavam perfeitamente livres, alguns iam mesmo ás aldeias dos indios e não soffriam perseguição alguma; Schrœder no emtanto, vivia perseguido pela visão phantastica da vingança do bugre.

«Na refrega que tivemos, disse elle á Schreiner, consegui aprisionar uma bôa porção de bugres; com os meus homens trouxe-os para o terreiro e com receio que fugissem, fui ao ao meu quarto para buscar cordas e os enviar amarrados á villa proxima (Philadelphia). Procurei a janella para encurtar caminho e d'ahi lancei as cordas aos meus homens, ordenando que amarrassem os indios. Ao me curvar do peitoril para deixal-as cahir, ouvi uma pancada secca e exclamações entre os meus e me levantando, sem comprehender do que se tratava, esbarrei numa flexa cravada na bandeira da janella, á altura da minha cabeça! De dentro do matto um indio me havia visado, quando eu appareci; e o meu movimento, para deixar cahir as cordas, salvára-me a vida. D'ahi em deante foi constante o meu sobresalto.

Comtudo, ninguem ouvia fallar em indios nas visinhanças de minha casa.

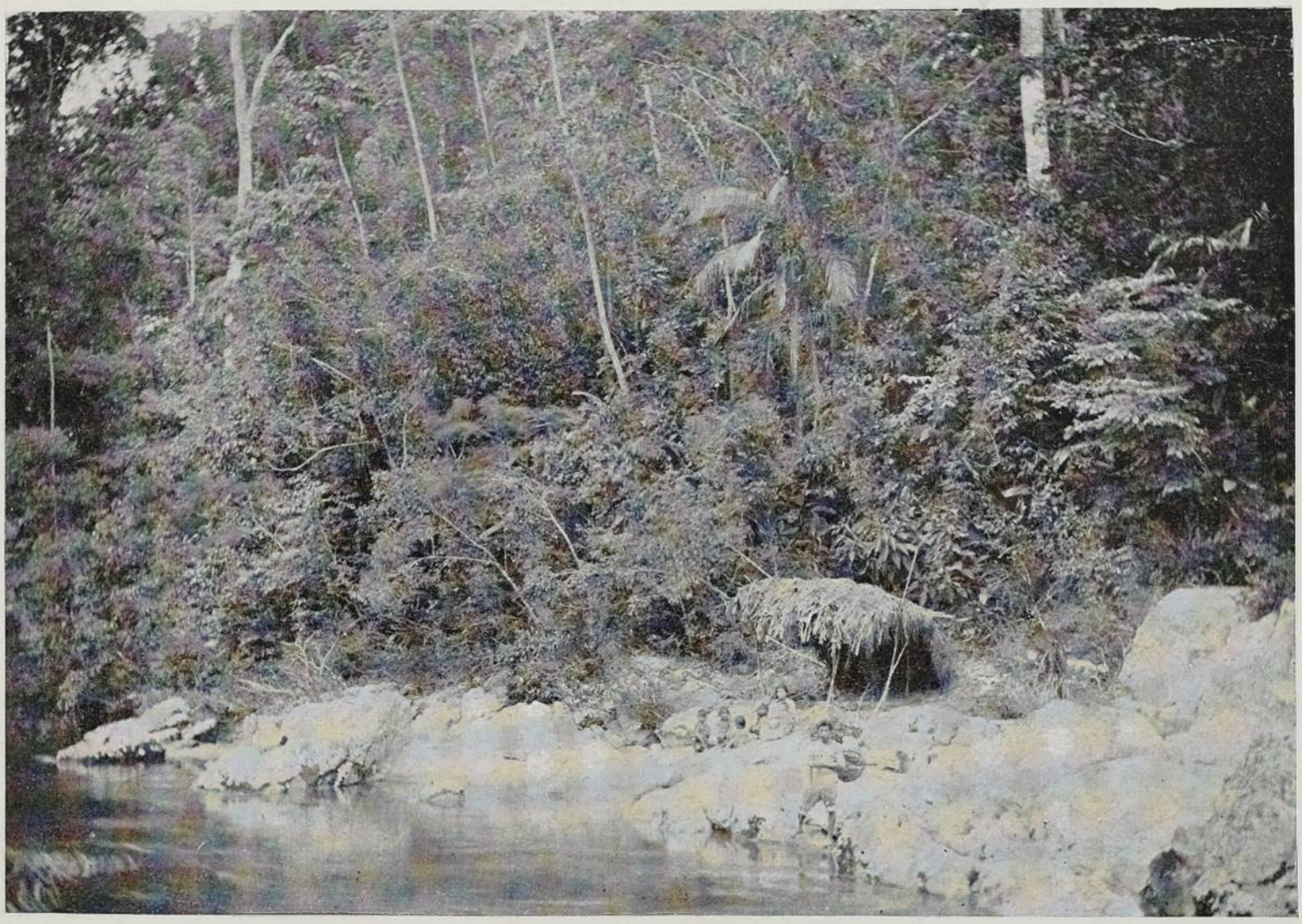
Eu já sahia, mais seguro, ao terreiro; pois que impressionados pela minha salvação miraculosa do tiro de flexa que me fôra dirigido, á janella, elles haviam jurado matar-me ao fogo.

Os mezes passaram e tudo annunciava que o rancor do selvagem tinha se apagado.

*
* *

Ao terreiro sahiam, ás vezes, veados que eu matava de casa; não poucas vezes, a minha cadella de caça impellia-os á morte, indo buscal-os na matta.

Certo dia, ouvi-a na pista de um veado; a trilha era proxima e eu, animado pela idéa da caçada, apanhei a espingarda e embrenhei-me alguns cem metros pelo matto; a cadella tócava longe e só pelo écho eu á ouvia; nenhum rumor á não ser o ligeiro farfalhar das folhas



RANCHO DE PESCA DE INDIO GUARANY—ITARIRY

perturbava a calma da floresta. Um mutum pousou á distancia de tiro e eu pensei em aproveital-o; a cadella vinha longe e o veado não retrocederia com o tiro, mas logo depois chega outro mutum e estando em casal, começaram os dous a executar a curiosa cerimonia que sempre precede aos amores desses volumosos galinaceos. Apreciava eu a dansa sem querer atirar, distrahido de todo, quando um pio de macuco me fez arrepiar as carnes — Os bugres! Avisados de que eu me havia afastado pelo matto, por alguma sentinella, elles estavam no meu encalço e distribuiam-se para me apanhar.

Ah Schreiner! A idéa de morrer queimado me fez tremer! Outro pio mais adeante mostrou-me que elles procuravam me envolver. Era preciso fugir e tal problema era devéras difficil. Abaixei os cães da arma, e de rojo, por entre as pedras, não fazendo o menor ruido, não fazendo estremecer sequer a menor planta, eu segui por uma excavação natural, em busca da clareira; e os pios se repetiam! Não havia eu caminhado ou melhor deslizado cincoenta passos quando um pio se fez ouvir de em frente a mim, d'onde um enorme tronco de arvore se elevava; e ali, encostado ao tronco, confundindo o corpo côr de cobre com o sombreado da arvore eu vi um bugre experimentando a elasticidade do arco...

Critica posição! Estava bloqueado!

Levei a arma á cara. Despejo-lhe os dois canos, pensei, ao menos este fica. Mas a reflexão de que éra a minha sentença de morte a morte deste bugre, pois que ouvindo o tiro os outros conheceriam o logar onde me achava e correndo a elle me apanhariam, deixei para o extremo o recurso da espingarda e rastejei, contornando por detraz do bugre; nunca me hei de esquecer desse momento terrivel em que de um simples estalar de um ramo dependia a minha vida.

A dansa dos mutuns fôra a minha salvadora; se eu houvesse atirado, os indios que me procuravam saberiam onde me encontrar e não teriam necessidade de imitar o macuco, para se avisarem mutuamente dos pontos em que ficava cada sentinella, em toda a zona da matta em que me haviam visto entrar. E eu, desprevenido, não estaria hoje contando este facto aos senhores!

Quando cheguei á clareira, minha casa estava fechada, os meus haviam visto a passagem

dos indios pelo matto e esperavam, após a morte do chefe, o proprio exterminio; corri ao sino para dar o rebate chamando á casa os colonos. E foi assim que escapámos desta vez.»

Tal é, sempre, a tragedia das selvas—variam apenas os detalhes.

Entretanto o indio não é um ente máo.

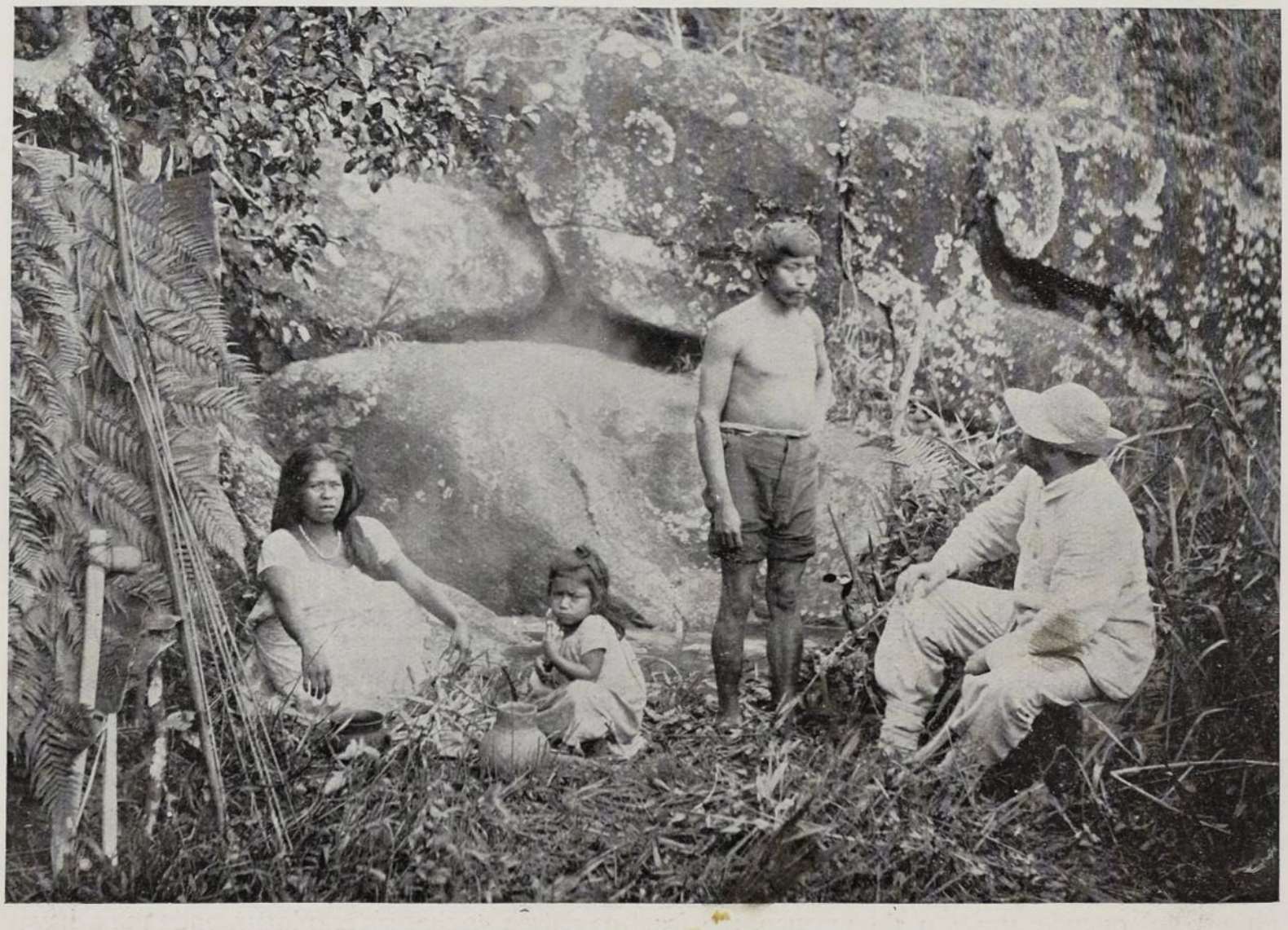
Mas, dir-se-ha, como é que sendo assim não se consegue trazel-o ao nosso gremio, não obstante o esforço de tantos e tantos catechistas?

Entretanto a resposta é facil; as nossas primeiras estampas representam grupos de indigenas civilisados, vivendo civilisadamente; ellas reproduzem Guaranys do S.O de S. Paulo, que se comportam melhor do que muitos dos europeus que mandamos immigrar para o Brazil a custa dos cofres publicos. Em todo o sertão do Brazil ha muitas e muitas tribus cujos costumes puros desafiam os dos civilisados e que vivem como plantas incultas só carecendo de que se lhes aproveite as virtudes.

Dir-se-ha que são indolentes, que não trabalham.

A isto se póde responder com vantagem tendo em vista que nada lhes ensinamos. Quando o contrario se dá vemos que elles constituem um elemento muitissimo aproveitavel.

O nosso primeiro cuidado quando pretendemos catechisar o indio é trazel-o ao nosso credo religioso; é este justamente o peior meio; se homens adiantados, mas imbuidos do prejuizo de sua religião, não admittem quartel ás crenças alheias, como intentar abolir o credo religioso de individuos que nenhuma noção têm dos conhecimentos do homem civilisado, e que receberam as suas crenças dos seus carinhosos



VISITA NUM RANCHO DE INDIOS GUARANYS

parentes, sem duvida, dignos de mais fé que o forasteiro intrujão?

É altamente notavel que tenha sido um indio quem primeiramente tenha mostrado o verdadeiro caminho para a civilisação dos selvagens; e foi a imprensa diaria desta capital a portadora do brado do pury que, se abalançou numa viagem do interior de Goyaz ao Rio para pedir—*Ensino! Instrucção!*

Porque se não aproveitou a boa vontade desse homem?

Porque se deixou perder essa esplendida occasião?

O eterno governo da politica avassalando

tudo, não dá tempo para que se pense no indigena miseravel.

E tanto é verdade que o indigena já disso se apercebeu.

Dos sertões do Paraná veio para esta capital o chefe dos Guaranys, Gê-Pia-Jú. De pequena estatura e formas delicadas, Gê-Pia-Jú revela intelligencia viva, e vontade firme nos seus designios. E' casado e veio com sua mulher.

Perguntei-lhe o que desejava e elle sahiose-me com este discurso:

«Senhor: Nós vivemos no Paraná; a nossa tribu consta de uns quatrocentos homens que vivem do trabalho; não perseguimos nem maltratamos ninguem, mas ao contrario somos perseguidos e mortos como se fossemos cães. As nossas terras são a causa da nossa desgraça. Antigamente, no tempo do imperador, por terem medo que elle soubesse que nos maltratavam, ninguem nos atacava; e respeitavam as nossas cousas; mas agora, na Republica, nós somos dizimados porque querem as nossas plantações e as nossas terras e porque sabem que ninguem mais protege o bugre. Senhor: Eu abandonei os meus para pedir protecção ao Dr. Rodrigues Alves, ao Presidente da Republica e não voltarei para minha tribu se não for attendido; assim eu prometti aos meus, assim eu farei.»

—Mas a protecção que pretendes devias pedir ao Presidente do Estado do Paraná.

«Não, respondeu, não nos attendem, a questão é de politica, só a politica move a gente do governo. E além da protecção que eu peço, senhor, quero mais que nos deem mestres que nos ensinem.»

Comprehendi que havia alguma cousa atraz do pedido simples do indio, e insisti.

CABANA DOS INDIOS GUARANYS NO RIO ITARIRY

—Desembucha, Gê-Pia-Jú, o que é que vaes fazer com os mestres contra os ladrões da tua tribu?

«Eleitores; quando soubermos todos o que os brancos sabem, ensinaremos aos outros nossos visinhos e nos faremos eleitores e então teremos deputados nossos para defender os nossos direitos e estaremos nas condições dos civilisados.»

Fiquei attonito entre as palavras do indio e a idéa de que elle podia estar sendo victima de algum embuste e tive que me convencer do contrario.

Com effeito, esta conversa já foi em tempos

e o indio ainda se acha na capital da Republica. Para viver decente e independentemente elle está empregado numa das nossas repartições publicas.

E o chefe dos Guaranys se sujeita ao cabo da enxada porque não obteve protecção em prol de sua tribu.

*
* *

Ha entre nós uma alma caridosa e ao mesmo tempo varonil que tem sido uma especie de bandeira de misericordia para os indigenas.

Quando veio ao Rio de Janeiro o indio de Goyaz pedir instrucção, essa creatura não trepidou em correr em auxilio do selvagem.

Privações de toda a sorte, riscos continuos de perder a vida, o afastamento dos seus, e por fim o ridiculo com que muitos espiritos myopes procuraram feril-a, nada a demoveu do seu elevado fim. E voltou do sertão apenas com a benção daquelles espiritos puros. Essa creatura é a senhora D. Leolina Daltro. Esta senhora, a principio bafejada pelos louvores da imprensa, mas depois deixada só, acha-se prompta a acceitar a incumbencia da catechese dos selvagens do Brazil central; ella pede apenas a sua aposentadoria – para beneficio de seus filhos – do cargo que ha mais de vinte annos exerce como Professora Municipal. Porque é que o Governo não lança mão deste ensejo favoravel?

Deita-se dinheiro fóra ás mãos cheias em cousas sem utilidade e injustas, porque se não ha de dispender alguns mil réis com uma obra tão meritoria? Para que ha uma verba de «catechese» no orçamento de despeza da Republica?

Porque é que se ha de dar aos frades estrangeiros que sahem daqui a passeiar pela Europa – «o filho do chefe tal, do Brazil» numa esplendida propaganda contra a nossa civilisação, dinheiros dessa verba e se negar á uma pessôa – profissional, brazileira – o mesmo favor? Porque é que havemos de dar aos outros o que é destinado aos nossos? Porque se hade subvencionar a catechese religiosa quando a nossa Constituição é liberal e negamos á catechese scientifica o mesmo auxilio? Porque é que havemos de ser os primeiros a decretar a nossa incompetencia?

São questões para as quaes eu não desejo buscar respostas...

*
* *

Uma vez veio a nossa residencia um *Caraó*

INDIOS GUARANYS DO RIO ITARIRY

de Goyaz. Homem de estatura elevada, olhos pequenos, e bastos cabellos negros cahidos sobre o paletot de civilisado, *Porpipó*, tal é o seu nome, tem sempre um sorriso de bondade nas respostas que dá a quem o interpella.

E' uma alma de poeta. A' mesa portou-se como um gentleman, e conversou com bastante presença de espirito. Bebe pouco. E' o futuro chefe de sua tribu e está hospedado em casa da Professora Daltro a quem considera muito.

O meu filho, um pequeno de tres annos e meio, ao vel-o fugio com todas as forças e só depois de longo discurso se convenceu que o indio não fazia mal.

Este, ao ver a creança chamou-a e deu-lhe um abraço, repetindo:—«Não tenha medo—eu sou um amigo!» e depois, encarando-me, disse: —«Eu tambem tenho um filho; justamente do tamanho deste menino. E eu o deixei, coitadinho, lá no sertão! Tenho muitas saudades, e gosto muito do meu filho; o senhor, quando o seu faz artes, castiga-o?

Confesso que percebendo logo onde ia o intento do indio, respondi por uma evasiva.

«Não é isso retrucou o selvagem; o senhor dá-lhe pancada?

—Quando merece uma ou outra palmadas. retorqui.

«Ah! disse o indio, o meu filho nunca apanhou das minhas mãos, elle é creança, não sabe o que faz, coitadinho; póde quebrar as cousas que não lhe dou; isso fica á encargo de minha mulher, porém não á minha vista.»

Porpipó deleitou-se ouvindo musica. «Gosto muito de modinhas, disse; as nossas não são como as dos brancos, são tristes. Estou estudando primeiro o portuguez e quando souber bem ler e escrever hei de copiar as d'aqui para repetil-as em Goyaz, entre os meus.»

«O nosso canto principal é o da morte do Gavião; elle é cantado quando morrem os chefes, as pessoas importantes; o Gavião é a ave valente, só se canta a morte do Gavião quando morre um valente.»

Porpipó escreve correntemente o portuguez, e gosta de ler os jornaes diarios. Tem bôa calligraphia e é discipulo da Professora Daltro.

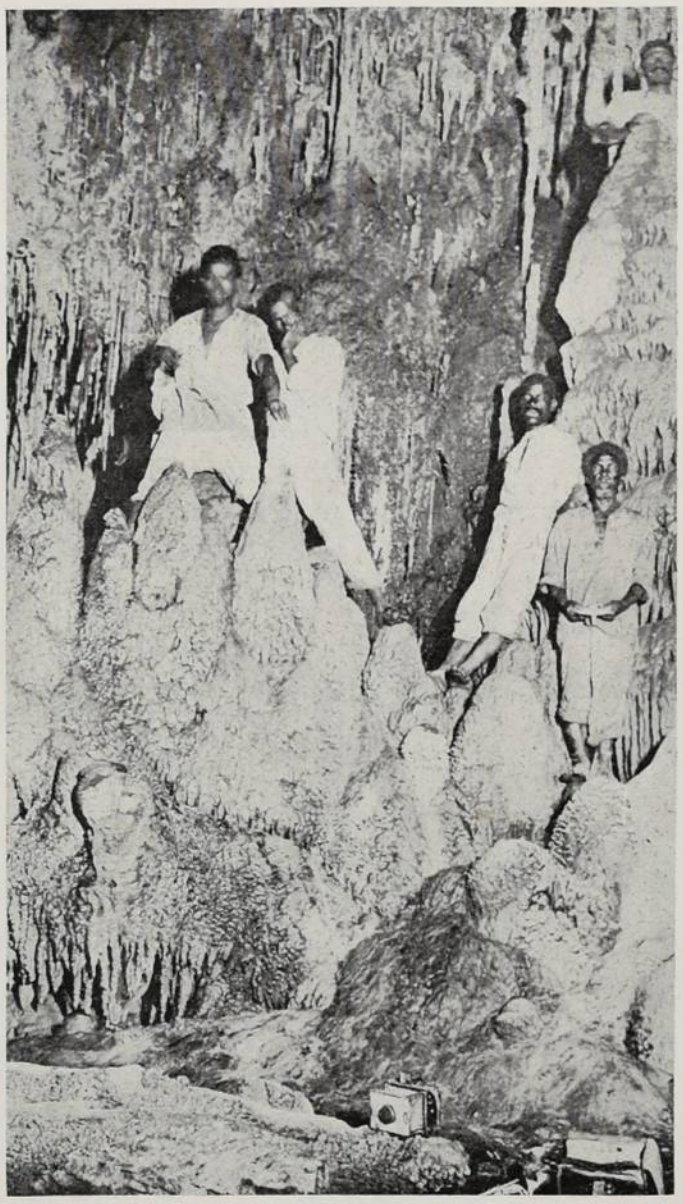
Dous outros indios estão tambem hospeda-

NO ALDEAMENTO DE INDIOS GUARANYS – RIO ITARIRY

dos em sua casa — são Cherentes e ambos leem e escrevem sofrivelmente o portuguez, sendo tambem discipulos da mesma senhora.

*
* *

Ao ouvir discorrer Porpipó, eu me recordava da ferocidade attribuida á esta gente simples, do maravilhoso que emprestavam aos seus



actos, da phantasia com que a pintam quando ella nada mais é que imitativa, profundamente crente e timida, até o momento do primeiro desengano, paciente e soffredora de todas as barbaridades que lhe proporcionam os civilisados!

Pobre raça, ingenua, fadada ao exterminio em futuro não remoto!

X.

OS BOIS CHUCROS

I

ERAM principios de agosto. Começavam, nessa noite, os terços do Bom-Jesus em casa do Nicacio.

A's avé-marias entrava a affluir para alli, aos poucos, a boa gente das circumvisinhanças. No céo sahira já a rondar a lua, illuminando tudo com a poeira subtil da sua luz fria de grande lampada incandescente de Brush. As pequeninas casas de S. Francisco de Cannavieiras branquejavam afastadas umas das outras, entre sébes, cafezaes e laranjaes murmurosos, semelhando um rebanho de ovelhas espalhado pelos socalcos e inclinações das planuras e morros, naquella minuscula área geographica.

II

Desde meia tarde que as raparigas da Maria Verissima — Bertha, Bernardina e Clara — corricavam pelas casas das amigas, gárrulas, alviçareiras e alegres, a communicar as novas occorridas, durante o dia, na freguezia. Contara-lh'as o irmão, o João, que andara na rêde, lá fóra: eram o casamento, no dia seguinte, do José Alexandre com a Maria Luiza Rosas, a do *patacão;* o escandalo do Manoel Théa apanhado ao romper do dia com a Maricota Sodré, na casinha do carro, lá no sitio do Claudino — oh! que pouca vergonha! —; o Mauricio esbofeteado pelo Joaquim valente, no caminho do Campo, por umas historias de ciumes; o Luiz Cunha, o filho da Leandra, o *magricela*, «o do casacão do vigario», então caixeiro na cidade, que viera pela manhã do Desterro; o Antonio Rego, chegado dos Ratones com uma tropa de bois chucros, dos quaes o Justino já havia apartado um para a «vara», verdadeiro «bagual», que assim que via gente no pasto investia como um raio, como um damnado, e que na Cachoeira partira já dois laços só de um tirão!...

Mas, de tudo isso, o que mais as encantava era o terço do Nicacio, desde ha muito esperado, que ia afinal ter começo e só terminaria uma semana depois, conforme o velho lavrador promettera quando estivera de cama, quasi a «espichar», com as sezões.

— Ia ser «só do fino» o terço do Nicacio! exclamavam ellas, numa balburdia adoravel. Uma semana inteirinha... Ai-ai! ia «doer» de bom!...

E combinaram com as do Chico Pereira para ir todas juntas, com a boa mamãe, assim que anoitecesse. Mas careciam da companhia de um homem por causa dos bois chucros. E quem havia elle de ser? O pae não podia, andava fóra, pela altura do Arvoredo, na pescaria do mar grosso, e não voltava senão d'ahi a dois dias; o João, o irmão, esse, nem contar, sempre assombrado de tudo e mais medroso de almas do outro mundo que ellas proprias, coitadas, umas pobres mulheres! Mas então quem havia de ser?...

E na pressa de se ajustarem e se irem logo preparar, não achavam quasi um parente, um amigo, um conhecido que as acompanhasse.

Entretanto, quem havia de ser? repetiam, reflectiam. Eram raros os rapazes daquelles lados e os poucos que havia andavam agora em derriço, a «azeitar», lá para a Varzea de Baixo, onde tambem se rezavam novenas, em casa do Luiz Boião. Os primos das Areias, esses não viriam, de certo, por terem peorado das febres. Só se fossem os do Luiz Maria ou os do Rufino, que não perdiam divertimentos na rua Velha ou na freguezia, principalmente no Nicacio, que era ainda contraparente d'elles...

Assentaram, pois, em aguardal-os, ir com elles de companhia. Mas de balde esperaram. Desceu o occaso, entrou a noite, fez-se o luar, e nada dos rapazes! Ficaram num desespero, numa inquietação, afflictas, quasi a chorar. Perderiam, desta vez, a primeira noite de terço, a melhor—que tristeza Nossa Senhora!

Emtanto a noite subia, o luar clareava deliciosamente. Para os lados do Nicacio, de vez em quando, foguetes, em filetes de luz rubra, erguiam-se, cresciam a prumo, num rojão, varando o ar, estourando em explosão de faiscas.

—Lá atiçam foguetes! lá atiçam foguetes! murmuravam anciosas, de cabeça erguida e as fitas das tranças a dansarem á aragem fria e fina daquelle inverno em despedida, os negros olhos pregados no céo, ineffavel e deliciosamente radiando á lua, que já ia horisonte acima algumas braças. Já principiou a festa!... Nâo! ninguem podia perder aquelle tercinho d'alma!...

D'instante a instante davam uma chegadinha á porteira, ao Caminho Novo que vinha sahir quasi defronte. Nada! ninguem!

E entraram a pedir á boa mamãe para irem mesmo sósinhas.

—Tambem tantos medos eram uma bobagem! Encontrariam de certo muita gente na estrada com aquella noite tão linda! Pozessem de parte tolices, que era melhor... Depois os bois chucros não iam sahir do pasto á noite e áquellas horas...

E convenceram a velha, a Maria Verissima, que, desejosa de vêr as filhas satisfeitas e felizes, enfiou logo para a estrada, resoluta mas supersticiosa, o seu chale de lã azul á cabeça, murmurando:

—Olhem, depois não se queixem se vier por ahi alguma!...

E pozeram-se em marcha, numa algazarra adoravel, cheias de risos em que transparecia a animação de alegria—as mais audazes adiante, as mais timidas atraz, cosidas umas ás outras.

O caminho desenrolava-se branco, deserto, aqui e além malhado de sombras pelos espinheiros, cafezaes e laranjaes das margens. O azul limpido do céo resplandecia muito alto, cheio de um mysterioso encanto, numa vasta paz mystica que as risadas das cachopas agitavam sonoramente.

III

O Sebastião e o Vicente, companheiros inseparaveis das correrias nocturnas, os mais famosos e temidos «quebras» da freguezia, que vagavam todas as noites pelos caminhos em endemoninhadas estrepolias, escondendo-se entre as sébes e as ramagens para dar sustos ás mulheres—vinham repontando na encruzilhada da praia quando ouviram de repente, no vasto silencio, para os lados da Ponte Velha, falas de moças, exclamaçõesinhas, risadas. Pararam e pozeram-se á escuta: queriam reconhecer as vozes... Ah! eram as da Maria Verissima e outras que iam para o terço! E combinaram logo em lhes pregar um susto.

—Havia de ser com os bois chucros. Ellas tinham muito medo de bois chucros. A tropa toda estava no pasto do Constancio...

E ja descalços, com os tamancos nas mãos, largaram á disparada pela picada que dava para lá. Esconderam-se numa roça de canna, do lado da porteira, junto á cerca de espinhos. Ahi, de vez em quando, chegavam-lhes ao ouvido, nas lufadas do vento, toques de gaita ou viola, alguma cantiga ao desafio, a algazarra ruidosa do terço do Nicacio.

A casa ficava a um kilometro, logo passando o riacho do Zé Rocha, num alto, do lado do morro. Pelas janellas abertas sahia uma illuminação festiva, que dourava a verdura circumjacente manchando a fria dealbação do luar. No pequeno terreiro em frente, silhuetas escuras moviam-se, apinhadas, á flammejação das luzes. E vozes frescas e agudas de creanças brincando, punham na noite silenciosa e albente uma grazinada feliz.

Mas os dois «québras» terriveis não queriam saber de nada, com o ouvido assestado para os lados de baixo, de onde vinham as raparigas. As risadas d'ellas continuavam, cada vez mais proximas, mais nitidas, com o encurtar da distancia, no seu timbre alegre e crystalino. E d'ahi a instantes faz-se um estrepido claro de passos e vozes femininas.

O Sebastião e o Vicente podéram vêr então, por entre o crivo da folhagem, já proximo á porteira, á esquerda, o bando das cachopas, todas de branco e lindas ao luar. Vinham pela margem opposta á em que elles estavam, rente á cêrca, agarradas umas ás outras, aterrorisadas, com passos curtos e miudos, num frú-frú de saias roçagantes, estacando, ás vezes aos gritinhos e saltos, á porporção que enfrentavam á porteira do pasto onde se achava a tropa. E murmuravam a tremer:

—Ninguem fale! ninguem fale! Lá estão os bois, Virgem Santissima!...

E avançavam cautelosamente, subtilmente, como pisando uma alcatifa, por sobre a grama das beiradas.

Já haviam passado a porteira quando os levados rapazes se lançaram ás corridas dentro do cannavial, espalhando em torno a matinada de um gado em tropel, e gritando:

—Arreda! arreda! Ahi vêm os bois chucros!...

As raparigas debandaram, estonteadas, loucas, aos gritos, tomadas de invencivel panico, numa corrida de desastre, precipitando-se dentro do riacho ou ferindo-se contra os espinheiros da estrada...

Da casa do terço homens e mulheres acudiram logo, numa anciedade e nesse costumado e generoso impulso de soccorro que move sempre espontaneamente as multidões quando ha alguem em perigo.

E todos vieram encontrar as pobres raparigas numa lástima—as véstes ensopadas, rasgadas, empastadas de lama. Ampararam-nas immediatamente, levando-as para a casa do Rosas que ficava muito perto d'alli. Ahi mudaram de roupa, ainda muito nervosas, decepcionadas, quasi a chorar...

No caminho os curiosos, apenas testemunharam o desfecho do caso, entraram a dispersar. Mas um velho, que chegára da praia a cavallo e que soubera de tudo minuciosamente, exclamava brandindo o rêlho com cólera:

—Aquillo tinha sido de certo perversidade do Sebastião e do Valente... Canalhas! Ah! que se os apanhasse, lanhava-os! Grandissimos cães!...

E, têso na sella, com a destreza de um cossaco, deu de rédea irado, partindo a galope, num impulso vingador.

Então os dois famosos noctambulos, que tudo haviam saboreado escondidos, agachados entre as cannas para não serem vistos nem espancados pelo furor popular, já tudo em calma outra vez e certos da sua impunidade, saltaram para a estrada, a correr, e, como gozando o seu triumpho, a sua perfidia e maldade, irromperam ás gargalhadas na noite clara...

VIRGILIO VARZEA.

Coisas da India

SEMPRE nos pareceu interessante e indispensavel à bisbilhotice do espirito occidental, nunca saciado de emoções novas, assistir a ceremonia da cremação dos cadaveres na India. Foi pois com a maior curiosidade que, de volta do Jardim Botanico de Calcutá, um dos melhores do mundo, pela variedade systematisada de suas riquissimas collecções, nos dirigimos, já um tanto atrazados, para o logar das incinerações, o *Burning Ghats*, onde chegamos quasi findo o crepusculo da tarde.

Era enorme o movimento do bairro que se estende ao longo do Hoogly e a poeira suffocante das estreitas ruas que atravessavamos, augmentada pelo correr apressado da nossa carruagem, fazia-nos conter a respiração, até porque a idéa de que particulas humanas fluctuassem naquella athmosphera, acarretadas pelo fumo espesso das fogueiras proximas, nos dominava o espirito, mau grado nosso. Mas, o triste logar nada apresenta de notavel; é um recinto fechado por quatro muralhas, a céo aberto, situado immediatamente sobre o rio sagrado, onde vão ter as cinzas e os membros semicarbonisados dos cadaveres que não tiveram bastante lenha para sua completa destruição.

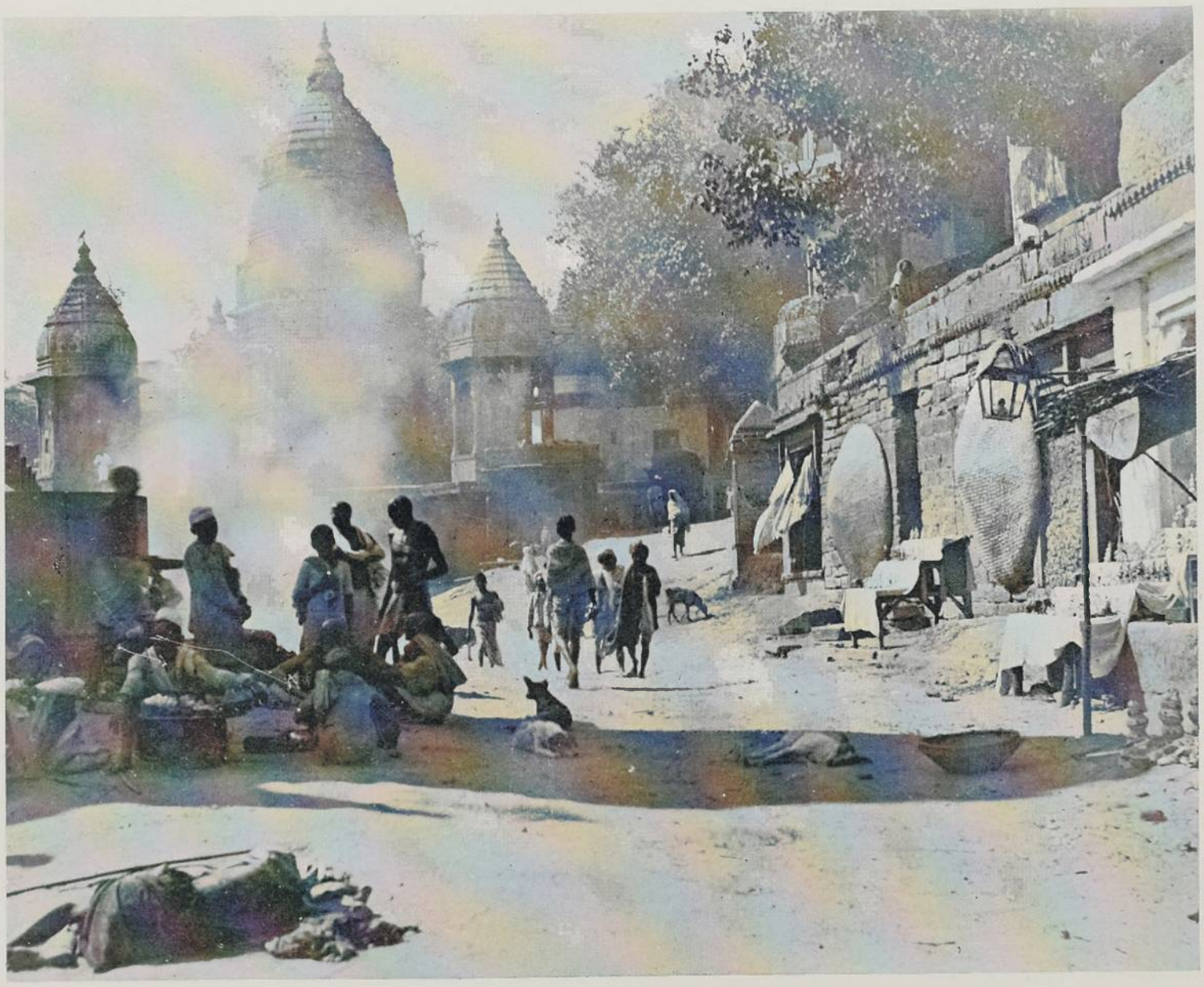
O dia tinha sido escasso e das fogueiras feitas em pequenas depressões do terreno, á distancia regular umas das outras, apenas restava uma que acabava de consumir um amontoado de restos ennegrecidos e irreconheciveis.

Um policial indigena uniformisado, mais tres ou quatro pariás semi-núis e indifferentes, esperavam ainda, como certos de não haverem concluido a tarefa do dia; e de facto, no momento em qne nos retiravamos, encontramos a poucos passos daquella lugubre fornalha, mais um cadaver que para alli era conduzido. Vinha envolvido em um lençol branco, sobre varas de bambú arranjadas a guiza de padiola, tendo sobre o ventre uma grande pasta de algodão com que, por certo, teria de começar a fogueira respectiva. Não havia sequito de familia, nem de amigos; o abandono era o mais completo porque, mais espiritualista do que nós, aquella gente entende que o corpo só é digno e nobre emquanto serve ás manifestações da actividade espiritual. Uma vez roto o liame da vida, a carcassa humana nada mais vale. Para uns, sò o fogo e as aguas sagradas do Ganges poderão purifical-o; para outros porém, nem disso mesmo acham merecedores os restos humanos; atiram-nos ás aves do céo, como dizem, para não polluirem com elles a terra, a agua e o fogo, elementos que adoram.

São estes os Parsis que não enterram, não atiram ao rio, e não queimam os cadaveres de seus mortos que preferem dar de pasto aos corvos nas famosas torres do silencio, adrede preparadas, como as que existem em Bombay e das quaes posteriormente nos occuparemos.

Foi sómente em Benares que podemos depois acompanhar, de principio a fim, a ceremonia da cremação dos cadaveres, o que nos deixou uma impressão inextinguivel e verdadeiramente dolorosa.

e de todos os hemispherios, só pela munificencia do governo que fornece uma lenha insufficiente e de má qualidade, são incompletamente incinerados e os respectivos membros atirados ao rio, apenas tostados! Então vê-se commummente descerem a corrente do Ganges grupos famintos de corvos a se disputarem, agarrados á presa, os restos fluctuantes das fogueiras minguadas! Estavamos bem installados numa barca que nos offerecia o conforto de umas velhas cadeiras de vime e que por tres ou quatro rupias pas-



ONDE SE FAZ A CREMAÇÃO DOS CADAVERES – (HOTS BENARES) BURNNGGI

E' sempre ao ar livre, junto ao Ganges em cujas aguas tomam o seu ultimo banho e de preferencia ao cahir da tarde, que os mortos, alli abandonados, são levados para suas fogueiras, de onde enormes labaredas enchem o espaço de lugubres reflexos e de onde uma fumaça espessa e gordurosa transporta, a grande distancia, um cheiro nauseabundo e difficilmente supportavel.

A gente mais abastada gosa de fogueira alentada pela melhor lenha e perfumada com sandalo e resinas odoriferas, emquanto os pobres, eternos soffredores de todos os tempos

seiava o viajante ao longo dos dous kilometros de caes da curiosa cidade e onde se nos offerecia talvez o mais grandioso e mais raro espectaculo do mundo!

Imagine-se uma colossal escadaria cobrindo toda a margem do rio e nelle mergulhando, escadaria sò interrompida por enormes palacios que, solapados pela corrente do Ganges, se sub mergem e se desmoronam e sobre a qual se es tendesse uma multidão de milhares e milhares de crentes em todas as attitudes que a fé, a oração e a exaltação religiosa, podessem dar ao homem ;imagine-se além disso, a molestia e

a dôr em todas as suas variedades,dando áquellas physionomias todas as nuanças possiveis; imagine-se todo um povo n'um extase completo e feliz, egoisticamente immerso no goso inefavel de uma ventura que fôra o sonho de toda sua existencia e pela qual se transportára de todos os recantos da India, arrostando as molestias e a fadiga, ventura que então realisava: ver o Ganges, banhar-se em suas aguas sagradas e morrer ás suas margens, para ser pelo mesmo transportado ao paraiso de Siva no Hymalaia!

Imagine-se sobre tudo isso, o concerto inaudito, o alarido indiscriptivel de milhares dos mais desconexos sons, arrancados do alto dos milhares de templos visinhos a um sem numero de instrumentos semibarbaros, gaitas, clarinetos, sinos, tamtams, zabumbas etc., capazes de vibrar os nervos dos proprios mortos; pensem os leitores no effeito de semelhante ruido e de uma tal scena, acrescida do fumo e dos clarões sinistros das fogueiras proximas; imaginem ainda os primeiros effeitos do colorico sobre os cadaveres, dilatando e fendendo-lhes as carnes em largas brechas de gordura candente; os dedos dos pés e mão a se abrirem em verdadeiros leques, como a completarem os tetricos esgares das faces enegrecidas e disformes; troncos que, parece, se agitarem n'um retesamento lugubre, como a protestarem impotentes, contra as varancadas que, para apressar a combustão, vibram-lhe brutalmente os executores do trabalho; pense-se em tudo isso que meus olhos testemunharam como através um horripilante pesadêlo e ainda não se fará idéa desse quadro extraordinario que tanto a photographia como a linguagem humana não conseguem descrever em toda sua hedionda verdade. Mas passemos a outro assumpto menos tetrico, mas não menos interessante.

O templo de ouro, The Golden Temple, de Benares, que é considerado um dos lugares mais santos da India, tambem é um dos monumentos mais dignos de serem visitados pelo estrangeiro. Sua construção foi feita em honra de Siva ou Bisheswar, deus do Veneno, assim chamado porque, segundo a crença hindú, emquanto os demonios agitavam violentamente o mar, elle tragava venenos para acalmal-o.

Seu nome provem de que suas torres são chapeadas de ouro esculpido e *repoussè* em explendidos lavores que lhe dão um aspecto de rara magnificencia pelo intenso brilho com que refletem a luz solar, brilho claro e permanente que nenhuma pintura barata pode imitar

GOLDEN TEMPLE, BENARES

e manter. Como de justiça, completaremos estas ligeiras informações consignando conjunctamente o nome do Maharajah Rangit Singh, de Lahore que foi o piedoso crente a cujas expensas teve realisação tão original e tão cara phantasia. E não fosse o tecido emaranhado de vielas de pouco mais de um metro de largo, em cujo seio está elle encravado, verdadeiramente grandioso seria o seu effeito, visto a distancia.

E' curioso porem observar o movimento incrivel de semelhantes vielas: Peregrinos que se acotovellam n'um *pêle-mêle* de estrangeiros

de todas as procedencias; de bois e vaccas sagradas; de fakires miseraveis, cobertos de cinza da cabeça aos pés; vendedores de flores em esplendidos collares amarellos e brancos de mimosos jasmins; de sacerdotes de todas as seitas; Joghis santificados em vida; cegos e leprosos pedintes; mercadores de pequenos idolos, emfim o espectaculo mais animado e mais interessante que a confusão mais completa e disparatada poderá offerecer aos nossos olhos.

PROCISSÃO RELIGIOSA

O estrangeiro não penetra no templo sagrado, mas pode aprecial-o de uma pequena casa fronteira, onde se faz uma musica infernal de tam-tams gaitas e zabumbas, tal qual a que fazem á margem do rio por occasião do banho vespertino e da cremação de cadaveres a que já nos referimos.

Grossas portas de bronze, lingams e sinos de pedra; emblemas allegoricos de deuses de quatro e seis braços e outras tantas cabeças; imagens de Ganesa com cabeça e tromba de elephante, alem de deuses outros, de pés e mãos de prata; moedas encrustadas no ladrilho representando enormes sommas; flores esmagadas e servindo de pasto aos bois sagrados; crentes que fazem oração e offerenda de oleo, eis em ligeiros traços o que se vê no interior sombrio do famoso templo.

Uma cerimonia religiosa interessantissima da India é tambem a procissão annual realizada em todo o paiz pelos adoradores de Vichnú. Alem dos elephantes ricamente ajaezados e amestrados, ajoelhando e fazendo todo o ceremonial exigido, elephantes que conduzem emblemas sagrados e marcham entre sacerdotes de fronte marcada com o signal da respectiva seita, como se vê da photogravura, um carro collossal é arrastado pela multidão no mais exagerado transbordamento de fanatismo religioso. E tal é elle, que muitos se atiram sob as grossas rodas, deixando-se esmagar em verdadeiros transportes de exaltação mystica!

Os habitos inglezes porem, o seu *savoir faire* no tratar com os indigenas, as suas leis sabias já vão triumphando de semelhantes praticas, de modo que ellas vão desapparecendo pouco a pouco em abono da civilisação britanica e christã. A immolação da viuva sobre a fogueira do fallecido esposo, o sacrificio das *suttis*, como era conhecido antigamente, já não existe tambem, graças a sabedoria do governo inglez que, para suavisar, tornando ao mesmo tempo mais pratica, sua intervenção em tão escabroso terreno, qual é o terreno religioso e a satisfação integral de suas praticas de tempos immemoriaes, principiou por exigir a declaração explicita e terminante da viuva de que queria se sacrificar para que então fosse ella submettida ao horrivel martyrio. A fragilidade humana porem o temor da dor e da morte, deveriam triumphar de todos os preconceitos religiosos e de todas as dedicações intermatrimoniaes,

especialmente quando levadas a semelhantes apuros, contavam os inglezes, como aconteceu afinal, sem atritos e sem difficuldades.

Nem era de esperar outra cousa; a India aliás tão differente do resto do mundo sob tantos outros pontos de vista precisava de dar essas provas de solidariedade ao commum dos homens, ao menos neste particular, onde toda a humanidade parece nivellada em todos os tempos e lugares, isto é, ante a dôr e a contingencia da morte.

DR. THEODORETO NASCIMENTO

CAXIAS

A villa de Caxias, cabeça da camara e municipio do mesmo nome, teve seus principios em 1875, graças aos colonos italianos que ahi aportaram.

Tem cerca de 4000 habitantes e é mais importante do que algumas cidades do Estado

do Rio Grande do Sul. Acha-se a 806 metros acima do nivel do mar e a 29°,10'25' de latitude sul pelo que o calor forte nunca atormenta a quem lá reside.

O frio, esse sim, ás vezes faz tremer a quem não está habituado a sentil-o. Quem, porem, está habituado a elle nada soffre e a prova temol-a em uma das nossas photographias em que vemos um homem em mangas de camisa, com um bloco de neve na cabeça. Vêm-se tambem senhoras e creanças, com a roupa commum, enterradas na neve e com ella brincando.

O municipio de Caxias é um dos menores do Rio Grande do Sul. Não tem 1000 kilometros quadrados. Entretanto é um dos mais populosos devendo ter cerca de 50.000 h., a maior parte de raça italiana, e originarios da Lombardia e Venecia. Esses calculos são approximativos, pois é sabido que no Brazil ainda estamos por conhecer a superficie e população de qualquer estado, camara ou municipio e do proprio paiz!

Não será para extranhar que a população seja maior do que se pensa, attendendo á reconhecida fecundidade da raça italiana. O autor d'estas linhas ja esteve morando algum tempo em Caxias e notou que entre os seus fornecedores, o vendeiro tinha 11 filhos, o padeiro 16 e o verdureiro 19, sendo que as respectivas mães estavam todas em condições de proporcionar novos herdeiros a seus maridos.

A mortalidade é insignificante comparada á natalidade, e se alguma epidemia por la tem apparecido é levada pela gente das cidades populosas que para essa região foge mas ja contaminada pela molestia.

Caxias não tem tido o desenvolvimento que era de esperar devido unicamente ás difficuldades de transporte. As comunicações com a capital do Estado se fazem por meio de uma estrada de rodagem de 10 leguas justas, da villa até o porto do Cahy e deste lugar até a

capital pelo sinuoso rio Cahy, em vapores que levam de 8 a 10 horas de viagem, quando as aguas permittem. A estrada de rodagem, pelo accidentado do terreno, é penosa, bastando dizer-se que custa 800 rs. o frete de 15 kilos, de carga no referido percurso de 10 leguas.

Dentro de 2 annos, porém, estará concluida a estrada de ferro, actualmente em construcção que ligará a região colonial com a cidade de Porto Alegre, iniciando uma nova era de prosperidade para esse rico torrão da nossa patria, ainda tão pouco conhecido.

A vinha, o milho, o trigo, e as fructas em geral constituem a maior cultura de Caxias, assim como dos outros municipios visinhos, da mesmo origem. Infelizmente a carestia do transporte só permitte a exportação de artigos, que, como o vinho, supportam frete alto.

Da facilidade de transporte depende, portanto, o futuro de Caxias.

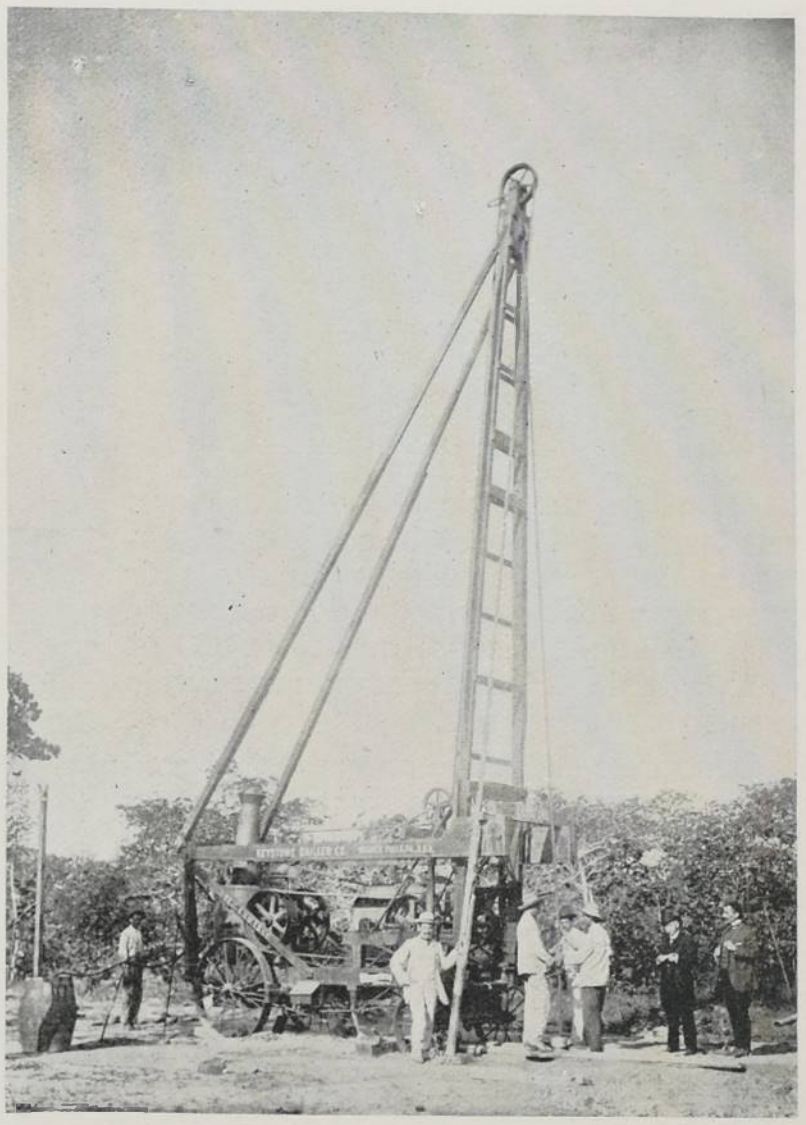
Quanto às bellezas naturaes, como riograndense que é, o autor d'estas linhas seria suspeito em descrevel-as. Limita-se portanto, a transcrever unicamente o que espendeu o sabio naturalista sueco Dr. Líndman, a pg. 7 da sua importantissima obra

A vegetação no Rio Grande do Sul—: A mattaria alta e luxuriante, os paredões de rocha imponentes, os ribeirões encachoeirados e as altas quedas d'agua fazem deste territorio colonial um dos mais bellos logares do mundo, ora romanticamente selvagem e grandioso, ora encantador e ridente: os seus attractivos são ainda augmentados pelo clima ameno e pelo ar puro, vivificante e caricioso.»

Porto Alegre, 18 de Agosto de 1907.

J. Henrique Aydos.

Poços Tubullares



Em nossa edicção de maio do corrente anno publicámos uma photographia do Açude de Quixadà, terminado nos ultimos mezes do anno findo.

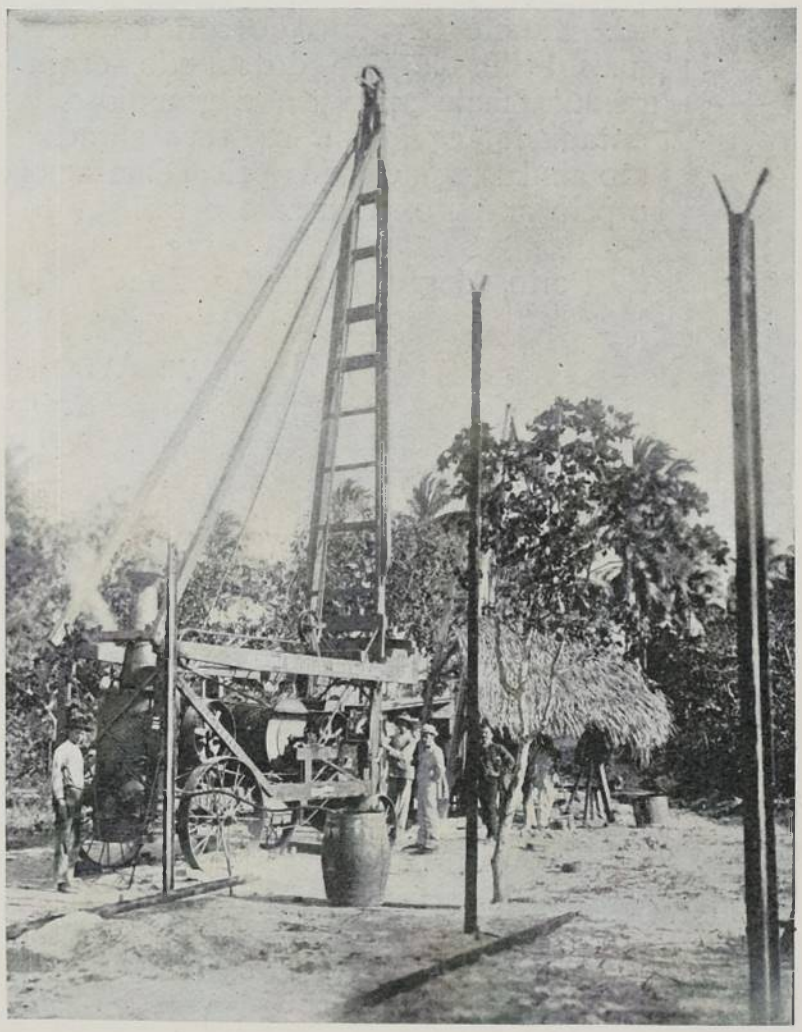
Hoje publicamos photographias de serviços de outra ordem, tendentes, como aquelle, a debellar os effeitos da secca, no Estado do Cearà.

E' conhecido o empenho do governo federal na organisação dos elementos de resistencia, nos Estados semi-aridos do norte, para poderem elles supportar as calamidades que frequentemente os flogellam.

Ha muitos annos passados, todas as vistas se voltaram, no Cearà para a construcção de estradas de ferro: d'ahi a estrada do Baturité, que vae de Fortaleza a Senador Pompeu e a de Sobral, que começa no porto de Camocim e està, actualmente, na cidade do Ipú.

Depois, vieram os açudes, dos quaes o governo construiu ja dous grandes,—o do Quixadà e o do Acarahumirim e dezenas de outros pequenos, alguns hoje esboroados.

Ao lado desses serviços, tem-se pensado, recentemente, em outros, que podem



concorrer para a solução do mesmo problema: — as barragens submersas e o estudo das bacias hydrologicas.

As photographias que publicamos agora, representam os apparelhos de sondagem, que estão funccionando nos arredores da cidade de Fortaleza, no bairro do Bemfica, para a procura das aguas do sub-sòlo.

Toda a população da Fortaleza se serve dessas aguas; e não ha casa, naquella capital, que não tenha uma cacimba ou um poço profundo, havendo ja alli para mais de uma centena de cataventos, para elevar a agua dos poços aos reservatorios domesticos.

Uma das commissões federaes encarregadas de estudar, naquella zona, o problema da secca està procedendo a sondagens, que permittam conhecer o sub-sólo de Fortaleza, afim de poder-se planejar o seu abastecimento d'agua, fazendo-a vir dos lençoes subterraneos à superficie.

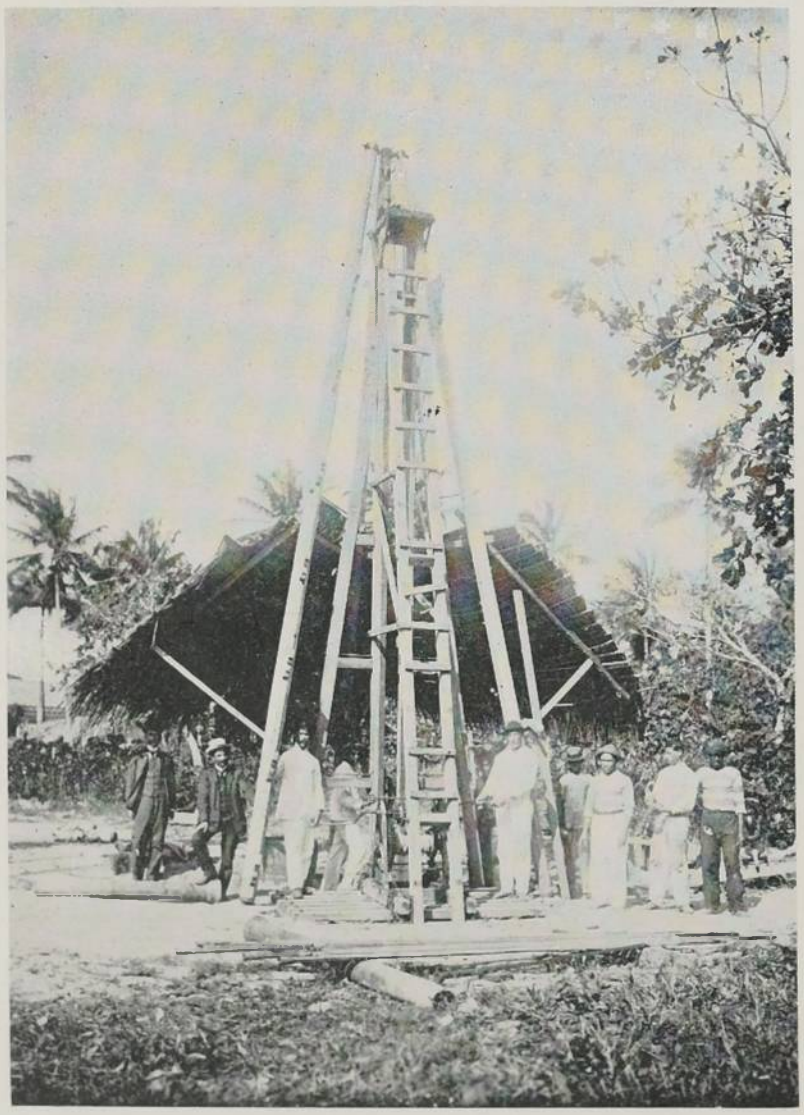
Essas sondagens estão, por emquanto, circumscriptas ao bairro de Bemfica, que é o que está em maior altitude e dista cerca de tres kilometros do littoral.

Uma das sondagens, feita por meio de hastes rigidas e manobrada á mão,

tem já perto de 60 metros de profundidade e é revestida por tubos de aço de 4 pollegadas de diametro.

Outra, aberta por uma excellente perfuradora *Keystone*, a vapor, já alcança perto de 50 metros de profundidade e é revestida por tubos de 6 pollegadas de diametro. Esta foi iniciada ha pouco mais de um mez e prosegue com grande rapidez.

Em ambas, a natureza geologica do terreno é a mesma: — camadas de argilla, mais ou menos silicosa, proveniente da decomposição das rochas circumvizinhas, intercaladas de camadas de areia grossa e de saibros, onde ja appareceram quatro lençóes de agua differentes. Destes, apenas um, encontrado a cerca de 30 metros de profundidade, poderà ser convenientemente approveitado. Os outros são,— ou delgados ou carregados de saes, que tornam a agua pouco potavel.



Em nenhuma dessas sondagens encontrou-se a rocha consistente; e, quando ella apparecer, possue a Commissão sondas a diamante, proprias para perfural-a, do mesmo modo que as outras camadas encontradas até agora.

As photographias que publicamos mostram o aspecto das duas sondagens, visto de pontos differentes.

O sitio onde esses trabalhos estão sendo feitos é ensombrado por grandes cajueiros e mangueiras, além de coqueiros, de cujas folhas se faz uma cobertura para proteger os trabalhadores dos ardores do sól, em certas horas do dia.

O MONUMENTO A D. JOÃO VI

ENTRE os reivindicadores das glorias do primeiro rei do Brazil, que hoje em dia augmentam, não sei devido a que ternura de sentimentos de revelação tardia, alistou-se agora um representante da Nação, o joven deputado paulista dr. Eloy de Miranda Chaves, propondo ao Congresso destinasse a quantia de quinhentos contos de reis para a erecção em uma das praças d'esta Capital de um monumento, destinado a attestar ás gerações por vir a fama de nossa gratidão para com a memoria do caricatural monarcha, tão maltratado pela adamantina penna de Oliveira Martins, em premio dos serviços ao Brazil prestados por quem mais que nenhum outro contribuiu para a nossa independencia, instituindo no Brazil, que os acasos da guerra o fizeram buscar como um refugio suggerido por sua experteza *saloia* afim de burlar os planos de Bonaparte, uma era de avançamento, de progresso que o devia levar ao Sete de Setembro, — quando dos labios do principe D. Pedro cahiram as palavras — Independencia ou morte — quiçá com a mesma expressão com que dos de Cesar haviam cahido estas outras: *Alea jacta est!*

Louvavel empenho por sem duvida! Bemdita obra de reparação! Mas é necessario dizer bem alto que os juizos da Historia jamais se subordinam ás conveniencias da politica nem aos deveres da cortezia, animem-n'os embora os mais vivos sentimentos de patriotismo.

A concepção historica de encarnar em uns tantos vultos que emergem da grande onda anonyma e obscura de trabalhadores, pelas circumstancias as mais das vezes de um simples acaso de nascimento, todos os factos, todos os acontecimentos de uma epoca, de um periodo, já está algo desmoralisada, principalmente nas democracias. Trata-se hoje é de reivindicar para a massa popular as glorias que mentirosamente de louro ennastram as frontes desses vultos, cujas imperfeições a distancia esconde, fazendo-nos contemplal-os como os monumentos egypcios, perdidos na vastidão intermina das areias, de uma singular perfeição, de uma extranha harmonia de contornos.

E' a distancia que forma as lendas historicas como essa que agora nos tentam impingir dos serviços de D. João VI — o rei mais pusilanime, mais grotesco, mais carregado de defeitos, a figura mais chata e apagada, mesquinha de quantas têm até hoje occupado um throno em todo o mundo — pobre diabo cujas desgraças domesticas si provocam o riso compassivo, a sua poltroneria e goloseima nauseiam, a sua avareza desgosta, o seu physico ingrato repugna, a sua ingratidão indigna, a sua refalsada hypocrisia enoja, o seu egoismo sem igual conturba e entristece.

Severamente julgado pelos contemporaneos, mostrado pelos historiadores portuguezes sem sombra de parcialidade um soberano nullo, irresoluto, acovardado sempre, que levou toda a sua vida a fugir, ora dos francezes para o Brazil, aqui dos liberaes para Portugal, lá das conspirações de sua propria familia, humilhado por seus servidores, por seus ministros, pelas Côrtes; soberano que de uma mulher recebia lições de energia e de altivez, sem que na physionomia sorna e apathica os sentimentos se lhe estampassem: victima de soffrimentos physiologicos constantes, causados por essa degradação moral do temor a tudo e a todos, que nova feição lhe descobriram agora esses que o endeosam atravez de não sei que extranhas concepções que visam destruir as taras chumbadas á sua memoria imperecivelmente, atravez das paginas da Historia, escripta sem preoccupações de qualquer natureza, antes em obedi-

encia as prescripções das doutrinas mais seguras

Caber-nos-á então, a nós brasileiros, os descendentes dos sonhadores de Minas e de Pernambuco, reduzidos no seu governo ao silencio dos tumulos, afogadas em sangue as aspirações libertarias, levantar a lousa em que apodrece o seu gordo corpanzil cevado a frangos assados, fazendo-o resurgir transformado, metamorphoseado em um typo ideal de novo Messias que veio propositalmente despertar-nos da immensa lethargia em que mergulhava o Brazil do Amazonas ao Prata, apparelhando-nos para a obra da independencia graças ao mecanismo administrativo aqui instituido?

Uma consideração apenas. Com a vinda da Côrte para o Brazil, ficando Portugal depois de desoccupado pelo invasor, simples dependencia administrativa de sua colonia, tanto assim, que esta logo se eleva a categoria de reino, com a permanencia da corôa em terras brasileiras, permanencia que maior seria se não fossem as agitações liberaes, se não fosse mais o desencadear de ambições do proprio herdeiro do throno, como seria possivel deixar de se instituir no Brazil todo o complicado apparelho administrativo que logo foi montado?

A *Gazeta do Rio de Janeiro* substituiu a *Gazeta de Lisboa* — e eis ahi a creação da imprensa; a Bibliotheca Nacional era a Bibliotheca Real, *comprada* pelo nosso imperio com os demais bens da corôa por dous milhões esterlinos; o Museu canalisou para o Rio o que dantes todos os governadores e Capitães generaes enviavam para a corte desde tempos remotos.

A abertura dos Portos? Já Oliveira Martins a affirmou victoria da habilidade diplomatica commercial da Inglaterra, e tanto assim que o seu complemento foi em 1811 a reducção de tarifas para todos os productos inglezes que dominavam sem concurrencia os mercados do Brazil

A elevação do Brazil a reino? Consequencia imperiosa, fatal da permanencia da Côrte,

Mas si apezar de tudo se affirmar que é tudo consequencia da vinda da Corte para aqui, então bemdigamos a memoria de Junot e de suas aguerridas phalanges, e ergamos monumentos a Bonaparte que riscou Portugal da carta da Europa apeando os dynastas do throno bragantino! O pobre rei bolonio, coitado, não mereçe.

"ni cet excés d'honneur, ni cette indignité"

Para elle cifrava-se a vida em ouvir missas, escutar musica de camera, comer ao almoço tres frangos, outros tres ao jantar e mais tres á ceia, coçar o corpanzil que a sarna afogueava á falta de hygiene; dormir a sésta, cantar no coro de sua capella em companhia dos *castrati* trazidos de Lisboa; ouvir as informações que lhe traziam os seus servidores que elle excitava uns contra os outros de modo a ser sempre sabedor das intrigas cortezãs.

Cerebro tacanho, espirito mesquinho, não lhe coube a iniciativa de um só melhoramento nosso. Engano! Um houve. esse de sua provada iniciativa. A determinação de todos os navios que tocassem o porto da Bahia para consumo regio transportarem as magnificas laranjas que tão abundantes são naquella região do norte.

Porque então um monumento?

*
* *

Era em 1803.

D. Eugenia José de Menezes, filha de D. Rodrigo de Menezes, mais tarde conde de Cavalleiros, nascida na capitania de Minas Geraes de que seu pae fôra governador e capitão general, em 1781, entrara para o Paço como dama de honor da infanta de Hespanha d. Maria Francisca, em 1800.

Era um typo formosissimo de mulher, enlevo de sua familia, das mais nobres do Reino.

D. João, já então convencido da infidelidade da esposa, cujos amores adulteros na Quinta do Ramalhão eram commentados picarescamente pela creadagem real e pela gentalha avida de escandalos, sentiu-se atrahido pela linda donzella em cujas veias corria o sangue dos Marialvas.

Não resistiu por muito tempo a incauta moça aos ardores do principe. Servia-lhe de medianeiro o seu afilhado o celebre Pe. João. Conta-se, que em companhia d'esse padre entrava para os aposentos de d. Eugenia o medico do Paço João Francisco de Oliveira. Depois sahiam os dous vultos outra vez, occultos pela propicias sombras dos corredores e dirigiam-se para os aposentos do Principe Regente. Mas é que nos aposentos de d. Eugenia ficava o Pe. João emquanto ella, em companhia do medico, e occulta sob o vestuario ecclesiastico ia receber as caricias regias. Isso foi até Maio de 1803. Sentiu então a dama de honor a gravidade de sua falta, por se conhecer prestes a dar á luz o fructo dos amores de D. João VI.

E este atemorisado com o escandalo, appellou afflictamente para a amizade do dr. João Francisco a quem fizera muitos favores e que gratamente se prestou a auxiliar o monarcha.

A 27 de Maio, desappareceu d. Eugenia da casa de seu irmão para onde se tinha retirado licenciada, a pretexto de molestia. Na mesma noite sumiu-se o medico do Paço.

No dia seguinte commentava-se por toda a parte o escandaloso rapto praticado por João Francisco na pessoa da fidalga.

Chegou a autoridade a saber que haviam

embarcado em um cahique com destino a Cadix.

João Francisco de Oliveira era casado e tinha filhos. Ao sahir de Lisboa escreveu á mulher a seguinte carta, de que existe copia authentica em nossa Bibliotheca Nacional:

« inha querida Consorte: não he por falta de amiz.e q.e parto sem ti: obriga-me a honra a sacrificar-me e a sahir sem perda de tempo. A ma. Patria a m. herança, os meus parentes e os teus vivem na Madeira: parte sem perda de tempo a viver com elles; lá te mandarei noticias minhas, logo q.e me seja possivel: leva comtigo os meus filhos q.e reunirei a mim logo

q.e possa. Se o Principe N. S. dando ouvidos á sua Real Bondade se dignar conservar-me q.e me deo por serv.os que fiz e dos que tenha já feitos, tem com q.e passem, aliás, viverão como viverião se eu lhes faltasse antes de vir ao Reino. Peço-te e encommendo-te m.to q. não incommodes o Throno com supplicas. Não quero q.e por meu respeito sejas desattendida: reduz tudo o q.e puderes e não quizeres a dinheiro; e parte. Nada devo á Real Fazenda mais do qe. 300$, e que ainda não satisfiz, resto dos mil cruzados qe, levei p.a Abrantes e q.e me cahirão da garupa na bolça de coiro, em q . os levava, e a esse respeito escrevo ao Correa. Paguei já mais de 800$: nada devo na rua Augusta, nem aos creados até ao fim deste mez que ficam pagos. Não escrevo a meu pae, mas hei de fazel-o de parte segura, se la chegar. Cuida na tua vida q.e agora mais q.e tudo me interessa; assim a dos meus f.os em que cuidarás como Mai e como unico apoyo, q.e por agora lhes resta. Nada te digo porq. tudo saberás; mas o que não quero q. ignores é que te estimo m.to e q.e respeitarei sempre a tua virtude, e q.e em tempo algum me esquecerei de ti seja qual fôr o lugar do mundo em q.e eu residir.

Recommenda-me ao Bento, e m.to estimo não estivesse agora na cid.e por não ser tocada do conhecimto. da m.a retirada. Torno a recommendar-te cuides m.to na tua saúde, confia-a a pessoa habil, e acredita que te ama m.to o teu

João Francisco

Lx.a 27 Maio. 7 horas da tarde.

O sacrificio do Dr. João Francisco a ninguem illudiu. D. Carlota Joaquina que bem conhecia o marido, dizia alto e bom som:

« Dos tres Joões um foi, que todos tres lá andavam. O principe, o medico ou o padre.»

Entretanto, querendo varrer de si todas as suspeitas, o hypocrita e refalsado monarcha baixou o seguinte Alvará, que é o mais flagrante attestado de suas excellentes qualidades:

«Eu o Principe Regente Faço saber aos que este Alvará virem: que tendo-se verificado na minha Real Presença, que D. Eugenia José de Menezes, dama da princeza, minha sobre todas muito amada e prezada mulher, esquecida inteiramente da honra e decencia do Paço, de si mesma e d'aquelles de quem vem, se precipitara no crime torpe e abjecto de fugir com hum medico; offendendo assim o respeito e decoro do mesmo paço, e injuriando a familia e casa em que nasceu, com tanta infamia propria como escandalo geral: E sendo indispensavel não só zelar o respeito devido á casa real e a honestidade e louvavel procedimento da familia della, especialmente d'aquellas criadas, que pela sua qualidade e representação devem servir de exemplo na pureza dos costumes e gravidade de todas as suas acções; mas tambem conservar illesas a memoria e nobreza de familias illustres que não podem ser representadas por pessoas indignas; as quaes envilecendo por factos torpes, abjectos e escandalosos a distincção com que nasceram se desherdam por elles da grande representação dos seus maiores, e das prerogativas e privilegios que os mesmos lhes transmittiram por virtudes assignaladas, feitos heroicos e sacrificios gloriosos: sou servido mandar que a dita D. Eugenia seja riscada do titulo de dama, privada de todas as mercês e honras, e excluida da successão dos bens da coroa e ordens a que tenha ou possa ter

algum direito: e outrosim ordeno que seja degradada da familia e casa em que nasceu, e de que ficará extranha por si e seus descendentes, se os tiver para todos os actos de feito e de direito, sem poder succeder em herança, *ab intestato*, nem em vinculos e prazos familiares, como se houvesse nascido da infima plebe, extinctos todos os direitos de sangue.

Pelo que mando á meza do Dezembargo do Paço, que, sendo-lhe apresentado este Alvará, depois de passar pela chancellaria, o faça cumprir e executar com as ordens necessarias, sem embargo de quaesquer leis, instituições, investiduras, e mais disposições em contrario, que todas hei por derogadas para este effeito sómente, como se dellas fizesse especial menção, não obstante a ordenação que dispõe o contrario, pois assim é minha vontade, e o determino definitivamente de meu motu proprio, certa sciencia, poder pleno e supremo, para que mais não possa vir em duvida em juizo ou fora delle. E o mesmo observará o meu Mordomo-mór pela parte que lhe toca. Dado no palacio de Queluz em 2 de Junho de 1803.

Com a assignatura do Principe Regente e a do Ministro. (*)»

A perseguição feita aos fugitivos deu em resultado a prisão de D. Eugenia de Menezes, na cidade de Cadix. O medico João Francisco não foi encontrado em sua companhia, o que evidencia ser imaginaria a sua culpabilidade no delicto.

Recolheu-se D. Eugenia ao Convento das Monjas de Cister em Tavira e ahi teve uma filha que recebeu o nome de Eugenia Maria de Menezes.

Quanto ao medico, embarcára para a Inglaterra de onde se passou os Estados Unidos.

Em sua ausencia, continuou o processo que deu em resultado a sua condemnação, conforme se verifica do seguinte documento:

«Accordam em relação etc. Que vistos estes autos, que na conformidade do decreto do mesmo senhor com parecer do seu regedor, se fizeram summarios no acccordam fl... ao reu João Francisco de Oliveira que foi physico mór dos exercitos, e medico da real Camara do mesmo senhor pelo torpissimo e abominavel attentado com que prevaricou no exercicio do seu emprego, abusando da faculdade e entrada que por elle se lhe permittia na pousada de D. Eugenia José de Menezes, dama do Paço, alliciando-a até ao ponto de a raptar ausentando-se com ella fugitivo pelo que se procedeu á devassa e mais averiguações appensas de que o sobredito reu sendo citado por editos a ff... e sendo-lhe nomeado curador no dito accordam ff.., se não exonera, reconhecendo o mesmo curador a enormidade do seu delicto na allegação ff... que fez por parte do mesmo reu, recorrendo somente á equidade que possa abrandar o rigor da lei.

E como pelos autos se mostra que o sobredito réo João Francisco de Oliveira, prevalecendo-se da entrada no real Paço que lhe conferia o officio de medico da real Camara, temeraria e aleivosamente abusou della, para se introduzir na frequente assistencia que tratava na pousada da dama do mesmo Paço D. Eugenia José de Menezes, alliciando-a até ao ponto de a raptar da casa de seu irmão, para onde sahiu licenciada com o pretexto de molestias, e donde o mesmo na noite de 27 de Maio de 1803, a levou para as praias proximas ao lugar de Cachias, onde tinha preparada e prompta a embarcação em que com ella se transportou fugitivo, de sorte que sendo ella achada em Cadiz, não houve noticia delle, nem consta de parte certa onde possa ser achado; pelo que foi citado por editos ffs...

O que tudo é constante não só da devassa appensa mas até é facto de notoriedade publica, sem duvida em contrario, e por isso e como tal reconhecido na sentença appensa de degradação na ordem militar de N. S. Jesus Christo, proferida na mesa competente em execução do real decreto inserto no appenso ultimo, no qual foi o mesmo réo relaxado á justiça secular; e é de egual notoriedade a grande differença que ha de linhagem e qualidade da dama raptada á do reo levador, circumstancias que a lei manda observar para a comminação das penas, e que tem estabelecido que estes delictos, além da aleivosia, com que foram commettidos, quer se attenda á frequencia do réo no Paço, quer na casa do irmão da dama raptada; portanto e mais dos autos condemnão ao sobredito réo João Franclsco de Oliveira a que com baraço e pregão seja levado até ao lugar da forca onde morrerá morte natural para sempre; e visto estar ausente o hão por banido e mandam ás justiças do dito senhor que appellidem contra elle toda a terra para ser preso ou para que cada um do povo o possa matar não sendo seu inimigo; e na confiscação e perdimento de seus bens para o fisco e camara real e nas custas.

Lisboa, 12 de Junho de 1804.

Pereira de Barros
Saraiva d'Amaral
Rocha
Correa
Sacadura
Costa
Dr. Fonseca
Sampaio

(*) Coll. da Legislação Portugueza pelo Desembargador Antonio Delgado da Silva.

D. Eugenia José de Menezes viveu com sua filha no convento de Tavira de 1803 a 1814, entregue unicamente ás occupações religiosas, como que a espiar a sua culpada fraqueza para com D. João VI.

Desligada de sua familia pelo Alvará Regio, privada das honras de sua linhagem, destituida de todos os seus bens, era sustentada no convento por uma pensão que mesmo do Brazil lhe remettia o monarcha.

Era seu confessor, director espiritual um santo varão Fr. Thomé de Castello de Vide que misericordiosamente amparava aquelle attribulado espirito, dirigindo-o para as cousas do outro mundo, fazendo-o esquecer as miserias deste.

Em 1814 sendo esse frade removido para o Convento de S. Bernardo de Portalegre, dirigiu dona Eugenia uma petição á Corte, solici tando a sua passagem para o mesmo mosteiro, obtendo-a conforme se vê do documento seguinte:

Religiosissima M. D. Abbadessa.

Remetto a V. S. o aviso que acabo de receber, expedido do Rio de Janeiro, em que Sua Alteza determina, que a Exma. D. Eugenia José de Menezes, recolhida no nosso Mosteiro de Tavira, passe para esse, em que se lhe apromptarà accommodação decente á sua pessoa e familia.

Portanto deverá V. S. de accordo com o P.e Reitor fazer apromptar com a brevidade possivel, algumas casas que forem mais capazes para habitar uma tal personagem, acceiando-as e reparando-as do que precisarem como V. S. pode inferir do mesmo aviso e de instrucções que particularmente me são dadas.

Todo o obsequio e attenção com que V. S. e a sua communidade tratar a dita fidalga, eu o reputarei como feito á minha pessoa e ao logar que represento; e me persuado que V. S. saberá que ella é filha (*) do Marquez de Marialva e irmã da duqueza de Lafões.

Ds. g.de a V. S. muitos annos. Alcobaça 7 de Setembro de 1814. Sou de V. S. muito attento venerador e obrigado.

Fr. Verissimo Barreto

Nesse novo convento viveram D. Eugenia e a filha até 1818, anno em que falleceu a primeira.

Expirou serenamente após uma molestia de dias; a unica palavra que proferiu ao exhalar o derradeiro alento foi: Misericordia!

Misera! Victima da lubricidade e da villania de um truão coroado, talvez a sua derradeira exclamação fosse ainda um pedido de perdão para elle! No Rio de Janeiro, D. João collocava sobre a cabeça a corôa dos tres reinos por entre as festas pomposas que saudavam o seu advento ao throno.

D. Eugenia Maria de Menezes, depois da morte de sua mãe conservou-se ainda no convento até 1826, quando se retirou para Lisboa casando-se com o consul geral da Inglaterra Guilherme Smith.

Emquanto esteve no Convento D. João continuou a dar-lhe a mesma pensão; o documento junto o evidencia:

«Nós abaixo assignadas, religiosas do Mosteiro de S. Bernardo da cidade de Portalegre.

Attestamos que a illustrissima e excellentissima senhora Dona Eugenia Maria de Menezes Smith, e sua excellentissima mãe, a senhora Dona Eugenia José de Menezes, estiveram recolhidas neste mosteiro, recebendo aquella por

morte de sua excellentissima mãe, e esta emquanto viveu, uma pensão annual, a qual nos constava lhes era dada por ordem de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom João Sexto de saudosa memoria.

E por ser verdade o que affirmamos, passamos o presente que assignamos.

Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, vinte e sete de Junho de 1848.

(Seguem-se as assignaturas e o reconhecimento.)

Em 1849, requereu fosse revogado o Alvará que infamára a memoria de sua mãe; obteve-o pelo acto seguinte:

«Tendo em attenção ao que me foi representado por parte de D. Eugenia Maria de Menezes que pretende a revogação do Alvará

(*) Era neta

de 2 de Junho de 1803 para que depois de rehabilitada a memoria de sua mãe D. Eugenia José de Menezes, seja ella reintegrada nas honras e direitos de familia, de que pelo citado alvará fôra exautorada e possam as mesmas honras e direitos ser transmittidos á supplicante e sua descendencia:

Considerando que o Alvará de 2 de Junho de 1803 impoz á mãe da supplicante uma pena de natureza grave e extraordinaria, sem que a condemnada fosse previamente ouvida e convencida dos factos que se lhe arguiram;

Considerando que o referido Alvará fez applicação de uma pena nova, e singularmente creada para um acto anterior a ella, contra os principios de justiça universal, e sem que nem ainda se mandasse observar no futuro aquella providencia como regra geral;

Querendo eu por estas razões, outorgar a possivel reparação, depois de ouvir o Conselho de Estados e o Conselho de Ministros, em vista das respostas fiscaes:

Hei por bem revogar o mencionado Alvará de 2 de junho de 1803, para os effeitos que, segundo as leis destes reinos, forem devidos.

Os ministros e secretarios de Estado de todas as repartições assim o tenham entendido, e façam executar.

Paço das Necessidades, em 8 de Setembro de 1849. — *Rainha* — *Conde de Thomar* — *Felix Pereira de Magalhães* — *Conde de Tojal* — *Antonio José d'Avila* — *Visconde de Castellões* — *Adriano Mauricio Guilherme Ferreri.*

João Francisco de Oliveira, dos Estados Unidos passou-se para o Rio de Janeiro, apezar da condemnação que sobre elle pesava. Foi magnificamente recebido pelo rei e voltando a Portugal a unir-se á sua familia, em 1821 o vemos deputado ás Cortes pela ilha da Madeira, conselheiro e secretario de Estado.

Tal é a unica aventura amorosa que se conhece de D. João VI.

Do seu procedimento tirem os seus glorificadores as conclusões e para um dos baixos relevos que forçosamente ha de ter seu monumento pode ser reservada uma das scenas desses amores que tão alto elevam as qualidades desse glorioso e magnanimo monarcha, cujos dotes de coração tão alto se collocam.

*
* *

A vida de D. João VI no Rio de Janeiro onde foi recebido de braços abertos por uma população cujas virtudes hospitaleiras até hoje tem resistido a todas as correntes cosmopolitas que a vem transformando, temol-a excellentemente descripta em memoria anonyma que guarda a preciosa secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Sem pretenções litterarias, descurada ortographia, é entretanto evidente pelas minucias que contem, ter sido feita por pessoa que privou das intimidades do regio paço, e aliás se revela affeiçoada ao monarcha cujos defeitos busca sempre justificar desde que assumiu as redeas do governo pela loucura da Raínha Dona Maria 1ª, facto que Oliveira Martins assim aprecia:

«D. Maria endoideceu de todo; e na scena portugueza levantou-se a expessa figura do principe regente, com o seu olhar vago, na immovel contemplação da regia ociosidade; bocejando em permanencia, a assistir com as mãos nos bolsos, indifferente e passivo. ao definitivo desabar ruidoso do carcomido edificio da Nação.»

Calcula-se que a comitiva real se compunha de 30.000 pessoas. Vinha a flor da nobreza e da magistratura. E para que toda essa parasitagem tivesse accommodações na altura de seus habitos de luxo na peninsula, foram despejados os habitantes do Rio de Janeiro de suas moradias. A lei das aposentadorias, fonte de innenarraveis abusos, dos maiores vexames, das mais inqualificaveis violencias como sò se commettem nos paizes conquistados, á barbara lei da força, durou até que Sua Magestade por occasião de sua coroação, em regosijo, hovesse por bem revogal-a.

E entretanto, foi esse povo assim expoliado de seus mais caros bens, que aguardara a realeza entre surpreso da novidade e alegre, de braços abertos e confiantes, doando palacios ao rei para seus prazeres (*) que cansado das violencias, em legitimo desforço das humilhações soffridas cada dia, soube evocar em despique a musa satyrica para vergastar os erros e vicios que descobria no Paço e nas casas dos fidalgos que tão desprezadoramente o tratavam.

Era assim que a poesia anonyma, escapa aos esbirros de Paulo Fernandes Vianna, ou ás justiças do desembargador Mosqueira, corria as praças e ruas, viellas e betesgas da cidade, penetrava nos salões, explodindo em gargalhadas truanescas aos ridiculos da gente altamente collocada, postos a nú os pequenos escandalos que a brejeirice das açafatas ia descobrir nas luxuosas alcovas da Corte, commentados os defeitos dos principaes que desprezavam insolentemente a gentalha mestiça dos naturaes do paiz.

Do principe se contava a avareza com que arrecadava os brilhantes vindos para o Erario pesando-os e embrulhando-os cautelosamente; depositava-os em gavetas expressamente para

(*) Elias Antonio Lopes a Quinta da Boa Vista; Tte. Corel. José Luiz de Gouveia a Quinta do Cajú; Thomaz Soares o Palacete da Praia Grande, etc.

isso feitas (*) que abria á noute, deleitando-se em fazer cascatear á luz das lampadas, as brilhantes pedrinhas das minas brasileiras.

Ria-se á socapa o capadocio do terror do principe que ao roncar o trovão nos dias tempestuosos de canicula, fechava-se em um quarto, e embrulhado em cobertas de seda da India, com um cirio acceso, de joelhos, em companhia do Visconde de Magé e do Conde de Paraty invocando Santa Barbara, S. Jeronymo, Santo Christo e todos os mais santos advogados contra phenomenos meteorologicos, só deixando esse aposento quando acalmada a trovoada, o seu abatido organismo se reanimava.

A sua voracidade espantosa, que chegava a consumir nas tres refeições diariamente feitas nove frangos assados, tres em cada uma, alem dos mais pratos, causava espanto. E tal foi o consumo de gallinaceos durante a sua estadia no Brasil, que em 1819, os commerciantes do Rio de Janeiro representavam ao throno contra o Despenseiro Real que graças ao seu privilegio, não deixava em todo o reconcavo uma só gallinha com que os particulares pudessem fazer um caldo para os enfermos. (*)

A sua falta de hygiene corporal, a immundicie de seus trajes remendados á noite pelo velho alfaiate do Paço Thomaz Carneiro quando o rei repousava, até a irreverencia do carrapato que em Santa Cruz agarrou-se ás regias canellas produzindo formidavel inflammação que quasi provoca a amputação da perna do principe, tudo era motivo de inspiração à troça popular.

Passado o enthusiasmo dos primeiros dias, quando a gente do Brasil poude be comprehender o que havia de vergonhoso na precipitada fuga de toda aquella gente em demanda do Brasil, acossada pelos soldados de Junot, cahiu o prestigio da realeza a que só a distancia emprestava grandeza, começaram as rusgas entre os filhos do Rio de Janeiro e os do Reino, accentuando-se funda divergencia que mais e mais se aggravando na epoca da independencia e mais tarde mesmo no periodo regencial explodia em sangrentas lutas que enlutavam o paiz inteiro.

E mais que nenhum outro foram principal motor dessa divergencia os soffrimentos do povo com os vexames da parasitagem regia, e o desdem que ella mostrava acintosamente aos filhos do paiz.

A rainha D. Carlota que aborrecia o Brasil era chasqueada por seus adulteros amores attribuindo-se-lhe até a autoria do assassinato de D. Gertrudes Pedra (*) por ciumes do seu marido.

Essa senhora dizia entre alegres exclamações quando de volta a Lisboa que em lá chegando certamente ficaria cega pois tantos annos vivera no Brasil na escuridão, entre negros e mulatos.

A prova do pouco amor do povo á realeza está no facto incontestado de quando se deu o embarque e ao saber o populacho que D. João VI mandára para bordo os cofres do Erario e o excesso das alfaias das Igrejas, enviou logo uma deputação ao commandante da Fortaleza de Santa Cruz chefiada pelo general Curado, intimando-o a não deixar sahir o navio sem que primeiro descarregasse as riquezas que transportava.

E aos magotes berravam pelas ruas os populares:

Olho vivo e pé ligeiro
Vamos a náu buscar dinheiro!

Ha um trecho curioso na citada memoria que vale a pena transcrever; diz o autor anonymo referindo-se a D. João VI: "se elle detestava os republicanos fazia o mesmo que fazem todos os coroados; não queria saber de constituições, dizia que soberanos constitucionaes herão reis de baralhos de cartas; quando Fernando VII acceitou a constituição *(hespanhola)* elle disse: está meu cunhado rei de copas..."

E foi entretanto esse mesmo principe quem, jurada entre espasmos de terror a Constituição de Portugal, e recebendo em face a lição que lhe deu a rainha sua mulher ao menos corajosa na repulsa ao que ella julgava uma humilhação para a realeza, desterrou-a para fora do Reino, em castigo desse crime, mostrando o fervoroso zelo pela carta que o tinham obrigado a outorgar ao seu povo!

Descrevendo o embarque da Familia Real

(*) Don João VI, ao morrer, só em joias deixou 22 milhões de cruzados.

(*) Representação dos commerciantes do Rio de Janeiro – Doc. authentico existente na Bibliotheca Nacional – Setembro ou Outubro de 1809. Aviso de 9 de Novembro de 1809.

(*) D. Gertrudes Pedra era esposa de Fernando Carneiro Leão, tido como amante da Rainha.

Entretinha elle tambem relações intimas com uma viuva por nome Penna.

Em 1817 quando de volta da procissão das Dores D. Gertrudes se recolhia á sua casa no Cattete o mulato Joaquim Ignacio da Costa – Orelha – desfechou-lhe um tiro no peito de que ella veiu a fallecer. Instaurou-se um processo sobre o crime, mas não se sabe o que descobriram os magistrados; o certo é que por ordem superior foi posta uma pedra sobre os autos.

Appareceu então uma cantiga que terminava com o estribilho:

A Penna feriu a Pedra
E sobre a Pedra, pedra!

Joaquim Orelha desappareceu, só voltando ao Rio depois da independencia como capanga de José Bonifacio.

para o Brasil, diz o eminente historiador portuguez Oliveira Martins:

«Tres seculos antes Portugal embarcára cheio de esperanças e cubiça para a India; em 1807 (Nov. 29) embarcava um prestito funebre para o Brasil.

A onda da invasão varria deante de si o enxame de parasitas immundos, desembargadores e repentistas, peraltas e secias, frades e freiras, monsenhores e castrados. Tudo isso a monte, embarcava ao romper do dia, no caes de Belem.

Parecia o levantar de uma feira, e a mobilia de uma suja barraca de saltimbancos fallidos, porque o Principe Regente para abarrotar os bolsos das louras peças de ouro, seu enlevo, ficára a dever a todos os credores, deixava a tropa, os empregados, os criados por pagar.

Muita gente por indolencia recusava ir; outros preferiam o invasor ao bragança, que fugia miseravel e cobardemente; ao herdeiro de reis que jamais tinhão sabido morrer, nem viver.

Napoleão estava burlado.

O principe D. João, a bordo, com as mãos nos bolsos, sentia-se bem, remexendo as peças de ouro, e contente com a sua experteza *saloia*, unica especie de sabedoria aninhada no seu gordo cerebro. Bocejava ainda; mas porque o enjôo começava com os balanços do mar.

E' o que succede á historia, com os miseraveis balanços do tempo: vem o enjôo encommodo e a necessidade absoluta de vomitar.»

Tambem ninguem melhor que o mesmo historiador descreveu o typo de que damos no presente artigo quatro gravuras, feitas pelos melhores artistas da epoca, subsidio de valor ao seu futuro estatuario.

«Neste derradeiro representante do sangue bragantino appareciam vivos todos os caracteres da raça. Era necessario que ao extinguir-se a arvore desse o mais bem acabado fructo. Egoista e secco como D. João IV, tinha inclinações fradescas como D. João V; tinha a esperteza soez e baixa de D. Pedro II e o plebeismo de Affonso VI, sem ser inteiramente idiota como fora o infeliz encarcerado de Cintra. Todas essas qualidades e por isso mesmo que as reunia todas, appareciam em D. João VI esbatidas e confundidas, sem nenhuma predominar, produzindo assim um typo complexo merecedor de louvores de alguns, egualmente digno do enjôo de muitos.»

E' este bem D. João VI—o rei ao qual se quer erguer um monumento no Rio de Janeiro, commemorando serviços que não nos prestou.

Houve em sua *entourage* gente de algum valor que concorreu para introduzir no Brasil melhoramentos innegaveis; as circumstancias da vinda forçada da Corte para o Brasil fizeram o resto. Já Araguaya o dizia, falando das queixas contra Napoleão e os seus excessos guerreiros, que o Brasil lhe devia um grande serviço: ter coagido a Corte a transferir-se de Lisboa para o Rio de Janeiro. E com essas palavras remontava elle á origem de nossos rapidos progressos no primeiro quarto do passado seculo.

Si comtudo se quizer argumentar como o fazem geralmente, dizendo que todos os serviços feitos pelos auxiliares da coroa, muitas vezes contra o sentir desta, se devem ao soberano que soube escolher esses auxiliares; si as glorias de todos os melhoramentos do Brasil cabem a D. João VI—o soberano de occasião a esse nullo typo de monarcha que conhecemos através de documentos e da tradicção, eivado de vicios, tarado de defeitos, avaro, egoista, immundo, glotão, curto de intelligencia, sem qualidades que o recommendem mais que á compassiva benignidade, como um ente sem valor, então sobre elle devemos lançar tambem a tremenda responsabilidade dos crimes em seu nome praticados.

E contra o projectado monumento clama o sangue dos martyres de Pernambuco em 1817 victimas das sanhas do despotismo, que haviam ousado querer por terra.

Mais ainda.

Louca a rainha D. Maria, em 1792 assumiu o governo em seu impedimento o principe D. João. (*) Era elle portanto o responsavel pelo que se praticasse em nome da realeza.

Pois bem! A conjuração de Minas—a Inconfidencia de 1789, só teve o seu sanguinoso desenlace em 1793. Si é verdade que as duas cartas regias que se encontram no processo são ambas firmadas pela Rainha, é preciso notar que mesmo a ultima que commutava as penas dos conjurados, lida em 20 de Abril de 1793, traz a data de Outubro de 1790.

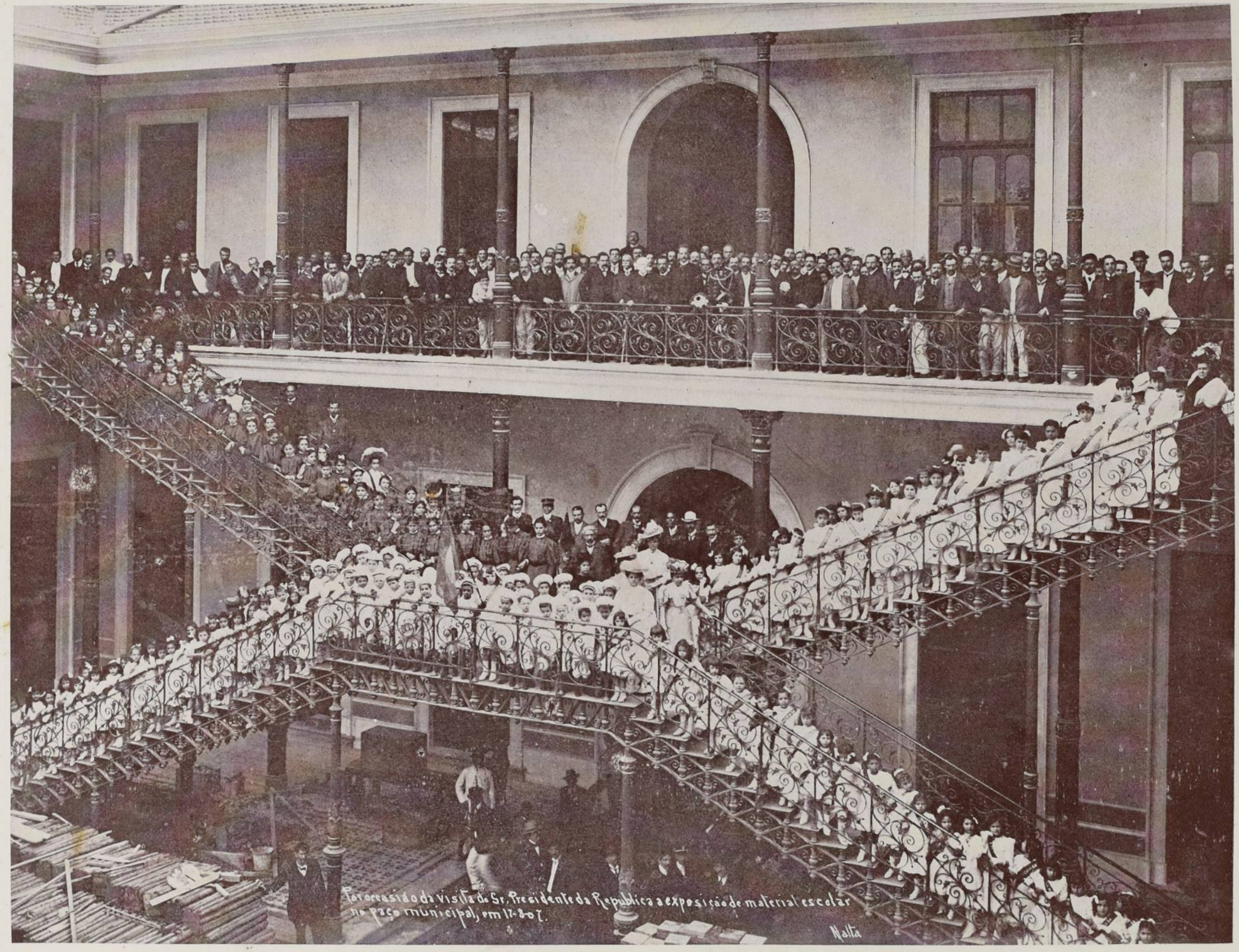
Desde um anno antes era D. João quem exercitava o governo; a elle pois a responsabilidade da barbara execução do inditoso mineiro.

E assim sendo, é impossivel que o Brasil que consagrou uma de suas datas festivas á commemoração do vulto republicano, nelle resumindo todas as outras victimas do despotismo, e que ainda não ergueu em uma das praças desta Capital um monumento ao protomartyr, concorra agora para a glorificação em estatua do assassino de Tiradentes!

gosto—1907.

M. B.

(*) D. Maria manifestou symptomas de alienação mental desde 1786 quando lhe morreu o marido; em 1788 com a morte de D. José, seu primogenito mais se aggravou o seu estado. Em 1792 D. João assumiu o governo em seu impedimento, e em 1799 foi officialmente declarado Regente.



VISITA DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA A' PREFEITURA

DIVORCIADA

I

EU era, naquelles saudosos tempos, um negociante modesto e pacato.

Não se pense que o cambio influisse na marcha de minhas transacções; nem os banqueiros aceitassem o meu juizo, relativo ao lançamento de emprestimos; nem a minha assignatura merecesse mais credito que uma solida garantia hypothecaria.

Um negociante de seccos e molhados, entregue aos lucros e ás perdas de vendas a retalho, não teria a pasmosa pretensão de discutir os altos problemas das finanças nacionaes, a origem da fortuna do marquez de Gerval, ou a quebra do nosso padrão monetario.

Limitava-me a conservar, como thermometro dos meus lucros commerciaes, a unanime sympathia dos freguezes, desfilando das seis horas da manhã ás nove da noite perante as mercadorias do estabelecimento.

Mãosinhas enluvadas jamais offereceram ao balcão as honras de passageiro contacto; cartolas, panamás e chiles, mesmo em epocas das eleições mais dispurtadas, nunca me envaideceram com ceremoniosos cumprimentos; e botinas elegantes, habituadas aos macios pelegos de automoveis e carros, teriam horror de visitar, em Santa Theresa, o humilde tecto do largo Guimarães em que eu, os saccos de arroz, as résteas de cebolas e outros numerosos artigos nos misturavamos familiarmente.

Ninguem diria que, sobrando-me talento para provar á famosa criada da viuva Fernandes a superior qualidade da manteiga mineira, me extasiassem as producções de escriptores cujos versos derramavam na atmosphera impregnada do cheiro de alho uma como doçura de vida sentimental, similhante provavelmente á da sala das conferencias literarias no Internato dos Heroes.

Estavam ali, apertados entre garrafas de vinagre, muitos volumes de auctores celebres, com as paginas profanadas por nòdoas de banha de porco e transpirando a catê torrado.

Nada se me dava que a minha vocação artistica, injectada de ambições commerciaes, deixasse de despertar o enthusiasmo dos literatos, os elogios da imprensa, a sympathia das mães de familia e os sorrisos das senhoritas. Como as venerandas matronas admiram a alma dos poetas, enclausurada nas estrophes, e a detestam, enjaulada nas responsabilidades de genro, assim as chloroticas senhoritas se enlevam com a harmonia dos versos, e, baixando o olhar sobre as cousas terrenas, evitam que entre o luxo dos vestidos e a magnanima pobresa do cantor surja a fragante desharmonia dos idéaes Era por isso que, si a Phantasia me roçava pela fronte as suas asas de fogo, a Realidade me calcava immediatamente sobre a cabeça a mão férrea, forçando-me á immobilidade, deixando-me com os pés ligados ao solo e com os pensamentos fitos nas prateleiras.

Comprehende-se que um vendedor de seccos e molhados, embora escreva periodos de profunda philosophia e canções de lyrismo admiravel, embora seja profundamente honrado e admiravelmete trabalhador, nunca mereça dos jornalistas a consagração de grande artista da palavra, nem obtenha a inaudita felicidade de possuir a poeira das flores de laranjeira, conservadas duvidosamente pela viuva de um conde.

O philosopho que, morto de fome, com a sobrecasaca estragada pelos annos, aceitasse um ordenado para trabalhar a meu lado, perderia as honras de homem intellectual, merecendo a simples attenção de empregado de um modesto negociante. A espiritualidade de sua philosophia seria sordidamente devorada pela materialidade de seu emprego.

Não causaria, pois, admiração que, forçado pelas contingencias materiaes, me entregasse ao problema de occultar as minhas tendencias sentimentaes, adaptando-me á penumbra de humildade, explorando o proximo e pelo proximo sendo explorado. Era a lei do equilibrio.

Feria-me contudo a realidade da obscura profissão, incompativel com as finas etiquetas da arte, despresivel á vaidade dos olhos femininos e indigna do apreço social.

As familias appellidavam-me o «rapaz da venda,» e os que procuravam informações, relativas ao horario dos bondes, ou á residencia de qualquer burguez, se dirigiam ao "vendeiro da esquina,» O meu nome de baptismo, José Pantaleão de Souza, nunca mereceu gentilesa de ser pronunciado pela visinhança, como si a minha propria individualidade personificasse o pseudonymato.

Os freguezes preconizavam muitas vezes a superioridade de meu espirito, mas continuavam a julgar-me um simples interessado em cousas de dinheiro, merecendo-lhes grandes elogios por lhes dar abatimento no preço do sabão, ou inspirando-lhes qualificativos insultuosos por lhes vender, como de primeira qualidade, um producto de incontestavel inferioridade.

Arrastado entretanto por ambições de gloria, fazia-se-me intenso o desejo de ser conhecido, commentado e glorificado pelos pachorrentos

leitores da «Nascença,» pelo fecundo auditorio do Internato dos Heroes e, sobretudo, pelas costureiras, habituadas a ouvir estrellas á meia noite por falta do gorgeio de quaesquer passaros á luz d'alvorada.

Adveio-me d'isso um incomparavel nôjo ao «Armazem Celestial,» que assim era denominado o meu estabelecimento.

Por força dos deveres profissionaes, que me coagiam a abolir o uso do paletot e colete, a pezar kilos de xarque, a embrulhar littros de farinha e a revelar em cada acto a indecencia de minha posição, sentia-me ferido na vaidade de homem intelligente, destinado a agir n'um plano mais alto e a conviver com pessôas conceituadas. E, ao passar dos dias, comecei de nutrir uma profunda antipathia á criada da viuva Fernandes, aos empregados das casas visinhas e aos numerosos freguezes.

Eu ambicionava relações com distintos cavalheiros do bom-tom, acariciados no mundo da politica, das finanças, artes e industrias. E, embora reconhecesse o orgulho do marquez de Gerval, a nullidade artistica do Pedro Honorio, a insignificancia politica do Senador Laranja, a desfarçada pobresa do commendador Melgaço e a immoralidade de madama Lucrecia, não me esquecia de lhes enviar um interminavel cumprimento, visto que, aos olhos dos transeuntes. a minha submissa e profunda saudação revelava os laços de amisade que me uniam a respeitaveis personagens, enlevados voluptuosamente nas delicias dos salões elegantes. Si o marquez era orgulhoso, si o poeta era ridiculo, si o senador era inutil, si o commendador era mendigo e si a madama era immoral, certamente esses predicados não os empurravam pelos degraus abaixo da escala social, porquanto ostentavam sempre as apparencias de dominadores, esmagando com um gesto de aristocracia a timidez das criaturas humildes.

Vendo-os assim, em exuberancia de magnifícencia, augumentava-se-me a tortura de minha forçosa modestia, encurralada entre as mercadorias, ao passo que me crescia a ancia de apparecer ao grande publico, ao vistoso publico dos concertos, do lyrico, dos banquetes e das conferencias. Parecia-me extremamente justa a aspiração de conquistar as alturas e, si o cheiro de paraty, pimenta do reino, ou mantas de carne do Rio Grande, denunciasse a despresivel origem de minha profissão, sobrava-me bastante calma para me dar apparencias de burguez insolente, rebelde aos preconceitos, superior ao sarcasmo dos commentarios, habituado á ostentações de riquesa e ao despreso de conveniencias. Alem d'isso, eu estava na possibilidade de substituir os aromas «Ideal» ou «Inspiration» pelos de comestiveis, por quanto poderia justificar esse acto com innumeros exemplos de commendadores e barões que, nascidos na pobresa de despresiveis quitandas, falleceram no confôrto de excellentes palacios.

O meu caracter, n'ma tendencia irresistivel para a amisade de individuos altamente collocados, ainda não havia soffrido os duros embates da hypocrisia social, d'essa mysteriosa hypocrisia, collada ao rosto dos aristocratas que, apreciando almoços de banana e farinha, assim como jantares de feijão e carne de porco ,ostentavam publicamente um luxo glorioso, alimentado por negocios immoraes e contractos escandalosos. E, porque o terror de gastar o producto da liquidação do "Armazem Celestial„ me forçasse a persistir na vida commercial e me impedisse de conviver com as celebridades politicas e literarias, o meu pensamento continuava a oscillar covardemente entre as prateleiras sortidas de seccos e molhados e as estantes desfalcadas de romances e poesias.

Fatigado de tanto pensar sobre as incertesas do futuro, resolvi-me de subito a vender o estabelecimento.

Foi então que entre mim e o marquez de Gerval surgiram as relações de amizade, sendo eu lançado ao mundo das finanças por força de nossas combinações intimamente lucrativas.

Antes que nos ligassemos pela sinceridade de sentimentos, parecia que o titular dissimulava um intimo desgosto de atravessar as ruas em minha companhia, como si o meu passado de «vendeiro da esquina„ lhe manchasse a vaidade de director de banco.

Era-me absoluta a certesa de que si conhecesse a modestia de minha fortuna, me tractaria do alto de sua vaidade, fechando-me com delicada frieza a porta do escriptorio. Procurei, pois, apparentar excessos de grandeza, referindo-me a largas transacções, engendradas phantasticamente nas horas de minhas barbaras insomnias. E, dominando lhe e espirito, pude galgar uma posiçãorespeitavel na sociedade, visto que elle e eu haviamos obtido os resultados de esplendida operação bancaria que, dando-nos lucros fabulosos, arruinara virtuosos pais de familia, magras viuvas e gordos commerciantes.

Desde esse momento, calcada na solidez dos nossos capitaes, perpetuou-se a solidez de nossas amizades.

II

Mendes, cortada pela estradade Ferro Central do Brazil, possúe limitado numero de casas, situadas nas proximidades de altos morros cuja temperatura secca e fria robustece os depauperados organismos. Goza-se uma vida de costumes patriarchaes, despida de preconceitos e alegrada pela doçura dos dias claros, frescos e cantantes.

O sol doura a vegetação rasteira, n'uma

caricia de brando calor, e, na face azul do firmamento, não ha uma leve e fugitiva nódoa de nuvem.

Seute-se o prazer de usar flanella, flor na botoeira e panamá desabado, percorrendo-se as estradas ao lado de senhoras e crianças, vestidas de branco e chapeus ornados de rosas.

Era n'aquelle recanto que eu me alliviava da formidavel carga de interesses materiaes e soffrimentos moraes, evitando o contacto de homens e mulheres, dominado unicamente pelo amor ao isolamento.

Sendo-me impossivel, devido a interminaveis negocios, ausentar-me do Rio de Janeiro, demorar-me em estações de banhos, ou viajar por cidades européas, procurei residir n'um lugar que, sem ter o luxo de Petropolis, estivesse em continua, rapida e facil communicação com esta capital, collocando-me na possibilidade de compensar as fadigas de um centro populoso com os recreios de existencia selvagem.

Um pequeno bonde, arrastado por preguiçosa parelha de burros, conduzia da estação de Mendes os viajantes para o hotel «Santa Rita,» cujo edificio, sendo outrora propriedade e residencia de fazendeiro, soffrera successivas modificações, augmentando-se-lhe o numero de compartementos e installando-se-lhe illuminação eletrica. A escada da entrada principal conduzia a um salão em que velhos bilhares, de panno sujo e remendado, attestavam ao recemchegado a inutilidade dos exercicios de logares civilisados. As portas abriam-se para um longo alpendre cuja tristesa servia de contraste aos encantos de modestos cravos, poucas rosas e obscuras flores, cultivados economicamente n'um espaçoso terreno. E, em continuação á sala das refeições, via-se o das palestras, seguindo-se-lhes os quartos destinados a hospedes.

Refugiado n'esse delicioso tr cho de montanhas que, ensombradas por densas mattas, me convidavam a continuos passeios, eu recordava os ultimos capitulos de minha historia sentimental cujo desfecho pasmosamente sarcastico, me inspirava um despreso insolente á bellesa feminina.

Abroquellado nas causas de meu divorcio e habituado a convergir a actividade de minhas faculdades para as ambições de riquesa, eu alimentava em grande horror para com as senhoras, sobretudo para com a que, sendo a minha legitima esposa, me matara as alegrias, destruindo-me os sonhos de poeta e as esperanças de gloria. E, lá no recanto do passado, como nas allucinações de um pesadello, surgia a lembrança d'aquelle logar, d'aquella hora, d'aquella criatura que, nos tempos de meu «Armazem Celestial,» me apunhalou a honra, substituindo-me por um collega, entregando-se entranhadamente ao proprietario da «Venda dos Dois Continentes.»

Desde o memoravel dia em que os vi, como a minha infinita confiança nunca esperaria vel-os, tractei de reclamar do juiz uma sentença de divorcio.

Assim, desilludido e soturno, eu percorria a estrada da vida sentimental, scismando melancolicamente na divina instituição do casamento.

III

Dona Arlinda, cujo appellido «Linda» melhor se lhe adequava á delicadesa das linhas, á doçura dos traços, á belleza da physionomia, dava-se uns ares de viuvinha, mettida n'um vestido preto, pondo a nota da tristeza na alegria dos dias de sol.

Era de ver a suavidade de seus olhos, a elegancia natural do porte e a graça languida dos gestos, esbatendo-se-lhe nos labios a indecisão de um sorriso e reflectindo-se-lhe no rosto a suggestiva austeridade de uma criança pensativa.

O orgulho, latente em meu espirito, ante o sexo feminino, desapparecia das phrases que eu, em momentos de fraquesa, desejava dirigir-lhe, assucaradas de galanteio e embebidas de esperanças duvidosamente ingenuas.

Interroguei-me em vão por que motivo aquella roupa de luto perturbava o silencio de minha horas; tentei estudar a causa das scismas em que o seu vulto apparecia n'um fundo incorporeo de longes prazeres; e philosophei, como um covarde, sobre a impotencia de minhas surdas revoltas contra as mysteriosas attrações das mulheres.

Os velhos bilhares serviam de campo ás minhas investidas: a ella faltava-lhe forças para fazer a bola alcançar as tabellas fronteiras; e a mim sobrava-me o prazer de errar as carambolas para ser infallivelmente vencido. E os espectadores, apreciando-nos o jogo, accompanhavam a marcha do nosso combate cujo sentimentalismo se disfarçava nas peripecias da partida. Ali estava dona Eucinda que, de nariz arrebitado, nos envolvia na malicia de rapidos olhares; via-se defronte o Lagrange que, espiritualisado pelas successivas taças de champagne evocava o seu passado, destinado unicamente a sepulturas de actrises; destacava-se mais além o guarda-livros, acariciando paternalmente uma criança; e, sentadas ao lado do gradil da escada, algumas senhoras abriam ligeiramente a boca, em expressão de preguiça.

Era, pois limitado o numero dos hospedes, porquanto o frio havia precipitado a retirada de muitas familias, dando ao velho edificio uma apparencia de convento, perturbado raramente pelos sons do piano, abortando com difficuldade uma valsa, emquanto as sombras de capas e sobretudos se alongavam no cimento do alpendre.

Ora, na calma de uma d'essas noutes, com o luar convidativo a proloquios amorosos, senti o violento desejo de penetrar no coração de Linda, possuindo-me da audacia de um soldado chinez assaltando um castello de papelão. Eu pensava d'esse modo porque, após o golpe de morte vibrado por minha esposa em nossa lastimavel honra matrimonial, imaginei descobrir em cada mulher uma brecha por onde seriam escaladas as frageis muralhas do pudor e da timidez, arrasados pela força de juramentos pérfidos e promessas artisticamente enganosas.

E, durante horas, entrei a estudar a probabilidade de uma conquista, a occasião propicia a maliciosos sorrisos, acompanhados de uma phrase vagamente significativa, seguida de um rapído e inesperado movimento de minha mão em sua mãosinha e, por ultimo, conforme as consequencias d'essas primeiras escaramuças, desfechar a scena com a ousadia de um beijo, ou de um abraço, ou, melhor, com ambos.

Essas idéas esvoaçavam-me dentro d'alma como um bando de borboletas espantadas dentro de um jardim.

E, cerrando as palpebras, entre adormecido e acordado, parecia-me ver a minha esposa no pincaro de um monte donde me empurrava com uma colera brutal, rolando por ladeira abaixo o meu corpo e caindo macia e voluptuosamente nos braços de Linda.

IV

Depois que o criado me serviu de café, resolvi-me a escrever uma carta que, com a liberdade de minhas intenções, occasionasse a nossa completa harmonia ou o golpe de um rompimento decisivo:

«Linda

Desta janella, descerrada para o oriente, contemplo o verde da montanha, o asul do firmamento, o roixo das flores, a amarellada folhagem e o escuro de um despenhadeiro.

A tinta verde, que symbolisa a esperança, convida-me a subir pela alta montanha de cujo cimo o olhar desvendaria um soberbo panorama, aformoseado pelos tons asues do ceu despido de nuvens, alagado de luz, de muita luz.

Animado por uma palavra de ventura, eu quisera galgar as difficuldades e alcançar o paiz do amor, que é tão longe para os infelizes, tão longe para os naufragos do coração, tão longe para os sedentos de felicidades.

E basta um sorriso desfolhar-se gentilmente de teus babios para surgir á meus olhos essa região de eterna alvorada em que as aves, como illusões cantando-me n'alma, desprendem alegres trinados dos beiraes dos ninhos; em que as florestas, como milhares de felises sonhos enchendo de praser as horas de somnos, transbordam de canticos e hymnos; e em que os perfumes selvagens, como os aromas da epiderme feminina embriagando os sentidos, despertam n'alma do viajante a delicia de viver.

Mas, desta janella, vejo tambem aquellas flores roixas, em expressão de agonia; mais além, oscillam as folhagens amarellas, em destaque evocativo de desesperos; e, ainda mais ao longe, descubro a escuridade de um despenhadeiro, suggerindo-me a idéa de morte. São elles,o amor e a morte, que soffregamente percorrem o mundo, na vertigem de uma carreira sem termos, impavidos e soberanos.

Estamos, porem, em clara manhã de maio: os raios do sol broslam de ouro as velhas arvores copadas; as aves proclamam, em vibrações harmoniosas, a felicidade da existencia; as ventanias espalham pela terra as sementes fecundas; e uma larga expansão de vida derrama-se por toda a parte victoriosamente.

E' a lei universal da transfusão dos sêres em outros sêres, embriagados de volupias, de essencias e de claridades.

E, lá n'um recanto obscuro, descendo pela montanha e refrescando as plantas, um regato deslisa de brando por sobre as pedras, enchendo de vozes a calma ditosa da naturesa.

Ha tambem corações cujos sentimentos possuem poderosas raises que, desvairadas de sêde, procuram outros corações, em lusca da agua do amor. E é a agua lustral, pura e vivificadora, que minh'alma, febrilmente sedenta, te supplica, ajoelhada a teus formosos pés e beijando-te as mãos delicadas.

Josê Pantaleão.

Suspendi então a penna, sem coragem de assignar José Pantaleão de Souza. O meu nome, desde que não fosse escripto por estenso, parecia-me causar sempre uma impressão de anonymato, ou pseudonymato, ou, no minimo, de rasteira vulgaridade. E, embora certo de um effeito galhofeiro, produsido pelos dois vocabulos «José Pantaleão», ali os gravei resolutamente, lançando ao despreso aquelle »Sousa» que me dava a idéa de pertencer a qualquer vivente, sobretudo de progenitores. desconhecidos.

Fôra-me grande, porem, o esforço de transvasar n'uma carta a minha febre que ainda se me fez mais intensa pelo intimo desejo de revelar a potencia de meus dotes artisticos, postos em jogo n'esse lance de verdadeira audacia.

Eu pensava que a gloria literaria consistisse em suggestionar a leitora, dominada pelos fluidos das phrases e submettida passivamente á minha vontade. Desde que ella fosse rebelde, ficar-me-iam para sempre destruidas as aspirações de celebridade. Si ha romancistas cujas historias fasem chorar; si ha poetas cujos versos fasem gemer; deveria tambem haver mis-

sivistas cujas cartas fisessem amar. Era este o meu caso.

Senti então um profundo terror de entregar á Linda aquella folha de papel que, sendo-me devolvida, me causaria um abalo mortal, inspirando-me ainda maior despreso ao sexo feminino e convencendo-me da incapacidade de ser comprehendido e sentido por uma viuvinha encantadora. E, analysando as provaveis consequencias d'esta primeira investida, gastei as horas do dia em passeios por logares solitarios' evocando no silencio da matta as perfidas imagens de minha esposa e do proprietario da «Venda dos Dois Continentes.»

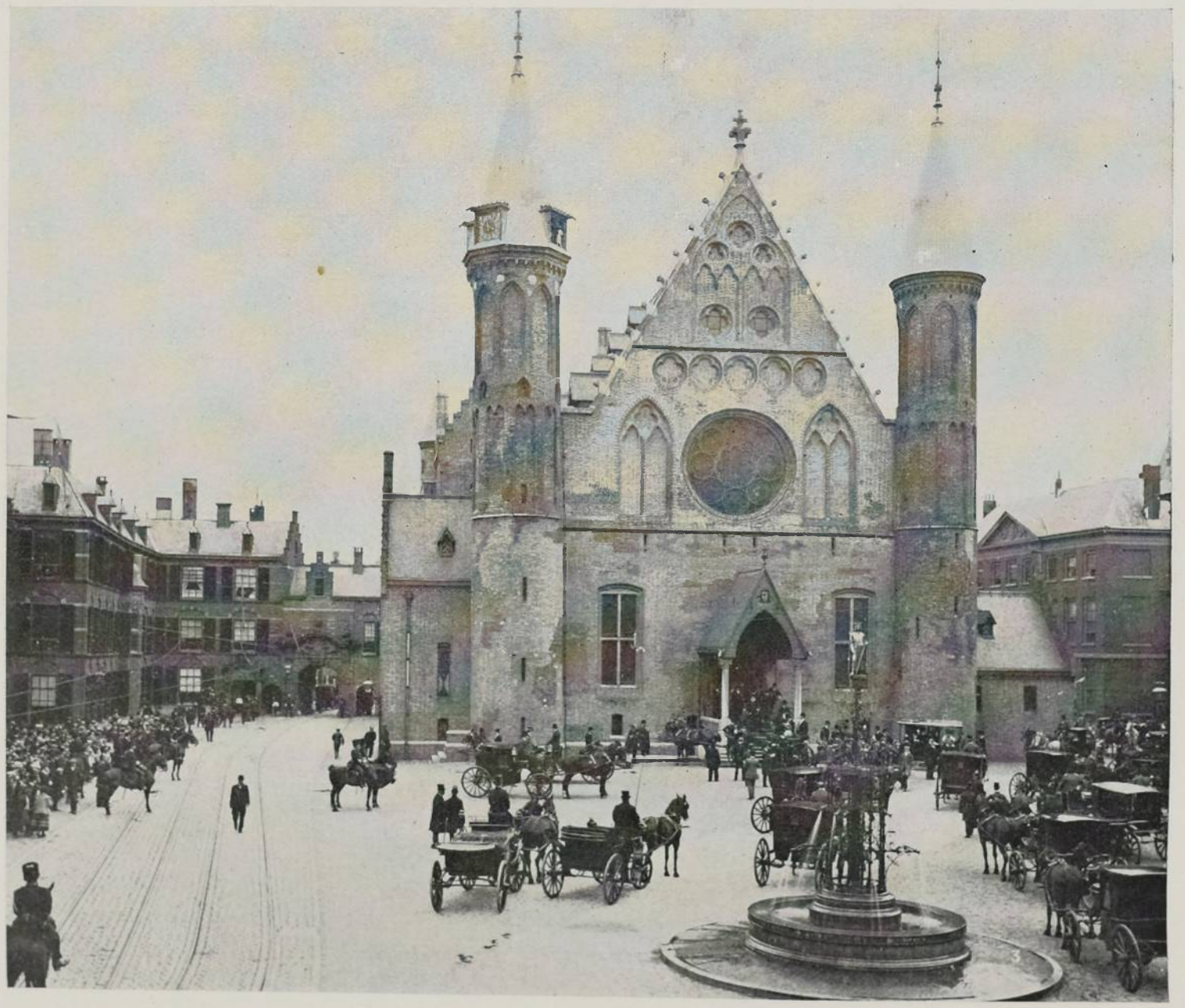
E á noite, depois de ter sido mais uma vez vencido por Linda na partida de bilhar, premeditei partir no dia seguinte para o Rio de Janeiro, dando-lhe tempo sufficiente de estudar a resposta á amorosa missiva que, continuando guardada no bolso de dentro do paletot, parecia ter o pezo de um remorso trancado n'uma consciencia.

Foi, pois, ás cinco horas da manhã seguinte que, passando por defronte do quarto em que ella estaria a dormir e a sonhar, me baixei com extraordinario cuidado e, collocando a carta por debaixo da porta, impelli-a vigorosamente, ouvindo-se em seguida o rumor de objecto a deslisar por sobre o soalho.

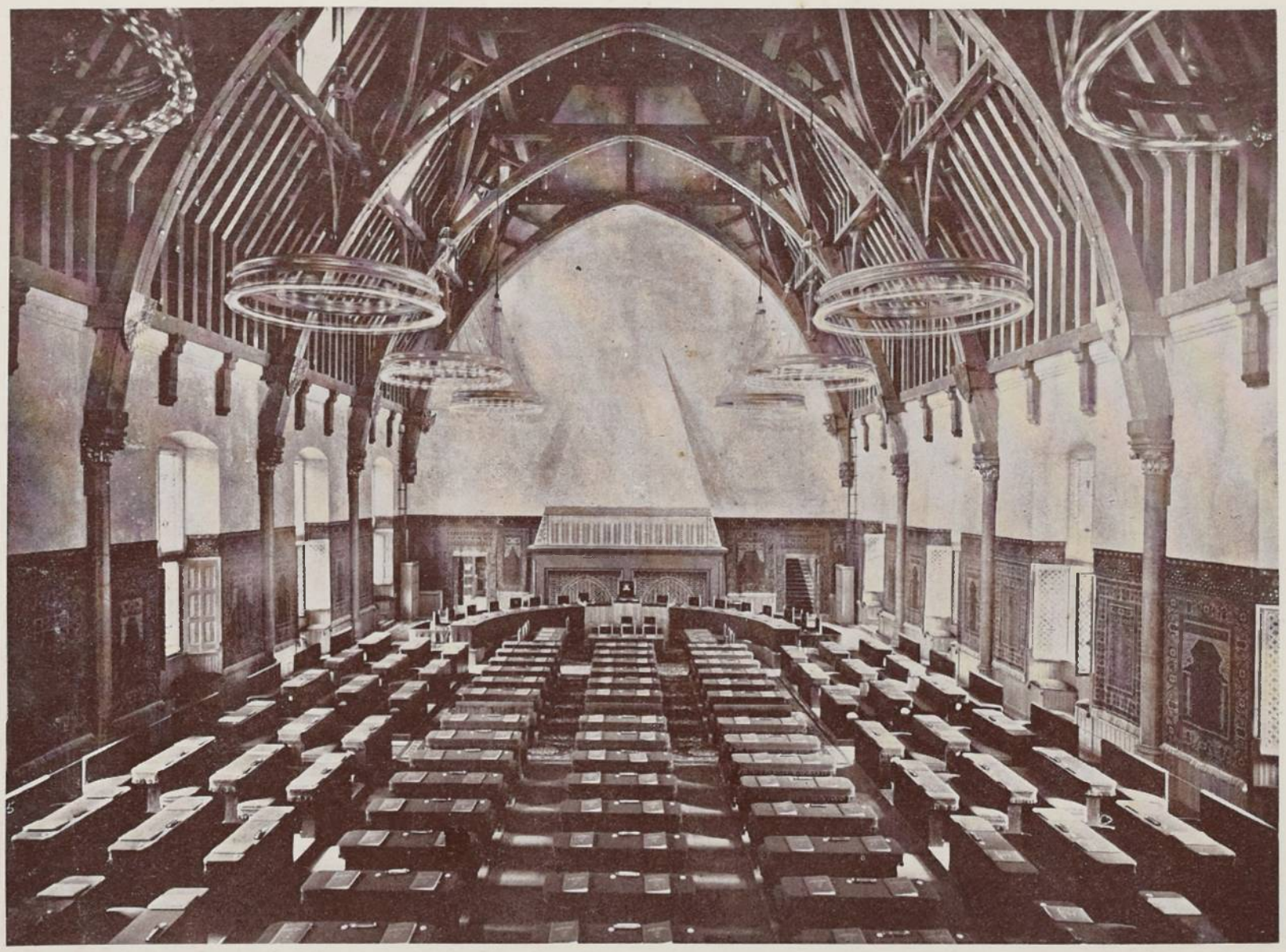
Ergui-me rapidamente, medroso de ter sido visto por algum vulto importuno e, a passos rapidos, alcancei o bonde, sentindo-me ancioso de chegar á estação de Mendes, entrar no vagão da Central do Brazil, desembarcar na Capital e, á tarde, voltar em busca de uma derrota ou de uma victoria.

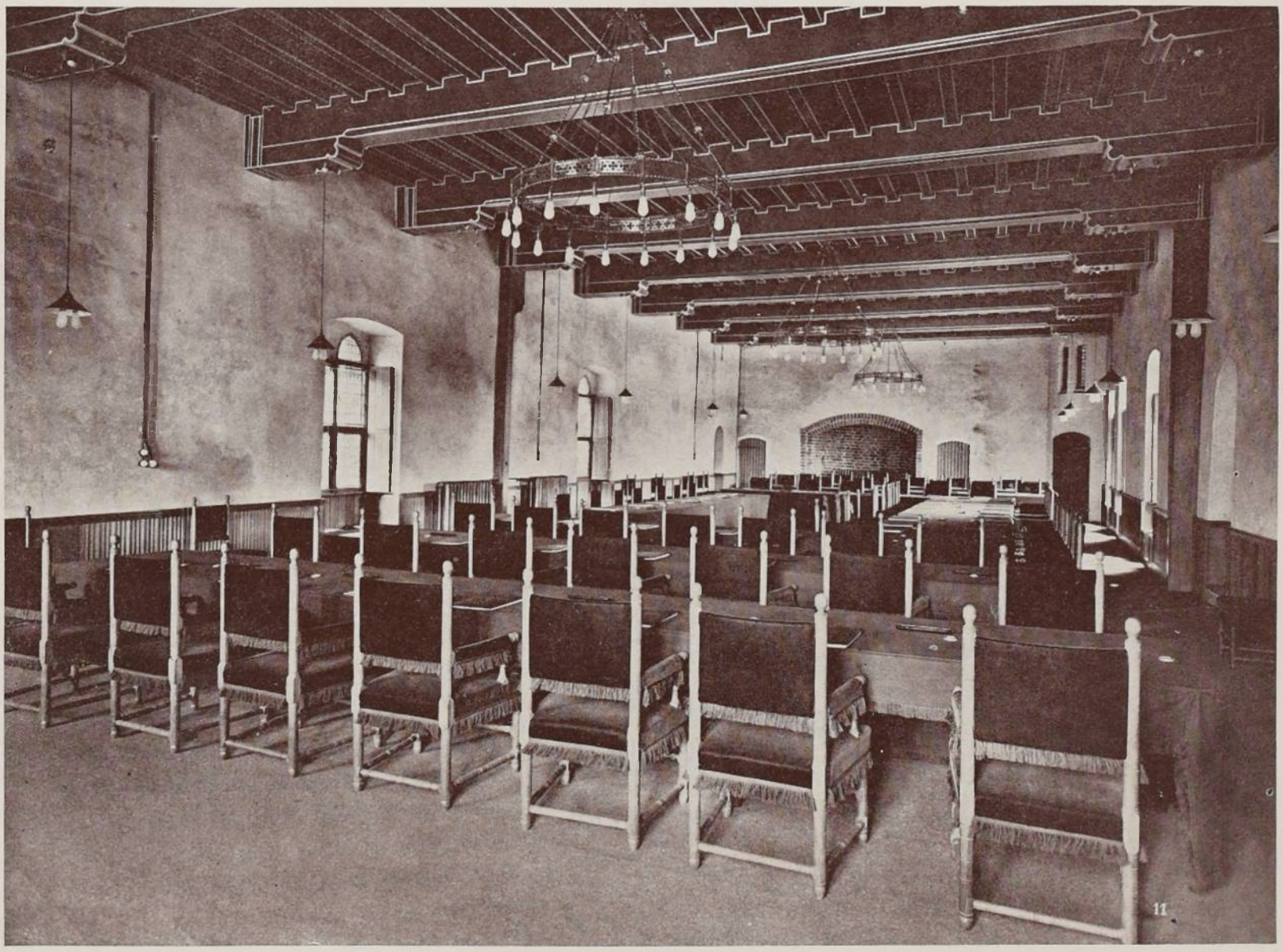
CUNHA MENDES

Continua

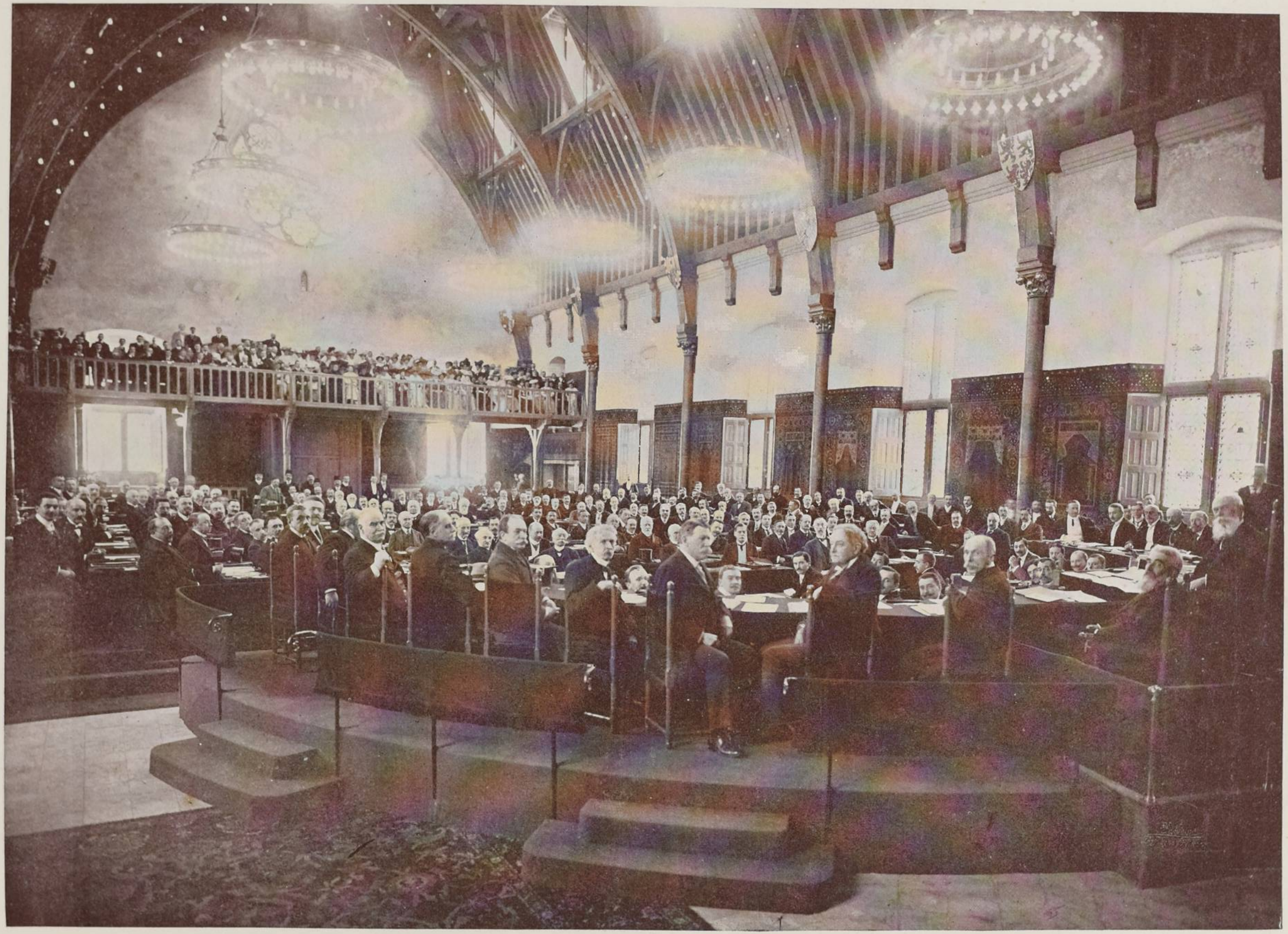


O EDIFICIO EM QUE FUNCCIONA A 2ª CONFERENCIA DA PAZ EM HAYA





SALAS DAS COMMISSÕES



A CONFERENCIA EM SESSÃO PLENA – NO GRANDE SALÃO

UM GRANDE GUERREIRO
E
UM GRANDE DIPLOMATA

QUANDO alguem fala nas *conquistas da paz*, ha muito quem veja nisso apenas uma metafora. Uma metafora bonita; mas emfim uma simples figura de retorica.

Em todo cazo, mesmo admitindo que por meio de convenções, tratados, negociações diplomaticas, seja possivel que uma nação obtenha certas vantajens, o que alguns dos que não creem na evolução para a paz dizem é que nunca se viu nação alguma constituida exclusivamente por meios pacificos.

É verdade, ou quazi verdade...

Quazi verdade porque a recente separação da Noruega foi, de fato, a constituição ou pelo menos a reconstituição de um estado por meios inteiramente pacificos. Um acontecimento dessa ordem seria dificil em outros tempos.

Mas nada ha de admiravel que todas as nações atuaes tenham uma tradição de lutas guerreiras, porque todas ellas se constituiram em tempos em que a força primava o direito; mas primava de um modo absoluto. Já não é exatamente o que hoje acontece. É verdade que estamos ainda lonje do rejimen do puro direito. Mas as guerras vão diminuindo de ferocidade. Vão tambem diminuindo de frequencia. Quem percorre a historia de todos os seculos até o seculo 17 e mesmo um pouco adiante, vê que o estado de guerra era permanente. Quando uma nação parava, outra começava. De um modo geral, tomando-se qualquer data até aquelle seculo, póde-se afirmar: neste ano estava travada uma guerra entre taes e taes nações. Havia sempre, em curso, ao menos uma!

Agora, entretanto, longos anos se passam sem que as nações civilisadas se empenhem em luta alguma. As tres ultimas grandes guerras—Hespanha e Estados Unidos, Inglaterra e Transvaal, Russia e Japão—foram circumscritas a essas nações e separadas umas das outras por periodos de paz.

Mas emfim, para fazer uma prova brilhante do que alcançam os recursos da diplomacia e do quanto são ás vezes falazes as conquistas da guerra poder-se-ia tomar, para exemplo, um grande guerreiro e um grande diplomata.

Passaram de moda, ha muito tempo, os paralelos historicos. Realmente elles nada provam, mórmente quando se tomam um pouco ao acazo os dois vultos cujo confronto se empreende. Mas ha figuras tipicas, figuras que sintetizam grandes categorias. Napoleão é evidentemente uma dellas. Quem menos saiba de historia, sabe que elle conquistou grande parte da Europa. Fala-se com assombro na epopéa Napoleonica.

Que rezultou della para a França? Nada. A guerra fez a sua grandeza em um dia, desmanchou-a no dia seguinte. Venceu: um tropel de batalhas atravez de toda a Europa, cidades e paizes conquistados, milhares de existencias perdidas. Mas veio emfim uma batalha a mais —e porque um general não chegou a tempo para impedir uma manobra do inimigo, todo o esforço colossal de anos de luta, anulou-se inteiramente. Waterloo, por si só, apagou centenas de combates...

...mais un jour de bataille,
ne pouvant plus mordre ses freins,
moourante, elle tomba sur lit de mitraille
et du coup te cassa les reins.

Em face desse quadro—o quadro do guerreiro por excelencia—valeria a pena por o de um diplomata, que só pelo trabalho de gabinete, calmo e sereno, só pelo estudo, houvesse feito para o seu paiz algumas conquistas dignas de nota.

Esse diplomata, o Brazil o pode aprezentar. Porque elle está vivo; porque isso torna confundivel com a lisonja qualquer calma apreciação dos seus atos, vale a pena limital-a a uma questão pozitiva.

Que foi que Napoleão deixou á França, de todas as suas conquistas?—NADA!

Que foi que o Barão do Rio-Branco deu ao Brazil com as negociações sucessivas de Missões, do Amapá, do Acre e da Colombia?—Uma extensão de territorio MAIOR QUE A FRANÇA.

É interessante comparar, diante de um mapa geografico essa extensão com a de varios paizes. Por si só, ella é superior á superficie:

—da Abissinia;
—do Afganistan;
—da Alemanha;
—da Republica Argentina;
—da Austria-Hungria;
—da Belgica;
—de Costa-Rica;
—da Dinamarca;
—da Republica Dominicana;
—do Equador;
—da França;
—da Grecia;
—de Guatemala;
—do Haiti;
—da Hespanha;
—da Holanda;
—de Honduras;
—da Inglaterra;
—da Italia;

—do Japão;
—da Noruega;
—de Nicaragua;
—do Paraguay;
—de Portugal;
—da Roumania;
—de S. Salvador;
—da Servia,
—da Suecia;
—da Suissa;
—da Turquia;
—do Uruguay.

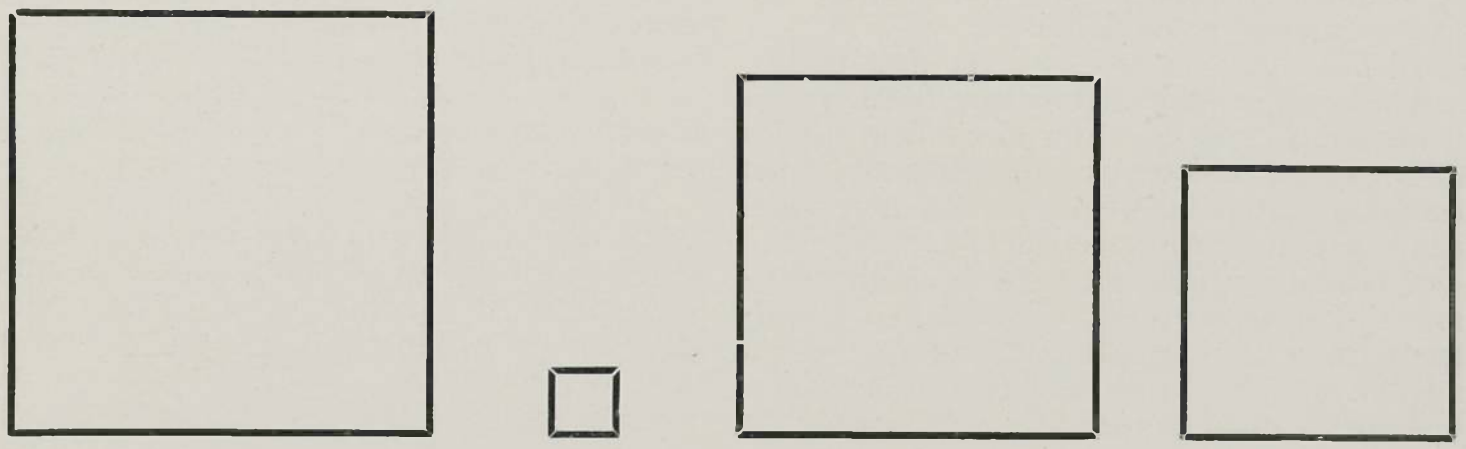
Para que se veja bem, por uma comparação grafica o que valem as aquizições do Barão do Rio-Branco, vae adiante o confronto entre as superficies da Inglaterra, da Alemanha, da Alsacia-Lorena e do que a diplomacia do Barão do Rio-Branco tem conquistado para o Brazil e que se decompõe assim:

—Missões.	30.621 km.2
—Amapá	400.000 km.2
—Acre.	191.000 km.2
—Colombia.	120.280 km.2
Total	741.901 km.2

A Alsacia-Lorena está nesse quadro, porque ella serve para pôr em destaque a natureza das aquizições feitas pelo Brazil. É, sobretudo, por cauza daquelle minusculo pedacinho de territorio que a Europa inteira está em armas, ha mais de trinta anos. A conquista ou a perda de colonias remotas não tem a importancia da dos territorios contiguos ao territorio propriamente nacional,—territorio, onde está a séde, o *coração* da nacionalidade. A colonia é uma «couza», um «objeto», suscetivel de ser dado, trocado, arrendado ou vendido. O territorio do proprio paiz é, por assim dizer, carne e sangue de cada nação. Aì qualquer mutilação é doloroza, qualquer aumento glorioso. A vantajem das vitorias diplomaticas que temos obtido é que ellas tem ido acrescendo o territorio nacional, alargando-lhe os confins, não com terras distantes e selvajens, mas com terras ligadas ás nossas, incorporadas ao nosso patrimonio, intimamente, indissoluvelmente.

Qualquer insistencia neste confronto arriscar-se-ia—ainda uma vez se póde repetir—a parecer uma lizonja. Mas o curiozo, si a nossa estatistica o permitisse, seria pôr, lado a lado, a obra dos dois Rio-Branco—o autor da lei de 28 de setembro e o filho. Valeria a pena saber qual foi a natalidade dos filhos de escravos de 1871 a 1889—largo periodo de 18 anos, e pensando que elles, durante esse periodo, só por cauza daquella lei naceram livres, mostrar, que si um dos dois estadistas deu ao Brazil uma extensão territorial igual à de grandes nações da Europa, o outro já lhe tinha dado cidadãos livres em numero superior ao que começou o povoamento de muitos paizes do mundo.

M.



O que a diplomacia do Barão do Rio Branco tem adquirido para o Brazil. 74 .901 km.

Alsacia Lorena 14.513

Allemanha: 540.658 km.

Inglaterra: 31.950

O Aranheiro da Escola

O escandalo que precedeu á abertura do *Salão* deste anno pertence ao registro das chronicas, é de natureza a não ser esquecido.

Pelo regulamento da Escola Nacional de Bellas Artes o director desse instituto deve convocar, com prévio annuncio, a reunião de todos os que pretendem expôr para eleger os membros do jury de admissão e recompensas. Mas, segundo o que se diz e é acreditavel porque essas cousas raramente são falsas, pretendendo certa parte da corporação daquelle instituto distribuir a sua graça a quem lh'a conquistara por sympathia, o director fez vista grossa sobre o regulamento e, muito em compadrio, realisou a *eleição* arranjando dois affeiçoados seus para o jury.

Os expositores, porém, e com elles os alumnos que concorriam ao premio de viagem, engasgaram-se com o arranjo e logo protestaram contra o caso singular, e dahi resultaram espertas ou esquerdas explicações, tristemente publicas, troca de officios entre auctoridades competentes, contestações e provas, que levaram o Sr. Ministro do Interior e justiça a proceder com a energia necessaria á questão.

A solução do caso estava, como era claro, na renuncia *voluntaria* dos dois *eleitos* por camaradagem. E assim foi.

A' primeira vista isso parecerá uma questiuncula corriqueira, já algum tanto sediça. Mas se me dão licença, eu direi que o caso é mais um symptoma dos vicios que corróem aquella instituição, vicios inherentes ao seu funccionamento e á sua propria estructura.

Ha muitos annos, foi isso no roceiro tempo d'El-Rei D. João VI, a discordia, a malquerença, a intriga, alli appareceram com a indebita intervenção do visconde de São Lourenço nas cousas da Academia. De então por diante aquelles males não mais cessaram de influir na vida administrativa do instituto. E, em 1857, o governo imperial compellido pelos constantes e sequentes reclamações e luctas, resolveu cortar o mal pela raiz afastando da sua direcção os profissionaes. Assim, naquelle anno, foi escolhido para o cargo de director da então Imperial Academia de Bellas Artes o Dr. Thomaz Gomes dos Santos.

Esse Dr. Thomaz Gomes era um distincto medico do paço imperial, formado em Monpellier. Apezar de homem de sciencia, professor da Escola de Medicina e reputado clinico, dava-se ás bellas-lettras sem ser estranho ás suas irmãs, dellas letras, que são as Bellas Artes. Por fallecimento do Dr. Thomaz Gomes e pelos mesmos motivos, que prevaleceram na sua escolha, foi nomeado o conselheiro Antonio Nicolau Tolentino, em 1874.

O genio bondoso, conciliador e o trato delicadissimo desse conselheiro não conseguiram impedir o progredimento daquellas tres pragas, ás quaes já me referi e que alli entraram com o artista Simplicio pela protecção do Exmo. Sr. Francisco Bento Maria da Silva Targini, o nomeado visconde de S. Lourenço. Apanhando a morte, por sua vez, o bondoso conselheiro Tolentino, veiu substituil-o o Sr. Dr. Ernesto Gomes Moreira Maia. No em tanto nem o Dr. Thomaz Gomes e conselheiro Tolentino, nem o Dr. Maia, tiveram forças ou meios para extinguir as pragas.

Em fins de 1887 o descontentamento lavrava pela maioria dos estudantes da Imperial Academia. Mas, esse descontentamento, provinha mais directamente da organisação absolêta do regulamento do que, propriamente, das suas nugas e quizilas, a que estavam acostumados todos os artistas daquelle tempo. A indole pacifica e affectiva do Sr. Maximiniano Mafra, prestimoso e por varios serviços benemerito secretario da Academia, encarregava-se de remediar os damnos causados pelas intrigas, despeitos e invejas, que alli reinavam.

Urgia, entretanto, remodelar a instituição, dar-lhe um regulamento de accordo com a época moderna, refundir os seus moldes, e inutilisar aquelle compadrio humilhante, E em prol dessas ideias a mocidade academica levantou-se combatendo o estacionarismo e caturrice da Academia.

A proclamação da Republica, em 1889, veiu trazer largas promessas a essa mocidade. Pensaram todos que a mudança do regimen governativo implicava reforma radical na vida das nossas instituições, e como era preciso cada qual concorrer com a sua intelligencia e actividade para melhorar o quanto podesse ou estivesse nos limites do seu saber, tres artistas, os Srs. Montenegro Cordeiro, Decio Villares e Aurelio de Figueiredo, apresentaram ao Ministro do Interior um projecto de organisação do ensino das bellas-artes, algum tanto calcado nos principios da escola comtista, mas innegavelmente utilissimo e sério, dado que elle soffresse pequenas modificações.

Não só a titulo de curiosidade como necessario ao assumpto vou transcrever esse projecto.

Ante, porém, de o fazer, devo dizer que em quanto aquelles artistas, sendo o primeiro positivista orthodoxo, o segundo meio positivista por fantasia e o terceiro nem «carne nem pei-

xe», como diz o povo e cuja significação é corrente, confeccionavam o proveitoso plano de reforma, outros artistas, entre os quaes os mais laureados da nossa arte, taes são os Srs. Rodolpho Amoedo e Rodolpho Bernardelli, iam trabalhando em outro projecto, orientados pelo ensinamento official das Academias da Europa, particularmente de Pariz.

Vamos ler o projecto Montenegro. E' um documento de meditação, e inspirado na verdadeira base do ensino democrata.

«Considerando—assim começa:

1º Que o Governo da Republica tem manifestado, pela energia e segurança de muitos dos seus actos, sinceros desejos de corresponder patrioticamente a todas as necessidades sociaes que determinaram o seu glorioso advento;

2º Que é um dos elementos fundamentaes e indispensaveis do bem publico a diffusão, em todo o paiz, do ensino das artes, como meio, e dos mais efficazes, de erguer o nivel moral do povo, offerecendo, ao mesmo tempo, a todos que forem dotados da capacidade esthetica, ensejo de aproveitarem-n'a em beneficio da Patria;

3º Que jámais se obterá tão elevado intuito com o regimen mantido durante o *Imperio* que, monopolisando o ensino das artes na Capital, constituia um ataque odioso á Liberdade, porquanto, só os ricos e protegidos das ex-Provincias podiam vir dedicar se aos referidos estudos;

4º Que a base desse monopolio é a Academia de Bellas-Artes — instituição caduca e retrograda—só prejudicial á sociedade e aos artistas e fatalmente condemnada:

I—porque a sua importancia torna-se flagrante quando se compara a somma immensa por ella consumida, desde a fundação até hoje, com a proverbial e geralmente lamentada pobreza e injustificavel atrazo das artes plasticas entre nós;

II—porque conservou as artes em tão grande abatimento e desprestigio que os raros artistas que surgiam, ficavam deslocados na sociedade, sem destino util e proveitoso, á mercê do acaso e expostos a todos os vexames e graves inconvenientes da venalidade;

III—porque este estado de cousas incutia no publico tal desconsideração pelas artes plasticas que era motivo de justo desgosto para uma familia o perceber em um dos seus filhos vocação para taes artes.

5º—Que, sendo organico o vicio de tal instituição, é inutil pretender corrigil-a com reformas illusorias e superficiaes porque serão fatalmente ephemeras;

6º—Que a condição essencial para a digna existencia e fecundo desenvolvimento das artes é a plena liberdade concedida, não só aos artistas como aos aspirantes á esse titulo;

7º—Que em todos os tempos os grandes mestres das artes se formaram por criteriosos exercicios feitos livremente, sob o regimen de uma digna imitação, nos *ateliers* dos verdadeiros artistas;

8º—Que a arte, tendo por fim supremo cultivar em nós o instincto do aperfeiçoamento, impõe a todo o governo bem esclarecido e realmente preoccupado com a regeneração do povo, o dever de estendel-a a todas as classes e idades, o que só será obtido por meio da diffusão do ensino nas escolas publicas em proveito da infancia e pela manutenção de museus permanentes por todos os Estados confederados em proveito dos adultos;

9º—Que o governo resolverá este inadiavel problema, aproveitando todas as forças existentes com utilidade geral e de modo mais simples, concedendo pensões aos estudantes de pintura e esculptura que, offerecendo as competentes provas de moralidade, se mostrarem habilitados, em prévio concurso, a leccionar os rudimentos destas artes, nas differentes escolas publicas de ambos os sexos que lhe forem designadas;

10º—Que muitas vantagens dahi resultam para a Patria:

I—Corresponder o governo á necessidade urgentissima de popularisar os rudimentos das artes, sempre grandes onus para o Estado, sem os males fataes das academias com suas corporações de especialistas estreitos, e sem desviar as crianças dos demais estudos.

II—Offerecer inteira liberdade aos aspirantes ás artes que aprenderão como e quando lhes convier, com o professor que lhes inspirar confiança, e sem sujeitarem o caracter aos corruptores processos do regimen academico.

III—Garantir aos mesmos uma posição na sociedade, honrosa e aproveitavel, incutindo-lhes a dignidade que resulta do emprego da actividade em um trabalho reconhecido util e honesto, ao mesmo tempo que os afastará das seducções e perigos da ociosidade, permittindo-lhes mais commodamente proseguirem em seus estudos.

IV—Preparar tambem os professores e professoras das escolas publicas em taes materias, pois, devendo elles presidir as aulas artisticas, irão se preparando, pouco a pouco, para substituir os professores especiaes, fieando assim aptos a apresentarem um typo mais completo do guia mental da segunda infancia e fazendo jús a uma gratificação nos seus honorarios, desde que se achem preparados para desenvolverem o cultivo esthetico dos seus alumnos.

V—Attender á necessidade urgente de propagar com a maior rapidez o ensino das artes pelos differentes Estados confederados, pois estes poderão requisitar da capital os

alumnos pensionistas que se acharem em disponibilidade, ficando, como é natural, as despezas de transporte e pagamento dos ordenados por conta dos cofres particulares de cada Estado;

11º — Considerando finalmente que prestam um serviço á Patria, attendendo a todas as necessidades sociaes do momento, e guiando-se unicamente pelo mais puro e elevado espirito republicano que só o verdadeiro civismo inspira, pedem-vos a decretação do seguinte projecto de reforma do ensino das artes plasticas:

Art. 1º. Fica extincta a Academia de Bellas-Artes e fundado com o material existente o Museu Nacional de Pintura e Esculptura.

Art. 2º. Ficam consequentemente demittidos todos os actuaes professores, conservando o Estado os honorarios dos que não tiverem outro meio de subsistencia, emquanto persistir tal situação, e aposentando com ordenado por inteiro aos que por idade avançada não poderem mais tentar nova profissão...»

.....

Seguiam-se mais nove artigos com seus respectivos paragraphos, providenciando sobre a organisação do Museu, estabelecimento de concursos de viagens, pensões, etc.

A longa transcripção que fiz, teve por fim, aproveitando a opportunidade de demonstrar a importancia deste documento, offerecer uma critica serena da organisação da extincta Academia, que se acha synthetisada nos ponderados considerandos do projecto.

O excellente plano Montenegro-Decio e Aurelio não logrou attenção do governo que pensou de modo diverso e, respeitando os moldes archaicos disfarçados em reformas, pôz o condemnado instituto em anachronismo com os puros principios da Democracia.

Então o auctor destas linhas, por esse tempo muito moço e illudido com os homens e as cousas do seu paiz, e os demais com a tola preoccupação de se interessar pelas bellas artes sem ter por si a responsabilidade profissional, reunindo-se a um grupo de jovens artistas, os mesmos ou quasi todos os que fizeram o movimento reaccionario, tentou organisar o ensino-livre das Bellas-Artes no Rio de Janeiro!

Isso merece uma exclamativa, certo que a merece e das maiores; mas é preciso que se saiba que a minha pretenção não foi tão descabellada que me julgasse, só por mim, capaz de tamanha empreza.

Para leval-a por bom caminho eu e os meus companheiros fomos pedir ao prestigio e experiencia do Sr. Decio Villares o imprescindivel apoio á nossa causa. Era prudente e assizado. O Sr. Decio, artista dos mais notaveis entre os que melhores temos tido, sobre não concordar com a reforma da Academia possuia amisades e sympathias de amadores dinheirosos.

O Sr. Decio aceitou-nos, chegou a manifestar pela nossa causa certo enthusiasmo, e após duas ou tres solemnes conferencias, a que assistiram pessoas que nos podiam coadjuvar, começou teimosamente a nos exigir orientação positivista nos projectados cursos! *Incidit in Scyllum capiens vitare Charybdim.*

Estava perdida a nossa esperança. Desistimos da tentativa e desanimados, cada qual foi tratar de sua vida como poude. Foi doloroso, não ha duvida... Mas, que podiamos fazer? O auctor destas linhas viveu sempre sò, arredio ás *coteries*, e inconciliavel com as rodas escolhidas pela Fortuna; ao demais, falho de recursos pecuniarios e obrigado a duplicar esforços para manter uma familia numerosa, os deveres o chamavam para outra dedicação; aquelles moços eram pauperrimos, alguns nascidos n'obscuridade tinham a obrigação de proverem a subsistencia dos seus tectos... A debandada foi tristissima; mas, á rarissimos, faltou a coragem da resistencia. Essa deve ser lembrada, chegou a ser extraordinaria, quasi um martyrio... e, em algum dia eu a contarei, ao menos para ser lida por meia duzia de moços.

Emquanto assim procediamos, a commissão nomeada pelo governo para elaborar o regulamento da reforma, e composta dos Srs. Amoêdo, R. Bernadelli e Dr. Moreira Maia, entrava em discordancia, chegando o ultimo desses membros a negar sua assignatura ao trabalho apresentado por aquelles seus companheiros, Teve o governo de substituir o Dr. Maia pelo Sr. Decio Villares, o signatario do projecto Montenegro! — e durante o tempo em que se ageitavam nessa elaboração singularissima, a Academia era acintosamente combatida por esse grupo de artistas que, ajudado por alguns capitalistas, fundaram um *curso-livre* no barracão construido pelo Sr. Aurelio de Figueiredo para a exposição da sua grande tela encommendada pelo governo do Amazonas.

Afinal, em Dezembro de 1890, foi promulgada a reforma da Academia, ora chamada Escola Nacional de Bellas Artes. Questão de rótulo.

Aqui temos em rapidas linhas a historia dessa reforma. O nome artistico do novo director da nova Escola, ex-Academia, e o cultivo mental do seu vice-director, cargo novo entregue a uma das glorias da nossa arte, seriam o bastante para attrahir a «mocidade de bellas-artes» se ella, em uma grande parte, não protestasse contra a fórma caracteristicamente official dada ao instituto. Era uma

questão de principios e não de pessoas como muita gente suppunha.

Em todo o caso, o professor Amoêdo, nomeado vice-director da Escola, dedicou-se inteiramente á sua organisação e taes foram os bons resultados do reformado instituto que por algum tempo, se julgou extincta a praga ali commodamente aninhada. Póde-se dizer que o sr. Amoêdo foi o cerebro e o coração da Escola. Ella vivia e agia pelo seu immediato, solicito concurso. A primeira exposição realisada pelo renovado instituto deve-se a elle, que se desdobrou em actividade para que ella fosse promettedora de melhores tempos.

Mas, o illustre professor estava illudido, o mal não podia ser vencido, a sua causa residia na natureza, no organismo do instituto, Era um meio official, com cargos decorativos e seductores contactos com a alta administração nacional E, sejamos francos, não ha natureza mais feminilmente sensivel á exibição que a dos artistas... se até os homens de seiencia teem a sua quéda pela joalheria das commendas!...

O artista que uma vez entra na sociedade e ouve a bocca de uma mulher bonita elogial-o e recebe o aperto de mão affavel de um alto personagem, está perdido. E' preciso que elle tenha a envergadura dum Miguel Angelo, ou a timidez de um Delacroix para escapar á tentação.

A posição do sr. Amoêdo na Escola começou a causar encommodos, acabou por contrariar os que viam nelle o professor querido, o artista consagrado. E as murmurações, as historiasinhas, os casos de outro dia, entraram a fazer um borborinho de locutorio cónventual, e isso num crescendo que chegou ao desastre do alijamentó do professor Amoêdo na eleição de 1906.

De então para cá tem sido a vida da Escola o que estamos presenciando.

Reeditam-se os mesmissimos processos de elogios capciosos e descreditos disfarçados. A imprensa diaria, sem saber o que se passa nos seus editoriaes, publica noticias em cujas entrelinhas está a agulhêta de Pravat (não leiam depravada) esguichando imperceptivelmente o caustico das vinganças. Não se teme de falseiar a verdade das chronicas, attribuindo a esse o merito que se devia dar áquelle; e, como todos os meios servem para a guerrilha damninha do afastamento e d'annullação, não se attende aos assumptos nem as opportunidades para elevar um nome e deprimir outros.

E' uma guerrasinha de *beatas*, que sáe da Escola e vem para a imprensa, para as calçadas, para os interiores completar a sua obra destruidora de concurrencia e ambições.

E o caso da eleição para o jury do *salão* de Setembro não foi mais do que uma face, um modo, dessa terrivel guerrilha de *cochixos*.

E que papel representa nisso o sr. director da Escola, o illustre esculptor Bernardelli?

Por mais que se procure desresponsabilisar o Sr. professor R. Bernardelli dos acontecimentos que se estão amiudando, a sua posição se compromette de vez a mais, porque, ou é nullo o seu cargo ou a sua intervenção nelles é de maior relevancia. Mas, o que é claro, o que é evidente, é que a Escola não satisfaz as exigencias do ensino moderno, volta ao reprovado nepotismo e recáe nos mesmos defeitos da antiga Academia, se não vae por peior declive, por quanto mais do que já foi, ella hoje se transformou em sachristia de irmandade, cheia de mexericos, murmurações e represalias para o proveito dos que ambicionam os cargos figurativos, as envestiduras de maior apparato, o poderio... O poderio!... de que e para quê?...

A tolice humana é mais desmedida que o orgulho.

Nem um despeito, nem a menor, a mais leve prevenção, despertam-me estas linhas; traço-as por sentir que um artista do valor do sr. professor R. Bernardelli, que podia viver cercado das sympathias e da admiração dos seus patricios, se deixe levar por essa deleteria influencia de pequeninos ambiciosos.

Lamento-o, e o faço com uma sinceridade que não tem muita gente, por que não só o nome glorioso do esculptor do *Christo e a Adultera* é involvido numa viscosa tecedura de pretenções e vinganças, como tambem a esculptura vae perdendo o mestre que a honrava, pela seducção das gloriolas do oficialismo, sem duvida agradavel a estreiteza mental dos mediocres, á maleabilidade dos bajuladores e toleima dos pretenciosos; mas incompativel com a nobreza de caracter de um grande artista.

O caso que precedeu á abertura do Salão de Setembro basta para o esclarecer sobre a sua situação na Escola. O sr. professor Bernardelli está emmaranhado numa teia, que prejudica grandemente o artista e desmerece, diminue, desformisa o homem.

Agosto de 1907.

GONZAGA DUQUE.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

Grande Loteria Extraordinaria

EM 28 DE SETEMBRO

3 premios de 50:000$000

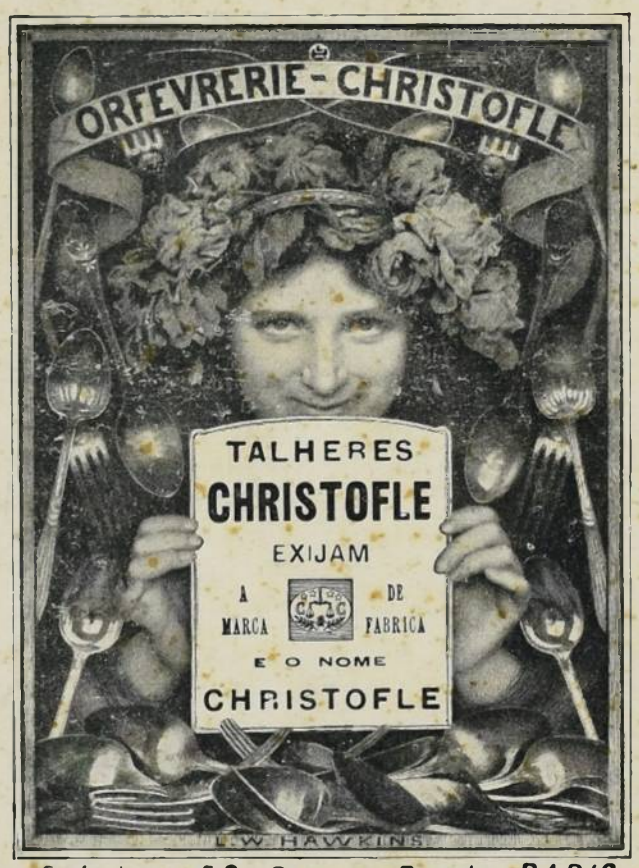
Por 8$000 divididos em decimos de 800 reis

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes, NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10



Fabrica: 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES:

Srs. LEVY IRMAOS & Cª, em *Pelotas.*

Sr. ISIDORO MARX, em *Porto-Alegre.*

E NOS PRINCIPAES BAZARES.

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias

Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente

Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

Edição de grande luxo.

PEDIDOS:

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO

7826